

EDITORA WISH

SOCIEDADE DAS RELÍQUIAS LITERÁRIAS

volume 1

SÉRIE CONTOS
ASSOMBRO,
MUNDIAIS E
FANTÁSTICOS





EDITORA WISH

**SOCIEDADE
DAS
RELÍQUIAS
LITERÁRIAS**
1842–1922

volume 1



Tradução

Carolina Caires Coelho | Camila Fernandes | Regiane Winarski | Lady Sybylla | Karine Ribeiro | Cláudia Mello Belhassof | Rachel Agavino | Fábio M. Barreto

Revisão

Cristina Lasaitis | Karine Ribeiro | Carolina Rodrigues

Capa e Projeto Gráfico

Marina Avila

Ilustração de Capa

Mari Morgan | Bruno Felix | Marília Marz | Bi Miura | Suzane - Movimento1989 | Caroline Murta | Marcela Badolatto | Lauren Padilha | Fernanda Rodrigues | Bruno Felix

Copyright © Wish, 2020

SRL: Vol. 1

Sociedade das Relíquias Literárias: Volume 1

Arthur Conan Doyle, O. Henry, Algernon Bertram Freeman-Mitford, H. G. Wells, Rokeya Sakhawat Hossai, Kate Chopin, Nathaniel Hawthorne, Elizabeth Von Arnim, Nikolai V. Gógol, Frank Richard Stockton

Vários. — São Caetano do Sul, SP: Wish, 2020.

650 p.

1. Contos I. Vários III. Título

CDD 000



Editora Wish

www.editorawish.com.br

São Caetano do Sul — SP — Brasil

Este material tem direitos de tradução, projeto gráfico e publicação e não pode ser reproduzido sem prévia autorização da editora. Copyright © 2020 by Editora Wish

**ePub: Hyperion
v1.0.0**

Sumário

Página de título

Créditos

O gato brasileiro · [Arthur Conan Doyle](#)

O resgate do cacique vermelho · [O. Henry](#)

Os 47 ronins · [Algernon Bertram Freeman-Mitford](#)

A porta no muro · [H. G. Wells](#)

O sonho da Sultana · [Rokeya Sakhawat Hossai](#)

O bebê de Desirée · [Kate Chopin](#)

A filha de Rappaccini · [Nathaniel Hawthorne](#)

Abril encantado · [Elizabeth Von Arnim](#)

O capote · [Nikolai V. Gógol](#)

O homem-abelha de Orn · [Frank Richard Stockton](#)

A aventura do Carbúnculo Azul · [Arthur Conan Doyle](#)

Extras

A fada do mar · [Villamaria](#)

O sequestro do Papai Noel · [L. Frank Baum](#)

A princesa leve · [George MacDonald](#)

A noiva da caveira · [Elphinstone Dayrell](#)

Cinderela italiana · [Giambattista Basile](#)

A amizade dos anões · [Villamaria](#)

O caçador de focas e o sereiano · [Elizabeth W. Grierson](#)

Baba Yaga e Vasilissa, a bela · [Alexander Afanasyev](#)
A lenda de Yara · [Affonso Arinos](#)

**1898 ARTHUR
CONAN DOYLE**

O gato brasileiro



TRADUÇÃO DE
CAROLINA CAIRES
COELHO

SÉRIE CONTOS DO ASSOMBRO
SOCIEDADE DAS RELÍQUIAS
LITERÁRIAS

(SRL)

O gato brasileiro

Arthur Conan Doyle

1898

É falta de sorte para um jovem rapaz ter gostos caros, grandes expectativas, ligações aristocráticas, mas não ter dinheiro no bolso e nenhuma profissão por meio da qual se sustentar. A verdade é que meu pai, um homem bom, disposto e fácil de lidar, tinha tanta confiança na riqueza e bondade de seu irmão mais velho solteirão, Lorde Southerton, que não pensou que eu, seu único filho, tivesse que ganhar meu próprio sustento. Ele imaginou que se não houvesse uma vaga para mim nas grandes propriedades dos Southerton, pelo menos uma vaga seria encontrada naquele serviço diplomático que continua sendo o domínio especial de nossas classes privilegiadas. Ele morreu cedo demais para se dar conta de como tinha se enganado.

Nem meu tio, nem o Estado deram qualquer atenção a mim, nem sequer demonstraram interesse por minha carreira. Alguns faisões ou uma cesta de carne de lebre era tudo o que chegava a mim para que eu me lembrasse de que era herdeiro da Casa de Otwell, uma das famílias mais ricas do país. Enquanto isso, eu me via um solteirão pela cidade, vivendo em alguns apartamentos em Grosvenor Mansions, sem emprego, exceto pelo trabalho de atirar em pombos e jogar polo em Hurlingham. Mês a mês, eu notei que ficava cada vez mais difícil fazer com que os agentes renovassem meu aluguel ou conseguir liberar os seguros de propriedades pós-

óbito. O fracasso se aproximava do meu caminho, e todos os dias eu o via com mais clareza, mais perto e totalmente inevitável.

O que fazia com que eu percebesse minha pobreza ainda mais era que, com exceção da grande riqueza de Lorde Southerton, todas as minhas outras relações eram razoavelmente bem-sucedidas. A mais próxima delas eu mantinha com Everard King, sobrinho de meu pai e meu primo de primeiro grau, que havia vivido uma vida de aventuras no Brasil, e que tinha voltado a este país para sossegar com sua riqueza. Nós nunca soubemos como ele ganhou dinheiro, mas parecia ter muito dele, pois comprou uma propriedade em Greylands, perto de Clipton-on-the-Marsh, em Suffolk. Durante o primeiro ano de sua vida na Inglaterra, ele não deu a mínima atenção para mim, assim como não me dava meu tio mesquinho; mas por fim, em uma manhã de verão, para meu grande alívio e alegria, recebi uma carta na qual ele me pedia para visitá-lo naquele dia no Solar de Greylands. Na época, eu pensei que faria uma visita demorada ao Tribunal de Falências, na época, e essa interrupção me pareceu bem providencial. Se eu pudesse ganhar a amizade desse parente desconhecido, poderia me dar bem. Pelo bem da família, ele não poderia simplesmente me deixar à míngua. Mandeí meu criado preparar minha mala e parti naquela mesma tarde em direção a Clipton-on-the-Marsh.

Depois de descer em Ipswich, um bonde me deixou em uma pequena estação deserta no meio de uma propriedade verdejante, com um rio comprido dando voltas entre vales e barrancas altas e assoreadas, que mostravam que estávamos perto da maré. Nenhuma carruagem me esperava (descobri depois que meu telegrama chegou atrasado), por isso chamei um transporte na hospedaria da região. O condutor, um homem excelente, foi só elogios para meus parentes, e eu soube por ele que o sr. Everard King era um nome de respeito naquela parte do país. Ele havia recebido as crianças das escolas, aberto as propriedades a visitantes, ajudado casas de caridade — resumindo, sua bondade era tão grande que meu condutor só conseguia justificar tudo aquilo supondo que ele tinha ambições para o Parlamento.

Eu me distraí do panegírico de meu condutor ao ver um pássaro que pousou no poste de telégrafo à beira da estrada. A princípio,

pensei se tratar de um gaio, mas era maior, com uma plumagem mais colorida. O condutor notou sua presença e comentou que ele pertencia ao mesmo homem que estávamos prestes a visitar. Parece que o trato de criaturas exóticas era um de seus passatempos, e que ele havia trazido do Brasil vários pássaros e animais que pretendia criar na Inglaterra. Quando passamos pelos portões de Greylands Park, tivemos prova clara dessa sua preferência. Um pequeno cervo pintado, um javali estranho que, creio eu, era chamado de queixada, um papa-figo de belas penas, uma espécie de tatu e um animal bem peculiar, com as patas voltadas para dentro que mais parecia um texugo muito grande, estavam entre as criaturas que eu observei enquanto passávamos pelo amplo caminho.

O sr. Everard King, meu primo desconhecido, estava de pé nos degraus de sua casa, pois tinha nos visto à distância, e imaginou ser eu. Sua aparência era comum e benevolente, ele era baixo e atarracado, de 45 anos, talvez, com um rosto redondo e bem-humorado, bronzeado pelo sol tropical e marcado por mil rugas. Usava roupas brancas de linho, bem simples, com um charuto entre os lábios e um grande chapéu Panamá no topo da cabeça. Era o tipo de homem que associamos a uma casa com varanda, e parecia curiosamente deslocado na frente de sua ampla mansão inglesa de pedra, com cômodos firmes e colunas palladianas na frente da entrada.

— Minha querida! — ele gritou, olhando para trás. — Minha querida, nosso convidado chegou! Bem-vindo, bem-vindo a Greylands! Estou encantado por conhecê-lo, primo Marshall, e vejo como uma grande honra sua presença neste lugar.

Não havia como sua atitude ser mais carinhosa, e ele me deixou à vontade na hora. Mas foi preciso toda a sua cordialidade para compensar a frieza e até grosseria de sua esposa, uma mulher alta e de aparência desleixada, que apareceu quando ele chamou. Acredito que ela era brasileira, apesar de falar um inglês excelente, e eu justifiquei seus maus modos levando em conta a ignorância dela acerca de nossos costumes. Mas ela não tentou esconder, naquele momento e também depois, que eu não era um visitante bem-vindo em Greylands Court. O que ela disse foi, de modo geral,

cortês, mas ela era dona de dois olhos escuros muito expressivos, e eu vi neles, com muita clareza desde o primeiro momento, que ela desejava profundamente que eu voltasse para Londres.

Mas minhas dívidas eram muito urgentes e minhas intenções em relação a meu parente abastado eram vitais demais para que eu permitisse que a antipatia da esposa dele me desanimasse, por isso ignorei sua frieza e retribuí a enorme cordialidade da recepção dele. Ele não havia poupado esforços para me deixar à vontade. Meu quarto era charmoso. Ele implorou que eu lhe dissesse o que poderia aumentar minha satisfação. Estava na ponta de minha língua informar a ele que um cheque em branco me ajudaria materialmente nesse sentido, mas senti que poderia ser muito prematuro para o estado de nossa interação naquele momento. O jantar estava excelente, e durante o tempo que passamos juntos fumando seus charutos Havana e bebendo café após a refeição ele me contou que tirava toda a sua renda de suas plantações, e tive a impressão de que os elogios de meu condutor eram justificados, e que eu nunca tinha conhecido um homem tão generoso e hospitaleiro.

Mas apesar de sua natureza bem-humorada, ele era um homem de pulso firme e pavio curto. Disso eu tive um exemplo na manhã seguinte. A curiosa aversão que a sra. Everard King tinha nutrido em relação a mim foi tão forte que os modos dela na hora do café da manhã foram quase ofensivos. Mas sua intenção se tornou impossível de não notar quando seu marido saiu da sala.

— O melhor trem do dia sai ao meio-dia e quinze — disse ela.

— Mas eu não estava pensando em partir hoje — respondi com franqueza. Talvez tenha dito isso até mesmo com certa ousadia, pois estava determinado a não ser vencido por aquela mulher.

— Oh, se depender do senhor — disse ela, e parou com um olhar insolente.

— Tenho certeza — respondi —, de que o sr. Everard King me diria se eu estivesse abusando de sua receptividade.

— O que é isso? O que é isso? — disse alguém, e ali estava ele na sala. Ele havia escutado minhas últimas palavras, e, ao ver nossos rostos, entendeu o resto. Em um instante, seu rosto gorducho e alegre ganhou uma expressão de completa ferocidade.

— Você se incomodaria de ir um pouco lá fora, Marshall? — disse ele. (Devo mencionar que meu nome é Marshall King.)

Ele fechou a porta quando saí, e então, por um instante, eu o escutei falar com uma voz muito baixa e intensa com sua esposa. Aquele lapso na hospitalidade evidentemente o havia irritado. Não sou de ouvir conversa alheia, por isso saí e fui até o gramado. Em pouco tempo, ouvi um passo apressado atrás de mim, e ali estava a mulher, com o rosto pálido de comoção, e os olhos vermelhos de tanto chorar.

— Meu marido pediu que eu me desculpasse com o senhor, sr. Marshall King — disse ela, parando com olhos tristes à minha frente.

— Por favor, não diga mais nada, sra. King.

Os olhos escuros dela de repente me fitaram com intensidade.

— Seu tolo! — ela sussurrou com veemência, e, virando-se de costas, correu de volta para casa.

O insulto foi tão absurdo, tão inesperado, que eu só consegui ficar parado olhando para ela, assustado. Eu continuava ali quando meu anfitrião apareceu. Ele havia voltado a ser a pessoa alegre e bonachona de antes.

— Espero que minha esposa tenha se desculpado por seus comentários tolos — disse ele.

— Ah, sim... sim, com certeza!

Ele colocou a mão em meu braço e andou comigo pelo gramado, de um lado a outro.

— Não leve isso a sério — disse ele. — Eu ficaria muito chateado se você reduzisse sua visita em uma hora que fosse. A verdade é que não há motivo para haver nenhum segredo entre parentes; a verdade é que minha pobre esposa é incrivelmente ciumenta. Ela odeia que alguém, homem ou mulher, se coloque entre nós por um instante que seja. O sonho dela é viver em uma ilha deserta em um eterno tête-à-tête. Isso justifica as atitudes dela que estão, confesso, a essa altura, não muito distantes de virar obsessão. Diga que não mais pensará nisso.

— Não, não, com certeza não.

— Então, acenda este charuto e venha comigo para ver meus animais.

A tarde toda foi ocupada por essa inspeção, que incluiu todos os pássaros, mamíferos e até os répteis que ele tinha importado. Alguns estavam livres, alguns enjaulados, poucos dentro da casa. Ele falava com entusiasmo de seus sucessos e fracassos, seus nascimentos e mortes, e gritava animado, como um menininho, quando, enquanto caminhávamos, um pássaro levantava voo da grama, ou um algum quadrúpede curioso fugia para se esconder. Por fim, ele atravessou um corredor comigo, que era adjacente à casa. No fim dele, havia uma porta pesada com uma janelinha, e do lado dela, projetando-se da parede, uma manivela de ferro presa a uma roda e uma polia. Uma fileira de barras se estendiam pela passagem.

— Estou prestes a mostrar a joia de minha coleção — disse ele. — Só há mais um espécime destes na Europa, agora que o filhote de Roterdã morreu. É um felino brasileiro.

— Mas em que ele difere de outros felinos?

— Logo você verá — disse ele, rindo. — Pode fazer a gentileza de abrir aquela portinhola e espiar?

Fiz isso e vi que estava olhando para dentro de uma sala grande e vazia, construída em rocha e com janelas pequenas e gradeadas na parede mais distante. No centro dessa sala, no meio de um clareira de luz dourada do sol, havia uma criatura enorme deitada, grande como um tigre, mas negra e muito brilhosa. Era simplesmente um gato preto enorme e muito bem-cuidado, e ele se estendia e se banhava naquela luz exatamente como um gato faria. Era muito gracioso, muito vigoroso e diabólico de uma maneira delicada e calma, e por isso eu não conseguia parar de espia-lo.

— Ele não é esplêndido? — perguntou meu anfitrião, entusiasmado.

— Glorioso! Nunca vi uma criatura tão nobre.

— Algumas pessoas o chamam de puma negro, mas não é um puma, não. Aquela criatura tem quase três metros e meio, da cabeça à ponta da cauda. Há quatro anos, ele era uma bolinha preta de pelos, com dois olhos amarelos bem atentos. Ele me foi vendido ainda filhote na região de selva da nascente do Rio Negro. Eles mataram a mãe dele com uma lança depois de ela matar uma dúzia deles.

— Então, eles são ferozes?

— As criaturas mais ferozes e sanguinolentas da terra. Se falar desse felino para um índio, ele vai morrer de medo. Eles preferem caçar humanos. Essa criatura ainda não sentiu o gosto de sangue de pessoa viva, mas, quando sentir, será um terror. No momento, ele não deixa ninguém entrar em seu espaço. Apenas eu. Nem mesmo Baldwin, o cuidador, ousa chegar perto dele. Quanto a mim, sou a mãe e o pai dele ao mesmo tempo.

Enquanto ele falava, de repente, para minha surpresa, abriu a porta e entrou, fechando-a em seguida. Ao ouvir a voz dele, a criatura enorme se ergueu, bocejou e esfregou a grande cabeça preta e arredondada contra o corpo dele, carinhosamente, enquanto era acarinhada.

— Tommy, vá para a sua jaula! — disse ele.

O enorme felino caminhou até um dos lados do cômodo e se recolheu sob uma grade. Everard King saiu e, pegando a manivela de ferro que mencionei, começou a girá-la. Ao fazer isso, a fileira de barras no corredor começou a correr por uma abertura na parede e fechou a parte da frente da grade, de modo a formar uma jaula. Quando estava na posição certa, ele abriu a porta mais uma vez e me convidou a entrar no local, que estava tomado por um cheiro pungente de umidade peculiar de grandes carnívoros.

— É assim que fazemos — disse ele. — Damos a ele o espaço todo para correr e se exercitar, e então, à noite, nós o colocamos em sua jaula. Você pode deixá-lo solto girando a manivela, ou pode, como viu, prendê-lo da mesma maneira. Não, não, não deve fazer isso!

Eu havia colocado a mão entre as barras para tocar o corpo brilhoso do animal. Ele a puxou para trás com uma expressão séria.

— Eu garanto que ele não é manso. Não pense que porque eu posso tomar certas liberdades com ele, qualquer um possa. Ele é muito seletivo com suas amizades... não é, Tommy? Ah, ele escuta a aproximação de seu almoço! Não é, garoto?

Ouviu-se um passo no chão de pedra, e a criatura havia se erguido e ia de um lado a outro na jaula estreita, com os olhos amarelos brilhando, a língua rubra à mostra entre as fileiras de dentes brancos e assimétricos. Um cuidador entrou com um pedaço

de carne em uma bandeja e a jogou entre as barras para ele, que deu um salto com facilidade até a carne, levou-a para um canto e ali segurando-a entre as patas, a estraçalhou, erguendo o focinho cheio de sangue de vez em quando para olhar para nós. Era uma imagem assustadora, mas, ainda assim, fascinante.

— Dá para entender por que gosto dele, não é? — disse meu anfitrião, enquanto saíamos no recinto —, principalmente se considerar que eu o criei. Não foi fácil trazê-lo para cá vindo da América do Sul; mas aqui está ele, são e salvo. E como eu disse, de longe, o espécime mais perfeita da Europa. As pessoas do zoológico estão doidas por ele, mas não posso abrir mãos dele agora. Bem, acho que já falei de meu hobby por muito tempo, por isso o melhor que temos a fazer é seguir o exemplo de Tommy e almoçar.

Meu parente sul-americano era tão fascinado por sua residências e seus curiosos moradores, que eu nem sequer pensei, a princípio, que ele pudesse ter interesses além daqueles. Que ele tinha alguns, e muito intensos, foi algo que logo percebi pelo número de telegramas que ele recebia. Eles chegavam o tempo todo, e eram sempre abertos por ele com muita curiosidade e ansiedade, emoções estampadas em seu rosto. Às vezes, eu imaginava que podia ser correspondência relacionada a corridas de cavalos, e às vezes da Bolsa de Valores, mas com certeza ele tinha assuntos urgentes em andamento que não eram tratados em Suffolk. Durante os seis dias de minha visita, ele nunca recebeu menos de três ou quatro telegramas por dia, e às vezes chegava a receber sete ou oito.

Eu havia ocupado aqueles seis dias muito bem e, ao final deles, tinha conquistado a simpatia de meu primo. Todas as noites, nós ficávamos acordados até tarde na sala de jogos, e ele me contava as mais extraordinárias histórias de suas aventuras na América — histórias tão desesperadas e absurdas que eu mal conseguia associá-las com o homem baixo, bronzeado e gorducho à minha frente. Em troca, eu contava algumas de minhas lembranças a respeito da vida em Londres, que despertaram muito o interesse dele, a ponto de ele prometer que iria a Grosvenor Mansions para me visitar. Ele estava ansioso para ver o lado mais agitado da vida

na cidade, e com certeza, apesar de ser eu a dizer isso, ele não poderia ter escolhido um guia mais competente. Mas apenas no último dia de minha visita ousei abordar o assunto que tinha em minha mente. Conteí a ele com franqueza sobre minhas dificuldades financeiras e sobre minha falência iminente, e pedi seu conselho — apesar de esperar algo mais sólido. Ele ouviu com atenção, fumando e pensando.

— Mas tem certeza de que você é o herdeiro de nosso familiar, o Lorde Southerton? — perguntou ele.

— Tenho todos os motivos para acreditar que sim, mas ele nunca me prestaria nenhum auxílio.

— Não, não. Eu soube que ele é mesquinho. Meu pobre Marshall, sua situação tem sido muito difícil. A propósito, soube algo a respeito da saúde de Lorde Southerton recentemente?

— Ele sempre teve a saúde debilitada desde que eu era criança.

— Exatamente... duro na queda, se assim podemos dizer. Sua herança pode demorar. Minha nossa, sua situação é bem complicada!

— Eu tinha um pouco de esperança, senhor, que por saber de toda a situação, sentisse vontade de adiantar...

— Não diga mais nada, meu querido — disse ele, com o máximo de cordialidade —, podemos falar sobre isso hoje à noite, e dou a você minha palavra de que o que estiver ao meu alcance será feito.

Eu não estava triste por minha visita estar chegando ao fim, já que é incômodo quando sentimos que há uma pessoa na casa desejando nossa partida. O rosto fechado e os olhos reprovadores da sra. King tinham se tornado muito odiosos para mim. Ela havia deixado de ser rude — o medo que ela sentia do marido a impedia —, mas ela levou o absurdo ciúme que sentia ao ponto de me ignorar, não falar comigo e sob todos os aspectos tornar minha estada em Greylands o mais desconfortável possível. Sua maneira de agir foi tão ofensiva naquele último dia que eu certamente teria ido embora não fosse a conversa que teria com meu anfitrião naquela noite, conversa que me ajudaria a reconstruir minhas finanças, eu esperava.

Estava muito tarde quando ocorreu ao meu parente, que estava recebendo ainda mais telegramas do que o normal durante o dia, de

ir a seu escritório depois do jantar, e só saiu de lá quando todos tinham se recolhido para dormir. Eu o escutei andando pela casa e trancando as portas, como fazia todas as noites, e finalmente se uniu a mim na sala de jogos. Seu corpo atarracado estava envolto em um pijama, e ele usava um par de chinelos turcos vermelhos, sem saltos. Sentando-se em uma poltrona, ele serviu a si um copo de bebida, e eu não pude deixar de notar que o uísque predominava consideravelmente na mistura com a água.

— Minha nossa! — disse ele. — Que noite!

Que noite, de fato. O vento uivava e gritava dando voltas na casa, e as janelas com treliças rangiam e chacoalhavam como se fossem ceder. Enquanto isso, o brilho das luzes amarelas e o sabor de nossos charutos pareciam mais fortes e mais fragrantos.

— Certo, meu caro — disse meu anfitrião —, temos a casa e a noite toda. Deixe-me entender como estão suas finanças e eu verei o que pode ser feito para colocá-las em ordem. Quero saber de cada detalhe.

Incentivado, eu comecei uma longa explicação, na qual todos os meus negócios e dívidas, de meu arrendatário a minha carteira, foram abordados. Eu tinha anotações em meu caderno de bolso e expus meus fatos, fazendo, e disso me gabo, uma explicação muito organizada de minha situação lamentável e bem desorganizada. Mas fiquei deprimido ao notar que o olhar de meu companheiro estava vago e sua atenção, em outro lugar. Quando acontecia de ele fazer um comentário, era tão superficial e sem sentido que eu tinha certeza de que ele não tinha ouvido nada do que eu havia dito. De vez em quando, ele se endireitava e demonstrava algum interesse, pedindo para que eu repetisse ou explicasse com mais detalhes, mas ele sempre voltava a se afundar mais em sua poltrona marrom. Por fim, ele se levantou e jogou a ponta do charuto na grelha.

— Vou dizer uma coisa, meu rapaz — disse ele. — Nunca levei jeito com números, por isso, me desculpe. Você deve anotar tudo em um papel e me dê a quantia por escrito. Eu entenderei quando vir tudo às claras.

O pedido foi animador. Prometi fazer o que ele pedia.

— E agora está na hora de nos deitarmos. Meu Deus! É uma da manhã.

O tique-taque do relógio interrompeu o rugido profundo do vento, que soprava com a força de um rio caudaloso.

— Preciso ver meu gato antes de dormir — disse meu anfitrião.
— O vento forte o assusta. Quer ir comigo?

— Claro — respondi.

— Então, caminhe devagar e não diga nada, pois todos estão dormindo.

Atravessamos em silêncio o corredor iluminado com lamparinas e coberto de tapetes persas, e saímos pela porta ao fim dele. O corredor de pedra estava muito escuro, mas havia uma lamparina pendurada em um gancho. Meu anfitrião a pegou e acendeu. Não havia grades visíveis na passagem, então eu soube que a fera estava em sua jaula.

— Entre! — disse meu familiar, e abriu a porta.

Um ronco profundo quando entramos me mostrou que a tempestade de fato tinha despertado a criatura. À luz tremelicante da lamparina nós a vimos: uma massa negra enorme enrolada no canto de sua jaula, lançando uma sombra ampla na parede caiada. Sua cauda batia com irritação na palha.

— O pobre Tommy não está de bom humor — disse Everard King, erguendo a lamparina e olhando para o animal. — Parece um demônio negro, não é? Preciso dar algo para ele comer e ficar mais dócil. Pode segurar a lamparina para mim por um instante?

Eu a peguei da mão dele e ele deu um passo em direção à porta.

— A despensa dele fica logo aqui — disse ele. — Pode me dar licença por um segundo, não pode? — Ele saiu e a porta se fechou com força, um baque metálico.

Aquele som assustador fez meu coração parar no peito. Uma onda repentina de terror me tomou. A vaga percepção de uma traição monstruosa me fez tremer. Fui até a porta, mas não havia maçaneta do lado de dentro.

— Ei! — gritei. — Deixe-me sair!

— Certo! Não faça escândalo! — disse meu anfitrião da passagem. — Você está com a luz.

— Sim, mas não quero ficar trancado sozinho assim.

— Não quer? — Escutei sua risada alta e reverberante. — Não vai ficar sozinho por muito tempo.

— Deixe-me sair, senhor! — repeti com raiva. — Digo que não aceito brincadeiras sem graça como essa.

— Graça é a palavra — disse ele, com mais uma risada. E de repente, ouvi, em meio aos rugidos da tempestade, o ranger estridente da manivela sendo girada e o bater da grade que corria. Meu Deus, ele estava soltando o felino brasileiro!

À luz da lamparina, vi as barras escorregando lentamente à minha frente. Já havia uma abertura de trinta centímetros no fim. Com um grito, agarrei a última barra com as mãos e puxei com a força de um louco. Eu ERA um louco irado e aterrorizado. Por um minuto ou mais, consegui impedir que ela se movesse. Eu sabia que ele aplicava toda a força que tinha na manivela, e que a grade me venceria. Soltei centímetro por centímetro, meus pés escorregando nas pedras, o tempo todo implorando e rezando para que aquele monstro desumano me salvasse daquela morte horrorosa. Supliquei pelo nosso laço de parentesco. Reforcei que era seu convidado; implorei para saber que mal tinha feito a ele. Suas únicas respostas eram o puxar e o empurrar da manivela, e cada alavancada, apesar de todos os meus esforços, fazia com que a barra passasse pela abertura. Agarrado e desesperado, fui arrastado por toda a frente da jaula, até que, por fim, com os pulsos doloridos e os dedos cortados, eu desisti da luta inútil. A grade correu de volta quando eu a soltei, e, um instante depois, escutei o arrasto dos chinelos turcos na passagem e a batida da porta ao longe. Então, tudo ficou em silêncio.

O felino não se movera durante esse tempo. Permaneceu deitado no canto, e tinha parado de bater a cauda. Aparentemente, ver um homem agarrado às barras e arrastado aos berros à sua frente tinha sido algo agradável. Vi seus grandes olhos me observando com firmeza. Eu havia soltado a lamparina quando me agarrei às barras, mas ela ainda estava acesa no chão, e eu fiz um movimento para pegá-la, pensando que de alguma maneira sua luz poderia me proteger. Mas assim que me mexi, a fera deu um rosnado profundo e ameaçador. Parei e fiquei estático, com o corpo inteiro tremendo de medo. O gato (se é que alguém pode chamar

uma criatura tão aterrorizante por um nome tão simples) estava a menos de três metros de mim. Os olhos brilhavam como dois discos de fósforo na escuridão. Eles me amedrontavam e, ao mesmo tempo, fascinavam. Não conseguia desviar os olhos deles. A natureza arma truques estranhos conosco em momentos de tamanha intensidade, e aquelas luzes fortes se tornavam menos e mais intensas com um movimento firme de subir e descer. Às vezes, pareciam ser pontinhos de extremo brilho — pequenas faíscas na escuridão —, mas se ampliavam cada vez mais até que todo aquele canto da sala ficasse tomado por uma luz inconstante e sinistra. E então, de repente, elas se apagaram de vez.

A fera tinha fechado os olhos. Não sei se há verdade na antiga ideia de domínio do olhar humano, ou se o felino enorme estava apenas grogue, mas a verdade é que, longe de demonstrar qualquer sinal de que me atacaria, ele apenas descansou a cabeça preta e lisa nas enormes patas dianteiras e pareceu adormecer. Fiquei ali, temendo me mover para não acordar aquele ser assustador de novo. Mas, pelo menos, consegui pensar com clareza agora que os olhos funestos tinham se desviado de mim. Eu estava ali, preso durante a noite toda, com a fera. Meus instintos, sem falar das palavras de vilania clara de quem havia armado a armadilha para mim, me alertavam que o animal era tão selvagem quanto seu dono. Como eu conseguiria mantê-lo afastado até a manhã? Não havia como sair pela porta, nem pelas janelas estreitas e fechadas. Não havia onde me abrigar no cômodo vazio de pedra. Gritar por socorro seria absurdo. Eu sabia que aquela jaula ficava fora da casa principal, e que o corredor que o ligava à casa tinha pelo menos trezentos metros de comprimento. Além disso, com o vento soprando lá fora, meus gritos dificilmente seriam ouvidos. Eu tinha apenas a minha coragem e minha força com as quais contar.

E então, com uma onda nova de horror, meus olhos se voltaram para a lamparina. A vela estava curta, e já quase começava a se apagar. Em dez minutos, estaria totalmente extinta. Eu tinha apenas dez minutos para fazer algo, pois sentia que se fosse deixado no escuro com aquela fera aterrorizante, não conseguiria agir. Só de pensar nisso, eu ficava paralisado. Corri os olhos ao redor daquele recinto da morte, e eles pararam no único ponto que parecia

prometer — não direi segurança —, mas um perigo menos imediato e iminente do que o chão.

Eu disse que a jaula tinha uma parte de cima e também de frente, e essa parte de cima permanecia de pé quando a parte da frente passava pela abertura na parede. Era formada por barras com intervalos de poucos centímetros entre elas, uma rede resistente de arame no meio e apoiada por suportes robustos em cada lado. Agora parecia uma grande cobertura com barras acima da criatura agachada no canto. O espaço entre essa armação de ferro e a cobertura devia ter sessenta ou noventa centímetros. Se eu pudesse subir ali, me espremer entre as barras e a cobertura, conseguiria ficar vulnerável só de um lado. Eu ficaria a salvo por baixo, por trás e dos dois lados. Apenas pela parte da frente eu poderia ser atacado. Ali, realmente, eu não tinha proteção; mas, pelo menos, eu ficaria livre da fera quando ela comesse a andar por seu espaço. Ela teria que fazer um grande esforço para me alcançar.

Seria naquele momento ou nunca, pois se a luz se apagasse, seria impossível. Com um nó na garganta, eu dei um salto, me segurei na borda de ferro da parte de cima e me impulsionei para o alto, ofegante, até subir. Meu corpo se inclinou para baixo, e me vi olhando bem dentro dos olhos terríveis e da boca enorme do felino. Seu hálito fétido chegou ao meu rosto como o vapor de um cozido malcheiroso.

Mas ele parecia mais curioso do que irritado. Com um tremor das costas compridas e pretas, ele se levantou, espreguiçando-se e então, apoiando-se nas patas traseiras, com uma pata firme na parede, ergueu a outra e passou as garras pela rede de metal logo abaixo de mim. Uma unha branca afiada rasgou minha calça — pois posso dizer que ainda estava de pijama — e arranhou meu joelho. Não era um ataque, mas mais um teste, pois quando gritei de dor, ele voltou para o chão, e, saltitando pelo espaço, começou a andar depressa por ele, olhando de vez em quando na minha direção. Eu me afastei até encostar as costas na parede, enfiando-me no menor espaço possível. Quanto mais longe eu ia, mais difícil ficava para ele me atacar.

Ele parecia mais excitado agora do que quando tinha começado a se movimentar, e correu diversas vezes pelo espaço sem fazer barulho, passando várias vezes por baixo do assento de ferro no qual eu estava. Foi incrível ver um animal tão grande passando como uma sombra, com passadas praticamente inaudíveis de suas patas aveludadas. A vela estava muito baixa — tão baixa que mal dava para ver o animal. E então, com um último brilho mais intenso, ela se apagou totalmente. Eu estava sozinho com o felino no escuro!

Em um momento de perigo, ajuda saber que fizemos tudo o que estava ao nosso alcance. E não se pode fazer mais nada além de esperar o resultado em silêncio. Naquele caso, não havia chance de ter segurança, exceto naquele ponto exato onde eu estava. Eu me estiquei e fiquei em silêncio, quase sem respirar, esperando que a fera se esquecesse de minha presença se eu não fizesse nada para lembrá-lo. Imaginei que já deviam ser duas da manhã. Às quatro, estaria claro. Eu não tinha que esperar mais do que duas horas pela luz do dia.

Do lado de fora, a tempestade ainda caía, e a chuva batia sem parar nas janelinhas. Do lado de dentro, o ar fétido e viciado era muito pesado. Eu não conseguia ouvir nem ver o gato. Tentei pensar em outras coisas — mas apenas uma delas tinha força suficiente para me fazer esquecer de minha terrível posição. Era pensar na maldade de meu primo, em sua hipocrisia sem igual, em seu ódio por mim. Por baixo daquele rosto alegre estava o espírito de um assassino medieval. E conforme eu pensava nisso, via com mais clareza como tudo tinha sido feito. Ele aparentemente tinha ido dormir, como os outros. Sem dúvida, ele teria testemunhas que provassem isso. Então, sem que os outros soubessem, ele tinha saído, entrado na jaula comigo e me abandonado. A história dele seria muito simples. Ele teria se despedido e me deixado terminar meu charuto na sala de jogos. Eu teria descido, por conta própria, para dar mais uma olhada no felino; e entrado no local sem notar que a jaula estava aberta, e desse modo teria sido pego. Como um crime assim poderia ser atribuído a ele? Suspeita, talvez... mas prova, nunca!

Aquelas duas horas passaram terrivelmente devagar. Uma vez, escutei um som baixo, que imaginei ser a criatura lambendo seu pelo. Várias vezes, aqueles olhos esverdeados tinham me espiado na escuridão, mas nunca fixamente, e cresciam minhas esperanças de que minha presença tivesse sido esquecida ou ignorada. Por fim, os primeiros raios fracos de luz entraram pelas janelas — eu os vi primeiro como dois quadrados cinzas na parede preta, e então o cinza se tornou branco, e eu vi minha terrível companhia de novo. E ele também conseguiu me ver!

Ficou evidente para mim que ele estava muito mais perigoso e agressivo do que quando eu o vira pela última vez. O frio da manhã o havia irritado, e ele estava faminto também. Rosnando sem parar, ele caminhava depressa de um lado a outro do recinto, o lado mais afastado de mim, mexendo os bigodes sem parar, e chicoteando a cauda. Quando ele chegava aos cantos, seus olhos intensos sempre se voltavam para cima, para mim, de modo ameaçador. Eu sabia que ele queria me matar. Mas mesmo naquele momento eu me peguei admirando a graça sinuosa da criatura, com seus movimentos longos e ondulantes, o brilho de seus belos flancos, o vermelho intenso da língua brilhante que saía de seu focinho negro. E durante todo o tempo, aquele rosnado ameaçador apenas aumentava. Eu sabia que a situação era crítica.

Era um momento péssimo para morrer daquele jeito — com tanto frio, tanto desconforto, tremendo dentro do pijama fino, estendido naquela grande de tormento. Tentei me preparar para aquilo, elevar minha alma, e ao mesmo tempo, com a lucidez que acomete um homem totalmente desesperado, tentei pensar em meios de fuga. Uma coisa estava clara para mim. Se aquela parte da frente da jaula voltasse a sua posição, eu poderia ter um refúgio completo. Será que eu conseguiria fechá-la? Eu nem ousava me mexer por medo de atrair o animal para mim. Lentamente, muito lentamente, estiquei a mão até tocar a beirada da frente, a barra final que saía da parede. Para minha surpresa, ela saiu com facilidade quando puxei. Claro que a dificuldade de tirá-la vinha do fato de eu a estar agarrando. Puxei de novo, e cerca de oito centímetros se soltaram. Ela aparentemente corria sobre rodízios. Puxei de novo... e então... felino saltou!

Foi tão rápido, tão repentino, que mal vi acontecer. Simplesmente escutei o rosnado e, um instante depois, os olhos amarelos brilhantes, a cabeça preta achatada com a língua vermelha e os olhos reluzentes estavam prestes a me alcançar. O impacto da criatura chacoalhou as barras nas quais eu estava deitado, até eu pensar (até onde eu conseguia pensar em um momento como aquele) que elas estavam cedendo. O gato ficou ali por um instante, com a cabeça e as patas da frente bem próximas de mim, as patas traseiras se esforçando para encontrar apoio na borda da grade. Escutei as garras raspando enquanto elas se enroscavam na rede metálica, e o hálito da fera me deixou enjoado. Mas seu bote tinha sido mal calculado. Ele não conseguia manter a posição. Lentamente, mostrando os dentes e arranhando as barras com ira, ele escorregou e caiu pesadamente no chão. Rosnando, ele se virou para mim e se encolheu para saltar de novo.

Eu sabia que os momentos seguintes seriam decisivos para meu destino. A criatura tinha aprendido por experiência. Não erraria de novo. Eu tinha que agir depressa, sem medo, se quisesse ter uma chance de salvar minha vida. Em um instante, eu tinha meu plano formado. Tirei meu casaco e o joguei para baixo sobre a cabeça da fera. Ao mesmo tempo, me soltei da beirada, agarrei a extremidade da grade da frente e a puxei desesperadamente.

Saiu com mais facilidade do que eu poderia esperar. Atravessei o espaço, puxando-a comigo; mas, ao fazer isso, mudei de posição e fiquei do lado de fora. Se fosse do outro lado, eu poderia ter saído ileso. Mas acontece que hesitei por um momento ao tentar passar de volta pela abertura que eu havia deixado. Esse momento bastou para que a criatura tivesse tempo de jogar o casaco longe o casaco com o qual eu a havia cegado, e pular mais uma vez. Eu passei pela abertura e puxei a grade assim que o fiz, mas ele agarrou minha perna antes que eu conseguisse puxá-la totalmente. Um toque daquela pata enorme rasgou minha panturrilha como se fosse uma casca de madeira esfolada por um escarnador. No momento seguinte, sangrando e quase desmaiando, eu estava deitado em cima da palha fedida com uma fileira de barras entre mim e a criatura, que se lançava frenética contra elas.

Ferido demais para me mexer e muito grogue para ter consciência do medo, eu só consegui ficar deitado, mais morto do que vivo, e observar. Ele pressionou o peito amplo e preto contra as barras e tentou me pegar com as patas curvadas, como já vi um gatinho fazer diante de uma ratoeira. Rasgou minhas roupas, mas, por mais que se esticasse, não conseguia me alcançar. Eu já tinha ouvido falar do curioso efeito anestesiante produzido pelas feridas causadas por grandes felinos, e agora estava destinado a passar por isso, pois tinha perdido qualquer senso de personalidade, e estava tão interessado no fracasso ou sucesso do felino que era como se fosse um jogo ao qual eu estivesse assistindo. E então, aos poucos, minha mente passou a criar sonhos estranhos e vagos, sempre com aquela cara preta e a língua vermelha voltando a eles, e assim me perdi no nirvana do delírio, o alívio abençoado daqueles que passam por grandes sofrimentos.

Pensando no curso dos acontecimentos depois, concluí que devo ter ficado prostrado por cerca de duas horas. O que me fez voltar à consciência de novo foi aquele clique metálico forte que tinha sido o precursor de minha terrível experiência. Foi o ruído da trava do cadeado. Então, antes de meus sentidos se tornarem suficientemente claros para entender o que tinham visto, eu notei o rosto redondo e benevolente de meu primo espiando pela porta aberta. O que ele viu evidentemente o surpreendeu. Ali estava o gato, encolhido no chão. Eu estava esticado de costas, com manga de camisa dentro da jaula, a calça rasgada em tiras e uma poça grande de sangue ao meu redor. Vi seu rosto surpreso naquele momento, iluminado pela luz do sol da manhã iluminando-o. Ele olhou para mim e espiou de novo. Então, fechou a porta e aproximou-se da jaula para ver se eu estava mesmo morto.

Não consigo contar o que aconteceu. Eu não estava em boas condições para testemunhar nem para relatar tais acontecimentos. Só posso dizer que de repente eu tomei consciência de que o rosto dele não estava virado para mim, mas para o animal: ele o olhava.

— Bom garoto, Tommy! — exclamou ele. — Bom garoto!

Então, ele se aproximou das barras, ainda de costas para mim.

— Calma, fera estúpida! — ele vociferou. — Calma, rapaz! Não reconhece seu dono?

De repente, até mesmo em meu cérebro atormentado, eu me lembrei das palavras dele, de quando disse que o gosto do sangue transformaria o felino em um monstro. Meu sangue tinha feito isso, mas era ele quem pagaria o preço.

— Saia de perto! — ele gritou. — Saia de perto, seu demônio! Baldwin! Baldwin! Ai, meu Deus!

E então, escutei quando ele caiu e se levantou, e caiu de novo, com um som parecido com um saco sendo arrastado. Seus gritos ficaram mais fracos até se perderem em meio aos rosnados irados. E então, quando eu pensei que ele estava morto, vi, como num pesadelo, uma figura cega, destroçada e coberta de sangue correndo sem parar naquele espaço — e foi o último vislumbre que tive dele antes de desmaiar de novo.

Passei muitos meses me recuperando — na verdade, não posso dizer que me recuperei totalmente, pois até o fim dos meus dias andarei com o auxílio de um cajado como sinal de minha noite com o felino brasileiro. Baldwin, o cuidador, e os outros empregados não conseguiram dizer o que tinha ocorrido quando, atraídos pelos gritos desesperados de seu patrão, eles me encontraram atrás das barras e os restos dele — ou o que depois descobriram ser os restos dele — em poder da criatura que ele tinha criado. Eles o afastaram com ferros em brasa e depois, atiraram nele pela abertura da porta, antes de poderem finalmente me libertar. Fui levado ao meu quarto e, ali, sob o teto de quem pretendia me matar, permaneci entre a vida e a morte por várias semanas. Eles chamaram um cirurgião de Cipton e uma enfermeira de Londres, e em um mês, pude ser levado à estação de trem e voltei, mais uma vez, a Grosvenor Mansions.

Tenho uma lembrança daquela fase, que pode ter sido parte do panorama inconstante criado por um cérebro em delírio, não estivesse tão fixa em minha memória. Certa noite, quando a enfermeira não estava, a porta de meu quarto se abriu, e uma mulher alta de profunda tristeza entrou no quarto. Ela se aproximou de mim e, ao se inclinar, vi que aquele rosto flácido, à luz da lamparina da noite, era o da mulher brasileira com quem meu primo tinha se casado. Ela olhou com intensidade para meu rosto, e sua expressão era gentil como eu nunca tinha visto.

— Está consciente? — perguntou ela.

Eu assenti debilmente, pois ainda estava muito fraco.

— Bem, então, eu só queria lhe dizer que a culpa é sua. Não fiz tudo o que pude por você? Desde o começo, eu tentei tirá-lo da casa. De todas as maneiras, faltando apenas entregar meu marido, eu tentei salvá-lo dele. Eu sabia que ele tinha um motivo para trazê-lo aqui. Sabia que ele nunca mais permitiria que você escapasse. Ninguém o conhecia como eu, que sofria nas mãos dele com tanta frequência. Eu não ousaria lhe contar tudo isso. Ele teria me matado. Mas fiz meu melhor por você. Como as coisas se deram, você tem sido o melhor amigo que já tive. Você me libertou, e eu pensava que nada além da morte conseguiria fazer isso. Sinto muito se você se feriu, mas não posso me culpar. Eu disse que você era um tolo, e foi, mesmo.

Ela saiu do quarto, a mulher amarga e singular, e eu nunca mais a veria. Com o que restou da propriedade de seu marido, ela voltou para sua terra de origem, e fiquei sabendo que mais tarde ela se tornou freira em Pernambuco.

Só muito tempo depois de minha volta a Londres, os médicos me liberaram para trabalhar. Não foi uma permissão muito bem-vinda para mim, pois temia que isso fizesse com que os credores aparecessem; mas foi Summers, meu advogado, o primeiro a tirar vantagem disso.

— Fico muito feliz por ver que Vossa Senhoria está muito melhor — disse ele. — Há muito tempo espero para lhe dar os parabéns.

— O que quer dizer, Summers? Não é hora de brincadeira.

— Estou falando sério — respondeu ele. — Você é o Lorde Southerton há seis semanas, mas tememos que isso retardasse sua recuperação se você ficasse sabendo.

Lorde Southerton! Um dos homens mais ricos da Inglaterra! Não consegui acreditar no que ouvi. E então, de repente, pensei no tempo que tinha passado, e em como ele coincidia com meus ferimentos.

— Então, Lorde Southerton deve ter morrido na mesma época em que me feri?

— A morte dele ocorreu naquele mesmo dia. — Summers olhou com intensidade para mim enquanto falava, e eu tenho certeza, por

ele ser muito astuto, que ele tinha adivinhado o verdadeiro estado do caso. Ele parou por um momento como se esperasse uma confidência minha, mas eu não entendia o que poderia ganhar expondo tamanho escândalo de família.

— Sim, uma coincidência muito curiosa — ele continuou, com o mesmo olhar cúmplice. — Claro, você deve saber que seu primo Everard King era o próximo herdeiro das propriedades. Então, se você tivesse sido esfaqueado pelo tigre dele, ou se alguma outra coisa tivesse acontecido, então é claro que ele seria o Lorde Southerton neste momento.

— Sem dúvida — respondi.

— E ele se interessava muito por isso — disse Summers. — Por acaso, sei que o empregado do falecido Lorde Southerton recebia dinheiro dele para que lhe mandasse telegramas de poucas em poucas horas para contar sobre seu estado de saúde. Isso deve ter ocorrido enquanto você estava lá. Não é estranho que ele quisesse estar tão bem-informado, já que sabia que não era o herdeiro direto?

— Muito estranho — falei. — E agora, Summers, se puder trazer minhas contas e um novo talão de cheques, começaremos a colocar as coisas em ordem.

1907 O. HENRY

O Resgate do Gacique Vermelho



SÉRIE CONTOS
MUNDIAIS
SOCIEDADE
DAS RELÍQUIAS
LITERÁRIAS

(SRL)

O resgate do cacique vermelho

O. Henry

1907

Parecia uma coisa boa, mas espere até eu lhe contar. Estávamos lá no sul, no Alabama — Bill Driscoll e eu —, quando essa ideia de sequestro nos ocorreu. Foi, como Bill depois expressou, “durante um momento de assombro mental temporário”; mas só descobrimos isso depois.

Havia uma cidade lá, achatada como uma panqueca, chamada Summit^[1], é claro. Continha habitantes da classe de camponeses mais inócua e presunçosa que já se juntou para dançar em torno de um pau de fitas.

Bill e eu tínhamos um capital conjunto de seiscentos dólares e precisávamos de apenas dois mil a mais para executar um esquema fraudulento de venda de terrenos urbanos no oeste de Illinois. Conversamos sobre isso nos degraus da entrada do hotel. A filoprogenitividade, a gente diz, é forte nas comunidades semirrurais; portanto, e por outras razões, um plano de sequestro devia dar mais certo lá do que no raio de alcance dos jornais que mandam repórteres à paisana para incitar conversas sobre essas coisas. Sabíamos que Summit não poderia mandar nada mais forte do que policiais e talvez alguns cães de caça apáticos para nos perseguir, e uma ou duas diatribes no jornal *Weekly Farmers' Budget*. Então, pareceu uma boa ideia.

Escolhemos como vítima o filho único de um cidadão proeminente chamado Ebenezer Dorset. O pai era respeitável e rigoroso, aficionado em hipotecas e coletor de dízimos orgulhoso, firme e exigente. O filho era um garoto de dez anos, com sardas em baixo-relevo e cabelos da cor da capa da revista que você compra na banca de jornal quando quer pegar um trem. Bill e eu imaginamos que Ebenezer se derreteria por um resgate no valor exato de dois mil dólares. Mas espere até eu lhe contar.

A cerca de três quilômetros de Summit havia uma montanhazinha coberta por um denso bosque de cedros. Na encosta traseira dessa montanha havia uma caverna. Lá, armazenamos provisões. Um dia, depois do pôr do sol, passamos de charrete em frente à casa do velho Dorset. O garoto estava na rua, jogando pedras num gatinho na cerca do outro lado.

— Ei, menininho! — diz Bill. — Quer ganhar um saco de doces e um belo passeio?

O garoto acerta Bill em cheio no olho com um pedaço de tijolo.

— Isso vai custar mais quinhentos dólares para o velho — diz Bill, passando por cima da roda.

Aquele menino lutou feito um urso peso meio-médio; mas, no fim, o enfiamos no fundo da charrete e fomos embora. Nós o levamos para a caverna e eu parei o cavalo no bosque de cedros. Depois do anoitecer, guiei a charrete até o pequeno povoado, a quase cinco quilômetros dali, onde a havíamos alugado, e voltei a pé para a montanha.

Bill estava pondo esparadrapo nos arranhões e hematomas do rosto. Uma fogueira ardia atrás da grande pedra na entrada da caverna, e o garoto olhava um bule de café fervendo, com duas penas de cauda de águia presas no cabelo ruivo. Ele aponta um graveto para mim quando eu chego e diz:

— Ah! Cara pálida maldito, você se atreve a entrar no acampamento do Cacique Vermelho, o terror das planícies?

— Agora ele está tranquilo — diz Bill, levantando a barra das calças e examinando umas contusões nas canelas. — Estamos brincando de índio. Estamos fazendo o show do Buffalo Bill como se fossem aquelas visões de lanterna mágica^[2] da Palestina que exibem na cidade. Eu sou o Velho Hank, o Caçador, prisioneiro do

Cacique Vermelho, e vou ser escalpelado quando amanhecer. Por Gerônimo! Esse garoto dá cada chute forte.

Sim, senhor, o menino parecia estar aproveitando a vida como nunca. A diversão de acampar numa caverna o fez esquecer que ele mesmo era prisioneiro. Imediatamente me batizou de Olho de Cobra, o Espião, e anunciou que, quando seus guerreiros voltassem da guerra, eu seria torrado na fogueira ao nascer do sol.

Depois jantamos, e ele encheu a boca de tocinho, pão e molho de carne, e começou a falar. Fez um discurso durante o jantar mais ou menos assim:

— Estou gostando. Eu nunca tinha acampado, mas já tive um gambá de estimação e fiz nove anos no meu último aniversário. Odeio ir para a escola. Os ratos comeram dezesseis ovos da galinha carijó da tia do Jimmy Talbot. Tem algum índio de verdade nessa floresta? Quero mais molho. São as árvores se mexendo que fazem o vento soprar? A gente teve cinco cachorrinhos. Por que seu nariz é tão vermelho, Hank? Meu pai tem um monte de dinheiro. É verdade que estrela é quente? Eu bati no Ed Walker duas vezes no sábado. Não gosto das meninas. Não dá para caçar sapo se não usar barbante. Boi faz barulho? Por que a laranja é redonda? Vocês têm cama para dormir nesta caverna? O Amos Murray tem seis dedos no pé. Papagaio sabe falar, mas macaco e peixe não. Quanto tem que juntar para ter doze?

A cada poucos minutos ele lembrava que era um pele-vermelha irritante, pegava seu fuzil de graveto e andava na ponta dos pés até a entrada da caverna para espiar os batedores dos inimigos caraspálidas. De vez em quando, soltava um grito de guerra que fazia Velho Hank, o Caçador, estremecer. Aquele menino tinha aterrorizado Bill desde o começo.

— Cacique Vermelho — digo ao garoto —, quer ir para casa?

— Ah, para quê? — diz ele. — Lá em casa não tem diversão. Odeio ir para a escola. Gosto de acampar. Você não vai me levar de volta para casa, não é, Olho de Cobra?

— Por enquanto, não — digo. — Vamos ficar aqui na caverna um tempo.

— Tá certo! — diz ele. — Vai ser bom. Nunca me diverti tanto em toda a minha vida.

Fomos dormir em torno das onze horas. Espalhamos uns cobertores e mantas largas e pusemos o Cacique Vermelho entre nós. Não tínhamos medo que ele fugisse. Ele nos obrigou a ficar acordados por três horas, pulando e pegando o fuzil e gritando: “Psiu! Parceiro”, no meu ouvido e no de Bill, enquanto o crepitar imaginário de um galho ou o farfalhar de uma folha revelava à sua jovem imaginação a chegada furtiva do bando de foras da lei. Por fim, caí num sono perturbado e sonhei que tinha sido sequestrado e acorrentado a uma árvore por um pirata feroz de cabelo ruivo.

Logo ao amanhecer, fui acordado por uma série de gritos pavorosos de Bill. Não eram berros, uivos, brados, urros nem rugidos, como seria de se esperar de um conjunto viril de órgãos vocais — eram simplesmente gritos indecentes, aterrorizantes e humilhantes, como as mulheres emitem quando veem um fantasma ou uma lagarta. É uma coisa pavorosa ouvir um homem forte, gordo e desesperado gritar desenfreado numa caverna ao amanhecer.



Levantei-me com um pulo para ver qual era o problema. O Cacique Vermelho estava sentado no peito de Bill, com a mão emaranhada no cabelo dele. Na outra mão, segurava a faca afiada que usávamos para cortar toicinho, e tentava laboriosa e realisticamente tirar o escalpo de Bill, de acordo com a sentença que ele recebera na noite anterior.

Tomei a faca do garoto e o fiz deitar outra vez. Mas, desse momento em diante, a valentia de Bill ficou arruinada. Ele se deitou no seu lado da cama, mas nunca mais fechou os olhos para dormir enquanto o garoto esteve conosco. Cochilei por um tempo, mas perto do amanhecer lembrei que o Cacique Vermelho havia dito que eu seria queimado na fogueira ao nascer do sol. Não fiquei nervoso nem amedrontado, mas me sentei encostado numa pedra e acendi meu cachimbo.

— Por que acordou tão cedo, Sam? — pergunta Bill.

— Eu? — digo. — Ah, estou com dor no ombro. Achei que sentar ajudaria.

— Mentiroso! — diz Bill. — Você está com medo. Ia ser queimado ao nascer do sol e ficou com medo de ele fazer isso. E ele faria mesmo, se encontrasse um fósforo. Não é um horror, Sam? Você acha que alguém vai pagar para receber um diabinho desses de volta?

— Claro — eu disse. — Um menino desordeiro como esse é justamente o tipo que os pais adoram. Agora, você e o Chefe, levistem e façam o café da manhã, enquanto eu vou até o alto desta montanha fazer o reconhecimento da área.

Subi no pico da montanhazinha e passei os olhos pela vizinhança contígua. Em direção a Summit, esperava ver os robustos camponeses do povoado armados de foices e forcados vasculhando o campo em busca dos vis sequestradores. Mas o que vi foi uma paisagem pacata pontilhada por um único homem arando o campo com uma mula baia. Ninguém estava dragando o riacho; nenhum mensageiro corria de um lado para o outro, informando aos pais aflitos que não havia notícias. Havia uma atitude silvestre de sonolência sonolenta que permeava aquela parte da superfície externa exterior do Alabama exposta à minha visão.^[3] “Talvez”, digo comigo, “ainda não tenham descoberto que os lobos arrebataram o

meigo cordeirinho do curral. Que o céu ajude os lobos!”, digo, e desço a montanha para tomar café da manhã.

Quando cheguei à caverna, encontrei Bill encostado ao lado dela, respirando com dificuldade, e o garoto ameaçando esmagá-lo com uma pedra da metade do tamanho de um coco.

— Ele colocou uma batata cozida fervendo nas minhas costas — explicou Bill — e depois a amassou com o pé, e eu dei uns petelecos nas orelhas dele. Você tem uma arma aí, Sam?

Tomei a pedra do menino e meio que encerrei o debate.

— Vou dar um jeito em você — diz o garoto para Bill. — Ninguém jamais agrediu o Cacique Vermelho sem levar o que merecia. É melhor você tomar cuidado!

Depois do café da manhã o garoto tira do bolso um pedaço de couro envolto em barbantes e sai da caverna, desenrolando-o.

— O que ele está aprontando agora? — diz Bill, ansioso. — Você não acha que ele vai fugir, não é, Sam?

— Isso não me preocupa — digo. — Ele não parece ser muito de ficar em casa. Mas temos que combinar um plano para o resgate. Parece que ninguém em Summit se abalou muito com o desaparecimento dele; mas quem sabe ainda não tenham percebido que ele sumiu. Os pais dele podem achar que ele está passando a noite na casa da tia Joana ou de um vizinho. De qualquer jeito, vão dar pela falta dele hoje. À noite temos que mandar uma mensagem para o pai dele exigindo os dois mil dólares para devolvê-lo.

Só então ouvimos um tipo de grito de guerra, como Davi pode ter emitido quando derrubou o campeão Golias. Era uma funda que o Cacique Vermelho havia tirado do bolso, e ele a girava em volta da cabeça.

Desviei e ouvi um baque forte e uma espécie de suspiro de Bill, como o que um cavalo solta quando você tira a sela. Uma pedra preta do tamanho de um ovo tinha acertado Bill bem atrás da orelha esquerda. Ele ficou todo frouxo e caiu no fogo por cima da frigideira de água quente que era para lavar os pratos. Eu o arrastei dali e joguei água fria na cabeça dele por meia hora.

Pouco a pouco, Bill levanta o tronco, tateia atrás da orelha e diz:

— Sam, sabe quem é meu personagem bíblico favorito?

— Vá devagar — digo. — Logo você vai voltar a si.

— O rei Herodes — diz ele. — Você não vai sumir e me deixar aqui sozinho, não é, Sam?

Saí, peguei aquele menino e o sacudi até que as sardas dele começassem a sacolejar.

— Se não se comportar — digo —, vou levar você direto para casa. Agora, vai ficar bonzinho ou não?

— Eu estava só brincando — diz ele, rabugento. — Eu não queria machucar o Velho Hank. Mas por que ele me bateu? Vou me comportar, Olho de Cobra, se você não me mandar para casa e se me deixar brincar de Batedor Negro hoje.

— Não conheço essa brincadeira — digo. — Isso é entre você e o sr. Bill. Ele é seu colega de brincadeiras hoje. Vou ficar fora um tempo, a negócios. Agora, entre e faça as pazes com ele e diga que sente muito pela malcriação, senão você vai para casa agora mesmo.

Fiz com que ele e Bill apertassem as mãos, depois puxei Bill de lado e disse que ia para Poplar Cove, um povoadozinho a cinco quilômetros da caverna, para descobrir o que pudesse sobre como haviam recebido a notícia do sequestro em Summit. Além disso, eu achava melhor mandar uma carta categórica ao velho Dorset naquele dia, exigindo o resgate e ditando como deveria ser pago.

— Sabe, Sam — diz Bill —, eu apoiei você sem nem piscar em terremotos, incêndios e inundações, em partidas de pôquer, atentados a dinamite, batidas policiais, assaltos a trens e ciclones. Nunca perdi a coragem até sequestrarmos esse rojão ambulante que é o garoto. Ele me tira do sério. Não vai me deixar muito tempo com ele, não é, Sam?

— Volto de tarde — digo. — Você tem que deixar o menino feliz e quieto até eu voltar. E agora vamos escrever a carta para o velho Dorset.

Bill e eu pegamos papel e lápis e trabalhamos na carta enquanto o Cacique Vermelho, com um cobertor enrolado em volta do corpo, marchava para lá e para cá, vigiando a entrada da caverna. Bill me implorou em lágrimas que pedisse um resgate de mil e quinhentos dólares em vez de dois mil.

— Não estou tentando — diz ele — depreciar o célebre aspecto moral da afeição dos pais, mas estamos lidando com seres

humanos, e não é humano pedir para alguém abrir mão de dois mil dólares por esse arremedo sardento de gato selvagem de dezoito quilos. Estou disposto a arriscar por mil e quinhentos dólares. Você pode me cobrar a diferença.

Então, para aliviar Bill, aquiesci e colaboramos numa carta que era assim:

Exmo. Ebenezer Dorset:

Estamos com seu filho escondido num lugar longe de Summit. É inútil que o senhor ou os detetives mais habilidosos tentem encontrá-lo. Absolutamente, os únicos termos pelos quais pode reavê-lo são: exigimos mil e quinhentos dólares em notas de valor alto para devolvê-lo; o dinheiro deve ser deixado à meia-noite no mesmo local e na mesma caixa da sua resposta — conforme descrito a seguir. Se concordar com esses termos, mande sua resposta por escrito por meio de um único mensageiro hoje à noite, às oito e meia. Depois de atravessar Owl Creek, na estrada para Poplar Cove, há três árvores grandes, a cerca de noventa metros umas das outras, perto da cerca do trigal, no lado direito. Ao pé da estaca da cerca, em frente à terceira árvore, será encontrada uma pequena caixa de papelão.

O mensageiro deixará a resposta nessa caixa e voltará imediatamente a Summit.

Se o senhor tentar nos trair ou deixar de cumprir nossa exigência conforme indicamos, nunca mais verá seu filho.

Se pagar o dinheiro conforme exigido, seu filho será devolvido são e salvo dentro de três horas. Esses termos são definitivos e, se o senhor não concordar com eles, não haverá nenhuma outra tentativa de comunicação.

DOIS HOMENS DESESPERADOS.

Enderecei a carta a Dorset e a guardei no meu bolso. Quando estava prestes a sair, o garoto chega e diz:

— Ah, Olho de Cobra, você disse que eu podia brincar de Batedor Negro enquanto você ficasse fora.

— Brinque, é claro — digo. — O sr. Bill vai brincar com você. Que tipo de brincadeira é essa?

— Eu sou o Batedor Negro — diz o Cacique Vermelho — e tenho que ir até a paliçada avisar aos colonos que os índios estão chegando. Estou cansado de ser o índio. Quero ser o Batedor Negro.

— Tudo bem — digo. — Parece uma brincadeira inofensiva. Acho que o sr. Bill vai ajudar você a repelir os malditos selvagens.

— O que eu tenho que fazer? — pergunta Bill, olhando desconfiado para o garoto.

— Você é o cavalo — diz o Batedor Negro. — Fica de quatro. Como é que eu posso ir até a paliçada sem cavalo?

— É melhor você divertir esse menino — disse eu — até o esquema dar certo. Relaxe.

Bill fica de quatro e aparece nos olhos dele um olhar igual ao de um coelho quando você o pega numa armadilha.

— A que distância fica a paliçada, garoto? — pergunta ele com uma voz áspera.

— Cento e cinquenta quilômetros — diz o Batedor Negro. — E você tem que correr para chegar lá a tempo. Ôa, vai!

O Batedor Negro pula nas costas de Bill e enfia os calcanhares nas laterais do corpo dele.

— Pelo amor de Deus — diz Bill —, volta logo, Sam, o mais rápido possível. Queria que a gente não tivesse pedido mais de mil pelo resgate. Escute, ou você para de me chutar ou eu levanto e lhe dou uma coça.

Fui a pé para Poplar Cove e fiquei sentado na loja e agência postal, conversando com os babaquaras que vinham fazer negócios. Um bigodudo diz que ouviu falar que Summit está toda perturbada porque o menino do Ancião Ebenezer Dorset se perdeu ou foi roubado. Era só isso que eu queria saber. Comprei um pouco de tabaco para fumar, comentei à toa o preço do feijão-fradinho, mandei minha carta em segredo e fui embora. O agente do correio disse que o carteiro chegaria dali a uma hora para levar a correspondência para Summit.

Quando voltei para a caverna, Bill e o menino não estavam em lugar nenhum. Explorei os arredores da caverna e arrisquei um *yodel* ou dois, mas não tive resposta.

Então, acendi meu cachimbo e me sentei numa ladeira coberta de musgo para esperar o desenrolar dos acontecimentos.

Em cerca de meia hora ouvi os arbustos farfalharem e Bill entrou cambaleando na pequena clareira em frente à caverna. Atrás dele estava o garoto, andando em silêncio como um batedor, com um sorriso enorme no rosto. Bill parou, tirou o chapéu e enxugou o rosto com um lenço vermelho. O garoto parou mais de dois metros atrás dele.

— Sam — diz Bill —, imagino que você me ache um renegado, mas não pude evitar. Sou um adulto com propensões masculinas e hábitos de autodefesa, mas chega uma hora em que todos os mecanismos da vaidade e da preponderância falham. O garoto foi embora. Eu o mandei para casa. Está tudo acabado. Antigamente, havia mártires — continua Bill — que preferiam morrer a desistir da devoção particular de que desfrutavam. Nenhum deles jamais foi submetido às torturas sobrenaturais que eu sofri. Tentei ser fiel às nossas cláusulas de pilhagem, mas tudo tem limite.

— Qual é o problema, Bill? — pergunto a ele.

— Eu fui cavalgado — diz Bill — por cento e cinquenta quilômetros até a paliçada, nem um centímetro a menos. Então, quando os colonos foram resgatados, ganhei aveia. Areia não é um substituto palatável. E depois, por uma hora tive que tentar explicar para ele por que não tinha nada nos buracos, como uma estrada pode ter dois sentidos e por que a grama é verde. Estou dizendo, Sam, a tolerância do ser humano acaba. Eu o pego pelos colarinhos e arrasto montanha abaixo. No caminho ele me dá cada pontapé que tudo fica roxo dos joelhos para baixo, e eu tenho que cauterizar duas ou três mordidas no polegar e na mão.

“Mas ele foi embora”, continua Bill, “foi para casa. Mostrei o caminho para Summit e o mandei uns dois metros para mais perto dali com um chute só. Sinto muito por perdemos o resgate, mas era isso ou Bill Driscoll ia para o hospício.”

Bill está arfando e resfolegando, mas há um ar de paz inefável e contentamento crescente em seus traços rosados.

— Bill — digo —, não existe nenhuma doença cardíaca na sua família, não é?

— Não — diz Bill — nada crônico, a não ser malária e acidentes. Por quê?

— Então pode se virar — digo — e dar uma olhada atrás de você.

Bill se vira, vê o garoto, perde a cor e cai sentado com o traseiro roliço no chão e começa a arrancar grama e gravetinhos à toa. Passei uma hora com medo de ele ter perdido o juízo. Depois contei a ele que meu plano era encerrar todo o serviço imediatamente e que conseguiríamos o resgate e partiríamos com ele à meia-noite se o velho Dorset concordasse com nossa proposta. Então Bill se recompôs o bastante para dar ao garoto uma espécie de sorriso frouxo e prometer que faria o papel do russo numa guerra japonesa com ele assim que estivesse um pouco melhor.

Eu tinha um plano para coletar esse resgate sem o risco de ser pego por tramoias que deixaria um sequestrador profissional orgulhoso. A árvore debaixo da qual a resposta deveria ser deixada — e o dinheiro depois — ficava perto da cerca da estrada, com grandes campos nus de todos os lados. Se um bando de policiais estivesse esperando alguém chegar para pegar o bilhete, poderiam vê-lo de longe atravessando os campos ou a estrada. Mas não, senhor! Às oito e meia eu estava no alto daquela árvore, tão bem escondido quanto uma rã arborícola, esperando o mensageiro chegar.

Exatamente na hora certa, um menino meio crescido vem de bicicleta pela estrada, localiza a caixa de papelão ao pé da estaca da cerca, deixa um pedaço de papel dobrado dentro dela e pedala de volta a Summit.

Esperei uma hora e concluí que estava tudo certo. Desci da árvore, peguei o bilhete, me esgueirei ao longo da cerca até chegar à floresta e voltei à caverna em mais meia hora. Abri o bilhete, cheguei perto da lanterna e li para Bill. Tinha sido escrito com caneta em letra de mão confusa, e o essencial do que dizia era assim:

Dois Homens Desesperados.

Cavalheiros; recebi sua carta hoje pelo correio, em relação ao resgate que pedem pela devolução de meu filho. Creio que

estão exagerando um pouco em suas exigências e, por meio desta, faço uma contraproposta, estando inclinado a acreditar que aceitarão. Os senhores trazem Johnny para casa e me pagam duzentos e cinquenta dólares em dinheiro, e eu concordo em tirá-lo de suas mãos. É melhor virem à noite, pois os vizinhos acreditam que ele está perdido, e eu não poderia me responsabilizar pelo que eles fariam com qualquer um que vissem trazendo-o de volta.

*Respeitosamente,
EBENEZER DORSET.*

— Grandes piratas de Penzance! — digo. — Entre todos os insolentes...

Mas olhei para Bill e hesitei. Ele tinha o olhar mais suplicante que já vi no rosto de um idiota ou bruto falador.

— Sam — diz ele —, o que são duzentos e cinquenta dólares, afinal? Temos esse dinheiro. Mais uma noite com esse garoto e vou ganhar uma vaga no hospício de Bedlam. Além de ser um cavalheiro completo, acho que o sr. Dorset é um esbanjador por nos fazer uma oferta tão generosa. Você não vai deixar passar a chance, vai?

— Para dizer a verdade, Bill — digo —, esse cordeirinho também me deu um pouco nos nervos. Vamos levá-lo para casa, pagar o resgate e empreender a fuga.

Nós o levamos para casa naquela noite. Conseguimos convencê-lo a ir dizendo que seu pai havia comprado um fuzil com coroa de prata e um par de mocassins para ele, e que íamos caçar ursos no dia seguinte.

Era exatamente meia-noite quando batemos na porta da frente de Ebenezer. No momento em que eu deveria estar recolhendo os mil e quinhentos dólares da caixa debaixo da árvore, de acordo com a proposta original, Bill estava contando duzentos e cinquenta dólares e entregando-os na mão de Dorset.

Quando o garoto descobriu que íamos deixá-lo em casa, começou a uivar feito um órgão a vapor e se agarrou como uma sanguessuga à perna de Bill. Seu pai o arrancou dali pouco a pouco, como um emplastro poroso.

— Quanto tempo consegue segurá-lo? — pergunta Bill.

— Não sou mais forte como antes — diz o velho Dorset —, mas acho que posso prometer dez minutos ao senhor.

— É o bastante — diz Bill. — Em dez minutos vou atravessar os estados do Centro, do Sul e do Centro-Oeste e cruzar bem ligeiro a fronteira do Canadá.

E, por mais escuro que estivesse, e por mais gordo que Bill fosse, e por bom corredor que eu seja, ele já estava a dois quilômetros e meio de Summit antes que eu pudesse alcançá-lo.

**1871 BARÃO ALGERNON
BERTRAM FREEMAN-MITFORD**

Os 47 Rôñins

SÉRIE CONTOS
MUNDIAIS
SOCIEDADE
DAS
RELÍQUIAS
LITERÁRIAS

TRADUÇÃO
DE CAMILA
FERNANDES



(SRL)

Os 47 ronins

Algernon Bertram Freeman-Mitford

1871

A famosa lenda japonesa

Os livros que foram escritos nos últimos anos sobre o Japão foram compilados a partir de registros oficiais ou continham impressões incompletas de viajantes. Da vida íntima dos japoneses, o mundo em geral sabe muito pouco: sua religião, suas superstições, seus modos de pensar, os motivos ocultos pelos quais agem — tudo isso permanece no mistério. Não é de se admirar. Os primeiros ocidentais que entraram em contato com o Japão — e aqui não me refiro aos comerciantes e padres holandeses e portugueses de outrora, mas aos diplomatas e mercadores de onze anos atrás — foram recebidos com reservas. Acima de tudo, o governo nativo dispôs obstáculos no caminho de qualquer pesquisa sobre sua língua, literatura e história. O fato é que o Governo do Taikun^[4] — com quem, enquanto o micado continuasse recluso em sua capital sagrada, Quioto, mantinham-se as únicas relações — sabia que a púrpura imperial com que procuravam vestir seu líder desvaner-se-ia rapidamente perante a força da luz solar que cairia sobre ele assim que houvesse linguistas europeus capazes de examinar seus livros e registros. Não se perdeu nenhuma oportunidade de desviar o olhar dos recém-chegados, a quem, mesmo nos detalhes mais insignificantes, a política oficial era distrair. Agora, todavia, não há motivo para acobertamento; o *roi fainéant*^[5] livrou-se de sua

indolência, assim como de seu *maire du palais*, e um governo inteligível, que não precisa temer o olhar analítico dos estrangeiros, é o resultado; os registros do país são unicamente provas do direito do micado ao poder, não havendo razão para sustentar nenhum mistério. O caminho da pesquisa está aberto a todos, e, embora ainda haja muito a aprender, já se obteve algum conhecimento, o qual pode interessar aos que ficaram em casa.

A revolução recente no Japão ocasionou mudanças sociais, bem como políticas, e pode ser que, além dos avanços já realizados, ferrovias e telégrafos venham a ligar os principais pontos da Terra do Sol Nascente, e o japonês de outrora, tal como era há séculos e quando o encontramos, onze anos atrás, terá se extinguido. Parece-me que não há modo melhor de preservar os registros de uma civilização curiosa e em rápido desaparecimento do que traduzir algumas das lendas e histórias nacionais mais interessantes, ao lado de outros exemplos da literatura abordando o mesmo assunto. Assim, os japoneses podem contar sua própria história, enquanto o tradutor apenas acrescenta aqui e ali algumas palavras de cabeçalho ou rodapé a um capítulo, onde uma explicação ou elaboração venha a ser necessária. Receio que os nomes longos e difíceis muitas vezes tornem fatigante a leitura de minhas narrativas, mas creio que aqueles que enfrentarem a dificuldade aprenderão mais sobre o caráter do povo japonês do que folheando relatos de viagens e aventuras, por mais brilhantes que sejam. O senhor e o servidor, o guerreiro e o sacerdote, o humilde artesão e o desprezado *eta*, ou pária; cada um, a seu tempo, se tornará personagem principal em minha coleção de histórias, e é da boca dessas personagens que espero tirar um retrato razoavelmente completo da sociedade japonesa.

Tendo dito tais coisas à guisa de prefácio, peço aos leitores que se imaginem transportados até às margens da Baía de Yedo, paisagem bela e sorridente: as colinas suaves, coroadas por pinheiros e abetos escuros, descem rumo ao mar; os beirais singulares de muitos templos e santuários emergem dos bosques, aqui e ali; a própria baía é repleta de pitorescos barcos de pesca, cujas tochas reluzem à noite como vaga-lumes entre os fortes distantes; ao longe, a oeste, assomam os picos assombrados de

Oyama, e, além das colinas gêmeas do Desfiladeiro de Hakone, vê-se Fuji-Yama, a Montanha Incomparável, solitária e grandiosa no centro da planície, que verteu chamas copiosas vinte e um séculos atrás^[6]. Há cento e sessenta anos a enorme montanha está em paz, mas os terremotos frequentes ainda sugerem flamas ocultas e ninguém sabe quando as pedras incandescentes e as cinzas podem voltar a cair como chuva sobre cinco províncias.

Aninhado entre árvores veneráveis em Takanawa, um subúrbio de Yedo, esconde-se Sengakuji, ou o Templo da Colina da Primavera, conhecido em todo o território por seu cemitério, que contém os túmulos dos Quarenta e Sete Rônins^[7], famosos na história japonesa, heróis do teatro japonês, cujos feitos estou prestes a transcrever.

No lado esquerdo do pátio principal do templo há uma capela, encimada por uma figura dourada de Kwanyin, a deusa da misericórdia, onde estão guardadas as imagens dos quarenta e sete homens e do mestre a quem tanto amavam. As estátuas são esculpidas em madeira, os rostos coloridos e os trajes laqueados com requinte; como obras de arte, têm grande mérito, sendo os gestos dos heróis, cada um com sua arma favorita, maravilhosamente realistas e vigorosos. Alguns são homens veneráveis, com cabelos escassos e grisalhos (um deles tem setenta e sete anos); outros são apenas garotos de dezesseis.

Perto da capela, ao lado de uma trilha que sobe a colina, existe um pequeno poço de água pura, cercado e adornado com um jardim, sobre o qual se lê esta inscrição: “Este é o poço em que a cabeça foi lavada; você não deve lavar as mãos nem os pés aqui”. Um pouco mais adiante, há uma banca na qual um pobre ancião ganha uma ninharia vendendo livros, gravuras e medalhas que celebram a lealdade dos Quarenta e Sete; mais além, sombreado por um bosque de árvores majestosas, fica um recinto cercado, preservado, como anuncia uma tabuleta, por contribuições voluntárias, em torno do qual estão dispostas quarenta e oito lápides, cada uma decorada com folhagens perenes, cada uma com sua oferenda de água e incenso para confortar o espírito do falecido. Existiam quarenta e sete rônins; há quarenta e oito lápides, e a história da quadragésima oitava caracteriza bem o ideal japonês

de honra. Quase tocando a cerca do cemitério, há um monumento mais imponente debaixo do qual jaz enterrado o senhor cuja morte seus seguidores dedicados vingaram.

Agora, vamos à história.

No começo do século XVIII, viveu um daimio chamado Asano Takumi no Kami, o Senhor do Castelo de Akô, na província de Harima. Ocorreu que, quando um embaixador imperial da corte do micado foi mandado ao xogum^[8] em Yedo, Takumi no Kami e outro nobre, chamado Kamei Sama, foram encarregados de receber e hospedar o emissário, e um alto oficial, Kira Kozuke no Suke, foi nomeado para ensinar a eles as cerimônias adequadas a realizar na ocasião. Assim, os dois nobres foram forçados a ir diariamente ao castelo para ouvir as instruções de Kozuke no Suke. Mas este era um homem ambicioso; como considerou que os presentes enviados pelos dois daimios, de acordo com o costume consagrado pelo tempo, em troca de sua instrução, eram mesquinhos e ignóbeis, concebeu um grande ódio contra eles e não fez nenhum esforço para ensiná-los; preferiu, ao contrário, fazer deles alvo de chacota. Takumi no Kami, contido por um forte senso de dever, suportou as ofensas com toda a paciência. Mas Kamei Sama, que tinha menos controle sobre o próprio temperamento, ficou violentamente indignado e decidiu matar Kozuke no Suke.

Uma noite, depois de concluir seus deveres no castelo, Kamei Sama voltou a seu próprio palácio e, convocando seus conselheiros^[9] para uma reunião secreta, disse-lhes:

— Kozuke no Suke ofendeu a mim e a Takumi no Kami durante nosso serviço de recepção ao emissário imperial. Isso contraria toda a decência, e tive vontade de matá-lo ali mesmo; porém, pensei que, se cometesse tal ato no interior do castelo, não pagaria apenas com minha própria vida, mas também arruinaria minha família e meus vassalos. Por isso, detive minha mão. Mesmo assim, a vida do patife é um tormento para o povo, e amanhã, quando eu for à corte, hei de matá-lo; estou decidido e não darei ouvidos a nenhuma objeção. — Enquanto falava, seu rosto ficou lívido de raiva.

Ora, um dos conselheiros de Kamei Sama era um homem de grande discernimento, e, quando viu pelo comportamento de seu senhor que seria inútil protestar, ele disse:

— As palavras de Sua Senhoria são a lei. Seu servo fará todos os preparativos necessários e, amanhã, quando Sua Senhoria for à corte, se esse Kozuke no Suke for insolente mais uma vez, que a morte o receba.

O senhor ficou satisfeito com esse discurso e esperou o dia raiar, impaciente, para que pudesse voltar à corte e matar seu inimigo.

Mas o conselheiro foi para casa imensamente consternado e ansioso, pensando no que seu príncipe havia dito. Enquanto refletia, ocorreu-lhe que, como Kozuke no Suke tinha fama de ganancioso, certamente estaria inclinado a aceitar suborno, e era melhor pagar qualquer quantia, por maior que fosse, do que assistir à ruína de seu senhor e sua casa. Assim, angariou todo o dinheiro que pôde, mandou que os servos o levassem, partiu à noite para o palácio de Kozuke no Suke e disse aos servidores deste:

— Meu mestre, que agora está a serviço do emissário imperial, deve imensa gratidão a meu senhor Kozuke no Suke, que se esforçou tanto para lhe ensinar as cerimônias adequadas a realizar durante a recepção do emissário imperial. Este é apenas um humilde presente que ele mandou por meu intermédio, mas ele espera que possa aceitá-lo e se entrega às graças de Sua Senhoria.

Com essas palavras, ele ofereceu mil onças de prata para Kozuke no Suke e mais cem para serem distribuídas entre os servidores. Quando viram o dinheiro, seus olhos brilharam de prazer. Agradeceram prodigamente e, implorando ao conselheiro que esperasse um pouco, foram contar ao mestre sobre o régio presente que havia chegado com uma mensagem cortês de Kamei Sama. Kozuke no Suke, com grande deleite, mandou chamar o conselheiro a uma câmara interna e, depois de agradecer, prometeu no dia seguinte instruir seu mestre com toda a atenção em todos os diferentes tópicos de etiqueta. Assim, o conselheiro, vendo o júbilo do ganancioso, alegrou-se com o sucesso de seu plano. Depois de se despedir, voltou para casa animado.

Mas Kamei Sama, sem sequer imaginar como seu vassalo havia aplacado o inimigo, meditou sobre sua vingança a noite toda e, na

manhã seguinte, ao nascer do dia, foi à corte numa procissão solene. Quando Kozuke no Suke o recebeu, seus modos haviam mudado completamente; sua cortesia foi insuperável.

— Hoje, veio cedo para a corte, meu senhor Kamei — disse ele. — Seu zelo é admirável. Terei a honra de expor-lhe vários tópicos de etiqueta. Devo pedir que Sua Senhoria perdoe minha conduta anterior, que deve ter parecido muito rude; tenho um temperamento naturalmente intratável e imploro seu perdão. — À medida que ele se humilhava e dizia palavras bonitas, o coração de Kamei Sama amoleceu e ele renunciou à intenção de matá-lo. Assim, pela inteligência de seu conselheiro Kamei Sama, ele e toda a sua casa foram poupados da ruína.

Pouco depois, Takumi no Kami, que não havia mandado nenhum presente, chegou ao castelo e Kozuke no Suke o ridicularizou ainda mais do que antes, provocando-o com zombarias e insultos dissimulados, mas Takumi no Kami fingiu ignorar tudo isso e se submeteu com toda a paciência às ordens de Kozuke no Suke. Essa conduta, longe de produzir um bom resultado, só fez Kozuke no Suke desprezá-lo ainda mais, até que, por fim, disse, arrogante:

— Veja, meu senhor Takumi, a fita da minha meia se desamarrou; tenha a bondade de amarrá-la para mim.

Takumi no Kami, embora ardesse de raiva com a afronta, ainda achava que, como estava lá a serviço, era obrigado a obedecer. Por isso, amarrou a fita da meia. Então Kozuke no Suke, afastando-se dele, exclamou, petulante:

— Ora, como você é desajeitado! Não sabe nem amarrar a fita de uma meia corretamente! Qualquer um consegue perceber que você é um camponês rústico e nada sabe dos costumes de Yedo. — E, com uma risada desdenhosa, ele se dirigiu a uma câmara interna.

Mas a paciência de Takumi no Kami se esgotou; a última ofensa foi mais do que ele poderia suportar.

— Espere um instante, meu senhor — gritou ele.

— Bom, o que foi? — respondeu o outro.

E, quando Kozuke no Suke se virou, Takumi no Kami desembainhou sua adaga e desferiu um golpe na cabeça dele, mas o outro, estando protegido pelo gorro da corte que usava, sofreu apenas um arranhão e fugiu. Takumi no Kami, perseguindo-o, tentou

abatê-lo pela segunda vez, mas, errando o alvo, cravou a adaga num pilar. Nesse momento, um oficial chamado Kajikawa Yosobei, vendo o tumulto, correu e, contendo o nobre enfurecido, deu a Kozuke no Suke tempo para fugir.

Houve então grande alvoroço e confusão e Takumi no Kami foi preso, desarmado e confinado num dos aposentos do palácio aos cuidados dos censores. Realizou-se um conselho e o prisioneiro foi entregue à guarda de um daimio, chamado Tamura Ukiyô no Daibu, que o manteve sob custódia em sua própria casa, para grande pesar de sua esposa e de seus servidores. Quando o conselho concluiu as deliberações, decidiu-se que, como ele cometera uma afronta e atacara outro homem no interior do palácio, deveria executar haraquiri — ou seja, cometer suicídio por estripação; além disso, seus bens seriam confiscados e a família, arruinada. Assim mandava a lei. Portanto, Takumi no Kami executou haraquiri, seu Castelo de Akô foi confiscado, e alguns de seus servidores, tornando-se rônins, passaram a servir outros daimios, enquanto os demais se tornaram mercadores.

Agora, entre tais servidores estava seu principal conselheiro, um homem chamado Oishi Kuranosuke, que, com outros quarenta e seis dependentes leais, formou uma liga para vingar a morte do mestre matando Kozuke no Suke. Na época do tumulto, Oishi Kuranosuke estava ausente do Castelo de Akô; estivesse ele com seu príncipe, nada daquilo teria acontecido, pois, sendo um homem sábio, não teria deixado de aplacar Kozuke no Suke ao mandar-lhe presentes adequados, enquanto o conselheiro que servia o Príncipe de Yedo na ocasião era um néscio, que negligenciou essa precaução, causando a morte do mestre e a ruína de sua casa.

Assim, Oishi Kuranosuke e seus 46 companheiros começaram a traçar os planos de vingança contra Kozuke no Suke, mas este estava tão bem protegido por guardas emprestados a ele por um daimio chamado Uyesugi Sama, que era seu sogro, que os rônins viram que o único modo de cumprir seu intento seria pegar o inimigo desprevenido. Com esse objetivo, eles se separaram e se disfarçaram, alguns como carpinteiros ou artesãos, outros como mercadores, e seu líder, Kuranosuke, foi para Quioto e fixou residência no bairro chamado Yamashina, onde passou a frequentar

casas da pior reputação, entregando-se à embriaguez e à libertinagem como se nada estivesse mais distante de sua mente que a ideia da vingança.

Enquanto isso, Kozuke no Suke, desconfiando que os antigos servidores de Takumi no Kami estariam tramando contra sua vida, mandou espiões a Quioto e fez com que lhe enviassem relatos fiéis e constantes de tudo o que Kuranosuke fazia. Este, entretanto, decidido a iludir o inimigo e dar-lhe uma impressão de falsa segurança, continuou levando uma vida dissoluta entre prostitutas e bebedeiras. Um dia, voltando de algum antro para casa, bêbado, caiu na rua e adormeceu, e todos os transeuntes zombaram e riram dele. Acontece que um homem de Satsuma viu isso e disse:

— Esse não é Oishi Kuranosuke, que era conselheiro de Asano Takumi no Kami e, sem coragem de vingar seu senhor, se entrega às mulheres e à bebida? Vejam como ele se embebedou e deita em via pública! Bruto desleal! Tolo e poltrão! Não é digno do nome de samurai^[10]!

E ele pisou no rosto e cuspiu em Kuranosuke enquanto ele dormia, mas, quando os espiões relataram tudo isso em Yedo, Kozuke no Suke ficou imensamente aliviado com a notícia e sentiu-se a salvo do perigo.

Um dia, a mulher de Kuranosuke, amargurada por ver seu marido levar uma vida de vícios, foi até ele e disse:

— Meu senhor, a princípio, disse-me que sua libertinagem era apenas um truque para fazer seu inimigo baixar a guarda. Mas, na verdade, isso já foi longe demais. Eu imploro que meu senhor se contenha.

— Não me incomode — respondeu Kuranosuke —, pois não darei ouvidos às suas lamúrias. Já que meu modo de vida não a agrada, vou me divorciar de você, e poderá cuidar da sua vida. Vou comprar uma moça bonita de uma das tabernas e me casar com ela com imenso prazer. Estou farto de ver uma velha como você nesta casa, então, vá-se embora. Quanto mais cedo, melhor.

Dizendo isso, ele se entregou a um acesso de fúria, e sua mulher, aterrorizada, implorou misericórdia.

— Ah, meu senhor! Retire essas palavras terríveis! Há vinte anos sou sua esposa fiel e dei-lhe três filhos; na doença e na tristeza

estive ao seu lado; não pode ser cruel a ponto de me expulsar da sua casa agora. Tenha piedade! Tenha piedade!

— Cesse esse pranto inútil. Minha decisão está tomada e você deve ir embora. Como as crianças também estão no meu caminho, fique à vontade para levá-las consigo.

Quando ouviu o marido falar assim, em sua angústia, a mulher procurou seu filho mais velho, Oishi Chikara, e implorou que ele intercedesse por ela e suplicasse ao pai que a absolvesse. Mas nada poderia desviar Kuranosuke de seu propósito; a mulher foi mandada embora, com os dois filhos mais novos, e voltou para sua terra natal. Oishi Chikara permaneceu com o pai.

Os espiões comunicaram tudo isso a Kozuke no Suke sem poupar detalhes, e ele, quando soube como Kuranosuke, tendo expulsado a esposa e os filhos e comprado uma concubina, chafurdava numa vida de embriaguez e luxúria, começou a pensar que não tinha mais nada a temer dos servidores de Takumi no Kami, que deviam ser covardes, desprovidos de bravura para vingar seu senhor. Assim, aos poucos, começou a abrandar a vigilância e mandou de volta metade da guarda que tomara emprestada do sogro, Uyesugi Sama. Mal imaginava estar caindo na armadilha preparada por Kuranosuke, que, em seu zelo na missão de matar o inimigo de seu senhor, não hesitou em se divorciar da mulher e mandar os filhos embora! Que homem admirável e fiel!

Assim, Kuranosuke continuou a distrair os olhos do inimigo, persistindo em sua conduta aparentemente impudica. Mas todos os seus colegas foram para Yedo e, em suas várias funções como operários e mascates, empenharam-se em ganhar acesso à casa de Kozuke no Suke, familiarizando-se com a planta do edifício e a disposição dos diferentes cômodos, além de verificar o caráter dos moradores, quais eram valentes e leais e quais eram covardes. Mandavam relatórios constantes sobre todas essas questões para Kuranosuke. Quando finalmente ficou óbvio, pelas cartas que chegavam de Yedo, que Kozuke no Suke não esperava nenhum ataque, Kuranosuke alegrou-se porque o dia da vingança se avizinhava e, tendo escolhido um ponto de encontro em Yedo, fugiu em segredo de Quioto, evitando a vigilância dos espiões inimigos.

Então, os quarenta e sete homens, tendo feito todos os seus planos, esperaram, pacientes.

Agora era o solstício de inverno, no décimo segundo mês do ano, e o frio era intenso. Uma noite, durante uma forte nevasca, quando o mundo inteiro silenciara e os homens pacíficos dormiam em suas esteiras, os rônins decidiram que não poderia haver oportunidade mais favorável para cumprir seu intento. Assim, reuniram-se e, dividindo o grupo em dois, atribuíram a cada um seu posto. Um grupo, liderado por Oishi Kuranosuke, atacaria o portão da frente, e o outro, sob o comando de seu filho, Oishi Chikara, atacaria o portão da casa de Kozuke no Suke; mas, como Chikara tinha apenas dezesseis anos, Yoshida Chiuzayemon foi nomeado seu guardião. Além disso, decidiu-se que um tambor, batido por ordem de Kuranosuke, seria o sinal para o ataque simultâneo e, se alguém matasse Kozuke no Suke e lhe cortasse a cabeça, deveria dar um assobio estridente, como sinal para seus camaradas, que chegariam depressa e, tendo identificado a cabeça, a levariam para o templo chamado Sengakuji e a deixariam como oferenda diante do túmulo de seu senhor morto. Em seguida, contariam seu feito ao governo e aguardariam a sentença de morte que viria com toda a certeza. Todos os rônins juraram fazer isso. A meia-noite foi estabelecida como a hora e os quarenta e sete camaradas, tendo-se preparado para o ataque, participaram de um último banquete de despedida juntos, pois na manhã seguinte morreriam. Foi então que Oishi Kuranosuke se dirigiu ao grupo e disse:

— Esta noite atacaremos o inimigo em seu palácio; seus servidores certamente vão nos enfrentar e seremos forçados a matá-los. Mas matar velhos, mulheres e crianças é um ato lamentável; portanto, rogo a cada um de vocês que tome muito cuidado para não matar uma única pessoa indefesa.

Todos os camaradas aplaudiram esse discurso e, assim, ficaram à espera da meia-noite.

Quando chegou a hora marcada, os rônins avançaram. O vento uivava furiosamente e a neve atingia seus rostos, mas pouco se importavam com isso enquanto seguiam o caminho, ávidos pela vingança. Por fim, chegaram à casa de Kozuke no Suke, dividiram-se em dois grupos e Chikara, com vinte e três homens, contornou a

residência até o portão dos fundos. Quatro homens, usando uma escada de cordas que penduraram no telhado da varanda, lograram entrar no pátio e, ao verem sinais de que todos os moradores estavam adormecidos, entraram na casa de guarda onde dormiam os vigias. Antes que estes tivessem tempo de se recuperar do espanto, amarraram-nos. Os guardas apavorados imploraram por misericórdia, para que suas vidas fossem poupadas, e com isso os rônins concordaram, com a condição de que entregassem as chaves do portão; mas os outros, trêmulos, disseram que as chaves ficavam na casa de um dos oficiais e que não tinham meios de obtê-las. Então os rônins perderam a paciência e, com um martelo, despedaçaram a grande tranca de madeira que fechava o portão, e as portas se escancararam à direita e à esquerda. Ao mesmo tempo, Chikara e seu grupo invadiram a casa pelo portão dos fundos.

Oishi Kuranosuke mandou um mensageiro às casas vizinhas, levando a seguinte mensagem: “Nós, os rônins, que antes servíamos a Asano Takumi no Kami, invadiremos o palácio de Kozuke no Suke esta noite para vingar nosso senhor. Como não somos ladrões noturnos nem desordeiros, não faremos nenhum mal às casas vizinhas. Pedimos a todos que não se aflijam”. E, como Kozuke no Suke era detestado pelos vizinhos por sua cobiça, nenhum deles reuniu forças para socorrê-lo.

Os rônins tomaram, ainda, outra precaução. Para que nenhum dos moradores da casa saísse para pedir socorro aos aliados da família, e estes, entrando com ímpeto, interferissem nos planos, Kuranosuke posicionou dez de seus homens armados com arcos no telhado dos quatro lados do pátio, com ordem de atirar em qualquer servidor que tentasse deixar o local. Tendo assim traçado todos os seus planos e posicionado os homens, Kuranosuke, com a própria mão, bateu no tambor e deu o sinal de ataque.

Dez servidores de Kozuke no Suke, ouvindo o barulho, acordaram e, sacando as espadas, correram para a sala da frente para defender seu mestre. Nessa hora, os rônins, depois de arrombar a porta do vestíbulo, entraram na mesma sala. Travou-se uma luta furiosa entre os dois grupos, no meio da qual Chikara, conduzindo seus homens pelo jardim, invadiu os fundos da casa, e

Kozuke no Suke, temendo pela própria vida, refugiou-se, com sua mulher e as serviçais, num aposento na varanda, enquanto o resto dos servidores, que dormiam no quartel fora da casa, se prepararam para ir em seu socorro. Mas os rônins que haviam entrado pela porta da frente e agora lutavam contra os dez servidores acabaram por dominar e matar os últimos sem perder nenhum dos seus; depois, abrindo caminho bravamente em direção aos aposentos dos fundos, Chikara e seus homens se juntaram a eles e os dois grupos tornaram-se um só.

A essa altura, o restante dos homens de Kozuke no Suke havia chegado e a luta se ampliou; Kuranosuke, sentado num banco dobrável, deu ordens e comandou os rônins. Logo, os residentes perceberam que não eram páreo para os inimigos, por isso tentaram mandar notícias de sua situação a Uyesugi Sama, o sogro do senhor, implorando-lhe que viesse socorrê-los com todas as forças disponíveis. Mas os mensageiros foram abatidos pelos arqueiros que Kuranosuke posicionara no telhado. Assim, sem ajuda à vista, continuaram a lutar, desesperados. Kuranosuke gritou em alta voz:

— Só Kozuke no Suke é nosso inimigo. Alguém entre e traga-o para fora, vivo ou morto!

Diante do quarto particular de Kozuke no Suke estavam três valentes servidores com as espadas desembainhadas. O primeiro era Kobayashi Heihachi, o segundo era Waku Handaiyu e o terceiro era Shimizu Ikkaku, todos homens bons e honestos, além de hábeis espadachins. Tais homens sustentaram a posição com tanta firmeza que por um tempo mantiveram todos os rônins a distância e, num momento, até os forçaram a recuar. Quando Oishi Kuranosuke viu isso, rilhou os dentes de raiva e gritou para seus homens:

— O quê? Cada um de vocês jurou sacrificar a vida para vingar seu senhor e agora são rechaçados por três homens? Covardes, não merecem que eu lhes dirija a palavra! Morrer lutando pela causa de seu mestre deveria ser a mais nobre ambição de um servidor! — Em seguida, voltando-se para o próprio filho, Chikara, disse: — Avante, garoto! Enfrente aqueles homens e, se forem fortes demais para você, morra!

Instigado por essas palavras, Chikara agarrou uma lança e lutou contra Waku Handaiyu, mas não conseguiu sustentar sua posição e,

recuando aos poucos, foi empurrado para o jardim, onde perdeu o equilíbrio e caiu num lago. Mas, quando Handaiyu, pensando tê-lo matado, olhou para dentro do lago, Chikara atingiu o oponente na perna, o derrubou e, arrastando-se para fora d'água, o liquidou. Nesse ínterim, Kobayashi Heihachi e Shimizu Ikkaku foram mortos pelos outros rônins. De todos os servidores de Kozuke no Suke, não restou nenhum combatente. Chikara, vendo isso, entrou com a espada ensanguentada numa sala dos fundos para procurar Kozuke no Suke, mas só encontrou o filho deste, um jovem senhor chamado Kira Sahioye, que, empunhando uma alabarda, o atacou, mas logo foi ferido e fugiu. Assim, com todos os homens de Kozuke no Suke mortos, a batalha chegou ao fim, mas ainda não havia sinal do próprio Kozuke no Suke.

Kuranosuke dividiu seus homens em vários grupos e vasculhou a casa inteira, mas foi em vão; só encontraram mulheres e crianças chorando. Com isso, os quarenta e sete homens começaram a desanimar, lamentando que, depois de todo o empenho, tivessem deixado o inimigo fugir; houve um momento em que, por desespero, concordaram em cometer suicídio juntos ali mesmo, mas decidiram fazer mais um esforço. Então, Kuranosuke entrou no dormitório de Kozuke no Suke e, tocando a colcha com as mãos, exclamou:

— Acabei de sentir as roupas de cama e elas ainda estão quentes, portanto creio que nosso inimigo não esteja longe. Decerto, escondeu-se em algum lugar da casa.

Muito entusiasmados com isso, os rônins renovaram sua busca. Na parte elevada da sala, perto do lugar de honra, havia uma pintura pendurada; tirando-a, viram que havia um grande buraco na parede de gesso, e, ao inserir uma lança lá, não encontraram nada no caminho. Um dos rônins, chamado Yazama Jiutarô, entrou no buraco e descobriu que do outro lado havia um pequeno pátio, onde situava-se um anexo para guardar carvão e lenha. Olhando o interior do anexo, ele avistou algo branco na outra extremidade, que espetou com sua lança, quando dois homens armados saltaram sobre ele e tentaram abatê-lo, mas ele os manteve longe de si até um de seus camaradas aparecer, matar um dos dois e enfrentar o outro, enquanto Jiutarô entrava no anexo e tateava com sua lança. Vendo novamente algo branco, o rônin o espetou com a lança e um

grito de dor revelou que era um homem; então, ele entrou e o homem de roupas brancas, que havia sido ferido na coxa, sacou uma adaga e desferiu um golpe contra ele. Mas Jiutarô arrancou-lhe a adaga e, agarrando-o pela gola, arrastou-o para fora do anexo.

O outro rônin se aproximou e os dois examinaram o prisioneiro com atenção, vendo que era um homem de aparência nobre, com cerca de sessenta anos, usando roupa de dormir de cetim branco, manchada com o sangue da ferida que Jiutarô havia infligido na coxa dele. Os dois se convenceram de que não era outro senão Kozuke no Suke e perguntaram-lhe seu nome, mas ele não respondeu; deram, então, o assobio combinado e todos os seus camaradas juntaram-se a eles. Oishi Kuranosuke, trazendo uma lanterna, examinou as feições do velho, e era de fato Kozuke no Suke; se houvesse necessidade de mais provas, ele ainda tinha uma cicatriz na testa onde o antigo mestre dos rônins, Asano Takumi no Kami, o havia ferido durante o tumulto no castelo. Não havendo possibilidade de engano, portanto, Oishi Kuranosuke ajoelhou-se e, dirigindo-se ao velho com grande respeito, disse:

— Meu senhor, somos os servidores de Asano Takumi no Kami. No ano passado, Sua Senhoria e nosso mestre brigaram no palácio, nosso mestre foi condenado ao haraquiri e sua família foi arruinada. Viemos esta noite para vingá-lo, como é o dever dos homens fiéis e leais. Peço que sua excelência reconheça a justiça de nosso propósito. E agora, meu senhor, pedimos que execute haraquiri. Eu mesmo terei a honra de atuar como seu assistente, e quando, com toda a humildade, tiver recebido a cabeça de Sua Senhoria, é minha intenção depositá-la como oferenda sobre o túmulo de Asano Takumi no Kami.

Assim, em consideração à alta posição de Kozuke no Suke, os rônins o trataram com a maior cortesia e pediram muitas vezes que executasse o haraquiri. Mas ele ficou agachado, trêmulo e sem palavras. Por fim, Kuranosuke, vendo que era inútil incentivá-lo a morrer a morte de um nobre, forçou-o a se abaixar e cortou-lhe a cabeça com a mesma adaga com que Asano Takumi no Kami havia se matado. Os quarenta e sete camaradas, exultantes por terem realizado seu plano, puseram a cabeça num balde e se prepararam para partir, mas, antes de sair da casa, tiveram o cuidado de apagar

todas as luzes e fogareiros, para que não ocorresse um incêndio acidental e os vizinhos sofressem.

Enquanto estavam a caminho de Takanawa, o subúrbio onde fica o templo chamado Sengakuji, o dia nasceu e as pessoas saíram das casas para ver os quarenta e sete homens, que, com as roupas e os braços ensanguentados, estavam com uma aparência terrível; todas os elogiaram, maravilhadas com sua coragem e fidelidade. Mas os rônins esperavam a todo momento que o sogro de Kozuke no Suke os atacasse e tomasse a cabeça do genro; por isso, prepararam-se para morrer corajosamente com a espada na mão. Contudo, chegaram a Takanawa em segurança, pois Matsudaira Aki no Kami, um dos dezoito principais daimios do Japão, em cuja casa Asano Takumi no Kami fora cadete, ficou muito satisfeito ao saber do que fizeram na noite anterior e se preparou para acudir os rônins caso fossem atacados. Portanto, o sogro de Kozuke no Suke não se atreveu a persegui-los.

Por volta das sete da manhã eles se aproximaram do palácio de Matsudaira Mutsu no Kami, o Príncipe de Sendai. Este, sabendo disso, mandou chamar um de seus conselheiros e disse:

— Os servidores de Takumi no Kami mataram o inimigo de seu senhor e estão passando por aqui. Não tenho palavras para expressar minha admiração por sua devoção; como eles devem estar cansados e famintos após a missão noturna, convide-os para entrar e sirva mingau e saquê para eles.

O conselheiro saiu e disse a Oishi Kuranosuke:

— Senhor, sou conselheiro do Príncipe de Sendai e, visto que os senhores devem estar exaustos depois de tudo por que passaram, meu mestre solicita que eu lhes peça: entrem e compartilhem nossa refeição, por mais pobre que seja. Esta é a mensagem de meu senhor.

— Agradeço-lhe, senhor — respondeu Kuranosuke. — É muita bondade de Sua Senhoria dar-se ao trabalho de pensar em nós. Estamos gratos e aceitaremos sua generosidade.

Os quarenta e sete rônins entraram no palácio e foram recebidos com mingau e saquê, e todos os servidores do Príncipe de Sendai vieram elogiá-los.

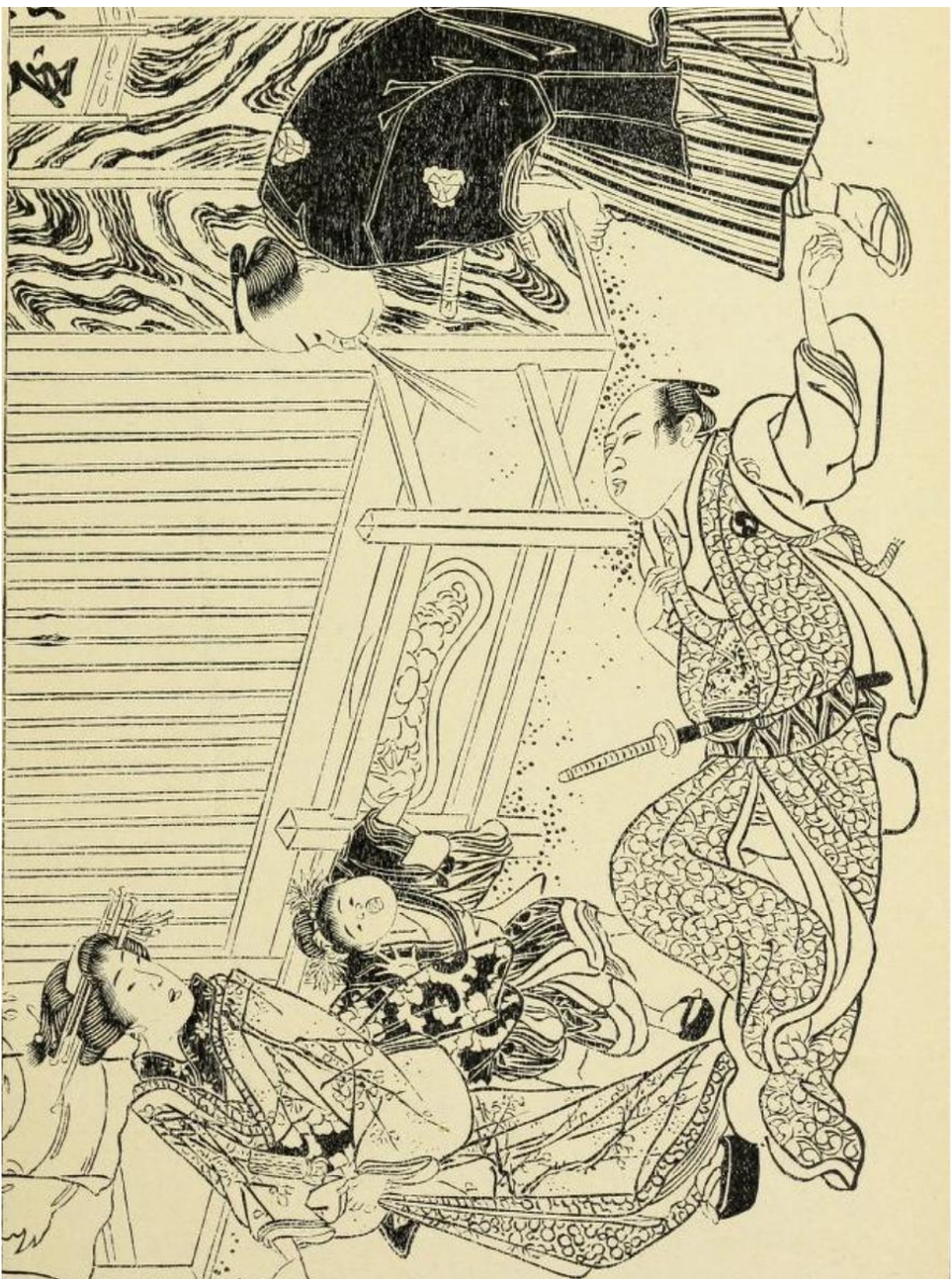
Então, Kuranosuke voltou-se para o conselheiro e disse:

— Estamos em dívida com o senhor por sua gentil hospitalidade, mas, como ainda temos que correr até Sengakuji, devemos humildemente pedir licença para nos retirar.

Depois de agradecer muitas vezes aos anfitriões, eles deixaram o palácio do Príncipe de Sendai e seguiram para Sengakuji, onde foram recebidos pelo abade do mosteiro, que foi até o portão da frente para encontrá-los e os conduziu até o túmulo de Takumi no Kami.

Quando chegaram à sepultura de seu senhor, pegaram a cabeça de Kozuke no Suke e, depois de lavá-la no poço próximo dali, depositaram-na como oferenda diante do túmulo. Tendo feito isso, incumbiram os sacerdotes do templo de ler orações enquanto acendiam incenso; primeiro Oishi Kuranosuke acendeu incenso, em seguida seu filho Oishi Chikara, depois os outros quarenta e cinco homens realizaram a mesma cerimônia. Então, Kuranosuke, tendo entregado todo o dinheiro que trazia ao abade, disse:

— Quando nós, os quarenta e sete, tivermos executado haraquiri, imploro que nos dê um enterro decente. Confio na sua bondade. Isto é apenas uma ninharia que tenho a oferecer; sendo assim, que seja usado em missas por nossas almas!



E o abade, impressionado com a coragem fiel dos homens, jurou, com lágrimas nos olhos, realizar sua vontade. Assim, os quarenta e sete rônins, de espírito apaziguado, esperaram com toda a paciência as ordens do governo.

Por fim, foram convocados ao Supremo Tribunal, onde os governadores de Yedo e os censores públicos se reuniram, e a sentença que receberam foi a seguinte:

— Considerando que, sem respeitar a dignidade da cidade nem temer o governo, tendo se unido para matar seu inimigo, vocês invadiram a casa de Kira Kozuke no Suke à noite e o assassinaram, a sentença do Tribunal é que, por esse ato insolente, vocês executem haraquiri.

Depois que a sentença foi lida, os quarenta e sete rônins foram divididos em quatro grupos e entregues à custódia de quatro daimios, e xerifes foram mandados aos palácios desses senhores, em cuja presença os rônins foram forçados a executar haraquiri. Mas, desde o início, todos eles haviam decidido que este seria seu fim e encararam a morte com nobreza. Seus cadáveres foram levados para Sengakuji e enterrados em frente ao túmulo de seu mestre, Asano Takumi no Kami. Quando a notícia se espalhou, o povo se reuniu para rezar perante os túmulos desses homens fiéis.

Entre aqueles que vieram rezar estava um homem de Satsuma, que, prostrando-se diante do túmulo de Oishi Kuranosuke, disse:

— Quando o vi bêbado e deitado na rua em Yamashina, em Quioto, não sabia que você planejava vingar seu senhor, e, pensando que era um homem desleal, pisei em você e cuspi no seu rosto. Agora vim pedir perdão e oferecer compensação pela ofensa do ano passado.

Com essas palavras, ele se prostrou novamente diante do túmulo e, tirando uma adaga do cinto, cravou-a na barriga e morreu. E o sumo sacerdote do templo, apiedando-se dele, o enterrou ao lado dos rônins. Seu túmulo ainda está lá com os dos quarenta e sete camaradas.

E este é o fim da história dos quarenta e sete rônins.

• • •

O retrato terrível de um heroísmo feroz que é impossível não admirar. Na mente dos japoneses, essa admiração é genuína e, portanto, os quarenta e sete rônins recebem honrarias quase divinas. Mãos piedosas ainda cobrem seus túmulos com ramos verdes e acendem incenso sobre eles; as roupas e as armas que usavam estão preservadas com todo o cuidado num depósito à prova de fogo anexado ao templo, e exibidas todos os anos para multidões admiradas que as contemplam, provavelmente, com veneração menor apenas do que a dedicada às relíquias de Aix-la-Chapelle ou Trêves; e uma vez a cada sessenta anos os monges de Sengakuji recebem boas provisões para o templo ao realizar uma feira ou festival comemorativo em que o povo se reúne durante quase dois meses.

Uma vez, uma chave de prata deixou-me entrar para fazer uma inspeção particular das relíquias. Fomos levados, meu amigo e eu, a um recinto nos fundos do templo espaçoso, com vista para um daqueles maravilhosos jardins em miniatura, habilmente adornado com rochas e árvores anãs, de que os japoneses tanto gostam. Uma a uma, caixas etiquetadas e indexadas contendo os preciosos artigos foram trazidas e abertas pelo sumo sacerdote. Que mistura curiosa de trapos velhos e restos de metal e madeira! As armaduras caseiras de cota de malha, compostas por pedaços de couro unidos por peças de ferro, testemunham o sigilo com que os rônins se prepararam para a luta. Comprar armaduras teria chamado a atenção, então eles as fabricaram com as próprias mãos. Sobrevestes velhas e devoradas por traças, pedaços de capacetes, três flautas, um estojo de caligrafia que já devia ser antigo na época da tragédia e agora está caindo aos pedaços; calças esfarrapadas do que antes era um rico brocado de seda, agora todo desfiado; retalhos de couro, parte de uma velha manopla, emblemas e símbolos, pedaços de cabos de espadas, pontas de lanças e adagas, estas totalmente avermelhadas de ferrugem, mas com certas partes mais manchadas que o restante, como se os coágulos fatais de sangue nunca pudessem se apagar. Tudo isso foi-nos mostrado com reverência. Entre a confusão e os fragmentos havia vários documentos, amarelados pelo tempo e muito gastos nas dobras. Um deles era uma planta da casa de Kozuke no Suke, que

um dos rônins obteve ao se casar com a filha do construtor que a projetou. Três dos manuscritos me pareceram tão curiosos que consegui autorização para copiá-los.

O primeiro é o recibo dado pelos servidores do filho de Kozuke no Suke em troca da cabeça do senhor de seu pai, que os sacerdotes devolveram à família, e diz o seguinte:

“Memorando:

Item. Uma cabeça.

Item. Um embrulho de papel.

Reconhecemos que os artigos acima foram recebidos.

Assinado, SAYADA MAGOBELI. (*Loc. sigill.*)

SAITÔ KUNAI. (*Loc. sigill.*)

Aos sacerdotes encarregados do Templo Sengakuji,

Sua Reverência SEKISHI,

Sua Reverência ICHIDON.”

O segundo é um documento explicativo de sua conduta, uma cópia do que foi encontrado em posse de cada um dos quarenta e sete homens:

“No ano passado, no terceiro mês, Asano Takumi no Kami, por ocasião da recepção do embaixador imperial, foi levado, por força das circunstâncias, a atacar e ferir meu senhor Kozuke no Suke no castelo, a fim de vingar uma ofensa dirigida a ele. Tendo feito isso sem levar em consideração a dignidade do lugar e, portanto, desrespeitando todas as regras de decore, ele foi condenado ao haraquiri, e sua propriedade e o Castelo de Akô foram confiscados pelo Estado e entregues por seus servidores ao oficiais encarregados pelo xogum de recebê-los. Depois disso, todos os seus seguidores se dispersaram. Na hora da contenda, os altos oficiais presentes impediram Asano Takumi no Kami de levar a cabo a intenção de matar seu inimigo, meu senhor Kozuke no Suke. Assim, Asano Takumi no Kami morreu sem ter se vingado, e isso foi insuportável para seus seguidores. É impossível permanecer debaixo do mesmo céu que o inimigo do senhor ou pai; por essa razão, ousamos declarar inimizade contra uma pessoa de posição tão elevada. Hoje atacaremos Kira Kozuke no Suke a fim de terminar o ato de vingança que foi iniciado por nosso senhor morto.

Se alguma pessoa honrada encontrar nossos corpos após a morte, convidamo-la respeitosamente a abrir e ler este documento.

15º ano de Genroku, 12º mês.

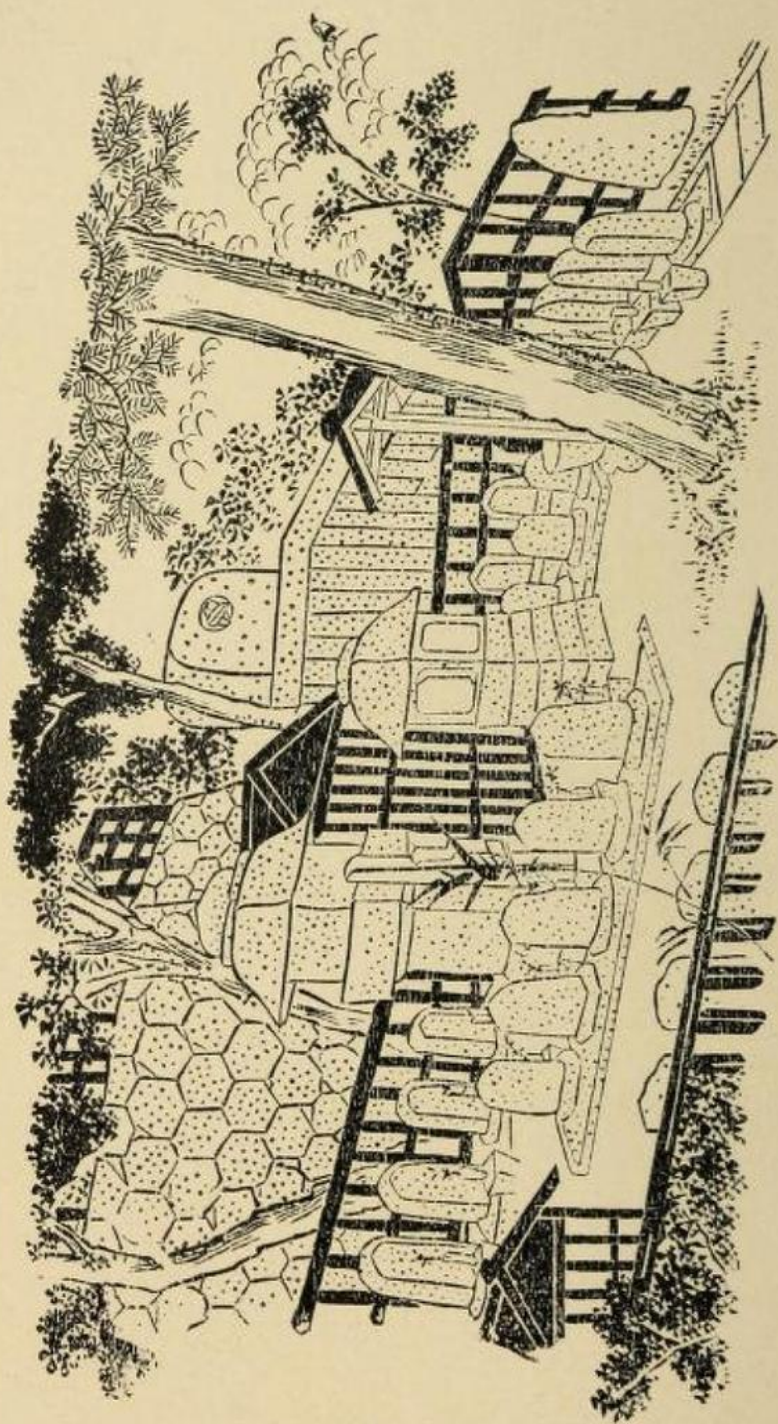
Assinado, OISHI KURANOSUKE, servidor de Asano
Takumi no Kami e outros quarenta e seis homens.”^[11]

O terceiro manuscrito é um documento que os quarenta e sete rônins deixaram sobre o túmulo de seu mestre, com a cabeça de Kira Kozuke no Suke:

“O 15º ano de Genroku, o 12º mês e o 15º dia. Viemos aqui hoje prestar-lhe homenagem, quarenta e sete homens ao todo, de Oishi Kuranosuke ao soldado de infantaria Terasaka Kichiemon, todos felizes em sacrificar nossas vidas pelo senhor. Anunciamos isso com reverência ao espírito honrado de nosso mestre falecido. No 14º dia do 3º mês do ano passado, nosso ilustre senhor teve o prazer de atacar Kira Kozuke no Suke; por que razão, não sabemos. Nosso honrado mestre pôs fim à própria vida, mas Kira Kozuke no Suke sobreviveu. Embora receemos que após o decreto emitido pelo Governo esta nossa trama desagrade ao nosso honrado mestre, ainda assim, nós, que comemos de sua comida, não poderíamos repetir sem vergonha o verso ‘Não viverás debaixo do mesmo céu nem pisarás a mesma terra que o inimigo de teu pai ou senhor’, nem nos atreveríamos a deixar o inferno e nos apresentar diante do senhor no paraíso, a menos que concluíssemos a vingança que o senhor começou. Cada dia que esperávamos era como três outonos para nós. Em verdade, pisamos a neve somente por um dia, não, por dois dias, e provamos a comida apenas uma vez. Os velhos e decrépitos, os enfermos e aflitos vieram entregar suas vidas alegremente. Os outros podem rir de nós, como se fôssemos gafanhotos confiando na força de suas patas, e assim envergonhar nosso honrado senhor; mas não podíamos nos deter em nosso ato de vingança. Depois de nos reunirmos na noite passada, escoltamos meu senhor Kozuke no Suke até o seu túmulo. Esta adaga^[12], à qual nosso honrado senhor deu grande valor no ano passado, e foi confiada aos nossos cuidados, trazemos de volta. Se agora o seu nobre espírito estiver presente diante deste túmulo, pedimos, como sinal, que pegue a adaga e, golpeando a

cabeça do seu inimigo pela segunda vez, dissipe seu ódio para sempre. Esta é a respeitosa declaração de quarenta e sete homens.”

O texto “Não viverás debaixo do mesmo céu que o inimigo de teu pai” é baseado nos livros confucionistas. O dr. Legge, em seu *Life and Teachings of Confucius*, p. 113, tem um parágrafo interessante que resume a doutrina do sábio sobre a questão da vingança:



THE TOMBS OF THE RONINS.

“No segundo livro do *Le Ke* há a seguinte passagem: ‘Com o assassino de seu pai, um homem não pode viver debaixo do mesmo céu; contra o assassino de seu irmão, um homem nunca deve ter que voltar para casa para buscar uma arma; com o assassino de seu amigo, um homem não pode viver no mesmo Estado.’. A *lex talionis* é aqui apresentada em toda a sua amplitude. O *Chow Le* nos fala de uma recomendação contra as más consequências do princípio pela nomeação de um ministro chamado ‘o Reconciliador’. A recomendação é muito inferior às cidades de refúgio que Moisés indicou ao homicida para fugir da fúria do vingador. Seja como for, porém, ela existiu, e é notável que Confúcio, quando consultado a respeito do assunto, não o percebera, mas tenha afirmado o dever da vingança de sangue nos termos mais enérgicos e irrestritos. Seu discípulo, Tsze Hea, perguntou-lhe: ‘O que se deve fazer no caso do assassinato do pai ou da mãe?’. E ele respondeu: ‘O filho deve dormir numa esteira de capim tendo o escudo por travesseiro; deve se recusar a assumir um cargo; não deve viver debaixo do mesmo céu que o assassino. Quando o encontrar no mercado ou no tribunal, deve estar com a arma pronta para atacá-lo’. ‘E o que se deve fazer no caso do assassinato de um irmão?’ ‘O irmão sobrevivente não deve assumir nenhum cargo no mesmo Estado que o assassino; porém, se ele for a serviço de seu príncipe ao Estado onde o assassino está, embora o encontre, não deve lutar com ele.’ ‘E o que se deve fazer no caso do assassinato de um tio ou primo?’ ‘Nesse caso, o sobrinho ou primo não é o encarregado. Se o encarregado, a quem cabe a vingança, puder realizá-la, ele só precisa pôr-se atrás dele com a arma na mão e apoiá-lo.’”

Acrescentarei uma anedota para demonstrar a santidade associada aos túmulos dos Quarenta e Sete. No mês de setembro de 1868, certo homem veio rezar diante do túmulo de Oishi Chikara. Tendo terminado suas orações, executou decididamente o haraquiri^[13], e, como o ferimento na barriga não foi mortal, liquidou-se cortando a própria garganta. Com seu corpo foram encontrados documentos declarando que, sendo rônin e não tendo meios de ganhar a vida, ele havia pedido para fazer parte do clã do Príncipe de Chôshiu, que considerava o clã mais nobre do reino; recusado o pedido, não lhe restava nada senão morrer, pois ser rônin era

detestável para ele e não aceitaria servir a nenhum senhor que não o Príncipe de Chôshiu. Que lugar mais adequado poderia encontrar para dar fim à própria vida que o cemitério daqueles valentes? Isso aconteceu a aproximadamente cento e oitenta metros de minha casa, e, quando vi o lugar, uma ou duas horas depois, o solo estava todo respingado de sangue e alvoroçado pelos últimos movimentos do homem.

1906 H. G. WELLS

A porta no muro

SÉRIE CONTOS
FANTÁSTICOS
SOCIEDADE DAS
RELÍQUIAS
LITERÁRIAS

TRADUÇÃO
DE REGIANE
WINARSKI



(SRL)

A porta no muro

H. G. Wells

1906

I

Numa noite de confidências, menos de três meses atrás, Lionel Wallace me contou esta história da Porta no Muro. Na ocasião, achei que, para ele, a história fosse real.

Ele a contou com uma convicção tão simples e direta que não pude deixar de acreditar. Mas, de manhã, no meu apartamento, acordei num ambiente diferente, e, enquanto ainda estava deitado na cama e lembrava as coisas que ele tinha me contado, agora sem o glamour da voz sincera e lenta, desprovidas da iluminação fraca do abajur, da atmosfera irreal que o envolvia e de coisas agradáveis como a sobremesa, os copos e os guardanapos do nosso jantar, que tornavam tudo um mundinho reluzente e distante das realidades cotidianas, passei a ver a história como simplesmente inacreditável.

— Ele me iluiu! — falei, e depois: — E como fez isso bem!... Não é o tipo de coisa que eu esperaria que logo ele fizesse bem.

Depois, quando me sentei na cama e tomei meu chá matinal, comecei a tentar entender o tom de realidade que me deixou perplexo nas reminiscências impossíveis, supondo que de alguma forma sugerissem, apresentassem, transmitissem (nem sei que palavra usar) experiências que eram impossíveis de relatar.

Bem, não recorro a essa explicação agora. Já superei minhas dúvidas. Acredito agora, como acreditei no momento em que a

história foi contada, que Wallace se esforçou ao máximo para revelar a verdade do segredo dele para mim. Mas, se ele mesmo via, ou se só achava que via, se era dono de um privilégio inestimável ou se era vítima de um sonho fantástico, não posso nem fingir que sei. Mesmo os fatos da morte dele, que acabaram com minhas dúvidas de vez, não esclarecem isso. É algo que o leitor vai ter que julgar por si mesmo.

Não lembro agora que comentário ou crítica minha levou um homem tão reticente a se confidenciar a mim. Acho que estava se defendendo de uma acusação de indolência e falta de confiabilidade que eu tinha feito em relação a um grande movimento público no qual ele havia me decepcionado. Mas ele declarou de repente:

— Tenho uma preocupação...

Depois de uma pausa que dedicou à observação da cinza do charuto, ele continuou:

— Sei que fui negligente. O fato é que... não é um caso de fantasmas e nem de aparições... mas... é uma coisa estranha de contar, Redmond... Eu sou assombrado. Sou assombrado por uma coisa... que tira a luz das coisas, me enche de desejos...

Ele fez uma pausa, carregada daquela timidez inglesa que tanto nos assola quando falamos de coisas comoventes, graves ou lindas.

— Você estava em Saint Athelstan o tempo todo — disse ele, e por um momento isso me pareceu bem irrelevante. — Bem.

Fez uma pausa. Com hesitação no começo e depois com mais facilidade, começou a contar sobre a coisa que estava escondida na vida dele, sobre a lembrança fantasma de uma beleza e uma felicidade que enchiam seu coração de desejos insaciáveis que faziam todos os interesses e espetáculos da vida mundana parecerem insípidos, tediosos e inúteis para ele.

Agora que sei mais, a coisa parece escrita visivelmente na cara dele. Tenho uma fotografia na qual aquela expressão de indiferença foi capturada e intensificada. Lembra o que uma mulher disse sobre ele uma vez, uma mulher que o amou muito. “De repente”, disse ela, “o interesse dele desaparece. Ele se esquece de você. Não se importa nem um pouco com você, que está bem debaixo do nariz dele...”

Mas o interesse não estava sempre ausente em Wallace, e, quando estava prestando atenção a alguma coisa, ele podia parecer um homem extremamente bem-sucedido. Sua carreira é de fato feita de sucessos. Ele me ultrapassou muito tempo atrás; alçou posições muito acima da minha e conquistou um espaço no mundo que eu não conseguiria. Ainda faltava um ano para ele completar quarenta e dizem agora que ele estaria no governo e muito provavelmente no novo Gabinete se estivesse vivo. Na escola, ele sempre me superava sem esforço algum, como se pela própria natureza. Estudamos juntos no Colégio Saint Athelstan, em West Kensington, durante quase todos os anos letivos. Ele entrou na escola como meu semelhante, mas terminou bem acima de mim, numa explosão de bolsas de estudo e desempenho brilhante, embora eu ache que meu rendimento foi bem razoável. E foi na escola que ouvi falar pela primeira vez da Porta no Muro, sobre a qual ouviria pela segunda vez somente um mês antes da morte dele.

Para ele, pelo menos, a Porta no Muro era uma porta de verdade que levava de um muro real a realidades imortais. Disso, agora tenho certeza.

E apareceu na vida dele cedo, quando ele era um garotinho de 5 ou 6 anos. Lembro como, enquanto fazia suas confidências com uma seriedade lenta, ele refletiu e admitiu a data.

— Havia hera-americana vermelha nela, um tom carmim vibrante e uniforme ao sol âmbar num muro branco. Apareceu de repente, embora eu não lembre bem como, e havia folhas de castanheira-da-índia no chão limpo na frente da porta verde. Estavam com manchas amarelas e verdes, sabe, não marrons nem sujas. Deviam ter acabado de cair. Acho que deve significar que era outubro. Eu procuro folhas de castanheiro-da-índia todos os anos e as conheço bem.

“Se estiver certo a respeito disso, eu tinha 5 anos e 4 meses de idade.”

Ele disse que era um garotinho precoce: aprendeu a falar absurdamente cedo e era tão são e “antiquado”, como as pessoas dizem, que tinha permissão para tomar iniciativas que a maioria das crianças não tem aos 7 nem aos 8 anos. Sua mãe morreu quando

ele nasceu, e por isso ficou sob os cuidados menos vigilantes e autoritários de uma governanta. Seu pai era um advogado severo e ocupado, que lhe dava pouca atenção e esperava grandes coisas dele. Com toda a sua inteligência, acredito que ele achava a vida meio cinzenta e enfadonha. Um dia, ele saiu vagando.

Não lembrava qual foi a negligência que permitiu que ele saísse, nem o rumo que tomou nas ruas de West Kensington. Tudo isso desapareceu em meio aos borrões incuráveis da memória. Mas o muro branco e a porta verde se destacavam de forma distinta.

No desenrolar da lembrança daquela experiência infantil remota, ele sentiu uma emoção peculiar na primeira vez que viu a porta. Foi uma atração, um desejo de alcançá-la, abri-la e entrar. Ao mesmo tempo, teve a convicção clara de que era imprudente ou errado (não sabia bem qual das duas opções) ceder a essa atração. Insistiu que era curioso ter percebido desde o comecinho, a não ser que sua memória estivesse lhe pregando uma peça, que a porta estava destrancada, que ele poderia entrar se quisesse.

Quase consigo ver o garotinho, atraído e repellido ao mesmo tempo. E também estava bem claro na mente dele, embora o motivo jamais tenha sido explicado, que o pai ficaria furioso se ele entrasse pela porta.

Wallace descreveu todos os momentos de hesitação com minuciosos detalhes. Ele passou em frente à porta e, com as mãos nos bolsos, fazendo uma tentativa infantil de assobiar, foi até o fim do muro. Lembrava-se de uma variedade de lojas comuns e sujas e principalmente de um encanador e pintor, com uma variedade poeirenta de canos de cerâmica, torneiras de chumbo, amostras de papel de parede e latas de tinta. Ele parou e fingiu examinar essas coisas, desejando secreta e apaixonadamente a porta verde.

Ele contou que teve um ímpeto de emoção. Saiu correndo para que a hesitação não se apossasse dele novamente, atravessou com a mão esticada a porta verde e deixou que se fechasse ao passar. E assim, num instante, foi parar no jardim que assombrou toda a sua vida.

Foi muito difícil para Wallace expressar sua compreensão do jardim no qual tinha ido parar.

Havia algo no ar de lá que inspirava euforia, que dava uma sensação de leveza e coisas boas e bem-estar; havia algo na visão que deixava todas as cores limpas e perfeitas e sutilmente luminosas. No momento em que entrou, o sentimento foi de uma felicidade intensa... como só acontece em raros momentos e quando se é jovem e cheio de vida e se pode ficar feliz neste mundo. E tudo era lindo lá...

Wallace parou para refletir antes de continuar contando.

— Sabe — disse ele com a inflexão cheia de dúvidas de um homem que se detém diante das coisas incríveis —, havia duas onças enormes lá... Sim, onças-pintadas. E não senti medo. Havia um caminho longo e amplo com canteiros de mármore cheios de flores dos dois lados, e esses dois animais enormes de pelo aveludado estavam brincando ali com uma bola. Um olhou e veio na minha direção, parecendo muito curioso. Aproximou-se de mim, roçou a orelha redonda e macia com muita delicadeza na mãozinha que estiquei e ronronou. Estou dizendo, era um jardim encantado. Eu sei. E o tamanho? Ah! Prolongava-se para a frente e para os lados, para lá e para cá. Acredito que havia colinas ao longe. Só Deus sabia onde West Kensington tinha ido parar de repente. E, de alguma forma, foi como ir para casa.

“No momento em que a porta se fechou atrás de mim, esqueci a rua com as folhas caídas, os táxis e carrinhos de comerciantes, esqueci o tipo de atração gravitacional para a disciplina e a obediência de casa, esqueci todas as hesitações e medos, esqueci a discrição, esqueci todas as realidades íntimas desta vida. Em um momento, me tornei um garotinho muito feliz e maravilhado... em outro mundo. Era um mundo com atributos diferentes, uma luz mais calorosa, mais penetrante e suave, com uma felicidade clara e leve no ar e fios de nuvens tocadas pelo sol no azul do céu. À minha frente, havia um caminho longo e amplo, convidativo, com canteiros sem ervas daninhas dos dois lados, carregados de flores sem poda, e as duas onças enormes. Passei as mãos sem medo no pelo macio e acariciei as orelhas redondas e os cantos sensíveis embaixo das orelhas e brinquei com elas e pareceu que me davam as boas-vindas ao lar. Havia uma sensação clara de volta para o lar na minha mente, e, quando uma garota alta e loura apareceu no

caminho e veio falar comigo, sorrindo, e disse “E então?”, me pegou no colo, me beijou, me pôs no chão e me pegou pela mão, não houve surpresa, mas só uma impressão de certeza prazerosa, de ser lembrado de coisas felizes que tinham sido, estranhamente, deixadas de lado. Havia degraus largos, lembro bem, que apareceram entre galhos de delfínios, e subindo por eles chegamos a uma grande alameda entre árvores muito velhas e escuras. Por toda essa alameda, entre os troncos vermelhos e sulcados, havia assentos de honra e estátuas de mármore, e pombas brancas muito mansas e amistosas...

“E por toda essa alameda a minha amiga me levou, olhando para baixo — eu me lembro dos traços agradáveis, do queixo delicado no rosto doce e gentil —, ... me fazendo perguntas com uma voz baixa e simpática, e contando coisas, coisas agradáveis, eu sei, embora o que eram eu nunca tenha conseguido lembrar... E, de repente, um macaquinho-prego, muito limpo, com pelo castanho-avermelhado e olhos dóceis cor de mel, desceu de uma árvore até nós e correu ao meu lado, olhando para mim e sorrindo, e pulou no meu ombro. Nós seguimos com grande felicidade...”

Ele fez uma pausa.

— Continue — falei.

— Eu me lembro de pequenas coisas. Passamos por um velho meditando entre louros, lembro bem, e por um lugar animado com periquitos, e percorremos uma colunata ampla e sombreada até chegarmos a um palácio espaçoso e fresco, cheio de chafarizes agradáveis, de coisas lindas, dos atributos e das promessas do desejo de um coração. E havia muitas coisas e muitas pessoas, algumas que ainda parecem se destacar com clareza e outras indistintas, mas todas eram lindas e gentis. De certa forma, não sei como, entendi que todas eram gentis comigo, que estavam felizes por eu estar lá, e me encheram de alegria com seus gestos, com o toque de suas mãos, com o acolhimento e o amor em seus olhos. Sim...

Ele refletiu por um tempo.

— Encontrei amigos lá. Isso significou muito para mim, porque eu era um garotinho solitário. As pessoas estavam se entretendo

com jogos divertidos numa quadra coberta de grama onde havia um relógio de sol enfeitado de flores. E, nas brincadeiras, havia amor...

“Mas... é estranho. Há uma lacuna na minha memória. Não me lembro do que brincamos. Nunca lembrei. Depois, quando criança, passei horas tentando, mesmo às lágrimas, recordar a forma daquela felicidade. Eu queria reviver as brincadeiras, no meu quartinho de brinquedos, sozinho. Não! Só lembro a felicidade e os dois amigos que ficaram mais comigo... E de repente apareceu uma mulher morena e sombria, com rosto sério e pálido e olhos sonhadores, uma mulher sombria usando um vestido longo e macio de um tom claro de roxo, carregando um livro, que fez sinal para mim e me levou com ela até a galeria acima de um salão... embora meus amigos tivessem ficado contrariados ao me ver partir, parando o jogo e olhando enquanto eu era levado. ‘Volte para nós!’, exclamaram eles. ‘Volte para nós logo!’ Olhei para o rosto da mulher, mas ela não deu atenção a eles. Sua expressão era muito gentil e séria. Ela me levou até um banco na galeria e fiquei imóvel ao seu lado, pronto para olhar o livro quando ela o abriu sobre o joelho. As páginas se abriram. Ela apontou e eu olhei, impressionado, pois, nas páginas vivas daquele livro, eu me vi; era uma história sobre mim, e nela havia todas as coisas que tinham acontecido comigo desde que nasci...

“Foi maravilhoso para mim porque as páginas daquele livro não traziam desenhos, entende, mas realidades.”

Wallace fez uma pausa séria e me olhou com dúvida.

— Continue — pedi. — Eu entendi.

— Eram realidades... sim, deviam ser; as pessoas se mexiam e as coisas iam e vinham nelas. Minha querida mãe, que eu quase tinha esquecido; meu pai, severo e honrado, os criados, meu quarto e todas as coisas familiares de casa. A porta da frente e as ruas movimentadas, com trânsito para lá e para cá. Olhei e fiquei impressionado, mas olhei com certa dúvida, de novo, para o rosto da mulher e virei as páginas, pulando isso e aquilo, para ver mais do livro, e mais, até que enfim cheguei a mim parado e hesitante em frente à porta verde no muro branco e comprido e senti mais uma vez o conflito e o medo.

“‘E depois?’, perguntei, e teria virado a página, mas a mão fria da mulher séria me segurou.

“‘Depois?’, insisti, e lutei delicadamente com a mão dela, levantando seus dedos com toda a minha força infantil, e, quando ela cedeu e a página virou, ela se inclinou na minha direção como uma sombra e beijou a minha testa.

“Mas a página não mostrava o jardim encantado, nem as onças, nem a garota que me levara pela mão, nem os amigos de brincadeira que relutaram tanto em me deixar partir. Mostrava uma rua comprida e cinzenta em West Kensington, naquela hora fria da tarde antes de todos os postes se acenderem, e eu estava lá, uma figurinha lamentável, chorando alto, incapaz de me controlar, e chorava porque não podia voltar aos meus queridos companheiros de brincadeira que gritaram para mim: ‘Volte para nós! Volte para nós logo!’. Eu estava lá. Aquilo não era a página de um livro, mas a dura realidade; aquele lugar encantado e a mão controladora da mãe séria junto a quem fiquei tinham sumido. Para onde tinham ido?”

Ele parou de novo e ficou mudo por um tempo, olhando para o fogo.

— Ah! A infelicidade daquele retorno! — murmurou ele.

— E depois? — perguntei depois de um minuto.

— Que pobre coitado infeliz eu fiquei, trazido de volta a este mundo cinzento! Quando me dei conta da totalidade do que tinha acontecido comigo, fui tomado por uma dor incontrolável. E a vergonha e a humilhação daquele choro em público e do meu retorno maldito ainda estão dentro de mim. Vejo novamente o velho cavalheiro de aparência benevolente e óculos dourados que parou e falou comigo, primeiro, me cutucando com o guarda-chuva. “Pobrezinho”, disse ele. “Está perdido?” E eu, um garoto de Londres de 5 anos! E ele chamou um jovem policial gentil e uma multidão se formou ao meu redor e me levou para casa. Chorando, exposto e assustado, fui do jardim encantado para os degraus da casa do meu pai.

“Isso é o melhor que consigo me lembrar da minha visão daquele jardim, o jardim que ainda me assombra. Claro que não sou capaz de transmitir a qualidade indescritível de irreabilidade translúcida,

aquela diferença das coisas comuns da experiência que permeava tudo; mas isso... isso foi o que aconteceu. Se foi um sonho, tenho certeza de que foi um sonho acordado e extraordinário... Hum! Naturalmente, em seguida veio um interrogatório horrível, da minha tia, do meu pai, da babá, da governanta, de todo mundo...

“Tentei contar para eles, e meu pai me deu minha primeira sova por mentir. Quando tentei contar para minha tia depois, ela me puniu de novo pela minha insistência imoral. Depois, como falei, todo mundo ficou proibido de me ouvir, de ouvir uma palavra sobre o acontecido. Até meus livros de contos de fadas foram tirados de mim por um tempo... porque eu ‘fantasiava demais’. Hã? Sim, fizeram isso mesmo! Meu pai era antiquado... E minha história foi sufocada dentro de mim. Eu a sussurrei para meu travesseiro, um travesseiro que costumava ficar úmido e salgado devido a meus lábios murmurando entre lágrimas infantis. E acrescentei às minhas orações oficiais e cada vez menos fervorosas um pedido de coração: ‘Deus, por favor, que eu possa sonhar com o jardim. Ah! Me leve de volta ao meu jardim! Me leve de volta ao meu jardim!’

“Sonhei muitas vezes com o jardim. Posso ter ampliado a lembrança, posso tê-la modificado; não sei... Você entende que tudo isso é uma tentativa de reconstruir uma experiência muito precoce a partir de lembranças fragmentadas. Entre isso e as outras recordações consecutivas da minha infância, há um abismo. Houve uma época em que pareceu impossível para mim voltar a falar daquele maravilhoso vislumbre.”

Fiz uma pergunta óbvia.

— Não — disse ele. — Não me lembro de ter tentado voltar para o jardim naquela época de infância. Parece estranho agora, mas acho que é bem possível que meus movimentos tenham passado a ser vigiados com atenção depois da minha desventura, para impedir que eu me perdesse de novo. Não, só depois que você já me conhecia foi que tentei reencontrar o jardim. E acredito que tenha havido um período, por incrível que pareça agora, quando me esqueci completamente do jardim... Deve ter sido quanto eu tinha uns 8 ou 9 anos. Você se lembra de mim criança, em Saint Athelstan?

— Claro!

— Não dei sinais naquela época de ter um sonho secreto, dei?

II

Ele olhou para mim com um sorriso repentino.

— Você já brincou de Passagem do Noroeste comigo?... Não, você não fazia o mesmo caminho que eu!

Ele continuou:

— Era o tipo de jogo que toda criança criativa faz o dia todo. A ideia era a descoberta de uma passagem noroeste para a escola. O caminho para a escola era bem simples; o jogo consistia em encontrar um caminho que não fosse simples, saindo dez minutos mais cedo numa direção qualquer, quase impossível, e seguindo por ruas desconhecidas até meu objetivo. E, num dia, me meti numas ruas de classe baixa do outro lado de Campden Hill e comecei a achar que, pela primeira vez, o jogo me venceria e eu chegaria atrasado à escola. Tentei desesperadamente seguir por uma rua que parecia não ter saída e encontrei uma passagem no final. Corri por lá com esperança renovada. “Pode ser que eu consiga”, pensei, e passei por uma fileira de lojinhas imundas que eram inexplicavelmente familiares e, ora! Lá estava meu muro branco e comprido e a porta verde que levava ao jardim encantado!

“A visão me pegou de surpresa. Afinal, aquele jardim, aquele jardim maravilhoso, não era sonho!...”

Ele fez uma pausa.

— Acho que minha segunda experiência com a porta verde marca o mundo de diferença que existe entre a vida ocupada de um estudante e o lazer infinito de uma criança pequena. Nessa segunda vez, não pensei nem por um momento em entrar naquele hora. É que... Primeiro, minha mente estava tomada pela ideia de chegar à escola na hora, determinada a não quebrar meu recorde de pontualidade. Eu devo ter sentido ao menos um desejo de experimentar a porta. Sim, devo ter sentido isso... Mas acho que me lembro da atração da porta mais como outro obstáculo à minha determinação dominante de chegar à escola. Fiquei imediatamente interessado na descoberta que tinha feito, claro, segui com a cabeça tomada por ela, mas fui para a escola. A porta não me deteve.

Passei correndo, olhando o relógio, vi que me sobravam dez minutos e desci a ladeira até um ambiente conhecido. Cheguei à escola, sem fôlego, é verdade, e molhado de suor, mas na hora. Lembro-me de pendurar o casaco e o chapéu... Passei direto pela porta e a deixei para trás. Estranho, não é?

Ele me olhou, pensativo.

— Claro que eu não sabia, na ocasião, que a porta nem sempre estaria lá. Os estudantes têm imaginação limitada. Acho que eu pensava que era ótimo ela estar lá, eu saber como chegar a ela, mas a escola estava me chamando. Devo ter ficado bem distraído e desatento naquela manhã, lembrando o que conseguia das pessoas lindas e estranhas que eu logo voltaria a ver. Estranhamente, eu não tinha dúvida de que elas ficariam felizes em me ver... Sim, devo ter pensado no jardim naquela manhã como o tipo de lugar alegre ao qual alguém poderia recorrer nos interlúdios de uma carreira estudantil extenuante.

“Não voltei naquele dia. O dia seguinte era de folga parcial e isso talvez tenha me influenciado. Talvez meu estado de desatenção também tenha gerado cobranças sobre mim e consumido a margem de tempo necessária para o desvio de caminho. Não sei. O que sei é que, nesse intervalo, o jardim encantado ficou tanto na minha mente que não consegui guardá-lo só para mim.

“Eu contei... Qual era o nome dele? Um jovem com aparência de furão que a gente chamava de Squiff.”

— O jovem Hopkins — falei.

— Hopkins, isso mesmo. Não gostei de contar para ele, tive uma sensação de que era contra as regras contar, mas contei. Ele fez parte do caminho de volta para casa comigo; era falante, e, se não tivéssemos conversado sobre o jardim encantado, teríamos falado sobre outra coisa, e era intolerável para mim pensar em qualquer outro assunto. Por isso, falei.

“Bom, ele contou meu segredo. No dia seguinte, no recreio, me vi cercado de seis garotos maiores, me provocando um pouco e muito curiosos para ouvir mais sobre o jardim encantado. Tinha aquele grandalhão, Fawcett, se lembra dele? E também Carnaby e Morley Reynolds. Você não estava lá, por acaso? Não, acho que eu lembraria se você estivesse...”

“Um menino é uma criatura de sentimentos estranhos. Acredito de verdade que fiquei, apesar da minha repulsa secreta por mim mesmo, meio lisonjeado de ter a atenção daqueles garotos grandes. Lembro especialmente um momento de prazer causado pelo elogio de Crawshaw... Lembra-se de Crawshaw, filho do compositor Crawshaw? Ele disse que era a melhor mentira que já tinha ouvido. Mas, ao mesmo tempo, senti uma pontada dolorosa de vergonha pela revelação do que eu acreditava que era mesmo um segredo sagrado. Aquele animal do Fawcett fez uma piada sobre a garota de verde...”

A voz de Wallace ficou mais baixa com a lembrança daquela vergonha.

— Eu fingi não ouvir — disse ele. — Então, Carnaby me chamou de repente de menino mentiroso e duvidou de mim quando falei que era verdade. Eu disse que sabia onde ficava a porta verde e que podia levar todos até lá em dez minutos. Carnaby bancou o virtuoso e disse que eu teria que fazer isso mesmo... e confirmar minhas palavras ou sofrer as consequências. Carnaby já torceu seu braço? Talvez você entenda então como foi comigo. Jurei que minha história era verdade. Não havia ninguém na escola para salvar um garoto do Carnaby, apesar de Crawshaw ter protestado. Carnaby estava como gostava. Fiquei animado e corado, além de um pouco assustado. Me comportei como um idiota e o resultado de tudo foi que, em vez de ir sozinho para o meu jardim encantado, fui na frente, com bochechas vermelhas, orelhas quentes, olhos atentos e minha alma ardendo de infelicidade e vergonha, de um grupo de seis colegas de escola debochados, curiosos e ameaçadores.

“Nós nunca encontramos o muro branco e a porta verde...”

— Você quer dizer...?

— Quero dizer que não consegui encontrar. Eu teria encontrado se pudesse.

“E depois, quando pude ir sozinho, também não consegui encontrá-la. Nunca encontrei. Agora, parece que sempre a procurei durante meus tempos de estudante, mas nunca mais a vi.”

— Os rapazes... foram desagradáveis?

— Bestiais... Carnaby armou um julgamento por eu ter mentido descaradamente. Lembro que entrei em casa escondido e subi a

escada para não revelar o som dos meus soluços. Mas, quando dormi de tanto chorar, não foi por causa de Carnaby, e sim do jardim, por causa da bela tarde que desejei, pelas mulheres doces e simpáticas e pelos amigos que me aguardavam e pelo jogo que esperei aprender de novo, aquele jogo lindo e esquecido...

“Acreditei firmemente que, se eu não tivesse contado... Tive momentos ruins depois, de chorar à noite e devanear durante o dia. Por dois semestres, me descuidei e tive notas ruins. Lembra? Claro que lembra! Foi você. Foi quando você me superou em matemática que voltei a me dedicar aos estudos.

III

Por um tempo, meu amigo olhou em silêncio para o coração vermelho da lareira. Por fim, disse:

— Só voltei a vê-la quando tinha 17 anos.

“Surgiu na minha frente pela terceira vez quando eu estava indo para Paddington a caminho de Oxford, tentar minha bolsa de estudos. Tive só um vislumbre momentâneo. Eu estava inclinado na janela do meu cabriolé fumando um cigarro, sem dúvida me achando um homem do mundo, e de repente apareceu a porta, o muro, a sensação de coisas inesquecíveis, mas ainda alcançáveis.

“Nós passamos direto; fiquei surpreso demais para mandar o táxi parar até termos passado e dobrado a esquina. Tive um momento estranho, um momento duplo e divergente na minha vontade: bati na portinha perto do teto do táxi e baixe o braço para pegar o relógio. ‘Sim, senhor!’, disse o condutor rapidamente. ‘Ah... bem... não é nada’, declarei. ‘Engano meu! Não temos muito tempo! Continue!’, e ele continuou...

“Consegui minha bolsa de estudos. E, na noite seguinte àquela em que fui informado sobre isso, fiquei sentado em frente à lareira no meu quatinho no segundo andar, meu estúdio, na casa do meu pai, com o elogio dele, um raro elogio, e os conselhos sensatos ecoando nos meus ouvidos, e fumei meu cachimbo favorito, a incrível teimosia da adolescência, e pensei naquela porta no muro branco e comprido. ‘Se eu tivesse parado’, pensei, ‘teria perdido a bolsa de estudos, teria perdido Oxford... teria estragado a bela

carreira à minha frente! Eu começo a ver as coisas com mais clareza!’ Caí numa reflexão profunda, mas não duvidei naquele momento que essa minha carreira merecia sacrifícios.

“Aqueles amigos queridos e o ambiente de lá me pareceram doces, muito agradáveis, mas remotos. Agora, meu foco era no mundo. Eu via outra porta se abrindo: a porta da minha carreira.”

Ele olhou novamente para a lareira. Por um momento, as chamas vermelhas destacaram no rosto dele uma força teimosa, que de repente sumiu.

— Bem — disse ele e suspirou. — Eu segui a carreira. Fiz muita coisa, trabalhei muito, trabalhei arduamente. Mas tive mil sonhos com o jardim encantado e vi a porta, ou ao menos a vislumbrei, quatro vezes desde então. Sim, quatro vezes. Por um tempo, este mundo foi tão colorido e interessante, pareceu tão cheio de significados e oportunidades, que o charme meio apagado do jardim era, por comparação, desbotado e remoto. Quem quer fazer carinho numa onça quando está indo jantar com mulheres bonitas e homens distintos? Cheguei de Oxford a Londres, um homem promissor que fez um tanto para compensar o que se esperava dele. Um tanto, mas houve decepções...

“Duas vezes, me apaixonei. Não vou ficar falando disso, mas uma vez, quando procurei uma pessoa que sei que duvidava que eu tivesse coragem de procurá-la, peguei um atalho por uma rua pouco movimentada perto de Earl’s Court e dei de cara com um muro branco e uma porta verde familiar. ‘Que estranho’, eu disse para mim mesmo, ‘achei que este lugar ficasse em Campden Hill. É o lugar que nunca consegui encontrar, como contar as pedras de Stonehenge, o lugar daquela fantasia estranha que tive.’ E segui em frente, determinado a seguir meu caminho. Naquela tarde, a porta não teve apelo para mim.

“Tive só um impulso momentâneo de tentar abrir a porta, três passos para o lado bastavam, embora eu tivesse certeza, no meu coração, de que se abriria para mim. Mas pensei que fazer isso me atrasaria para o encontro no qual eu achava que minha honra estava envolvida. Depois, lamentei minha pontualidade; teria sido melhor ao menos dar uma espiada e acenar para as onças, mas eu

já sabia que não deveria procurar depois o que não se encontra procurando. Sim, aquela vez me fez lamentar muito...

“Anos de trabalho árduo depois, não tive mais nenhum vislumbre da porta. Só recentemente foi que apareceu de novo para mim. Com ela, veio a sensação de que uma mancha tênue tinha se espalhado pelo meu mundo. Comecei a pensar nele como uma coisa lamentável e amarga por eu nunca mais poder ver a porta. Talvez eu estivesse sofrendo de excesso de trabalho; talvez tenha sido o que já ouvi chamarem de crise dos quarenta. Não sei. Mas o brilho intenso que torna o esforço fácil sumiu das coisas recentemente, e isso numa época com tantos novos acontecimentos políticos... quando eu deveria estar trabalhando. Estranho, não é? Mas começo a achar a vida penosa e as recompensas, quando começo a obtê-las, desprezíveis. Comecei um tempo atrás a desejar muito o jardim. Sim... e já vi três vezes.

— O jardim?

— Não, a porta! E não entrei!

Ele se inclinou por cima da mesa na minha direção, a voz tomada por um enorme sofrimento.

— Três vezes tive a oportunidade... três! Se aquela porta aparecer para mim de novo, juro, vou entrar e fugir dessa poeira e desse calor, desse brilho vão da vaidade, dessas futilidades penosas. Vou entrar e não vou voltar. Desta vez, vou ficar... Eu jurei, mas, quando a hora chegou... não fui.

“Três vezes em um ano eu passei pela porta e não consegui entrar. Três vezes no ano passado.

“A primeira vez foi na noite da divisão da Lei da Amortização dos Inquilinos, na qual o governo foi salvo por três votos. Lembra? Ninguém do nosso lado e talvez bem poucos do outro esperavam o fim daquela noite. O debate se desfez com a fragilidade de cascas de ovo. Eu e Hotchkiss estávamos jantando com o primo dele em Brentford, nós dois desacompanhados, e fomos chamados por telefone e partimos no automóvel do primo dele. Chegamos quase atrasados e, no caminho, passamos pelo meu muro e pela minha porta... lívida ao luar, manchada de amarelo quando o brilho dos faróis a iluminou, mas inconfundível. ‘Meu Deus!’, exclamei. ‘O quê?’, perguntou Hotchkiss. ‘Nada!’, respondi, e o momento passou.

“ ‘Fiz um grande sacrifício’, falei ao líder do partido quando entrei. ‘Todos fizeram’, disse ele, e seguiu apressado.

“Não sei como eu podia ter feito diferente. A ocasião seguinte foi quando eu estava correndo para me despedir do meu pai em seu leito de morte. Naquele momento, as exigências da vida também foram imperativas. Mas a terceira vez foi diferente; aconteceu uma semana atrás. Fico tomado de remorso quando lembro. Eu estava com Gurker e Ralphs; não é segredo e agora você sabe que já conversei com Gurker. Estávamos jantando no Frobisher’s e a conversa ficou íntima entre nós. A questão da minha posição no ministério reconstruído sempre ficava além dos limites da discussão. Sim, sim. Isso está resolvido. Melhor não falar nada ainda, mas não há motivo para guardar segredo de você... Sim, obrigado! Obrigado! Mas me deixe contar a história.

“Naquela noite, as coisas estavam no ar. Minha posição era delicada. Eu estava ansioso para ouvir uma palavra decisiva de Gurker, mas fui atrapalhado pela presença de Ralphs. Estava usando toda a minha capacidade mental para fazer com que a conversa leve e inconsequente não fosse obviamente dirigida ao ponto que me interessava. Tive que fazer isso. O comportamento de Ralphs desde então mais do que justificou minha cautela... Ralphs, eu sabia, nos deixaria depois da Kensington High Street e aí eu poderia surpreender Gurker com minha franqueza repentina. Às vezes, é preciso recorrer a esses pequenos artifícios... E então, na margem da minha visão, percebi mais uma vez o muro branco e a porta verde na nossa frente na rua.

“Nós passamos por ela conversando. Eu passei. Ainda vejo a sombra do perfil de Gurker, o claque na cabeça inclinado sobre o nariz proeminente, as muitas dobras do cachecol na frente das nossas sombras conforme andávamos.

“Passei a cinquenta centímetros da porta. ‘Se eu disser boa-noite para os dois e entrar’, perguntei a mim mesmo, ‘o que vai acontecer?’ E estava muito ansioso para ter aquela conversa com Gurker.

“Não pude responder à pergunta no meio de todos os outros problemas. ‘Vão me achar louco’, pensei. ‘E se eu sumir agora! O desaparecimento impressionante de um político proeminente!’ Isso

pesou em mim. Mil coisas mundanas, mesquinhas e inconcebíveis pesaram em mim naquela crise.”

Ele se virou para mim com um sorriso triste, falando lentamente.

— Aqui estou! — disse ele.

E repetiu:

— Aqui estou! E minha chance escapou de mim. Três vezes em um ano a porta foi oferecida a mim; a porta que leva à paz, ao prazer, a uma beleza além de qualquer sonho, a uma gentileza que nenhum homem na face da Terra pode conhecer. E eu a rejeitei, Redmond, e ela sumiu...

— Como você sabe?

— Eu sei. Eu sei. Agora, tenho que viver a vida, continuar as tarefas que me seguraram com tanta força quando meus momentos chegaram. Você diz que tenho sucesso... essa coisa vulgar, repugnante, irritante, invejada. Eu tenho. — Ele estava com uma noz na mão. — Se isto fosse meu sucesso... — disse ele, e a esmagou e mostrou para mim.

“Vou dizer uma coisa, Redmond. Essa perda está me destruindo. Há dois meses, há quase dez semanas, não faço nada além dos deveres mais necessários e urgentes no trabalho. Minha alma está tomada por arrependimentos impossíveis de aplacar. À noite, quando há menos chance de ser reconhecido, eu saio. Fico vagando. Sim. Eu me pergunto o que as pessoas pensariam se soubessem. Um ministro do Gabinete, o líder responsável pelo mais vital dos departamentos, vagando sozinho, sofrendo, às vezes lamentando audivelmente, por uma porta, um jardim!”

IV

Vejo agora o rosto meio pálido e o fogo sombrio e desconhecido que surgiu nos olhos dele. Vejo-o vividamente hoje. Relembro as palavras, o tom de voz, com o Westminster Gazette da noite anterior ainda no meu sofá noticiando a morte dele. No almoço de hoje, o clube só falava dele e do estranho enigma de seu destino.

Encontraram o corpo bem cedo na manhã de ontem, em uma escavação funda perto da estação de East Kensington. É um dos buracos que foram cavados em conexão com a extensão da ferrovia

para o sul. Fica protegido da entrada do público por um muro de tábuas na rua principal, no qual uma pequena porta foi feita para a conveniência de alguns dos trabalhadores que moram naquela direção. A porta foi deixada aberta por causa de uma confusão entre dois capatazes e foi por lá que ele entrou...

Minha mente está sobrecarregada de perguntas e dúvidas.

Parece que ele voltou andando do Parlamento na noite anterior; muitas vezes, ele ia andando para casa depois de uma sessão. E imagino sua silhueta escura percorrendo as ruas vazias da madrugada, absorto, concentrado. Seria possível que as luzes elétricas fracas perto da estação tivessem feito as tábuas parecerem brancas? Aquela porta fatal destrancada teria despertado uma lembrança?

Será que já houve, afinal, uma porta verde no muro?

Não sei. Conteí a história como ele a contou. Há momentos em que acredito que Wallace tenha sido apenas vítima da coincidência entre uma rara mas não inédita alucinação e uma armadilha negligente, mas essa não é minha crença mais predominante. Você pode me achar supersticioso, se quiser, e até tolo; mas, de fato, estou mais do que meio convencido de que ele tinha, na verdade, um dom anormal e uma sensação, algo que não sei o que é, que, na forma de muro e porta, lhe ofereciam uma saída, uma passagem secreta e peculiar de fuga para um mundo diferente e mais bonito. De qualquer modo, podemos dizer que acabou o traindo no final. Mas será mesmo? Aí está o maior mistério desses sonhadores, desses homens de visão e de imaginação. Nós vemos o mundo simples e comum, o muro de tábuas e o buraco. Pelos nossos padrões, ele saiu da segurança para a escuridão, o perigo e a morte. Mas foi assim que ele viu?

1905 ROKEYA
SAKHAWAT HOSSAIN

O Sonho da Sultana

TRADUÇÃO
DE SYBYLLA
CONTOS
MUNDIAIS



(SRL)

O sonho da Sultana

Rokeya Sakhawat Hossain

1905

Certa noite, estava eu descansando numa poltrona em meu quarto e, preguiçosa, pensava na condição de ser uma mulher indiana. Não tenho certeza se cochilei. Mas, pelo que me lembro, estava bem acordada. Via distintamente o céu enluarado com milhares de estrelas cintilando como diamantes.

Então, de repente, havia uma senhora diante de mim. Como ela entrou, não sei. Eu a confundi com a minha amiga, Irmã Sara.

— Bom dia — disse Sara.

Ri por dentro, pois sabia que não era de manhã, mas sim uma noite estrelada. No entanto, respondi:

— Como vai?

— Estou bem, obrigada. Será que você poderia sair e dar uma olhada em nosso jardim?

Olhei de novo para a lua pela janela e pensei que não havia mal nenhum em sair naquele momento. Os servos do lado de fora estavam dormindo, e eu poderia dar um passeio agradável com Sara.

Eu costumava fazer minhas caminhadas com Irmã Sara quando estávamos em Darjeeling^[14]. Muitas vezes andamos de mãos dadas e conversamos despreocupadas pelos jardins botânicos de lá. Imaginei que Irmã Sara provavelmente tinha vindo para me levar a

um jardim desse tipo, por isso aceitei de imediato a oferta e saí com ela.

Ao caminhar, descobri, para minha surpresa, que era uma bela manhã. A cidade já estava totalmente acordada, e multidões agitadas animavam as ruas. Fiquei muito acanhada ao pensar que estava andando na rua em plena luz do dia, mas não havia um único homem à vista.

Algumas transeuntes fizeram piadas para mim. Embora eu não conseguisse entender sua língua, tinha certeza de que elas fazia piadas. Perguntei à minha amiga:

- O que elas estão dizendo?
- Que você tem trejeitos muito masculinos.
- Masculinos? O que elas querem dizer com isso?
- Que você é desconfiada e tímida como os homens.
- Desconfiada e tímida como os homens?

Realmente era uma piada. Fiquei muito nervosa quando descobri que minha acompanhante não era Irmã Sara, mas sim uma desconhecida. Ah, como fui tola em confundir esta senhora com minha querida e velha amiga Irmã Sara.

Ela sentiu meus dedos tremerem em sua mão, já que andávamos de mãos dadas.

— Qual é o problema, querida? — indagou ela de um jeito carinhoso.

— Sinto-me um pouco esquisita — respondi como se pedisse desculpas —, pois, sendo uma mulher sob a purdah^[15], não estou acostumada a andar sem véu.

— Você não precisa ter medo de encontrar um homem aqui. Esta é a TerraD’Elas, livre do pecado e do mal. Aqui reina a virtude.

Aos poucos, fui apreciando a paisagem. Era realmente majestosa. Confundi uma porção de grama verde com uma almofada de veludo. Sentindo como se estivesse andando sobre um tapete macio, olhei para baixo e vi um caminho coberto de musgo e flores.

— Como é lindo — comentei.

— Você gosta? — perguntou Irmã Sara (continuei a chamá-la de “Irmã Sara”, e ela continuou me chamando pelo meu nome).

— Sim, muito, mas não gosto de pisar nestas flores lindas e macias.

— Não se preocupe, querida Sultana^[16], seu pisar não lhes causará nenhum dano. São flores de rua.

— Todo este lugar parece um jardim — comentei com admiração. — Vocês arrumaram todas as plantas com muita habilidade.

— Sua querida Calcutá poderia tornar-se um jardim mais agradável do que este se seus conterrâneos assim o quisessem.

— Eles acham que é inútil dedicar tanta atenção à jardinagem enquanto têm muitas outras coisas a fazer.

— Eles não poderiam encontrar uma desculpa melhor — disse ela com um sorriso.

Fiquei muito curiosa para saber onde estavam os homens. Encontrei mais de uma centena de mulheres enquanto caminhava por aquele lugar, mas não vi um homem sequer.

— Onde estão os homens? — perguntei a Sara.

— Em seus devidos lugares, como deveria ser.

— Diga-me, o que quer dizer com “seus devidos lugares”?

— Ah, agora vejo o meu erro. Não tem como você conhecer nossos costumes, já que nunca esteve aqui. Nós mantemos os homens dentro de casa.

— Da mesma forma que as mulheres são mantidas na zenana^[17]?

— Exatamente.

— Que engraçado! — Explodi em uma gargalhada. Irmã Sara também riu.

— Mas, querida Sultana, é muito injusto trancar as mulheres inofensivas e soltar os homens.

— Por quê? Não é seguro sairmos da zenana, pois somos naturalmente fracas.

— Verdade, não é seguro enquanto há homens perambulando pelas ruas, assim como não é seguro quando um animal selvagem entra num mercado.

— Mas é claro.

— Suponha que alguns lunáticos escapem do hospício e comecem a fazer todo tipo de maldade com homens, cavalos e

outros animais. Nesse caso, o que seus conterrâneos fariam?

— Tentariam capturá-los e mandá-los de volta para o hospício.

— Obrigada! E você acha que seria prudente manter as pessoas sãs dentro de um hospício e soltar os loucos?

— Claro que não! — respondi, rindo com leveza.

— Mas é exatamente assim que acontece em seu país! Os homens, que fazem ou pelo menos são capazes de fazer uma infinidade de maldades, estão soltos enquanto as mulheres inocentes estão trancadas na zenana! Como você pode confiar nesses homens indisciplinados fora de casa?

— Não temos voz nenhuma na gestão dos nossos assuntos sociais. Na Índia, o homem é nosso senhor e mestre. Ele tomou para si todos os poderes e privilégios e trancou as mulheres na zenana.

— Por que vocês deixaram que eles as trancafiassem?

— Porque não há o que fazer, já que eles são mais fortes que as mulheres.

— Um leão é mais forte que um homem, mas isso não permite que ele domine a raça humana. Vocês negligenciaram seus deveres e perderam seus direitos naturais ao fecharem os olhos para os próprios interesses.

— Mas, minha querida Irmã Sara, se fizermos tudo sozinhas, o que os homens vão fazer?

— Desculpe, mas eles não devem fazer nada, pois não estão aptos para nada. Apenas pegue-os e coloque-os na zenana.

— Mas seria fácil pegá-los e colocá-los entre quatro paredes? — rebati. — E, mesmo que isso acontecesse, todos os seus negócios, políticos ou comerciais, também iriam com eles para a zenana?

Irmã Sara não respondeu, apenas sorriu com doçura. Talvez pensasse que era inútil discutir com alguém que não era melhor do que um sapo em um poço^[18].

Neste momento, chegamos à casa de Irmã Sara. Situava-se em um belo jardim em forma de coração. Era um bangalô com um telhado ondulado de ferro, mais fresco e agradável do que qualquer um de nossos ricos edifícios. Não consigo descrever como era arrumado, como os móveis eram adoráveis e como a decoração era de bom gosto.

Sentamos lado a lado. Ela levou um bordado para a sala e começou um novo desenho.

— Você sabe tricotar e bordar?

— Sei. Não temos mais nada para fazer na nossa zenana.

— Mas não confiamos os bordados aos membros de nossa zenana! — disse ela, rindo. — Afinal, os homens não têm paciência nem para passar a linha pelo buraco da agulha!

— Você fez tudo isso sozinha? — perguntei, apontando para as várias toalhas de mesa de centro bordadas.

— Fiz.

— Onde encontra tempo para fazer tudo isso? Você também tem que fazer o trabalho burocrático, não é?

— Tenho. Não fico no laboratório o dia todo. Termino meu trabalho em duas horas.

— Duas horas! Como consegue? Na nossa terra, os oficiais e magistrados, por exemplo, trabalham sete horas por dia.

— Já vi alguns deles trabalhando. Você acha que eles trabalham essas sete horas?

— Claro que sim!

— Não, querida Sultana, não trabalham. Eles desperdiçam tempo fumando. Alguns fumam dois ou três charutos durante o horário do expediente. Eles falam muito sobre o trabalho, mas fazem pouco. Suponha que um charuto leve meia hora para queimar e um homem fume doze por dia. Ele desperdiça seis horas do dia só com o fumo.

Conversamos sobre vários assuntos, e aprendi que elas não estavam sujeitas a doenças epidêmicas nem levavam picadas de mosquitos, como nós. Fiquei muito surpresa ao saber que em TerraD'Elas ninguém morria na juventude, exceto por um raro acidente.

— Gostaria de ver nossa cozinha? — perguntou ela.

— Com prazer — respondi, e fomos vê-la.

É claro que alguém pediu para os homens saírem de lá antes da minha chegada. A cozinha ficava em uma bela horta. Cada trepadeira e cada pé de tomate era em si um ornamento. Não vi fumaça nem uma chaminé na cozinha, que estava limpa e brilhante,

com as janelas decoradas com vasos floridos. Não havia nenhum sinal de carvão nem de fogo.

— Como vocês cozinham? — perguntei.

— Com o calor do sol — respondeu ela, ao mesmo tempo, mostrando-me o tubo por onde passava a luz solar concentrada e o calor. E cozinhou algo ali naquele momento para me mostrar o processo.

— Como vocês conseguiram coletar e armazenar o calor do sol?

— perguntei espantada.

— Deixe-me contar um pouco da nossa história. Trinta anos atrás, quando nossa atual rainha tinha treze anos, ela herdou o trono. Era rainha apenas no nome. Quem realmente governava o país era o primeiro-ministro.

“Nossa gentil rainha gostava muito de ciência. Ela baixou um decreto dizendo que todas as mulheres do país deveriam ter educação formal. Assim, inúmeras escolas para meninas foram fundadas e apoiadas pelo governo. A educação espalhou-se entre as mulheres. E o casamento precoce foi suprimido. Nenhuma mulher tinha permissão de se casar antes dos 21. Devo dizer que, antes dessa mudança, éramos restritas pela purdah.”

— Como as mesas são viradas — comentei com uma risada.

— Mas o isolamento é o mesmo — disse ela. — Em poucos anos, surgiram universidades separadas, onde nenhum homem era admitido.

“Na capital, onde mora nossa rainha, há duas universidades. Uma delas inventou um maravilhoso balão ligado a uma série de tubulações. Com esse balão, que conseguiram manter flutuando acima das nuvens, elas podem tirar a quantidade de água que quiserem da atmosfera. Como a água era sempre coletada pelas universitárias, nenhuma nuvem se formava mais e, desse modo, nossa engenhosa reitora conseguiu eliminar as chuvas e tempestades.”

— É mesmo! Agora entendo por que não há lama aqui! — falei.

Mas eu não conseguia entender como era possível acumular água nos canos. Ela me explicou como era feito, mas eu não conseguia entender, já que meu conhecimento científico era muito limitado. No entanto, ela continuou:

— Quando a outra universidade soube disso, ficou com muita inveja e tentou fazer algo ainda mais extraordinário. Elas inventaram um instrumento pelo qual poderiam recolher o máximo de calor solar que quisessem. E mantinham o calor armazenado para ser distribuído conforme necessário.

“Enquanto as mulheres estavam envolvidas em pesquisas científicas, os homens do país estavam ocupados aumentando seu poderio militar. Quando souberam que as universidades femininas eram capazes de tirar água da atmosfera e de coletar o calor do sol, eles gargalharam, chamando a coisa toda de ‘um pesadelo sentimental!’”

— Suas realizações são, de fato, maravilhosas! Mas, diga-me, como vocês conseguiram colocar os homens do país na zenana? Vocês os capturaram antes?

— Não.

— Não acredito que eles abriram mão da vida ao ar livre por vontade própria para se confinar dentro das quatro paredes da zenana! Eles devem ter sido dominados.

— E foram mesmo!

— Por quem? Algumas guerreiras, imagino?

— Não, não foi no braço.

— Bem, imagino que não. Os braços dos homens são mais fortes que os das mulheres. Então?

— Usamos o cérebro.

— Até mesmo os cérebros deles são maiores e mais pesados que os das mulheres. Não são?

— Sim, mas e daí? Um elefante também tem um cérebro maior e mais pesado que o de um homem. No entanto, o homem pode acorrentar elefantes e usá-los de acordo com os próprios desejos.

— Bem lembrado. Mas, conte-me, por favor, como tudo realmente aconteceu. Estou morrendo de curiosidade!

— O cérebro da mulher é um pouco mais rápido que o do homem. Dez anos atrás, quando os militares chamaram nossas descobertas científicas de “um pesadelo sentimental”, algumas de nossas jovens estudantes quiseram dar uma resposta a essas observações. Mas as reitoras de ambas as universidades as repreenderam, dizendo que elas não deveriam responder com

palavras, mas sim com atos se tivessem a oportunidade. E elas não precisaram esperar muito por essa oportunidade.

— Que maravilha! — Bati palmas, empolgada. — E agora esses orgulhosos cavalheiros estão tendo seus próprios pesadelos sentimentais.

— Logo depois, algumas pessoas vieram de um país vizinho e se abrigaram no nosso. Elas estavam encarceradas por terem cometido um crime político. O rei, que se preocupava mais com o poder do que em fazer um bom governo, pediu à nossa bondosa rainha para entregá-las aos seus oficiais. Ela se recusou, pois era contra seus princípios entregar refugiados. Por causa dessa recusa, o rei declarou guerra contra o nosso país.

“Nossos militares prontamente se puseram em marcha para encontrar o inimigo. No entanto, o inimigo era forte demais para eles. Nossos soldados lutaram bravamente, sem dúvida. Mas, apesar de toda a bravura deles, o exército estrangeiro avançou passo a passo para invadir nosso país.

“Praticamente todos os homens tinham ido para a batalha; nem mesmo os rapazes de dezesseis anos foram deixados em casa. A maioria de nossos guerreiros morreu, o restante foi conduzido de volta, e o inimigo chegou a quarenta quilômetros da capital.

“Algumas sábias senhoras se reuniram no palácio da rainha para decidir o que deveria ser feito para salvar nossa terra. Algumas propuseram que deveríamos lutar como soldados enquanto outras se opuseram, dizendo que mulheres não eram treinadas para lutar com espadas e revólveres nem estavam acostumadas a lutar com outras armas. Outro grupo, infelizmente, apontou que elas tinham o corpo irremediavelmente mais fraco.

“‘Se não é possível salvar o país por falta de força física’, dissera a rainha, ‘tente fazê-lo pelo poder do cérebro.’

“Houve um silêncio mortal por alguns minutos. Sua Alteza Real falou mais uma vez: ‘Terei que cometer suicídio se minha terra e minha honra forem perdidas’.

“Então, a reitora da segunda universidade (a que havia coletado o calor solar), que refletia em silêncio durante a reunião, apontou que todas estavam perdidas e que havia pouca esperança para elas.

“Havia, no entanto, um plano que ela gostaria de experimentar, e seria seu primeiro e último esforço; se não funcionasse, não haveria mais nada a fazer a não ser cometer suicídio. Todas as presentes juraram solenemente que nunca se deixariam escravizar, não importava o que acontecesse.

“A rainha agradeceu de coração e pediu à reitora que executasse seu plano. A reitora se levantou e disse: ‘Antes de sairmos, os homens devem entrar nas zenanas. Faço essa súplica pelo bem da purdah.’ ‘Sim, claro’, respondeu Sua Alteza Real.

“No dia seguinte, a rainha pediu que todos os homens entrassem nas zenanas pelo bem da honra e da liberdade. Feridos e cansados como estavam, eles acataram a ordem, que parecia mais uma dádiva! Eles se curvaram e entraram nas zenanas sem proferir uma única palavra de protesto. Estavam certos de que não havia esperança para o país.

“Depois, a reitora, com suas duas mil estudantes, marchou até o campo de batalha e, chegando lá, voltou todos os raios de luz e o calor do sol concentrados para o inimigo.

“O calor e a luz foram demais para eles. Todos fugiram em pânico, perplexos, sem saber como reagir ao calor abrasador. Quando fugiram, deixando suas armas e outras munições de guerra, foram queimados pelo mesmo calor do sol. Desde então, ninguém jamais tentou invadir o nosso país.”

— E desde então os homens nunca tentaram sair da zenana?

— Sim, eles queriam ser livres. Alguns dos comissários de polícia e magistrados disseram à rainha que os militares certamente mereciam ser aprisionados por seu fracasso, mas que eles nunca negligenciaram seu dever e, portanto, não deviam ser punidos e suplicaram para serem restaurados a seus respectivos cargos.

“Sua Alteza Real enviou-lhes uma circular intimando que, sempre que seus serviços fossem necessários, eles seriam chamados e que, nesse meio-tempo, deveriam ficar onde estavam. Agora que estão acostumados com o sistema da purdah e pararam de reclamar da reclusão, chamamos o sistema de ‘mardana’ em vez de ‘zenana’.”

— Mas como vocês conseguem lidar com casos de roubo ou assassinato sem a polícia e os magistrados? — perguntei para Irmã

Sara.

— Desde que a “mardana” foi estabelecida, não houve mais nenhum crime nem pecado; portanto, não precisamos de um policial para achar um culpado nem queremos que um magistrado julgue um processo criminal.

— Isso é ótimo, de fato. Suponho que, se houvesse alguma pessoa desonesta, vocês poderiam puni-la com muita facilidade. Assim como vocês conquistaram uma vitória decisiva sem derramar uma única gota de sangue, também conseguiram deter o crime e os criminosos sem dificuldade!

— Agora, querida Sultana, quer ficar aqui ou quer ir à minha sala de estar? — perguntou ela.

— Sua cozinha não é inferior ao toucador de uma rainha! — respondi com um sorriso agradável. — Mas temos que deixá-la. Os cavalheiros podem estar me amaldiçoando por mantê-los longe de suas funções na cozinha por tanto tempo.

Nós duas rimos com vontade.

— Imagino minhas amigas em casa, espantadas, quando eu voltar e contar que, na distante TerraD’Elas, as mulheres governam o país e controlam todos os assuntos sociais enquanto os homens são mantidos nas mardanas, cuidando dos bebês, cozinhando e fazendo todo tipo de trabalho doméstico! E que cozinhar é tão fácil que acaba sendo um prazer!

— Sim, conte tudo que viu por aqui.

— Por favor, diga-me, como vocês fazem o cultivo e a aragem da terra e qualquer outro trabalho braçal?

— Nossos campos são lavrados pela energia elétrica, que também fornece a força motriz para o trabalho braçal e é utilizada para o transporte aéreo. Não temos ferrovias nem ruas pavimentadas.

— Portanto, não devem ocorrer acidentes rodoviários e ferroviários — comentei. — Vocês nunca sofrem com a falta de água da chuva?

— Não, nunca, desde que o “balão de água” foi criado. Com o grande balão e as tubulações a ele ligadas, podemos extrair o máximo de água da chuva necessária. Também não sofremos mais com inundações e tempestades. Estamos todas muito ocupadas

fazendo a natureza render o quanto puder. Não temos tempo para brigar umas com as outras, já que nunca estamos paradas. Nossa nobre Rainha é extremamente apaixonada por botânica, e sua ambição é converter todo o país em um grande jardim.

— A ideia é excelente! Qual é seu alimento principal?

— Frutas.

— Como vocês mantêm o país fresco no calor? Nós consideramos que as chuvas de verão são uma bênção do céu.

— Quando o calor se torna insuportável, aspergimos o solo com borrifadores cheios de água extraída das fontes artificiais. E no frio mantemos nossos cômodos aquecidos com o calor do sol.

Ela me mostrou o banheiro, cujo telhado era removível. Podia desfrutar de um banho de chuveiro sempre que quisesse: bastava remover o teto (que era como a tampa de uma caixa) e abrir a torneira do cano do chuveiro.

— Vocês são um povo de sorte! — comentei animada. — Não conhecem a escassez. Qual é a sua religião, se posso perguntar?

— Nossa religião se baseia no Amor e na Verdade. É nosso dever religioso amarmos uns aos outros e sermos absolutamente verdadeiros. Se alguma pessoa mentir, ela ou ele é...

— É punido com a morte?

— Não, não com a morte. Não temos prazer em matar uma criatura de Deus, ainda mais um ser humano. O mentiroso é convidado a deixar esta terra para sempre e nunca mais voltar.

— Um criminoso nunca é perdoado?

— É, sim. Se a pessoa se arrepender com sinceridade.

— Vocês não têm permissão para ver nenhum homem, exceto seus parentes?

— Nenhum, exceto relações sagradas.

— Nosso círculo de relações sagradas é muito limitado. Nem mesmo primos de primeiro grau são sagrados.

— Mas o nosso é grande demais. Um primo distante é tão sagrado quanto um irmão.

— Isso é muito bom. Vejo a pureza que reina sobre sua terra. Eu gostaria de conhecer a generosa Rainha, que é tão sagaz e visionária e criou todas essas regras.

— Muito bem — disse Irmã Sara.

Ela aparafusou dois assentos em uma prancha quadrada. Nessa prancha, anexou duas bolas lisas e bem polidas. Quando perguntei para que serviam as bolas, ela respondeu que eram bolas de hidrogênio e eram usadas para anular a força da gravidade. As bolas tinham diferentes capacidades, para serem usadas de acordo com os diferentes pesos a serem anulados. Ela, então, prendeu ao carro-voador duas lâminas semelhantes a asas que, segundo ela, funcionavam com eletricidade. Depois de estarmos confortavelmente sentadas, ela tocou numa maçaneta e as lâminas começaram a girar, movendo-se cada vez mais rápido. Primeiro, fomos elevadas a cerca de um ou dois metros e, depois, ganhamos os céus. E, antes que eu pudesse perceber que estávamos nos movendo, chegamos ao jardim da Rainha.

Minha amiga pousou o carro aéreo invertendo a ação da máquina e, quando o carro encostou no chão, a máquina parou, e nós descemos.

Eu já tinha visto, do carro-voador, a Rainha andando pela aleia do jardim com a filha pequena (que tinha quatro anos) e suas damas de companhia.

— Olá! Você aqui! — gritou a Rainha para Irmã Sara.

Fui apresentada a Sua Alteza Real e recebida com cordialidade, sem nenhuma cerimônia.

Fiquei muito feliz de conhecê-la. No decorrer da conversa que tivemos, a rainha me disse que não tinha nenhuma objeção em permitir que seus súditos fizessem comércio com outros países.

— Mas — continuou ela — não é possível fazer comércio com países em que as mulheres sejam mantidas em zenanas e, por isso, não podem vir negociar conosco. Achamos que os homens são amorais, por isso não gostamos de lidar com eles. Não cobiçamos a terra de outros povos nem lutamos por um pedaço de diamante, mesmo que seja mil vezes mais brilhante que o Koh-i-Noor^[19], nem invejamos um governante em seu Trono do Pavão^[20]. Mergulhamos fundo no oceano do conhecimento e tentamos encontrar as pedras preciosas que a natureza tem guardadas para nós. Apreciamos os dons da natureza o quanto podemos.

Depois de me despedir da Rainha, visitei as famosas universidades e vi algumas de suas fábricas, laboratórios e

observatórios.

Depois de visitar esses lugares interessantes, entramos de novo no carro-voador, mas, assim que ele começou a se mover, de alguma forma eu escorreguei, e a queda assustou-me tanto que fui expulsa do sonho. E, ao abrir os olhos, eu estava no meu quarto, ainda descansando na poltrona!

1893 KATE CHOPIN

O bebê de Desirée

TRADUÇÃO
DE KARINE
RIBEIRO



(SRL)

O bebê de Desirée

Kate Chopin

1893

Como o dia estava agradável, madame Valmonde foi visitar Desirée e o bebê em L'Abri.

Pensar em Desirée com um filho a fez rir. Era como se, ainda ontem, a jovem não passasse de um bebê, quando o *monsieur*, ao cavalgar pelos portões de Valmonde, encontrara Desirée adormecida à sombra de um grande pilar de pedra.

A pequenina acordara em seus braços e começara a chamar por “Papai”, pois era tudo o que conseguia fazer ou dizer. Alguns pensaram que ela poderia ter se perdido por conta própria, já que acabara de aprender a andar. Mas a maioria achava que ela tinha sido deixada para trás por um grupo de texanos, cuja carroça coberta de lona havia passado pela balsa que a Coton Mais operava, bem perto da plantação, tarde da noite. Com o tempo, madame Valmonde abandonou toda especulação, a não ser a ideia de que Desirée fora enviada para ela por uma providência divina para ser a filha de seu coração, já que não tinha filhos de sangue. A menina cresceu linda e gentil, carinhosa e sincera — o símbolo de Valmonde.

Não era de se admirar que, um dia, ao vê-la apoiada no pilar de pedra a cuja sombra adormecera dezoito anos antes, Armand Aubigny tivesse se apaixonado por ela. Era assim que todos os Aubignys se apaixonavam — como se atingidos por um tiro de

pistola. Era de se admirar que não tivesse se apaixonado antes, já que a conhecia desde que tinha oito anos e o pai o trouxera de Paris, depois que a mãe por lá morrera. A paixão que o arrebatou naquele dia, quando ele a viu no portão, foi como o impacto de uma avalanche, o fogo consumindo a pradaria ou qualquer coisa que removeva violentamente todos os obstáculos.

Monsieur Valmonde era prático e queria que tudo fosse bem ponderado; isto é, a origem obscura da moça. Armand olhou nos olhos dela e não se importou. Disseram que ela não tinha sobrenome. Que importava o sobrenome quando ele podia dar-lhe um dos mais antigos e prestigiosos da Louisiana? Ele encomendou a *corbeille*^[21] de Paris e reuniu toda a paciência que pôde até que chegasse. Então, casaram-se.

Fazia quatro semanas desde que madame Valmonde vira Desirée e o bebê. Quando chegou a L'Abri, como sempre, ela se arrepiou diante da vista. Era um lugar triste, que por muitos anos não conhecera a gentil presença de uma senhora. O velho *monsieur* Aubigny se casara e enterrara sua esposa na França, e ela amava tanto sua terra natal que jamais a deixara. O telhado era envergado e preto como um capuz de monge, estendendo-se além da larga varanda que circundava a casa amarela de estuque. Havia carvalhos grandes e solenes ali perto, e seus galhos longos e folhosos cobriam a casa tal qual uma mortalha. O comando do jovem Aubigny era severo, e sob ele os negros não conheciam a alegria, como fora durante a vida do antigo senhor, calmo e indulgente.

A recuperação da jovem mãe era lenta, e ela estava deitada num sofá entre rendas e musselinas macias e brancas. O bebê estava junto dela, apoiado em seu braço, onde havia adormecido após mamar. A ama mestiça encontrava-se sentada perto de uma janela, se abanando.

Madame Valmonde inclinou sua figura corpulenta sobre Desirée e a beijou, segurando-a carinhosamente nos braços por um momento. Então, se virou para a criança.

— Esse não é o bebê! — exclamou ela, aturdida. Naquela época, o francês era a língua falada em Valmonde.

— Eu sabia que você ficaria espantada — Desirée riu — com quanto ele cresceu. O leitãozinho! Olhe para as pernas dele, mamãe, as mãos e unhas, unhas de verdade. Zandrine teve que cortá-las esta manhã. Não foi, Zandrine?

A mulher abaixou majestosamente a cabeça coberta por um turbante.

— *Mais si*, madame.

— E a maneira como ele chora — continuou Desirée — é ensurdecedora. Noutro dia, Armand o ouviu lá da cabana La Blanche.

Madame Valmonde não tirava os olhos do bebê. Levantou-o, caminhou com ele até a janela mais iluminada, inspecionou-o com atenção e, depois, olhou para Zandrine — cujo rosto estava virado para os campos — como se buscasse respostas.

— Sim, a criança cresceu, mudou — disse Madame Valmonde devagar enquanto a colocava ao lado da mãe. — O que Armand diz?

O rosto de Desirée se impregnou com um brilho que era a manifestação da felicidade.

— Ah, Armand é o pai mais orgulhoso das redondezas, principalmente, creio, por se tratar de um menino que carregará seu nome, ainda que ele diga que não, que também amaria se fosse uma menina. Mas sei que não é verdade, sei que diz isso para me agradar. E, mamãe — ela acrescentou, fazendo madame Valmonde se inclinar para ela e falando num sussurro —, ele não os castigou, nem sequer um deles, desde que o bebê nasceu. Nem mesmo Negrillon, que fingiu ter queimado a perna para descansar do trabalho. Armand apenas riu e disse que ele era um grande patife. Ah, mamãe, estou tão feliz que fico assustada!

O que Desirée dizia era verdade. O casamento e, mais tarde, o nascimento do filho haviam amolecido muito a natureza autoritária e exigente de Armand Aubigny. Era o que fazia a gentil Desirée tão feliz, pois ela o amava desesperadamente. Quando ele fazia uma carranca, ela tremia, mas o amava. Quando ele sorria, ela não pedia a Deus nenhuma bênção maior. Mas o rosto sombrio e bonito de Armand não era desfigurado por carrancas desde o dia em que se apaixonara por ela.

Quando o bebê tinha mais ou menos três meses, Desirée acordou um dia convencida de que havia algo no ar ameaçando sua paz. A princípio, era sutil demais para identificar. Era apenas um sinal inquietante: um ar de mistério entre os negros, visitas inesperadas de vizinhos distantes que mal se davam ao trabalho de anunciar sua chegada. Então houve uma mudança estranha e horrível no comportamento do marido, que ela não ousou pedir que ele explicasse. Ao falar com ela, ele desviava o olhar, cujo brilho amoroso parecia ter se apagado. Mal parava em casa, e, quando lá estava, evitava a presença dela e da criança, sem nenhum motivo. Parecia que o espírito do próprio Satã, de repente, tomara conta dele quando se dirigia aos escravos. Desirée estava mortalmente infeliz.

Uma tarde quente, ela estava sentada no quarto, vestindo seu penhoar, correndo apaticamente os dedos pelas mechas do cabelo castanho, longo e sedoso que caía sobre seus ombros. O bebê dormia seminu na grande cama de mogno que era como um trono suntuoso, com seu meio-dossel de cetim. Um dos garotinhos mestiços de La Blanche — também seminu — estava de pé abanando a criança devagar com um leque de penas de pavão. Os olhos de Desirée tinham se fixado no bebê, vagos e tristes, enquanto ela tentava transpor a ameaçadora névoa que sentia se fechar sobre si. Desirée olhava do bebê para o garoto ao lado dele, de novo e de novo.

— Ah! — Foi o arquejo que ela não pôde evitar e que nem sequer percebeu escapar de seus lábios. O sangue se tornou gelo em suas veias, e uma umidade pegajosa tomou conta de seu rosto.

Tentou falar com o garotinho mestiço, mas a princípio nenhum som saiu. Quando ele ouviu seu nome, levantou a cabeça e viu a senhora apontar para a porta. Deixou de lado o leque grande e macio e se retirou, obediente, andando nas pontas dos pés descalços sobre o piso polido.

Ela ficou parada, com o olhar preso à criança. Seu rosto era a representação do pavor.

O marido entrou no quarto sem percebê-la, foi até a mesa e começou a procurar por entre os papéis que ali estavam.

— Armand — ela o chamou num tom de voz que o teria ferido se ele fosse humano. Mas ele não percebeu. — Armand — repetiu. Então, se levantou e cambaleou até ele. — Armand — gemeu mais uma vez, apertando o braço dele —, olhe para o nosso filho. O que significa? Diga-me.

Fria mas gentilmente, ele se livrou do aperto dos dedos e empurrou a mão para longe.

— Diga-me o que significa! — Desirée gritou desesperadamente.

— Significa — Armand respondeu em voz baixa — que a criança não é branca. Significa que você não é branca.

Uma rápida ideia do que a acusação significava deu a Desirée uma coragem incomum para negar.

— É mentira! Não é verdade, eu sou branca! Olhe para o meu cabelo, é castanho, e meus olhos são cinzentos, Armand, você sabe que são. E minha pele é clara. — Ela agarrou o pulso dele. — Olhe para a minha mão, mais branca que a sua, Armand. — Ela riu histericamente.

— Tão branca quanto a de La Blanche — ele disse, cruel, e a deixou sozinha com a criança.

Quando Desirée conseguiu segurar uma caneta, enviou uma carta desesperada à madame Valmonde.

“Minha mãe, diga-me se não sou branca. Armand diz que não sou. Pelo amor de Deus, diga que não é verdade. Você deve saber que não é verdade. Morrerei. Devo morrer. Não posso ser tão infeliz e continuar viva.”

A resposta que veio foi breve:

“Minha Desirée, venha para a casa em Valmonde. Volte para a sua mãe que a ama e traga a criança.”

Quando a carta chegou, Desirée a levou ao escritório do marido e a deixou na mesa à qual ele se sentava. Depois, ficou como uma estátua: silenciosa, branca e imóvel.

Em silêncio, ele passou os olhos frios pelas palavras e continuou sem nada dizer.

— Devo ir, Armand? — ela perguntou num tom afiado com o agonizante suspense.

— Sim, vá.

— Você quer que eu vá?

— Sim, quero.

Ele pensava que Deus todo-poderoso o havia punido cruel e injustamente e sentia, de alguma forma, que pagava na mesma moeda ao ferir assim a alma de sua mulher. Além disso, não mais a amava, por conta do dano inconsciente que ela causara a seu lar e seu nome.

Desirée se virou como se atingida por um golpe e andou devagar até a porta, esperando que ele a chamasse de volta.

— Adeus, Armand — ela gemeu.

Ele não respondeu. Foi o último golpe que desferiu contra o destino.

Desirée foi em busca do filho. Zandrine andava com ele de um lado a outro na varanda sombria. Desirée pegou o pequenino dos braços da ama sem dizer palavra e, descendo os degraus, foi embora, sob os galhos dos carvalhos.

Era uma tarde de outubro. O sol estava se pondo. Nos campos, os escravos colhiam algodão.

Desirée não havia trocado a roupa branca nem os chinelos que usava. Seu cabelo estava descoberto e os raios do sol davam às mechas castanhas um brilho dourado. Ela não tomou a estrada ampla e descuidada que levava para longe da plantação de Valmonde. Andou pelo campo deserto, onde o restolho arranhou seus pés macios, tão delicadamente calçados, e rasgou em pedaços seu vestido fino.

Ela desapareceu por entre os juncos e salgueiros que cresciam na margem do profundo e vagaroso rio. E nunca mais voltou.

Algumas semanas depois, uma cena peculiar se passou em L'Abri. No centro do quintal perfeitamente varrido havia uma fogueira. Armand Aubigny estava sentado na ampla entrada que lhe oferecia uma vista do espetáculo, e era ele que entregava a meia dúzia de negros o material que mantinha o fogo vivo.

Um gracioso berço de salgueiro, com acabamentos delicados, foi colocado na pira, que já havia sido alimentada com a riqueza de um caríssimo enxoval. Em seguida, vestidos de seda, veludo e cetim foram acrescentados; rendas e bordados também; e chapéus e luvas, já que o *corbeille* fora de rara qualidade.

A última coisa a queimar foi um pequeno conjunto de cartas; rascunhos inocentes que Desirée havia mandado a Armand na época do noivado. Havia uma remanescente na gaveta de onde as tirara. Mas não era de Desirée; era parte de uma carta antiga de sua mãe, endereçada ao pai. Ele a leu. Ela agradecia a Deus pela bênção do amor de seu marido:

“Mas, acima de tudo”, ela escrevera, “dia e noite, eu agradeço a Deus por ter organizado nossas vidas de forma que nosso querido Armand nunca saberá que sua mãe, que o ama, pertence à raça que está amaldiçoada pela marca da escravidão.”

1844 NATHANIEL HAWTHORNE

A Filha de Rappaccini

TRADUÇÃO DE CLÁUDIA
MELLO BELHASSOF

CONTOS DO
ASSOMBRO

(SRL)



A filha de Rappaccini

Nathaniel Hawthorne

1844

Muito tempo atrás, um jovem chamado Giovanni Guasconti saiu da região mais meridional da Itália para estudar na Universidade de Pádua^[22]. Giovanni, que tinha um suprimento escasso de ducados de ouro na algibeira, hospedou-se em um aposento alto e soturno de uma antiga construção que parecia digna de ter sido o palácio de um nobre de Pádua e que, de fato, exibia sobre a entrada o brasão de uma família extinta havia muito tempo. O jovem forasteiro, que conhecia o grande poema de seu país, lembrou-se que um dos antepassados dessa família, e talvez ocupante desta mesma mansão, tinha sido retratado por Dante como personagem das agonias imortais de seu Inferno. Essas lembranças e associações, aliadas a uma tendência à melancolia, natural a um jovem que saía pela primeira vez de sua esfera nativa, levaram Giovanni a soltar suspiros profundos ao passar os olhos no aposento desolado e mal mobiliado.

— Virgem Santa, *signor!*— exclamou a velha dona Lisabetta, que, encantada com a extraordinária beleza do jovem, estava se esforçando gentilmente para dar ao aposento um aspecto habitável. — Que suspiro é esse que sai do coração de um jovem? Esta velha mansão lhe parece soturna? Pelo amor de Deus, então, vá até a janela e verá um sol tão luminoso quanto o que deixou em Nápoles.

Guasconti seguiu mecanicamente o conselho da velha, mas não concordou que a luz do sol de Pádua fosse tão exuberante quanto a da Itália meridional. No entanto, ela iluminava um jardim sob a janela e estendia suas influências benéficas por uma enorme variedade de plantas que pareciam ter sido cultivadas com todo o cuidado.

— Esse jardim faz parte da casa? — perguntou Giovanni.

— Deus me livre, *signor*, a menos que fosse fértil para ervas melhores do que as que crescem lá agora — respondeu a velha Lisabetta. — Não, esse jardim é cultivado pelas mãos do *signor* Giacomo Rappaccini, o famoso médico, que, posso garantir, é conhecido até mesmo em Nápoles. Dizem que ele destila dessas plantas medicamentos tão potentes quanto um feitiço. Muitas vezes você verá o *signordoutor* trabalhando e talvez também a *signora*, filha dele, colhendo as flores estranhas que crescem no jardim.

A velha já tinha feito o que podia pelo aspecto do aposento; e, pedindo a proteção dos santos para o jovem, retirou-se.

Giovanni não tinha uma ocupação melhor do que olhar para o jardim sob a janela. Pela aparência, julgou ser um daqueles jardins botânicos mais antigos em Pádua do que em qualquer outro lugar da Itália ou do mundo. Tampouco era improvável que tivesse sido o lugar de recreação de uma família rica, já que havia escombros de uma fonte de mármore no centro, esculpida com uma arte rara, mas tão desoladoramente despedaçada que era impossível identificar a estrutura original em meio ao caos dos fragmentos restantes. A água, no entanto, continuava a jorrar e cintilar sob os raios de sol com a mesma alegria de sempre. Um burburinho suave subiu até a janela do jovem e deu-lhe a impressão de que a fonte era um espírito imortal que entoava sua canção sem parar e sem levar em conta as vicissitudes ao redor, enquanto um século o incorporara em mármore e outro o despedaçara e espalhara a decoração perecível pelo chão. Ao redor do tanque para onde a água escorria, cresciam diversas plantas que pareciam exigir um suprimento farto de umidade para nutrir folhas gigantescas e, em alguns casos, flores admiravelmente magníficas.

Havia um arbusto específico, plantado em um vaso de mármore perto do tanque, que ostentava uma profusão de flores roxas, cada

uma com o lustre e a riqueza de uma pedra preciosa; e o conjunto exibía um espetáculo tão resplandecente que parecia suficiente para iluminar o jardim, embora não houvesse nenhuma luz do sol. Cada pedacinho do solo era povoado de plantas e ervas que, embora fossem menos bonitas, ainda apresentavam sinais de um cuidado assíduo, como se todas tivessem virtudes individuais, conhecidas pela mente científica que cuidava delas. Algumas foram colocadas em urnas, ricas com entalhes antigos, e outras em vasos comuns de jardim; algumas rastejavam como serpentes pelo solo ou escalavam até as alturas, usando qualquer meio de ascensão que lhes era oferecido. Uma planta tinha se enroscado ao redor de uma estátua de Vertumno, que acabou ficando totalmente escondida e envolta em uma cortina de folhagens penduradas, arrumadas com tanta propriedade que poderia servir de estudo para um escultor.

Enquanto Giovanni estava na janela, ouviu um farfalhar atrás de uma cortina de folhas e percebeu que havia uma pessoa trabalhando no jardim. O vulto logo apareceu e revelou que não era um trabalhador comum, mas um homem alto, macilento, pálido e com aparência de doente, vestido com uma túnica preta de acadêmico. Tinha passado da meia-idade, com os cabelos e a barba rala grisalhos, o rosto marcado pela inteligência e pela cultura, mas que jamais, mesmo em seus dias de juventude, poderia expressar muita cordialidade.

Nada superava a dedicação com que esse jardineiro cientista examinava cada arbusto que crescia em seu caminho. Parecia que ele estava perscrutando sua natureza mais íntima, fazendo observações sobre sua essência criativa e descobrindo por que uma folha crescia com essa forma e outra com aquela e por que motivo essas e aquelas flores se distinguiam entre si nos quesitos de cor e perfume. No entanto, apesar dessa profunda inteligência da parte dele, não havia nenhuma abordagem íntima entre ele e aquelas vidas vegetais. Pelo contrário, ele evitava tocar nelas e aspirar diretamente seus odores com uma cautela que impressionou Giovanni da maneira mais desagradável. A atitude daquele homem era, na verdade, a de alguém andando em meio a influências maléficas, como feras selvagens ou serpentes mortíferas ou espíritos malignos, que, se ele lhes permitisse um instante de

liberdade, derramariam sobre ele uma fatalidade terrível. Era estranhamente aterrador para a imaginação do jovem ver esse ar de insegurança em uma pessoa que cultivava um jardim, a mais simples e inocente das labutas humanas e que tinha sido a alegria e o trabalho dos pais da raça humana antes da sua queda. Seria, então, aquele jardim o Éden do mundo atual? E esse homem, com tamanha percepção da maldade daquilo que suas próprias mãos fizeram crescer: seria ele Adão?

O jardineiro receoso, enquanto arrancava as folhas mortas ou podava o crescimento exuberante dos arbustos, protegia as próprias mãos com um par de luvas grossas. Mas essa não era sua única armadura. Quando, na caminhada pelo jardim, ele se deparou com a magnífica planta que deixava pender as pedras preciosas roxas ao lado da fonte de mármore, colocou uma espécie de máscara sobre a boca e as narinas, como se aquela beleza fosse capaz de disfarçar a malícia mais mortífera. Mas, considerando essa tarefa ainda perigosa demais, ele recuou, tirou a máscara e chamou bem alto, mas com a voz debilitada de uma pessoa afetada por uma doença interior:

— Beatrice! Beatrice!

— Estou aqui, meu pai. O que deseja? — gritou uma voz agradável e jovial na janela da casa ao lado: uma voz tão agradável quanto um pôr do sol tropical e que fez Giovanni, embora não soubesse por quê, pensar em tonalidades profundas de roxo ou escarlate e em perfumes muito apazíveis. — O senhor está no jardim?

— Estou, Beatrice — respondeu o jardineiro —, e preciso da sua ajuda.

Logo apareceu ali, vinda de baixo de um pórtico esculpido, a silhueta de uma jovem, dotada de tanto bom gosto quanto a mais esplêndida das flores, linda como o dia e com um desabrochar tão profundo e intenso que uma cor a mais seria excessiva. Parecia transbordar vida, saúde e energia. Todos esses atributos estavam atados e comprimidos, por assim dizer, e cingidos tensamente, em sua abundância, pela faixa na cintura. Mas a fantasia de Giovanni deve ter ficado mórbida enquanto ele olhava para o jardim, pois a impressão que a bela desconhecida lhe passou foi de que ela era

mais uma flor, a irmã humana daquelas vegetais, tão linda quanto elas, mais linda que a mais esplêndida delas, mas que só podia ser tocada com uma luva e da qual ninguém podia se aproximar sem uma máscara. Enquanto Beatrice caminhava pela aleia do jardim, era possível observar que ela manuseava e inalava o aroma de várias plantas que o pai tinha meticulosamente evitado.

— Aqui, Beatrice — disse ele —, veja quantos cuidados indispensáveis precisam ser ministrados ao nosso maior tesouro. Mas, debilitado como estou, eu poderia pagar com a vida se me aproximasse tanto dele quanto as circunstâncias exigem. Receio que, daqui por diante, essa planta tenha que ser confiada unicamente aos seus cuidados.

— E eu realizarei a tarefa com alegria — exclamou mais uma vez a jovem com sua entonação vibrante, enquanto se inclinava em direção à planta magnífica e abria os braços como se fosse abraçá-la. — Sim, minha irmã, meu esplendor, será de Beatrice a tarefa de cuidá-la e servir-lhe, e você a recompensará com seus beijos e seu hálito perfumado, que, para ela, é como o sopro da vida.

Então, com toda a ternura nos modos que era tão evidentemente expressa por suas palavras, ela se ocupou com os cuidados que a planta parecia exigir; e Giovanni, na janela do seu aposento alto, esfregou os olhos e quase duvidou se era uma moça cuidando de sua flor preferida ou uma irmã desempenhando seus deveres de afeto em relação à outra. A cena logo terminou. Quer o dr. Rappaccini tivesse terminado suas funções no jardim ou seu olhar cauteloso tivesse capturado o rosto do desconhecido, ele pegou a filha pelo braço e retirou-se. A noite estava se aproximando. Exalações opressivas pareciam escapar das plantas e subir passando pela janela aberta. Giovanni, fechando a treliça, foi até seu sofá e sonhou com uma flor exuberante e uma moça formosa. A flor e a moça eram diferentes, mas eram idênticas, e repletas de um estranho perigo nas duas formas.

Mas há uma influência na luz da manhã que tende a retificar quaisquer erros da imaginação ou até mesmo do julgamento no qual podemos ter incorrido ao longo do pôr do sol ou em meio às sombras da noite ou na claridade menos salutar do luar. O primeiro movimento de Giovanni ao acordar foi abrir a janela de súbito e

olhar para o jardim que seus sonhos tornaram tão fecundo de mistérios. Ele ficou surpreso e um pouco envergonhado ao descobrir como o jardim provou ser algo real e prosaico sob os primeiros raios do sol que douravam as gotas de orvalho penduradas nas folhas e flores e, embora concedesse uma beleza mais luminosa a cada flor rara, levava tudo aos limites da experiência cotidiana. O jovem exultou porque, no coração da cidade estéril, ele tinha o privilégio de contemplar aquele recanto de vegetação adorável e abundante. Serviria, disse para si mesmo, como uma linguagem simbólica para mantê-lo em comunhão com a natureza. Nem o dr. Giacomo Rappaccini, doente e cansado de pensar, é verdade, nem sua filha brilhante estavam visíveis naquele momento. Desse modo, Giovanni não conseguia determinar o quanto da singularidade que ele atribuía a ambos era relacionada às qualidades dos dois e o quanto era sua fantasia criativa, mas ele estava inclinado a formar uma opinião mais racional em relação à questão toda.

No mesmo dia, ele se apresentou ao *signor* Pietro Baglioni, professor de medicina na universidade, médico de reputação elevada, a quem Giovanni tinha levado uma carta de apresentação. O professor era um personagem idoso, aparentemente de natureza cordial e com hábitos que quase podiam ser chamados de joviais. Ele convidou o jovem para jantar e se mostrou muito cordato com a liberdade e a vivacidade da conversa, especialmente depois de aquecida por uma garrafa ou duas de vinho toscano. Giovanni, pensando que homens da ciência, moradores da mesma cidade, deveriam ter um relacionamento próximo e informal, aproveitou a oportunidade para mencionar o nome do dr. Rappaccini. Mas o professor não reagiu com a cordialidade que ele havia previsto.

— Não seria apropriado um professor da divina arte da medicina — disse o professor Pietro Baglioni, em resposta a uma pergunta de Giovanni — se negar a fazer um elogio adequado e bem-fundamentado a um médico tão habilidoso quanto Rappaccini; mas, por outro lado, eu não estaria obedecendo à minha consciência se permitisse que um jovem digno como você, *signor* Giovanni, filho de um velho amigo, alimentasse ideias errôneas a respeito de um homem que poderia, no futuro, ter sua vida e sua morte nas mãos dele. A verdade é que nosso honrado dr. Rappaccini tem tanta

sabedoria quanto qualquer membro da academia, talvez com uma única exceção em Pádua ou em toda a Itália; mas há algumas objeções graves à sua reputação profissional.

— E quais são? — perguntou o jovem.

— Meu amigo Giovanni tem alguma doença no corpo ou no coração, para ser tão curioso em relação a médicos? — indagou o professor com um sorriso. — Mas, quanto a Rappaccini, dizem que ele se importa infinitamente mais com a ciência do que com a humanidade; e eu, que conheço bem o homem, posso afirmar que é verdade. Os pacientes só interessam a ele como cobaias de um novo experimento. Ele sacrificaria a vida humana, até mesmo a própria ou a de alguém que lhe fosse muito caro, para acrescentar um grão de mostarda ao acervo de seu conhecimento acumulado.

— Acredito que ele seja de fato um homem repugnante — observou Guasconti, lembrando-se do aspecto frio e puramente intelectual de Rappaccini. — Mas, apesar disso, respeitável professor, ele não é um espírito nobre? Existem tantos homens assim capazes de um amor tão espiritual pela ciência?

— Deus nos livre — respondeu o professor, um tanto irritado. — A menos que eles tenham visões mais sensatas da arte da cura do que as adotadas por Rappaccini. É dele a teoria de que todas as virtudes medicinais estão contidas nas substâncias que chamamos de venenos vegetais. Ele os cultiva com as próprias mãos, e dizem que até produziu novas variedades de veneno, mais terrivelmente destrutivas do que aquelas com as quais a natureza, sem o auxílio dessa pessoa erudita, jamais teria infestado o mundo. É inegável o fato de que esse *signor* doutor provoca menos danos com essas substâncias perigosas do que se esperaria. Vez por outra, precisamos reconhecer, ele realizou ou pareceu realizar uma cura milagrosa. Mas, para lhe dar minha opinião sincera, *signor* Giovanni, ele deveria receber pouco crédito por esses exemplos de sucesso, pois provavelmente são produto do acaso, e deveria ser exemplarmente responsabilizado pelos seus fracassos, que merecem ser reconhecidos como o trabalho dele.

O jovem teria aceitado as opiniões de Baglioni com alguma prudência se soubesse que havia uma batalha profissional de longa duração entre ele e o dr. Rappaccini, na qual este geralmente

parecia ter levado vantagem. Se o leitor estiver inclinado a julgar por si mesmo, podemos indicar certos panfletos impressos com letras góticas em ambos os lados, preservados pelo departamento médico da Universidade de Pádua.

— Não sei, egrégio professor — retrucou Giovanni, depois de refletir sobre o que fora dito sobre o zelo singular de Rappaccini pela ciência —, não sei o quanto esse médico pode amar sua arte; mas certamente há um objeto que lhe é mais caro. Ele tem uma filha.

— Ah! — exclamou o professor com uma risada. — Quer dizer que o segredo do nosso amigo Giovanni foi revelado. Você ouviu falar da filha dele, pela qual todos os jovens de Pádua enlouquecem, embora nem meia dúzia deles tenham tido a sorte de ver seu rosto. Sei pouco sobre a *signora* Beatrice, exceto que dizem que Rappaccini a instruiu profundamente na sua ciência e que, apesar de jovem e linda como relata a fama, ela já é qualificada para assumir uma cátedra de professora. Talvez o pai a destine para a minha! Existem outros boatos absurdos, que não valem a pena mencionar nem dar ouvidos. Portanto, *signor* Giovanni, beba sua taça de Lacryma Christi.

Guasconti retornou aos seus aposentos um tanto inflamado pelo vinho que tinha saboreado e que fez seu cérebro mergulhar em estranhas fantasias relacionadas ao dr. Rappaccini e à bela Beatrice. No caminho, passando por acaso por um florista, comprou um ramalhete de flores frescas.

Subindo para os aposentos, sentou-se perto da janela, mas escondido na sombra lançada pela parede, de modo a conseguir olhar para o jardim lá embaixo com menos risco de ser descoberto. Tudo sob seu olhar estava ermo. As plantas estranhas estavam se deleitando sob o sol, e de vez em quando davam um aceno delicado umas para as outras, como testemunho de afinidade e parentesco. No meio, perto da fonte dilapidada, crescia o magnífico arbusto, com suas pedras preciosas roxas cobrindo-o de cachos. Elas reluziam ao relento e sua imagem cintilava refletida das profundezas do tanque, que parecia transbordar a resplandescência colorida graças ao suntuoso reflexo do qual estava impregnado. No início, como dissemos, o jardim estava ermo. Em pouco tempo, no entanto, como Giovanni meio que esperava e meio que temia acontecesse, uma

silhueta apareceu sob o antigo pórtico esculpido e caminhou por entre as fileiras de plantas, inalando os diversos perfumes como se fosse um daqueles seres de antigas fábulas clássicas que viviam de doces aromas. Ao ver Beatrice mais uma vez, o jovem ficou até surpreso ao perceber como sua beleza excedia a lembrança que tinha dela; tão brilhante, tão vívida era sua silhueta que ela refulgia sob a luz do sol e, como Giovanni sussurrou para si mesmo, iluminava positivamente os espaços mais sombreados da aleia do jardim. Com o rosto dela se revelando mais agora do que na ocasião anterior, ele ficou abalado com a expressão de simplicidade e doçura, qualidades que não tinham sido consideradas na ideia que ele fazia da sua personalidade e que o fez refletir mais uma vez sobre que tipo de ser mortal ela seria. Ele não deixou de observar de novo — ou imaginar — uma analogia entre a bela moça e o arbusto suntuoso com suas flores parecidas com pedras preciosas penduradas sobre a fonte: uma semelhança que Beatrice parecia ter se dedicado a realçar tanto pelo arranjo de suas vestes quanto pela escolha de suas cores.

Aproximando-se do arbusto, ela abriu os braços com um ardor apaixonado e deu um abraço íntimo nos ramos — tão íntimo que seu rosto ficou escondido no âmago folhoso e seus cachos reluzentes se misturaram às flores.

— Dê-me seu sopro, minha irmã — exclamou Beatrice —, pois estou fraca com o ar comum. E dê-me essa sua flor, que separe da haste com os dedos mais delicados e pouso junto ao meu coração.

Com essas palavras, a bela filha de Rappaccini colheu uma das flores mais bonitas do arbusto e estava prestes a prendê-la junto ao peito. Mas, a menos que os goles de vinho de Giovanni tivessem desnortado seus sentidos, um incidente singular aconteceu. Um pequeno réptil cor de laranja, da espécie dos lagartos ou dos camaleões, estava passando pela aleia, bem aos pés de Beatrice. Pareceu a Giovanni — mas, da distância de onde estava, mal dava para ver alguma coisa tão insignificante — pareceu a ele, no entanto, que uma gota, talvez duas, do líquido que escorria da haste quebrada da flor tinha pingado na cabeça do lagarto. Por um instante, o réptil se contorceu violentamente e, em seguida, ficou estirado, imóvel, sob a luz do sol. Beatrice observou aquele

fenômeno fora do comum e fez o sinal da cruz, triste, mas não surpresa; também não hesitou em ajeitar a flor fatal no decote. Ali ela desabrochou e reluziu quase com o efeito ofuscante de uma pedra preciosa, acrescentando às vestes e ao aspecto da donzela um encanto oportuno que mais nada no mundo poderia ter proporcionado. Mas Giovanni, saindo das sombras da janela, inclinou-se para a frente e recuou, murmurando e tremendo.

— Estou acordado? Estou em meu juízo perfeito? — indagou a si mesmo. — O que é esse ser? Devo chamá-la de bela ou de indescritivelmente terrível?

Beatrice agora passeava descuidada pelo jardim, se aproximando mais da janela de Giovanni, de modo que ele foi obrigado a sair do esconderijo para satisfazer a curiosidade intensa e dolorosa que ela provocava. Naquele momento, surgiu um lindo inseto sobre o muro do jardim; tinha, talvez, vagado pela cidade sem encontrar flores e folhagens por entre aquelas habitações antigas dos homens até que os intensos perfumes dos arbustos do dr. Rappaccini o tinham atraído de longe. Sem pousar nas flores, aquele esplendor alado pareceu atraído por Beatrice e parou no ar e esvoaçou sobre a cabeça dela. Bem, os olhos de Giovanni Guasconti não podiam mais estar enganando a si mesmos. De qualquer maneira, parecia que, enquanto Beatrice olhava para o inseto com enlevo pueril, o bicho perdeu as forças e caiu aos pés dela; suas asas brilhantes estremeceram. Estava morto, sem nenhuma causa que pudesse ser identificada, a menos que fosse a atmosfera do hálito dela. Mais uma vez, Beatrice fez o sinal da cruz e suspirou pesadamente enquanto se inclinava sobre o inseto morto.

Um movimento impulsivo de Giovanni atraiu os olhos dela para a janela. Ali ela viu a bela cabeça do jovem — uma cabeça mais grega do que italiana, com feições bem-feitas e formosas e um reflexo de ouro nos cachos — olhando para ela lá embaixo como um ser que pairava no ar. Mal sabendo o que estava fazendo, Giovanni jogou o ramalhete que estava segurando até aquele momento.

— *Signora* — disse ele —, estas flores são puras e saudáveis. Use-as em consideração a Giovanni Guasconti.

— Obrigada, *signor* — respondeu Beatrice com sua voz vibrante, emitida como um jorro musical, e com uma expressão feliz, metade criança e metade mulher. — Aceito seu presente e retribuo de bom grado com esta preciosa flor roxa; mas, se eu jogá-la para o alto, ela não vai alcançá-lo. Portanto, o *signor* Guasconti deve se contentar apenas com a minha gratidão.

Ela pegou o ramalhete do chão e, como se estivesse intimamente envergonhada por ter deixado de lado sua timidez virginal para responder ao cumprimento de um desconhecido, atravessou rapidamente o jardim em direção à sua casa. Mas, mesmo em poucos segundos, como pareceu a Giovanni, quando ela estava quase desaparecendo sob o pórtico esculpido, o belo ramalhete já estava começando a murchar na mão dela. Era um pensamento sem propósito; não havia a menor possibilidade de distinguir uma flor murcha de uma fresca de tão longe.

Durante muitos dias depois desse incidente, o jovem evitou a janela que dava para o jardim do dr. Rappaccini, como se alguma coisa horrível e monstruosa pudesse amaldiçoar sua visão se ele cedesse à tentação de olhar. Ele estava consciente de ter se colocado, até certo ponto, sob a influência de um poder incompreensível por causa da comunicação que tinha iniciado com Beatrice. O caminho mais sensato teria sido, se seu coração estivesse em perigo de verdade, sair imediatamente da hospedaria e de Pádua; o segundo caminho mais sábio teria sido acostumar-se, até onde fosse possível, à visão familiar e diurna de Beatrice — levando-a rígida e sistematicamente aos limites de uma experiência comum. O que Giovanni não deveria ter feito, enquanto evitava vê-la, era ter ficado tão perto desse ser extraordinário, já que a proximidade e até mesmo a possibilidade de interação poderiam dar substância e realidade às loucas divagações que sua imaginação se rebelava continuamente ao gerar. Guasconti não tinha um coração profundo — ou, em todo caso, suas profundezas não eram sólidas naquele momento —, mas tinha uma imaginação rápida e um ardente temperamento meridional, que a cada instante ficava um grau mais febril. Se Beatrice tinha ou não aqueles atributos terríveis, aquele hálito fatal, a afinidade com aquelas flores tão lindas e tão mortíferas, como apontava o que Giovanni tinha testemunhado, no

mínimo ela havia instilado um veneno brutal e sutil no organismo dele. Não era amor, embora a beleza estonteante dela fosse uma loucura para ele; nem pavor, mesmo quando ele imaginava que o espírito dela era imbuído da mesma essência funesta que parecia permear sua constituição física. Era um rebento selvagem de amor e pavor ao mesmo tempo, que continha o pai e a mãe e ardia como um e tremia como o outro. Giovanni não sabia o que temer e menos ainda o que esperar, mas a esperança e o medo travavam uma batalha constante no seu peito, derrotando um ao outro alternadamente e reerguendo-se para reviver o conflito. Abençoadas sejam todas as emoções simples, sejam elas sombrias ou luminosas! É a mistura fúnebre das duas que gera a chama reluzente das regiões do inferno.

Às vezes, ele tentava aliviar a febre do seu espírito com uma caminhada rápida pelas ruas de Pádua ou além de seus portões: seus passos eram sincronizados com o ritmo da pulsação do cérebro, de modo que a caminhada acabava acelerando e virando uma corrida. Certo dia, alguém o fez parar: seu braço foi agarrado por um personagem corpulento que tinha se virado ao reconhecer o jovem e gastado muito fôlego para conseguir alcançá-lo.

— *Signor* Giovanni! Pare, meu jovem amigo! — gritou ele. — Esqueceu de mim? Isso poderia acontecer se eu estivesse tão diferente quanto você.

Era Baglioni, que Giovanni vinha evitando desde o primeiro encontro, achando que a sagacidade do professor poderia enxergar profundamente os segredos dele. Tentando se recuperar, ele disparou um olhar desvairado do seu mundo interior para o exterior e falou como um homem perdido em sonhos.

— Sim, sou Giovanni Guasconti. Você é o professor Pietro Baglioni. Agora me deixe passar!

— Ainda não, ainda não, *signor* Giovanni Guasconti — disse o professor, sorrindo, mas ao mesmo tempo analisando o jovem com um olhar penetrante. — O quê? Eu cresci lado a lado com o seu pai! E o filho dele vai me considerar um desconhecido nestas antigas ruas de Pádua? Fique parado, *signor* Giovanni, pois precisamos trocar umas palavras antes de nos afastarmos.

— Seja rápido, então, nobre professor, seja rápido — disse Giovanni com uma impaciência ardente. — O nobre professor não vê que estou com pressa?

Enquanto ele estava falando, um homem vestido de preto se aproximou, encurvado e se movendo devagar, como uma pessoa com a saúde debilitada. Seu rosto estava todo coberto com uma tonalidade doentia e amarelada, mas tão impregnado com uma expressão de intelecto pungente e ativo que um observador poderia facilmente ter ignorado os atributos meramente físicos e ter visto apenas essa energia maravilhosa. Ao passar por eles, essa pessoa trocou um cumprimento frio e distante com Baglioni, mas fixou o olhar em Giovanni com uma determinação que parecia trazer à tona tudo que valia a pena notar nele. No entanto, havia uma tranquilidade peculiar naquele olhar, como se assumisse um interesse meramente especulativo, e não humano, no jovem.

— É o dr. Rappaccini! — sussurrou o professor depois que o desconhecido passou. — Ele já tinha visto o seu rosto?

— Não que eu saiba — respondeu Giovanni, se assustando ao ouvir o nome.

— Ele o viu, SIM! Ele deve tê-lo visto! — disse Baglioni apressadamente. — Por algum motivo qualquer, esse homem da ciência está fazendo um estudo sobre você. Eu conheço aquele olhar! É o mesmo que ilumina friamente o rosto dele quando se inclina sobre um pássaro, um rato ou uma borboleta, que, para executar um experimento, ele matou com o perfume de uma flor; um olhar tão profundo quanto a própria natureza, mas sem a ternura do amor da natureza. *Signor* Giovanni, posso apostar a minha vida que você é a cobaia de um dos experimentos de Rappaccini!

— Está pensando que sou tolo? — exclamou Giovanni de um jeito acalorado. — ISSO, sim, *signor* professor, seria um experimento perverso.

— Paciência! Paciência! — retrucou o professor, inabalável. — Eu lhe digo que Rappaccini tem um interesse científico em você, meu pobre Giovanni. Você caiu em mãos temerosas! E a *signora* Beatrice, que papel desempenha nesse mistério?

Mas Guasconti, achando intolerável a tenacidade de Baglioni, afastou-se nesse momento e sumiu antes que o professor

conseguisse segurar seu braço mais uma vez. Ele olhou para o jovem com determinação e balançou a cabeça.

— Isso não pode acontecer — disse Baglioni para si mesmo. — O jovem é filho do meu velho amigo e não pode sofrer nenhum mal do qual os arcanos da ciência médica possam preservá-lo. Além do mais, é uma impertinência insuportável demais da parte de Rappaccini arrancar o rapaz das minhas mãos, digamos assim, e fazer uso dele em seus experimentos infernais. Aquela filha dele! Isso precisa ser investigado. É possível, egrégio Rappaccini, que eu o derrote onde você menos espera!

Enquanto isso, Giovanni tinha percorrido uma rota sinuosa e finalmente tinha chegado à porta de sua hospedaria. Ao atravessar o solado da porta, foi recebido pela velha Lisabetta, cheia de medidas e sorrisos, que evidentemente desejava atrair sua atenção, mas foi em vão, já que a ebulição dos sentimentos dele tinha cedido momentaneamente a um vazio frio e tedioso. Ele encarou o rosto encarquilhado que estava se contraindo em um sorriso, mas pareceu não o perceber. A velha senhora, então, agarrou o casaco dele.

— *Signor! Signor!*— sussurrou ela, ainda com um sorriso atravessado no rosto todo, de modo que não parecia muito diferente de uma escultura grotesca em madeira, escurecida pelos séculos. — Escute, *signor!* Há uma entrada secreta para o jardim!

— O que está dizendo? — exclamou Giovanni, virando-se rapidamente, como se uma coisa inanimada tivesse criado uma vida intensa. — Uma entrada secreta para o jardim do dr. Rappaccini?

— Shh! Shh! Não fale tão alto! — sussurrou Lisabetta, colocando a mão sobre a boca do jovem. — Sim, para o jardim do honorável doutor, onde o senhor poderá ver todas as plantas. Muitos jovens em Pádua dariam ouro para serem admitidos no meio daquelas flores.

Giovanni colocou uma moeda de ouro na mão dela.

— Mostre-me o caminho — disse ele.

Uma suspeita, provavelmente estimulada pela conversa com Baglioni, atravessou sua mente, de que essa mediação da velha Lisabetta talvez pudesse estar ligada à intriga, qualquer que fosse sua natureza, na qual o professor parecia supor que o dr.

Rappaccini o estava envolvendo. Mas essa suspeita, embora perturbasse Giovanni, não foi suficiente para detê-lo. No instante em que ele percebeu a possibilidade de se aproximar de Beatrice, pareceu que essa era uma necessidade imperiosa para a existência dele. Não importava se ela era um anjo ou um demônio; ele estava irrevogavelmente envolvido na esfera dela e precisava obedecer à lei que o fez remoinhar em frente, em círculos cada vez mais estreitos, em direção a um resultado que nem tentou prever. E, ainda assim, por mais estranho que pareça, ocorreu-lhe uma dúvida súbita se esse interesse intenso não era ilusório; se era realmente uma natureza tão profunda e positiva que justificasse ele agora se jogar numa situação incalculável; se não era apenas a fantasia do cérebro de um jovem, apenas levemente conectado ou totalmente desconectado do seu coração.

Ele parou, hesitou, deu meia-volta, mas depois prosseguiu. Sua guia encarquilhada o conduziu por várias passagens obscuras e finalmente destrancou uma porta, através da qual, depois de aberta, vieram a visão e o som de folhagens farfalhando com a luz do sol recortada por entre elas. Giovanni deu um passo à frente e, forçando a passagem através do emaranhado de um arbusto que trançava suas gavinhas sobre a entrada secreta, ficou sob sua própria janela na área descoberta do jardim do dr. Rappaccini.

Com que frequência acontece de, quando as impossibilidades são superadas e os sonhos condensam sua substância nebulosa em realidades tangíveis, nos vemos calmos, e até mesmo friamente controlados, em meio a circunstâncias cuja previsão seria um delírio de felicidade ou de angústia? O destino se deleita em nos frustrar dessa maneira. A paixão escolhe seu próprio tempo para se lançar no palco e se atrasa morosamente quando uma combinação adequada de eventos parece invocar sua aparição. Era o que estava acontecendo agora com Giovanni. Dia após dia suas veias tinham pulsado com o sangue febril à ideia improvável de uma conversa com Beatrice e de estar com ela, cara a cara, naquele mesmo jardim, aquecendo-se no sol oriental da beleza dela e roubando do seu olhar o mistério que ele considerava ser o enigma da sua própria existência. Mas agora existia uma tranquilidade esquisita e inoportuna no seu peito. Ele deu uma olhada ao redor do

jardim para descobrir se Beatrice ou seu pai estava presente e, ao perceber que estava sozinho, começou a fazer uma observação crítica das plantas.

O aspecto de cada uma e de todas lhe desagradava: seu esplendor parecia poderoso, ardente e até mesmo anormal. Era difícil encontrar um arbusto que um transeunte, vagando sozinho por uma floresta, não estranharia de encontrar no mundo selvagem, como se um vulto sobrenatural o tivesse encarado do matagal. Vários também teriam chocado um instinto delicado pela aparência de artificialidade, indicando que tinha havido tantos cruzamentos e, digamos assim, adultérios entre diversas espécies vegetais, que o resultado não era mais um feito de Deus, mas os rebentos monstruosos da ilusão depravada do homem, reluzindo apenas como uma diabólica imitação da beleza. Provavelmente eram o resultado de experimentos que, em um ou dois casos, tiveram sucesso no cruzamento de plantas individualmente belas, transformando-as em uma combinação de caráter duvidoso e nefasto que distinguia toda a vegetação do jardim. Por fim, Giovanni reconheceu apenas duas ou três plantas no meio da vegetação, e de um tipo que ele sabia muito bem que eram venenosas. Enquanto estava ocupado com essas contemplações, ele ouviu o farfalhar de um tecido sedoso e, ao se virar, viu Beatrice saindo pelo pórtico esculpido.

Giovanni não tinha pensado em como seria sua conduta: se deveria pedir desculpas pela invasão ao jardim ou considerar que estava ali com o conhecimento, no mínimo, ou talvez pela vontade do dr. Rappaccini ou de sua filha. Mas os modos de Beatrice o puseram à vontade, embora ainda deixassem nele uma dúvida quanto à autoridade pela qual sua entrada ali tinha sido permitida. Ela seguiu com leveza pela aleia e o encontrou perto da fonte em ruínas. Havia surpresa no rosto dela, mas iluminada por uma expressão simples e gentil de prazer.

— O *signor* é um bom conhecedor das flores — disse Beatrice com um sorriso, fazendo referência ao ramalhete que ele havia jogado para ela pela janela. — Não é de surpreender, portanto, que a rara coleção do meu pai o tenha instigado a vê-la mais de perto. Se ele estivesse aqui, poderia lhe contar vários fatos estranhos e

interessantes quanto à natureza e aos hábitos desses arbustos, pois ele passou a vida inteira estudando isso, e este jardim é o mundo dele.

— E a *signora* — observou Giovanni —, se a fama for verdadeira, também é profundamente conhecedora das virtudes indicadas por essas suntuosas flores e essas intensas fragrâncias. Se quisesse se dignar a ser minha instrutora, eu provaria ser um aluno mais dedicado do que se recebesse os ensinamentos do próprio dr. Rappaccini.

— Existem esses rumores tão sem propósito? — indagou Beatrice com a música de uma risada agradável. — As pessoas dizem que sou instruída na ciência das plantas do meu pai? Que pilhéria! Não. Embora eu tenha crescido entre essas flores, não conheço nada além de suas tonalidades e seus perfumes; e às vezes acho que me livraria de bom grado até mesmo desse parco conhecimento. Há muitas flores aqui, e não as menos esplêndidas, que me chocam e me ofendem quando meu olhar as encontra. Mas peço, *signor*, que não acredite nessas histórias sobre a minha ciência. Não acredite em nada sobre mim que não seja o que vê com seus próprios olhos.

— E devo acreditar em tudo que tenho visto com meus próprios olhos? — indagou Giovanni de um jeito enfático, enquanto as lembranças de cenas anteriores o faziam se encolher. — Não, a *signora* exige muito pouco de mim. Ordene que eu não acredite em nada além do que sai de seus próprios lábios.

Parecia que Beatrice o entendia. Um rubor intenso subiu ao seu rosto, mas ela cravou os olhos nos de Giovanni e reagiu à expressão de suspeita irrequieta com a altivez de uma rainha.

— É o que ordeno, *signor* — respondeu ela. — Esqueça tudo que pode ter imaginado a meu respeito. Embora seja verdade para os sentidos externos, ainda pode ser falso em essência, mas as palavras dos lábios de Beatrice Rappaccini são verdadeiras e brotam das profundezas do coração. Nessas o *signor* pode acreditar.

Um fervor reluziu por toda a expressão dela e irradiou na consciência de Giovanni como a luz da própria verdade. Mas, enquanto ela falava, havia na atmosfera ao redor uma fragrância

profunda e encantadora, embora evanescente, que o jovem, com uma relutância indefinível, mal tinha coragem de aspirar para os pulmões. Poderia ser o aroma das flores. Poderia ser o hálito de Beatrice que embalsamava suas palavras com uma intensidade estranha, como se as impregnasse no coração? Um mal-estar passou como uma sombra sobre Giovanni e logo escapou. Ele parecia olhar para a alma transparente da bela moça através de seus olhos e não sentiu mais dúvida nem medo.

O rubor de arrebatamento que havia colorido as feições de Beatrice evaporou; ela se tornou alegre e pareceu extrair o puro deleite da companhia do jovem, não diferente do que uma virgem de uma ilha deserta poderia sentir ao conversar com um viajante vindo do mundo civilizado. Era evidente que a experiência de vida dela tinha sido confinada aos limites daquele jardim. Ora ela falava de assuntos simples como a luz do dia ou as nuvens de verão e ora fazia perguntas referentes à cidade ou ao lar distante de Giovanni, seus amigos, sua mãe e suas irmãs — perguntas que indicavam tamanha reclusão e tamanha falta de familiaridade com costumes e comportamentos que Giovanni respondia como se estivesse falando com uma criança. O espírito da donzela jorrava diante dele como um riacho doce que captava seu primeiro vislumbre da luz do sol e se maravilhava com os reflexos da terra e do céu lançados ao seu seio. Também surgiram pensamentos, vindos de uma fonte profunda, e fantasias revestidas de um brilho parecido com o de pedras preciosas, como se diamantes e rubis reluzissem por entre as borbulhas da fonte. De vez em quando, brilhava na mente do jovem uma sensação de espanto por estar andando lado a lado com o ser que ele havia moldado tanto na sua imaginação, a quem havia idealizado com tantos tons de pavor, em quem ele certamente havia testemunhado manifestações de atributos pavorosos — por estar conversando com Beatrice como um irmão e descobrindo como ela era tão humana e tão pura. Mas essas reflexões eram apenas momentâneas; o efeito da personalidade dela era real demais para não se tornar imediatamente familiar.

Enquanto conversavam livremente, os dois passeavam pelo jardim e, agora, depois de muitas voltas pelas suas alamedas, tinham chegado à fonte em ruínas, ao lado da qual crescia o arbusto

magnífico, com seu tesouro de flores reluzentes. Uma fragrância exalava dali, e Giovanni a reconheceu como idêntica àquela que havia atribuído ao hálito de Beatrice, mas incomparavelmente mais poderosa. Quando os olhos dela pousaram na planta, Giovanni a observou pressionando a mão no peito, como se seu coração estivesse pulsando súbita e dolorosamente.

— Pela primeira vez na vida — murmurou ela, se dirigindo ao arbusto —, eu me esqueci de você.

— Eu me lembro, *signora* — disse Giovanni —, que você prometeu me recompensar com uma dessas pedras preciosas vivas em troca do ramalhete que tive a feliz ousadia de jogar aos seus pés. Permita-me colhê-la agora, como uma lembrança desta conversa.

Ele deu um passo em direção ao arbusto com a mão estendida, mas Beatrice lançou-se para a frente, soltando um grito agudo que atravessou o coração dele como um punhal. Ela pegou a mão dele e a afastou com toda a força contida em seu corpo frágil. Giovanni sentiu nas próprias fibras a vibração do toque dela.

— Não toque nela! — exclamou Beatrice com uma voz agoniada. — Pela sua vida! Ela é fatal!

Depois, escondendo o rosto, ela fugiu dele e desapareceu sob o pórtico esculpido. Quando Giovanni a seguiu com os olhos, viu o vulto macilento e a inteligência pálida do dr. Rappaccini, que observava a cena protegido pela sombra da entrada, mas ele não sabia havia quanto tempo.

Assim que Guasconti se viu sozinho nos seus aposentos, a imagem de Beatrice voltou aos seus devaneios apaixonados, investidos de toda a magia que tinha se formado ao redor dela desde que a vira pela primeira vez, e agora também impregnados com a ternura da jovem moça. Ela era humana; sua índole era provida de todas as qualidades gentis e femininas; ela era digna de ser adorada; era capaz, claro, por parte dela, de um amor sublime e heroico. Esses símbolos que ele até então havia considerado como provas de uma peculiaridade aterradora na constituição física e moral dela agora ou estavam esquecidos ou, pela sutil argúcia da paixão, tinham sido transformados em uma coroa dourada de encantamento, tornando Beatrice ainda mais admirável, já que a

tornavam ainda mais única. O que antes parecia hediondo agora era belo. Ou, se fosse incapaz de tal mudança, tinha fugido e se escondido por entre aqueles meios pensamentos disformes que povoam a região turva fora do alcance da luz da nossa consciência perfeita. E assim ele passou a noite, sem dormir até a aurora começar a despertar as flores letárgicas no jardim do dr. Rappaccini, para onde os sonhos de Giovanni sem dúvida o conduziam. O sol nasceu na hora certa e, lançando seus raios sobre as pálpebras do jovem, o despertou com uma sensação de dor. Quando estava totalmente acordado, percebeu uma dor de queimadura e coceira na mão — na mão direita —, aquela que Beatrice tinha segurado quando ele estava prestes a colher uma das flores que pareciam pedras preciosas. No dorso dessa mão agora havia uma marca roxa como a de quatro dedos pequenos e a imagem de um polegar delgado no pulso.

Ah, como o amor — ou até mesmo aquela enganadora aparência de amor que floresce na imaginação, mas não cria raízes no coração — como o amor agarra teimosamente seu destino até o instante em que se torna condenado a desaparecer na névoa impalpável! Giovanni envolveu a mão com um lenço e se perguntou qual ser maligno o picara, e logo se esqueceu da dor em seus devaneios com Beatrice.

Depois da primeira conversa, a segunda era o curso inevitável do que chamamos de destino. A terceira, a quarta, e um encontro com Beatrice no jardim não era mais um incidente na vida cotidiana de Giovanni, mas o próprio espaço onde se podia dizer que ele vivia, pois a expectativa e a lembrança daquela hora arrebatadora completavam as outras. O mesmo acontecia com a filha de Rappaccini. Ela aguardava a chegada do jovem e disparava para o lado dele com uma confiança tão incondicional como se eles tivessem brincado juntos desde a mais tenra infância — como se ainda fossem crianças brincando. Se, por algum problema incomum, ele não chegasse na hora marcada, ela se posicionava sob a janela dele e fazia a intensa doçura da sua voz subir e flutuar ao redor dele nos aposentos e ecoar e reverberar no seu coração:

— Giovanni! Giovanni! Por que essa demora? Desça logo! — E ele descia apressado para aquele Éden de flores venenosas.

Mas, apesar de toda essa familiaridade íntima, ainda havia uma reserva no comportamento de Beatrice tão rígida e invariavelmente sustentada que a ideia de infringi-la quase não ocorria à imaginação dele. Por todos os sinais reconhecíveis, eles se amavam: tinham observado o amor com olhos que transmitiam o mistério sagrado das profundezas de uma alma para as profundezas da outra, como se fosse sagrado demais para ser sussurrado incidentalmente; tinham falado de amor naqueles jorros de paixão, quando seus espíritos disparavam em suspiros articulados como línguas de chamas havia muito escondidas; e, ainda assim, não houvera nenhum contato labial, nenhuma mão dada, nem o mínimo carinho que o amor exige e consagra. Ele nunca havia tocado em nenhum dos cachos reluzentes dos cabelos dela. Sua roupa — tão nítida era a barreira física entre os dois — nunca havia roçado nele ao sopro de uma brisa. Nas poucas ocasiões em que Giovanni parecia tentado a ultrapassar o limite, Beatrice ficava tão triste, tão séria e, ao mesmo tempo, com uma expressão de separação desolada, estremecendo com essa perspectiva, que nem uma palavra precisava ser dita para afastá-lo. Nesses momentos, ele ficava assustado com as terríveis suspeitas que surgiam, como um monstro, das cavernas de seu coração e o encaravam. Seu amor diminuía e enfraquecia como a névoa matinal, e apenas suas dúvidas tinham substância. Mas, quando o rosto de Beatrice se iluminava de novo depois da sombra momentânea, ela se transformava e não era mais um ser misterioso e questionável que ele observava com tanto fascínio e pavor; era, mais uma vez, a bela e simplória moça que ele sentia que seu espírito conhecia com uma certeza mais forte que todos os outros conhecimentos.

Um tempo considerável tinha se passado desde o último encontro de Giovanni com Baglioni. No entanto, certa manhã, foi desagradavelmente surpreendido por uma visita do professor, em quem mal tinha pensado durante semanas e gostaria de ter esquecido por mais tempo. Considerando que havia muito tempo que estava rendido a uma empolgação avassaladora, ele não conseguia tolerar nenhuma companhia, exceto com a condição de que elas tivessem uma sincronia perfeita para com seu atual estado

de espírito. Não se podia esperar essa sincronia do professor Baglioni.

O visitante tagarelou de maneira indiscreta durante alguns minutos sobre as fofocas da cidade e da universidade, depois se voltou para outro assunto.

— Estou lendo um antigo autor clássico nos últimos dias — disse ele — e encontrei uma história que estranhamente me interessou. Talvez você se lembre dela. Fala de um príncipe indiano que enviou uma bela mulher de presente para Alexandre, o Grande. Era bela como a aurora e esplendorosa como o poente, mas o que a distinguia especialmente era um perfume intenso no hálito: mais intenso que o de um jardim de rosas persas. Alexandre, como era natural a um jovem conquistador, apaixonou-se à primeira vista por aquela desconhecida magnífica. Mas um médico muito sábio, que por acaso estava presente, descobriu um segredo terrível relacionado a ela.

— E qual era? — indagou Giovanni, baixando os olhos para evitar os do professor.

— Essa adorável mulher — continuou Baglioni, com ênfase — tinha sido alimentada com venenos desde seu nascimento, até que todo o seu organismo estava tão imbuído deles que ela acabou se tornando o veneno mais mortal que existia. O veneno era seu elemento vital. Com esse perfume intenso no hálito, ela destruía o próprio ar. O amor dela teria sido um veneno; seu abraço, a morte. Não é uma história maravilhosa?

— Uma fábula infantil — respondeu Giovanni, se levantando da cadeira com um pulo nervoso. — Fico admirado de como o nobre professor encontra tempo para ler essas bobagens em meio aos seus estudos mais sérios.

— A propósito — disse o professor, olhando preocupado ao redor —, que fragrância esquisita é esta no apartamento? É o perfume das suas luvas? É fraco, mas delicioso. Apesar disso, não é nem um pouco agradável. Se eu tivesse que respirá-lo por muito tempo, acho que me deixaria doente. É como o hálito de uma flor, mas não vejo flores no aposento.

— Não há nenhuma — respondeu Giovanni, que tinha ficado pálido enquanto o professor falava —, e também acho que não há

nenhuma fragrância exceto na imaginação do nobre professor. Os odores, sendo um tipo de elemento que combina o sensorial e o espiritual, conseguem nos iludir dessa maneira. A lembrança de um aroma, a simples ideia dele, pode ser facilmente confundida com uma realidade presente.

— Sim, mas minha imaginação sóbria não costuma me pregar essas peças com frequência — disse Baglioni. — E, se eu imaginasse qualquer tipo de cheiro, seria o de um medicamento farmacêutico nauseante, com o qual meus dedos poderiam facilmente estar impregnados. Nosso honrado amigo Rappaccini, pelo que sei, infunde seus medicamentos com odores mais fortes do que os arábicos. Sem dúvida, da mesma forma, a bela e instruída *signora* Beatrice administraria aos seus pacientes poções tão doces quanto o hálito de uma donzela; mas aí de quem tomá-las!

O rosto de Giovanni revelava muitas emoções contraditórias. O tom no qual o professor tinha feito alusão à pura e adorável filha de Rappaccini era uma tortura para sua alma. Apesar disso, a advertência velada a um aspecto da personalidade de Beatrice contrária à dele deu uma clareza instantânea a mil suspeitas turvas, que agora faziam caretas para ele como muitos demônios. Mas ele se esforçou para reprimi-las e responder a Baglioni com a fé perfeita de um verdadeiro apaixonado.

— *Signor* professor — disse ele —, o senhor foi amigo do meu pai. Talvez seja seu objetivo desempenhar um papel amistoso em relação ao filho dele. De bom grado eu não desejaria sentir nada pelo senhor que não fosse respeito e deferência, mas rogo que o *signor* observe que há um assunto sobre o qual não devemos conversar. O nobre professor não conhece a *signora* Beatrice. Portanto, não pode avaliar o mal, ou a blasfêmia, eu poderia até dizer, que faz à reputação dela com uma palavra leviana ou ofensiva.

— Giovanni! Meu pobre Giovanni! — respondeu o professor com uma expressão calma de piedade. — Conheço essa moça miserável muito melhor do que você. E você precisa ouvir a verdade em relação ao envenenador Rappaccini e sua filha venenosa. Sim, tão venenosa quanto linda. Escute, pois: mesmo que você cometa uma violência contra os meus cabelos grisalhos, isso não vai me

silenciar. A antiga fábula da mulher indiana tornou-se verdadeira pela ciência profunda e fatal de Rappaccini e na pessoa da formosa Beatrice.

Giovanni grunhiu e escondeu o rosto.

— O pai dela — continuou Baglioni — não foi refreado, pelo afeto natural, de oferecer a filha dessa maneira terrível como vítima de seu zelo insano pela ciência. Sejam os justos: ele é um homem da ciência tão fiel que seria capaz de destilar o próprio coração num alambique. Qual será, então, o seu destino? Sem sombra de dúvida você foi escolhido como material de algum experimento novo. Talvez o resultado seja a morte; talvez um destino ainda mais terrível. Tendo diante dos olhos o que chama de interesse da ciência, Rappaccini não vai hesitar por nada.

— É um sonho — murmurou Giovanni para si mesmo —, tenho certeza de que é um sonho.

— Mas — continuou o professor — anime-se, filho do meu amigo. Ainda não é tarde demais para salvá-lo. Talvez possamos até conseguir trazer de volta aquela moça miserável para dentro dos limites da natureza ordinária, da qual a loucura do próprio pai a alienou. Veja este pequeno frasco de prata! Foi forjado pelas mãos do renomado Benvenuto Cellini e é digno de ser um presente de amor para a dama mais linda da Itália. Mas seu conteúdo é inestimável. Um pequeno gole deste antídoto teria tornado inócuos os mais virulentos venenos dos Bórgias. Não duvide que será igualmente eficaz contra os de Rappaccini. Entregue o frasco e o precioso líquido contido nele a sua Beatrice e aguarde o resultado com esperança.

Baglioni pousou um frasco de prata pequeno e lindamente forjado sobre a mesa e saiu porta afora, deixando que suas palavras produzissem algum efeito na mente do jovem.

Ainda vamos derrotar Rappaccini, pensou ele, rindo consigo mesmo enquanto descia a escada. *Mas confessemos a verdade: ele é um homem extraordinário, verdadeiramente extraordinário. No entanto, é um empírico vil na profissão e, portanto, não pode ser tolerado por aqueles que respeitam as boas e velhas regras da medicina profissional.*

Ao longo de toda a relação de Giovanni com Beatrice, ele ocasionalmente tinha sido, como já dissemos, perseguido por suspeitas sombrias relacionadas à personalidade dela. Mas ela havia se mostrado uma criatura tão minuciosamente simples, natural, muito afetuosa e ingênua que a imagem agora apresentada pelo professor Baglioni parecia estranha e inacreditável, como se não estivesse de acordo com a própria concepção original dele. A verdade é que havia lembranças horríveis conectadas aos seus primeiros vislumbres da bela moça. Ele não conseguia se esquecer do ramalhete que havia murchado quando ela o pegou nem do inseto que perecera sob o ar ensolarado sem nenhuma causa visível que não fosse a fragrância do hálito dela. No entanto, esses incidentes, dissolvendo-se à pura luz da personalidade dela, não tinham mais a eficácia dos fatos, mas eram reconhecidos como fantasias enganosas pelo testemunho dos sentidos aos quais poderiam parecer consubstanciados.

Existe alguma coisa mais verdadeira e mais real do que aquilo que podemos ver com os olhos e tocar com os dedos. Giovanni tinha fundado sua confiança em Beatrice em evidências melhores, mais pela força necessária dos belos atributos dela do que por uma fé profunda e generosa por parte dele. Mas agora seu espírito era incapaz de se sustentar na altura à qual o entusiasmo precoce da paixão o tinha exaltado. Ele desabou, prostrando-se entre dúvidas terrenas, e profanou a imaculada candura da imagem de Beatrice. Não que tivesse desistido dela; ele apenas desconfiava. Decidiu instituir um teste decisivo que identificaria, de uma vez por todas, se realmente existiam na natureza física dela aquelas peculiaridades apavorantes que não poderiam existir sem uma monstruosidade correspondente na alma. Seus olhos, contemplando de longe, podem tê-lo enganado quanto ao lagarto, ao inseto e às flores. Mas, se ele pudesse testemunhar, à distância de alguns passos, a deterioração súbita de uma flor fresca e viçosa na mão de Beatrice, não haveria mais espaço para questionamentos. Com essa ideia, ele se apressou até o florista e comprou um ramalhete ainda salpicado com as gotas do orvalho matinal.

Estava na hora de sua costumeira conversa diária com Beatrice. Antes de descer para o jardim, Giovanni não conseguiu deixar de se

olhar no espelho — uma vaidade esperada em um belo jovem, mas que, mostrando-se naquele momento perturbado e febril, era o símbolo de certa superficialidade de sentimentos e desonestidade de caráter. No entanto, ele olhou e disse para si mesmo que suas feições nunca tinham tido uma graciosidade tão profunda, nem seus olhos tanta vivacidade, nem suas bochechas uma tonalidade tão intensa de vida superabundante.

Pelo menos, pensou, o veneno dela ainda não se infiltrou no meu organismo. Não sou uma flor perecendo ao seu toque.

Com esse pensamento, voltou o olhar para o ramalhete, que não tinha soltado em nenhum momento. Um tremor de pânico indefinível disparou pelo seu corpo ao perceber que as flores orvalhadas já estavam começando a murchar. Tinham o aspecto de coisas que estavam frescas e adoráveis na véspera. Giovanni embranqueceu como mármore e ficou imóvel diante do espelho, encarando seu próprio reflexo ali como se encarasse a probabilidade de alguma coisa assustadora. Lembrou-se do comentário de Baglioni sobre a fragrância que parecia impregnar o aposento. Devia ser o veneno de seu próprio hálito!

Em seguida, ele estremeceu... estremeceu vendo a si mesmo. Recuperando-se desse torpor, começou a observar com curiosidade uma aranha que estava ocupada pendurando sua teia na cornija antiga do apartamento, cruzando e recruzando o habilidoso sistema dos fios entrelaçados — uma aranha tão vigorosa e ativa quanto qualquer uma pendurada num teto antigo. Giovanni se inclinou em direção ao inseto e deu um sopro profundo e demorado. A aranha parou seu trabalho imediatamente. A teia vibrou com um tremor que se originava no corpo da pequena artesã. Dessa vez, Giovanni deu um sopro mais profundo, mais demorado e imbuído com um sentimento venenoso que saía de seu coração: ele não sabia se era maligno ou apenas desesperado. A aranha fez um movimento convulsivo com as patas e ficou pendurada morta na janela.

— Maldito! Maldito! — murmurou Giovanni, dirigindo-se a si mesmo. — Como você ficou tão venenoso que esse inseto mortal pereceu sob seu hálito?

Nesse instante, uma voz melodiosa e doce subiu flutuando do jardim.

— Giovanni! Giovanni! Já passou da hora! Por que essa demora? Desça logo!

— Sim — murmurou Giovanni mais uma vez. — Ela é o único ser que meu hálito não pode matar! Quisera pudesse!

Ele desceu apressado e, em um instante, estava diante dos olhos brilhantes e amorosos de Beatrice. Um minuto antes, sua ira e seu desespero eram tão violentos que ele nunca havia desejado tanto algo quanto agora desejava fazê-la murchar com um olhar. Mas, com a presença dela, surgiam influências tão reais que ele não conseguia afastar de imediato: lembranças do poder delicado e benigno da sua natureza feminina, que tantas vezes o envolvera em uma serenidade religiosa; lembranças de um jorro sagrado e apaixonado do coração dela, quando a fonte pura tinha sido liberada de suas profundezas e se tornado visível em sua transparência para o olhar mental dele; lembranças que, se Giovanni soubesse estimá-las, teriam lhe assegurado que todo aquele mistério horroroso era apenas uma ilusão terrena e que, apesar da névoa de maldade que parecia ter se acumulado sobre ela, a verdadeira Beatrice era um anjo celestial. Por mais que ele fosse incapaz dessa fé elevada, a presença dela ainda não havia perdido totalmente sua magia.

A ira de Giovanni foi aplacada, assumindo um aspecto de insensibilidade sombria. Beatrice, com uma rápida percepção espiritual, sentiu imediatamente que havia um abismo de escuridão entre eles que nenhum dos dois poderia transpor. Eles caminharam juntos, tristes e silenciosos, e chegaram à fonte de mármore e ao tanque de água no chão, perto da qual crescia o arbusto de flores parecidas com pedras preciosas. Giovanni ficou assustado com o prazer ávido — o apetite, na verdade — com que se viu inalando a fragrância das flores.

— Beatrice — perguntou ele abruptamente —, de onde veio este arbusto?

— Meu pai o criou — respondeu ela com simplicidade.

— Criou! Criou! — repetiu Giovanni. — O que você quer dizer, Beatrice?

— Ele é um homem profundamente conhecedor dos segredos da natureza — respondeu Beatrice. — E, no instante em que respirei pela primeira vez, essa planta nasceu no solo, fruto da sua ciência,

do seu intelecto, enquanto eu era apenas sua filha de sangue. Não se aproxime dela! — continuou, observando com pavor que Giovanni estava chegando perto do arbusto. — Ela tem qualidades com as quais você nem sonha. Mas eu, querido Giovanni, eu cresci e me desenvolvi com essa planta e fui alimentada pelo seu hálito. Ela era minha irmã, e eu a amava com um afeto humano, pois, ai de mim!, você ainda não suspeitou?, havia uma maldição terrível.

Giovanni franziu a testa de um jeito tão sombrio que Beatrice fez uma pausa e estremeceu. Mas a fé que ela depositava na ternura dele a tranquilizou e a fez corar por ter duvidado sequer por um instante.

— Havia uma maldição terrível — continuou —, consequência do amor fatal do meu pai pela ciência, que me afastou de toda a companhia da minha espécie. Até o Céu ter mandado você, querido Giovanni, ah, sua pobre Beatrice era muito solitária!

— Era uma maldição difícil? — perguntou Giovanni, cravando os olhos nela.

— Só nos últimos tempos eu descobri o quanto era difícil — respondeu ela com ternura. — Ah, mas meu coração estava entorpecido e, portanto, tranquilo.

A ira de Giovanni disparou da sua melancolia lúgubre como um raio saindo com faíscas de uma nuvem escura.

— Maldita! — gritou ele com desprezo e raiva venenosos. — E, achando sua solidão monótona, você também me privou de todo o calor da vida e me arrastou para sua região de pavor inexprimível!

— Giovanni! — exclamou Beatrice, voltando os grandes olhos brilhantes para o rosto dele. A força das palavras dele não tinham encontrado o caminho até a mente da jovem moça. Ela só estava estupefata.

— Sim, coisa peçonhenta! — repetiu Giovanni, fora de si de tanta emoção. — Você fez isso! Você me destruiu! Encheu-me as veias de veneno! Tornou-me uma criatura tão odiosa, tão horrível, tão abominável e tão fatal quanto você mesma: um assombro de hedionda monstruosidade para o mundo! Agora, se nosso sopro for tão fatal para nós quanto para todos os outros, vamos unir nossos lábios em um beijo de ódio inexprimível e assim morrer!

— O que foi que me sucedeu? — murmurou Beatrice com um gemido baixo escapando do coração. — Virgem Santa, tende piedade de mim, uma pobre criança de coração partido!

— Você... está rezando? — gritou Giovanni, com o mesmo desprezo infernal. — Suas preces, saindo de seus lábios, espalham a morte na atmosfera. Sim, sim, vamos rezar! Vamos até a igreja para mergulhar os dedos na água benta da entrada! Aqueles que vierem depois de nós vão perecer como se tivessem contraído a peste! Vamos fazer o sinal da cruz no ar! Ele vai espalhar maldições em forma de símbolos sagrados!

— Giovanni — disse Beatrice, calmamente, pois seu sofrimento ia além da tristeza —, por que se juntou a mim com essas palavras tão terríveis? É verdade, eu sou esse ser horrível que você diz. Mas você... o que tem a fazer, além de sair deste jardim com um arrepio de pavor diante da minha desgraça repugnante e se misturar à sua raça e se esquecer que um dia rastejou na Terra um monstro como a pobre Beatrice?

— Você está fingindo ignorância? — perguntou Giovanni, fazendo uma careta ameaçadora. — Veja! Este poder eu recebi da filha pura de Rappaccini.

Havia um enxame de insetos de verão adejando pelo ar em busca do alimento prometido pelo perfume das flores do jardim fatal. Eles circulavam ao redor da cabeça de Giovanni e foram evidentemente atraídos em direção a ele pela mesma influência que os atraía por um instante para diversos arbustos. Ele expeliu um sopro sobre eles e deu um sorriso amargo para Beatrice quando pelo menos uns vinte insetos caíram mortos no chão.

— Estou vendo! Estou vendo! — Beatrice soltou um grito agudo. — É a ciência fatal do meu pai! Não, não, Giovanni, não fui eu! Nunca! Nunca! Eu apenas sonhei em amá-lo e em estar com você por pouco tempo, até sua partida, deixando apenas sua imagem no meu coração. Porque, acredite, Giovanni, embora meu corpo tenha sido alimentado com veneno, meu espírito é criação de Deus e anseia por amor como seu alimento diário. Mas meu pai, ele nos uniu nesse sentimento medonho. Sim, me despreze, me pisoteie, me mate! Ah, o que é a morte, depois dessas suas palavras? Mas não fui eu. Nem por um mundo de felicidade eu teria feito isso.

A ira de Giovanni tinha se exaurido ao jorrar de seus lábios. E agora surgia nele uma sensação desoladora e repleta de ternura ligada ao relacionamento íntimo e peculiar entre ele e Beatrice. Os dois ficaram ali, na mais completa solidão, que não se tornaria menos solitária pela aglomeração mais densa de vida humana. Não deveria, então, o deserto de humanidade ao redor deles aproximar o casal isolado? Se ambos fossem cruéis um com o outro, quem seria gentil com eles?

Além disso, pensou Giovanni, não poderia haver uma esperança de ele voltar aos limites da natureza comum e conduzir Beatrice, a redimida Beatrice, pela mão?

Ó, espírito fraco, egoísta e indigno, que poderia sonhar com uma união terrena e uma felicidade terrena como se fossem possíveis depois de um amor tão profundo ter sido tão amargamente injustiçado como foi o amor de Beatrice pelas palavras infames de Giovanni! Não, não, não poderia existir essa esperança. Ela precisava transpor com dificuldade, com aquele coração despedaçado, as fronteiras do tempo — precisava banhar suas feridas em uma fonte do paraíso e se esquecer do sofrimento à luz da imortalidade e ALI ficar feliz.

Mas Giovanni não sabia disso.

— Querida Beatrice — disse, aproximando-se, enquanto ela se encolhia como sempre quando ele se aproximava, mas agora movida por um impulso diferente. — Minha querida Beatrice, nosso destino ainda não é tão desesperado. Veja! Existe um medicamento poderoso, como me garantiu um médico sábio, e quase divino em termos de eficácia. É composto de ingredientes bem opostos àqueles por meio dos quais seu pai repugnante provocou essa calamidade em você e em mim. É destilado a partir de ervas abençoadas. Não devemos tomá-lo juntos e, assim, sermos purificados do mal?

— Dê-me! — disse Beatrice, estendendo a mão para receber o pequeno frasco de prata que Giovanni tirou do peito. E acrescentou, com uma ênfase peculiar: — Vou beber, mas espere o resultado.

Ela levou o antídoto de Baglioni aos lábios; e, ao mesmo tempo, o vulto de Rappaccini apareceu no pórtico e seguiu lentamente em direção à fonte de mármore. Conforme se aproximava, o pálido

homem da ciência pareceu contemplar com uma expressão triunfante o belo jovem e a donzela, como poderia fazer um artista que passasse a vida toda criando um quadro ou um grupo de estátuas e finalmente se sentisse satisfeito com seu sucesso. Ele parou. Sua forma encurvada ficou ereta com um poder consciente. Ele estendeu as mãos para eles na atitude de um pai rogando uma bênção sobre os filhos, mas aquelas eram as mesmas mãos que tinham lançado o veneno no fluxo de vida de ambos. Giovanni estremeceu. Beatrice tremeu, nervosa, e levou a mão ao coração.

— Minha filha — disse Rappaccini —, você não está mais sozinha no mundo. Colha uma dessas pedras preciosas da planta que é sua irmã e ordene que seu noivo a use no peito. Ela não vai causar nenhum mal a ele agora. Minha ciência e o relacionamento entre você e ele estão tão entranhados no organismo dele que seu noivo agora está tão distante dos homens comuns quanto você, filha do meu orgulho e do meu triunfo, está das mulheres comuns. Sigam, então, pelo mundo, ambos adorados um pelo outro e temidos por todos os demais!

— Meu pai — disse Beatrice, fraca e mantendo a mão no coração —, por que você infligiu essa maldição miserável sobre sua filha?

— Miserável? — exclamou Rappaccini. — O que quer dizer, moça tola? Você acha uma miséria ser favorecida com dons maravilhosos contra os quais nenhum poder ou força pode beneficiar um inimigo? É miséria ser capaz de vencer os mais fortes com um sopro? É miséria ser tão terrível quanto é linda? Você preferia a condição de uma mulher fraca, exposta a todos os males e capaz de nenhum?

— Eu gostaria de ser amada, não temida — murmurou Beatrice, desfalecendo no chão. — Mas agora não importa. Estou indo, meu pai, para onde o mal que você se esforçou para misturar ao meu ser vai se extinguir como um sonho, como a fragrância dessas flores venenosas, que não mais perfumarão meu hálito entre as flores do Éden. Adeus, Giovanni! Suas palavras de ódio são como chumbo no meu coração, mas também vão se extinguir enquanto eu me elevo. Ah, será que não havia, desde o início, mais veneno na sua natureza do que na minha?

Para Beatrice — cuja parte terrena tinha sido tão radicalmente moldada pelas habilidades de Rappaccini —, assim como o veneno era a vida, o poderoso antídoto era a morte. E, assim, a pobre vítima da engenhosidade humana, da natureza frustrada e da fatalidade que corresponde a todos os esforços da sabedoria pervertida, pereceu ali, aos pés do pai e de Giovanni. Bem naquele instante, o professor Pietro Baglioni olhou pela janela e gritou bem alto, em tom de triunfo misturado com pavor, para o aturdido homem da ciência:

— Rappaccini! Rappaccini! ESSE é o resultado do seu experimento!

1922 ELIZABETH VON ARNIM

Abril Encantado

TRADUÇÃO

RACHEL
AGAVINO



E-BOOK
SEMESTRAL

(SRL)

Abril encantado

Elizabeth Von Arnim

1922

1

Começou em um Clube de Senhoras em Londres, numa tarde de fevereiro — um clube desconfortável e uma tarde infeliz —, quando a Sra. Wilkins, que viera de Hampstead para fazer compras e fora almoçar em seu clube, pegou o *Times* da mesa na sala de fumantes e, passando o olhar desinteressado pela seção de Cartas dos Leitores, viu o seguinte:

Para Quem Gosta de Glicínias e Sol. Pequeno castelo medieval italiano às margens do Mediterrâneo, mobiliado, vago para o mês de abril. A criadagem necessária permanecerá. Z, Caixa-postal 1.000, *The Times*.

Foi ali que começou; no entanto, como em muitos outros casos, não era possível saber disso na hora.

A Sra. Wilkins não tinha a menor ideia de que ali, naquele exato momento, seu mês de abril daquele ano havia sido definido, e largou o jornal com um gesto irritado e resignado, foi até a janela e olhou com melancolia para a rua encharcada.

Não eram para ela os castelos medievais, nem mesmo aqueles especificamente descritos como pequenos. Não eram para ela as margens do Mediterrâneo em abril, as glicínias e o sol. Esses

prazeres eram apenas para os ricos. No entanto, o anúncio tinha sido dirigido a pessoas que gostam dessas coisas, então, de alguma forma, também se dirigia a ela, pois certamente as apreciava; mais do que qualquer um sabia, mais do que alguma vez admitira. Mas ela era pobre. A única coisa que possuía de sua no mundo eram apenas noventa libras, economizadas ano a ano, libra por libra, cuidadosamente retiradas do seu orçamento para vestuário. Ela havia juntado essa quantia por sugestão do marido, como garantia para os dias de tempestade. Seu orçamento para vestuário, dado pelo pai, era de 100 libras por ano, então as roupas da Sra. Wilkins eram o que seu marido, que a incentivava a economizar, chamava de modestas e apropriadas, e a figura dela, para eles, quando ao menos falavam dela, o que quase nunca ocorria por ela ser bastante irrisória, era perfeita.

O Sr. Wilkins, um advogado, incentivava a economia, exceto a ramificação dela que se intrometia na sua comida. A isso, não chamava de economia, mas de péssima administração doméstica. Mas para a economia que, como uma traça, penetrava nas roupas da Sra. Wilkins e as arruinava, ele era só elogios.

— Nunca se sabe quando a tempestade virá — dizia ele —, e você vai ficar muito contente ao se ver com um pé-de-meia. Na verdade, nós dois ficaremos.

Olhando pela janela do clube para a Shaftesbury Avenue — seu clube era econômico, mas conveniente para Hampstead, onde ela morava, e para Shoolbred's, onde fazia compras —, a Sra. Wilkins, quedando-se ali por algum tempo muito melancólica, com a mente repleta de visões do Mediterrâneo em abril, das glicínias e das oportunidades invejáveis dos ricos, enquanto seus olhos de fato observavam a chuva escura e horrenda que caía constante nos guarda-chuvas apressados e espirrava nos ônibus, de repente pôs-se a imaginar se aquela não seria a tempestade para a qual Mellersh — Mellersh era o Sr. Wilkins — tanto a incentivara a se preparar e se sair daquele clima rumo ao pequeno castelo medieval não seria o que a Providência tinha planejado o tempo todo que ela fizesse com suas economias. Parte de suas economias, é claro; talvez até uma bem pequena. O castelo, por ser medieval, também podia estar em ruínas, e as ruínas sem dúvida eram baratas. Ela

não se importaria nem um pouco com isso, porque não se pagava por ruínas que já existiam, pelo contrário — ao reduzir o preço a pagar, na verdade eram as ruínas que pagavam para você. Mas que absurdo pensar nisso...

Ela se afastou da janela com o mesmo gesto de irritação e resignação com que largara o *Times*, atravessou a sala rumo à porta com a intenção de pegar sua capa e seu guarda-chuva, abrir caminho dentro de um dos ônibus superlotados e ir à Shoolbred's a caminho de casa para comprar algumas solhas para o jantar de Mellersh — ele não era de comer peixe e gostava apenas do tipo linguado, exceto salmão —, quando viu a Sra. Arbuthnot, uma mulher que ela conhecia de vista e também morava em Hampstead e pertencia ao clube, sentada à mesa no meio da sala onde ficavam os jornais e as revistas, absorta, por sua vez, na primeira página do *Times*.

A Sra. Wilkins nunca havia conversado com a Sra. Arbuthnot, que pertencia a um dos vários grupos da igreja e analisava, classificava, dividia e registrava os pobres, enquanto ela e Mellersh, quando saíam, iam às festas de pintores impressionistas, que eram muitos em Hampstead. Mellersh tinha uma irmã que se casara com um deles e morava no Heath e, por causa dessa ligação, a Sra. Wilkins foi arrastada para um círculo que não lhe era nem um pouco natural e aprendeu a temer quadros. Tinha que comentar alguma coisa sobre eles, mas não sabia o que dizer. Costumava murmurar “maravilhoso” e sentir que não era suficiente. Mas ninguém se importava. Ninguém ouvia. Ninguém nem sequer notava a Sra. Wilkins. Ela era o tipo de pessoa que não é notada nos eventos. Suas roupas, afligidas pela poupança, a deixavam praticamente invisível; seu rosto não era arrebatador; sua conversa era reticente; ela era tímida. E se as roupas, o rosto e a conversa de alguém são insignificantes, pensou a Sra. Wilkins, que reconhecia suas limitações, o que restava nas festas para essa pessoa?

Além disso, ela estava sempre com Wilkins, aquele homem barbeado e de boa aparência, que, só por comparecer a uma festa, já conferia a ela ótimos ares. Wilkins era muito respeitável. Era conhecido por ser tido em alta conta por seus sócios seniores. O círculo de sua irmã o admirava. Ele dava pareceres adequadamente

inteligentes sobre arte e artistas. Era incisivo; era prudente; nunca dizia uma palavra a mais nem a menos que o suficiente. Ele dava a impressão de manter uma cópia de tudo o que dizia e era tão obviamente confiável que com frequência acontecia de as pessoas que o conheciam nessas festas ficarem insatisfeitas com os próprios advogados e, depois de um período de inquietação, se livrarem deles e procurarem Wilkins.

Naturalmente, a Sra. Wilkins era ofuscada.

— Ela — dizia a irmã dele, com um quê de crítica, compreensão e conclusão em seu tom — devia ficar em casa.

Mas Wilkins não podia deixar a esposa em casa. Ele era advogado de família, e todos eles têm esposas e as exibem. Durante a semana, ia com ela a festas e, aos domingos, à igreja. Sendo ainda relativamente jovem — tinha trinta e nove anos — e interessado em velhinhas, das quais ainda não havia muitas em seu escritório, não podia se dar ao luxo de não ir à igreja, e era de lá que a Sra. Wilkins conhecia a Sra. Arbuthnot, embora nunca tivessem se falado.

Ela a via organizar os filhos dos pobres em bancos. Entrava à frente da procissão da Escola Dominical, exatamente cinco minutos antes do coral, colocava seus meninos e meninas impecavelmente sentados em seus devidos lugares, depois apoiados em seus joelhinhos em sua oração preliminar e por fim de pé outra vez quando, ao som do órgão, a porta da sacristia se abria, e o coral e o sacerdote, carregados com as litânias e os mandamentos que deveriam pregar, de lá emergiam. Ela exibia uma expressão triste, embora fosse claramente eficiente. A combinação costumava deixar a Sra. Wilkins reflexiva, pois, nos dias que ela só conseguia comprar linguado, Mellersh lhe dizia que, se uma pessoa fosse eficiente, não ficaria deprimida e quem faz bem o seu trabalho se torna automaticamente alegre e vibrante.

Não havia nada de alegre e vibrante na Sra. Arbuthnot, embora muito do seu comportamento com as crianças da Escola Dominical fosse automático; mas, quando a Sra. Wilkins, virando-se da janela, a viu no clube, não havia nada de automático nela; em vez disso, olhava fixamente para um trecho da primeira página do *Times*, segurando o jornal imóvel, os olhos parados. Ela estava apenas

olhando; e seu rosto, como sempre, era o de uma madona paciente e decepcionada.

A Sra. Wilkins a observou por um minuto, tentando criar coragem para falar com ela. Queria perguntar se tinha visto o anúncio. Não sabia por que queria perguntar isso a ela, mas queria. Que estúpido não conseguir falar com ela. A mulher parecia tão gentil. Parecia tão infeliz. Por que duas pessoas infelizes não podiam animar uma à outra, no decorrer desse negócio enfadonho que é a vida, conversando um pouco — uma conversa natural e verdadeira sobre o que sentiam, do que gostariam e que esperanças ainda tentavam nutrir? Ela não conseguia deixar de achar que a Sra. Arbuthnot também estava lendo aquele mesmo anúncio. Os olhos dela estavam bem naquela parte do jornal. Será que ela também imaginava como seria — a cor, o cheiro, a luz, o mar batendo suavemente entre as pedrinhas quentes? Cor, cheiro, luz, mar; em vez da Shaftesbury Avenue, dos ônibus molhados, da seção de peixes na Shoolbred's, do metrô de Hampstead e do jantar, e a mesma coisa amanhã, e depois de amanhã e sempre o mesmo...

De repente, a Sra. Wilkins se viu inclinada sobre a mesa.

— A senhora está lendo sobre o castelo medieval e as glicínias? — ouviu-se perguntar.

Naturalmente, a Sra. Arbuthnot ficou surpresa; mas não tanto quanto a própria Sra. Wilkins por perguntar.

Até onde a Sra. Arbuthnot sabia, ainda não tinha visto a figura prosaica, emaciada e vagamente composta, sentada à sua frente, com seu rostinho sardento e os grandes olhos cinzentos quase desaparecendo sob um chapéu impermeável amassado, e por isso olhou para ela por um momento sem responder. Ela estava lendo sobre o castelo medieval e as glicínias, ou melhor, tinha lido sobre ele dez minutos antes e desde então se perdera em sonhos — de luz, cor, cheiro, o mar batendo suavemente nas pedrinhas quentes...

— Por que a pergunta? — disse com a voz grave, pois seu treinamento com os pobres a tornara grave e paciente.

A Sra. Wilkins corou e pareceu excessivamente tímida e assustada.

— Ah, só porque eu também vi e pensei que talvez... de alguma forma... — ela gaguejou.

Por hábito, enquanto olhava pensativamente para a Sra. Wilkins, a Sra. Arbuthnot, acostumada a colocar as pessoas em listas e divisões, imediatamente considerou que rubrica, supondo que tivesse que classificá-la, lhe seria mais adequada.

— E eu a conheço de vista — prosseguiu a Sra. Wilkins, que, como todos os tímidos, quando começava, não conseguia parar, assustando-se cada vez mais com suas palavras ao ouvir o mero som do que acabara de dizer. — Todo domingo... vejo a senhora todo domingo na igreja...

— Na Igreja? — ecoou a Sra. Arbuthnot.

— E isso parece uma coisa maravilhosa... esse anúncio sobre as glicínias... e...

A Sra. Wilkins, que devia ter pelo menos trinta anos, parou e se contorceu na cadeira, com o movimento de uma colegial desajeitada e constrangida.

— Parece tão maravilhoso — prosseguiu numa espécie de explosão — e... está um dia tão horrível...

E então ela permaneceu sentada olhando para a Sra. Arbuthnot com os olhos de um cachorro preso.

“Essa pobrezinha”, pensou a Sra. Arbuthnot, que dedicara a vida a ajudar e acalmar, “precisa de conselhos.”

Por isso, ela se preparou pacientemente para dá-los.

— Se você me vê na igreja — disse ela, gentil e atenciosa —, imagino que também more em Hampstead?

— Ah, sim — disse a Sra. Wilkins. E repetiu, com a cabeça sob o pescoço comprido e fino pendendo um pouco, como se a lembrança de Hampstead a oprimisse: — Ah, sim.

— Onde? — perguntou a Sra. Arbuthnot, que, quando era necessário aconselhamento, naturalmente começava primeiro a coletar fatos.

Mas a Sra. Wilkins, colocando a mão de maneira suave e carinhosa na parte do *Times* onde estava o anúncio, como se as simples palavras impressas fossem preciosas, apenas disse:

— Talvez seja por essa razão que isso parece tão maravilhoso.

— Não... acho que é maravilhoso de qualquer maneira — disse a Sra. Arbuthnot, esquecendo-se dos fatos e suspirando de leve.

— Então a senhora o estava lendo?

— Sim — respondeu a Sra. Arbuthnot, com os olhos sonhadores outra vez.

— Não seria maravilhoso? — murmurou a Sra. Wilkins.

— Maravilhoso. — O rosto da Sra. Arbuthnot, que tinha se iluminado, desvaneceu-se novamente em paciência. — Muito maravilhoso. Mas não adianta perder tempo pensando em tais coisas.

— Ah, adianta. — Foi a resposta rápida e surpreendente da Sra. Wilkins; surpreendente porque era muito incomum a todo o resto que lhe compunha: o casaco e a saia sem personalidade, o chapéu amarrotado, a mecha indecisa de cabelo solto. — Pensar nisso por si só já vale a pena... uma diferença tão grande de Hampstead... e às vezes eu acredito... eu realmente acredito... que, se alguém pensa o suficiente, consegue as coisas.

A Sra. Arbuthnot a observou pacientemente. Em que categoria a colocaria se precisasse?

— Talvez — disse ela, inclinando-se um pouco para a frente —, você me diga seu nome. Se vamos ser amigas — ela abriu seu sorriso grave —, como espero que sejamos, é melhor começarmos do começo.

— Ah, sim... que gentileza sua. Sou a Sra. Wilkins. Não espero — acrescentou, corando, pois a Sra. Arbuthnot não disse nada — que isso signifique alguma coisa para a senhora. Às vezes parece... parece não significar nada para mim também. Mas — ela olhou em volta como se procurasse ajuda — sou a Sra. Wilkins.

Ela não gostava do nome. Era um nome pequeno e medíocre, com uma espécie de voltinha jocosa no fim, pensava, como a espiral ascendente da cauda de um cãozinho pug. No entanto, lá estava. Não havia o que fazer. Wilkins ela era e Wilkins permaneceria; e embora o marido a encorajasse a responder Sra. Mellersh-Wilkins em todas as ocasiões, ela só o fazia quando ele estava ouvindo, pois achava que Mellersh tornava Wilkins pior, enfatizando-o do mesmo modo que Chatsworth nos portões de uma vila enfatiza a vila.

Na primeira vez em que ele sugeriu que ela acrescentasse Mellersh, ela se opusera usando esse argumento e, após uma pausa — Mellersh era prudente demais para falar, exceto após uma pausa, durante a qual, provavelmente, fazia uma cuidadosa cópia mental da observação a ser feita —, disse, muito descontente, “Mas eu não sou uma vila”, e a olhou com o olhar de quem espera, talvez pela centésima vez, não ter se casado com uma idiota.

Claro que ele não era uma vila, garantiu-lhe a Sra. Wilkins; ela nunca dissera isso; não havia sequer sonhado em dizer... estava apenas pensando...

Quanto mais ela explicava, mais fervorosa se tornava a esperança de Mellersh, já tão comum à época, pois ele estava casado havia dois anos, de que, por sorte, não tivesse se casado com uma idiota; e eles tiveram uma briga longa, se é que se pode chamar de briga uma que é conduzida por um silêncio digno de um lado e sinceras desculpas do outro, sem importar se a Sra. Wilkins tivera ou não a intenção de sugerir que o Sr. Wilkins era uma vila.

“Acredito”, pensou ela quando a briga enfim terminou, o que levou um bom tempo, “que qualquer um discutiria por qualquer coisa quando não se separam nem por um único dia durante dois anos inteiros. O que nós dois precisamos é de umas férias.”

Tentando se explicar para a Sra. Arbuthnot, ela prosseguiu:

— Meu marido é advogado. Ele... — Ela procurou algo esclarecedor que pudesse dizer sobre Mellersh e encontrou: — Ele é muito bonito.

— Bem — respondeu a Sra. Arbuthnot —, isso deve ser um grande prazer para a senhora.

— Por quê? — perguntou a Sra. Wilkins.

— Porque sim — disse a Sra. Arbuthnot, um pouco surpresa, pois suas constantes interações com os pobres a acostumaram a ter seus pronunciamentos acatados sem questionamentos —, porque a beleza, a formosura, é uma dádiva como qualquer outra, e se usada adequadamente...

Ela deixou a frase inacabada. Os grandes olhos cinzentos da Sra. Wilkins estavam fixos nela, e de repente pareceu à Sra. Arbuthnot que talvez ela estivesse se acostumando ao hábito da exposição, e uma exposição como a das governantas, que tinham

uma audiência que não podia discordar delas, que teria medo de interromper se quisesse, que não soubesse das coisas e que estava, de fato, sob o seu controle.

Mas a Sra. Wilkins não estava ouvindo; pois naquele momento, por mais absurdo que parecesse, uma imagem surgiu em sua mente, e havia duas figuras sentadas juntas sob uma grande glicínia que se estendia pelos galhos de uma árvore que ela não conhecia, e as figuras eram ela mesma e a Sra. Arbuthnot — ela as viu —, ela as via. E atrás delas, brilhavam ao sol as velhas paredes cinza — o castelo medieval, ela o viu —, elas estavam lá...

Por isso, ela olhava para a Sra. Arbuthnot e não ouvia uma palavra que a mulher dizia. E a Sra. Arbuthnot também encarava a Sra. Wilkins, capturada pela expressão em seu rosto, que foi tomada pela excitação do que via e se tornava tão luminosa e trêmula quanto a água sob a luz do sol quando agitada por uma rajada de vento. Nesse momento, se estivesse em uma festa, a Sra. Wilkins teria sido observada com interesse.

Elas se encaravam; a Sra. Arbuthnot surpresa, com um ar inquisitivo, e a Sra. Wilkins com os olhos de alguém a quem fora feita uma revelação. É claro. Essa era a solução. Ela própria, por si só, não poderia arcar com os custos e, mesmo que pudesse, não conseguiria chegar até lá sozinha; mas ela e a Sra. Arbuthnot juntas...

Ela se inclinou sobre a mesa e sussurrou:

— Por que não tentamos ir?

A Sra. Arbuthnot arregalou ainda mais os olhos.

— Ir? — repetiu.

— Sim — disse a Sra. Wilkins, ainda como se estivesse com medo de que alguém a ouvisse. — Não apenas sentar aqui, dizer “Que maravilha” e depois voltar para casa em Hampstead sem ter movido um dedo... voltar para casa como sempre e cuidar do jantar e do peixe, como fazemos há anos e anos e continuaremos a fazer por anos e anos. Na verdade — disse a Sra. Wilkins, corando até a raiz dos cabelos, pois que estava dizendo, o que saía como um desabafo, a assustava, mas mesmo assim não podia parar —, não vejo fim para isso. Não há fim. Então tem que haver uma pausa, tem que haver intervalos... para o bem de todos. Ora, seria realmente

altruísta viajar e ser feliz um pouco, porque voltaríamos muito melhores. Veja bem, depois de um tempo todo mundo precisa de férias.

— Mas... o que você quer dizer com ir? — perguntou a Sra. Arbuthnot.

— Pegar — disse a Sra. Wilkins.

— Pegar?

— Alugar. Contratar. Aproveitar.

— Mas... você quer dizer você e eu?

— Sim. Nós duas. Dividir. Então custaria apenas metade, e a senhora parece tão... a senhora parece querer isso tanto quanto eu... como se precisasse de um descanso... de que algo feliz lhe acontecesse.

— Ora, mas nós não nos conhecemos.

— Mas pense quão bem nos conheceríamos se viajássemos juntas por um mês! E eu economizei para os dias de tempestade... veja só...

“Ela está desequilibrada”, pensou a Sra. Arbuthnot; no entanto, se sentia estranhamente empolgada.

— Pense em fugir por um mês inteiro... de tudo... para o paraíso...

“Ela não devia dizer coisas assim”, pensou a Sra. Arbuthnot. “O vigário...” Contudo, seria de fato maravilhoso ter um descanso, uma trégua.

O hábito, porém, a centrou novamente; e anos de relações com os pobres a fizeram dizer com a ligeira superioridade compadecida do explicador:

— Mas, veja bem, o paraíso não é outro lugar. É aqui e agora. É o que nos ensinam.

Ela ficou muito séria, como sempre fazia quando tentava pacientemente ajudar e instruir os pobres.

— O paraíso está dentro de nós — disse com sua voz baixa e gentil. — Quem nos diz é a maior de todas as autoridades. E você sabe o que está escrito sobre as semelhanças, não sabe...?

— Ah, sim, eu sei — interrompeu a Sra. Wilkins, impaciente.

— As semelhanças entre o paraíso e o lar — continuou a Sra. Arbuthnot, que estava acostumada a terminar suas frases. — O

paraíso é a nossa casa.

— Não é — disse a Sra. Wilkins, outra vez de forma surpreendente.

A Sra. Arbuthnot ficou chocada. Então falou com gentileza:

— Ah, mas claro que é. Basta escolhermos e fazermos ser.

— Eu escolho, faço ser, e ainda assim não é — insistiu a Sra. Wilkins.

Então a Sra. Arbuthnot se calou, pois às vezes também tinha dúvidas sobre os lares. Ela ficou sentada, olhando inquieta para a Sra. Wilkins, sentindo cada vez mais a necessidade urgente de classificá-la. Ela achava que, se ao menos conseguisse classificar a Sra. Wilkins, colocá-la em segurança sob a rubrica certa, recuperaria o próprio equilíbrio, que parecia muito estranhamente pender todo para um lado. Pois ela também não tirava férias havia anos, e aquele anúncio, quando ela o viu, a fez sonhar; além disso, a empolgação da Sra. Wilkins com aquilo era contagiante e, enquanto ouvia aquela conversa impetuosa e estranha e observava o rosto iluminado da outra mulher, tinha a sensação de que estava sendo despertada do sono.

Sem dúvida, a Sra. Wilkins era desequilibrada, mas a Sra. Arbuthnot já havia encontrado desequilibrados antes — na verdade ela sempre os encontrava —, e eles não afetavam de forma alguma sua própria estabilidade; ao passo que aquela ali a fazia sentir-se vacilante, quase como se tirar uma folga e viajar para longe, longe de sua bússola composta por Deus, Marido, Lar e Deveres — ela não achava que a Sra. Wilkins planejasse que o Sr. Wilkins fosse também — e ao menos uma vez ser feliz fosse bom e desejável. O que é claro que não era; certamente não era. Ela também tinha um pé-de-meia, que investira aos poucos no Banco de Poupança dos Correios, mas supor que ela seria capaz de esquecer seus deveres a ponto de resgatar o dinheiro e gastá-lo consigo mesma era certamente absurdo. Claro que ela não poderia, nunca faria uma coisa dessas, não é? Sem dúvida não, jamais conseguiria esquecer seus pobres, esquecer a miséria e a doença assim de todo, não é? Sem dúvida, uma viagem à Itália seria extraordinariamente deliciosa, mas havia muitas coisas deliciosas que uma pessoa

gostaria de fazer, mas por que então ela era agraciada com força se não para ajudá-la a não fazê-las?

Para a Sra. Arbuthnot, os quatro grandes fatos da vida eram imutáveis como os pontos cardeais: Deus, Marido, Lar, Deveres. Ela se apoiara nesses fatos anos antes, depois de um período de muito sofrimento, a cabeça repousada neles como se fossem um travesseiro; e tinha verdadeiro pavor de ser despertada dessa condição tão simples e confortável. Por isso, procurava com dedicação uma rubrica sob a qual colocar a Sra. Wilkins e, dessa maneira, iluminar e estabilizar a própria mente. Sentada ali, olhando-a inquieta após sua última observação e sentindo-se ficar cada vez mais desequilibrada e infectada, ela decidiu *pro tempore*, como dizia o vigário nas reuniões, colocá-la sob a rubrica Nervos. Era possível que ela entrasse diretamente na categoria Histeria, que muitas vezes era apenas a antecâmara da Loucura, mas a Sra. Arbuthnot aprendera a não se apressar em colocar as pessoas em suas categorias definitivas, tendo em mais de uma ocasião descoberto com consternação que cometera um erro; e tinha sido muito difícil realocá-las, e ela ficara devastada pelo mais terrível remorso.

Sim. Nervos. Provavelmente ela não tinha o costume de trabalhar para os outros, pensou a Sra. Arbuthnot; nenhum trabalho que a trouxesse para fora de si. Era evidente que estava sem leme — levada por rajadas, por impulsos. Era quase certo que Nervos era a sua categoria, ou seria em breve, se ninguém a ajudasse. Coitadinha, pensou a Sra. Arbuthnot, seu próprio equilíbrio voltando de mãos dadas com sua compaixão. Por causa da mesa, ela não conseguia ver o comprimento das pernas da Sra. Wilkins. Tudo o que via era o rosto pequeno, ansioso, tímido, os ombros magros e, em seus olhos, a expressão de desejo infantil por algo que tinha certeza que a faria feliz. Não; essas coisas tão fugazes não faziam as pessoas felizes. A Sra. Arbuthnot havia descoberto em sua longa vida com Frederick — seu marido, com quem se casara aos vinte anos e ainda não completara trinta e três — onde se encontram as verdadeiras alegrias. Elas só são encontradas, ela agora sabia, quando se vive para os outros a cada dia, a cada hora; elas só são

encontradas — não tinha ela tantas vezes levado suas decepções e seu desânimo até lá, de onde saíra consolada? — aos pés de Deus.

Frederick tinha sido o tipo de marido cuja esposa logo se refugia aos pés de Deus. De uma coisa à outra, havia sido um passo pequeno, porém doloroso. Parecia-lhe pequeno em retrospecto, mas de fato consumira todo o primeiro ano de casamento, e cada centímetro do caminho havia sido uma luta, e cada centímetro daquilo havia sido manchado, ela sentira na época, com o sangue de seu coração. Tudo isso estava acabado agora. Havia muito, encontrara a paz. E Frederick, de noivo apaixonado e amado, de jovem e adorado marido, tornara-se o segundo, atrás apenas de Deus, em sua lista de deveres e tolerâncias. Ali ele permanecia, o segundo em importância, uma coisa sem sangue, tornada pálida pelas orações dela. Durante anos, ela só conseguira ser feliz esquecendo a felicidade. Queria permanecer assim. Queria calar tudo o que a lembrasse de coisas bonitas, que pudessem fazê-la ansiar outra vez, desejar...

— Eu gostaria muito de ser sua amiga — disse ela com sinceridade. — Por que não vai me visitar? Ou permita que eu vá até você? Sempre que tiver vontade de conversar. Vou lhe dar o meu endereço — ela procurou na bolsa — e então você não vai esquecer. — Ela encontrou um cartão e o estendeu.

A senhora Wilkins ignorou o cartão.

— É tão estranho — disse a Sra. Wilkins, como se não a tivesse ouvido. — Mas eu já nos vejo lá: nós duas, você e eu, no castelo medieval em abril.

A Sra. Arbuthnot voltou a ficar inquieta.

— Você vê? — perguntou, fazendo um esforço para manter o equilíbrio diante do olhar visionário daqueles brilhantes olhos cinzentos. — Vê?

— Você nunca vê as coisas numa espécie de *flash* antes que elas aconteçam? — perguntou a Sra. Wilkins.

— Nunca.

A Sra. Arbuthnot tentou sorrir; tentou abrir o sorriso compadecido, porém sábio e tolerante, com que estava acostumada a ouvir a opinião necessariamente tendenciosa e incompleta dos pobres. Mas não conseguiu. O sorriso estremeceu e sumiu.

— É claro — disse em voz baixa, quase como se estivesse com medo de que o vigário e o Banco de Poupança estivessem ouvindo —, seria muito bonito... muito bonito...

— Mesmo que fosse errado — disse a Sra. Wilkins —, seria apenas por um mês.

— Isso... — começou a Sra. Arbuthnot, bastante convicta de que aquele ponto de vista era completamente repreensível; mas a Sra. Wilkins a interrompeu antes que pudesse concluir:

— De qualquer forma, tenho certeza de que é errado continuar sendo boa por muito tempo, até a pessoa se tornar infeliz. E posso ver que você tem sido boa por muitos e muitos anos, porque parece tão infeliz — a Sra. Arbuthnot abriu a boca para protestar —, e eu... eu não faço nada além de obrigações, coisas para outras pessoas, desde menina, e não acredito que alguém me ame nem um pouco sequer... um pouco... o m-melhor... e eu desejo... ah, eu desejo... algo mais... algo mais...

Ela ia chorar? A Sra. Arbuthnot ficou extremamente desconfortável e compassiva. Torcia para que ela não começasse a chorar. Não ali. Não naquela sala hostil, com estranhos entrando e saindo.

Mas a Sra. Wilkins, depois de puxar agitadamente um lenço que não queria sair do bolso, enfim conseguiu apenas assoar o nariz e, piscando muito depressa uma ou duas vezes, olhou para a Sra. Arbuthnot com um ar trêmulo de desculpas meio humildes, meio assustadas e sorriu.

— Você acredita — sussurrou, tentando serenar a boca, claramente muito envergonhada de si mesma — que nunca falei assim com ninguém em toda a minha vida? Não consigo pensar, simplesmente não sei o que aconteceu comigo.

— É o anúncio — disse a Sra. Arbuthnot, assentindo com gravidade.

— Sim — concordou a Sra. Wilkins, secando furtivamente os olhos —, e nós duas sermos tão... — ela assoou o nariz novamente — infelizes.

É claro que a Sra. Arbuthnot não era infeliz — como poderia, ela se perguntou, quando Deus cuidava dela? —, mas, naquele momento, deixou a questão passar sem repudiá-la, pela convicção que tinha de que ali havia outra criatura precisando urgentemente de sua ajuda; e, dessa vez, não apenas de botas, cobertores e melhores sistemas sanitários, mas a ajuda mais sensível da compreensão, de encontrar as palavras certas.

As palavras certas, ela agora sabia, depois de tentar várias outras sobre viver para os outros, orar e encontrar a paz colocando-se sem reservas nas mãos de Deus — para responder a todas essas palavras, a Sra. Wilkins tinha outras, incoerentes e, no entanto, pelo menos nesse momento, até que se tivesse mais tempo, difíceis de rebater —, as palavras certas eram uma sugestão de que não haveria mal algum em responder ao anúncio. Sem compromisso. Uma simples consulta. E o que perturbou a Sra. Arbuthnot nessa sugestão foi que ela não fez isso apenas para confortar a Sra. Wilkins; fez isso por causa do próprio desejo estranho que sentia pelo castelo medieval.

Isso era muito perturbador. Lá estava ela, acostumada a direcionar, liderar, aconselhar, apoiar — exceto Frederick; havia muito que aprendera a deixar Frederick para Deus —, sendo levada, sendo influenciada e arrebatada por um mero anúncio, por uma mera estranha incoerente. Era de fato perturbador. Ela não conseguia entender seu desejo repentino pelo que era, no fim das contas, autoindulgência, quando, por anos, esse tipo de desejo não havia entrado em seu coração.

— Apenas perguntar não fará mal — disse ela em voz baixa, como se o vigário e o Banco de Poupança e todos os pobres dependentes que esperavam por ela a estivessem ouvindo e condenando.

— Não é como se isso nos comprometesse a alguma coisa — falou a Sra. Wilkins, também em voz baixa, porém trêmula.

Levantaram-se ao mesmo tempo — a Sra. Arbuthnot ficou surpresa ao ver que a Sra. Wilkins era tão alta —, foram a uma escrivaninha, e a Sra. Arbuthnot escreveu para Z, Caixa-postal 1.000, *The Times*, pedindo detalhes. Ela pediu todas as informações, mas a única que realmente queriam era o valor do

aluguel. Ambas acharam que era a Sra. Arbuthnot quem deveria escrever a carta e cuidar da negociação. Não só ela estava acostumada a organizar e ser prática, mas também era mais velha e certamente mais tranquila; e ela mesma também não tinha dúvidas de que era mais sábia. Tampouco a Sra. Wilkins tinha dúvida alguma quanto a isso; a maneira como a Sra. Arbuthnot repartia o cabelo sugeria uma grande serenidade que só podia advir da sabedoria.

Mas, se ela era mais sábia, mais velha e mais tranquila, a nova amiga da Sra. Arbuthnot, por sua vez, parecia ser a que tinha o ímpeto. Mesmo incoerente, ela ainda tinha o ímpeto. Ela parecia apresentar, além da necessidade de ajuda, um tipo perturbador de personalidade. Tinha uma curiosidade contagiante. Fazia as pessoas agirem. E a maneira como sua mente instável tirava conclusões precipitadas — erradas, é claro; basta ver que ela dissera que a Sra. Arbuthnot era infeliz —, a maneira como tirava conclusões precipitadas era desconcertante.

No entanto, independentemente do que ela fosse e de sua instabilidade, a Sra. Arbuthnot se viu compartilhando de sua excitação e seu desejo; e quando a carta foi postada na caixa de correio no corredor e já não podia ser recuperada, ela e a Sra. Wilkins experimentaram o mesmo sentimento de culpa.

— Isso só mostra — disse a Sra. Wilkins num sussurro, enquanto se afastavam da caixa de correio — quão imaculadamente boas fomos durante toda a vida. Na primeira vez em que fazemos algo que nossos maridos não sabem, nos sentimos culpadas.

— Receio não poder dizer que fui imaculadamente boa — protestou baixinho a Sra. Arbuthnot, um pouco desconfortável com o mais recente exemplo de conclusões precipitadas, pois ela não dissera nem uma palavra sobre seu sentimento de culpa.

— Ah, mas tenho certeza que foi... vejo você sendo boa... e é por isso que não é feliz.

“Ela não deveria dizer coisas assim”, pensou a Sra. Arbuthnot. “Tenho que tentar ajudá-la a não fazer isso.”

Em voz alta, disse com seriedade:

— Não sei por que você insiste em dizer que não sou feliz. Quando me conhecer melhor, acho que descobrirá que sou. E tenho

certeza de que não quer mesmo dizer que a bondade, se alguém consegue alcançá-la, torna a pessoa infeliz.

— Sim, é o que quero dizer — insistiu a Sra. Wilkins. — Nosso tipo de bondade, sim. Nós a alcançamos e somos infelizes. Existem tipos de bondade sofridos e tipos felizes... o tipo que teremos no castelo medieval, por exemplo, é feliz.

— Isso se formos para lá — disse a Sra. Arbuthnot, contida. Ela sentia que a Sra. Wilkins precisava se controlar. — Afinal, escrevemos apenas para perguntar. Qualquer um pode fazer isso. Acho que é bem provável que venhamos a descobrir que as condições são impossíveis e, mesmo que não sejam, provavelmente amanhã já não desejaremos mais ir.

— Eu nos vejo lá. — Foi a resposta da Sra. Wilkins.

Tudo isso era muito desequilibrado. A Sra. Arbuthnot, enquanto andava pelas ruas gotejantes, chapinhando pela água a caminho de uma reunião em que falaria, estava incomumente perturbada. Esperava ter se mostrado muito calma para a Sra. Wilkins, muito prática e sóbria, escondendo a própria empolgação. Mas, na verdade, estava extraordinariamente emocionada, sentia-se feliz, culpada e com medo e, embora não soubesse, sentia tudo o que uma mulher que havia saído de um encontro secreto com o amante sentia. Na verdade, era isso que ela parecia quando chegou atrasada ao púlpito; ela, com as sobrancelhas arqueadas, parecia quase furtiva quando seus olhos se voltaram para os rostos impassíveis que esperavam ouvi-la tentar convencê-los a contribuir para mitigar as necessidades urgentes dos pobres de Hampstead, cada um convencido de que eles próprios precisavam de contribuições. Ela parecia esconder algo desonroso, mas prazeroso. Sem dúvida, não exibia sua expressão clara de franqueza habitual, que fora substituída por uma espécie de satisfação reprimida e assustada, o que levaria um público mais mundano à convicção instantânea de que acabara de fazer amor apaixonadamente.

Beleza, beleza, beleza... as palavras ecoavam em seus ouvidos enquanto no púlpito ela falava de coisas tristes para a reunião quase vazia. Ela nunca estivera na Itália. Era com isso que seu pé-de-meia deveria ser gasto, no fim das contas? Embora ela não pudesse aprovar o modo como a Sra. Wilkins apresentava a ideia de

predestinação em um futuro muito próximo, como se ela não tivesse escolha, como se fosse inútil lutar ou até mesmo refletir, isso ainda a influenciava. Os olhos da Sra. Wilkins eram os de uma vidente. Algumas pessoas eram assim, a Sra. Arbuthnot sabia; e se a Sra. Wilkins realmente a tivesse visto no castelo medieval, lutar provavelmente seria mesmo uma perda de tempo. Ainda assim, gastar seu pé-de-meia com autoindulgência... A origem desse dinheiro havia sido corrupta, mas ela ao menos supunha que seu fim fosse honroso. Ela deveria desviá-lo de seu pretenso destino, que por si só parecia justificar sua existência, e gastá-lo para se satisfazer?

A Sra. Arbuthnot falou sem parar, tão experiente naquele tipo de discurso que poderia preferi-lo enquanto dormia e, no final da reunião, com os olhos deslumbrados por suas visões secretas, mal percebeu que ninguém ficou comovido de nenhuma forma, muito menos em relação a contribuições.

Mas o vigário percebeu. O vigário ficou desapontado. Normalmente, sua boa amiga e apoiadora, a Sra. Arbuthnot, era mais bem-sucedida do que isso. E, o que era ainda mais incomum, ela parecia, ele observou, não se importar.

— Não consigo imaginar — disse-lhe ele, enquanto se separavam, irritado tanto com a plateia quanto com ela — por que essas pessoas vêm. Nada parece comovê-las.

— Talvez elas precisem de férias — sugeriu a Sra. Arbuthnot; uma resposta insatisfatória, estranha, pensou o vigário.

— Em fevereiro? — disse ele, sarcástico.

— Ah, não... só em abril — disse a Sra. Arbuthnot por cima do ombro.

“Muito estranho”, pensou o vigário. “Muito estranho mesmo.” E foi para casa, e talvez não fosse muito cristão com sua esposa.

Naquela noite, em suas orações, a Sra. Arbuthnot pediu orientação. Sentiu que deveria mesmo pedir, de forma clara e direta, que o castelo medieval já tivesse sido alugado por outra pessoa e que assim tudo ficasse resolvido, mas lhe faltou coragem. E se suas preces fossem atendidas? Não; ela não podia pedir isso; não podia arriscar. Além do mais — ela quase pontuou isso para Deus —, se ela gastasse seu atual pé-de-meia em umas férias, logo poderia

acumular outro. Frederick lhe dava dinheiro; e isso só significaria que, enquanto estivesse juntando novamente as suas economias, suas contribuições para as instituições de caridade paroquiais seriam menores por um tempo. E então a origem corrupta desse segundo pé-de-meia poderia finalmente ser expurgada pelo seu uso.

Pois a Sra. Arbuthnot, que não tinha dinheiro próprio, era obrigada a viver da renda das atividades de Frederick, e seu próprio pé-de-meia era o fruto, postumamente amadurecido, de um pecado antigo. A maneira como Frederick ganhava a vida era uma das angústias permanentes da vida dela. Ele escrevia memórias muitíssimo populares, regularmente, todos os anos, das amantes dos reis. Havia na história diversos reis que tiveram amantes e ainda mais amantes que tiveram reis; de modo que ele tivera como publicar um livro de memórias a cada ano de sua vida de casado, e mesmo assim ainda havia muitas dessas damas esperando para serem atendidas. A Sra. Arbuthnot não tinha esperança. Gostasse ou não, era obrigada a viver dessa renda. Ele lhe dera um sofá terrível uma vez, após o sucesso das memórias de Du Barri, com almofadas enormes e assento macio e receptivo, e lhe pareceu uma coisa infeliz que ali, em sua própria casa, ostentasse essa reencarnação de um velho pecador francês morto.

Simplemente boa, convencida de que a moralidade é a base da felicidade, o fato de ela e Frederick tirarem seu sustento da culpa, por mais que tenha sido expurgada pela passagem de séculos, era uma dos motivos secretos de sua tristeza. Quanto mais despidorada era a dama retratada, mais o livro sobre ela era lido e mais generoso ele era com sua esposa; e tudo o que ele lhe dava era usado para ajudar os pobres, mas só depois de guardar um pouco para seu pé-de-meia — pois ela esperava e acreditava que algum dia as pessoas deixariam de querer ler tais malícias e, então, Frederick precisaria de suporte. A paróquia prosperou por causa do mau comportamento das senhoritas (para citar algumas aleatoriamente) Du Barri, Montespan, Pompadour, Ninon de l'Enclos e até mesmo Maintenon. Os pobres eram o filtro pelo qual o dinheiro passava para sair, a Sra. Arbuthnot esperava, purificado. Ela não podia fazer mais nada. Em tempos passados, tentara refletir sobre

essa situação, descobrir o caminho exato a seguir, mas a achara, assim como ela achava Frederick, muito difícil, e a deixara, assim como deixara Frederick, para Deus. Nada desse dinheiro era gasto em sua casa ou seus vestidos; eles permaneciam, exceto pelo grande sofá macio, austeros. Foram os pobres que lucraram. As botas deles estavam repletas de pecados. Mas tinha sido muito difícil. A Sra. Arbuthnot, procurando orientação, orou exaustivamente. Talvez devesse se recusar a tocar o dinheiro, evitá-lo como teria evitado os pecados que eram sua fonte? Mas e as botas da paróquia? Ela perguntou ao vigário o que ele achava e, usando uma linguagem muito delicada, evasiva e cautelosa, finalmente pareceu que ele era a favor das botas.

Pelo menos ela havia convencido Frederick, quando ele iniciou sua terrível carreira de sucesso — ele só a começou depois do casamento; quando se casaram, ele era um funcionário irrepreensível ligado à biblioteca do Museu Britânico —, a publicar as memórias sob um pseudônimo, para que ela não fosse publicamente identificada. Hampstead lia os livros com alegria e não fazia ideia de que o escritor vivia no meio deles. Frederick era quase desconhecido, mesmo de vista, em Hampstead. Nunca foi a nenhuma de suas reuniões. Tudo que ele fazia para fins recreativos era feito em Londres, mas ele nunca falava sobre o que fazia ou com quem se encontrava; a julgar pelas menções de amigos que já tinha feito à esposa, ele poderia ser perfeitamente ser um solitário. Só o vigário sabia de onde vinha o dinheiro da paróquia, e ele considerava, como dissera à Sra. Arbuthnot, uma questão de honra não mencionar isso.

E ao menos a casinha dela não era assombrada por aquelas senhoras perdidas na vida, pois Frederick fazia seu trabalho fora de casa. Ele tinha duas salas perto do Museu Britânico, que eram o cenário de suas exumações e para onde ele ia todas as manhãs e voltava muito depois de sua esposa já estar dormindo. Às vezes, ele nem voltava. Às vezes, ela não o via por vários dias seguidos. Então, ele aparecia de repente no café da manhã, usando a chave reserva para entrar na noite anterior, muito jovial, gentil, generoso e feliz por ela permitir que ele lhe desse algo — um homem bem alimentado, contente com o mundo; um homem alegre, satisfeito e

cheio de vida. E ela era sempre gentil e se mostrava ávida para que o café estivesse do gosto dele.

Ele parecia muito feliz. A vida, ela costumava pensar, por mais que fosse tabulada, ainda era um mistério. Sempre havia pessoas que eram impossíveis de classificar. Frederick era uma delas. Ele não parecia ter a menor semelhança com o Frederick original. Ele não parecia ter a menor necessidade de qualquer uma das coisas que antes achava tão importantes e belas — amor, lar, comunhão completa de pensamentos, imersão total nos interesses um do outro. Depois daquelas dolorosas tentativas iniciais de tentar mantê-lo no ponto em que haviam começado juntos de maneira tão esplêndida, tentativas nas quais ela mesma se machucara terrivelmente e o Frederick com quem supôs ter se casado foi mutilado até se tornar irreconhecível, ela enfim o colocou à cabeceira de sua cama, como o principal motivo de suas orações, e o deixou, exceto por isso, inteiramente para Deus. Ela amava Frederick profundamente demais para que pudesse fazer qualquer coisa a não ser orar por ele. Ele não tinha ideia de que nunca saía de casa sem que a bênção dela o acompanhasse, pairando, como um pequeno eco do amor acabado, em volta daquela cabeça que antes era querida. Ela não se atrevia a pensar em como ele era, como a tratava naqueles maravilhosos primeiros dias de namoro, de casamento. O filho dela havia morrido; ela não tinha nada, ninguém a quem se dedicar. Os pobres se tornaram seus filhos, e Deus, o objeto de seu amor. O que poderia ser mais feliz do que uma vida assim, ela às vezes se perguntava; mas seu rosto, e especialmente seus olhos, continuavam tristes.

“Talvez quando formos velhos... Talvez quando nós dois formos muito velhos...”, ela pensava, melancólica.

3

O dono do castelo medieval era um inglês, o Sr. Briggs, que no momento estava em Londres e escreveu que o lugar tinha camas suficientes para oito pessoas, sem contar com empregados, três salas de estar, ameias, masmorras e energia elétrica. O aluguel custava 60 libras por mês, o salário dos empregados era extra, e ele

queria referências — queria garantias de que a segunda metade do aluguel seria paga, a primeira servindo de adiantamento, e queria garantias de respeitabilidade provenientes de um advogado, um médico ou um clérigo. Ele foi muito educado em sua carta, explicando que o pedido por referências era praxe e deveria ser considerado uma mera formalidade.

A Sra. Arbuthnot e a Sra. Wilkins não tinham pensado em referências nem tinham sonhado que um aluguel pudesse ser tão caro. Em suas mentes, flutuavam quantias como três guinéus por semana; ou menos, levando-se em conta que o local era pequeno e velho.

Sessenta libras por um único mês.

Isso as surpreendeu.

Diante dos olhos da Sra. Arbuthnot surgiram botas: a perder de vista, todas as botas robustas que sessenta libras poderiam comprar; e, além do aluguel, haveria o salário e a alimentação dos empregados, e as passagens de trem de ida e volta. Quanto às referências, isso de fato parecia um obstáculo; parecia impossível conseguir alguma sem tornar seu plano mais público do que pretendiam.

As duas — até a Sra. Arbuthnot, atraída pela primeira vez para longe da mais pura honestidade pela percepção de quantos problemas e críticas que uma explicação imperfeita produziria e que assim poderiam ser poupados — pensaram que seria uma boa ideia divulgar, cada uma para seu círculo, sendo seus círculos afortunadamente distintos, que visitariam uma amiga que tinha uma casa na Itália. Seria verdade até certo ponto — a Sra. Wilkins afirmou que seria verdade, mas a Sra. Arbuthnot achava que não exatamente —, e essa era a única maneira, segundo a Sra. Wilkins, de manter Mellersh minimamente quieto. Gastar parte de seu dinheiro apenas para chegar à Itália já lhe causaria indignação; a Sra. Wilkins preferia não pensar no que ele diria se soubesse que ela estava alugando parte de um castelo medieval por conta própria. Ele passaria dias e dias falando; e isso porque o dinheiro era dela, nem um centavo dela sequer tinha sido do marido.

— Mas imagino — disse ela — que seu marido seja igual. Imagino que todos os maridos sejam iguais no fim das contas.

A Sra. Arbuthnot não disse nada, porque seu motivo para não querer que Frederick soubesse era exatamente o oposto — Frederick ficaria muito satisfeito por ela ir, não se importaria nem um pouco; na verdade, ele receberia tal ato de autoindulgência e mundanismo com uma alegria que seria dolorosa para ela e insistiria, com um desapego avassalador, que ela se divertisse e não se apressasse em voltar para casa. Muito melhor, ela pensava, ter a ausência sentida por Mellersh do que ser despachada por Frederick. Ter a ausência sentida, ser necessária, por qualquer motivo que seja, era, ela achava, melhor do que a completa solidão de não fazer falta ou ser desnecessária.

Ela, no entanto, não disse nada e permitiu que a Sra. Wilkins tirasse suas conclusões aleatórias. Mas as duas sentiram, por um dia inteiro, que a única coisa a ser feita era renunciar ao castelo medieval; e foi ao chegar a essa decisão amarga que realmente perceberam quão aguçado era seu desejo por ele.

Então a Sra. Arbuthnot, cuja mente era treinada para encontrar soluções em meio à dificuldade, encontrou uma saída para o problema das referências; e, ao mesmo tempo, a Sra. Wilkins teve uma visão que lhe revelou como reduzir o aluguel.

O plano da Sra. Arbuthnot era simples e completamente auspicioso. Ela levou todo o dinheiro do aluguel pessoalmente para o proprietário, retirando-o de sua poupança — mais uma vez parecia furtiva e apologética, como se o funcionário soubesse que ela queria o dinheiro para autoindulgência — e, seguindo com as seis notas de dez libras em sua bolsa até o endereço próximo ao Oratório de Brompton, onde o proprietário morava, entregou-as a ele, renunciando ao seu direito de pagar apenas metade. Quando ele a viu, com seus cabelos repartidos, os olhos escuros suaves e as roupas sóbrias, e ouviu sua voz grave, disse a ela que não se preocupasse em escrever para as pessoas pedindo referências.

— Vai dar tudo certo — disse ele, rabiscando um recibo do aluguel. — Não quer se sentar? Dia desagradável, não? A senhora verá que o velho castelo tem muito sol, independentemente de todo o resto que ele não tem. Seu marido vai?

A Sra. Arbuthnot, que não estava acostumada a nada além de franqueza, pareceu incomodada com a pergunta e começou a

murmurar de forma desarticulada, e o proprietário concluiu imediatamente que ela era viúva — uma viúva de guerra, é claro, pois as outras viúvas eram velhas — e que ele tinha sido tolo por não adivinhar.

— Ah, me desculpe — disse ele, ficando vermelho até a raiz do cabelo loiro. — Eu não quis... hum... hum... hum...

Ele correu os olhos pelo recibo que havia escrito.

— Sim, creio que esteja tudo certo — concluiu, levantando-se e o entregando a ela. — Agora — acrescentou, pegando as seis notas que ela estendia e sorrindo, pois a Sra. Arbuthnot era agradável de se olhar —, estou mais rico, e a senhora está mais feliz. Tenho dinheiro, e a senhora tem San Salvatore. Gostaria de saber o que é melhor.

— Acho que o senhor sabe — disse a Sra. Arbuthnot com seu sorriso doce.

Ele riu e abriu a porta para ela. Era uma pena que a entrevista já tivesse terminado. Ele teria gostado de convidá-la para almoçar. Ela o fez lembrar de sua mãe, de sua babá, de todas as coisas gentis e reconfortantes, além de ter o atrativo de não ser sua mãe ou sua babá.

— Espero que a senhora goste do lugar — disse ele, segurando a mão dela por um momento à porta. A própria sensação de sua mão, mesmo através da luva, era reconfortante; era o tipo de mão, ele pensou, que as crianças gostariam de segurar no escuro. — Em abril, sabe, é simplesmente um mar de flores. E também há o mar. A senhora deveria usar branco. Vai lhe cair muito bem. Há vários retratos da senhora lá.

— Retratos?

— Madonas, sabe? Há uma na escada exatamente igual à senhora.

A Sra. Arbuthnot sorriu, se despediu e agradeceu. Sem a menor dificuldade e de forma definitiva, ela o pusera em sua devida categoria: ele era um artista de temperamento efervescente.

Trocaram um aperto de mãos; ela se foi, e ele desejou que ela não tivesse ido. Depois que ela partiu, ele supôs que deveria ter pedido aquelas referências, não só porque ela o acharia pouco profissional por não pedi-las, mas também porque ele teria insistido

em referências tanto de um santo em uma nuvem quanto daquela senhora séria e doce.

Rose Arbuthnot.

A carta dela, marcando a reunião, estava na mesa.

Belo nome.

Aquela dificuldade, então, estava superada. Mas ainda restava a outra, o efeito realmente aniquilador da despesa nos pés-de-meia, em especial no da Sra. Wilkins, que, comparado ao da Sra. Arbuthnot, era uma meia de bebê; e isso, por sua vez, foi superado pela visão concedida à Sra. Wilkins, que lhe revelara os passos para superar essa questão. Tendo conseguido San Salvatore — o nome bonito e religioso as fascinava —, elas, por sua vez, colocariam um anúncio na seção de Carta dos Leitores do *Times*, em busca de mais duas damas, com desejos semelhantes aos seus, para se juntar a elas e dividir as despesas.

Imediatamente, o rombo nos pés-de-meia seria reduzido de metade para um quarto. A Sra. Wilkins estava preparada para gastar todo o seu pé-de-meia na aventura, mas percebeu que, se custasse seis centavos além de suas noventa libras, estaria numa situação terrível. Imagine ir a Mellersh e dizer: “Tenho uma dívida.” Já seria bem terrível se algum dia as circunstâncias a obrigassem a dizer: “Não tenho um pé-de-meia”, mas pelo menos, nesse caso, se apoiaria no fato de que o dinheiro era seu. Ela, portanto, embora preparada para gastar até o último centavo na aventura, não estava disposta a jogar nela um único centavo que não fosse comprovadamente seu; e acreditava que, se sua parte do aluguel fosse reduzida a apenas quinze libras, teria uma margem segura para as outras despesas. Além disso, poderiam economizar muito em alimentos — colher azeitonas de suas próprias árvores e comê-las, por exemplo, e talvez pescar.

Obviamente, como apontaram uma para a outra, elas poderiam reduzir o valor do aluguel a uma quantia quase insignificante aumentando o número de hóspedes; poderiam chamar mais seis damas em vez de duas se quisessem, visto que havia oito camas no local. Mas, supondo que as oito camas fossem distribuídas em pares em quatro quartos, não seria exatamente o que elas queriam, ao se verem trancadas à noite com uma estranha. Além disso,

achavam que, se houvesse muitas pessoas, talvez não fosse tão tranquilo. Afinal, estavam indo para San Salvatore em busca de paz, descanso e alegria e, ter seis mulheres a mais, principalmente se dividissem os quartos, poderia interferir um pouco nisso.

De todo modo, parecia haver apenas duas damas na Inglaterra naquele momento que desejavam se juntar a elas, pois receberam apenas duas respostas ao anúncio.

— Bem, só queremos duas — disse a Sra. Wilkins, recuperando-se rapidamente, pois imaginara uma grande procura.

— Acho que teria sido bom ter opções — disse a Sra. Arbuthnot.

— Você diz isso porque, dessa forma, não precisaríamos aceitar Lady Caroline Dester.

— Eu não disse isso — protestou gentilmente a Sra. Arbuthnot.

— Não precisamos aceitá-la — disse a Sra. Wilkins. — Só mais uma pessoa já nos ajudaria bastante com o aluguel. Não somos obrigadas a levar duas.

— Mas por que não deveríamos aceitá-la? Ela parece realmente ser o que queremos.

— Sim... pela carta, parece — concordou a Sra. Wilkins, em dúvida.

Ela sentiu que ficaria terrivelmente tímida com Lady Caroline. Por incrível que pareça, considerando como eles estão em todos os lugares, a Sra. Wilkins nunca havia se encontrado com nenhum membro da aristocracia.

Elas entrevistaram Lady Caroline e também a outra candidata, a Sra. Fisher.

Lady Caroline foi ao clube na Shaftesbury Avenue e parecia totalmente absorvida por um grande desejo de se afastar de todo mundo que já conheceria. Quando viu o clube, a Sra. Arbuthnot e a Sra. Wilkins, ela teve certeza de que ali estava exatamente o que queria. Ela iria para a Itália — um lugar que adorava; não ficaria em hotéis — lugares que detestava; não ficaria na casa de amigos — pessoas de quem não gostava; e estaria na companhia de estranhas que não mencionariam nem uma única pessoa sequer que ela conhecia, pela simples razão de que não as tinham conhecido, não poderiam e jamais iriam conhecer. Ela fez algumas perguntas sobre a quarta mulher e se deu por satisfeita com as

respostas. A Sra. Fisher, de Prince of Wales Terrace. Uma viúva. Ela também não estaria familiarizada com nenhuma de suas amigas. Lady Caroline nem sabia onde ficava Prince of Wales Terrace.

— É em Londres — explicou a Sra. Arbuthnot.

— É mesmo? — disse Lady Caroline.

Tudo parecia muito tranquilo.

A Sra. Fisher não pôde ir ao clube, porque, explicou por carta, não conseguia andar sem uma bengala; portanto, a Sra. Arbuthnot e a Sra. Wilkins foram até ela.

— Mas, se ela não pode vir ao clube, como pode ir à Itália? — perguntou a Sra. Wilkins em voz alta.

— Ouviremos isso de seus próprios lábios — disse a Sra. Arbuthnot.

Dos lábios da Sra. Fisher elas apenas ouviram, em resposta a perguntas delicadas, que sentar em trens não era o mesmo que andar; e elas já sabiam disso. Exceto pela bengala, no entanto, ela parecia ser a quarta companhia mais desejável — calada, educada, idosa. Era muito mais velha do que elas ou Lady Caroline — Lady Caroline lhes informara que tinha 28 anos —, mas não tão velha a ponto de não ter mais a mente ativa. Na verdade, ela era muito respeitável e ainda vestia o preto do luto completo, apesar de o marido ter morrido, como lhes contara, onze anos antes. Sua casa estava cheia de fotografias assinadas por ilustres vitorianos já falecidos, que ela conhecera quando era pequena. Seu pai tinha sido um crítico eminente e em sua casa ela vira praticamente todo mundo que fosse alguém no mundo das letras e da arte. Carlyle tinha feito uma careta para ela; Matthew Arnold a pusera no colo; Tennyson havia sonoramente zombado dela por causa do comprimento de suas marias-chiquinhas. Animada, ela lhes mostrou as fotografias, penduradas por todas as paredes, apontando as assinaturas com a bengala, e não deu nenhuma informação sobre o próprio marido nem perguntou sobre os maridos das visitantes; o que foi muito reconfortante. De fato, parecia pensar que elas também eram viúvas, pois, ao perguntar quem seria a quarta dama e saber que seria Lady Caroline Dester, ela disse:

— Ela também é viúva?

E, quando lhe explicaram que não, porque ela ainda não tinha se casado, observou com uma amabilidade distraída:

— Tudo a seu tempo.

Mas a própria distração da Sra. Fisher — ela parecia absorvida sobretudo pelas pessoas interessantes que conhecera e nas fotografias póstumas delas, e boa parte da entrevista foi tomada por um relato recordativo de Carlyle, Meredith, Matthew Arnold, Tennyson e muitos outros —, sua própria distração depunha em seu favor. Ela só pedia, dissera, para se sentar em silêncio ao sol e recordar. Era tudo o que a Sra. Arbuthnot e a Sra. Wilkins queriam de suas acompanhantes. A ideia que tinham de uma acompanhante perfeita era alguém que se sentasse em silêncio ao sol e recordasse, despertando nas noites de sábado apenas o suficiente para pagar sua parte. A Sra. Fisher também gostava muito de flores, contou, e, uma vez, quando passava um fim de semana com o pai em Box Hill...

— Quem morava em Box Hill? — interrompeu a Sra. Wilkins, que se apegou às reminiscências da Sra. Fisher, muito empolgada por encontrar alguém que de fato conhecera todas aquelas personalidades, que as vira, tocara e ouvira falar.

A Sra. Fisher olhou para ela por cima dos óculos, um tanto surpresa. A Sra. Wilkins, ansiosa por arrancar depressa as reminiscências do coração da Sra. Fisher, com medo de que a qualquer momento a Sra. Arbuthnot a levasse embora e ela não tivesse ouvido a metade, já havia interrompido várias vezes com perguntas que a Sra. Fisher julgava ignorantes.

— Meredith, é claro — respondeu a Sra. Fisher, seca. — Lembro-me de um fim de semana em particular — ela continuou. — Meu pai costumava me levar, mas sempre me lembro desse fim de semana em particular...

— A senhora conheceu Keats? — interrompeu a Sra. Wilkins, ansiosa.

A Sra. Fisher, depois de uma pausa, disse com uma reserva ácida que não tinha conhecido Keats nem Shakespeare.

— Ah, claro... que ridículo de minha parte! — exclamou a Sra. Wilkins, corando. — É porque... — ela se atrapalhou — é porque os imortais de alguma forma ainda parecem vivos, não parecem?...

Como se estivessem aqui e fossem entrar na sala a qualquer momento... e a gente se esquece de que estão mortos. Na verdade, sabemos muito bem que eles não estão mortos... não tão mortos quanto você e eu agora mesmo — assegurou ela à Sra. Fisher, que a observou por cima dos óculos.

A Sra. Wilkins prosseguiu incoerentemente, instigada pelo olhar da Sra. Fisher por cima dos óculos:

— Pensei ter visto Keats outro dia. Em Hampstead... atravessando a rua em frente à casa... a senhora sabe... a casa onde ele morou...

A Sra. Arbuthnot disse que elas tinham que ir.

A Sra. Fisher não fez nada para impedi-las.

— Eu realmente pensei que o tinha visto — protestou a Sra. Wilkins, apelando para a crença primeiro de uma, depois da outra, enquanto seu rosto ia assumindo diversos tons, totalmente incapaz de se calar por causa dos óculos da Sra. Fisher e daqueles olhos que a encaravam com firmeza por cima deles. — Acredito que o vi... ele estava vestido com um...

Até a Sra. Arbuthnot olhava para ela agora e, em sua voz mais gentil, disse que se atrasariam para o almoço.

Foi nesse momento que a Sra. Fisher pediu referências. Ela não queria se ver trancada por quatro semanas com alguém que via coisas. É verdade que havia três salas de estar, além do jardim e das ameias em San Salvatore, portanto, ela teria como se afastar da Sra. Wilkins; mas seria desagradável para a Sra. Fisher, por exemplo, se a Sra. Wilkins de súbito afirmasse ter visto o Sr. Fisher. O Sr. Fisher estava morto; que continuasse assim. Ela não queria que lhe dissessem que ele estava andando pelo jardim. A única referência que ela realmente queria, pois já era muito velha e tinha seu lugar no mundo firmemente estabelecido para se importar com companhias questionáveis, era com relação à saúde da Sra. Wilkins. Sua saúde era normal? Ela era uma mulher comum e sensata? A Sra. Fisher achava que, se lhe dessem ao menos um endereço, seria capaz de descobrir o que precisava. Então, pediu referências, e suas visitantes pareceram tão surpresas — a Sra. Wilkins, de fato, ficou sóbria no mesmo instante — que ela acrescentou:

— É praxe.

A Sra. Wilkins foi a primeira a conseguir falar:

— Mas não éramos nós que deveríamos pedir referências suas?

Essa também parecia à Sra. Arbuthnot a atitude correta. Sem dúvida eram elas que estavam aceitando a Sra. Fisher em seu grupo, e não o contrário, não?

Em resposta, a Sra. Fisher, apoiada na bengala, foi até a escrivaninha e, com mão firme, escreveu três nomes e os ofereceu à Sra. Wilkins, e os nomes eram tão respeitáveis, mais que isso, eram tão importantes, quase tão majestosos, que apenas lê-los já era o suficiente. O Presidente da Academia Real, o Arcebispo de Canterbury e o Diretor do Banco da Inglaterra — quem ousaria perturbar tais personalidades em suas meditações com questionamentos sobre se uma amiga deles era tudo o que deveria ser?

— Eles me conhecem desde que eu era pequena — disse a Sra. Fisher. Todo mundo parecia conhecer a Sra. Fisher desde que ela era pequena.

— Não acho que referências sejam uma boa ideia entre... entre mulheres comuns e decentes — explodiu a Sra. Wilkins, encorajada por estar, como se sentia, à margem; pois sabia muito bem que a única referência que podia dar sem se meter em problemas era Shoolbred, e tinha pouca confiança nisso, pois seria inteiramente baseada no peixe de Mellersh. — Não somos pessoas de negócios. Não precisamos desconfiar umas das outras...

E a Sra. Arbuthnot disse, com uma dignidade que ainda era doce:

— Receio que referências tragam para nosso plano de férias uma atmosfera que não é exatamente a que queremos e acho que não vamos aceitar as suas ou lhe dar qualquer uma. Então suponho que a senhora não vá querer se juntar a nós.

E estendeu a mão para se despedir.

Então a Sra. Fisher, seu olhar se desviando para a Sra. Arbuthnot, que inspirava confiança e simpatia até mesmo nos funcionários do Metrô, sentiu que seria idiotice perder a oportunidade de estar na Itália, nas condições singulares oferecidas, e que ela e essa mulher tranquila certamente seriam capazes de

conter a outra quando ela tivesse seus ataques. Então declarou, pegando a mão oferecida pela Sra. Arbuthnot:

— Muito bem. Eu renuncio a referências.

Ela renunciava a referências.

Enquanto caminhavam para a estação na Kensington High Streetm as duas não conseguiram deixar de pensar que aquele modo de se colocar era imponente. Até a Sra. Arbuthnot, esbanjadora de desculpas por lapsos, achava que a Sra. Fisher poderia ter usado outras palavras; e a Sra. Wilkins, quando chegou à estação e depois que a caminhada e a luta na calçada lotada com o guarda-chuva das pessoas tinham esquentado seu sangue, na verdade sugeriu que renunciassem à Sra. Fisher.

— Se alguma renúncia tem de ser feita, que sejamos nós a renunciar — disse, ansiosa.

Mas a Sra. Arbuthnot, como sempre, acalmou a Sra. Wilkins; e, depois de se acalmar no trem, a Sra. Wilkins anunciou que, em San Salvatore, a Sra. Fisher encontraria seu equilíbrio.

— Eu a vejo encontrando equilíbrio lá — disse ela, com os olhos muito brilhantes.

Enquanto isso, a Sra. Arbuthnot, sentada com as mãos quietas cruzadas, refletia sobre como poderia ajudar a Sra. Wilkins a não ver tantas coisas; ou pelo menos, se tivesse que ver, que visse em silêncio.

4

Ficara combinado que a Sra. Arbuthnot e a Sra. Wilkins, viajando juntas, chegariam a San Salvatore na noite de 31 de março — o proprietário, que lhes instruiu como chegar lá, apreciou sua relutância de começar a temporada em 1º de abril —, e Lady Caroline e a Sra. Fisher, que ainda não se conheciam e, portanto, não tinham obrigação de se entediarem na jornada, pois somente ao fim dela descobririam, por eliminação, quem eram, chegariam na manhã de 2 de abril. Dessa maneira, tudo seria bem preparado para as duas que, apesar da divisão igualitária de despesas, pareciam ter um quê de convidadas.

Houve incidentes desagradáveis no final de março, quando a Sra. Wilkins, com o coração na boca e no rosto uma mistura de culpa, terror e determinação, disse ao marido que havia sido convidada para ir à Itália e ele se recusou a acreditar. É claro que ele se recusou a acreditar. Ninguém nunca havia convidado sua esposa para ir à Itália. Não havia precedentes. Ele exigiu provas. A única prova era a Sra. Arbuthnot, e a Sra. Wilkins a apresentara; mas depois de muita súplica, de muita persuasão apaixonada! A Sra. Arbuthnot não imaginou que teria que enfrentar o Sr. Wilkins e dizer coisas que não eram verdade, e isso deixou claro para ela algo de que suspeitava havia algum tempo: que estava se afastando cada vez mais de Deus.

De fato, todo o mês de março foi repleto de momentos desagradáveis e aflitivos. Foi um mês difícil. A consciência da Sra. Arbuthnot, tornada supersensível por anos de mimos, não conseguia conciliar o que estava fazendo com o próprio alto padrão de retidão. Isso não lhe dava paz. Insinuava-se em suas orações. Pontuava seus pedidos de orientação divina com perguntas desconcertantes, como: “Você não é uma hipócrita? Você realmente quer dizer isso? Não ficaria francamente decepcionada se essa oração fosse atendida?”

O prolongado clima úmido e cruel também pesava em sua consciência, produzindo muito mais doenças entre os pobres do que era habitual. Eles tinham bronquite; tinham febre; não havia fim para a angústia. E ali estava ela, indo viajar, gastando um dinheiro precioso nessa viagem, simples e unicamente para ser feliz. Uma mulher. Uma mulher sendo feliz, e essas multidões queixosas...

Ela não conseguia encarar o vigário. Ele não sabia, ninguém sabia, o que ela ia fazer, e desde o início ela não conseguia encarar ninguém. Ela se esquivava de proferir discursos pedindo dinheiro. Como podia se apresentar e pedir dinheiro às pessoas quando ela mesma estava gastando tanto com o próprio prazer egoísta? Tampouco a ajudava ou a acalmava o fato de, tendo realmente dito a Frederick, em seu desejo de compensar o que estava desperdiçando, que ficaria grata se ele lhe desse algum dinheiro, ele ter lhe dado no mesmo instante um cheque de 100 libras. Sem fazer uma pergunta sequer. Ela ficou vermelha. Ele a olhou por um

momento e depois desviou os olhos. Era um alívio para Frederick que ela aceitasse algum dinheiro. Ela imediatamente doou tudo à organização com a qual trabalhava e se viu mais enredada em dúvidas do que nunca.

A Sra. Wilkins, pelo contrário, não tinha dúvidas. Tinha certeza de que era a coisa mais apropriada tirar umas férias e completamente certo e bonito gastar as próprias economias para ser feliz.

— Pense em como seremos mais agradáveis quando voltarmos — disse ela à Sra. Arbuthnot, encorajando a mulher pálida.

Não, a Sra. Wilkins não tinha dúvidas, mas tinha medo; e março também foi um mês de ansiedade para ela, com o desavisado Sr. Wilkins voltando diariamente para o jantar e comendo seu peixe no silêncio da suposta segurança.

As coisas também se desenrolaram de maneira estranha. É de fato surpreendente quão estranhas foram. A Sra. Wilkins, que tomou muito cuidado durante todo o mês para dar a Mellersh apenas a comida de que ele gostava, comprando-a e cuidando do seu preparo com um zelo maior que de costume, se saiu tão bem que Mellersh ficou satisfeito; definitivamente satisfeito; tanto que começou a pensar que poderia, afinal, ter se casado com a esposa certa em vez de, como suspeitava com frequência, com a errada. O resultado foi que no terceiro domingo do mês — a Sra. Wilkins havia decidido, apesar dos temores, que contaria a Mellersh sobre o convite no quarto domingo, pois havia cinco no mês de março e no quinto ela e a Sra. Arbuthnot deveriam partir —, no terceiro domingo então, depois de um almoço muito bem preparado, em que o pudim de Yorkshire derretera na boca e a torta de damasco estava tão perfeita que ele comera tudo, Mellersh, fumando seu charuto ao lado da lareira acesa enquanto as rajadas de granizo açoitavam a janela, disse:

— Estou pensando em levá-la à Itália para a Páscoa. — E fez uma pausa para que ela demonstrasse seu êxtase surpreso e agradecido.

Mas isso não aconteceu. O silêncio na sala, exceto pelo granizo na janela e o estalar alegre do fogo, era completo. A Sra. Wilkins não conseguiu falar. Ela ficou pasma. O domingo seguinte era o dia

em que ela pretendia lhe dar a notícia e ainda não havia ensaiado as palavras que usaria para isso.

O Sr. Wilkins, que não viajava para o exterior desde antes da guerra e estava percebendo com crescente repulsa, à medida que as semanas de vento e chuva se seguiam, a peculiar persistência aviltante do clima, lentamente concebeu o desejo de fugir da Inglaterra na Páscoa. Ele estava se saindo muito bem nos negócios. Poderia bancar uma viagem. A Suíça era inútil em abril. Havia algo de familiar na ideia da Páscoa na Itália. Ele iria para a Itália; e como haveria comentários se não levasse a esposa, deveria levá-la — além disso, ela seria útil; uma segunda pessoa sempre era útil em um país cuja língua não se falava para guardar coisas e esperar com a bagagem.

Ele esperava uma explosão de gratidão e empolgação. A ausência disso era inacreditável. Ela não tinha ouvido, concluiu ele. Provavelmente estava absorvida em algum devaneio tolo. Era lamentável que continuasse tão infantil.

Ele virou a cabeça — as poltronas deles estavam de frente para a lareira — e olhou para ela, que encarava fixamente as chamas, e sem dúvida era o fogo que deixava seu rosto tão vermelho.

— Estou pensando — repetiu ele, erguendo a voz clara e cuidadosa e falando com assertividade, pois desatenção naquele momento era deplorável — em levá-la à Itália na Páscoa. Você não me ouviu?

Sim, ela o ouvira, e estava pensando na extraordinária coincidência... realmente extraordinária... ela ia mesmo lhe contar que... que tinha sido convidada... uma amiga a convidara... na Páscoa também... a Páscoa era em abril, não era?... sua amiga tinha... tinha uma casa lá.

De fato, a Sra. Wilkins, movida pelo terror, pela culpa e pela surpresa, tinha sido mais incoerente que o habitual, se é que era possível.

Foi uma tarde terrível. Mellersh, profundamente indignado, sem contar o fato de ter seu pretense convite negado, inquiriu-a com extrema severidade. Exigiu que ela recusasse o convite. Exigiu que ela, uma vez que havia aceitado tão escandalosamente sem consultá-lo, escrevesse e cancelasse sua aceitação. Vendo-se

diante de uma inesperada e chocante rocha de obstinação nela, ele se recusou a acreditar que a esposa tivesse sido convidada para ir à Itália. Ele se recusou a acreditar nessa Sra. Arbuthnot, de quem até aquele momento nunca ouvira falar; e foi só quando a gentil criatura foi trazida — com tanta dificuldade, com tanta vontade da parte dela de contar tudo, em vez de dizer ao Sr. Wilkins qualquer coisa menos que a verdade — e a própria endossou as declarações de sua esposa que ele conseguiu lhes dar credibilidade. Ele não podia deixar de acreditar na Sra. Arbuthnot, que exercia sobre ele exatamente o mesmo efeito que tinha nos funcionários do Metrô. Ela praticamente não precisou dizer nada. Mas isso não fez a menor diferença para sua consciência, que sabia e não a deixaria esquecer que dera a ele uma impressão incompleta. “Você vê alguma diferença real entre uma impressão incompleta e uma mentira completamente declarada?”, sua consciência lhe perguntava. “Deus não vê nenhuma.”

O restante de março foi um pesadelo confuso. Tanto a Sra. Arbuthnot quanto a Sra. Wilkins sentiam-se arrasadas; por mais que tentassem evitar, ambas se sentiam extraordinariamente culpadas; e quando, na manhã do dia 30, finalmente partiram, não houve alegria com a viagem nem com as férias.

— Temos sido muito boas... boas demais — ficava murmurando a Sra. Wilkins enquanto elas andavam pela plataforma em Victoria, tendo chegado lá uma hora antes do necessário —, e é por isso que sentimos que estamos fazendo algo errado. Estamos intimidadas... nem somos mais seres humanos de verdade. Seres humanos de verdade nunca são tão bons quanto nós. Ah — ela apertou as mãos magras —, e pensar que deveríamos estar muito felizes agora, aqui mesmo na estação, indo viajar, mas não estamos, e tudo está arruinado porque nós mesmas arruinamos! O que fizemos... o que fizemos, eu gostaria de saber — indagou, indignada, à Sra. Arbuthnot —, além de, ao menos uma vez, querer viajar sozinhas e descansar um pouco deles?

A Sra. Arbuthnot, andando pacientemente de um lado para outro, não perguntou a quem ela se referia por “eles”, porque sabia. A Sra. Wilkins se referia aos seus maridos, insistindo no premissa de que Frederick estava tão indignado quanto Mellersh pela partida da

esposa, quando na verdade Frederick nem sabia que sua esposa tinha partido.

A Sra. Arbuthnot, sempre silenciosa sobre ele, nada disse sobre isso à Sra. Wilkins. Frederick havia penetrado fundo demais em seu coração para que falasse sobre ele. Ele estava sobrecarregado de trabalho, terminando mais um daqueles livros terríveis, e passara praticamente todas as últimas semanas fora, e não estava lá quando ela partiu. Por que ela deveria avisá-lo de antemão? Por mais que ela tivesse a infeliz certeza de que ele não faria nenhuma objeção a qualquer coisa que ela fizesse, simplesmente escreveu um bilhete e o deixou para ele na mesa do corredor, para quando — e se — ele voltasse para casa. Dizia que ela ia tirar um mês de férias, pois precisava descansar e não fazia isso havia muito tempo, e que Gladys, a eficiente criada, tinha ordens de cuidar do conforto dele. Não dizia para onde estava indo; não havia motivo para isso; ele não estaria interessado, não se importaria.

O dia estava horrível, chovia e trovejava; a travessia era atroz, e elas estavam muito enjoadas. Mas, depois de tanto enjoo, só de chegar a Calais e não se sentir mal já se sentiam felizes, e foi então que o verdadeiro esplendor do que faziam começou a aquecer seus espíritos entorpecidos. Ele tomou a Sra. Wilkins primeiro e se espalhou como uma chama cor-de-rosa sobre sua companheira pálida. Mellersh, em Calais — onde elas se revigoraram comendo linguado por causa do desejo da Sra. Wilkins de comer um linguado que não era para Mellersh —, já havia começado a minguar e parecia menos importante. Nenhum dos carregadores franceses o conheciam; nenhum um único funcionário de Calais dava a mínima para Mellersh. Em Paris, não houve tempo para pensar nele, porque o trem delas estava atrasado, e elas simplesmente pegaram o trem para Turim na Gare de Lyons; e, na tarde do dia seguinte, quando chegaram à Itália, a Inglaterra, Frederick, Mellersh, o vigário, os pobres, Hampstead, o clube, Shoolbred, tudo e todos, e toda a tristeza aflitiva desapareceram, ofuscados por um sonho.

Estava nublado na Itália, o que as surpreendeu. Elas esperavam sol forte. Mas não importava: era a Itália, e até as nuvens pareciam gordas. Nenhuma das duas estivera lá antes. Ambas olhavam pelas janelas com rostos extasiados. As horas voaram durante o dia e, depois disso, veio a emoção de estarem chegando, cada vez mais perto, quase lá. Em Gênova, começou a chover — Gênova! Imagine estar de fato em Gênova, ver o nome da cidade escrito na estação como qualquer outro nome —, em Nervi chovia torrencialmente e, quando enfim chegaram a Mezzago por volta da meia-noite, pois o trem estava atrasado outra vez, a chuva caía no que pareciam camadas de véus. Mas era a Itália. Nada do que fazia poderia ser ruim. A própria chuva era diferente — reta, caindo adequadamente no guarda-chuva; não aquela coisa inglesa violenta que vinha de toda parte. E acabava; e quando isso acontecia, eis que a terra estaria coberta de rosas.

O Sr. Briggs, o proprietário de San Salvatore, tinha dito:

— Vocês saltam em Mezzago e depois dirigem.

Mas ele havia esquecido algo que sabia muito bem, que os trens na Itália às vezes atrasam, e imaginou que suas inquilinas chegariam a Mezzago às oito horas e encontrariam uma série de cocheiros entre os quais poderiam escolher.

O trem estava quatro horas atrasado e, quando a Sra. Arbuthnot e a Sra. Wilkins desceram os degraus altos do vagão para a chuva escura, com as saias varrendo grandes poças de fuligem molhada, porque as mãos estavam cheias de malas, se não fosse a atenção de Domenico, o jardineiro de San Salvatore, elas não teriam encontrado ninguém que as conduzisse. Todos os cocheiros comuns tinham ido para casa havia muito tempo. Domenico, prevendo isso, mandara a carruagem de sua tia, conduzida pelo filho dela, seu primo; e a tia e a carruagem viviam em Castagneto, a vila incrustada aos pés de San Salvatore, portanto, por mais atrasado que o trem estivesse, o cocheiro não ousaria voltar para casa sem as pessoas que fora enviado para buscar.

O nome do primo de Domenico era Beppo, e agora ele emergia do escuro onde estavam a Sra. Arbuthnot e a Sra. Wilkins, sem saber o que fazer depois que o trem partisse, pois não viam nenhum

carregador e tinham a sensação de que não estavam em uma plataforma, mas no meio do caminho.

Beppo, que estava à procura delas, surgiu do escuro numa espécie de ataque e falou enfaticamente com elas em italiano. Beppo era um jovem muito respeitável, mas não parecia ser assim, sobretudo no escuro, e exibia um chapéu encharcado caindo sobre um dos olhos. Elas não gostaram da maneira como ele olhou para suas malas. Pensaram que ele não poderia ser um carregador. No entanto, naquele momento, da fala em torrente que vinha dele, elas compreenderam as palavras San Salvatore e depois ficaram repetindo isso, pois era a única coisa em italiano que sabiam enquanto corriam atrás dele, sem querer perder as malas de vista, tropeçando em trilhos e passando por poças até a estrada, onde havia uma carruagem pequena e alta.

A cobertura estava levantada, e o cavalo parecia contemplativo. Elas subiram na carruagem e, no minuto em que entraram — na verdade, não era possível dizer que a Sra. Wilkins estivesse mesmo do lado de dentro —, o cavalo despertou com um sobressalto e imediatamente começou a ir para casa depressa; sem Beppo; sem as malas.

Beppo correu atrás dele, seus gritos ecoando pela noite, e pegou as rédeas penduradas bem a tempo. Ele explicou, com orgulho e, ao que lhe parecia, perfeita clareza, que o cavalo sempre fazia isso, sendo um belo animal cheio vigor, e cuidado por ele, Beppo, como se fosse seu próprio filho, e as damas deviam estar alarmadas — ele notou que estavam agarradas uma à outra; mas, apesar de falar alto e com clareza e da profusão de palavras, elas apenas o olhavam sem expressão.

Contudo, ele continuou falando enquanto empilhava as malas ao redor delas, certo de que mais cedo ou mais tarde o entenderiam, especialmente porque ele tinha o cuidado de falar muito alto e ilustrar tudo o que dizia com os gestos elucidativos mais simples, porém ambas continuaram apenas o encarando. As duas, ele notou com empatia, tinham rostos brancos e cansados e olhos grandes, também cansados. Eram mulheres bonitas, pensou ele, e os olhos delas, o fitando por cima das malas, observavam todos os seus movimentos — não havia baús, apenas diversas malas — e eram

como os olhos da Mãe de Deus. A única coisa que as mulheres diziam e repetiam a intervalos regulares, mesmo depois de terem partido, cutucando-o gentilmente para chamar sua atenção, enquanto ele seguia sentado em sua caixa, era:

— San Salvatore?

E toda vez ele respondia com entusiasmo, encorajador:

— *Si, si...* San Salvatore.

— Claro que não sabemos se ele está nos levando para lá — disse a Sra. Arbuthnot, em voz baixa, depois de estarem viajando pelo que parecia muito tempo e terem saído das ruas pavimentadas de pedras da cidade adormecida para uma estrada sinuosa, em que a única coisa que conseguiam ver era uma mureta baixa à sua esquerda, além da qual havia um grande vazio negro e o barulho do mar. À sua direita havia algo próximo, íngreme, alto e preto — rochas, sussurraram uma para a outra; rochas enormes.

Elas se sentiam muito desconfortáveis. Era tão tarde. Estava tão escuro. A estrada estava tão vazia. E se uma roda se soltasse? E se encontrassem fascistas, ou os adversários dos fascistas? Estavam muito arrependidas por não terem dormido em Gênova e vindo na manhã seguinte, à luz do dia.

— Mas então seria 1º de abril — disse a Sra. Wilkins, em voz baixa.

— É 1º de abril agora — rebateu a Sra. Arbuthnot, baixinho.

— É mesmo — murmurou a Sra. Wilkins.

Elas ficaram caladas.

Beppo virou-se em sua caixa — um hábito inquietante já percebido, pois certamente seu cavalo deveria ser observado com atenção — e mais uma vez se dirigiu a elas, convencido de estava sendo claro — sem dialetos e com movimentos explicativos da maior clareza.

O quão elas não desejavam que suas mães as tivessem feito aprender italiano quando eram pequenas. Ao menos agora elas poderiam dizer: “Por favor, sente-se direito e cuide do cavalo.” Elas nem sabiam como era cavalo em italiano. Era desprezível ser tão ignorante.

Ansiosas porque a estrada contornava grandes rochas salientes e, à esquerda, havia apenas a mureta para mantê-las fora do mar

caso acontecesse alguma coisa, elas também começaram a gesticular, acenando com as mãos para Beppo, apontando para a frente. Queriam que ele se virasse e olhasse o cavalo, só isso. Ele achou que elas queriam que ele fosse mais rápido; então seguiram-se dez aterrorizantes minutos, durante os quais ele supunha que as estava agradando. Ele tinha orgulho de seu cavalo, que podia andar muito rápido. Ele se ergueu em seu assento, o chicote estalou, o cavalo disparou, as pedras saltaram na direção delas, a pequena carruagem balançou, as malas sacudiram, a Sra. Arbuthnot e a Sra. Wilkins se seguraram. E assim continuaram, balançando, sacudindo, fazendo barulho e se segurando, até que em um ponto próximo a Castagneto havia uma subida na estrada e, chegando ao pé dela, o cavalo, que conhecia cada centímetro do caminho, parou de súbito, fazendo tudo na carruagem cair amontoado, e depois prosseguiu na mais lenta das caminhadas.

Beppo se virou para receber a admiração delas, rindo com orgulho de seu cavalo.

Não houve risada das belas damas em resposta. Seus olhos, fixos nele, pareciam maiores do que nunca, e seus rostos pareciam leitosos no breu da noite.

Mas aqui, pelo menos, enquanto subiam a encosta, havia casas. As rochas sumiram, substituídas por casas; a mureta baixa sumiu, substituída por casas; o mar se encolheu ao longe, seu barulho cessou e a solidão da estrada chegou ao fim. Não havia luzes em lugar nenhum, é claro, ninguém para vê-las passar; e, no entanto, Beppo, quando surgiram as casas, depois de olhar por cima do ombro e gritar “Castagneto” para as damas, mais uma vez se levantou, estalou o chicote e fez o cavalo avançar.

— Estaremos lá em um minuto — disse a Sra. Arbuthnot para si mesma, se segurando.

— Em breve vamos parar — disse a Sra. Wilkins, se segurando. Não falaram em voz alta, porque nada teria sido ouvido além dos estalos do chicote, do barulho das rodas e dos barulhinhos que Beppo fazia para incitar o cavalo.

Com ansiedade, elas estreitaram os olhos para vislumbrar qualquer sinal da entrada de San Salvatore.

Supunham e esperavam que, depois de uma quantidade razoável de aldeia, um arco medieval pairasse sobre elas e, através dele, entrassem em um jardim e parassem diante de uma porta aberta e acolhedora, com luz vindo dela e, aguardando ali, os criados que, de acordo com o anúncio, permaneciam.

Em vez disso, a carruagem parou de repente.

Espiando, viram que ainda estavam na rua da aldeia, com pequenas casas escuras de cada lado; e Beppo, jogando as rédeas no lombo do cavalo, como se estivesse absolutamente confiante de que desta vez ele não iria mais a lugar algum, desceu da caixa. No mesmo momento, surgindo do que parecia ser do nada, um homem e vários meninos crescidos apareceram de cada lado da carruagem e começaram a arrastar as malas.

— Não, não... *San Salvatore*, *San Salvatore* — exclamou a Sra. Wilkins, tentando se agarrar a todas as malas que podia.

— *Sì, sì... San Salvatore* — gritaram todos eles, puxando.

— Aqui não pode ser *San Salvatore* — disse a Sra. Wilkins, voltando-se para a Sra. Arbuthnot, que ainda estava sentada, vendo suas malas serem tiradas dela com a mesma paciência que dedicava a males menores. Ela sabia que não poderia fazer nada se aqueles fossem homens perversos determinados a roubar suas malas.

— Acho que não pode ser — admitiu ela, e não pôde evitar um momento de reflexão sobre os desígnios de Deus. Se ela realmente tivesse sido trazida para cá, ela e a pobre Sra. Wilkins, depois de tantos problemas para arranjar tudo, de tanta dificuldade e preocupação, por caminhos tortuosos de prevaricação e mentira, apenas para serem...

Ela conteve seus pensamentos e disse gentilmente à Sra. Wilkins, enquanto os jovens esfarrapados desapareciam com as malas na noite e um homem com um lampião ajudava Beppo, que elas estavam nas mãos de Deus; e pela primeira vez ao ouvir isso a Sra. Wilkins sentiu medo.

Não havia nada que pudessem fazer além de sair. Era inútil continuar sentadas na carruagem repetindo *San Salvatore*. Sempre que diziam isso, e a cada vez suas vozes saíam mais fracas, Beppo e o outro homem simplesmente repetiam as palavras em uma série

de gritos altos. Se ao menos tivessem aprendido italiano quando eram pequenas. Se ao menos conseguissem dizer: “Queremos ser levadas até a porta.” Mas elas nem sabiam como era porta em italiano. Essa ignorância não era apenas desprezível, mas também, agora percebiam, definitivamente perigosa. No entanto, era inútil se lamentar agora. Era inútil adiar o que quer que fosse acontecer com elas, tentando permanecer na carruagem. Portanto, elas desceram.

Os dois homens abriram seus guarda-chuvas e os entregaram a elas. Isso lhes deu uma leve encorajada, pois não podiam acreditar que, se esses homens fossem maus, parariam para abrir guarda-chuvas. O homem com o lampião gesticulou para que o seguissem, falando alto e rápido, e Beppo, elas perceberam, ficou para trás. Será que deveriam pagar algo para ele? Não, pensaram, se seriam roubadas e talvez assassinadas. Certamente, não se paga nesse caso. Além disso, ele definitivamente não as levara a San Salvatore. Estava claro que haviam chegado a outro lugar. Além disso, ele não demonstrou o menor desejo de receber algum pagamento; deixou-as sumir na noite sem nenhum protesto. Isso, elas não podiam deixar de pensar, era um mau sinal. Ele não pedira nada, porque já ia ganhar muito.

Chegaram a alguns degraus. A estrada terminava abruptamente em uma igreja e uma escada que descia. O homem segurou o lampião baixo para que elas enxergassem os degraus.

— San Salvatore? — disse a Sra. Wilkins mais uma vez, muito baixinho, antes de começar a descer. A menção agora era inútil, é claro, mas ela não conseguiria descer em completo silêncio. Nenhum castelo medieval, ela tinha certeza, jamais fora construído ao pé de uma escada.

Mais uma vez, no entanto, veio o grito ecoante:

— *Si, si... San Salvatore.*

Desceram com todo o cuidado, segurando as saias, como se ainda pudessem querer usá-las e não como se, com toda a probabilidade, nunca mais fossem usar saias.

Os degraus terminavam em um caminho íngreme, com lajes de pedra no meio. Eles escorregaram bastante nessas lajes molhadas, e o homem com lampião, falando alto e rápido, as segurou. Sua forma de segurá-las era educada.

— Talvez — disse a Sra. Wilkins em voz baixa para a Sra. Arbuthnot — esteja tudo bem, no fim das contas.

— Estamos nas mãos de Deus — repetiu a Sra. Arbuthnot; e Sra. Wilkins sentiu medo de novo.

Chegaram ao final do caminho íngreme, e a luz do lampião tremeluziu sobre um espaço aberto, cercado de casas em três lados. No quarto lado, havia o mar, indo e vindo preguiçosamente sobre seixos.

— San Salvatore — disse o homem, apontando com o lampião para uma massa negra curvada em volta da água, como um braço arremessado sobre ela.

Eles estreitaram os olhos. Viram a massa negra e, acima dela, uma luz.

— San Salvatore? — repetiram incrédulas, pois onde estavam as malas e por que foram forçadas a sair da carruagem?

— *Si, si... San Salvatore.*

Eles seguiram o que parecia ser um cais, bem à beira da água. Não havia nem uma mureta ali — nada que impedisse o homem com o lampião de jogá-las lá embaixo se quisesse. No entanto, ele não as jogou. Talvez estivesse tudo bem, no fim das contas, e a Sra. Wilkins, ao perceber isso, sugeriu novamente à Sra. Arbuthnot, que estava começando a pensar que talvez sim e não disse mais nada sobre as mãos de Deus.

A chama do lampião bruxuleava, refletida no pavimento molhado do cais. À esquerda, na escuridão e evidentemente no final de um píer, havia uma luz vermelha. Chegaram a um arco com um portão de ferro pesado. O homem com o lampião empurrou o portão para abri-lo. Dessa vez, subiram uma escada em vez de descer e, no topo, havia um pequeno caminho que serpenteava entre flores. Elas não podiam ver as flores, mas era evidente que todo o lugar estava repleto delas.

Ali, ocorreu à Sra. Wilkins que talvez o motivo para a carruagem não tê-las levado até a porta fosse porque não havia estrada, apenas uma trilha a ser feita a pé. Isso também explicaria o sumiço das malas. Ela começou a sentir-se confiante de que encontrariam as malas esperando por elas quando chegassem ao topo. Parecia que San Salvatore ficava no alto de uma colina, onde deveria ficar

um castelo medieval. Em uma curva do caminho, viram acima delas, muito mais perto agora e brilhando com mais intensidade, a luz que tinham visto do cais. Ela compartilhou sua crença com a Sra. Arbuthnot, que concordou que era muito provável que fosse verdade.

Mais uma vez, mas agora em tom de verdadeira esperança, a Sra. Wilkins disse, apontando para cima na direção da silhueta preta contra o céu apenas ligeiramente menos preto:

— San Salvatore?

E mais uma vez, mas agora de um jeito reconfortante e encorajador, veio a garantia:

— *Si, si... San Salvatore.*

Atravessaram uma pequena ponte acima do que parecia um barranco, e depois veio um trecho plano com grama alta nas laterais e mais flores. Elas sentiram a grama molhada em suas meias, e as flores invisíveis estavam por toda parte. Então subiram novamente em meio a árvores, por um caminho em zigue-zague com o cheiro das flores que não podiam ver. A chuva quente trazia à tona toda a doçura. Elas subiam mais e mais nessa doce escuridão, e a luz vermelha no píer lá embaixo ficava mais e mais distante delas.

O caminho contornava até outro lado do que parecia ser uma pequena península; o píer e a luz vermelha desapareceram; do outro lado do vazio, à esquerda, havia luzes distantes.

— Mezzago — disse o homem, acenando com o lampião na direção das luzes.

— *Si, si* — responderam elas, pois a essa altura já haviam aprendido *sí, sí*.

Diante disso, o homem as parabenizou com um vasto fluxo de palavras educadas, das quais elas não entenderam nenhuma, com seu magnífico italiano. O homem era Domenico, o jardineiro vigilante e eficiente de San Salvatore, o suporte e ajudante do lugar, o engenhoso, talentoso, eloquente, cortês e inteligente Domenico. Só que elas ainda não sabiam disso; e ele, no escuro e, às vezes, à luz, com seus traços morenos distintos e seus movimentos rápidos de pantera, parecia alguém perverso.

Elas passaram por outro trecho plano, com uma forma negra como um muro alto se erguendo à sua direita, e então o caminho

subiu novamente sob treliças, e elas foram saudadas por borrifos de perfume e respingos de gotas de chuva sobre elas, e a luz do lampião tremeluziu sobre os lírios e, em seguida, subiram um lance de degraus antigos desgastados pelos séculos, e depois mais um portão de ferro, e então entraram, embora ainda subissem um lance de degraus de pedra com paredes antigas de ambos os lados, como as paredes de masmorras e um teto abobadado.

No topo havia uma porta de ferro forjado e através dela brilhava um jorro de luz elétrica.

— *Ecco* — disse Domenico, subindo com agilidade os últimos degraus adiante e empurrando a porta para abri-la.

E lá estavam, elas haviam chegado; ali era San Salvatore; e as malas estavam à sua espera; e elas não tinham sido assassinadas.

Olharam uma para a outra, os rostos brancos, e piscaram muito solenemente.

Foi um momento ótimo, maravilhoso. Ali estavam, finalmente em seu castelo medieval. Os pés tocando suas pedras.

A Sra. Wilkins passou o braço em volta do pescoço da Sra. Arbuthnot e a beijou.

— A primeira coisa a acontecer nesta casa — ela disse baixinho, solenemente — tinha que ser um beijo.

— Querida Lotty — disse a Sra. Arbuthnot.

— Querida Rose — disse a Sra. Wilkins, com os olhos cheios de alegria.

Domenico ficou encantado. Gostava de ver belas damas se beijando. Ele fez um discurso de boas-vindas lisonjeiro, e elas ficaram de braços dados, abraçadas, pois estavam muito cansadas, piscando sorridentes para ele, sem entender uma palavra.

6

Quando a Sra. Wilkins acordou na manhã seguinte, ficou deitada na cama alguns minutos antes de se levantar e abrir as venezianas. O que veria pela janela? Um mundo brilhante ou um mundo chuvoso? Mas seria lindo; o que quer que fosse seria lindo.

Ela estava em um pequeno quarto com paredes brancas nuas, piso de pedra e poucos móveis antigos. As camas — havia duas —

eram de ferro, esmaltadas de preto e pintadas com ramos de flores alegres. Ela adia o grandioso momento de ir à janela como quem adia a abertura de uma carta preciosa, olhando para ela com paixão. Ela não tinha ideia de que horas eram; esquecera-se de dar corda no relógio desde que, séculos atrás, fora se deitar pela última vez em Hampstead. Não se ouvia som algum na casa, então ela supôs que fosse muito cedo, ainda que parecesse ter dormido por um longo tempo — tão completamente descansada, tão perfeitamente contente. Estava deitada com os braços cruzados em volta da cabeça, pensando em como estava feliz, os lábios curvados para cima em um sorriso de puro deleite. Sozinha na cama: uma condição adorável. Fazia cinco anos inteiros que ela não se via em uma cama sem Mellersh; e a amplidão tranquila, a liberdade de movimentos, a sensação de imprudência, de audácia, de dar um puxão nos cobertores se quisesse, ou ajeitar os travesseiros para que ficassem mais confortáveis! Foi como a descoberta de uma alegria inteiramente nova.

A Sra. Wilkins desejava se levantar e abrir as venezianas, mas ali onde estava era realmente muito delicioso. Ela deu um suspiro de satisfação e continuou deitada, olhando em volta, observando tudo em seu quarto, seu próprio quartinho, todo seu para arrumar como bem quisesse durante esse mês abençoado, seu quarto, comprado com as próprias economias, fruto de suas cuidadosas renúncias, cuja porta ela poderia trancar se quisesse, e ninguém teria o direito de entrar. Era um quartinho tão estranho, tão diferente de qualquer outro que ela tivesse conhecido e tão aconchegante. Era como uma cela. Exceto pelas duas camas, sugeria uma austeridade feliz. “E o nome da câmara”, pensou ela, citando e sorrindo para o entorno, “era paz.”

Bem, aquilo era delicioso, ficar deitada ali pensando em como estava feliz, mas do lado de fora daquelas venezianas era ainda mais delicioso. Ela pulou da cama, calçou os chinelos, pois não havia nada no chão de pedra além de um pequeno tapete, correu para a janela e abriu as venezianas.

— Ah! — gritou a Sra. Wilkins.

Todo o esplendor de abril na Itália estava ali, estendido a seus pés. O sol derramou-se sobre ela. O mar dormia sob ele, mal se

mexendo. Do outro lado da baía, as montanhas encantadoras, de cores primorosamente diferentes, também dormiam à luz; e embaixo de sua janela, na parte inferior da encosta de grama salpicada de flores da qual a muralha do castelo se erguia, havia um grande cipreste, que cortava os delicados tons azuis, violeta e rosa das montanhas e do mar como um grande espada negra.

Ela contemplou. Tanta beleza; e ela estava ali para ver. Tanta beleza; e ela estava viva para sentir. A luz banhava seu rosto. Aromas encantadores subiam até a janela e a acariciavam. Uma brisa muito leve levantou gentilmente seus cabelos. Ao longe, na baía, um grupo de barcos de pesca quase imóveis pairava como um bando de pássaros brancos no mar tranquilo. Que lindo, que lindo! Não ter morrido antes disso... ter tido permissão para ver, respirar, sentir isso... Ela olhava fixamente, os lábios entreabertos. Feliz? Palavra pobre, comum e cotidiana. Mas o que se poderia dizer, como se poderia descrever aquilo? Era como se ela mal coubesse dentro de si, era como se fosse pequena demais para guardar tanta alegria, era como se fosse lavada pela luz. E como era surpreendente sentir essa felicidade pura, pois ali estava ela, sem fazer nem pretender fazer nada de altruísta, sem fazer nada que não quisesse. De acordo com todas as pessoas que já conhecera, ela deveria sentir ao menos algum incômodo. Mas não sentia. Algo estava errado em algum lugar. Era incrível em casa ter sido tão boa, tão terrivelmente boa, e apenas se sentisse atormentada. Tivera sua cota de incômodos de todo tipo; dores, mágoas, desânimos, e durante todo o tempo se mantivera constantemente altruísta. Agora abandonara toda a sua bondade, a deixara para trás como uma pilha de roupas ensopadas pela chuva, e sentia apenas alegria. Ela estava despida de bondade e se alegrava por essa nudez. Estava despida e exultante. E lá, longe na penumbra abafada de Hampstead, Mellersh estava com raiva.

Ela tentou visualizar Mellersh, tentou vê-lo tomando café da manhã e pensando coisas amargas sobre ela; e então o próprio Mellersh começou a brilhar, ficou cor-de-rosa, ficou de um tom delicado de violeta, ficou de um azul encantador, ficou sem forma, ficou iridescente. Na verdade, Mellersh, depois de tremeluzir por um minuto, se perdeu na luz.

“Bem”, pensou a Sra. Wilkins, encarando-o, por assim dizer. Como era extraordinário não conseguir visualizar Mellersh; logo ela, que conhecia todas as feições, todas as expressões dele de cor. Ela simplesmente não conseguia vê-lo como era. Só conseguia vê-lo inserido em beleza, dissolvido em harmonia com todo o resto. As palavras familiares da canção “General Thanksgiving” vieram-lhe à cabeça naturalmente, e ela se viu abençoando Deus por sua criação, preservação e todas as graças desta vida, mas, acima de tudo, por Seu Amor inestimável, em voz alta, numa explosão de reconhecimento. Enquanto Mellersh naquele momento calçava as botas furioso antes de sair para as ruas encharcadas, de fato pensando coisas amargas sobre ela.

Ela começou a se vestir, escolhendo roupas brancas em homenagem ao dia de verão, desfazendo as malas, arrumando seu adorável quartinho. Movia-se com passos rápidos e determinados, o corpo magro e alto ereto, o rosto pequeno, que em casa era tão enrugado pelo esforço e pelo medo, suavizado. Tudo o que ela fora e fizera antes desta manhã, tudo o que sentira e com que se preocupara se foi. Cada uma de suas preocupações se comportou como a imagem de Mellersh e se dissolveu em cor e luz. E ela percebeu coisas que não percebia havia anos — quando estava penteando o cabelo diante do espelho, notou e pensou: “Ora, que coisa bonita.” Por anos, ela se esquecera de que tinha cabelo, trançando-o à noite e soltando-o de manhã com a mesma pressa e indiferença com que amarrava e desamarrava os sapatos. Agora, de repente, ela o viu e o torceu entre os dedos diante do espelho, e ficou feliz por ele ser tão bonito. Mellersh também não deveria ter notado, pois nunca dissera uma palavra sobre isso. Bem, quando ela chegasse em casa, chamaria a atenção dele. “Mellersh”, diria, “olhe para o meu cabelo. Você não fica contente por ter uma esposa com um cabelo como mel encaracolado?”

Ela riu. Nunca tinha dito nada assim a Mellersh, e a ideia a divertia. Mas por que não dissera? Ah, sim — sentia medo dele. Engraçado ter medo de alguém; especialmente do próprio marido, a quem via nos momentos mais simplórios, como enquanto dormia e não respirava direito pelo nariz.

Quando estava pronta, abriu a porta para atravessar o corredor e ver se Rose, que, na noite anterior, havia sido acomodada no quarto em frente por uma criada adormecida, estava acordada. Ela lhe desejaria bom-dia e depois correria para junto daquele cipreste e ali ficaria até o café da manhã estar pronto e, depois do café, nem olharia pela janela até ter ajudado Rose a preparar tudo para Lady Caroline e a Sra. Fisher. Havia muito o que fazer naquele dia, acomodando-se, arrumando os quartos; não podia deixar Rose fazer tudo sozinha. Elas deixariam tudo tão aprazível para as duas que ainda chegariam, preparariam uma visão fascinante para elas, de pequenos quartos enfeitados com flores. Lembrou-se de ter desejado que Lady Caroline não viesse; fantasiosamente querendo que alguém caísse do céu, porque achava que teria vergonha dela! Como se isso tivesse importância e como se ela fosse ficar tão inibida quanto constrangida. Além disso, por que motivo? Ela não podia se acusar de bondade por isso. E lembrou-se de que também não queria a Sra. Fisher, porque ela parecia imponente. Que estranho de sua parte. Tão estranho se preocupar com essas pequenas coisas, tornando-as importantes.

Os quartos e duas das salas de estar de San Salvatore ficavam no último andar e davam para um salão espaçoso com uma ampla janela de vidro no extremo norte. San Salvatore era cheio de pequenos jardins em diferentes áreas e níveis. O jardim para o qual esta janela dava vista ficava na parte mais alta dos muros e só era possível chegar até ele atravessando o espaçoso salão correspondente no andar de baixo. Quando a Sra. Wilkins saiu do quarto, esta janela estava aberta, e além dela, ao sol, havia uma árvore-de-judas em plena floração. Não havia sinal de ninguém, nenhum som de vozes ou passos. Havia grandes vasos de copos-de-leite no chão de pedra e, em uma mesa, flamejava um grande maço de capuchinhas. Espaçoso, florido, silencioso, com a ampla janela no final se abrindo para o jardim e a árvore-de-judas belíssima ao sol, aquilo parecia para a Sra. Wilkins, arrebatada a caminho do quarto da Sra. Arbuthnot, bom demais para ser verdade. Ela ia mesmo morar ali por um mês inteiro? Até aquele momento, ela tivera que absorver a beleza enquanto ia vivendo, capturando pequenos fragmentos quando os encontrava — um canteiro de

margaridas em um belo dia no campo de Hampstead, um lampejo do pôr do sol entre duas chaminés. Nunca estivera em lugares absolutamente lindos. Nunca estivera sequer em uma casa venerável; e algo como uma profusão de flores em seus aposentos era impossível para ela. Às vezes, na primavera, comprava seis tulipas na Shoolbred's, incapaz de resistir a elas, ciente de que Mellersh, se soubesse quanto tinham custado, consideraria isso imperdoável; mas elas logo morriam, e então não havia mais nenhuma. Quanto à árvore-de-judas, ela não tinha ideia do que era, e a olhou do lado de fora diante do céu com a expressão extasiada de quem tem uma visão celestial.

A Sra. Arbuthnot, saindo de seu quarto, a encontrou ali, parada no meio do corredor, olhando.

“O que será que ela acha que está vendo agora?”, pensou a Sra. Arbuthnot.

— Estamos nas mãos de Deus — disse a Sra. Wilkins, virando-se para ela, falando com extrema convicção.

— Ah! — exclamou a Sra. Arbuthnot rapidamente, seu rosto, que exibia um largo sorriso quando ela saiu do quarto, tornando-se inexpressivo. — Por que, o que aconteceu?

A Sra. Arbuthnot acordara com uma sensação tão agradável de segurança, de alívio, e não queria descobrir que, no fim, não havia escapado da necessidade de refúgio. Ela nem sonhara com Frederick. Pela primeira vez em anos, fora poupada do sonho noturno em que ele estava com ela, e ambos eram íntimos, e de seu despertar infeliz. Ela dormira como um bebê e acordara confiante; descobrira que não havia nada que desejasse dizer em sua oração matinal, exceto obrigada. Era desconcertante lhe dizerem que, depois de tudo, ela estava nas mãos de Deus.

— Espero que nada tenha acontecido — disse, ansiosa.

A Sra. Wilkins olhou para ela por um momento e riu.

— Que divertido — disse, beijando-a.

— O que é divertido? — perguntou a Sra. Arbuthnot, seu rosto desanuviando porque a Sra. Wilkins ria.

— Nós. Isto. Tudo. É tudo tão maravilhoso. É tão divertido e adorável que estejamos aqui. Ouso dizer que, quando finalmente

chegarmos ao paraíso, aquele de que tanto falam, não acharemos nem um pouco mais bonito.

A Sra. Arbuthnot relaxou e voltou a sorrir com segurança.

— Não é divino? — disse.

— Alguma vez você já esteve tão feliz em sua vida? — perguntou a Sra. Wilkins, pegando-a pelo braço.

— Não. — A Sra. Arbuthnot não tinha estado; nunca; nem mesmo em seus primeiros dias de amor com Frederick. Porque a dor sempre estivera muito perto dessa outra felicidade, pronta para torturá-la com dúvidas, torturá-la até mesmo com o excesso de seu amor; enquanto isso era a simples felicidade de completa harmonia com o ambiente, a felicidade que nada pede, que apenas aceita, apenas respira, apenas é.

— Vamos dar uma olhada de perto naquela árvore — sugeriu a Sra. Wilkins. — Não acredito que seja uma árvore.

E, de braços dados, seguiram pelo corredor, e seus maridos não as teriam reconhecido, os rostos tão jovens e ávidos, e juntas ficaram na janela aberta, e quando seus olhos, depois de se refestelarem com a maravilhosa coisa rosa, vagaram mais longe entre as belezas do jardim, elas viram, sentada na mureta, na extremidade leste, olhando para a baía, com os pés nos lírios, Lady Caroline.

Elas ficaram surpresas. Em seu espanto, não disseram nada, mas ficaram imóveis, de braços dados, olhando para ela.

Ela também usava um vestido branco e nenhum acessório na cabeça. Não podiam nem imaginar, naquele dia em Londres, com o chapéu que a cobria até o nariz e as peles que a tampavam até as orelhas, que ela fosse tão bonita. Elas apenas a consideraram diferente das outras mulheres do clube, assim como as outras mulheres, assim como todas as garçonetes, olhando-a de esguelha e olhando-a de novo quando passavam pelo canto onde ela estava sentada conversando; mas não tinham ideia de que fosse tão bonita. Ela era extremamente linda. Tudo nela era muito. Seus cabelos louros eram muito louros, seus adoráveis olhos cinzentos eram muito adoráveis e cinzentos, seus cílios escuros eram muito escuros, sua pele branca era muito branca, sua boca vermelha era muito vermelha. Ela era extravagantemente esbelta — um mero fio

de garota, embora não sem pequenas curvas sob o vestido fino onde deveria haver pequenas curvas. Ela olhava para o outro lado da baía, seu contorno bastante nítido contra o fundo azul vazio. Ela estava toda exposta ao sol. Seus pés balançavam entre as folhas e flores dos lírios, como se não importasse que pudessem ficar tortas ou machucadas.

— Ela vai ficar com dor de cabeça — sussurrou a Sra. Arbuthnot, finalmente — sentada ao sol desse jeito.

— Ela deveria usar um chapéu — sussurrou a Sra. Wilkins.

— Ela está pisando nos lírios.

— Mas são dela tanto quanto nossos.

— Apenas um quarto deles.

Lady Caroline virou a cabeça. Olhou para elas por um momento, surpresa ao vê-las muito mais jovens do que aparentaram naquele dia no clube, e muito menos sem graça. Na verdade, eram de fato quase atraentes, se alguém pudesse de fato ser quase atraente com as roupas erradas. Os olhos de Lady Caroline, dando uma olhada rápida nas duas, captaram cada centímetro de cada uma no meio segundo antes de ela sorrir e acenar com a mão e gritar bom-dia. Naquele mesmo instante, viu que não havia nada de interessante em suas roupas. Ela não pensava conscientemente sobre isso, pois tinha uma reação violenta contra roupas bonitas e a escravidão que elas impunham às pessoas, e tinha a experiência de que, no instante em que uma pessoa as pegava, elas também pegavam essa pessoa pela mão e não lhe davam paz até que tivessem desfilado por toda parte e sido vistas por todos. Você não levava suas roupas a festas; eram elas que levavam você. Era um grande erro pensar que uma mulher, uma mulher muito bem vestida, usava suas roupas; eram as roupas que usavam a mulher — arrastando-a a qualquer hora do dia e da noite. Não era de admirar que os homens permanecessem jovens por mais tempo. Calças novas não os deixavam empolgados. Ela não podia supor que mesmo as calças mais novas se comportassem assim, abocanhando seu quinhão. As imagens estavam desordenadas, mas ela pensava enquanto as escolhia, e usava as imagens de que gostava. Quando desceu da mureta e se aproximou da janela, parecia reconfortante saber que ela passaria um mês inteiro com pessoas de vestidos que

faziam com que ela mal se lembrasse dos vestidos que usava cinco verões antes.

— Cheguei ontem de manhã — disse, olhando para elas, mais acima, e sorrindo. Era realmente encantadora. Era perfeita, tinha até uma covinha.

— É uma pena — disse a Sra. Arbuthnot, sorrindo de volta —, porque íamos escolher o melhor quarto para você.

— Ah, mas eu fiz isso — disse Lady Caroline. — Pelo menos, acho que é o melhor. Tem vista para dois lados... adoro quartos com vista para dois lados, vocês não? Para o mar a oeste e para a árvore-de-judas ao norte.

— E pretendíamos enfeitá-lo com flores para você — disse a Sra. Wilkins.

— Ah, Domenico fez isso. Pedi a ele assim que cheguei aqui. Ele é o jardineiro. É maravilhoso.

— Isso é ótimo, é claro — disse a Sra. Arbuthnot, um pouco hesitante —, ser independente e saber exatamente o que quer.

— Sim, evita problemas — concordou Lady Caroline.

— Mas não se deve ser tão independente — disse a Sra. Wilkins — a ponto de não dar a outras pessoas a chance de se mostrarem benevolentes.

Lady Caroline, até então olhando para a Sra. Arbuthnot, agora olhava para a Sra. Wilkins. Naquele dia, no clube estranho, tivera apenas uma impressão borrada da Sra. Wilkins, pois tinha sido a outra quem conduzira a entrevista, e sua impressão fora que se tratava de uma pessoa muito tímida, tão desajeitada que era melhor não lhe dar atenção. Ela nem conseguira se espedir apropriadamente, fazendo isso em agonia, ficando vermelha, suando. Portanto, ela agora a olhava com surpresa; e ficou ainda mais surpresa quando a Sra. Wilkins acrescentou, olhando-a com a mais óbvia e sincera admiração, falando de fato com uma convicção que se recusava a permanecer em silêncio:

— Eu não tinha percebido como você era tão bonita.

Ela encarou a Sra. Wilkins. Não era comum que lhe dissessem isso de forma tão imediata e direta. Por mais acostumada que estivesse — e era impossível não estar, depois de 28 anos —, surpreendeu-a tanta franqueza, e da parte de uma mulher.

— É muita gentileza sua — respondeu.

— Ora, você é muito encantadora — disse a Sra. Wilkins. — Bastante encantadora.

— Espero — disse a Sra. Arbuthnot agradavelmente — que aproveite ao máximo.

Lady Caroline então olhou para a Sra. Arbuthnot.

— Ah, sim. Aproveitarei ao máximo. Faço isso desde que me conheço por gente.

— Porque — disse a Sra. Arbuthnot, sorrindo e levantando um dedo indicador em alerta — não vai durar para sempre.

Então Lady Caroline começou a temer que as duas fossem originais. Nesse caso, ela ficaria entediada. Nada a aborrecia tanto quanto pessoas que insistiam em ser originais, que chegavam, exigiam sua atenção e a mantinham esperando enquanto estavam sendo originais. E aquela que a admirava — seria cansativo se a perseguisse para ficar olhando para ela. O que ela queria dessas férias era uma fuga completa de tudo o que experimentara antes, ela queria o oposto completo. Ser admirada, ser perseguida não era diferente, era repetição; e, quanto a originais, encontrar-se trancada com duas delas em um castelo medieval erguido no topo de uma colina com o propósito expresso de impedir que as pessoas entrassem e saíssem com facilidade, não seria, ela temia, especialmente repousante. Talvez fosse melhor ser um pouco menos receptiva. Elas pareceram criaturas tão tímidas, até mesmo a mais sombria — não conseguia se lembrar de seus nomes — naquele dia no clube, que achara bastante seguro ser muito amigável. Nesse lugar, elas tinham saído de suas conchas; já, na verdade, imediatamente. Não havia sinal de timidez em nenhuma das duas neste lugar. Se tinham saído de suas conchas tão imediatamente, ao primeiro contato, a menos que ela as controlasse, logo começariam a pressioná-la, e depois adeus ao seu sonho de trinta dias calmos e silenciosos, deitada ao sol sem ser incomodada, acalmando os ânimos, sem ninguém falar com ela, esperá-la, prendê-la e monopolizá-la, mas apenas se recuperando do cansaço, da fadiga profunda e melancólica, do excesso.

Além disso, havia a Sra. Fisher. Ela também deveria ser controlada. Lady Caroline partira dois dias antes do combinado por

dois motivos: primeiro, porque desejava chegar antes das outras para escolher o quarto ou quartos que preferisse, e segundo, porque julgava provável que, de outra forma, fosse ter que viajar com a Sra. Fisher. Ela não queria viajar com a Sra. Fisher. Não queria chegar com a Sra. Fisher. Não viu nenhuma razão para que, por um momento sequer, tivesse alguma relação com a Sra. Fisher.

Mas, infelizmente, a Sra. Fisher também fora tomada por um desejo de chegar a San Salvatore primeiro e escolher o quarto ou quartos que preferisse, e ela e Lady Caroline tinham viajado juntas. Já em Calais, começaram a suspeitar disso; em Paris, temeram; em Modane, souberam; em Mezzago, disfarçaram, dirigindo-se para Castagneto em duas carruagens separadas, a frente de uma quase tocando na traseira da outra por todo o caminho. Mas, quando a estrada terminou de repente na igreja e nos degraus, não houve mais como fugir; e, diante daquele fim abrupto e difícil de sua jornada, não havia nada a fazer não ser se juntarem.

Por causa da bengala da Sra. Fisher, Lady Caroline teve que cuidar de tudo. As intenções da Sra. Fisher, explicara de sua carruagem, no momento em que a situação ficou clara, eram ágeis, mas sua bengala impedia que fossem executadas. Os dois cocheiros disseram a Lady Caroline que os meninos teriam que carregar a bagagem até o castelo, e ela foi à procura de alguns, enquanto a Sra. Fisher aguardava na carruagem por causa de sua bengala. A Sra. Fisher sabia falar italiano, mas apenas, explicou ela, o italiano de Dante, que Matthew Arnold costumava ler com ela quando menina, e achava que isso poderia estar além da compreensão dos meninos. Portanto, Lady Caroline, que falava muito bem o italiano comum, era obviamente a única a fazer as coisas.

— Estou em suas mãos — disse a Sra. Fisher, sentada inabalável em sua carruagem. — Você deve, por favor, me considerar apenas uma mulher idosa com uma bengala.

E então, descendo os degraus e as pedras da *piazza*, e ao longo do cais e subindo o caminho em zigue-zague, Lady Caroline se viu obrigada a andar tão devagar quanto a Sra. Fisher, como se ela fosse sua avó.

— É a minha bengala — comentava complacentemente a Sra. Fisher de tempos em tempos.

E quando descansavam naquelas curvas do caminho em zigue-zague em que havia bancos, e Lady Caroline, que gostaria de correr e chegar depressa ao topo, era forçada pela humanidade comum a permanecer com a Sra. Fisher por causa de sua bengala, a senhora contava a ela como já havia seguido por um caminho em zigue-zague uma vez com Tennyson.

— Ele não é ótimo no críquete? — disse Lady Caroline distraidamente.

— O Tennyson — disse a Sra. Fisher, virando a cabeça e observando-a por um momento por cima dos óculos.

— Não é? — perguntou Lady Caroline.

— E era uma trilha também — continuou a Sra. Fisher —, curiosamente parecida com esta. Nenhum eucalipto, é claro, mas, de resto, curiosamente parecida. E em uma das curvas, ele se virou e me disse... posso até vê-lo agora se virando para mim e dizendo...

Sim, a Sra. Fisher teria que ser controlada. E essas duas na janela também. Era melhor começar logo. Lamentou ter descido da mureta. Tudo o que ela precisava era acenar com a mão e esperar até que descessem e seguissem para o jardim até ela.

Por isso, ignorou o comentário e o dedo indicador erguido da Sra. Arbuthnot e disse com frieza acentuada — pelo menos, tentou fazer com que parecesse acentuada — que supunha que elas iam tomar café da manhã, e que já havia tomado o seu; mas quis o destino que, por mais friamente que proferisse suas palavras, elas saíam bastante calorosas e agradáveis. Isso porque sua voz era simpática e agradável, devido inteiramente a alguma formação especial da garganta e do céu da boca, e nada tendo a ver com o que sentia. Como consequência, ninguém jamais acreditava que estava sendo desprezado. Era muito exaustivo. E, se ela lançava um olhar frio, ele não parecia nada frio, porque seus olhos, que já eram adoráveis, tinham a beleza adicional de cílios muito longos, delicados e escuros. Nenhum olhar frio poderia sair de olhos assim; ele se perdia preso nos cílios delicados, e as pessoas para quem ela olhava apenas achavam que ela as fitava com uma atenção

lisonjeira e requintada. E, se acontecesse de ela estar mal-humorada ou definitivamente irritada — e quem no mundo não ficava assim de vez em quando? —, ela apenas parecia tão patética que as pessoas corriam para confortá-la, se possível com beijos. Era mais do que exaustivo, era enlouquecedor. A natureza estava determinada a fazê-la parecer e soar angelical. Ela nunca poderia ser desagradável ou rude sem ser completamente incompreendida.

— Tomei meu café da manhã no quarto — disse ela, tentando ao máximo parecer breve. — Talvez eu as veja mais tarde.

Então ela assentiu e voltou para onde estava sentada na mureta, com os lírios agradáveis e frios ao redor dos pés.

7

Os olhos das duas a seguiram com admiração. Não faziam ideia de que tinham sido desprezadas. Era uma decepção, é claro, descobrir que Lady Caroline chegara antes delas e que elas não teriam a felicidade de preparar tudo para a convidada, de observar seu rosto quando ela chegasse e visse tudo pela primeira vez, mas ainda havia a Sra. Fisher. Elas se concentrariam na Sra. Fisher e observariam seu rosto; só que, como todo mundo, teriam preferido observar o rosto de Lady Caroline.

Talvez, então, como Lady Caroline havia falado em café da manhã, fosse melhor irem comer, pois havia muito o que fazer naquele dia para passar mais tempo admirando a paisagem — criados tinham que ser entrevistados, a casa devia ser examinada e, finalmente, o quarto da Sra. Fisher devia ser arrumado e decorado.

Eles acenaram alegremente para Lady Caroline, que parecia absorta pela vista e não notou, e, ao se virarem, deram de cara com a criada da noite anterior, que havia subido silenciosamente atrás delas usando chinelos de pano com solas de barbante.

Era Francesca, a empregada idosa que estava com o proprietário, ele dissera, havia anos, e cuja presença tornava desnecessário abastecer a despensa. Depois de lhes desejar bom-dia e dizer que esperava que tivessem dormido bem, ela informou que o café da manhã estava pronto na sala de jantar no andar de baixo e pediu que a seguissem.

As duas não entenderam uma única palavra das muitas que Francesca usou para lhes dar essas informações simples, mas a seguiram, pois pelo menos estava claro que era o que deviam fazer, e, descendo as escadas e atravessando o amplo corredor igual ao que havia acima dele, exceto por portas de vidro no final, em vez de uma janela que se abria para o jardim, chegaram à sala de jantar; onde, sentada à cabeceira da mesa, tomando café da manhã, encontrava-se a Sra. Fisher.

Dessa vez, as duas exclamaram. Até a Sra. Arbuthnot exclamou, embora sua exclamação fosse apenas “Ah”.

A Sra. Wilkins foi mais efusiva.

— Ora, mas é como tirar o doce da boca da criança! — exclamou a Sra. Wilkins.

— Como vão? — perguntou a Sra. Fisher. — Não consigo me levantar por causa da minha bengala. — Ela estendeu a mão pela mesa.

As duas avançaram e a cumprimentaram.

— Não tínhamos ideia de que você estava aqui — disse a Sra. Arbuthnot.

— Sim — disse a Sra. Fisher, retomando o café da manhã. — Sim. Estou aqui. — E com compostura tirou o topo da casca do ovo.

— É uma tremenda decepção — confessou a Sra. Wilkins. — Tínhamos a intenção de lhe dar as boas-vindas.

Essa era aquela, a Sra. Fisher lembrou dando-lhe uma breve olhada, que, quando fora a Prince of Wales Terrace, afirmara ter visto Keats. Devia tomar cuidado com ela — reprimi-la desde o início.

Portanto, ignorou a Sra. Wilkins e disse em tom grave, com o rosto de uma calma impenetrável levemente voltado para o ovo:

— Sim. Cheguei ontem com Lady Caroline.

— Isso é realmente terrível — disse a Sra. Wilkins, como se não tivesse sido ignorada. — Agora não resta mais ninguém para quem preparar qualquer coisa. Sinto-me frustrada. É como se tivessem tirado o doce da minha boca bem na hora em que eu me alegraria em saboreá-lo.

— Onde vai se sentar? — perguntou a Sra. Fisher para a Sra. Arbuthnot; notadamente para Sra. Arbuthnot; a comparação com um

doce lhe parecera muito desagradável.

— Ah, obrigada... — disse a Sra. Arbuthnot, sentando-se de repente ao lado dela.

Havia apenas dois lugares em que ela poderia se sentar, os dois postos de cada lado da Sra. Fisher. Ela, portanto, sentou-se em um, e a Sra. Wilkins sentou-se de frente para ela, no outro.

A Sra. Fisher estava à cabeceira. O chá e o café estavam dispostos ao seu redor. É claro que as despesas de San Salvatore eram igualmente divididas por todas elas, mas tinham sido ela e Lotty, a Sra. Arbuthnot refletiu com indulgência, que a encontraram, que tiveram o trabalho de alugá-la, que decidiram aceitar a Sra. Fisher. Sem elas, não conseguia deixar de pensar, a Sra. Fisher não estaria ali. Moralmente, a Sra. Fisher era uma convidada. Não havia anfitriã no grupo, mas, supondo que houvesse uma, não seria a Sra. Fisher nem Lady Caroline, seria ela ou Lotty. A Sra. Arbuthnot não pôde deixar de sentir isso quando se sentou, e a Sra. Fisher, com a mão que Ruskin havia apertado suspensa sobre os bules diante dela, perguntou:

— Chá ou café?

Ela não pôde deixar de sentir isso de forma ainda mais pungente quando a Sra. Fisher tocou uma pequena sineta ao seu lado na mesa, como se estivesse acostumada àquela sineta e àquela mesa desde pequena e, à aparição de Francesca, ordenou, na língua de Dante, que ela trouxesse mais leite. Havia algo de curioso no fato de a Sra. Fisher, pensou a Sra. Arbuthnot, estar no comando; e se ela mesma não estivesse tão feliz, talvez se incomodasse.

A Sra. Wilkins também notou, mas isso apenas fez seu cérebro divagante pensar em cucos. Sem dúvida, teria começado imediatamente a falar de cucos, de forma incoerente, irrestrita e deplorável se estivesse no mesmo estado de nervos e timidez em que estava da última vez em que encontrou a Sra. Fisher. Mas a felicidade havia acabado com a timidez — ela estava muito serena; capaz de controlar suas palavras; não precisou se ouvir dizer, horrorizada, coisas que não tinha ideia de que diria ao começar a falar; estava completamente à vontade e natural. A decepção de não poder preparar uma recepção para a Sra. Fisher sumiu de repente, pois era impossível continuar decepcionada no paraíso. Ela

também não se incomodava que a outra se comportasse como anfitriã. Que importância tinha isso? Não é possível se incomodar com as coisas no paraíso. Ela e a Sra. Arbuthnot, portanto, sentaram-se de mais bom grado do que teriam feito em outra situação, uma de cada lado da Sra. Fisher, e o sol, derramando-se através das duas janelas voltadas para o leste do outro lado da baía, inundou a sala, e uma porta aberta dava para o jardim, que estava repleto de coisas adoráveis, especialmente as frésias.

A fragrância delicada e deliciosa das frésias entrou pela porta e flutuou pelas narinas arrebatadas da Sra. Wilkins. Em Londres, as frésias estavam muito além de seu alcance. De vez em quando, ela entrava em uma loja e perguntava quanto custavam, só para ter uma desculpa para segurar um ramalhete e cheirá-las, ciente de que seria algo absurdo como um xelim por umas três flores. Ali, elas estavam por toda parte — saindo de todos os cantos e atapetando os canteiros de rosas. Imagine só — ter frésias para colher às braçadas se quisesse, e com o sol glorioso inundando a sala, e com o seu vestido de verão, e ainda era só dia primeiro de abril!

— Imagino que tenha notado, não é, que chegamos ao paraíso? — disse ela, sorrindo para a Sra. Fisher com toda a familiaridade de uma amiga angelical.

“Elas são consideravelmente mais jovens do que eu imaginava”, pensou a Sra. Fisher, “e não tão simplórias.” E refletiu por um momento, sem prestar atenção à exuberância da Sra. Wilkins, sobre a recusa instantânea e agitada por parte delas, naquele dia em Prince of Wales Terrace, de dar ou receber referências.

Nada poderia afetá-la, é claro; nada que qualquer pessoa fizesse. Sua respeitabilidade era muito sólida. Às suas costas alinhavam-se, numa imensa fila, aqueles três nomes de peso que ela lhes apresentara, e eles não eram os únicos a quem poderia recorrer em busca de apoio e aprovação. Mesmo que essas moças — ela não tinha motivos para acreditar que aquela no jardim fosse de fato Lady Caroline Dester, apenas lhe disseram que era —, mesmo que essas moças se revelassem o que Browning costumava chamar de — ela se lembrava muito bem de sua maneira divertida e deliciosa de dizer as coisas — corujas, que importância isso poderia ter para ela, afinal? Deixe que elas voem à noite se assim

desejarem. Não se tem sessenta e cinco anos à toa. De qualquer maneira, seriam apenas quatro semanas, ao fim das quais nunca mais as veria. Nesse meio-tempo, havia muitos lugares onde ela podia sentar-se calmamente longe delas e recordar. Havia também sua própria sala de estar, uma sala encantadora, todos os móveis e quadros cor de mel, com janelas com vista para o mar de Gênova, e uma porta que se abria para as ameias. A casa tinha duas salas de estar, e ela explicara àquela bela criatura, Lady Caroline — certamente uma bela criatura, não importava o que mais fosse; Tennyson teria gostado de levá-la para tomar um ar nas colinas —, que parecia inclinada a se apropriar da sala cor de mel, que precisava de um pequeno refúgio inteiramente para si, por causa de sua bengala.

— Ninguém quer ver uma velha mancando por toda parte — dissera ela. — Ficarei bem contente de passar grande parte do meu tempo sozinha aqui ou sentada nessas convenientes ameias.

E ela também tinha um quarto muito bom; dava para os dois lados: de um, a baía sob o sol da manhã — ela gostava do sol da manhã — e, do outro, o jardim. Havia apenas dois desses quartos com vistas bilaterais, ela e Lady Caroline descobriram, e eram de longe os mais arejados. Cada um deles tinha duas camas, e ela e Lady Caroline fizeram com que as camas extras fossem imediatamente retiradas e colocadas em dois dos outros quartos. Assim criava-se muito mais espaço e conforto. Lady Caroline, de fato, transformara seus aposentos em um quarto com sala de estar, com o sofá da sala maior, a escrivaninha e a cadeira mais confortável, mas ela própria não precisara fazer isso, porque tinha a própria sala de estar, equipada com o necessário. De início, Lady Caroline havia pensado em tomar a sala de estar maior para si, porque a sala de jantar no andar de baixo poderia muito bem ser usada, entre as refeições, pelas outras duas, e era uma sala muito agradável, com cadeiras confortáveis, mas ela não gostou do formato da sala de estar maior — era uma sala redonda na torre, com janelas de fendas profundas escavadas nas paredes maciças e um teto abobadado e com nervuras, projetado para parecer um guarda-chuva aberto, e parecia um pouco escuro. Sem dúvida, Lady Caroline lançara olhares cobiçosos para a sala cor de mel e teria se

instalado nela se a Sra. Fisher tivesse sido menos firme. O que teria sido absurdo.

— Espero — disse a Sra. Arbuthnot, sorrindo e tentando informar à Sra. Fisher que, embora ela não fosse exatamente uma convidada, sem dúvida estava longe de ser a anfitriã — que seu quarto seja confortável.

— Muito — respondeu a Sra. Fisher. — Você vai tomar mais café?

— Não, obrigada. E você?

— Não, obrigada. Havia duas camas no meu quarto, ocupando espaço desnecessariamente, e mandei tirar uma delas. Isso o tornou muito mais confortável.

— Ah, é por isso que tenho duas camas no meu quarto! — exclamou a Sra. Wilkins, radiante; a segunda cama em sua pequena cela parecia um objeto antinatural e inadequado desde o momento em que a vira.

— Não dei essas instruções — disse a Sra. Fisher, dirigindo-se à Sra. Arbuthnot. — Apenas pedi que Francesca a retirasse.

— Tenho duas no meu quarto também — disse a Sra. Arbuthnot.

— A sua segunda deve ser de Lady Caroline, que também mandou removerem a dela — disse a Sra. Fisher. — Parece tolice ter mais camas em um quarto do que ocupantes.

— Mas também não temos maridos aqui — disse a Sra. Wilkins —, e não vejo utilidade em camas extras no quarto se não houver maridos para colocar nelas. Não podemos mandar tirá-las também?

— As camas — disse friamente a Sra. Fisher — não podem ser tiradas de um quarto após o outro. Elas devem ficar em algum lugar.

Os comentários da Sra. Wilkins pareciam persistentemente infelizes à Sra. Fisher. Cada vez que ela abria a boca, dizia algo que era melhor não ter dito. A conversa indiscreta sobre maridos nunca havia sido encorajada no círculo da Sra. Fisher. Nos anos 1880, quando ela estava na flor da idade, os maridos eram levados a sério, como os únicos obstáculos reais ao pecado. As camas também, se precisassem ser mencionadas, eram abordadas com cautela; e uma reserva decente impedia que camas e maridos fossem mencionados na mesma frase.

Ela se dirigiu, de forma mais acentuada do que antes, para a Sra. Arbuthnot:

— Deixe que eu lhe sirva um pouco mais de café.

— Não, obrigada. Mas a senhora não quer um pouco mais?

— Não mesmo. Nunca tomo mais de duas xícaras no café da manhã. Aceita uma laranja?

— Não, obrigada. Você aceita?

— Não, eu não como frutas no café da manhã. É uma moda americana que já sou velha demais para adotar. Você quer mais alguma coisa?

— Não. E você?

A Sra. Fisher parou antes de responder. Seria isso um hábito, esse truque de responder a uma pergunta simples com a mesma pergunta? Nesse caso, deveria ser reprimido, pois ninguém se sentiria confortável passando quatro semanas com alguém que tivesse um hábito desses.

Ela olhou para a Sra. Arbuthnot, e seus cabelos repartidos e a sobancelha gentil a tranquilizaram. Não; era o acaso, não o hábito, que produzia esses ecos. Ela logo pôde imaginar uma pomba tendo os hábitos cansativos da Sra. Arbuthnot. Ao analisá-la, pensou que esposa esplêndida ela teria sido para o pobre Carlyle. Muito melhor do que aquela terrível e inteligente Jane. Ela o teria acalmado.

— Então devemos ir? — sugeriu ela.

— Deixe-me ajudá-la a se levantar — disse a Sra. Arbuthnot, cheia de consideração.

— Ah, obrigada... posso perfeitamente me levantar. Só às vezes minha bengala me impede...

A Sra. Fisher se levantou com facilidade; a Sra. Arbuthnot se postou ao lado dela por nada.

— Vou comer uma dessas belíssimas laranjas — disse a Sra. Wilkins, ficando onde estava e estendendo a mão para uma tigela preta cheia de frutas. — Rose, como pode resistir? Olhe... pegue esta. Coma essa belezinha... — E estendeu uma laranja grande.

— Não, vou cuidar dos meus deveres — disse a Sra. Arbuthnot, caminhando em direção à porta. — Você vai me perdoar por deixá-la, não vai? — acrescentou educadamente para a Sra. Fisher.

A Sra. Fisher também foi em direção à porta; com muita facilidade; quase depressa; sua bengala não a atrasava em nada. Ela não tinha intenção de ficar com a Sra. Wilkins.

— A que horas gostaria de almoçar? — a senhora Arbuthnot perguntou, tentando se sustentar, se não exatamente como anfitriã, pelo menos não como convidada.

— O almoço — respondeu a Sra. Fisher — é ao meio-dia e meia.

— Você o receberá meio-dia e meia, então — disse a Sra. Arbuthnot. — Vou informar à cozinheira. Será um grande desafio — continuou, sorrindo —, mas eu trouxe um pequeno dicionário...

— A cozinheira — interrompeu a Sra. Fisher — já sabe.

— Ah, é? — disse a Sra. Arbuthnot.

— Lady Caroline já informou a ela — explicou a Sra. Fisher.

— Ah, é? — disse a Sra. Arbuthnot.

— Sim. Lady Caroline fala o tipo de italiano que cozinheiras entendem. Não posso ir à cozinha por causa da minha bengala. E, mesmo que conseguisse, temo que não seria compreendida.

— Mas... — começou a Sra. Arbuthnot.

— Mas isso é maravilhoso — a Sra. Wilkins terminou a frase por ela da mesa, encantada com essas inesperadas simplificações na vida dela e de Rose. — Ora, não temos absolutamente nada a fazer aqui, nós duas, exceto ser feliz. Você não acreditaria — disse ela, virando a cabeça e falando diretamente para a Sra. Fisher, com pedaços de laranja nas duas mãos — como Rose e eu temos sido terrivelmente boas por anos seguidos e quanto precisamos agora de um descanso perfeito.

E a Sra. Fisher, saindo da sala sem responder a ela, disse a si mesma:

— Ela precisa, tem que ser reprimida.

8

Logo em seguida, quando, liberadas de qualquer tarefa, a Sra. Wilkins e a Sra. Arbuthnot saíram e desceram os degraus de pedra gastos sob a pérgola até o jardim inferior, a Sra. Wilkins disse à Sra. Arbuthnot, que parecia pensativa:

— Você não percebe que, se outra pessoa dá as ordens, isso nos liberta?

A Sra. Arbuthnot disse que percebia, no entanto achava bastante tolo que tudo fosse tirado de suas mãos.

— Adoro que as coisas sejam tiradas das minhas mãos — disse a Sra. Wilkins.

— Mas nós encontramos San Salvatore — disse a Sra. Arbuthnot —, e é uma grande tolice que a Sra. Fisher se comporte como se pertencesse apenas a ela.

— O que é uma grande tolice — rebateu a Sra. Wilkins com muita serenidade — é se importar. Não vejo o menor sentido em ser a autoridade à custa da própria liberdade.

A Sra. Arbuthnot não respondeu nada por dois motivos: primeiro, porque ficou impressionada com a notável e crescente calma da até então incoerente e agitada Lotty, e, em segundo lugar, porque aquilo que estava diante de seus olhos era muito bonito.

Ao longo dos degraus de pedra, de ambos os lados, havia pervincas em plena floração, e agora ela conseguia ver o que a havia pegado na noite anterior e roçado, molhado e perfumado, em seu rosto. Eram glicínias. Glicínias e sol... ela se lembrou do anúncio. Ali, de fato, havia ambos em profusão. As glicínias tombavam sobre si mesmas em seu excesso de vida, na abundância da floração; e onde a pérgola terminava, o sol brilhava em gerânios escarlate em arbustos, e capuchinhas aos montes, e cravos-de-defunto tão vivos que pareciam estar em chamas, e bocas-de-leão vermelhas e rosa, todas se superando em cores vivas e ardentes. O chão atrás dessas coisas flamejantes descia em terraços até o mar, cada um com um pequeno pomar, onde, entre as azeitonas, cresciam trepadeiras em treliças, figueiras, pessegueiros e cerejeiras. As cerejeiras e os pessegueiros estavam em flor — lindos cachos de branco e rosa profundo entre a delicadeza trêmula das azeitonas; as folhas de figueira eram grandes o suficiente para cheirar a figo, os botões de videira começavam a aparecer. E, embaixo dessas árvores, havia grupos de íris azuis e roxas, arbustos de lavanda e cactos cinzentos de espinhos afiados, e a grama era espessa com dentes-de-leão e margaridas, e bem lá embaixo estava o mar. As cores pareciam ter sido jogadas de

qualquer jeito, em qualquer lugar; todo tipo de cor, amontoadas, jorrando-se em rios — era como se as pervincas como se estivessem de fato se derramando de cada lado da escada — e flores que cresciam apenas nas fronteiras da Inglaterra, flores orgulhosas que, lá, mantinham-se reservadas apenas para si mesmas, como as grandes íris azuis e a lavanda, eram atropeladas por coisinhas comuns e brilhantes como dentes-de-leão e margaridas e as campânulas brancas da cebola selvagem, e isso apenas as fazia parecer melhores e mais exuberantes.

Elas ficaram olhando em silêncio para essa multidão de beleza, essa confusão feliz. Não, não importava o que a Sra. Fisher fizesse; não aqui; não diante de tanta beleza. O descontentamento da Sra. Arbuthnot se derreteu. Sob a luz e o calor do que ela olhava, do que para ela era uma manifestação e um lado inteiramente novo de Deus, como alguém poderia ficar descontente? Se ao menos Frederick estivesse com ela, vendo aquilo também, como ele teria visto quando estavam apaixonados, nos dias em que ele via o que ela via e amava o que ela amava...

Ela suspirou.

— Não se deve suspirar no paraíso — disse a Sra. Wilkins. — Ninguém deve.

— Eu estava pensando em como alguém ansiaria compartilhar isso com a pessoa amada — disse a Sra. Arbuthnot.

— Não se deve ansiar no paraíso — disse a Sra. Wilkins. — A pessoa deve se sentir bem completa lá. E é o paraíso, não é, Rose? Veja como tudo foi colocado junto... os dentes-de-leão e as íris, o vulgar e o superior, eu e a Sra. Fisher... tudo bem-vindo, tudo misturado de qualquer maneira, e tudo tão visivelmente feliz e se divertindo.

— A Sra. Fisher não parece feliz... pelo menos não de forma visível — disse a Sra. Arbuthnot, sorrindo.

— Ela se tornará em breve, você vai ver.

A Sra. Arbuthnot disse que não acreditava que, depois de certa idade, as pessoas se tornassem alguma coisa.

A Sra. Wilkins disse que tinha certeza de que ninguém, por mais velho e rigoroso que fosse, pudesse resistir aos efeitos da beleza

perfeita. Antes de muitos dias, talvez apenas horas, eles veriam a Sra. Fisher explodir em todo tipo de exuberância.

— Tenho certeza — disse a Sra. Wilkins — de que chegamos ao paraíso e, quando a Sra. Fisher perceber que é onde ela se encontra, está fadada a ficar diferente. Você vai ver. Ela vai deixar de ser tão durona, se tornará mais suave e flexível, e nós ficaremos bastante... ora, eu não ficaria surpresa se passássemos a gostar dela.

A ideia de a Sra. Fisher explodir no que quer que fosse, ela que parecia tão resolutamente presa em seus pensamentos, fez a Sra. Arbuthnot rir. Ela perdoou a maneira indiscreta com que Lotty falava do paraíso, porque naquele lugar, naquela manhã, a indulgência estava no próprio ar. Além disso, que desculpa isso era.

E Lady Caroline, sentada na mureta onde a haviam deixado antes do café da manhã, espiou por cima do ombro quando ouviu risadas, as viu paradas no caminho abaixo e pensou na bênção que era as duas estarem rindo lá embaixo em vez de terem subido para fazer isso perto dela. Ela não gostava de piadas em nenhuma ocasião, mas pela manhã as odiava; sobretudo perto dela; sobretudo próximas de seus ouvidos. Ela esperava que as originais estivessem saindo para dar uma caminhada, e não voltando de uma. Elas riam mais e mais. Do que poderiam estar rindo tanto?

Ela olhou para baixo, para o topo de suas cabeças, com uma expressão muito séria, pois a ideia de passar um mês com as risonhas era terrível, e elas, como se tivessem sentido seu olhar, se viraram de repente e olharam para cima.

A terrível genialidade daquelas mulheres...

Ela se encolheu, se esquivando de seus sorrisos e acenos, mas não poderia sumir de vista sem cair nos lírios. Ela não sorriu nem acenou de volta e, desviando os olhos para as montanhas mais distantes, observou-as com atenção até que as duas, cansadas de acenar, se afastaram pelo caminho, viraram a esquina e desapareceram.

Desta vez, ambas notaram que haviam se deparado com, no mínimo, falta de resposta.

— Se não estivéssemos no paraíso — disse a Sra. Wilkins, serena —, eu diria que fomos desprezadas, mas, como ninguém

despreza ninguém no paraíso, é claro que não pode ter sido assim.

— Talvez ela esteja infeliz — disse a Sra. Arbuthnot.

— Esteja o que estiver, ela vai superar aqui — afirmou a Sra. Wilkins com convicção.

— Precisamos tentar ajudá-la.

— Ah, mas ninguém ajuda ninguém no paraíso. Isso acabou. Você não tenta ser ou fazer. Você simplesmente é.

Bem, a Sra. Arbuthnot não ia entrar nessa discussão — não aqui, não hoje. O vigário, ela sabia, diria que a conversa de Lotty era leviana, quiçá profana. Como ele parecia velho daqui; um vigário velho, muito velho.

Elas abandonaram o caminho e desceram pelos terraços de oliveiras, mais e mais para baixo, até onde, no fundo, o mar morno e sonolento batia suavemente em ondas entre as rochas. Um pinheiro crescera ali perto da água, e elas se sentaram embaixo dele, e a alguns metros de distância havia um barco de pesca imóvel, com o bojo verde na água. As ondas do mar faziam barulhinhos borbulhantes a seus pés. Elas estreitaram os olhos para enxergar sob o brilho da luz além da sombra da árvore. O cheiro quente das pinhas e das almofadas de tomilho selvagem que preenchiam os espaços entre as rochas, e às vezes o cheiro de mel puro de um amontoado de íris quentes ao sol atrás delas, soprava em seus rostos. Em pouco tempo, a Sra. Wilkins tirou os sapatos e as meias e pôs os pés na água. Depois de observá-la por um minuto, a Sra. Arbuthnot fez a mesma coisa. A felicidade delas era completa. Seus maridos não as teriam reconhecido. Elas pararam de conversar. Pararam de mencionar o paraíso. Eram pura aceitação.

Enquanto isso, Lady Caroline, em sua mureta, avaliava sua posição. O jardim no topo do muro era delicioso, mas sua situação o tornava inseguro e exposto a interrupções. A qualquer momento, as outras poderiam chegar e querer usá-lo, porque tanto o corredor quanto a sala de jantar tinham portas que se abriam diretamente para ele. Talvez, pensou Lady Caroline, pudesse dar um jeito para que fosse apenas dela. A Sra. Fisher tinha as ameias, encantadoras e floridas, e uma torre de vigia só para si, além de ter arrebatado a única sala realmente agradável da casa. Havia muitos lugares aonde as originais podiam ir — ela mesma tinha visto pelo menos

dois outros pequenos jardins, e a própria a colina onde ficava o castelo era um jardim, com passeios e bancos. Por que este lugar não poderia ser exclusivamente dela? Gostava daqui; mais que de qualquer outro lugar. Tinha a árvore-de-judas e um pinheiro-manso, as frésias e os lírios, o tamarisco começando a ficar rosado, a conveniente mureta baixa para se sentar e, em cada um dos três lados, as vistas mais deslumbrantes — a leste, a baía e as montanhas; ao norte, a vila do outro lado da água verde-clara e tranquila do pequeno porto e as colinas pontilhadas de casas brancas e laranjais; e, a oeste, o fino fio de terra pelo qual San Salvatore estava ligado ao continente e, depois, o mar aberto e a costa para além de Gênova, estendendo-se até a penumbra azul da França. Sim, ela diria que queria ficar com aquele jardim todo apenas para si. Era obviamente sensato se cada uma delas tivesse seu próprio lugar especial para se sentar isolada. Era essencial para seu conforto que pudesse se isolar, ficar sozinha, sem conversas. As outras também iam preferir assim. Por que se reunir? Já havia muito disso na Inglaterra, com os parentes e amigos — ah, eram tantos! — pressionando-a continuamente. Tendo escapado com sucesso por quatro semanas, por que continuar a se reunir, e com pessoas que não têm nenhum motivo concebível para exigir isso dela?

Ela acendeu um cigarro. Começava a se sentir segura. Aquelas duas tinham saído para dar um passeio. Não havia sinal da Sra. Fisher. Como isso era agradável!

Alguém saiu pelas portas de vidro no exato momento em que ela dava uma tragada confiante. Certamente não seria a Sra. Fisher querendo se sentar com ela, seria? A Sra. Fisher tinha suas ameias. Devia ficar nelas, depois de as ter reivindicado. Seria muito cansativo se não ficasse e quisesse não ter apenas elas e sua sala de estar, mas também se estabelecer neste jardim.

Não; não era a Sra. Fisher, era a cozinheira.

Ela fez uma careta. Teria que continuar escolhendo a comida? Certamente uma daquelas duas mulheres que acenavam poderia fazer isso agora.

A cozinheira, que estivera esperando na cozinha em crescente agitação, observando o relógio se aproximar da hora do almoço —

horário em que ela ainda não sabia o que seria o almoço —, por fim foi até a Sra. Fisher, que imediatamente a dispensou com um aceno. Então ela vagou pela casa, procurando uma patroa, qualquer uma, que lhe dissesse o que cozinhar, mas não encontrou nenhuma; e, finalmente, orientada por Francesca, que sempre sabia onde todos estavam, chegou a Lady Caroline.

Domenico havia providenciado essa cozinheira. Era Costanza, irmã de um daqueles seus primos que tinha um restaurante na praça. Ela ajudara o irmão em sua cozinha quando não ela estava sem emprego e conhecia todo tipo de prato italiano gorduroso e misterioso, como os que os trabalhadores de Castagneto, que lotavam o restaurante ao meio-dia, e os habitantes de Mezzago, que vinham aos domingos, adoravam comer. Ela era uma solteirona magrela, de cinquenta anos, cabelos grisalhos, ágil, de língua solta, e achava Lady Caroline mais bonita do que qualquer pessoa que já vira; Domenico também achava; e também o menino Giuseppe, que ajudava Domenico e era, além disso, seu sobrinho; e também a garota Angela, que ajudava Francesca e era, além disso, sobrinha de Domenico; e também a própria Francesca. Domenico e Francesca, os dois únicos que as tinham visto, acharam as duas senhoras que chegaram por último muito bonitas, mas, comparadas à bela moça que chegara primeiro, eram como velas diante da luz elétrica que havia sido instalada recentemente e como as banheiras de lata nos quartos perto do maravilhoso banheiro novo que seu mestre havia montado em sua última visita.

Lady Caroline fez uma careta para a cozinheira. A carranca, como sempre, foi transformada no que parecia ser uma intencional e bela expressão séria, e Costanza ergueu as mãos e pediu em voz alta aos santos que testemunhassem que ali estava a própria imagem da Mãe de Deus.

Zangada, Lady Caroline perguntou o que ela queria, e a cabeça de Costanza se inclinou de lado, encantada com a pura música de sua voz. Ela disse, depois de esperar um momento, para o caso de a música continuar, pois não queria perder nenhuma parte dela, que queria ordens; ela fora à mãe da *Signorina*, mas em vão.

— Ela não é minha mãe — repudiou Lady Caroline com raiva; e sua raiva soou como o lamento pesaroso de uma órfã delicada.

Costanza encheu-se de pena. Ela também, explicou, não tinha mãe...

Lady Caroline interrompeu com a breve informação de que sua mãe estava viva e em Londres.

Costanza louvou a Deus e aos santos que a jovem ainda não soubesse como era não ter a mãe. A falta de sorte tomava rapidamente a pessoa; sem dúvida a jovem já tinha marido.

— Não — disse Lady Caroline com frieza. Mais ainda do que as piadas pela manhã, ela odiava a ideia de maridos. E todo mundo estava sempre tentando empurrá-los para ela. Todos os seus conhecidos, suas amigas e até os jornais vespertinos. No fim, ela só podia se casar com um, de qualquer maneira; mas, pelo modo como todos falavam, e em especial aqueles que queriam ser os maridos, daria para achar que ela poderia se casar com pelo menos uma dúzia.

Seu suave e patético “Não” fez Costanza, que estava perto dela, transbordar empatia.

— Pobrezinha — disse Costanza, comovida a ponto de chegar mesmo a dar um tapinha encorajador em seu ombro —, não perca a esperança. Ainda há tempo.

— Para o almoço — disse Lady Caroline, em tom congelante, assombrada, enquanto falava, por ter sido tocada, ela que havia se esforçado tanto para chegar a um lugar remoto e escondido, onde podia ter certeza de que, entre outras coisas de natureza opressiva, não haveria esses tapinhas —, teremos...

Costanza tornou-se profissional. Interrompeu-a com sugestões, todas admiráveis e caras.

Lady Caroline não sabia que eram caras e concordou de pronto. Pareciam muito boas. Levavam todo tipo de legumes, verduras e frutas frescos, muita manteiga, uma boa quantidade de nata e um número incrível de ovos. No fim, Costanza disse com entusiasmo, como uma homenagem a essa aquiescência, que dentre as muitas senhoras e muitos senhores para quem trabalhara em empregos temporários como esse, gostava mais das senhoras e dos senhores ingleses. Mais do que os preferia — eles lhe despertavam devoção. Pois sabiam o que pedir; não economizavam; e não tratavam os pobres de forma cruel.

Com isso, Lady Caroline concluiu que tinha sido extravagante e prontamente mandou cancelar a nata.

A decepção se estampou no rosto de Costanza, pois ela tinha um primo que tinha uma vaca, e a nata viria deles.

— E talvez seja melhor não termos galinhas — disse Lady Caroline.

A expressão de Costanza ficou ainda mais decepcionada, pois seu irmão que trabalhava no restaurante criava galinhas no quintal e muitas delas estavam prontas para o abate.

— Também não peça morangos até eu consultar as outras senhoras — disse Lady Caroline, lembrando que ainda era 1º de abril e que talvez as pessoas que viviam em Hampstead pudessem ser pobres; de fato, deviam ser pobres ou por que viveriam em Hampstead? — Eu não sou a anfitriã aqui.

— É a mais velha? — perguntou Costanza, seu rosto muito desejoso.

— Não — disse Lady Caroline.

— Então qual das outras duas senhoras é?

— Nenhuma — disse Lady Caroline.

Então os sorrisos de Costanza retornaram, pois a jovem se divertia com ela e fazia piadas. Ela disse isso a ela, com seu jeito italiano amigável, e ficou genuinamente encantada.

— Eu nunca faço piadas — disse Lady Caroline brevemente. — É melhor você ir, ou o almoço certamente não estará pronto meio-dia e meia.

E essas palavras bruscas soaram tão doces que Costanza sentiu como se estivessem lhe fazendo elogios gentis e esqueceu sua decepção com a nata e as galinhas e se afastou toda sorridente e grata.

“Isso”, pensou Lady Caroline, “nunca vai dar certo. Não vim aqui para cuidar da casa e não vou.”

Ela chamou Costanza de volta. Costanza veio correndo. O som de seu nome naquela voz a encantava.

— Eu escolhi o almoço para hoje — disse Lady Caroline, com o rosto angelical sério que exibia quando estava irritada — e também o jantar, mas a partir de agora você tomará as ordens com uma das outras senhoras. Não é mais comigo.

A ideia de que ela continuaria dando ordens era absurda demais. Nunca dera ordens em casa. Ninguém ali sonhava em pedir que ela fizesse nada. Que uma atividade tão cansativa fosse colocada em seus ombros, simplesmente porque ela sabia falar italiano, era ridículo. As originais que dessem as ordens se a Sra. Fisher se recusasse. A Sra. Fisher, é claro, era quem a Natureza escolheria para cuidar disso. Ela tinha o ar de uma governanta competente. Suas roupas eram as de uma governanta, assim como seu cabelo.

Depois de dar seu ultimato com uma assertividade que se tornou doce no meio do caminho e acompanhado por um gesto peremptório de dispensa que teve a graça e a delicadeza amável de uma bênção, era irritante que Costanza só ficasse ali parada com a cabeça inclinada para um lado, olhando para ela com óbvio deleite.

— Ah, vá embora! — exclamou Lady Caroline em inglês, subitamente exasperada.

Naquela manhã, havia uma mosca no quarto dela que tinha grudado exatamente como Costanza o fazia agora; apenas uma, mas que valia por um enxame, de tão cansativa, desde a primeira luz do dia. Estava determinada a pousar em seu rosto, e ela estava determinada a não permitir. A persistência da mosca era estranha. Ela a acordou e não a deixou voltar a dormir. Lady Caroline bateu nela, e a mosca se esquivou sem barulho nem esforço, com uma suavidade quase visível, e tudo o que ela conseguiu foi bater em si mesma. A mosca voltou no mesmo instante e, com um zumbido alto, pousou em sua bochecha. Ela bateu outra vez e se machucou enquanto o inseto deslizava graciosamente para longe. Ela perdeu a paciência, sentou-se na cama e esperou, observando para bater na mosca e matá-la. Continuou a golpeando, até que por fim o fazia com fúria e toda a sua força, como se tratasse de um inimigo real tentando deliberadamente enlouquecê-la; e, com elegância, a mosca voava para longe de seus golpes, nem ao menos zangada, apenas para voltar no instante seguinte. Todas as vezes conseguiu chegar ao rosto de Lady Caroline e era indiferente à frequência com que era expulsa. Foi por isso que Lady Caroline se vestiu e saiu tão cedo. Francesca já tinha sido instruída a colocar uma rede sobre a cama, pois não se deixaria ser incomodada assim duas vezes. As pessoas eram exatamente como moscas. Ela desejava que também

houvesse redes para mantê-las afastadas. Batia nelas com palavras e carrancas, e, como a mosca, elas deslizavam por entre seus golpes e continuavam intocadas. Pior que a mosca, pareciam ignorar que ela tentara atingi-las. A mosca pelo menos ia embora por um momento. Com os seres humanos, a única maneira de se livrar deles era ela própria ir embora. Era o que ela, tão cansada, tinha feito neste mês de abril; e, tendo chegado ali, tendo cuidado pessoalmente dos detalhes da vida em San Salvatore, parecia que ali também não seria deixada em paz.

Quando estava em Londres, parecia que não haveria afazeres naquele lugar. De lá, San Salvatore parecia um vazio, um delicioso espaço em branco. No entanto, depois de apenas vinte e quatro horas, ela estava descobrindo que não era sob aspecto algum um espaço em branco e que precisava se afastar tão ativamente como sempre. Ela já tinha sido muito enredada. A Sra. Fisher havia ficado grudada nela quase todo o dia anterior e, naquela manhã, não tivera paz, nem dez minutos seguidos sozinha.

Costanza, é claro, finalmente teve que ir porque precisava cozinhar, mas ela mal tinha saído, Domenico chegou. Ele veio regar e amarrar as plantas. Isso era natural, já que era o jardineiro, mas ele regou e amarrou todas as coisas que estavam mais próximas dela; ele chegava cada vez mais perto; regava em excesso; amarrou plantas que ficaram tão retas e firmes como flechas. Bem, pelo menos ele era um homem e, portanto, não tão irritante, e seu bom-dia sorridente foi recebido com um sorriso em resposta; diante dele, Domenico esqueceu sua família, sua esposa, sua mãe, seus filhos adultos e todos os seus deveres, e tudo o que queria era beijar os pés da jovem.

Infelizmente, não podia fazer isso, mas podia falar enquanto trabalhava, então falou; muito; despejando todo tipo de informação, ilustrando o que dizia com gestos tão vigorosos que teve que largar o regador, o que atrasou a rega.

Lady Caroline aguentou por um tempo, mas dentro em pouco já não conseguia suportar mais e, como ele não ia embora, e ela não podia lhe dizer que fosse, já que ele estava fazendo seu trabalho, mais uma vez era ela quem tinha que ir.

Ela saltou da mureta e foi para o outro lado do jardim, onde, em um gazebo de madeira, havia algumas cadeiras de vime confortáveis. Tudo que ela queria era virar uma dessas cadeiras de costas para Domenico e de frente para o mar, em direção a Gênova. Uma coisa tão ínfima para querer. Seria de se imaginar que ela poderia fazer isso sem ser incomodada. Mas ele, que observava cada movimento dela, quando a viu se aproximando das cadeiras disparou atrás dela, pegou uma e perguntou onde devia colocá-la.

Será que ela nunca deixaria de ter alguém à disposição, fazendo com que se sentisse confortável, perguntando onde ela queria que as coisas fossem postas e a obrigando a agradecer? Ela foi seca com Domenico, que instantaneamente concluiu que o sol lhe causara dor de cabeça e correu castelo adentro para arranjar um guarda-sol, uma almofada e um banquinho para pés, e foi habilidoso, maravilhoso, um cavalheiro nato.

Ela fechou os olhos com uma resignação profunda. Não poderia ser cruel com Domenico. Não podia se levantar e entrar, como faria se fosse uma das outras que estivesse ali. Domenico era inteligente e muito competente. Ela logo descobrira que era ele que de fato administrava a casa, quem realmente fazia tudo. E seu comportamento era definitivamente agradável, e ele sem dúvida era uma pessoa encantadora. Mas ela só desejava profundamente ficar sozinha. Se ao menos pudesse ser deixada em paz por esse único mês, sentia que talvez conseguisse fazer algo de si mesma, afinal.

Ela ficou de os olhos fechados, pois assim ele pensaria que ela queria dormir e iria embora.

A romântica alma italiana de Domenico se derreteu diante daquela visão, pois os olhos fechados a deixavam extraordinariamente elegante. Ele ficou em transe, imóvel, e ela pensou que ele tinha partido e abriu os olhos outra vez.

Não; ali estava ele, a olhando. Até ele. Não havia como evitar ser observada.

— Estou com dor de cabeça — disse ela, fechando os olhos de novo.

— É o sol — respondeu Domenico — e ficar sentada na mureta sem chapéu.

— Quero dormir.

— *Si, signorina* — disse ele com compaixão; e foi embora sem fazer alarde.

Ela abriu os olhos com um suspiro de alívio. O fechamento suave das portas de vidro indicava que não apenas ele tinha se afastado, mas a trancara no jardim para que não fosse incomodada. Agora talvez ela pudesse ficar sozinha até a hora do almoço.

Era muito curioso, e ninguém no mundo teria ficado mais surpreso do que a própria, mas ela queria pensar. Nunca quisera fazer isso antes. Qualquer outra coisa que fosse possível fazer sem muitos inconvenientes ou ela quisera fazer ou tinha feito em algum momento da vida, mas nunca antes quisera pensar. Ela chegara a San Salvatore com a única intenção de ficar deitada ao sol por quatro semanas, como se estivesse em coma, num lugar onde seus pais e amigos não estavam, mergulhada no esquecimento, mexendo-se apenas para se alimentar, e não fazia mais que algumas horas que lá se encontrava quando foi tomada por esse novo e estranho desejo.

As estrelas estavam maravilhosas na noite anterior, e ela saíra para o jardim depois do jantar, deixando a Sra. Fisher sozinha com suas nozes e seu vinho, e, sentada na mureta onde as cabeças fantasmagóricas dos lírios se apinhavam, ela ficara olhando para o abismo da noite e, de repente, parecia que sua vida era cheia de muito barulho por nada.

Ela ficou intensamente surpresa. Sabia que as estrelas e a escuridão provocavam emoções incomuns, porque as vira serem provocadas nos outros, mas nunca em si mesma. Muito barulho por nada. Ela poderia ficar bem?, se perguntou. Já havia muito tempo que sabia que sua vida era um grande barulho, mas parecia ter muito sentido; um barulho, de fato, por tanta coisa que ela sentia que precisava ficar fora do alcance dos ouvidos por um tempo ou acabaria completa e talvez definitivamente surda. Mas e se fosse apenas muito barulho por nada?

Nunca tivera um questionamento como esse em sua mente. Isso a fez se sentir solitária. Ela queria ficar sozinha, mas não solitária. Era muito diferente; isso doía e machucava terrivelmente uma pessoa por dentro. Era o que mais se temia. Era o que a fazia comparecer a tantas festas; e ultimamente, até as festas pareceram,

uma ou duas vezes, não ser uma proteção de todo adequada. Seria possível que a solidão não tivesse nada a ver com as circunstâncias, mas apenas com a maneira como a pessoa a enfrentava? Talvez, pensara, fosse melhor ir para a cama. Não poderia estar muito bem.

Ela foi dormir; e, pela manhã, depois que escapou da mosca, tomou o café da manhã e saiu outra vez para o jardim, lá estava novamente aquele mesmo sentimento, e em plena luz do dia. Mais uma vez, teve aquela suspeita de fato muito repugnante de que sua vida até agora não fora apenas barulhenta, mas vazia. Bem, se fosse assim, e se seus primeiros vinte e oito anos — os melhores — tivessem passado em meio ao barulho sem sentido, era melhor que parasse um momento e olhasse em volta; fizesse uma pausa, como diziam nos romances cansativos, e ponderasse. Ela não teria muitos blocos de vinte e oito anos. Mais um e ficaria como a Sra. Fisher. Mais dois... Ela desviou os olhos.

Sua mãe ficaria preocupada se soubesse. A mãe a venerava. O pai também ficaria preocupado, pois também a venerava. Todo mundo a venerava. E quando, melodiosamente obstinada, ela insistira em partir para se enterrar um mês inteiro na Itália com pessoas estranhas que ela encontrara por meio de um anúncio, recusando-se a levar até mesmo sua criada, a única explicação que seus amigos podiam imaginar era que a pobre Miúda — como a chamavam — havia exagerado e estava um pouco nervosa.

Sua mãe estava angustiada com sua partida. Era uma coisa tão estranha a fazer, um tremendo sinal de decepção. Ela concordava com a ideia geral de que estava à beira de um colapso nervoso. Teria ficado muito triste se pudesse ver sua adorada Miúda, mais agradável aos olhos do que a filha de qualquer outra mãe já havia sido, seu objeto de maior orgulho, a fonte de todas as suas ternas esperanças, sentada olhando para o vazio do Mediterrâneo ao meio-dia, considerando seus três possíveis blocos de vinte e oito anos. Viajar sozinha era ruim; pensar era ainda pior. Nada de bom poderia resultar do pensamento de uma bela jovem. Complicações, sim, poderiam surgir em profusão, mas nada de bom. O pensamento das beldades estava fadado a resultar em hesitações, relutâncias e infelicidade por toda parte. E ali estava sua Miúda, se a

mãe pudesse vê-la, sentada pensando bastante. E naquele tipo de coisa. Coisas muito velhas. Coisas em que ninguém começava a pensar até pelo menos os quarenta anos.

9

Entre as duas salas de estar, a que a Sra. Fisher havia tomado para si era cheia de charme e personalidade. Ela a inspecionou com satisfação ao entrar ali depois do café da manhã e ficou feliz que fosse sua. Tinha piso de ladrilhos, paredes pálidas cor de mel, móveis embutidos cor de âmbar e livros delicados, muitos com capas marfim ou cor de limão. Havia uma grande janela com vista para o mar em direção a Gênova e uma porta de vidro através da qual ela podia ir até as ameias e passar pela pitoresca e atraente torre de vigia, que era, ela própria, uma sala com cadeiras e uma escrivaninha, onde, do outro lado da torre, as ameias terminavam em um banco de mármore, e era possível ver a baía ocidental e a ponta arredondada onde começava o golfo de La Spezia. Sua vista sul, entre esses dois trechos de mar, era outra colina, mais alta que San Salvatore, a última da pequena península, encimada pelas torres suaves de um castelo menor e desabitado, que reluzia o pôr do sol quando tudo mais estava mergulhado na penumbra. Sim, ela estava acomodada com muito conforto ali; e recipientes com flores — a Sra. Fisher não os examinou de perto, mas pareciam pequenas gamelas de pedra ou, talvez, pequenos sarcófagos — rodeavam as ameias.

Essas ameias, pensou, olhando para elas, seriam o lugar perfeito para ela caminhar de um lado para outro devagarzinho nos momentos em que sentisse não haver necessidade de usar sua bengala, ou para se sentar no banco de mármore, depois de colocar nele uma almofada, mas infelizmente havia uma segunda porta de vidro que dava para elas, destruindo sua total privacidade e estragando sua sensação de que o lugar era apenas seu. A segunda porta pertencia à sala redonda, que ela e Lady Caroline haviam rejeitado por ser muito escura. Provavelmente aquela sala seria ocupada pelas mulheres de Hampstead, e ela temia que as duas não se limitassem a ficar sentadas ali, mas saíam pela porta

de vidro e invadiriam suas ameias. Isso as arruinaria. Sim, as ameias estariam arruinadas, de sua perspectiva, se fossem invadidas; ou mesmo se, na verdade, não fossem invadidas, mas a porta permitisse que fossem observadas pelos olhos das pessoas dentro da sala. Ninguém poderia estar perfeitamente à vontade se estivesse sendo vigiado e soubesse disso. O que ela queria, um direito que certamente tinha, era privacidade. Não tinha a intenção de se meter com as outras; por que então deveriam se meter com ela? E ela sempre poderia relaxar sua privacidade se, quando se familiarizasse mais com suas companheiras, achasse que valeria a pena, mas duvidava que alguma das três se revelasse de modo a fazê-la pensar assim.

Quase nada valia a pena de verdade, refletiu a Sra. Fisher, exceto o passado. Era surpreendente, simplesmente incrível, a superioridade do passado sobre o presente. Aqueles seus amigos em Londres, pessoas sérias da sua idade, conheciam o mesmo passado que ela, podiam conversar com ela sobre isso, compará-lo ao presente, como ela fazia, e, ao se lembrar de grandes homens, esquecer por um momento os jovens triviais e estéreis que, apesar da guerra, pareciam bagunçar o mundo por serem tantos. Ela não se afastara desses amigos, os amigos maduros com quem podia conversar, para passar seu tempo na Itália conversando com três pessoas de outra geração e tão pouca experiência; ela fora apenas para evitar as traições de um abril em Londres. Era verdade o que dissera às duas que tinham ido a Prince of Wales Terrace, que tudo o que queria fazer em San Salvatore era sentar-se sozinha ao sol e recordar. Elas sabiam disso, pois foi o que lhes dissera. Tinha sido claramente expresso e perfeitamente compreendido. Portanto, ela tinha o direito de esperar que as duas ficassem dentro da sala redonda e não saíssem para interrompê-la em suas ameias.

Mas elas ficariam? A dúvida arruinou sua manhã. Somente na hora do almoço viu uma forma de estar segura o bastante e, chamando Francesca com o sino, ordenou, num italiano lento e majestoso, que ela fechasse as venezianas da porta de vidro da sala redonda. Depois, entrando ali com Francesca, que se mostrava volúvel, argumentou que, a sala, que se tornara ainda mais escura, permaneceria agradavelmente fresca por causa dessa escuridão e,

afinal, ainda havia as muitas fendas nas paredes que deixavam a luz entrar e, se não deixassem, não era problema seu. Então ordenou que Francesca colocasse um gabinete de raridades do outro lado da porta.

Isso desencorajaria a saída.

Então ela chamou Domenico e o fez mover um dos sarcófagos cheios de flores para junto da porta, pelo lado de fora.

Isso desencorajaria a entrada.

— Ninguém poderá usar a porta — disse Domenico, hesitante.

— Ninguém vai querer — disse a Sra. Fisher com firmeza.

Ela então se retirou para sua sala de estar e, de uma cadeira posicionada onde podia olhar diretamente para elas, observou as ameias, agora completamente garantidas para si, com um prazer calmo.

Hospedar-se aqui, refletiu placidamente, era muito mais barato do que ficar em um hotel e, se pudesse evitar as outras, seria imensuravelmente mais agradável. Ela estava pagando 3 libras por semana por seus aposentos — aposentos extremamente agradáveis, agora que estava acomodada neles —, o que dava cerca de oito xelins por dia, com ameias, torre de vigia e tudo mais. Onde mais no exterior ela poderia se hospedar tão bem pagando tão pouco e tomar tantos banhos quanto quisesse, por oito xelins ao dia? Claro que ainda não sabia quanto custaria a comida, mas insistiria que fossem cuidadosas com isso, embora também insistisse em que o cuidado fosse combinado com a excelência. Ambos eram perfeitamente compatíveis se a responsável se esforçasse. O salário dos empregados, ela constatou, era insignificante, devido ao câmbio vantajoso, de modo que apenas a comida lhe deixava ansiosa. Se visse sinais de extravagância, proporia que todas entregassem uma quantia razoável semanalmente a Lady Caroline, que cuidaria das contas, e tudo que não fosse usado seria devolvido e, se o valor fosse excedido, a diferença seria coberta pela responsável.

A Sra. Fisher estava bem de vida e desejava confortos adequados à sua idade, mas não gostava de despesas. Estava tão bem que, se quisesse, poderia viver em uma área luxuosa de Londres e ser conduzida de um lado para outro em um Rolls-Royce.

Mas não tinha esse desejo. Demandava mais vitalidade do que conforto verdadeiro lidar com uma casa em uma área luxuosa e com um Rolls-Royce. Preocupações acompanhavam esses bens, preocupações de todo tipo, coroadas por contas. Na escuridão sóbria de Prince of Wales Terrace, ela podia desfrutar secretamente de um conforto barato porém real, sem ser interpelada por criados predadores ou representantes de instituições de caridade, e havia um ponto de táxi no fim da rua. Sua despesa anual era pequena. A casa fora herdada. A morte a mobiliara. Na sala de jantar, caminhava sobre o tapete turco de seus pais; regulava seu dia pelo excelente relógio de mármore preto na lareira, do qual se lembrava desde a infância; as paredes estavam inteiramente cobertas pelas fotografias que seus ilustres amigos falecidos tinham dado para ela ou seu pai, com suas assinaturas na parte inferior de seus corpos, e as janelas, cobertas pelas cortinas marrons de toda a sua vida, também eram decoradas com os mesmos aquários aos quais ela devia suas primeiras lições sobre a vida marinha, e nos quais ainda nadavam lentamente os peixes dourados de sua juventude.

Seriam os mesmos peixes dourados? Ela não sabia. Talvez, como a carpa, eles sobrevivessem a todos. Mas talvez, por trás da vegetação marinha no fundo, eles tivessem sido de tempos em tempos, com o passar dos anos, retirados e substituídos. Ela às vezes se perguntava, contemplando-os entre suas posses solitárias, se eram ou não os mesmos peixes que estavam lá naquele dia em que Carlyle — ela se lembrava muito bem — caminhou furioso até eles, no meio de uma discussão acalorada com o pai dela, e, golpeando o vidro rapidamente com o punho, os fez fugir assustados, gritando enquanto eles escapuliam-se: “Ah, seus diabinhos surdos! Ah, diabinhos surdos sortudos! Não podem ouvir nenhuma das coisas terríveis, tolas e sem sentido que seu mestre diz, não é?”, ou qualquer coisa assim.

O querido e bondoso Carlyle. Suas explosões naturais, seu frescor tão genuíno, sua verdadeira grandeza. Rude, se poderia dizer — sim, sem dúvida, às vezes rude, e assustador em uma sala de estar, mas magnífico. Quem havia agora que se igualasse a ele? Quem se poderia mencionar na mesma frase? O pai dela, insuperável em elegância, dizia: “Thomas é imortal.” E eis então

esta geração, esta geração e sua pequenez, levantando suas vizinhas em dúvida, ou, pior ainda, nem sequer se dando ao trabalho de levantá-la, nem mesmo o lendo — era inacreditável, mas fora o que lhe relataram. A Sra. Fisher também não o lera, mas era diferente. Ela o havia lido, sim; certamente o havia lido. Claro que o havia lido. Havia o Teufelsdröck — ela se lembrava muito bem de um alfaiate chamado Teufelsdröck. Pelo menos era como Carlyle o chamava. Sim, ela deve tê-lo lido, embora, naturalmente, os detalhes lhe escapassem.

O gongo soou. Perdida em lembranças, a Sra. Fisher esquecera o tempo e correu até o quarto para lavar as mãos e ajeitar o cabelo. Ela não queria se atrasar e dar um péssimo exemplo, e talvez encontrar seu lugar à cabeceira da mesa ocupado. Não se podia confiar nos modos dessa geração mais jovem; principalmente naquela Sra. Wilkins.

Ela foi, no entanto, a primeira a chegar à sala de jantar. Francesca, de avental branco, estava a postos com uma enorme travessa de macarrão fumegante e brilhante, mas não havia ninguém ali para comê-lo.

A Sra. Fisher sentou-se, parecendo severa. Relaxe, relaxe.

— Sirva-me — ordenou a Francesca, que mostrou uma inclinação a aguardar pelas outras.

Francesca lhe serviu. A Sra. Fisher era de quem ela menos gostava no grupo. Na verdade, não gostava nem um pouco dela. Era a única das quatro senhoras que ainda não havia sorrido. Verdade que era velha, não era bonita, e, portanto, não tinha motivos para sorrir, mas senhoras gentis sorriam, com ou sem motivo. Sorriam não porque estavam felizes, mas porque queriam fazer os outros felizes. Então Francesca concluiu que essa senhora, entre as quatro, não podia ser gentil; então lhe serviu o macarrão de forma intratável, incapaz de esconder seus sentimentos.

Estava muito bem-feito, mas a Sra. Fisher nunca ligara para macarrão, especialmente para aquela variedade comprida e em forma de verme. Ela o achava difícil de comer — escorregadio, soltando-se do garfo, fazendo-a parecer, ela sentia, indigna quando, achando que o havia colocado na boca, as pontas ainda pendiam para fora. Também sempre que o comia se lembrava do Sr. Fisher.

Durante a vida de casados, ele se comportara muito como o macarrão. Escorregava, se contorcia, a fazia se sentir indigna, e quando ela finalmente o tinha em segurança, pelo menos assim pensava, sempre havia pequenos pedaços dele que ainda pendiam para fora, por assim dizer.

Junto ao aparador, Francesca observava sombriamente a luta da Sra. Fisher com o macarrão, e a má vontade se intensificou quando a viu enfim pegar a faca e cortá-lo em pedacinhos.

A Sra. Fisher realmente não conhecia outra forma de comer aquilo. Sabia que as facas eram inadequadas, mas era de se perder a paciência. Macarrão era inaceitável em sua mesa em Londres. Além de cansativo, ela nem ao menos gostava e diria a Lady Caroline que não pedisse de novo. Seriam necessários anos de prática, refletiu a Sra. Fisher, picando-o, anos morando de fato na Itália, para aprender o truque. Browning lidava maravilhosamente com o macarrão. Ela se lembrava de observá-lo um dia, quando ele foi almoçar com seu pai, e um prato de macarrão havia sido preparado, como uma referência à sua conexão com a Itália. Era fascinante o modo como ele comia. Nenhuma perseguição em volta do prato, nada caindo do garfo, nenhuma ponta solta — apenas uma espetada, uma girada, um puxão, uma abocanhada e pronto!, outro poeta estava alimentado.

— Devo procurar a jovem senhora? — perguntou Francesca, incapaz de continuar olhando para um excelente macarrão sendo cortado com uma faca.

A Sra. Fisher teve dificuldade de voltar de suas reminiscências.

— Ela sabe que o almoço é ao meio-dia e meia — disse. — Todas elas sabem.

— Ela pode estar dormindo — falou Francesca. — As outras senhoras estão mais distante, mas ela não está longe.

— Bata o gongo novamente então — disse a Sra. Fisher.

Que maneiras, pensou; ora, que maneiras! Aquilo ali não era um hotel, e se fazia necessária alguma consideração. Tinha que admitir que estava surpresa com a Sra. Arbuthnot, que não parecia ser impontual. Lady Caroline também — ela parecia amável e cortês, independentemente do que mais fosse. Da outra, é claro, não esperava nada.

Francesca pegou o gongo, levou-o para o jardim e avançou, batendo-o à medida que avançava para perto de Lady Caroline, que, ainda esticada na cadeira baixa, esperou até que ela terminasse, depois virou a cabeça e nos tons mais suaves jorrou o que parecia ser música, mas na verdade era injúria.

Francesca não reconheceu o fluxo como injúria; como poderia, quando as palavras soavam daquela forma? E com o rosto todo sorrisos, pois não podia deixar de sorrir quando olhava para essa jovem, disse-lhe que o macarrão estava esfriando.

— Quando não compareço às refeições, é porque não quero comparecer — disse Miúda, irritada —, e você não vai mais voltar a me perturbar.

— Está doente? — perguntou Francesca, compadecida, mas incapaz de parar de sorrir. Nunca tinha visto cabelos tão bonitos. Como puro linho; como o cabelo de bebês do norte. Sobre uma cabeça como aquela, apenas bênçãos poderiam pairar; numa cabeça como aquela, as auréolas dos santos mais sagrados poderia se encaixar com perfeição.

Miúda fechou os olhos e se recusou a responder. Nisso, foi imprudente, pois o efeito foi convencer Francesca, que se afastou às pressas e preocupada, e foi contar à Sra. Fisher que ela estava indisposta. E a Sra. Fisher, impedida de ir até Lady Caroline por causa de sua bengala, como explicou, enviou as outras duas, que haviam chegado naquele momento, exaltadas, sem fôlego e cheias de desculpas, enquanto ela mesma passava para o próximo prato, que era uma omelete muito bem-feita, muito agradavelmente cercada, dos dois lados, de ervilhas frescas.

— Sirva-me — ordenou a Francesca, que novamente se mostrava inclinada a esperar pelas outras.

“Ah, por que não me deixam em paz?”, Miúda se perguntou quando ouviu mais passos nas pedrinhas que haviam tomado o lugar da grama e, portanto, sabia que mais alguém estava se aproximando.

Ela manteve os olhos bem fechados desta vez. Por que deveria entrar para almoçar se não queria? Não se tratava de uma casa particular; ela não estava presa a obrigações para com uma anfitriã cansativa. Para todos os fins práticos, San Salvatore era um hotel, e

ela deveria ser deixada em paz para comer ou não comer exatamente como se estivesse de fato em um hotel.

Mas a pobre Miúda não podia simplesmente ficar parada e fechar os olhos sem despertar em seus espectadores o desejo de acariciar e cuidar, com os quais ela estava mais do que familiarizada. Até a cozinheira lhe dera um tapinha no ombro. E agora alguém colocava a mão gentil — ela conhecia muito bem e temia imensamente mãos gentis — em sua testa.

— Receio que você não esteja bem — disse uma voz que não era a da Sra. Fisher e, portanto, devia pertencer a uma das originais.

— Estou com dor de cabeça — murmurou Miúda. Talvez fosse melhor dizer isso; talvez fosse o atalho mais curto para a paz.

— Sinto muito — disse baixinho a Sra. Arbuthnot, a quem pertencia a mão gentil.

— E eu — disse Miúda para si mesma —, que pensei que, vindo para cá, escaparia das mãos.

— Você não acha que um chá lhe faria bem? — perguntou a Sra. Arbuthnot com ternura.

“Chá?”, a ideia era repugnante para Miúda. Tomar chá no meio do dia nesse calor...

— Não — murmurou ela.

— Acredito que o melhor para ela seja de fato ser deixada em paz — disse outra voz.

“Que sensata”, pensou Miúda; e ergueu os cílios de um olho apenas o suficiente para espiar quem falava.

Era a original sardenta. A morena, então, era a dona da mão. Sua estima pela sardenta cresceu.

— Mas não suporto pensar que você está com dor de cabeça e nada está sendo feito a isso — disse a Sra. Arbuthnot. — Será que uma xícara de café forte...?

Miúda não disse mais nada. Ela esperou, imóvel e calada, a Sra. Arbuthnot retirar a mão. Afinal, não podia ficar ali o dia todo e, quando fosse embora, teria que levar sua mão junto.

— Acho — disse a sardenta — que ela não quer nada além de ficar quieta.

E talvez a sardenta tenha puxado a dona da mão pela manga, pois a pressão na testa de Miúda relaxou e, após um instante de silêncio, durante o qual sem dúvida ela estava sendo observada — ela estava sempre sendo observada —, os passos começaram a estalar as pedrinhas outra vez e foram ficando mais fracos, até sumirem.

— Lady Caroline está com dor de cabeça — disse a Sra. Arbuthnot, entrando novamente na sala de jantar e sentando-se em seu lugar ao lado da Sra. Fisher. — Não consegui convencê-la sequer a tomar um pouco de chá ou café. Você sabe como é aspirina em italiano?

— O remédio adequado para dores de cabeça — disse a Sra. Fisher com firmeza — é óleo de rícino.

— Mas ela não está com dor de cabeça — falou a Sra. Wilkins.

— Carlyle sofreu terrivelmente com dores de cabeça por um tempo — disse a Sra. Fisher, que havia terminado sua omelete e, enquanto aguardava o próximo prato, tinha tempo para conversar — e sempre tomava óleo de rícino como remédio. Devo dizer que o tomava quase em excesso e me lembro de que o chamava, daquele seu jeito interessante, de óleo da tristeza. Meu pai dizia que isso coloriu por um tempo toda a sua atitude em relação à vida, toda a sua filosofia. Mas era porque ele tomava demais. O que Lady Caroline quer é uma dose, e apenas uma. É um erro continuar a consumir óleo de rícino.

— Você sabe como se diz isso em italiano? — perguntou a Sra. Arbuthnot.

— Ah, receio que não. No entanto, ela saberia. Pode perguntar a ela.

— Mas ela não está com dor de cabeça — repetiu a Sra. Wilkins, que lutava com o macarrão. — Ela só quer ser deixada em paz.

As duas olharam para ela. A palavra “pá” passou pela cabeça da Sra. Fisher, relacionada às ações da Sra. Wilkins naquele momento.

— Então por que ela diria que está com dor de cabeça? — perguntou a Sra. Arbuthnot.

— Porque ela ainda está tentando ser educada. Em breve não vai tentar, quando este lugar envolvê-la mais ainda... ela será de fato. Sem tentar. Naturalmente.

— Lotty, como você pode ver — explicou a Sra. Arbuthnot, sorrindo para a Sra. Fisher, que aguardava com paciência pétrea o próximo prato, atrasado porque a Sra. Wilkins continuava tentando comer o macarrão, que valia ainda menos a pena ser comido agora que estava frio. — Lotty, como você pode ver, tem uma teoria sobre este lugar...

Mas a Sra. Fisher não queria ouvir nenhuma teoria da Sra. Wilkins.

— Tenho certeza que não sei — interrompeu ela, olhando com severidade para a Sra. Wilkins — por que você presumiria que Lady Caroline não está dizendo a verdade.

— Eu não presumo... eu sei — disse a Sra. Wilkins.

— E como você sabe? — perguntou a Sra. Fisher com frieza, pois a Sra. Wilkins estava realmente se servindo de mais macarrão, que lhe foi oficiosa e desnecessariamente oferecido uma segunda vez por Francesca.

— Agora mesmo, quando eu estava lá fora, vi dentro dela.

Bem, a Sra. Fisher não ia comentar nada sobre isso; não se daria ao trabalho de responder a uma completa idiotice. Em vez disso, bateu com força o pequeno gongo de mesa ao seu lado, embora Francesca estivesse de pé no aparador, e ordenou, pois não esperaria mais pelo próximo prato:

— Sirva-me.

E Francesca — deve ter sido de propósito — lhe ofereceu o macarrão outra vez.

10

Não havia como entrar ou sair do jardim superior de San Salvatore, exceto pelas duas portas de vidro da sala de jantar e do corredor, que, infelizmente, ficavam lado a lado. Uma pessoa no jardim que desejasse escapar despercebida não conseguiria, pois poderia encontrar a pessoa de quem fugia no meio do caminho. Era um jardim pequeno e retangular, e se esconder ali era impossível. Suas árvores — a árvore-de-judas, o tamarisco, o pinheiro-manso — cresciam perto dos parapeitos baixos. As roseiras não davam cobertura de verdade; um passo à direita ou à esquerda delas, e a

pessoa que queria privacidade era descoberta. Apenas no canto noroeste, em um pequeno local que se projetava da grande muralha, uma espécie de saliência ou arco, sem dúvida usada para observação nos velhos tempos de desconfiança, era possível passar realmente despercebida, porque entre esse lugar e a casa havia uma moita de troviscos.

Miúda, depois de olhar em volta para se certificar de que ninguém observava, se levantou e carregou sua cadeira para esse lugar, saindo tão cautelosamente na ponta dos pés quanto os ladrões cujo objetivo é o pecado. Havia outra saliência no muro, exatamente como no canto nordeste, mas, embora a vista fosse quase mais bonita, pois dali era possível ver a baía e as montanhas encantadoras além de Mezzago, o local era exposto. Nenhum arbusto crescia ali por perto, nem havia sombra. Então, a abertura noroeste era onde ela se sentaria, e ali se acomodou, aninhando a cabeça na almofada e colocando os pés confortavelmente no parapeito, de onde, para os aldeões na praça lá embaixo, pareceriam duas pombas brancas. Então pensou que agora de fato estava segura.

A Sra. Fisher a encontrou lá, guiada pelo cheiro do cigarro. A imprudente Miúda não tinha pensado nisso. A Sra. Fisher não fumava e por isso podia sentir com mais clareza o cheiro da fumaça dos outros. O cheiro forte a atingiu diretamente assim que saiu da sala de jantar para o jardim depois do almoço a fim de tomar seu café. Ela pedira que Francesca servisse o café à sombra da casa, logo após a porta de vidro, e quando a Sra. Wilkins, vendo uma mesa sendo carregada para lá, a lembrou — de um jeito que a Sra. Fisher achou muito intrometido e sem tato — que Lady Caroline queria ficar sozinha, ela respondeu — e com que propriedade — que o jardim era para todas.

Assim sendo, ela saiu da sala e imediatamente percebeu que Lady Caroline estava fumando. “Essas moças modernas”, disse a si mesma e seguiu para encontrá-la; agora que o almoço havia terminado, sua bengala não era mais o obstáculo à ação que havia sido antes, quando estava, como Browning dissera uma vez — tinha sido mesmo Browning? Sim, ela lembrava o quanto se divertira —, de mãos atadas para providenciar a refeição.

Ninguém a divertia agora, refletiu a Sra. Fisher, indo direto para a moita de troviscos; o mundo ficara muito entediante e perdera por completo o senso de humor. Provavelmente elas ainda tinham suas piadas, essas pessoas — na verdade, ela sabia que tinham, pois a revista *Punch* ainda existia; mas como era diferente, e que piadas. Thackeray, do seu jeito inimitável, teria feito picadinho dessa geração. Não tinham ideia da falta que lhes faziam as propriedades tônicas de sua caneta adstringente. Elas nem mesmo o tinham — pelo menos, assim havia sido informada — em qualquer estima. Bem, ela não podia lhes dar olhos para ver, ouvidos para escutar e um coração para entender, mas podia e lhes daria, representadas e unidas na forma de Lady Caroline, uma boa dose de remédio honesto.

— Ouvi dizer que você não está bem — disse ela, parada na entrada estreita do arco e olhando para baixo com o rosto inflexível de alguém determinado a fazer o bem para a imóvel e aparentemente adormecida Miúda.

A Sra. Fisher tinha uma voz grave, muito parecida com a de um homem, pois fora surpreendida por aquela estranha masculinidade que às vezes perseguia uma mulher durante os últimos anos de sua vida.

Miúda tentou fingir que estava dormindo, mas, se estivesse, o cigarro não estaria firme entre os dedos, e sim caído no chão.

Ela se esqueceu disso. A Sra. Fisher não, e, entrando naquele espaço, sentou-se em um banco de pedra estreito que saía da parede. Por um tempo, podia sentar-se nele; por um tempo, até o frio começar a penetrar.

Ela contemplou a figura diante de si. Sem dúvida, uma criatura bonita e que teria feito sucesso em Farringford. Estranho quão facilmente até os maiores homens eram influenciados pela aparência externa. Ela vira com os próprios olhos Tennyson se afastar de todos — de fato dar as costas a uma multidão de pessoas eminentes reunidas para homenageá-lo — e se retirar para a janela com uma jovem de quem nunca se tinha ouvido falar, levada até lá por acidente e cujo único mérito — se é que isso é um mérito, já que é conferido ao acaso — era a beleza. Beleza! Pode virar tudo de cabeça para baixo. Um caso, é quase possível dizer, de minutos.

Bem, enquanto durasse, parecia capaz de fazer o que quisesse com os homens. Nem mesmo os maridos eram imunes. Houve momentos na vida do Sr. Fisher...

— Imagino que a viagem tenha perturbado você — disse ela em sua voz grave. — O que você precisa é de uma boa dose de um remédio simples. Vou perguntar a Domenico se há algo parecido com óleo de rícino na aldeia.

Miúda abriu os olhos e encarou a Sra. Fisher.

— Ah — disse a Sra. Fisher —, eu sabia que você não estava dormindo. Se estivesse, teria deixado seu cigarro cair no chão. Desperdício — prosseguiu. — Não gosto de mulheres fumando, mas gosto ainda menos de desperdício.

“Como se lida com pessoas assim?”, Miúda se perguntou, os olhos fixos na Sra. Fisher no que lhe parecia um olhar de indignação, mas, para a outra, parecia uma docilidade realmente encantadora.

— Agora, aceite meu conselho — continuou a Sra. Fisher, comovida — e não negligencie o que pode muito bem se transformar em uma doença. Estamos na Itália, você sabe, e é preciso ter cuidado. Para começar, você deve ir para a cama.

— Eu nunca vou para a cama — retrucou Miúda; e soou tão comovente, tão desamparada, como a fala dita anos e anos antes por uma atriz no papel do Pobre Jô na versão dramatizada de *A casa soturna*. “Eu estou sempre andando”, disse o Pobre Jô na peça, quando um policial o incitou a fazer isso; e a Sra. Fisher, então uma menina, deitara a cabeça no parapeito de veludo vermelho da primeira fila da plateia e chorara alto.

Era maravilhosa a voz de Miúda. E lhe dera, nos dez anos desde que desabrochara, todos os triunfos que a inteligência e a esperteza podiam ter, porque fazia tudo o que ela dizia parecer memorável. Ela deveria, com uma formação vocal daquela, ter sido cantora, mas Miúda era péssima em qualquer tipo de música, exceto aquela música de sua voz ao falar; e que fascínio, que feitiço havia nela. Tal era a vivacidade de seu rosto e a beleza de seu tom de pele que não havia um homem cujos olhos, ao vê-la, não se elevasse uma chama do mais intenso interesse; porém, ao ouvir a voz dela, a chama naqueles olhos se tornava ainda mais cativa e fixa. Era

sempre a mesma coisa com todos os homens, instruídos ou não, velhos, jovens, desejáveis ou indesejáveis, homens do círculo dela e condutores de ônibus, generais e soldados — durante a guerra, ela passara por um período desconcertante —, bispos e sacristãos — coisas surpreendentes aconteceram em sua crisma —, saudáveis e doentes, ricos e pobres, brilhantes ou idiotas; e não fazia a menor diferença o que eles eram, ou por quanto tempo e com que segurança estavam casados: nos olhos de cada um deles, quando a viam, essa chama se elevava e, quando a ouviam, ela se fixava ali.

Miúda já estava farta daquele olhar. Ele só trazia dificuldades. No início, isso a encantava. Ela se sentia animada, triunfante. Ser aparentemente incapaz de fazer ou dizer a coisa errada, ser aplaudida, escutada, mimada, adorada aonde quer que fosse e, ao voltar para casa, também não encontrar nada além do mais orgulhoso e indulgente carinho — ora, era extremamente agradável. E muito fácil também. Nenhuma preparação era necessária para essa conquista, nenhum trabalho árduo, nada a aprender. Ela não precisava se preocupar. Só tinha que aparecer e dizer alguma coisa.

Mas aos poucos as experiências foram se acumulando. Afinal, tinha que se preocupar, tinha que fazer esforço, porque, descobriu com espanto e raiva, tinha que se defender. Aquele olhar, aquele olhar elevado, significava que ela seria monopolizada. Alguns dos que o tinham eram mais humildes que outros, especialmente se eram jovens, mas todos, de acordo com suas diversas habilidades, a monopolizavam; e ela, que havia entrado no mundo com tanta alegria, com a cabeça nas nuvens e a mais completa confiança em qualquer pessoa de cabelos grisalhos, começou a desconfiar, e depois a desgostar, e logo se afastou, e então se indignou. Às vezes, era como se ela não pertencesse a si mesma, como se não fosse sua de forma alguma, mas sim considerada uma coisa universal, uma espécie de beleza para todos os fins. Mesmo homens... E ela se viu envolvida em disputas vagas e estranhas, sendo curiosamente odiada. Mesmo mulheres... E quando a guerra veio, e a jovem se lançou junto com todo mundo nela, isso a devastou. Mesmo generais...

A guerra devastou Miúda. Matou o único homem com quem ela se sentia segura, com quem teria se casado, e, por fim, a deixou

desgostosa do amor. Desde então, ficou amargurada. Lutava tão furiosamente com as coisas mais doces da vida quanto uma vespa presa no mel. Tentava desesperadamente desgrudar suas asas. Não sentia nenhum prazer em superar outras mulheres; não queria os homens cansativos delas. O que se podia fazer com os homens quando os tivesse? Nenhum deles falaria com ela sobre nada além de coisas de amor, e quão tolo e fatigante isso se tornaria depois de um tempo. Era como se uma pessoa saudável com fome normal não tivesse nada para comer além de açúcar. Amor, amor... a própria palavra a fazia querer estapear em alguém. “Por que eu deveria amar você? Por quê?”, às vezes ela perguntava, perplexa, quando alguém tentava — e alguém sempre tentava — pedi-la em casamento. Mas nunca obteve uma resposta verdadeira, apenas mais incoerência.

Um profundo cinismo tomou conta da infeliz Miúda. Por dentro, tornou-se desbotada de desilusão, enquanto o exterior gracioso e encantador continuava a tornar o mundo mais bonito. O que o futuro reservava para ela? Depois de tudo isso, ela não seria capaz de se apossar do que quer que fosse. Não era digna de nada; havia desperdiçado todo aquele tempo sendo bela. Em breve não seria bonita, e então? Miúda não sabia e até se assustava ao conjecturar. Por mais que estivesse cansada de ser notável, pelo menos estava acostumada a isso, nunca conhecera algo diferente; e tornar-se imperceptível, desaparecer, ficar desgastada e sombria provavelmente seria mais doloroso. E, uma vez que começasse, seriam anos e anos disso! Imagine, pensou Miúda, passar a maior parte da vida do lado errado. Imagine ser velha duas ou três vezes por mais tempo do que jovem. Que estúpido, que estúpido. Tudo era estúpido. Não havia nada que ela quisesse fazer. Havia milhares de coisas que não queria fazer. Prevenção, silêncio, invisibilidade, se possível inconsciência — essas negações eram tudo que ela pedia por um momento; e aqui, mesmo aqui, não lhe era dado um minuto de paz, e essa mulher absurda vinha fingindo, apenas porque queria exercer poder, achar que ela estava doente para fazê-la ir para a cama e — que hediondo — tomar óleo de rícino.

— Tenho certeza — disse a Sra. Fisher, que sentiu o frio começar a atravessar a pedra e soube que não poderia ficar mais

tempo — que você fará o que é sensato. Sua mãe ia querer... você tem mãe?

Uma leve espanto surgiu nos olhos de Miúda. Você tem mãe? Se alguém tinha mãe, era Miúda. Não lhe ocorrera que poderiam existir pessoas que nunca tinham ouvido falar da mãe dela. Ela era uma das principais marquesas — e Miúda sabia melhor do que ninguém que havia marquesas e marquesas — e ocupara altos cargos na Corte. Seu pai, também, tinha sido muito proeminente em seu tempo. Seu tempo havia ficado um pouco para trás, pobrezinho, porque ele cometera alguns erros importantes na guerra, além disso agora estava velho; ainda assim, lá estava ele, uma pessoa conhecida em demasia. Quão reconfortante, quão extraordinariamente reconfortante era encontrar alguém que nunca tinha ouvido nada sobre sua família ou, pelo menos, ainda não a havia conectado a eles.

Ela começou a gostar da Sra. Fisher. Talvez as originais também não soubessem nada sobre ela. Quando escreveu para elas e assinou seu nome, aquele grande nome de Dester que se entrelaçava à história inglesa como um fio sangrento, pois seus portadores eram mortos com frequência, ela havia tomado por certo que saberiam quem ela era; e na entrevista na Shaftesbury Avenue, tivera certeza de que elas sabiam, porque não pediram referências, como seria de esperar.

Miúda começou a se animar. Se ninguém em San Salvatore tinha ouvido falar dela, se durante um mês inteiro pudesse se esconder, livrar-se de tudo que estava relacionado a ela, se pudesse realmente esquecer as monopolizações, as interrupções e todo o barulho, ora, talvez pudesse afinal fazer algo de si mesma. Poderia realmente pensar; clarear a mente; chegar a alguma conclusão.

— O que quero fazer aqui — anunciou ela, inclinando-se para a frente na cadeira, apertando os joelhos com as mãos e olhando para a Sra. Fisher, cujo assento era mais alto que o dela, quase com animação, muito satisfeita com o fato de a Sra. Fisher não saber nada sobre ela — é chegar a uma conclusão. Só isso. Não é querer muito, é? Apenas isso.

Ela olhou para a Sra. Fisher e achou que quase qualquer conclusão serviria; a melhor coisa era se apossar de algo, segurar

com força, deixar de estar à deriva.

Os olhinhos da Sra. Fisher a examinaram.

— Devo dizer — falou — que o que uma jovem como você quer é marido e filhos.

— Bem, essa é uma das coisas que vou considerar — disse Miúda com gentileza. — Mas acho que não seria uma conclusão.

— Enquanto isso — continuou a Sra. Fisher, levantando-se, pois o frio da pedra a havia atingido —, se eu fosse você, não incomodaria minha cabeça com considerações e conclusões. As cabeças das mulheres não foram feitas para pensar, eu garanto. Eu iria ir para a cama e ficaria bem.

— Estou bem — disse Miúda.

— Então por que mandou avisar que estava doente?

— Não mandei.

— Então tive todo esse trabalho de vir aqui fora por nada.

— Mas você não preferiria sair e me encontrar bem a sair e me encontrar doente? — perguntou Miúda, sorrindo.

Até a Sra. Fisher foi cativada pelo sorriso.

— Bem, você é uma bela criatura — disse ela, conciliatória. — É uma pena que não tenha nascido cinquenta anos atrás. Meus amigos teriam gostado de olhar para você.

— Fico feliz por não ter nascido — falou Miúda. — Não gosto que olhem para mim.

— Absurdo — ralhou a Sra. Fisher, tornando-se severa outra vez. — É para isso que vocês são feitas, jovens como você. Para o que mais, rezar? E garanto-lhe que, se meus amigos tivessem olhado para você, teria sido olhada por pessoas muito importantes.

— Não gosto de pessoas muito importantes — respondeu Miúda, franzindo a testa. Houvera um incidente muito recentemente, pessoas realmente poderosas...

— Do que eu não gosto — falou a Sra. Fisher, agora tão fria quanto a pedra de que havia se levantado — é a pose das jovens modernas. Parece-me lamentável, realmente lamentável, em sua tolice.

E, com a bengala esmagando as pedras, ela se afastou.

“Tudo bem”, Miúda disse para si mesma, voltando à posição confortável, com a cabeça na almofada e os pés no parapeito;

contanto que as pessoas fossem embora, ela não se importava com o motivo que as fizessem ir.

— Você não acha que nossa querida Miúda está se tornando um pouco, apenas um pouco, peculiar? — sua mãe perguntara a seu pai pouco antes de sua última peculiaridade, o voo para San Salvatore, e desconfortável com as coisas muito estranhas que Miúda dizia e com seu novo jeito de escapar do alcance sempre que podia e evitar todo mundo, exceto homens bastante jovens, quase meninos, o que era um sinal de sua idade.

— Hã? O quê? Peculiar? Bem, deixe-a ser peculiar se ela quiser. Uma mulher com a aparência dela pode ser qualquer coisa que desejar. — Foi a resposta apaixonada dele.

— Eu deixo — disse a mãe, docilmente; e, de fato, se não deixasse, que diferença faria?

A Sra. Fisher lamentava por ter se preocupado com Lady Caroline. Caminhou pelo corredor em direção à sua sala de estar privativa, com a bengala atingindo o chão de pedra com um vigor que estava em harmonia com seus sentimentos. Pura tolice, aquela pose. Não tinha paciência com elas. Incapazes de ser ou fazer qualquer coisa por si mesmas, as jovens dessa geração tentavam conquistar uma reputação de inteligência desprezando tudo o que era obviamente grande e bom e enaltecendo tudo o que era diferente, por mais obviamente ruim que fosse. Grandes idiotas, pensou a Sra. Fisher. Idiotas. Idiotas. E em sua sala de estar encontrou mais idiotas ou o que, em seu humor atual, lhe parecia ainda pior, pois a Sra. Arbuthnot bebia café placidamente enquanto à escrivaninha, a escrivaninha que ela já considerava sagrada, usando sua caneta, sua própria caneta trazida de Prince of Wales Terrace exclusivamente para sua mão, estava sentada a Sra. Wilkins, escrevendo; à escrivaninha; na sala dela; com a caneta dela.

— Não é um lugar maravilhoso? — comentou a Sra. Arbuthnot cordialmente. — Acabamos de descobri-lo.

— Estou escrevendo para Mellersh — disse a Sra. Wilkins, virando a cabeça também cordialmente, como se, pensou a Sra. Fisher, ela desse alguma importância para quem ela estava escrevendo e como se soubesse quem era a pessoa chamada

Mellersh. — Ele vai querer saber — disse a Sra. Wilkins, o otimismo induzido pelo ambiente — que cheguei aqui em segurança.

11

Os cheiros doces que estavam por toda parte em San Salvatore por si só já eram o suficiente para gerar harmonia. Eles entravam na sala de estar vindo das flores nas ameias e se encontravam com os das flores dentro da sala, e quase, pensou a Sra. Wilkins, podiam ser vistos se cumprimentando com um beijo sagrado. Quem poderia ficar zangado em meio a tanta delicadeza? Quem poderia ser cobiçoso, egoísta, à moda antiga de Londres, na presença dessa beleza abundante?

No entanto, a Sra. Fisher parecia estar todas essas três coisas.

Havia tanta beleza, muito mais do que suficiente para todas, que parecia uma atividade vã tentar monopolizá-la.

No entanto, a Sra. Fisher tentava fazer isso e reivindicara uma porção para seu uso exclusivo.

Bem, ela logo superaria isso; era inevitável que superasse, a Sra. Wilkins tinha certeza, depois de um ou dois dias na extraordinária atmosfera de paz daquele lugar.

Por enquanto, era óbvio que ela nem começara a superar. Ficou parada olhando para ela e Rose com uma expressão que parecia raiva. Raiva. Irritação. Os sentimentos velhos, bobos e enfastiantes de Londres, pensou a Sra. Wilkins, cujos olhos viam a sala cheia de beijos, e todo mundo nela sendo beijado, a Sra. Fisher tão copiosamente quanto ela e Rose.

— Você não gosta que estejamos aqui — disse a Sra. Wilkins, levantando-se e, à sua maneira, declarando a verdade de supetão. — Por quê?

— Eu achei — disse a Sra. Fisher, apoiando-se na bengala — que vocês teriam percebido que esta é a minha sala.

— Você quer dizer por causa das fotografias? — perguntou a Sra. Wilkins.

A Sra. Arbuthnot, que estava um pouco corada e surpresa, também se levantou.

— E o papel de carta — disse a Sra. Fisher. — Papel de carta com meu endereço de Londres. Essa caneta...

Ela apontou. A caneta ainda estava na mão da Sra. Wilkins.

— É sua. Sinto muito — disse a Sra. Wilkins, colocando-a na mesa. E acrescentou, sorrindo, que ela fora usada para escrever algumas coisas muito amáveis.

— Mas por que não deveríamos estar aqui? — perguntou a Sra. Arbuthnot, incapaz de concordar com os arranjos da Sra. Fisher sem pelo menos uma resistência suave. — É uma sala de estar.

— Há outra — disse a Sra. Fisher. — Você e sua amiga não podem se sentar em duas salas ao mesmo tempo, e, se não desejo incomodá-las na sua, não consigo entender por que me incomodariam na minha.

— Mas por que... — começou a Sra. Arbuthnot novamente.

— É muito natural — interrompeu a Sra. Wilkins, pois Rose parecia teimosa; e, voltando-se para a Sra. Fisher, disse que, embora compartilhar coisas com as amigas fosse agradável, entendia que a Sra. Fisher não quisesse isso, pois ainda estava imersa no estilo de vida de Prince of Wales Terrace, mas que logo se livraria dele e se sentiria de outra forma. — Em breve você vai querer compartilhar — disse a Sra. Wilkins, tranquilizadora. — Ora, você pode até sugerir que eu use sua caneta se souber que não tenho uma.

A Sra. Fisher quase perdeu o controle com esse discurso. Ter uma jovem desajeitada de Hampstead sendo condescendente com ela, com a certeza alegre de que em breve ela melhoraria, a agitou mais profundamente do que qualquer coisa a agitara desde sua primeira descoberta de que o Sr. Fisher não era o que parecia. A Sra. Wilkins certamente tinha que ser reprimida. Mas como? Havia uma curiosa impenetrabilidade nela. Naquele momento, por exemplo, sorria tão agradavelmente e com o rosto tão tranquilo, como se não estivesse dizendo nada minimamente impertinente. Ela saberia que estava sendo reprimida? Se não soubesse, se fosse dura demais para sentir, então o que fazer? Nada, exceto evitá-la; exceto ter, precisamente, sua sala de estar privativa.

— Sou uma mulher idosa — disse a Sra. Fisher — e preciso de uma sala só para mim. Não posso andar por aí por causa da minha

bengala. Como não posso andar, tenho que me sentar. Por que não posso me sentar quieta e sem ser perturbada, como lhes disse que pretendia em Londres? Se as pessoas entrarem e saírem o dia inteiro, tagarelando e deixando as portas abertas, vocês estarão quebrando o acordo, que era que eu poderia ficar sossegada.

— Mas não temos a menor intenção... — começou a Sra. Arbuthnot, que foi mais uma vez interrompida pela Sra. Wilkins.

— Ficamos muito contentes — disse a Sra. Wilkins — que você fique com esta sala se isso a faz feliz. Não sabíamos, só isso. Não entraríamos se soubéssemos... pelo menos não até você nos convidar. Espero que você faça isso em breve — concluiu, olhando alegremente para a Sra. Fisher. E, pegando a carta, segurou a mão da Sra. Arbuthnot e a puxou em direção à porta.

A Sra. Arbuthnot não queria ir. Ela, a mais moderada das mulheres, fora tomada por um desejo curioso e certamente não cristão de ficar e lutar. Não de verdade, é claro, nem mesmo com palavras agressivas. Não; ela só queria argumentar, e o fazer pacientemente, com a Sra. Fisher. Mas sentia que algo deveria ser dito e que não deveria se permitir ser repreendida e posta para fora, como se fosse uma colegial flagrada pela inspetora se comportando mal.

A Sra. Wilkins, no entanto, a puxou com firmeza até a porta e através dela, e mais uma vez, Rose refletiu sobre Lotty, sobre seu equilíbrio, seu temperamento doce e tranquilo — ela que, na Inglaterra, parecia uma tempestade. Desde o momento em que chegaram à Itália, Lotty parecia a mais velha. Decerto, ela estava muito feliz; em êxtase, na verdade. A felicidade tão completa protegia alguém? Tornava a pessoa tão intocável, tão sábia? Rose também estava feliz, mas não tanto assim. Evidentemente não, pois não apenas queria brigar com a Sra. Fisher, como queria algo mais, algo além daquele lugar adorável, algo que a completasse; ela queria Frederick. Pela primeira vez em sua vida, estava cercada por uma beleza perfeita, e seu único pensamento era mostrá-la a ele, compartilhá-la com ele. Ela queria Frederick. Ansiava por ele. Ah, se ao menos Frederick...

— Pobre velhinha — disse a Sra. Wilkins, fechando a porta com gentileza para a Sra. Fisher e seu triunfo. — Irritada em um dia

como este.

— Ela é uma velhinha muito rude — disse a Sra. Arbuthnot.

— Ela vai superar isso. Sinto muito termos escolhido justamente a sala dela para nos sentarmos.

— É a melhor sala — disse a Sra. Arbuthnot. — E não é dela.

— Ah, mas existem tantos outros lugares, e ela é só uma pobre velhinha. Deixe que ela fique com a sala. Que importância tem?

E a Sra. Wilkins disse que ia à aldeia para descobrir onde ficavam os correios e enviar sua carta a Mellersh, e Rose devia ir também.

— Estive pensando em Mellersh — disse a Sra. Wilkins enquanto caminhavam, uma atrás da outra, pelo caminho estreito em zigue-zague por onde haviam subido sob a chuva na noite anterior.

Ela ia na frente. A Sra. Arbuthnot, muito naturalmente agora, a seguia. Na Inglaterra, havia sido o contrário — Lotty, tímida, hesitante, exceto quando explodia tão desajeitadamente, ficava atrás da calma e da sensatez de Rose sempre que podia.

— Estive pensando em Mellersh — repetiu a Sra. Wilkins por cima do ombro, pois Rose parecia não ter ouvido.

— Esteve? — disse Rose, com um leve desgosto na voz, pois sua experiência com Mellersh não tinha sido do tipo que a fizesse gostar de se lembrar dele.

Ela o enganara; portanto, não gostava dele. Ela não tinha consciência de que esse era o motivo de sua aversão e achava que era porque não parecia haver muita — se é que havia alguma — graça de Deus sobre ele. No entanto, era muito errado sentir isso, ela se repreendeu, e muito presunçoso. Sem dúvida, o marido de Lotty estava muito, muito mais próximo de Deus do que ela provavelmente jamais estaria. Ainda assim, não gostava dele.

— Eu fui uma cadela malvada — disse a Sra. Wilkins.

— O quê? — perguntou a Sra. Arbuthnot, sem acreditar no que ouvira.

— Toda essa ideia de vir para cá e deixá-lo naquele lugar sombrio enquanto eu passeio pelo paraíso. Ele mesmo tinha planejado me trazer para a Itália na Páscoa. Eu te contei?

— Não — disse a Sra. Arbuthnot; e, de fato, ela havia desencorajado conversas sobre maridos. Sempre que Lotty começava a desabafar coisas, ela rapidamente mudava de assunto. Um marido levava a outro, tanto na conversa quanto na vida, ela sentia, e não podia, não queria, falar de Frederick. Além do simples fato de que ele existia, não havia sido mencionado. Mellersh tivera que ser mencionado, por causa de sua discordância, mas ela com toda a cautela impedira que isso ultrapassasse os limites do absolutamente necessário.

— Bem, ele tinha — disse a Sra. Wilkins. — Ele nunca havia feito isso na vida, e eu fiquei horrorizada. Irritada... porque eu tinha planejado vir sozinha.

Ela parou no caminho e olhou para Rose.

— Sim — disse Rose, tentando pensar em outro assunto para conversar.

— Agora você entende por que digo fui uma cadela malvada. Ele planejou férias na Itália comigo, e eu planejei férias na Itália deixando-o em casa. Eu acho — continuou ela, com os olhos fixos no rosto de Rose — que Mellersh tem todos os motivos para ficar com raiva e magoado.

A Sra. Arbuthnot ficou espantada. A rapidez extraordinária com que, hora a hora, diante de seus olhos, Lotty se tornava menos egoísta a desconcertava. Ela se tornava algo surpreendentemente parecido com uma santa. Agora, estava sendo carinhosa com Mellersh — Mellersh, que naquela mesma manhã, enquanto ela balançava seus pés no mar, parecia um mero espectro, dissera Lotty a ela, algo meio enevoado. Isso tinha sido naquela manhã; e depois do almoço Lotty evoluíra o suficiente para torná-lo sólido o bastante outra vez a ponto de lhe escrever, e escrever longamente. E agora, alguns minutos depois, anunciava que ele tinha todos os motivos para ficar bravo com ela e magoado, e que ela própria tinha sido — a linguagem era incomum, mas expressava verdadeira penitência — uma cadela malvada.

Rose olhou para ela espantada. Se continuasse assim, logo haveria uma auréola em volta de sua cabeça, na verdade já estava lá, se alguém não soubesse que era o sol brilhando através dos troncos das árvores, iluminando seus cabelos cor de areia.

Um grande desejo de amar e fazer amizade, de amar a todos, de ser amiga de todos, parecia invadir Lotty — um desejo de pura bondade. A experiência pessoal de Rose era que a bondade, o estado de ser bom, só era alcançada através de dificuldade e dor. Demorava muito tempo para se chegar lá; na verdade, ninguém jamais o alcançava, ou, se alcançasse por um instante, era apenas por um instante. Era necessária uma perseverança desesperada para trilhar com esforço esse caminho, e todo o percurso estava repleto de dúvidas. Lotty simplesmente voava por ele. Sem dúvida, ela não se livrara de sua impetuosidade, pensou Rose. Apenas tomara outra direção. Ela agora estava impetuosamente se tornando uma santa. Alguém poderia de fato alcançar a bondade com tanta violência? Não haveria uma reação igualmente violenta?

— Eu não deveria — disse Rose com cautela, olhando para baixo direto nos olhos brilhantes de Lotty. O caminho era íngreme, de modo que Lotty estava bem abaixo dela. — Eu não teria tanta certeza disso tão rápido.

— Mas tenho certeza e escrevi e contei para ele.

Rose a encarou.

— Ora, mas nesta manhã mesmo... — ela começou.

— Está tudo aqui — interrompeu Lotty, batendo no envelope e parecendo satisfeita.

— O quê... tudo?

— Você diz o anúncio e minhas economias sendo gastas? Ah, não... ainda não. Mas vou contar tudo quando ele chegar.

— Quando ele chegar? — repetiu Rose.

— Eu o convidei para vir e ficar conosco.

Rose só conseguiu continuar olhando.

— É o mínimo que posso fazer. Além do mais... olhe para isso. — Lotty fez um gesto com a mão. — É terrível não compartilhar isso. Eu fui uma cadela malvada por sair e deixá-lo, mas nenhuma cadela de que já ouvi falar foi tão malvada quanto eu seria se não tentasse convencer Mellersh a vir e aproveitar isso também. É no mínimo decente que ele se divirta um pouco com o meu pé-de-meia. Afinal, ele me abrigou e me alimentou por anos. Não se pode ser avarenta.

— Mas... você acha que ele virá?

— Ah, espero que sim — disse Lotty com a maior seriedade; e acrescentou: — Pobrezinho.

Com isso, Rose sentiu que gostaria de se sentar. Mellersh, um pobrezinho? Aquele mesmo Mellersh que, poucas horas antes, era um mero espectro? Havia um assento na curva do caminho, e Rose foi até lá e se sentou. Ela queria respirar, ganhar tempo. Se tivesse tempo, talvez pudesse alcançar essa Lotty saltitante e impedi-la antes que ela se comprometesse com algo de que provavelmente logo se arrependeria. Mellersh em San Salvatore? Mellersh, de quem Lotty havia se esforçado tanto e tão recentemente para escapar?

— Eu o vejo aqui — disse Lotty, como se respondesse aos seus pensamentos.

Rose olhou para ela com preocupação genuína: toda vez que Lotty dizia “Eu vejo” com aquela voz convencida, o que ela via se tornava realidade. Então era de se supor que o Sr. Wilkins também se tornaria realidade em breve.

— Eu queria — disse Rose, ansiosa — entender você.

— Não tente — disse Lotty, sorrindo.

— Mas eu preciso, porque eu te amo.

— Querida Rose — disse Lotty, inclinando-se rapidamente e a beijando.

— Você é tão rápida — disse Rose. — Não consigo acompanhar suas mudanças. Não consigo me manter em contato. Foi o que aconteceu com Freder...

Ela se interrompeu, parecendo assustada.

— Toda a ideia de virmos para cá — continuou ela, pois Lotty não parecia ter notado — era fugir, não era? Bem, nós fugimos. E agora, depois de apenas um único dia, você quer escrever para essas mesmas pessoas...

Ela parou.

— As mesmas pessoas de quem estávamos fugindo — finalizou Lotty. — É bem verdade. Parece uma idiotice irracional. Mas estou tão feliz, estou tão bem, me sinto tão extremamente inteira. Este lugar... ora, ele me faz sentir inundada de amor.

E ela olhou para Rose com uma espécie de surpresa radiante.

Rose ficou em silêncio por um momento. Então disse:

— E você acha que isso terá o mesmo efeito no Sr. Wilkins?

Lotty riu.

— Eu não sei. Mas, mesmo que não tenha, há amor suficiente para inundar cinquenta Srs. Wilkins, como você o chama. O melhor de tudo é ter muito amor. Eu não acho — prosseguiu —, pelo menos aqui não acho, embora achasse em casa, que importa quem ama, desde que alguém ame. Eu era uma fera mesquinha em casa, costumava medir e contar. Tinha uma obsessão estranha por justiça. Como se a justiça importasse. Como se a justiça realmente pudesse ser distinguida da vingança. Só o amor é bom. Em casa, eu não amaria Mellersh se ele não retribuísse, exatamente igual, absoluta justiça. Você já amou assim? Ele também não, nem eu, e a aridez daquela casa! A aridez...

Rose não disse nada. Ela estava perplexa com Lotty. Um efeito estranho de San Salvatore em sua amiga em rápido desenvolvimento era o uso repentino e gratuito de palavras fortes. Ela não as usava em Hampstead. Besta e cadela eram mais fortes do que Hampstead suportava. Lotty também havia se libertado nas palavras.

Mas como ela queria, ah como Rose queria, também poder escrever para o marido e dizer “Venha”. O lar dos Wilkins, por mais pomposo que Mellersh pudesse ser, e ele parecia pomposo, estava em uma situação mais saudável e mais natural que o dela. Lotty poderia escrever para Mellersh e obteria uma resposta. Ela não podia escrever para Frederick, pois sabia muito bem que ele não responderia. Pelo menos, ele poderia responder — um rabisco apressado, mostrando quanto estava entediado em fazê-lo, com agradecimentos superficiais por sua carta. Mas isso seria pior do que nenhuma resposta; pois a letra dele, o nome dela em um envelope endereçado por ele, era como uma punhalada em seu coração. Com muita intensidade, traria lembranças das cartas do seu começo juntos, as cartas dele tão desolado pela separação, tão sofridas de amor e saudade. Ver o que parecia ser uma dessas cartas chegar e abri-la para encontrar:

Querida Rose,

Obrigado pela carta. Que bom que está se divertindo. Não se apresse em voltar. Diga se precisar de algum dinheiro. Tudo está

esplendidamente bem aqui...

Seu Frederick.

...não, ela não teria suportado.

— Acho que não vou até a aldeia com você hoje — disse ela, olhando para Lotty com os olhos de repente taciturnos. — Acho que quero pensar.

— Tudo bem — disse Lotty, começando imediatamente a descer pelo caminho. — Mas não pense muito — gritou por cima do ombro. — Escreva e convide-o imediatamente.

— Convidar quem? — perguntou Rose, assustada.

— Seu marido.

12

Na refeição da noite, que foi a primeira vez que as quatro se sentaram juntas em volta da mesa de jantar, Miúda apareceu.

Ela apareceu pontualmente e em uma daquelas capas ou vestidos de chá que às vezes são descritos como arrebatadores. Esse era de fato arrebatador. Certamente arrebatou a Sra. Wilkins, que não conseguia tirar os olhos da figura encantadora à sua frente. Era uma peça cor-de-rosa e se agarrava à adorável Miúda como se também a amasse.

— Que vestido lindo! — exclamou a Sra. Wilkins, entusiasmada.

— O que... esse trapo velho? — disse Miúda, baixando os olhos como se para ver em qual deles havia se enfiado. — Eu o tenho há cem anos. — E se concentrou em sua sopa.

— Você deve sentir muito frio com ele — disse a Sra. Fisher, os lábios crispados; pois a roupa deixava à mostra uma boa quantidade de Miúda: todo o seu braço, por exemplo, e mesmo onde a cobria, era tão fino que ainda dava para vê-la.

— Quem... eu? — disse Miúda, erguendo os olhos por um momento. — Ah, não.

E continuou a tomar sua sopa.

— Você não deve pegar um resfriado, sabe? — disse a Sra. Arbuthnot, sentindo que toda aquela beleza devia ser mantida ilesa a todo custo. — É muito diferente aqui quando o sol se põe.

— Estou bem aquecida — disse Miúda, diligentemente tomando sua sopa.

— Parece que você não está usando nada por baixo — disse a Sra. Fisher.

— Não estou. Quase nada, pelo menos — admitiu Miúda, terminando a sopa.

— Isso é muito imprudente — disse a Sra. Fisher — e altamente impróprio.

Diante disso, Miúda olhou para ela.

A Sra. Fisher chegara ao jantar sentindo-se amigável em relação a Lady Caroline. Pelo menos ela não havia invadido sua sala, se sentado à sua mesa e escrito com sua caneta. Ela sabia como se comportar, supusera a Sra. Fisher. Mas agora parecia que não sabia, pois que comportamento era esse de vir vestida — não, despida — daquele jeito para uma refeição? Tal comportamento não apenas era excessivamente impróprio, mas também muito imprudente, pois a criatura indelicada certamente se resfriaria e depois infectaria todo o grupo. A Sra. Fisher tinha uma grande objeção aos resfriados de outras pessoas. Eles eram sempre frutos da tolice; e então eram passados para ela, que não havia feito absolutamente nada para merecê-los.

“Cérebro de passarinho”, pensou a Sra. Fisher, contemplando severamente Lady Caroline. “Não tem uma única ideia na cabeça, além de vaidade.”

— Mas não há homens aqui — disse a Sra. Wilkins —, então, como isso pode ser impróprio? Você já reparou — perguntou à Sra. Fisher, que se esforçou para fingir que não ouvia — como é difícil ser imprópria sem homens?

A Sra. Fisher não respondeu nem a olhou; mas Miúda olhou e sua boca exibiu o que em qualquer outra boca teria sido um sorriso forçado. Visto de fora, através da tigela de capuchinhas, era o mais bonito dos sorrisos com covinhas.

Ela tinha um rosto muito vivo, aquela ali, pensou Miúda, observando a Sra. Wilkins com um novo interesse. Era como um campo de milho varrido por luzes e sombras. Miúda notou que ela e a morena haviam trocado de roupa, mas apenas para vestirem agasalhos de seda. Esse nível de aborrecimento teria sido suficiente

para vesti-las de forma adequada, refletiu Miúda. Naturalmente, elas não pareciam ser do tipo de agasalhos. Não importava o que a Sra. Fisher usava; de fato, a única coisa que lhe importava, sem plumas e arminho, era o que ela usava. Mas essas outras ainda eram bem jovens e bastante atraentes. Definitivamente tinham belos rostos. A vida seria muito diferente para elas se tirassem o máximo de si mesmas, em vez de o mínimo. No entanto... Miúda ficou de súbito entediada, afastou seus pensamentos e distraidamente comeu torradas. O que isso importava? Se você tirava o máximo de si mesma, só reunia ao seu redor pessoas que acabavam querendo te monopolizar.

— Eu tive um dia maravilhoso — começou a Sra. Wilkins, com os olhos brilhando.

Miúda baixou os seus. “Ah”, pensou, “ela vai tagarelar.”

“Como se alguém estivesse interessada em seu dia”, pensou a Sra. Fisher, baixando os olhos também.

De fato, sempre que a Sra. Wilkins falava, a Sra. Fisher deliberadamente baixava os olhos. Assim, evidenciaria sua desaprovação. Além disso, parecia a única coisa segura a fazer com os olhos, pois ninguém podia prever o que aquela criatura descontrolada diria em seguida. O que ela acabara de dizer, por exemplo, sobre homens — e dirigido a ela —, o que poderia significar? Era melhor não conjecturar, pensou a Sra. Fisher; e seus olhos, embora abaixados, ainda viram Lady Caroline estender a mão para a garrafa de Chianti e encher novamente o copo.

Novamente. Ela já tinha feito isso uma vez, e o peixe ainda estava sendo retirado. A Sra. Fisher percebeu que a outra pessoa respeitável do grupo, a Sra. Arbuthnot, também notava. Ela esperava e acreditava que a Sra. Arbuthnot fosse respeitável e bem-intencionada. É verdade que ela também invadira sua sala de estar, mas sem dúvida fora arrastada para lá pela outra, e a Sra. Fisher tinha pouco ou nada contra a Sra. Arbuthnot, e observou com aprovação que ela só bebia água. Era assim que deveria ser. De fato, para ser justa, a sardenta também só bebia água; o que era muito certo na idade delas. Ela própria bebia vinho, mas com moderação: uma refeição, uma taça. E tinha sessenta e cinco anos,

por isso poderia adequadamente beber pelo menos duas, e até se beneficiaria disso.

— Isso — disse ela para Lady Caroline, cortando o que a Sra. Wilkins lhes contava sobre seu dia maravilhoso e apontando a taça de vinho — é muito ruim para você.

Lady Caroline, no entanto, não deve ter ouvido, pois continuou a bebericar, o cotovelo na mesa, enquanto ouvia o que a Sra. Wilkins dizia.

E o que ela dizia? Tinha convidado alguém para se juntar a elas? Um homem?

A Sra. Fisher não podia acreditar no que ouvia. No entanto, evidentemente era um homem, pois falava da pessoa como “ele”.

De repente e pela primeira vez — mas no momento aquilo era mais importante —, a Sra. Fisher se dirigiu diretamente à Sra. Wilkins. Ela tinha sessenta e cinco anos e pouco se importava com que tipo de mulher passaria um mês, mas, se as mulheres iam se misturar com homens, era uma proposta completamente diferente. Ela não seria usada desse jeito. Não estava ali para compactuar, com sua presença, com o que, em sua época, seria considerado um comportamento impróprio. Na entrevista, em Londres, nada tinha sido dito sobre homens; se tivesse, ela teria se recusado a vir, é claro.

— Qual é o nome dele? — perguntou a Sra. Fisher, interrompendo abruptamente.

A Sra. Wilkins virou-se para ela com uma leve surpresa.

— Wilkins.

— Wilkins?

— Sim.

— Seu nome?

— E dele.

— Um parente?

— Não de sangue.

— Algum vínculo?

— Um marido.

A Sra. Fisher mais uma vez baixou os olhos. Ela não conseguia conversar com a Sra. Wilkins. Havia algo nas coisas que ela dizia... “Um marido.” Sugerindo um de muitos. Sempre aquela torção

inadequada de tudo. Por que ela não podia dizer “Meu marido”? Além disso, a Sra. Fisher, nem ela mesma sabia por quê, havia presumido que as duas jovens de Hampstead fossem viúvas. De guerra. Houve uma ausência de menção a maridos na entrevista que, para ela, não seria natural se essas pessoas existissem. E se um marido não era um parente, quem era? “Não de sangue.” Que maneira de falar. Ora, um marido era o primeiro de todos os parentes. Ela se lembrava muito bem de Ruskin — não, não era Ruskin, era a Bíblia que dizia que um homem deveria deixar pai e mãe e se ligar apenas à esposa; mostrando que ela se tornava, pelo casamento, uma relação ainda maior que a de sangue. E se o pai e a mãe do marido não fossem nada para ele em comparação à esposa, muito menos nada seriam o pai e a mãe da esposa para ela em comparação ao marido. Ela própria não pudera deixar pai e mãe para se ligar ao Sr. Fisher, porque, quando se casou, eles já não eram vivos, mas certamente os teria deixado se fossem. Não de sangue, de fato. Conversa fiada.

O jantar estava muito bom. Uma delícia após outra. Costanza decidira fazer o que bem entendesse em relação à nata e ovos na primeira semana e ver o que aconteceria no fim, quando as contas tivessem que ser pagas. Sua experiência com os ingleses dizia que eles eram tranquilos em relação às contas. Eram de poucas palavras. Acreditavam de pronto. Além disso, quem era a anfitriã aqui? Na ausência de uma, ocorreu a Costanza que poderia muito bem ser ela própria. Então, fez o que decidiu para o jantar, e estava muito bom.

As quatro, no entanto, estavam tão preocupadas com a própria conversa que comeram sem notar quão bom era. Nem mesmo a Sra. Fisher, tão viril para esses assuntos, percebeu. Toda a excelente culinária foi como nada para ela; o que mostra o quanto ela devia estar agitada.

Ela estava agitada. Era aquela Sra. Wilkins. Ela era capaz de agitar qualquer um. E era indubitavelmente encorajada por Lady Caroline, que, por sua vez, sem dúvida estava sendo influenciada pelo Chianti.

A Sra. Fisher estava muito feliz por não haver homens por ali, pois certamente teriam ficado bobos com Lady Caroline. Ela era

exatamente o tipo de jovem que os desequilibrava; especialmente, a Sra. Fisher reconheceu, naquele momento. Talvez fosse o Chianti intensificando sua personalidade, mas ela estava inegavelmente mais atraente; e havia poucas coisas que a Sra. Fisher detestava mais do que ter que observar enquanto homens inteligentes e sensatos, que momentos antes falavam com seriedade e de maneira interessante sobre assuntos reais, se tornavam apenas bobos e afetados — ela os vira realmente afetados — só porque tinham esbarrado em uma beldade com cérebro de passarinho. Sentia que até o Sr. Gladstone, aquele grande homem sábio, cuja mão repousara solenemente em sua cabeça por um momento inesquecível, ao notar Lady Caroline, teria deixado de falar com sensatez e embarcado terrivelmente nos gracejos.

— Olhe — disse a Sra. Wilkins, um vício bobo com o qual começava suas frases; e a Sra. Fisher sempre tinha vontade de responder: “Perdoe-me... Não olho, eu ouço”, mas por que se dar o trabalho? — Olhe — disse a Sra. Wilkins, inclinando-se para Lady Caroline —, nós combinamos, não foi, em Londres, que se alguma de nós quisesse, poderíamos todas trazer um convidado? Então estou fazendo isso agora.

— Não me lembro disso — disse a Sra. Fisher, com os olhos no prato.

— Ah, sim, nós combinamos... não combinamos, Rose?

— Sim... eu lembro — disse Lady Caroline. — Só parecia inacreditável que alguém fosse querer. A ideia toda era fugir de nossos amigos.

— E maridos.

Mais uma vez aquele plural indecoroso. Completamente impróprio, pensou a Sra. Fisher. Tais implicações. A Sra. Arbuthnot claramente pensava o mesmo, pois estava corada.

— E do carinho da família — disse Lady Caroline, ou era o Chianti falando? Certamente era o Chianti.

— E a falta de carinho da família — disse a Sra. Wilkins; que luz ela estava lançando sobre sua vida doméstica e seu verdadeiro caráter.

— Isso não seria tão ruim — disse Lady Caroline. — Eu ficaria com isso. Daria um tempo.

— Ah, não, não... isso é terrível — exclamou a Sra. Wilkins. — É como se a pessoa estivesse sem roupa.

— Mas eu gosto disso — disse Lady Caroline.

— Ora... — disse a Sra. Fisher.

— É um sentimento divino livrar-se das coisas — disse Lady Caroline, que conversava apenas com a Sra. Wilkins e não prestava atenção nas outras duas.

— Ah, mas, em um vento forte, sem ter nada para usar e saber que nunca terá nada e que você sentirá cada vez mais frio até enfim morrer... é assim que era viver com alguém que não a amava.

Essas confidências, pensou a Sra. Fisher... e não havia desculpa alguma para a Sra. Wilkins, que as fazia tendo bebido apenas água. A Sra. Arbuthnot, a julgar por sua expressão, compartilhava da desaprovação da Sra. Fisher; ela estava inquieta.

— Mas ele não a amava? — perguntou Lady Caroline, tão descaradamente indiscreta quanto a Sra. Wilkins.

— Mellersh? Ele não demonstrava.

— Delicioso — murmurou Lady Caroline.

— Ora... — disse a Sra. Fisher.

— Eu não achava nada delicioso. Eu estava infeliz. E agora, desde que cheguei aqui, simplesmente me vejo infeliz. Tão infeliz quanto antes. E por causa de Mellersh.

— Você quer dizer que ele não valia a pena.

— Ora... — disse a Sra. Fisher.

— Não, não é isso. Quero dizer que de repente fiquei bem.

Lady Caroline, girando lentamente a haste do copo com os dedos, examinou o rosto iluminado diante de si.

— E agora que estou bem, acho que não posso me sentar aqui e ter tudo isso só para mim. Não posso ser feliz, excluindo-o. Devo compartilhar. Entendo exatamente como o Beato Damozel se sentia.

— Quem é o Beato Damozel? — perguntou Miúda.

— Ora... — disse a Sra. Fisher, e com tanta ênfase que dessa vez Lady Caroline se voltou para ela.

— Eu deveria saber? — perguntou. — Eu não sei nada de história natural. Parece um pássaro.

— É um poema — respondeu a Sra. Fisher extraordinariamente fria.

— Ah — disse Miúda.

— Eu vou emprestá-lo para você — falou a Sra. Wilkins, o riso ondulando em seu rosto.

— Não — disse Miúda.

— E seu autor — disse a Sra. Fisher com frieza —, embora talvez não fosse exatamente o que alguém gostaria que ele fosse, estava frequentemente à mesa do meu pai.

— Que entediante para você — disse Miúda. — É o que a mãe vive fazendo... convidando autores. Odeio autores. Eu não me importaria tanto com eles se não escrevessem livros. Continue falando sobre Mellersh — disse ela, virando-se para a Sra. Wilkins.

— Ora... — disse a Sra. Fisher.

— Todas aquelas camas vazias — disse a Sra. Wilkins.

— Que camas vazias? — perguntou Miúda.

— As que estão nesta casa. Ora, é claro que cada uma deveria ter alguém feliz ocupando-as. Oito camas e apenas quatro pessoas. É terrível, terrível ser tão ganancioso e guardar tudo só para si. Quero que Rose convide o marido dela também. Você e a Sra. Fisher não têm maridos, mas por que não dar a um amigo um período glorioso?

Rose mordeu o lábio. Corou, depois empalideceu. Se ao menos Lotty ficasse calada, pensou. Tudo bem virar uma santa de repente e querer amar a todos, mas ela precisava ser tão indelicada? Para Rose, era como se estivessem pisando em todas as suas feridas. Se ao menos Lotty ficasse calada...

E a Sra. Fisher, com uma frieza ainda maior do que aquela com a qual havia recebido a ignorância de Lady Caroline sobre o Beato Damozel, disse:

— Há apenas um quarto desocupado nesta casa.

— Apenas um? — ecoou a Sra. Wilkins, atônita. — Então quem está em todos os outros?

— Nós — disse a Sra. Fisher.

— Mas não estamos em todos os quartos. Deve haver pelo menos seis. Com isso sobram dois, e o proprietário nos disse que havia oito camas... não foi, Rose?

— Há seis quartos — falou a Sra. Fisher; pois ela e Lady Caroline haviam vasculhado minuciosamente a casa ao chegar, a

fim de ver em qual parte dela ficariam mais confortáveis, e sabiam que havia seis quartos, dois deles muito pequenos, e em um desses Francesca dormia na companhia de uma cadeira e uma cômoda, e o outro, igualmente mobiliado, estava vazio.

A Sra. Wilkins e a Sra. Arbuthnot mal tinham olhado a casa, pois passaram a maior parte do tempo ao ar livre boquiabertas com a paisagem, e, na desatenta agitação de suas mentes quando começaram a negociar San Salvatore, puseram na cabeça que as oito camas das quais o proprietário falara estavam em oito quartos; mas não estavam. Havia de fato oito camas, mas quatro delas estavam nos quartos da Sra. Wilkins e da Sra. Arbuthnot.

— Há seis quartos — repetiu a Sra. Fisher. — Nós ocupamos quatro, Francesca está no quinto e o sexto está vazio.

— Então é isso — disse Miúda. — Por mais generosas que nos sintamos, seríamos se pudéssemos, mas não podemos. Não é uma sorte?

— Mas então só há espaço para mais um? — disse a Sra. Wilkins, olhando em volta para os três rostos.

— Sim... e você o pegou — disse Miúda.

A Sra. Wilkins ficou surpresa. A questão das camas era inesperada. Ao convidar Mellersh, ela pretendia colocá-lo em um dos quatro quartos vagos que imaginava existir. Quando havia muitos cômodos e empregados suficientes, não havia motivo para que eles dividissem o quarto, como faziam em sua pequena casa de dois quartos. O amor, mesmo o amor universal, o tipo de amor com o qual se sentia inundada, não devia ser testado. Era necessária muita paciência e discrição para que o casal fosse bem-sucedido em dormir junto. Placidez; uma fé firme; ambos também eram necessários. Ela tinha certeza de que gostaria muito mais de Mellersh, e ele não se importaria tanto com ela, se não se calassem juntos à noite, se de manhã pudessem se encontrar com o afeto alegre de amigos entre os quais não há sombra de diferenças sobre a janela ou os arranjos de higiene, ou pequenos e absurdos ressentimentos sufocados por algo que pareceria injusto a um deles. Sua felicidade, ela sentia, e sua capacidade de ser amiga de todos eram o resultado de sua repentina nova liberdade e paz. Haveria aquela sensação de liberdade, de paz, após uma noite trancada

com Mellersh? Será que, pela manhã, com ele, ela seria capaz de ser repleta de nada além de bondade, como se sentia naquele momento? Afinal, ela não tinha ficado muito tempo no paraíso. E se não estivesse lá há tempo suficiente para que sua suavidade fosse permanente? E, naquela manhã mesmo, que alegria extraordinária foi encontrar-se sozinha ao acordar e arrumar a roupa de cama como bem quisesse!

Francesca teve que cutucá-la. Ela estava tão absorta que não notou o pudim.

“Se eu dividir meu quarto com Mellersh”, pensou a Sra. Wilkins, distraidamente ajudando a si mesma, “corro o risco de perder tudo o que sinto por ele agora. Se, por outro lado, eu colocá-lo no quarto vago, impeço que a Sra. Fisher e Lady Caroline deem um presente a alguém. É verdade que elas não parecem querer isso agora, mas, a qualquer momento neste lugar, uma ou outra podem ser tomadas pelo desejo de fazer alguém feliz, e então não poderão, por causa de Mellersh.”

— Que problema — disse ela em voz alta, as sobrancelhas franzidas.

— Qual? — perguntou Miúda.

— Onde colocar Mellersh.

Miúda a encarou.

— Por quê? Um quarto não é suficiente para ele? — perguntou.

— Ah, sim, é suficiente. Mas então não haverá mais espaço... nenhum espaço para alguém que você queira convidar.

— Não vou querer convidar ninguém — disse Miúda.

— Ou você — disse a Sra. Wilkins à Sra. Fisher. — Rose, é claro, não conta. Tenho certeza de que ela gostaria de dividir o quarto com o marido. Está na cara.

— Ora... — disse a Sra. Fisher.

— Ora o quê? — perguntou a Sra. Wilkins, voltando-se esperançosamente para ela, pois achava que a palavra dessa vez era o início de uma sugestão útil.

Não era. Terminava em si mesma. Era, como antes, apenas frieza.

No entanto, desafiada, a Sra. Fisher logo a emendou em uma frase:

— Ora, devo compreender — perguntou — que você propõe reservar um quarto extra para uso exclusivo de sua própria família?

— Ele não é minha própria família — respondeu a Sra. Wilkins. — Ele é meu marido. Olhe...

— Não olho nada — a Sra. Fisher não pôde evitar interromper, pois era um vício insuportável. — No máximo, eu ouço, e com relutância.

Mas a Sra. Wilkins, tão imune à repreensão quanto a Sra. Fisher temera, imediatamente repetiu a fórmula cansativa e iniciou um discurso longo e excessivamente indelicado sobre o melhor lugar para a pessoa que ela chamava de Mellersh dormir.

Mellersh — a Sra. Fisher, lembrando-se dos Thomas, Johns, Alfreds e Roberts de sua época, nomes simples que haviam se tornado gloriosos, achava que era pura afetação ser batizado de Mellersh —, ao que parecia, era o marido da Sra. Wilkins, portanto seu lugar estava claramente indicado. Por que aquela conversa? Ela mesma, como se previsse a chegada dele, havia colocado uma segunda cama no quarto da Sra. Wilkins. Havia certas coisas na vida que nunca eram discutidas, apenas executadas. A maioria das coisas relacionadas aos maridos não era discutida; e fazer toda a mesa de jantar se ocupar da discussão sobre onde um deles deveria dormir era uma afronta à decência. Como e onde os maridos dormiam dizia respeito apenas a suas esposas. Às vezes elas não sabiam, e então o casamento tinha menos momentos felizes; mas esses momentos também não eram discutidos; a decência continuava a ser preservada. Pelo menos, era assim na sua época. Ter que saber se o Sr. Wilkins deveria ou não dormir com a Sra. Wilkins, e as razões pelas quais deveria ou não, era ao mesmo tempo desinteressante e indelicado.

Ela poderia ter imposto o decoro e mudado de assunto, não fosse por Lady Caroline. Lady Caroline encorajava a Sra. Wilkins e se lançou na discussão com tanta falta de reserva quanto a própria Sra. Wilkins. Sem dúvida, impelida nesse momento pelo Chianti, mas, qualquer que fosse o motivo, foi assim. E, caracteristicamente, Lady Caroline era a favor de que o Sr. Wilkins ficasse com quarto vago. Ela tomava isso por certo. Qualquer outro arranjo seria impossível, disse; sua expressão bárbara. Será que ela nunca tinha

lido a Bíblia, a Sra. Fisher ficou tentada a perguntar: “E os dois serão uma só carne”? Então, claramente, também um quarto. Mas a Sra. Fisher não perguntou. Ela não se incomodaria em citar esses textos para uma pessoa solteira.

No entanto, havia uma forma de ela forçar o Sr. Wilkins a seu devido lugar e salvar a situação: poderia dizer que pretendia convidar uma amiga. Era direito seu. Todas elas assim disseram. Além de inadequado, era monstruoso que a Sra. Wilkins quisesse monopolizar o único quarto extra, quando em seu próprio quarto havia tudo o que era necessário para seu marido. Talvez ela convidasse mesmo alguém — não convidar, mas sugerir que viesse. Havia Kate Lumley, por exemplo. Kate poderia muito bem vir e pagar sua parte; e ela era de sua época e conhecera a maioria das pessoas que ela própria conhecera. Kate, é claro, só estivera à margem; costumava ser convidada apenas para as grandes festas, não para as pequenas, e ainda se mantinha à margem. Havia algumas pessoas que nunca saíam da margem, e Kate era uma delas. Muitas vezes, no entanto, era mais agradável estar com essas pessoas do que com as outras, pois elas se mantinham gratas.

Sim; ela devia de fato considerar Kate. A pobre alma nunca se casara, mas nem todo mundo podia esperar se casar, e ela vivia de modo bastante confortável — não confortável demais, mas apenas o suficiente para pagar as próprias despesas se fosse para lá e ainda ficar grata. Sim; Kate era a solução. Se ela viesse, de um só golpe, a Sra. Fisher notou, os Wilkins seriam regularizados e a Sra. Wilkins seria impedida de ter mais do que sua parte dos quartos. Além disso, a Sra. Fisher também se salvaria do isolamento; isolamento espiritual. Ela desejava isolamento físico entre as refeições, mas não gostava daquele isolamento de espírito. Esse isolamento, ela temia, sem dúvida aconteceria a ela com essas três jovens de mente alienada. Até a Sra. Arbuthnot tinha, devido à sua amizade com a Sra. Wilkins, forçosamente a mente estranha. Em Kate, ela teria apoio. Kate, sem invadir sua sala de estar, pois era educada, estaria lá nas refeições para apoiá-la.

A Sra. Fisher não disse nada naquele momento; mas logo depois, na sala de estar, quando estavam reunidas em volta da

lareira à lenha — ela descobrira que não havia lareira em sua própria sala de estar, portanto, seria forçada, enquanto as noites permanecessem frias, a ficar com elas na outra sala —, enquanto Francesca servia o café e Lady Caroline envenenava o ar com fumaça, a Sra. Wilkins, parecendo aliviada e satisfeita, disse:

— Bem, se ninguém realmente quer aquele quarto e não vai usá-lo de qualquer forma, ficarei muito feliz que Mellersh fique com ele.

— Claro que ele deve ficar — disse Lady Caroline.

Então a Sra. Fisher falou:

— Eu tenho uma amiga — disse ela em sua voz grave; e o silêncio repentino caiu sobre as outras.

— Kate Lumley — disse a Sra. Fisher.

Ninguém falou.

— Talvez — continuou a Sra. Fisher, dirigindo-se a Lady Caroline — você a conhece?

Não, Lady Caroline não conhecia Kate Lumley; e a Sra. Fisher, sem perguntar às outras se a conheciam, pois tinha certeza de que não conheciam ninguém, prosseguiu:

— Eu gostaria de convidá-la para se juntar a mim — disse a Sra. Fisher.

Silêncio absoluto.

Então Miúda disse, virando-se para a Sra. Wilkins:

— Isso resolve a questão de Mellersh então.

— Isso resolve a questão do Sr. Wilkins da única maneira correta — disse a Sra. Fisher —, embora eu não consiga entender por que isso sequer era uma questão.

— Receio que isso seja um problema para você — disse Lady Caroline, novamente para a Sra. Wilkins. — A menos que ele não possa vir — acrescentou.

Mas a Sra. Wilkins, sua testa perturbada — pois, imaginava que, no fim, ainda não estava bem estabelecida no paraíso —, só pôde dizer, um pouco desconfortável:

— Eu o vejo aqui.

Os dias sem intercorrências — apenas aparentemente sem intercorrências — se passaram banhados de sol, e os criados, observando as quatro damas, chegaram à conclusão de que havia pouca vida nelas.

Para os criados, San Salvatore parecia adormecida. Ninguém vinha tomar chá, nem tampouco as senhoras iam tomar chá em algum lugar. Outros inquilinos, em outras primaveras, eram muito mais ativos. Havia agitação e aventura; o barco fora usado; excursões foram feitas; a carruagem de Beppo era chamada; pessoas de Mezzago vinham e passavam o dia; a casa vibrava com vozes; às vezes até bebiam champanhe. A vida era variada, a vida era interessante. Mas isso? O que era isso? Os criados nem sequer eram repreendidos. Eram deixados completamente por conta própria. Estavam entediados.

A total ausência de cavalheiros também trazia uma perplexidade. Como os cavalheiros podiam ser mantidos longe de tanta beleza? Pois, juntas, e mesmo após a exclusão da idosa, as três damas mais jovens produziam uma soma formidável daquilo que os homens normalmente procuravam.

O evidente desejo de cada senhora de passar longas horas separadas das outras também intrigava os criados. O resultado era uma quietude mortal na casa, exceto nas refeições. A julgar pelos sons de vida que havia, a casa poderia estar tão vazia quanto estivera no inverno. A idosa se sentava em sua sala, sozinha; a mulher de olhos escuros vagava sozinha e incompreensivelmente desperdiçava tempo entre as rochas, segundo lhes dissera Domenico, que às vezes deparava com ela no curso de suas tarefas; a moça muito bonita se deitava sozinha em sua cadeira baixa no jardim superior; a menos bela, mas ainda bonita, subia as colinas e passava horas ali, sozinha; e todos os dias o sol brilhava vagarosamente em volta da casa e, à noite, desaparecia no mar, e nada havia acontecido.

Os criados estavam entediados.

No entanto, as quatro hóspedes, embora seus corpos estivessem sentados — esse era o caso da Sra. Fisher —, deitados — Lady Caroline —, vagando — Sra. Arbuthnot — ou subindo solitariamente as colinas — Sra. Wilkins —, não estavam nem um

pouco entorpecidas. Suas mentes estavam estranhamente ocupadas. Mesmo à noite, suas mentes estavam ocupadas, e os sonhos que tinham eram claros, curtos, rápidos, inteiramente diferentes dos pesados sonhos que tinham em casa. Havia algo na atmosfera de San Salvatore que produzia uma atividade mental em todos, exceto nos nativos. Para eles, como sempre, não importava a beleza à sua volta, não importavam as estações pródigas, permaneciam imunes a pensamentos diferentes daqueles a que estavam acostumados. Por toda a vida, tinham visto, ano após ano, o incrível espetáculo recorrente de abril nos jardins, e o hábito o tornara invisível para eles. Estavam tão cegos quanto inconscientes para isso, como o cachorro de Domenico dormindo ao sol.

As hóspedes não podiam ficar cegas para isso — era muito impressionante depois de um mês de março particularmente úmido e lúgubre em Londres. De repente, ser transportada para aquele lugar onde o ar era tão parado que prendia a respiração, onde a luz era tão dourada que as coisas mais comuns eram transformadas — ser transportada para aquele calor delicado, aquela fragrância amorosa e ter o velho castelo cinza como cenário e, ao longe, as serenas colinas claras da paisagem de Perugini, era um contraste surpreendente. Até Lady Caroline, acostumada à beleza desde sempre, que estivera em todo lugar e vira de tudo, sentiu a surpresa. Havia, naquele ano, uma primavera particularmente maravilhosa, e de todos os meses em San Salvatore, abril era o melhor se o tempo estivesse bom. Maio era chamuscado e murcho; março era inquieto e podia ser duro e frio em seu brilho; mas abril chegava de mansinho como uma bênção, e se fosse um abril bom, era tão bonito que se tornava impossível não se sentir diferente, não se sentir agitado e tocado.

A Sra. Wilkins, como vimos, respondeu a isso instantaneamente. Ela, por assim dizer, se despiu de imediato de todas as suas roupas e mergulhou de cabeça na glória, sem hesitar, com um grito de êxtase.

A Sra. Arbuthnot ficou emocionada e tocada, mas de maneira diferente. Ela tinha sensações estranhas — que serão descritas em breve.

A Sra. Fisher, por ser velha, tinha uma textura mais fechada e impermeável e oferecia mais resistência; mas ela também tinha sensações estranhas, que também serão descritas no seu momento.

Lady Caroline, já bastante familiarizada com belas casas e climas e que por isso não os recebia com a mesma surpresa, ainda assim teve uma reação quase tão rápida quanto a da Sra. Wilkins. O lugar também exerceu uma influência quase instantânea sobre ela, que estava ciente de uma parte disso: ele a fizera, desde a primeira noite, querer pensar e agir curiosamente como uma consciência para ela. O que essa consciência parecia querer que ela notasse com uma insistência assustadora — Lady Caroline hesitara em aceitar a palavra, mas ela continuava a surgir em sua mente — era o fato de que ela era fútil.

Ela precisava digerir isso.

Na manhã seguinte ao primeiro jantar juntas, ela acordou muito arrependida por ter conversado tanto com a Sra. Wilkins na noite anterior. Ela se perguntava o que a levara a fazer aquilo. Agora, é claro, a Sra. Wilkins ia querer monopolizá-la, ia querer ser inseparável; e a ideia de monopólio e inseparabilidade que durariam quatro semanas fez o espírito de Miúda desmaiar em seu íntimo. Sem dúvida, a Sra. Wilkins, agora encorajada, estaria à espreita no jardim, esperando para interceptá-la quando ela saísse, e a saudaria com sua alegria matinal. Como ela odiava ser saudada com alegria matinal — ou, na verdade, simplesmente saudada. Ela não deveria ter encorajado a Sra. Wilkins na noite anterior. Encorajar era fatal. Já seria ruim o suficiente não encorajar, pois apenas ficar sentada ali sem dizer nada parecia envolvê-la, mas encorajar ativamente era suicídio. O que ela havia feito? Agora teria que desperdiçar todo seu precioso tempo, o tempo precioso e adorável que tinha para pensar, para se acertar consigo mesma, afastando a Sra. Wilkins.

Depois de se vestir, ela, com muita cautela e na ponta dos pés, equilibrando-se com cuidado para que as pedras não fizessem barulho, escapuliu para seu canto; mas o jardim estava vazio. Não foi preciso se esquivar. Nem a Sra. Wilkins, nem ninguém estava à vista. Ela tinha o lugar todo para si. Não apareceu ninguém ali, exceto Domenico, que logo chegou e a cercou, regando as plantas

dele, mais uma vez, em especial, todas as plantas mais próximas dela. Quando, depois de um longo período de fluxo de pensamentos que pareciam lhe escapar assim que se formavam e de ter adormecido exausta, durante os intervalos dessa perseguição, ela sentiu fome, olhou para o relógio, viu que já passava das três e percebeu que ninguém se dera o trabalho de chamá-la para almoçar. Então Miúda não pôde deixar de notar que, se alguém foi afastada, foi ela mesma.

Bem, mas que prazer e que novidade. Agora ela de fato seria capaz de pensar, ininterruptamente. Era delicioso ser esquecida.

Ainda assim, estava com fome; e a Sra. Wilkins, depois daquela amizade excessiva na noite anterior, poderia ao menos ter avisado a ela que o almoço estava pronto. E ela fora mesmo excessivamente amigável — tão gentil quanto aos arranjos de onde Mellersh dormiria, querendo que ele ficasse com o quarto extra e tudo. Em geral ela não se interessava por esse tipo de arranjos, na verdade, nunca se interessava por eles; de modo que Miúda achava que podia dizer que tinha se esforçado para agradar a Sra. Wilkins. E, em troca, a Sra. Wilkins nem se importou se ela ia ou não almoçar.

Felizmente, embora estivesse com fome, não se importava de perder uma refeição. A vida era cheia de refeições. Elas ocupavam uma parte enorme do tempo das pessoas; e a Sra. Fisher era, ela temia, do tipo que se estendia nas refeições. Ela jantara duas vezes com a Sra. Fisher, que, nas duas vezes, tivera dificuldade de se retirar, se demorando à mesa, quebrando lentamente diversas nozes e bebendo bem devagar uma taça de vinho que parecia não acabar nunca. Provavelmente, seria bom adotar o hábito de perder o almoço e, como era muito fácil pedir que lhe trouxessem chá e ela tomava o café da manhã em seu quarto, apenas uma vez por dia teria que se sentar à mesa da sala de jantar e suportar as nozes.

Miúda afundou a cabeça confortavelmente nas almofadas e, com os pés cruzados no parapeito baixo, se dedicou a pensar mais. Disse a si mesma, como dissera a intervalos ao longo da manhã: Agora vou pensar. Mas, como nunca havia pensado em nada a vida toda, era difícil. Era extraordinário como sua atenção não se mantinha fixa; extraordinário como a mente se desviava. Preparando-se para uma revisão de seu passado como uma

preliminar para a consideração de seu futuro e procurando, para começar, qualquer justificativa para aquela palavra aflitiva — “fútil” —, a próxima coisa de que se deu conta foi que, definitivamente, não estava pensando nisso, mas, de alguma forma, se desviara para o Sr. Wilkins.

Bem, era bastante fácil pensar no Sr. Wilkins, embora não fosse agradável. Ela encarava sua chegada com desconfiança. Não era apenas um grande e inesperado contratempo incluir um homem no grupo, mas também um homem do tipo que ela tinha certeza que o Sr. Wilkins devia ser, porém ela temia — e seu temor era o resultado de uma experiência terrivelmente invariável — que ele pudesse querer passar tempo com ela.

É claro que essa possibilidade ainda não havia ocorrido à Sra. Wilkins, e Miúda não poderia simplesmente chamar a atenção dela para isso; pelo menos não sem parecer terrivelmente estúpida. Ela tentou ter esperança que o Sr. Wilkins fosse uma maravilhosa exceção à regra terrível. Se fosse, ela ficaria tão grata que acreditava que realmente poderia gostar dele.

Mas... tinha dúvidas. E se ele a cercasse a ponto de tirá-la de seu adorável jardim? E se a luz no rosto engraçado e trêmulo da Sra. Wilkins se apagasse? Miúda achava que não ia gostar nem um pouco que isso acontecesse com o rosto da Sra. Wilkins, mas nunca conhecera nenhuma esposa, nem uma sequer, que conseguisse entender que ela não tinha o menor interesse em seu marido. Muitas vezes, conhecera esposas que também não tinham interesse em seus maridos, mas isso não as deixava menos indignadas se achavam que outra pessoa quisesse, e não menos certas, quando os viam cercando Miúda, de que ela estava tentando roubá-los. Tentando roubá-los! O simples pensamento, a simples lembrança dessas situações, a encheram de um tédio tão extremo que instantaneamente a fez dormir outra vez.

Quando acordou, continuou pensando no Sr. Wilkins.

E se, pensou Miúda, o Sr. Wilkins não fosse uma exceção e se comportasse da maneira usual, a Sra. Wilkins entenderia ou isso simplesmente estragaria suas férias? Ela parecia compreensiva, mas seria compreensiva a respeito disso? Ela parecia entender e

ver dentro das pessoas, mas será que entenderia e veria dentro de uma pessoa quando se tratava do Sr. Wilkins?

A experiente Miúda estava cheia de dúvidas. Ela remexeu os pés no parapeito; endireitou uma almofada. Talvez fosse melhor tentar explicar à Sra. Wilkins, nos dias que restavam antes da chegada — explicar de um modo geral, bastante vago —, sua atitude em relação a essas coisas. Ela também poderia expor sua aversão peculiar pelos maridos das outras, e seu profundo desejo de ficar sozinha, pelo menos por este mês.

Mas Miúda também tinha dúvidas quanto a isso. Essa conversa significava certa familiaridade, significava iniciar uma amizade com a Sra. Wilkins; e se, depois de ter embarcado nisso e enfrentado o perigo de se aproximar muito da Sra. Wilkins, o Sr. Wilkins se mostrasse astuto — e as pessoas se tornavam muito astutas quando se dedicavam a qualquer coisa — e conseguisse, no fim das contas, escapular para o jardim superior, a Sra. Wilkins podia facilmente acreditar que tinha sido enganada e que ela, Miúda, era falsa. Falsa! E por causa do Sr. Wilkins. As esposas eram realmente patéticas.

Às quatro e meia, ouviu sons de louça do outro lado da moita de troviscos. O chá estava sendo servido para ela?

Não; os sons não se aproximaram, pararam perto da casa. O chá seria servido no jardim, no seu jardim. Miúda achou que devia ao menos ser consultada se não se importava de ser incomodada. Todas sabiam que ela ficava sentada lá.

Talvez alguém levasse seu chá em seu refúgio.

Não; ninguém levou nada.

Bem, ela estava com muita fome para não ir ter com as outras hoje, mas daria a Francesca ordens estritas para o futuro.

Levantou-se e caminhou em direção aos sons do chá com aquela graça lenta, que era mais um de seus tantos encantos escandalosos. Estava consciente não apenas de que sentia muita fome, mas de que queria conversar com a Sra. Wilkins de novo. A Sra. Wilkins não a cercara, em vez disso a deixara livre o dia inteiro, apesar da aproximação das duas na noite anterior. É claro que ela era original e vestira um agasalho de seda para o jantar, mas não a cercara. Isso era ótimo. Miúda foi em direção à mesa de chá,

ansiosa para encontrar a Sra. Wilkins; mas, quando avistou a mesa, estavam ali apenas a Sra. Fisher e a Sra. Arbuthnot.

A Sra. Fisher servia o chá, e a Sra. Arbuthnot oferecia macarons à Sra. Fisher. Toda vez que a Sra. Fisher oferecia qualquer coisa à Sra. Arbuthnot — sua xícara, leite ou açúcar —, ela lhe oferecia macarons —, os empurrava para ela com uma estranha insistência, quase com obstinação. Seria um jogo?, Miúda se perguntou, sentando-se e pegando um biscoito.

— Onde está a Sra. Wilkins? — perguntou Miúda.

Elas não sabiam. Pelo menos, a Sra. Arbuthnot, diante da pergunta de Miúda, disse que não sabia; o rosto da Sra. Fisher, ao ouvir aquele nome, se tornou deliberadamente desinteressado.

Parecia que a Sra. Wilkins não era vista desde o café da manhã. A Sra. Arbuthnot achava que ela devia ter saído para um piquenique. Miúda sentia falta dela. Em silêncio, comeu os enormes macarons, os melhores e maiores que já vira. O chá sem a Sra. Wilkins foi monótono; e a Sra. Arbuthnot tinha aquele ar mortal de maternidade para com ela, a vontade de mimá-la, de deixá-la muito confortável, a convencendo a comer — convencendo, logo ela que já estava comendo tão livremente e até demais —, parecendo ter perseguido os passos de Miúda por toda a vida. As pessoas não podiam deixá-la em paz? Ela era perfeitamente capaz de comer o que quisesse sem precisar ser incentivada. Tentou cortar o zelo da Sra. Arbuthnot sendo grossa com ela. Em vão. A grosseria não era aparente. Permaneceu, como todos os maus sentimentos de Miúda, encoberta pelo véu impenetrável de sua amabilidade.

A Sra. Fisher estava sentada monumentalmente e não prestava atenção em nenhuma delas. Tivera um dia curioso e estava um pouco preocupada. Estivera completamente sozinha, pois nenhuma das três fora almoçar, e nenhuma delas se dera ao trabalho de avisá-la de que não viriam; e a Sra. Arbuthnot, se portando casualmente durante o chá, tinha agido de maneira estranha até Lady Caroline se juntar a elas e capturar sua atenção.

A Sra. Fisher estava preparada para não detestar a Sra. Arbuthnot, cujos cabelos repartidos e a expressão suave pareciam muito decentes e femininos, mas ela certamente tinha hábitos dos quais era difícil gostar. Seu hábito de ecoar instantaneamente

qualquer oferta de comida e bebida que lhe era feita, de retribuir a oferta, por assim dizer, não era o que se esperava dela. “Quer mais um pouco de chá?” sem dúvida era uma pergunta cuja resposta era simplesmente sim ou não; mas a Sra. Arbuthnot insistia no truque que exibira na véspera durante o café da manhã, acrescentando ao seu sim ou não as palavras “Você quer?”. Ela fizera isso de novo no café daquela manhã e ali estava, repetindo isso no chá — as duas refeições que a Sra. Fisher presidia e servia. Por que fazia isso? A Sra. Fisher não entendia.

Mas não era isso que a preocupava; isso era apenas um detalhe. O que a preocupava era que não tinha conseguido resolver nada naquele dia e não fizera nada além de vagar sem descanso da sala de estar até as ameias e fazer o caminho de volta. Tinha sido um dia perdido, e ela detestava desperdícios. Tentou ler e tentou escrever para Kate Lumley; mas não — algumas palavras lidas, algumas linhas escritas, e ela se levantava de novo e ia para as ameias olhar o mar.

Não importava que a carta a Kate Lumley não fosse escrita. Havia tempo suficiente para isso. As outras que pensassem que sua vinda estava definitivamente arranjada. Melhor assim. O Sr. Wilkins também seria mantido fora do quarto extra e colocado em seu devido lugar. Kate esperaria. Poderia ficar como uma carta na manga. Kate como carta na manga era tão potente quanto a de verdade, e havia alguns pontos em Kate como carta na manga que faltariam à Kate de verdade. Por exemplo, se a Sra. Fisher fosse ficar inquieta, preferiria que Kate não estivesse lá para ver. Havia uma falta de dignidade na inquietação, em andar de um lado para outro. Mas tinha um significado o fato de ela não conseguir ler nem uma frase dos textos de seus grandes amigos mortos; não, nem mesmo de Browning, que fora à Itália com tanta frequência, nem de Ruskin, autor de *As pedras de Veneza*, que ela levava para reler quase no mesmo local; nem mesmo uma frase de um livro realmente interessante como o que ela havia encontrado em sua sala de estar sobre a vida doméstica do Imperador Alemão, pobre homem — escrito nos anos 1890, quando ele ainda não havia começado a ser mais pecador que o pecado, o que era, ela estava firmemente convencida, o problema dele agora, e cheio de coisas

empolgantes sobre seu nascimento, seu braço direito e seus assessores — sem ter que largar o livro e ir olhar o mar.

Ler era muito importante; exercitar e desenvolver a mente de forma adequada era um dever primordial. Como alguém poderia ler se estivesse o tempo todo andando de um lado para outro? Era curiosa essa inquietação. Ela ia ficar doente? Não, estava se sentindo bem; de fato, extraordinariamente bem, e entrava e saía com muita rapidez — trotava, na verdade — e sem a bengala. Era muito estranho que não conseguisse ficar parada, pensou, franzindo a testa para o topo de alguns jacintos roxos no Golfo de La Spezia brilhando além de um promontório; muito estranho que ela, que andava tão devagar e era tão dependente da bengala, subitamente trocasse.

Seria interessante conversar com alguém sobre isso, ela sentiu. Não com Kate — mas com um estranho. Kate apenas olharia para ela e sugeriria uma xícara de chá. Kate sempre sugeria xícaras de chá. Além disso, Kate tinha um rosto inexpressivo. Mas aquela Sra. Wilkins — por mais irritante que fosse, de língua solta, impertinente e censurável — provavelmente entenderia e talvez soubesse o que a deixava assim. Mas ela não podia dizer nada à Sra. Wilkins. Era a última pessoa para quem admitiria seus sentimentos. Sua dignidade a proibia. Confiar na Sra. Wilkins? Nunca.

E a Sra. Arbuthnot, enquanto bancava ansiosamente a mãe de Miúda no chá, também sentia que tivera um dia curioso. Como a Sra. Fisher, também estava agitada, mas, ao contrário da outra, a agitação era apenas mentalmente. O corpo dela estivera imóvel; sua mente não, nem um pouco, e tinha estado excessivamente ativa. Durante anos, ela cuidara para que não houvesse tempo para pensar. Sua agenda lotada na paróquia impedira que lembranças e desejos a invadissem. Naquele dia, elas tinham se amontoado. Ela voltou para o chá se sentindo triste, e o fato de se sentir triste num lugar como aquele, com tudo ao redor para fazê-la se alegrar, apenas a deixava ainda mais triste. Mas como ela poderia se alegrar sozinha? Como alguém poderia se alegrar, se divertir e apreciar, apreciar de verdade sozinho? Exceto Lotty. Lotty parecia conseguir. Ela descera a colina logo depois do café da manhã, sozinha, mas

obviamente alegre, pois cantava e não havia sugerido que Rose também fosse.

Rose tinha passado o dia sozinha, sentada com as mãos apertando os joelhos, olhando para a frente. O que ela observava eram as espadas cinza dos agaves e, em seus caules altos, as íris pálidas que cresciam no lugar remoto que ela encontrara, enquanto, além delas, entre as folhas cinza e as flores azuis, ela via o mar. O lugar que ela encontrara era um canto escondido, onde as pedras queimadas pelo sol eram cobertas de tomilho e aonde provavelmente ninguém iria. Estava fora da vista e longe dos barulhos da casa; ficava fora de qualquer caminho; era perto do fim do promontório. Ela ficou sentada tão quieta que lagartos corriam sobre seus pés, e alguns passarinhos como tentilhões, que de início fugiram assustados, voltaram e voaram entre os arbustos ao seu redor, como se ela não estivesse ali. Era muito bonito. E o que havia de bom nisso sem ninguém lá, ninguém com quem se amava estar, a quem se pertencia, a quem se podia dizer: “Olhe!” E ninguém que dissesse: “Olhe... querida?” Sim, alguém diria querida; e a doce palavra, o simples fato de dizê-la a alguém a quem se amava, faria a pessoa feliz.

Ela ficou sentada imóvel, olhando para a frente. Era estranho não ter vontade de rezar naquele lugar. Ela, que rezava com tanta frequência em casa, não parecia capaz de fazer isso ali. Na primeira manhã, dirigira apenas um breve agradecimento ao céu ao sair da cama e fora direto até a janela para ver como era tudo — fez o agradecimento tão descuidadamente quanto se lançasse uma bola e não pensou mais no assunto. Naquela manhã, lembrando-se disso e envergonhada, ela se ajoelhara com determinação; mas talvez a determinação fosse ruim para as orações, pois não conseguira pensar em nada para dizer. E quanto às suas orações antes de dormir, não as fizera em nenhuma das noites. Havia esquecido. Estivera tão absorta em outros pensamentos que as esquecera; e, uma vez na cama, adormecia e rodopiava entre sonhos vívidos e leves, antes mesmo de ter tempo de se esticar.

O que tinha acontecido com ela? Por que abrira mão da âncora da oração? E também tinha dificuldade de se lembrar dos seus pobres, até mesmo de lembrar que havia pobres. As férias, claro,

eram uma coisa boa, e todo mundo sabia disso, mas deveriam apagar tão completamente a realidade, causando tanto estrago? Talvez fosse saudável esquecer-se dos pobres; voltaria para eles com entusiasmo ainda maior. Mas não podia ser saudável esquecer suas orações, e menos ainda não se importar.

Rose não se importava. Sabia que não se importava. E, pior ainda, sabia que não se importava por não se importar. Nesse lugar, ela era indiferente às duas coisas que preencheram sua vida e a fizeram parecer feliz por anos. Bem, se ao menos ela conseguisse se alegrar em seu maravilhoso ambiente novo, teria pelo menos isso para contrastar com a indiferença, o desapego — mas ela não conseguia. Ela não tinha tarefas; não rezava; ficou vazia.

Lotty tinha estragado seu dia, do mesmo modo como estragara o anterior — Lotty, com seu convite para o marido, com a sugestão de que ela também devia convidar o seu. Lotty a fizera voltar a pensar em Frederick no dia anterior e então a havia deixado; durante toda a tarde, ela a deixou sozinha com seus pensamentos. Desde então, eles eram todos de Frederick. Em Hampstead, ele só vinha a ela em seus sonhos, mas aqui ele deixava os sonhos dela livres e passava o dia com ela. E mais uma vez naquela manhã, enquanto lutava para não pensar nele, Lotty lhe perguntara, pouco antes de desaparecer cantando pelo caminho, se ela já escrevera e o convidara, e novamente ele foi jogado em sua mente e ela não conseguia tirá-lo de lá.

Como ela poderia convidá-lo? Tinha durado tanto tempo o afastamento deles, tantos anos; ela mal saberia que palavras usar; além disso, ele não viria. Por que ele deveria vir? Ele não se importava em estar com ela. Sobre o que poderiam conversar? Entre eles havia a barreira do trabalho dele e da religião dela. Ela não podia — como poderia, acreditando como acreditava na pureza, na responsabilidade do efeito das ações de uns sobre os outros — suportar seu trabalho, suportar ser sustentada por ele; e sabia que ele a princípio se ressentira e depois apenas se entediara com sua religião. Ele a havia deixado escapar; havia desistido dela; não se importava mais; aceitara a religião dela com indiferença, como um fato. Tanto a religião quanto ela — a mente de Rose, tornando-se

mais luminosa à luz clara de abril em San Salvatore, de repente enxergou a verdade — o entediavam.

Naturalmente, quando viu isso, quando, naquela manhã, vislumbrou isso pela primeira vez, não gostou; a ponto de, por um momento, toda a beleza da Itália ser eclipsada. O que poderia fazer sobre isso? Ela não podia deixar de acreditar no bem e não gostar do mal, e deve ser ruim viver inteiramente do produto de adultérios, por mais que fossem de pessoas famosas agora mortas. Além disso, se o fizesse, se sacrificasse todo o seu passado, sua criação, seu trabalho nos últimos dez anos, o entediaria menos? Rose sentia profundamente em seu íntimo que, se você já entediou alguém completamente, era quase impossível deixar de entediar. Uma vez chato, chato para sempre — pelo menos sem dúvida para a pessoa entediada, pensou.

Então, refletiu ela, observando o mar com os olhos enevoados, era melhor ficar com a sua religião. Era melhor — ela mal notava como seu pensamento era repreensível — do que nada. Ah, mas ela queria se apegar a algo tangível, amar algo vivo, algo que pudesse segurar contra o coração, que pudesse ver, tocar e fazer coisas por ele. Se seu pobre bebê não tivesse morrido... bebês não se entediavam com ninguém, levavam muito tempo para crescer e descobrir a verdade sobre os pais. E talvez o bebê nunca descobrisse; talvez os pais sempre fossem para ele, por mais velho e barbado que fosse, alguém especial, alguém diferente de todos os outros e, se por nenhuma outra razão, precioso por não haver ninguém igual.

Sentada com os olhos turvos voltados para o mar, ela sentiu um desejo intenso de segurar algo seu apertado junto ao peito. Rose era esbelta, e tão reservada na aparência quanto no caráter, mas tinha uma estranha sensação de que — como poderia descrever? — havia algo em San Salvatore que a fazia sentir todo o peito. Queria segurar algo junto ao peito, confortar e proteger, acariciando a cabeça adorada que deveria repousar nela com toques suaves e murmúrios de amor. Frederick, filho de Frederick — vindo até ela, subindo nela, porque estava triste, porque havia se machucado... Eles precisariam dela caso se machucassem; se deixariam amar se estivessem tristes.

Bem, a criança se fora, nunca mais viria; mas talvez Frederick — algum dia —, quando estivesse velho e cansado...

Essas eram as reflexões e as emoções da Sra. Arbuthnot naquele primeiro dia sozinha em San Salvatore. Ela voltou para o chá triste como não se sentia havia anos. San Salvatore lhe arrancara sua aparência de felicidade construída com cuidado e não lhe dera nada em troca. Sim — lhe dera anseios em troca, essa dor e esse desejo, essa estranha sensação no peito; mas isso era pior que nada. E ela que era equilibrada, que nunca se irritava em casa, que era sempre gentil, naquela tarde não pôde, mesmo com toda sua tristeza, suportar a presunção da Sra. Fisher de que era a anfitriã no chá.

Seria de imaginar que algo tão pequeno não a incomodasse, mas incomodou. Sua natureza estava mudando? Será que não apenas seria lembrada dos muitos anos de rejeição de Frederick, mas também se transformaria em alguém que queria brigar por pequenas coisas? Depois do chá, quando a Sra. Fisher e Lady Caroline haviam desaparecido outra vez — era evidente que ninguém a queria —, ela ficou mais triste do que nunca, dominada pela discrepância entre o esplendor do lado de fora, a beleza quente e abundante e a autossuficiência da natureza e o vazio de seu coração.

Então Lotty voltou para o jantar, incrivelmente mais sardenta, exalando o sol que tomara o dia todo, conversando, rindo, sem tato, sem prudência, sem reticência; e Lady Caroline, tão calada no chá, despertou animada, e a Sra. Fisher não era tão notável, e Rose começava a reviver um pouco, pois a animação de Lotty era contagiante ao descrever as maravilhas de seu dia, um dia que, para qualquer outra pessoa, poderia não ter tido nada além de uma caminhada muito longa e muito quente e sanduíches, quando de repente ela disse, chamando a atenção de Rose:

— Mandou a carta?

Rose corou. Essa falta de tato...

— Que carta? — perguntou Miúda, interessada. Seus dois cotovelos estavam na mesa, e o queixo apoiado nas mãos, pois o espetáculo das nozes começara, e não havia nada a fazer além de

esperar, da forma mais confortável possível, até que a Sra. Fisher terminasse de quebrá-las.

— Para convidar o marido dela — disse Lotty.

A Sra. Fisher ergueu os olhos. Outro marido? Isso não tinha fim? Então essa também não era viúva; mas seu marido sem dúvida era um homem decente e respeitável, respondendo a um chamado decente e respeitável. Ela tinha pouca esperança no Sr. Wilkins; tão pouca que se abstera de perguntar o que ele fazia.

— Mandou? — insistiu Lotty, pois Rose não dissera nada.

— Não — disse Rose.

— Ah, bem, amanhã então — disse Lotty.

Rose queria responder com mais um “não” a isso. Em seu lugar, Lotty teria dito e, além disso, teria exposto todas as suas razões. Mas ela não podia se expor assim e convidar todo mundo para ver. Como Lotty, que via tantas coisas, não via, pelo modo como ela se calava sobre o assunto, o lugar dolorido que Frederick ocupava, cravado em seu coração?

— Quem é seu marido? — perguntou a Sra. Fisher, ajustando cuidadosamente outra noz entre as hastes.

— Quem ele deveria ser — respondeu Rose depressa, de súbito irritada com a Sra. Fisher — se não o Sr. Arbuthnot?

— Quero dizer, é claro, o que é o Sr. Arbuthnot?

E Rose, que ficou dolorosamente vermelha diante disso, disse depois de uma pequena pausa:

— Meu marido.

Naturalmente, a Sra. Fisher ficou furiosa. Não podia acreditar que essa mulher, com seu cabelo decente e sua voz gentil, também fosse impertinente.

14

Naquela primeira semana, a glicínia começou a murchar, e as flores da árvore-de-judas e dos pessegueiros caíram, formando um carpete cor-de-rosa no chão. Então todas as frésias desapareceram e as íris ficaram escassas. E, enquanto essas coisas iam desaparecendo, as duplas de rosas banksia saíram, e as grandes rosas trepadeiras do verão de repente enfeitaram maravilhosamente

os muros e as treliças. Uma delas era um tipo muito bonito de rosa amarela . O tamarisco e os troviscos estavam no auge, e os lírios, mais altos que nunca. No final da semana, as figueiras já davam sombra, a flor de ameixa havia brotado entre as oliveiras, as modestas weigelas apareceram em seus alegres tons de rosa e, sobre as pedras, esparramavam-se massas de flores em forma de estrela de folhas grossas, algumas de um roxo vívido, outras cor de limão, claro e pálido.

Também no final da semana, o Sr. Wilkins chegou; assim como sua esposa previra, ele o fez. E havia sinais de quase ansiedade a respeito de sua aceitação da sugestão, pois ele não escreveu uma carta em resposta, mas mandou um telegrama.

Isso, certamente, era ansiedade. Demonstrava, pensou Miúda, um claro desejo de reencontrá-la; e, observando o rosto feliz de sua esposa e ciente de seu desejo de que Mellersh aproveitasse suas férias, ela disse a si mesma que ele seria um grande idiota se perdesse seu tempo se incomodando com qualquer outra pessoa. “Se ele não for gentil com ela”, pensou Miúda, “será levado para as ameias e jogado de lá.” Pois, ao final da semana, ela e a Sra. Wilkins haviam se tornado Caroline e Lotty uma para a outra e eram amigas.

A Sra. Wilkins sempre fora sua amiga, mas Miúda se esforçara para não ser. Ela tentara muito ser cautelosa, mas como era difícil ter cautela com a Sra. Wilkins! Totalmente livre de qualquer vestígio disso, ela era tão completamente sem reservas, tão completamente expansiva, que em pouco tempo Miúda, quase sem saber o que estava fazendo, também se via sem reservas. E ninguém poderia ser mais sem reservas do que Miúda, quando relaxava.

A única dificuldade a respeito de Lotty era que ela quase sempre estava em outro lugar. Era impossível acompanhá-la; não dava para obrigá-la a vir e conversar. O medo que Miúda tinha de ser monopolizada parecia grotesco em retrospecto. Ora, não havia nada de pegajoso nela. Durante e depois do jantar eram as únicas vezes em que realmente a viam. Ela ficava fora de vista o dia todo e só voltava no final da tarde, com a aparência perfeita, o cabelo cheio de pedaços de musgo e as sardas mais marcadas do que nunca. Talvez estivesse aproveitando ao máximo seu tempo para fazer tudo

que queria antes da chegada de Mellersh e depois pretendesse se dedicar a andar por aí com ele, usando suas melhores roupas.

Miúda a observava interessada, mesmo contra sua vontade, porque parecia muito extraordinário ser tão feliz por tão pouco. San Salvatore era lindo, e o clima era divino; mas lugar e clima nunca foram suficientes para Miúda, e como poderiam ser suficientes para alguém que em breve teria que deixá-los para voltar à vida em Hampstead? Além disso, havia a iminência de Mellersh, daquele Mellersh de quem Lotty havia fugido tão recentemente. Tudo bem a pessoa sentir que deveria compartilhar, fazer uma boa ação, mas as boas ações que Miúda conhecia não haviam deixado ninguém feliz. Ninguém realmente gostava de ser o alvo de uma boa ação, e sempre demandava um esforço por parte de quem a fazia. Ainda assim, tinha que admitir que não havia nenhum esforço da parte de Lotty; estava bastante claro que tudo o que ela fazia e dizia era fácil e que ela estava simples e completamente feliz.

E era assim que a Sra. Wilkins estava; pois suas dúvidas a respeito de ter tempo de se firmar o suficiente na serenidade para continuar serena na companhia de Mellersh quando a tivesse vinte e quatro horas seguidas por dia já haviam sido sanadas no meio da semana, e ela sentia que agora nada poderia perturbá-la. Estava pronta para qualquer coisa. Estava firme, enraizada e fundamentada no paraíso. O que quer que Mellersh dissesse ou fizesse, ela não se afastaria nem um único centímetro do paraíso, não se exaltaria nem um instante nem ficaria zangada. Pelo contrário, ela ia puxá-lo para o seu lado, e eles se sentariam confortavelmente juntos, banhados de luz e ririam de quanto medo ela sentia dele em Hampstead e de como o medo a tornara insincera. Mas ele não precisaria ser puxado demais. Ele se entregaria naturalmente depois de um ou dois dias, flutuando irresistivelmente nas brisas perfumadas daquele ar divino; e ali ele se sentaria adornado de estrelas, pensou a Sra. Wilkins, em cuja mente, entre muitos outros detritos, flutuavam ocasionais fragmentos brilhantes de poesia. Ela riu um pouco para si diante da imagem de Mellersh, aquele respeitável advogado de família, de cartola, vestido de preto, adornado de estrelas, mas riu com afeto, quase com orgulho maternal de quão esplêndido ele ficaria em roupas tão finas.

— Pobrezinho — murmurou para si mesma carinhosamente. E acrescentou: — O que ele precisa é de uma completa mudança de ares.

Isso foi durante a primeira metade da semana. No início da última metade, ao final da qual o Sr. Wilkins chegou, ela parou até mesmo de se assegurar que era inabalável, de que estava tão permeada pela atmosfera que não se alteraria, que não pensava mais no assunto nem o notava; já o dava como certo. Se alguém podia dizer isso, e ela certamente podia, não apenas para si mesma, mas também para Lady Caroline, ela havia encontrado seu pedacinho de céu.

Ao contrário do que a Sra. Fisher achava decente — mas é claro que ao contrário; o que mais se poderia esperar da Sra. Wilkins? —, ela não foi encontrar o marido em Mezzago, simplesmente caminhou até o ponto em que a carruagem de Beppo o deixaria com sua bagagem na rua de Castagneto. A Sra. Fisher não gostava da chegada do Sr. Wilkins e tinha certeza de que qualquer pessoa que pudesse ter se casado com a Sra. Wilkins devia ter pelo menos uma disposição imprudente, mas um marido, qualquer que fosse sua disposição, deveria ser recebido adequadamente. O Sr. Fisher sempre fora recebido adequadamente. Nem uma vez sequer em sua vida de casado ele deixou de ser recebido na estação, nem jamais deixou de ser acompanhado até lá quando partia. Essas atenções, essas cortesias, fortaleciam os laços do casamento e faziam o marido sentir que podia confiar que sua esposa sempre estaria com ele. Estar sempre presente era o segredo fundamental para uma esposa. Ela preferia não pensar no que teria acontecido com o Sr. Fisher se ela tivesse deixado de agir de acordo com esse princípio. Já havia acontecido coisas suficientes com ele, mesmo ela agindo assim; pois, por mais cuidadosa que a pessoa fosse, a vida de casado ainda parecia ter rachaduras.

Mas a Sra. Wilkins não se preocupou. Ela apenas desceu a colina cantando — a Sra. Fisher podia ouvi-la — e pegou o marido na rua tão casualmente quanto se ele fosse um alfinete. As outras três, ainda na cama, pois não estava nem perto da hora de se levantar, a ouviram quando ela passou por baixo das janelas pelo caminho em zigue-zague para encontrar o Sr. Wilkins, que chegava

no trem da manhã, e Miúda sorriu, e Rose suspirou, e a Sra. Fisher tocou a sineta e pediu que Francesca lhe trouxesse o café da manhã no quarto. Todas as três tomaram café da manhã no quarto naquele dia, movidas por um instinto, comum a todas, de se esconder.

Miúda sempre tomava café da manhã na cama, mas tinha o mesmo instinto de se esconder e, durante o café da manhã, fazia planos para passar o dia inteiro onde estava. Talvez, porém, isso não fosse tão necessário naquele dia quanto no seguinte. Naquele dia, Miúda calculou, Mellersh seria cuidado. Ele gostaria de tomar um banho, e tomar um banho em San Salvatore era um trabalho elaborado, uma verdadeira aventura, se a pessoa quisesse um banho quente no banheiro, e levava muito tempo. Envolvia a presença de toda a criadagem — Domenico e o garoto Giuseppe fazendo a caldeira exclusiva queimar, contendo o fogo quando ficava muito alto, usando o fole quando ele ameaçava se extinguir, reacendendo-o quando se apagava; Francesca cuidando ansiosamente da torneira, regulando seu fluxo, porque, se fosse aberta em excesso, a água esfriava instantaneamente e, se não estivesse aberta o suficiente, a caldeira explodia por dentro e misteriosamente inundava a casa; e Costanza e Angela correndo de um lado para outro trazendo baldes de água quente da cozinha para complementar a que a torneira produzia.

Esta banheira havia sido instalada recentemente e era ao mesmo tempo o orgulho e o terror dos criados. Era muito exclusiva. Ninguém a entendia direito. Havia longas instruções para seu funcionamento correto penduradas na parede, nas quais a palavra *pericoloso* se repetia. Quando a Sra. Fisher, logo após chegar ao banheiro, viu essa palavra, voltou ao quarto e pediu um banho de esponja; e quando as outras descobriram o que significava usar o banheiro, e quão relutantes os criados ficavam em deixá-las sozinhas com a caldeira, e como Francesca absolutamente se recusava a fazê-lo e ficava de costas olhando a torneira, e como os outros criados esperavam ansiosamente do lado de fora da porta até a pessoa no banho sair em segurança, elas também optaram por banhos de esponja em seus quartos.

O Sr. Wilkins, no entanto, era um homem e certamente desejaria uma grande banheira. Miúda calculou que isso o manteria ocupado por um longo tempo. Depois ele desfaria as malas e então, após a noite no trem, provavelmente dormiria até a noite. Assim, ele estaria ocupado durante todo o dia e não ficaria livre até o jantar.

Portanto, Miúda chegou à conclusão de que ficaria bastante segura no jardim naquele dia, então, como de costume, se levantou depois do café da manhã, demorou para se vestir, ouvindo com atenção os sons da chegada do Sr. Wilkins, sua bagagem sendo transportada para o quarto de Lotty, do outro lado do corredor, sua voz educada perguntando a Lotty primeiro: “Dou alguma coisa a esse sujeito?” e imediatamente depois: “Posso tomar um banho quente?” — a voz de Lotty assegurando-lhe alegremente que ele não precisava dar nada ao homem, porque ele era o jardineiro e que, sim, poderia tomar um banho quente; e, logo depois disso, o corredor foi tomado pelos barulhos familiares de madeira e água sendo trazidas, pés correndo, línguas vociferando — na verdade, com a preparação do banho.

Miúda terminou de se vestir e depois ficou na janela, esperando até ouvir o Sr. Wilkins entrar no banheiro. Quando ele estivesse lá dentro com certeza, ela escaparia, se instalaria em seu jardim e retomaria seus questionamentos sobre o provável sentido de sua vida. Ela avançava em seus questionamentos. Cochilava com muito menos frequência e começava a concordar que fútil era a palavra se aplicava ao seu passado. Também estava com medo de que seu futuro parecesse sombrio.

— Ali. — Ela pôde ouvir a voz instruída do Sr. Wilkins novamente. A porta do quarto de Lotty se abriu e ele saiu, perguntando onde ficava o banheiro.

— É onde você vir a multidão — respondeu a voz de Lotty, ainda uma voz alegre, Miúda ficou feliz por notar.

Os passos dele seguiram pelo corredor, e os de Lotty pareceram descer as escadas, e então pareceu haver uma breve discussão na porta do banheiro — nem tanto uma discussão, estava mais para um coro de vociferações de um lado, e, do outro, uma determinação silenciosa de tomar banho sozinho, acreditava Miúda.

O Sr. Wilkins não sabia italiano, e a expressão *pericoloso* o deixou exatamente como o encontrara — ou teria deixado, se ele a tivesse visto, mas, naturalmente, não notou o material impresso na parede. Ele fechou a porta com firmeza na cara dos criados, resistindo a Domenico, que tentou entrar até o fim, e se trancou lá dentro como um homem deveria fazer para tomar banho, julgando, enquanto cuidava dos simples preparativos para entrar, o padrão de comportamento peculiar desses estrangeiros que, tanto homens quanto mulheres, aparentemente pretendiam ficar com ele enquanto se banhava. Na Finlândia, ele ouvira dizer, as mulheres nativas não apenas estavam presentes nessas ocasiões, como também lavavam o viajante em seu banho. No entanto, ele não ouvira dizer que isso também acontecia na Itália, que de alguma forma parecia muito mais próxima da civilização — talvez porque ele tivesse ido para lá, e não para a Finlândia.

Examinando com imparcialidade essa reflexão e equilibrando com cuidado as reivindicações de civilização da Itália e da Finlândia, o Sr. Wilkins entrou na banheira e fechou a torneira. Naturalmente ele fechou a torneira. Era o que se fazia. Mas as instruções, impressas em letras vermelhas, continham um parágrafo informando que a torneira não deveria ser fechada enquanto ainda houvesse fogo na caldeira. Deveria ficar aberta — não muito, mas aberta — até o fogo se extinguir; caso contrário, e aqui novamente aparecia a palavra *pericoloso*, o fogão explodiria.

Wilkins entrou na banheira, fechou a torneira e a caldeira explodiu, exatamente como informavam as instruções impressas. Por sorte, explodiu apenas por dentro, mas o fez com um barulho terrível, e o Sr. Wilkins saltou da banheira e correu para a porta, e apenas o instinto de anos de treinamento o fez pegar uma toalha enquanto ele corria.

Miúda, a meio caminho no corredor em direção às portas, ouviu a explosão.

“Deus do céu”, pensou ela, lembrando-se das instruções, “lá se vai o Sr. Wilkins!”

Ela correu em direção ao topo das escadas para chamar os criados e, enquanto isso, o Sr. Wilkins corria segurando a toalha, e eles se encontraram.

— Aquela maldita banheira! — gritou o Sr. Wilkins, não de todo escondido pela toalha, os ombros expostos em uma ponta e as pernas na outra, e Lady Caroline Dester, a pessoa por quem ele havia engolido toda a raiva de sua esposa e viera para a Itália.

Pois Lotty, em sua carta, contara a ele quem estava em San Salvatore além dela e da Sra. Arbuthnot, e o Sr. Wilkins percebeu no mesmo instante que aquela era uma oportunidade que talvez nunca se repetisse. Lotty dissera apenas: “Há duas outras mulheres aqui, a Sra. Fisher e Lady Caroline Dester”, mas isso bastou. Ele sabia tudo sobre os Droitwiches, sua riqueza, suas conexões, seu lugar na história e o poder que tinham, caso escolhessem exercê-lo, de fazer outro advogado feliz, acrescentando-o àqueles que já empregavam. Algumas pessoas contratavam um advogado para um ramo de seus negócios, e outro para outro. Os assuntos dos Droitwiches deviam contar com muitos ramos. Ele também ouvira — pois considerava que ouvir era parte de seu negócio, e, tendo ouvido, se lembrar — falar da beleza da única filha deles. Mesmo que os Droitwiches em pessoa não precisassem de seus serviços, a filha talvez precisasse. A beleza levava a situações estranhas; conselho nunca era demais. E se nenhum deles, nem os pais, nem a filha, nem algum dos filhos brilhantes, precisassem dele em sua capacidade profissional, ainda assim era obviamente muito valioso conhecê-los. Abria portas. Trazia muitas possibilidades. Ele pode continuar morando em Hampstead por anos e nunca mais ter outra chance.

Assim que recebeu a carta da esposa, enviou um telegrama e fez as malas. Tratavam-se de negócios. Ele não era homem de perder tempo quando se tratava de negócios; nem era homem de desperdiçar uma chance, deixando de ser amável. Foi perfeitamente amável quando encontrou a esposa, ciente de que, nessas circunstâncias, a amabilidade era sabedoria. Além disso, ele realmente se sentia amável — muito. Pela primeira vez, Lotty estava de fato o ajudando. Ele a beijou com carinho ao descer da carruagem de Beppo e receou que ela tivesse acordado muito cedo; não reclamou da inclinação da subida; contou-lhe com prazer sobre sua viagem e, quando solicitado, admirou com obediência as vistas. Estava tudo perfeitamente planejado em sua mente, o que ele faria naquele primeiro dia — fazer a barba, tomar banho, vestir roupas

limpas, dormir um pouco e depois viria o almoço e a apresentação a Lady Caroline.

No trem, escolhera as palavras de sua saudação, examinando-as com cuidado — uma ligeira expressão de sua satisfação por conhecer alguém sobre quem ele, assim como o mundo inteiro, ouvira falar —, mas, é claro, com delicadeza, muita delicadeza; alguma breve referência a seus ilustres pais e ao papel que sua família havia desempenhado na história da Inglaterra — feita, é claro, com tato apropriado; uma ou duas frases sobre seu irmão mais velho, Lorde Winchcombe, que recebera a cruz vitoriana no final da guerra, em circunstâncias que poderiam fazer apenas — ele podia ou não acrescentar isso — o coração de todo inglês bater mais forte do que nunca por orgulho, e os primeiros passos em direção ao que poderia ser o ponto da virada em sua carreira teriam sido dados.

E aqui estava ele... não, isso era terrível demais, o que poderia ser mais terrível? Apenas uma toalha, água escorrendo pelas pernas e aquela exclamação. Ele soube no mesmo instante que a dama era Lady Caroline — no minuto em que a exclamação saiu, ele soube. O Sr. Wilkins raramente usava aquela palavra, e nunca, nunca na presença de uma dama ou de um cliente. Quanto à toalha — por que ele viera? Por que não ficou em Hampstead? Seria impossível fazer com que ela se esquecesse disso.

Mas o Sr. Wilkins julgava mal a Miúda. Na verdade, assim que o viu, ela contorceu seu rosto surpreso num enorme esforço para não rir e, depois de engolir o riso e manter o rosto sério novamente, disse com a mesma compostura como se ele tivesse completamente vestido:

— Como vai?

Que educação perfeita. O Sr. Wilkins poderia tê-la adorado. Essa desatenção requintada. O sangue azul, é claro, entrando em ação.

Subjugado pela gratidão, ele pegou a mão que ela oferecia e disse por sua vez:

— Como vai? — E apenas repetir aquelas palavras comuns pareceu restaurar magicamente a situação ao normal. De fato, ele estava tão aliviado, e era tão natural apertar as mãos, ser convencionalmente cumprimentado, que ele esqueceu que estava

apenas com uma toalha e recuperou a atitude profissional. Ele se esqueceu de sua aparência, mas não se esqueceu de que aquela era Lady Caroline Dester, a dama que ele viera até a Itália para encontrar, e não se esqueceu de que foi na frente dela, de seu rosto adorável e importante, que lançara aquela terrível exclamação. Devia pedir desculpas imediatamente. Dizer uma palavra daquelas a uma dama — a qualquer dama, mas a esta entre todas as mulheres...

— Receio ter usado uma linguagem imperdoável — começou o Sr. Wilkins com muita sinceridade, tão sincero e cerimonioso quanto se estivesse vestido.

— Eu achei muito apropriado — respondeu Miúda, acostumada a imprecações.

O Sr. Wilkins ficou incrivelmente aliviado e tranquilizado pela resposta. Então ela não se ofendera. O sangue azul outra vez. Somente o sangue azul poderia ter uma atitude tão liberal e compreensiva.

— É com Lady Caroline Dester, não é, que estou falando? — perguntou ele, e sua voz soou ainda mais cuidadosamente educada do que o habitual, pois ele tinha que restringir todo o prazer, todo o alívio, toda a alegria do perdão e da absolvição.

— Sim — disse Miúda; e por mais que tentasse, não pôde deixar de sorrir. Não pôde evitar. Não pretendia sorrir para o Sr. Wilkins, nunca; mas na verdade ele parecia... e então a voz daquele homem estava acima do resto dele, alheia à toalha e às pernas, e falando como se estivesse numa igreja.

— Permita-me me apresentar — disse Wilkins, com a cerimônia de uma sala de visitas. — Meu nome é Mellersh-Wilkins.

E ele instintivamente estendeu a mão pela segunda vez ao dizer essas palavras.

— Achei que fosse — disse Miúda, pela segunda vez tendo a mão apertada e, pela segunda vez, incapaz de não sorrir.

Ele estava prestes a prosseguir com o primeiro dos tributos graciosos que preparara no trem, alheio, como não podia ver a si mesmo, ao fato de estar sem roupas, quando os criados subiram correndo as escadas e, ao mesmo tempo, a Sra. Fisher apareceu na porta de sua sala de estar. Pois tudo isso aconteceu muito

rapidamente, e os criados vindo da cozinha, e a Sra. Fisher vindo das ameias, não tiveram tempo de, após ouvirem o barulho, chegar antes do segundo aperto de mão.

Os criados, quando ouviram o pavoroso barulho, souberam no mesmo instante o que havia acontecido e correram direto para o banheiro, a fim de tentar estancar o dilúvio, sem notar o homem de toalha no corredor, mas a Sra. Fisher não sabia o que podia ser aquele barulho e, saindo de seus aposentos para perguntar, ficou parada, como se enraizada, no limiar da porta.

Aquilo era suficiente para enraizar qualquer um. Lady Caroline apertando a mão do que evidentemente, se estivesse vestido, seria o marido da Sra. Wilkins, e os dois conversavam como se...

Então Miúda notou a presença da Sra. Fisher. Virou-se para ela imediatamente.

— Deixe-me apresentar — disse ela, graciosa — o Sr. Mellersh-Wilkins. Ele acabou de chegar. Esta — acrescentou ela, virando-se para o Sr. Wilkins — é a Sra. Fisher.

E o Sr. Wilkins, nada além de cortês, reagiu no mesmo instante à fórmula convencional. Primeiro fez uma reverência para a senhora idosa na porta, depois foi até ela, os pés molhados deixando pegadas enquanto ele andava, e, chegando a ela, educadamente estendeu a mão.

— É um prazer — disse o Sr. Wilkins em sua voz cuidadosamente modulada — conhecer uma amiga da minha esposa.

Miúda escapuliu para o jardim.

15

O efeito estranho desse incidente foi que, quando se encontraram naquela noite no jantar, tanto a Sra. Fisher quanto Lady Caroline tiveram um sentimento singular de entendimento secreto com o Sr. Wilkins. Ele não poderia ser para elas como outros homens. Não poderia ser para elas como teria sido se o tivessem conhecido de roupas. Havia uma sensação de gelo quebrado; elas se sentiram ao mesmo tempo íntimas e indulgentes; quase sentiram por ele o que as enfermeiras sentem — como se sentem as pessoas que ajudam

pacientes ou crianças pequenas em seus banhos. Elas estavam familiarizadas com as pernas do Sr. Wilkins.

Nunca saberemos o que a Sra. Fisher disse a ele naquela manhã, em seu primeiro choque, mas o que o Sr. Wilkins disse a ela em resposta, quando o que ela lhe disse o lembrou de sua condição, foi de tal elegância em suas desculpas, tão apropriado em sua confusão, que ela acabara sentindo pena dele e completamente clemente. Afinal, tinha sido um acidente e ninguém podia evitar acidentes. E quando ela o viu no jantar, vestido, educado, com um terno de linho impecável e o cabelo reluzente, teve uma sensação singular de entendimento secreto com ele e, além disso, um tipo de orgulho quase pessoal por sua aparência, agora que ele estava vestido, o que logo se estendeu de alguma maneira sutil a um orgulho quase pessoal por tudo o que ele dizia.

Não havia dúvida de que, na mente da Sra. Fisher, a companhia de um homem era infinitamente preferível a de uma mulher. A presença e a conversa do Sr. Wilkins elevaram imediatamente o padrão da mesa de jantar de uma arena de ursos — sim, uma arena de ursos, em que os animais eram presos e atormentados — para uma reunião social civilizada. Ele falava como os homens falavam, sobre assuntos interessantes e, apesar de muito cortês com Lady Caroline, não mostrava sinais de se dissolver em brincadeiras e idiotice sempre que se dirigia a ela. Ele era, de fato, igualmente cortês com a própria Sra. Fisher; e quando a política foi abordada pela primeira vez naquela mesa, ele a ouviu com a seriedade adequada quando ela demonstrou vontade de falar e tratou suas opiniões com a atenção que mereciam. Ele parecia pensar o mesmo que ela sobre Lloyd George e, em relação à literatura, era igualmente sensato. De fato, houve uma conversa real, e ele gostava de nozes. Como pôde ter se casado com a Sra. Wilkins era um mistério.

Lotty, por sua vez, estava de olhos arregalados. Ela esperava que Mellersh levasse pelo menos dois dias antes de chegar a esse estágio, mas o feitiço de San Salvatore agiu instantaneamente. Não era só porque ele estava sendo agradável no jantar, pois sempre era agradável em jantares com outras pessoas, mas fora agradável o dia inteiro em particular — tão agradável que elogiou a aparência

dela enquanto ela penteava o cabelo e a beijou. Ele a beijou! E não era um beijo de bom-dia nem de boa-noite.

Bem, assim sendo, ela deixaria para contar a verdade sobre seu pé-de-meia e sobre Rose não ser sua anfitriã no dia seguinte. Uma pena estragar as coisas. Ela falaria tudo assim que ele tivesse descansado um pouco, mas parecia uma pena perturbar um estado de espírito tão bonito como o de Mellersh naquele primeiro dia. Deixaria que ele também estivesse mais firmado no paraíso. Uma vez firmado, ele não se importaria com nada.

O rosto dela brilhava em deleite com o efeito instantâneo de San Salvatore. Nem mesmo a catástrofe do banho, sobre a qual lhe contaram quando ela foi ao jardim, o abalou. Estava claro que tudo de que ele precisava eram férias. Como ela fora grosseira quando ele quis trazê-la à Itália. Mas esse arranjo, o modo como as coisas aconteceram, era muito melhor, embora não por mérito dela. Ela falava e ria alegremente, sem um pinga de medo dele, e mesmo quando disse, impressionada com a impecabilidade do marido, que ele parecia tão limpo que se podia comer o jantar nele, e Miúda riu, Mellersh riu também. Ele teria se importado com isso em casa, supondo que ela tivesse tido a ousadia de dizer isso em casa.

Foi uma noite excelente. Miúda, sempre que olhava para o Sr. Wilkins, o via em sua toalha, pingando água, e se sentia indulgente. A Sra. Fisher ficou encantada com ele. Rose era uma anfitriã digna aos olhos do Sr. Wilkins, tranquila e digna, e ele admirava o modo como ela renunciava ao seu direito de presidir a cabeceira da mesa — como um elogio gracioso, é claro, à idade da Sra. Fisher. Na opinião do Sr. Wilkins, a Sra. Arbuthnot era naturalmente reservada. Era a mais reservada das três damas. Antes do jantar, ele a encontrara sozinha por um momento na sala de estar e expressara, em linguagem apropriada, sua gratidão pela generosidade dela em querer que ele se juntasse ao grupo, e ela fora reservada. Seria tímida? Provavelmente. Ela corou e murmurou como se em desaprovação, e então as outras entraram. No jantar, foi a que menos falou. É claro que ele se familiarizaria melhor com ela durante os próximos dias e seria um prazer, tinha certeza.

Enquanto isso, Lady Caroline era tudo e muito mais que o Sr. Wilkins tinha imaginado e recebera seus discursos, trabalhados com

maestria entre os pratos, graciosamente; a Sra. Fisher era exatamente a velha senhora que ele esperara encontrar durante toda a sua vida profissional; e Lotty não apenas melhorara imensamente com Lady Caroline, mas sem dúvida estava *au mieux* — o sr. Wilkins sabia o básico de francês. Durante o dia, ele ficou muito atormentado ao pensar em como conversara com Lady Caroline se esquecendo de que não estava vestido e finalmente escreveu um bilhete para ela pedindo as mais profundas desculpas e implorando que ela ignorasse seu incrível e incompreensível esquecimento, ao que ela respondeu a lápis na parte de trás do envelope: “Não se preocupe.” E ele obedeceu aos seus comandos e deixou o assunto de lado. O resultado era que agora estava muito satisfeito. Antes de dormir naquela noite, ele beliscou a orelha da esposa. Ela ficou impressionada. Aqueles carinhos...

Além do mais, a manhã não trouxe recaída alguma para o Sr. Wilkins, e ele se manteve alegre durante todo o dia, apesar de ser o primeiro dia da segunda semana e, portanto, dia do pagamento.

O dia do pagamento antecipou a confissão de Lotty, que, quando chegou a hora, estava inclinada a adiar um pouco mais. Ela não sentia medo, ousava qualquer coisa, mas Mellersh estava com um humor tão admirável — por que arriscar nublá-lo? Quando, porém, logo após o café da manhã, Costanza apareceu com uma pilha de papezinhos muito sujos, cheios de contas feitas a lápis — depois de bater à porta da Sra. Fisher e ser mandada embora, e também à porta de Lady Caroline e ser mandada embora, e à porta de Rose sem obter resposta porque ela saíra, e emboscar Lotty, que mostrava a casa para Mellersh —, apontou para os pedaços de papel e falou muito rápido e alto e, com um grande dar de ombros, continuou apontando os pedaços de papel, Lotty se lembrou de que uma semana havia se passado sem que ninguém pagasse nada a ninguém e que chegara o momento de acertar as contas.

— Essa boa senhora quer alguma coisa? — indagou o Sr. Wilkins com tom alegre.

— Dinheiro — disse Lotty.

— Dinheiro?

— São as contas de manutenção da casa.

— Bem, você não tem nada a ver com isso — disse o Sr. Wilkins, sereno.

— Ah, sim, eu tenho...

E a confissão foi antecipada.

Mellersh recebeu aquilo maravilhosamente. Seria de imaginar que a única ideia dele para o pé-de-meia é que fosse gasto exatamente nisso. Ele não a interrogou, como teria feito em casa; aceitou tudo o que vinha à tona, sobre as mentiras da esposa e tudo mais, e, quando ela terminou e disse:

— Você tem todo o direito de ficar zangado, creio, mas espero que não fique e que me perdoe.

Ele apenas perguntou:

— O que pode ser mais benéfico do que essas férias?

Então ela passou os braços em volta do braço dele, segurou-o com força e disse:

— Ah, Mellersh, você é realmente muito gentil! — Seu rosto ficou vermelho de orgulho dele.

O fato de ele assimilar tão depressa a atmosfera, de imediatamente se tornar nada menos que gentil, mostrava com certeza a verdadeira afinidade que ele tinha por coisas boas e bonitas. Ele pertencia naturalmente àquele lugar de calma celestial. Ele era por natureza — e era extraordinário como ela o julgara mal — um filho da luz. Sem se importar com as terríveis mentiras que ela inventara antes de sair de casa; passando por cima delas sem nenhum comentário. Maravilhoso. No entanto, não era maravilhoso, pois ele não estava no paraíso? No paraíso, ninguém se importava com nada disso, nem se dava ao trabalho de perdoar ou esquecer, porque estava feliz demais. Ela apertou seu braço com força em gratidão e apreciação; e, embora ele não tenha se afastado, não retribuiu ao aperto dela. O Sr. Wilkins tinha o hábito de ser frio e raramente desejava realmente abraçar.

Enquanto isso, Costanza, percebendo que havia perdido a atenção dos Wilkins, retornara à Sra. Fisher, que pelo menos entendia italiano, além de claramente ser, aos olhos dos criados, a pessoa do grupo marcada pela idade e pela aparência como a responsável por pagar as contas; e para ela, enquanto a Sra. Fisher dava os toques finais em sua *toilette*, pois se preparava, o que

significava colocar um chapéu, véu, boá e luvas, para dar seu primeiro passeio no jardim inferior — positivamente o primeiro desde sua chegada —, explicou que, a menos que recebesse dinheiro para pagar as contas da semana anterior, as lojas de Castagneto recusariam crédito para a comida dessa semana. Nem lhes dariam crédito para as refeições daquele dia, afirmou Costanza, que vinha gastando muito e estava ansiosa para pagar a todos os seus contatos o que lhes era devido e também para descobrir como suas anfitriãs encarariam aquilo. Logo seria a hora da *colazione*, e como poderia haver *colazione* sem carne, sem peixe, sem ovos, sem...

A Sra. Fisher pegou as contas da mão dela e olhou para o total; e ficou tão espantada com o valor, tão horrorizada com a extravagância que aquilo demonstrava, que se sentou à escrivaninha para examinar tudo minuciosamente.

Costanza teve uma péssima meia hora. Ela não supunha que os ingleses fossem tão mercenários. E então *la Vecchia*, como era chamada na cozinha, sabia muito italiano e, com uma obstinação que encheu Costanza de vergonha por ela, pois tal conduta era a última que se esperava dos nobres ingleses, ela examinou item por item, exigindo explicações e insistindo até que as tivesse.

Não havia explicações, exceto que Costanza tivera uma semana gloriosa, fazendo exatamente o que escolhia, de esplêndida liberdade desenfreada, e esse era o resultado.

Costanza, por não ter explicações, chorou. Era lamentável pensar que a partir de agora teria que cozinhar sob vigilância, sob suspeita; e o que seus contatos diriam quando descobrissem que os pedidos que receberiam seriam reduzidos? Eles diriam que ela não tinha influência; eles a desprezariam.

Costanza chorou, mas a Sra. Fisher não se comoveu. Em um italiano lento e esplêndido, com o ritmo dos cantos do Inferno, ela informou que não pagaria contas até a semana seguinte e que, enquanto isso, a comida teria que ser exatamente tão boa como sempre, e a um quarto do custo.

Costanza jogou as mãos para o alto.

Na semana seguinte, prosseguiu a Sra. Fisher indiferente, se achasse que tinha sido igualmente boa, pagaria o valor total. Do contrário — fez uma pausa; pois ela mesma não sabia o que faria.

Mas fez uma pausa e parecia impenetrável, majestosa e ameaçadora, e Costanza se sentiu intimidada.

Então a Sra. Fisher, depois de dispensá-la com um gesto, foi procurar Lady Caroline para reclamar. Tinha a impressão de que Lady Caroline era quem dava as ordens para a cozinha e, portanto, era responsável pelos valores, mas agora parecia que a cozinheira tinha sido deixada por conta própria desde que chegaram, o que, claro, era simplesmente vergonhoso.

Miúda não estava em seu quarto, mas o cômodo, quando a Sra. Fisher abriu a porta, pois suspeitava que ela estivesse ali e apenas fingisse não ouvir a batida, ainda florescia com sua recente presença.

— Perfume. — A Sra. Fisher cheirou, fechando a porta outra vez; e ela desejou que Carlyle pudesse ter tido cinco minutos de conversa com essa jovem. No entanto, talvez até ele...

Ela desceu as escadas para ir ao jardim atrás dela e encontrou o Sr. Wilkins no corredor. Ele estava de chapéu e acendia um charuto.

Por mais indulgente que a Sra. Fisher se sentisse em relação ao Sr. Wilkins, e peculiar e até misticamente ligada a ele após o encontro da manhã anterior, ela ainda não gostava de charutos dentro de casa. Do lado de fora, ela os tolerava, mas não era necessário manter esse hábito no interior da casa, quando lá fora havia um espaço tão grande. Ela tinha que reconhecer que até o Sr. Fisher, originalmente um homem de hábitos teimosos, abrira mão desse logo após o casamento.

No entanto, o Sr. Wilkins, tirando o chapéu ao vê-la, imediatamente jogou o charuto fora. Ele o jogou na água que provavelmente havia em um grande vaso de lírios, e a Sra. Fisher, ciente do valor que os homens atribuem aos seus charutos recém-acesos, não pôde deixar de se impressionar com essa amável honra imediata e magnífica.

Mas o charuto não chegou à água. Ficou preso nos lírios e queimou sozinho entre eles, um objeto estranho e de aparência depravada.

— Aonde você vai, minha que... — começou o Sr. Wilkins, avançando em direção à Sra. Fisher; mas parou bem a tempo.

Os espíritos da manhã o faziam se dirigir à Sra. Fisher com os versos de uma cantiga de ninar? Ele nem sabia que conhecia aquela canção. Muito estranho. O que poderia ter colocado essa cantiga, num momento como aquele, em sua cabeça tão controlada? Ele sentia um grande respeito pela Sra. Fisher, e não a insultaria a abordando como se fosse uma criada, querida ou não. Ele queria ficar bem com ela. Ela era uma mulher sábia, e também, ele suspeitava, de posses. No café da manhã, eles estiveram muito satisfeitos juntos, e ele ficou impressionado com a aparente intimidade dela com pessoas famosas. Vitorianos, é claro; mas era reconfortante conversar sobre elas depois da tensão das festas georgianas de seu cunhado em Hampstead Heath. Sentia que ele e ela estavam se dando bem. Ela já mostrava todos os sinais de querer se tornar sua cliente. Por nada nesse mundo ele a ofenderia. Tornou-se um pouco frio para conseguir sair daquela situação.

No entanto, ela não notou.

— Está saindo — disse ele educadamente, de prontidão para acompanhá-la, caso ela confirmasse sua suposição.

— Quero encontrar Lady Caroline — disse a Sra. Fisher, indo em direção à porta de vidro que dava para o jardim superior.

— Uma missão agradável — observou o Sr. Wilkins. — Posso ajudar na busca? Permita-me... — acrescentou ele, abrindo a porta para ela.

— Ela geralmente fica sentada naquele canto atrás dos arbustos — informou a Sra. Fisher. — E não sei se é uma busca agradável. Ela tem deixado as contas subirem da maneira mais terrível e precisa de uma boa bronca.

— Lady Caroline? — perguntou o Sr. Wilkins, incapaz de entender aquela atitude. — Se me permite perguntar, o que Lady Caroline tem a ver com as contas aqui?

— Os cuidados com a casa foram deixados a seu encargo e, como todas dividimos as despesas, deveria ter sido uma questão de honra para ela...

— Mas... Lady Caroline cuidando da casa para todo o grupo? Um grupo que inclui minha esposa? Minha querida senhora, você me deixa sem palavras. Não sabe que ela é filha dos Droitwiches?

— Ah, então é isso que ela é — disse a Sra. Fisher, espremendo-se pesadamente sobre as pedras em direção ao canto escondido. — Bem, isso explica tudo. A confusão que esse tal de Droitwich fez em sua divisão na guerra foi um escândalo nacional. Isso equivale à apropriação indevida de dinheiro público.

— Mas é impossível, asseguro-lhe, esperar que a filha dos Droitwiches... — começou o Sr. Wilkins sinceramente.

— Os Droitwiches — interrompeu a Sra. Fisher — não têm nada a ver com isso. Deveres assumidos devem ser cumpridos. Não pretendo que meu dinheiro seja desperdiçado por causa de qualquer Droitwich.

Uma velha teimosa. Talvez não tão fácil de lidar como ele esperava. Mas muito rica. Apenas a certeza de grande riqueza a faria desprezar assim os Droitwiches. Lotty, ao ser interrogada, tinha sido vaga sobre a situação dela e descrevera sua casa como um mausoléu com peixes dourados nadando no interior; mas agora ele tinha certeza de que ela estava mais do que muito bem de vida. Ainda assim, naquele momento desejou não ter se juntado a ela, pois não tinha a menor intenção de estar presente em um espetáculo como a repreensão de Lady Caroline Dester.

Mais uma vez, no entanto, ele subestimava Miúda. O que quer que ela tenha sentido quando ergueu os olhos e viu o Sr. Wilkins descobrindo seu refúgio naquela primeira manhã, o que surgiu em seu rosto não foi nada além de um ar angelical. Ela tirou os pés do parapeito, para que a Sra. Fisher se sentasse nele e, ouvindo com seriedade suas observações iniciais de que não tinha dinheiro para desperdiçar com despesas domésticas imprudentes e descontroladas, interrompeu suas palavras puxando uma das almofadas de trás da cabeça e a oferecendo a ela.

— Sente-se nisto — disse Miúda, a estendendo. — Você ficará mais confortável.

O Sr. Wilkins se adiantou para pegar a almofada com ela.

— Ah, obrigada — disse a Sra. Fisher, interrompida.

Foi difícil voltar ao ritmo. O Sr. Wilkins colocou a almofada com cuidado entre a Sra. Fisher ligeiramente levantada e a pedra do parapeito, e mais uma vez ela teve que dizer “obrigada”. Então aquilo havia sido interrompido. Além disso, Lady Caroline não disse

nada em sua defesa; apenas olhou para ela e ouviu com o rosto de um anjo atento.

Parecia ao Sr. Wilkins que devia ser difícil repreender uma Dester com aquela aparência e que tão requintadamente nada dizia. A própria Sra. Fisher, ele ficou feliz em ver, pouco a pouco também começou a achar difícil, pois sua severidade abrandou e ela terminou dizendo fracamente:

— Você deveria ter me dito que não estava cuidando disso.

— Eu não sabia que você achava que eu estivesse — respondeu a voz adorável.

— Agora eu gostaria de saber — disse a Sra. Fisher — o que você propõe fazer pelo resto do tempo aqui.

— Nada — disse Miúda, sorrindo.

— Nada? Você quer dizer...

— Se me permitem, senhoras — interveio o Sr. Wilkins da maneira mais suave e profissional possível —, fazer uma sugestão — as duas olharam para ele e se lembraram de quando o viram pela primeira vez —, eu as aconselho a não estragarem férias tão agradáveis com preocupações com a manutenção da casa.

— Exatamente — disse a Sra. Fisher. — É o que pretendo evitar.

— Muito sensato — disse o Sr. Wilkins. — Então por que não conceder à cozinheira, uma excelente cozinheira, por sinal, um valor *per diem* — o Sr. Wilkins sabia que era necessário dizê-lo em latim — e explicar a ela que, por essa quantia, deve alimentá-las, e tão bem quanto sempre? Pode-se facilmente calcular isso. As taxas de um hotel moderado, por exemplo, serviriam de base, reduzidas pela metade ou, talvez, até a um quarto.

— E essa semana que passou? — perguntou a Sra. Fisher. — As contas terríveis desta primeira semana? E quanto a elas?

— Elas serão meu presente para San Salvatore — disse Miúda, que não gostava da ideia de o pé-de-meia de Lotty ser reduzido muito além do que ela estava preparada.

Houve um silêncio. O chão foi arrancado dos pés da Sra. Fisher.

— Claro, se você decide gastar seu dinheiro... — disse ela por fim, desaprovando, mas imensamente aliviada, enquanto o Sr. Wilkins estava extasiado ao contemplar as preciosas qualidades do sangue azul.

Por exemplo, essa prontidão em não se incomodar com dinheiro, essa generosidade — não era apenas o que se admirava nos outros, admirava isso nos outros talvez mais do que qualquer outra coisa, mas era extraordinariamente útil para as classes profissionais. Quando era encontrada, devia ser calorosamente encorajada. A Sra. Fisher não era calorosa. Ela aceitou — de onde ele deduziu que sua riqueza devia ser bem parecida —, mas de má vontade. Presentes eram presentes, e ele acreditava que, como se dizia, a cavalo dado não se olham os dentes. E se Lady Caroline sentia prazer em presentear a esposa dele e a Sra. Fisher com toda a comida por uma semana, era obrigação deles aceitar com graça. Uma pessoa não deve desencorajar presentes.

Em nome de sua esposa, então, o Sr. Wilkins expressou o que ela gostaria de expressar e observou para Lady Caroline — com um toque de leveza, pois os presentes deveriam ser aceitos sem constranger o doador — que, nesse caso, ela havia sido a anfitriã de sua esposa desde sua chegada, então se virou quase alegremente para a Sra. Fisher e disse que ela e a esposa dele agora deviam escrever juntas para Lady Caroline a tradicional carta de agradecimento pela hospitalidade.

— Uma Collins — disse o Sr. Wilkins, que sabia o que era necessário de literatura. — Prefiro o nome Collins para essa carta. Vamos chamá-la de Collins.

Miúda sorriu e estendeu a cigarreira. A Sra. Fisher não pôde deixar de ser apaziguada. Uma forma de evitar o desperdício tinha sido encontrada, graças ao Sr. Wilkins, e ela odiava tanto o desperdício quanto ter que pagar por ele; também encontraram uma forma de cuidar das tarefas da casa. Por um momento, ela achou que, se todos tentassem forçá-la a cuidar das tarefas domésticas nas breves férias dela por indiferença (Lady Caroline) ou incapacidade de falar italiano (as outras duas), ela teria que chamar Kate Lumley no fim. Kate poderia fazer isso. Kate e ela aprenderam italiano juntas. Kate só teria permissão de vir se cuidasse dessa parte.

Mas isso era muito melhor, essa solução do Sr. Wilkins. De fato, um homem muito superior. Não havia companhia tão lucrativa e prazerosa quanto a de um homem inteligente, não muito jovem. E,

quando ela se levantou, com o assunto que a levara até ali resolvido, e disse que pretendia dar um curto passeio antes do almoço, o Sr. Wilkins não ficou com Lady Caroline, como ela temia que teria feito a maioria dos homens que ela conhecia — ele pediu permissão para passear com ela; de modo que ele evidentemente preferia conversas a rostos bonitos. Um homem sensato e sociável. Um homem inteligente e letrado. Um homem do mundo. Um homem. Ela estava muito feliz por não ter escrito para Kate no outro dia. O que ela ia querer com Kate? Tinha encontrado uma companhia melhor.

Mas o Sr. Wilkins não acompanhou a Sra. Fisher por causa de sua conversa, mas porque, quando ela se levantou e ele se levantou porque ela se levantara, com a única intenção de ajudá-la a sair do recesso, Lady Caroline colocou os pés no parapeito novamente e, ajeitando a cabeça de lado nas almofadas, fechou os olhos.

A filha dos Droitwiches desejava dormir.

Não seria ele que ficaria ali para impedi-la.

16

E assim começou a segunda semana, e tudo estava em harmonia. A chegada do Sr. Wilkins, em vez de perturbar a harmonia existente, como três do grupo temiam e a quarta só foi protegida de temer por sua fé ardente no efeito que San Salvatore teria sobre ele, a aumentou. Ele se encaixou. Estava determinado a agradar, e agradou. Era muito amável com a esposa — não apenas em público, como ela estava acostumada, mas em particular, quando ele certamente não teria sido se não quisesse. Ele queria. Estava tão agradecido, tão satisfeito com ela, por tê-lo apresentado a Lady Caroline, que se sentiu realmente apaixonado por ela. E também orgulhoso; pois devia haver, refletiu ele, muito mais nela do que supunha para que Lady Caroline tivesse se tornado tão íntima dela e tão afetuosa. E quanto mais ele a tratava como se ela fosse realmente muito boa, mais Lotty florescia e se tornava realmente muito boa, e mais ele, por sua vez, também se tornava muito bom; de modo que eles davam voltas e voltas nesse círculo, não vicioso, mas altamente virtuoso.

Definitivamente, Mellersh a acariciava. Mellersh nunca fora de muitos carinhos, porque era, por natureza, um homem frio; no entanto, San Salvatore, como Lotty supunha, exercia tanta influência nele que nessa segunda semana ele às vezes apertava as duas orelhas dela, uma após a outra, em vez de apenas uma; e Lotty, maravilhada com a afeição tão rapidamente em desenvolvimento, imaginou o que ele faria, caso continuasse nesse ritmo, na terceira semana, quando seu suprimimento de orelhas chegasse ao fim.

Ele era particularmente gentil com o lavatório e genuinamente tentava não ocupar muito espaço no pequeno quarto. Pronta para retribuir, Lotty mostrava-se ainda mais desejosa de não ficar no seu caminho; e o quarto se tornou palco de muitos combates afetuosos de *générosité*, cada um deles os deixando mais satisfeitos do que nunca um com o outro. Ele não voltou a tomar banho no banheiro, embora tivesse sido consertado e estivesse pronto para ele, mas se levantava todas as manhãs e ia ao mar e, apesar das noites frias que deixavam a água gelada bem cedo, ele mergulhava como um homem faria e chegava para o café da manhã esfregando as mãos e se sentindo, como disse à Sra. Fisher, pronto para qualquer coisa.

A crença de Lotty na influência irresistível da atmosfera paradisíaca de San Salvatore era obviamente justificada, e o Sr. Wilkins, que Rose sabia ser assustador e que Miúda imaginou ser frio e cruel, se mostrar um homem tão evidentemente mudado, fez tanto Rose quanto Miúda começarem a pensar que, afinal, poderia haver alguma verdade naquilo em que Lotty tanto insistia, e que San Salvatore de fato purificava as pessoas.

Elas eram as mais inclinadas a pensar assim, porque também sentiam uma mudança dentro de si: sentiam mais clareza, as duas, naquela segunda semana — Miúda em seus pensamentos, muitos dos quais agora eram bastante agradáveis, realmente amáveis, a respeito de seus pais e parentes, com um vislumbre de reconhecimento dos benefícios extraordinários que ela havia recebido das mãos — do quê? Do destino? Da providência? —, não importava, de alguma coisa, e depois de recebê-los, ela os desperdiçara não conseguindo ser feliz; e Rose em seu peito, que, embora ainda ansiasse, ansiava por algum propósito, pois chegava à conclusão de que apenas ansiar sem fazer nada era inútil e que,

de algum modo, deveria parar de ansiar e dar ao menos uma chance — remota, mas ainda uma chance — de se aquietar escrevendo para Frederick e o convidando para vir.

Se o Sr. Wilkins poderia ser mudado, pensou Rose, por que não Frederick? Como seria maravilhoso, muito maravilhoso, se aquele lugar também funcionasse nele e fosse capaz de fazê-los entender um pouco um ao outro e até ficarem um pouco amigos. Rose, que até esse momento tinha sentido sua personalidade se perder e se soltar, agora começava a pensar que sua desaprovação obstinada sobre os livros dele e sua dedicação austera a boas obras haviam sido tolas e talvez até erradas. Ele era seu marido, e ela o havia assustado. Ela havia afastado o amor, o precioso amor, e isso não podia ser bom. Lotty não estava certa no outro dia, quando disse que nada além de amor importava? Sem dúvida nada parecia muito útil a menos que fosse construído com amor. Mas uma vez afastado, ele poderia voltar? Sim, poderia, nessa beleza, nessa atmosfera de felicidade que Lotty e San Salvatore pareciam espalhar como uma infecção divina.

No entanto, primeiro ela tinha que conseguir trazê-lo, e ele certamente não viria se ela não lhe escrevesse e dissesse onde estava.

Ela escreveria. Devia escrever; pois, se o fizesse, havia pelo menos uma chance de que ele viesse, e, se não o fizesse, não havia absolutamente nenhuma. E então, uma vez aqui nesta beleza, com tudo ao redor sendo tão suave, gentil e doce, seria mais fácil dizer a ele, tentar explicar, pedir algo diferente, pelo menos uma tentativa de algo diferente em suas vidas no futuro, em vez do vazio da separação, o frio — ah, o frio — de nada além da grande brisa da fé, a grande desolação das obras. Ora, uma pessoa no mundo, uma única pessoa a quem pertencer, que fosse sua, alguém para conversar, cuidar, amar, se interessar, valia mais do que todos os discursos nos púlpitos e todos os presidentes de organizações do mundo. Também valia mais — Rose não podia evitar esse pensamento — do que todas as orações.

Esses pensamentos não vinham de sua cabeça, como os de Miúda, que eram completamente livres de anseios, mas sim de seu âmago. Eles se alojaram em seu peito; era o peito de Rose que

doía, e ela se sentia terrivelmente sozinha. E quando a coragem lhe faltou, como na maioria dos dias, e parecia impossível escrever para Frederick, ela olhava para o Sr. Wilkins e revivia.

Ali estava ele, um homem mudado. Ali estava ele, entrando naquele quarto pequeno e desconfortável todas as noites, naquele cômodo cuja proximidade tinha sido a única preocupação de Lotty, e saindo dele pela manhã, e Lotty saindo dele também, os dois tão despreocupados e tão gentis um com o outro quanto quando entraram. E ele, que, como Lotty lhe dissera, em casa era tão crítico com a menor coisa que desse errado, não tinha saído da catástrofe do banho tão intocado em espírito quanto Sadraque, Mesaque e Abede-Nego saíram intocados do fogo? Milagres aconteciam nesse lugar. Se podiam acontecer com o Sr. Wilkins, por que não com Frederick?

Ela se levantou depressa. Sim, escreveria. Ela escreveria para ele nesse instante.

Mas e se...

Ela fez uma pausa. E se ele não respondesse? E se ele nem sequer respondesse?

E ela se sentou outra vez para pensar um pouco mais.

Rose passou a maior parte da segunda semana nessas hesitações.

Depois havia a Sra. Fisher. Sua inquietação aumentou naquela segunda semana. Aumentou a tal ponto que ela poderia muito bem não ter sua sala de estar privativa, pois não conseguia mais ficar sentada. A Sra. Fisher não conseguia ficar sentada nem por dez minutos seguidos. E além da inquietação, à medida que os dias da segunda semana se passavam, ela teve uma curiosa sensação, o que a preocupou, de um vigor crescente. Ela conhecia a sensação, porque às vezes a experimentara na infância, especialmente nas breves primaveras, quando os diferentes tipos de lilases pareciam desabrochar em uma única noite, mas era estranho sentir isso outra vez, depois de mais de cinquenta anos. Ela gostaria de comentar sobre essa sensação com alguém, mas sentia vergonha. Era uma sensação absurda em sua idade. No entanto, a cada dia, a Sra. Fisher tinha mais e mais a sensação ridícula de que estava florescendo.

Com severidade, tentou franzir a testa para esconder a sensação indecorosa. Ora, florescer! Ela ouvira falar de cajados secos, pedaços de madeira morta, que de repente produziam novas folhas, mas apenas em lendas. Ela não era uma lenda. Sabia perfeitamente qual era seu lugar. Na sua idade, a dignidade exigia que ela não tivesse nada a ver com folhas novas; e ainda assim ali estava — a sensação de que, a qualquer momento, poderia aparecer toda verdejante.

A Sra. Fisher estava chateada. Havia muitas coisas que ela detestava mais do que tudo, e uma delas era quando os idosos imaginavam que se sentiam jovens e se comportavam como se o fossem. É claro que eles só imaginavam, estavam apenas se enganando; mas os resultados eram deploráveis. Ela mesma envelhecera como as pessoas deveriam envelhecer — firme e equilibrada. Sem interrupções, sem brilhos tardios e retornos espasmódicos. Se, depois de todos esses anos, ela agora fosse iludida por algum tipo de fuga inadequada, seria humilhante.

Na verdade, ela estava grata, naquela segunda semana, por Kate Lumley não estar lá. Seria muito desagradável Kate estar observando caso seu comportamento apresentasse algo diferente. Kate a conhecia a vida toda. Ela sentiu que podia se soltar — a Sra. Fisher franziu a testa para o livro em que tentava se concentrar, pois de onde viera essa expressão? — muito menos dolorosamente diante de estranhos do que na frente de uma velha amiga. Velhos amigos, refletiu a Sra. Fisher, que tinha esperança de estar lendo, estavam sempre comparando a pessoa com quem ela costumava ser. Sempre fazem isso se alguém se desenvolve. Ficam surpresos com mudanças. Eles voltam aos assuntos passados; esperam que nada mude depois de, digamos, cinquenta anos, até o fim dos dias.

Isso, pensou a Sra. Fisher, com os olhos seguindo cadenciadamente linha a linha na página e nenhuma palavra penetrando em sua consciência, é tolice dos amigos. É condenar a pessoa à morte prematura. A pessoa deve continuar (com dignidade, é claro) a se desenvolver, por mais velha que seja. Ela não tinha nada contra o desenvolvimento, contra mais amadurecimento, porque enquanto a pessoa vivia não estava morta — obviamente, decidiu a Sra. Fisher —, e desenvolvimento,

mudança, amadurecimento eram vida. O que ela não gostava era de rejuvenescimento, voltar ao estágio imaturo. Ela detestaria isso intensamente; e era o que ela sentia que estava prestes a fazer.

Era evidente que isso a deixava muito desconfortável, e ela só conseguia se distrair em constante movimento. Cada vez mais inquieta e incapaz de se limitar a suas ameias, ela vagava com mais e mais frequência, e também sem rumo, entrando e saindo do jardim superior, para a crescente surpresa de Miúda, em especial quando descobriu que tudo o que a Sra. Fisher fazia era olhar a vista por alguns minutos, colher algumas folhas mortas das roseiras e ir embora outra vez.

Ela encontrou alívio temporário na conversa com o Sr. Wilkins, mas, embora ele se juntasse a ela sempre que podia, nem sempre estava lá, pois distribuía suas atenções judiciosamente entre as três senhoras, e quando ele estava em outro lugar, ela tinha que enfrentar e controlar seus pensamentos sozinha, da melhor forma que podia. Talvez fosse o excesso de luz e cor em San Salvatore que fazia todos os outros lugares parecerem sombrios e escuros; e Prince of Wales Terrace parecia um lugar muito escuro e sombrio para onde voltar — uma rua escura e estreita, e sua casa escura e estreita como a rua, sem conter nada realmente vivo ou jovem. Os peixes dourados dificilmente poderiam ser chamados de vivos, no máximo meio vivos, e certamente não eram jovens, e, exceto por eles, havia apenas as criadas, que eram velhas e empoeiradas.

Velhas empoeiradas. A Sra. Fisher interrompeu seus pensamentos, capturada por essa expressão estranha. De onde viera isso? Como era possível que tivesse lhe ocorrido? Poderia ter sido coisa da Sra. Wilkins, em sua leviandade, quase uma gíria. Talvez fosse coisa dela, e a Sra. Fisher a tivesse ouvido falar e, inconscientemente, internalizado.

Nesse caso, isso era ao mesmo tempo sério e revoltante. Era muito perturbador que aquela criatura tola penetrasse na mente da Sra. Fisher e instalasse ali sua personalidade, aquela personalidade que ainda era, apesar da harmonia aparentemente existente entre ela e o marido inteligente, tão alheia à própria Sra. Fisher, tão distante do que ela entendia e apreciava, e a infectasse com suas frases indesejáveis. Nunca antes em sua vida uma frase assim

ocorrera à Sra. Fisher. Nunca em sua vida ela havia pensado em suas criadas, ou em qualquer outra pessoa, como coisas velhas e empoeiradas. Suas criadas não eram coisas velhas e empoeiradas; eram mulheres muito respeitáveis e asseadas, que podiam usar o banheiro todos os sábados à noite. Idosas, certamente, mas ela também era, assim como sua casa, seus móveis, seus peixes dourados. Eram todos mais velhos, como deveriam ser, juntos. Mas havia uma grande diferença entre ser idosa e ser uma coisa velha e empoeirada.

Quão verdadeiro era o que Ruskin dizia, que as más comunicações corrompem as boas maneiras. Mas Ruskin dissera isso? Pensando bem, ela não tinha certeza, mas era exatamente o tipo de coisa que ele teria dito e, de qualquer forma, era verdade. Seus bons modos mentais estavam sendo arruinados pelo simples fato de ouvir aquela comunicação maldosa da Sra. Wilkins nas refeições — ela não ouvia, evitava ouvir, mas era evidente que tinha escutado —, aquelas comunicações que eram ao mesmo tempo tão vulgares, indelicadas e profanas, e das quais, ela lamentava dizer, Lady Caroline sempre ria. Em breve ela não ia apenas pensar, mas falar. Isso seria terrível. Se era essa a forma que seu surto ia assumir, a forma de um discurso indecoroso, a Sra. Fisher tinha medo de não conseguir suportar com algum grau de compostura.

Nesse estágio, a Sra. Fisher desejou mais do que nunca poder falar sobre seus sentimentos estranhos com alguém que a entendesse. No entanto, não havia ninguém que a entendesse, exceto a própria Sra. Wilkins. Ela entenderia. Entenderia na mesma hora, a Sra. Fisher tinha certeza, como ela se sentia. Mas isso era impossível. Seria tão abjeto quanto implorar ao próprio micróbio que a infectava uma proteção contra sua doença.

Ela continuou, então, a suportar suas sensações em silêncio e foi levada por elas àquela frequente aparição sem propósito no jardim, que agora chamava até a atenção de Miúda.

Miúda tinha percebido e vagamente refletido sobre o assunto, um pouco antes de o Sr. Wilkins lhe perguntar, certa manhã, enquanto arrumava as almofadas para ela — ele estabelecera que ajudar Lady Caroline a se acomodar em sua cadeira era seu privilégio especial —, se havia algum problema com a Sra. Fisher.

Naquele momento, a Sra. Fisher estava de pé junto ao parapeito oriental, protegendo os olhos e examinando cuidadosamente as distantes casas brancas de Mezzago. Eles podiam vê-la através dos galhos dos troviscos.

— Eu não sei — disse Miúda.

— Ela é uma dama, suponho — disse o Sr. Wilkins —, que dificilmente teria alguma preocupação?

— Eu imagino que sim — disse Miúda, sorrindo.

— Se tiver, e sua inquietação parece sugerir isso, eu ficaria mais do que feliz em ajudá-la com conselhos.

— Tenho certeza que você seria muito gentil.

— É claro que ela tem o próprio consultor jurídico, mas ele não está aqui. Eu estou. E um advogado aqui — disse o Sr. Wilkins, que, quando falava com Lady Caroline, se esforçava para manter a conversa leve, ciente de que é preciso ser leve com as jovens — vale mais do que dois... não sejamos comuns e completemos o ditado, mas digamos que em Londres.

— Você deveria perguntar a ela.

— Perguntar se ela precisa de ajuda? Você me aconselharia a fazer isso? Não seria um pouco... um pouco delicado tocar nessa questão, na questão de saber se uma dama tem ou não alguma preocupação?

— Talvez ela lhe diga se você for falar com ela. Acho que deve ser solitário ser a Sra. Fisher.

— Você é muito atenciosa e cheia de consideração — declarou o Sr. Wilkins, desejando, pela primeira vez em sua vida, ser estrangeiro, para poder beijar respeitosamente a mão dela ao se retirar para seguir, obediente, e aliviar a solidão da Sra. Fisher.

Era maravilhosa a variedade de desculpas que Miúda conseguia inventar para o Sr. Wilkins sair de seu refúgio. Todas as manhãs, ela encontrava uma diferente, que o mandava embora satisfeito depois de ter arrumado as almofadas para ela. Ela lhe permitia arrumar as almofadas, porque descobrira instantaneamente, nos primeiros cinco minutos da primeira noite, que seu medo de que ele grudasse nela e a encarasse com terrível admiração era sem fundamento. O Sr. Wilkins não a encarava assim. Não era algo natural a ele, ela instintivamente sentiu, e, se fosse, ele não teria ousado fazer isso

com ela. Ele era muito respeitoso. Ela poderia direcionar os movimentos dele em relação a ela levantando apenas uma pestana. A única preocupação dele era obedecer. Ela estava pronta para gostar dele se ele fosse atencioso o suficiente para não admirá-la, e ela gostava dele. Não se esquecera de seus movimentos indefesos com a toalha naquela primeira manhã, e ele a divertia e era gentil com Lotty. É verdade que ela gostava mais dele quando ele não estava lá, mas em geral gostava mais de todos quando não estavam por perto. Certamente ele parecia ser um desses homens, raros em sua experiência, que nunca olhavam para uma mulher de um jeito predatório. O conforto disso, a simplicidade que isso trazia para as relações do grupo, era imenso. Por esse ângulo, o Sr. Wilkins era simplesmente ideal; era único e precioso. Sempre que pensava nele e talvez estivesse inclinada a se concentrar nos aspectos dele que eram um pouco entediantes, ela se lembrava disso e murmurava:

— Mas que tesouro.

De fato, o único objetivo do Sr. Wilkins, durante sua estada em San Salvatore, era ser um tesouro. A todo custo, as três damas que não eram sua esposa deviam gostar dele e confiar nele. Então, quando surgissem problemas em suas vidas — e em que vidas não surgiam problemas mais cedo ou mais tarde? —, elas se lembrariam de como ele era confiável e simpático e recorreriam a ele em busca de conselhos. Damas com preocupações eram exatamente o que ele queria. Lady Caroline, ele achava, não tinha nenhuma no momento, mas tanta beleza — pois ele não podia deixar de ver o que era evidente — deve ter apresentado dificuldades no passado e traria mais delas antes que chegasse ao fim. No passado, ele não estava acessível; no futuro, esperava estar. Enquanto isso, o comportamento da Sra. Fisher, a segunda dama mais importante do ponto de vista profissional, se mostrava uma verdadeira promessa. Era quase certo que a Sra. Fisher tinha alguma preocupação em mente. Ele a observava com atenção e tinha quase certeza.

Com a terceira, a Sra. Arbuthnot, ele tinha feito menos progresso até agora, pois ela era muito reservada e calada. Mas não seria essa mesma reserva, essa tendência a evitar os outros e passar tempo sozinha, um indicativo de que ela também tinha problemas? Nesse caso, ele era o homem certo. Cuidaria dela. Ele a seguiria, se

sentaria com ela e a encorajaria a falar sobre si mesma. Arbuthnot, pelo que Lotty lhe dissera, era funcionário do Museu Britânico — nada de especialmente importante, mas o Sr. Wilkins considerava que era seu trabalho conhecer gente de todos os tipos. Além disso, havia promoção. Arbuthnot, promovido, podia valer muito a pena.

Quanto a Lotty, ela era encantadora. Ela realmente tinha todas as qualidades que ele lhe creditara durante o namoro, e parecia que elas apenas tinham estado suspensas desde então. Suas primeiras impressões sobre ela agora eram endossadas pelo carinho e até pela admiração que Lady Caroline demonstrava por ela. Lady Caroline Dester era a última pessoa, ele tinha certeza, que se enganaria sobre uma pessoa. Seu conhecimento do mundo, sua constante associação apenas com os melhores, deviam tê-la tornado bastante infalível. Então, Lotty evidentemente era aquilo que ele achava que ela era antes do casamento — era valiosa. Certamente foi muito valiosa ao apresentá-lo a Lady Caroline e à Sra. Fisher. Um homem em sua profissão poderia ser imensamente ajudado por uma esposa inteligente e atraente. Por que ela não tinha sido atraente antes? Por que essa floração repentina?

O Sr. Wilkins também começou a acreditar que havia algo peculiar, como Lotty quase o informara de imediato, na atmosfera de San Salvatore. Ela promovia a expansão. Trazia à vida qualidades adormecidas. E, sentindo-se cada vez mais satisfeito e até encantado com sua esposa, e muito contente com o progresso que fazia com as outras duas, e esperançoso de progredir com a terceira, a reservada, o Sr. Wilkins não conseguia se lembrar de ter tido férias tão agradáveis. A única coisa que talvez pudesse ser melhorada era a maneira como o chamavam de Sr. Wilkins. Ninguém dizia Sr. Mellersh-Wilkins. No entanto, ele se apresentara a Lady Caroline — ele estremeceu um pouco ao lembrar as circunstâncias — como Mellersh-Wilkins.

Ainda assim, tratava-se de um assunto de menor importância, não era suficiente para que se preocupasse. Ele seria tolo se, num lugar como aquele, entre aquele grupo, se preocupasse com alguma coisa. Ele nem estava preocupado com o custo das férias e decidira pagar não apenas as próprias despesas, mas também as da esposa, e surpreendê-la ao final, apresentando-lhe seu pé-de-meia

tão intacto quanto quando ela o havia começado; e a simples ideia de que preparava uma surpresa feliz para ela o fez se sentir mais caloroso do que nunca em relação a ela.

De fato, o Sr. Wilkins, que começara a demonstrar seu melhor comportamento de forma conscientemente e seguindo um plano, agora o fazia de modo inconsciente e sem nenhum esforço.

Enquanto isso, os belos dias dourados da segunda semana passavam um a um, tão belos quanto os da primeira, e o cheiro de campos de feijão em flor na encosta atrás da aldeia chegava a San Salvatore sempre que ventava. No jardim, naquela segunda semana, o narciso-dos-poetas desapareceu na grama alta à beira do caminho em zigue-zague, e gladiolos selvagens, finos e cor-de-rosa, tomaram seu lugar, rosas brancas floresceram nas bordas, preenchendo todo o espaço com seu cheiro doce e defumado, e um arbusto que ninguém havia notado explodiu em glória e fragrância, e era um arbusto de lilás roxo. Ninguém acreditaria em tal confusão de primavera e verão, exceto aqueles que conheceram aqueles jardins. Tudo parecia brotar ao mesmo tempo — reunidas em um único mês todas as coisas que, na Inglaterra, se espalham penosamente por seis meses. Até prímulas foram encontradas um dia pela Sra. Wilkins em um canto frio nas colinas; e quando ela as comparou aos gerânios e aos arbustos das borboletas de San Salvatore, elas pareceram bastante tímidas.

17

No primeiro dia da terceira semana, Rose escreveu para Frederick.

Entregou a carta a Domenico, para o caso de ela hesitar novamente e não postá-la; pois, se não escrevesse agora, não haveria tempo. Metade do mês em San Salvatore já havia se passado. Mesmo que Frederick partisse imediatamente ao receber a carta, o que, é claro, ele não poderia fazer, pois precisaria cuidar das malas e do passaporte, além de não estar com pressa de ir, ele não chegaria em menos de cinco dias.

Depois de fazer isso, Rose desejou não ter feito. Ele não viria. Ele não se daria ao trabalho de responder. E, se respondesse, seria apenas para dar um motivo, que não seria verdadeiro, pelo qual

estava muito ocupado para viajar; e tudo o que ela conseguira tendo escrito para ele seria ficar mais infeliz do que antes.

O que não se fazia quando se estava ocioso? Essa ressurreição de Frederick, ou melhor, essa tentativa de ressuscitá-lo, o que era senão o resultado de não ter nada para fazer? Ela desejou nunca ter saído de férias. Para que ela queria férias? O trabalho era sua salvação; o trabalho era a única coisa que protegia a pessoa, que a mantinha firme, com os valores verdadeiros. Em casa, em Hampstead, absorta e ocupada, conseguira superar Frederick, pensando nele apenas com a suave melancolia com que se pensa em alguém que já se amou, mas que morreu há muito tempo; e agora esse lugar, a ociosidade desse lugar agradável, a jogara de volta ao estado miserável que ela com tanto cuidado superara anos antes. Ora, se Frederick viesse, ela apenas o entediaria. Ela não vira num lampejo, logo depois de chegar a San Salvatore, que era isso que realmente o mantinha longe dela? E por que ela deveria supor que agora, após um afastamento tão longo, seria capaz de não entediá-lo, de fazer qualquer coisa além de ficar diante dele como uma idiota de boca calada, incapaz de lidar com a questão? Além do mais, em que situação desesperadora se colocara, tendo que implorar: Por favor, espere um pouco — por favor, não seja impaciente — acho que talvez eu não seja mais entediante.

Mil vezes por dia, Rose desejava ter deixado Frederick em paz. Lotty, que perguntava todas as noites se ela já havia mandado a carta, exclamou com satisfação quando a resposta finalmente foi afirmativa e a abraçou.

— Agora seremos completamente felizes! — gritou a entusiasmada Lotty.

Mas nada parecia menos certo para Rose, e sua expressão se tornou cada vez mais a expressão de quem tem uma preocupação.

O Sr. Wilkins, querendo descobrir o que era, passeava ao sol com seu chapéu Panamá e começou a encontrá-la ao acaso.

— Eu não sabia — disse o Sr. Wilkins na primeira vez, tirando educadamente o chapéu — que você também gostava desse lugar em particular. — E ele se sentou ao lado dela.

À tarde, ela escolheu outro local; e não fazia nem meia hora que estava ali quando o Sr. Wilkins, balançando levemente a bengala,

dobrou a esquina.

— Estamos destinados a nos encontrar em nossas caminhadas — disse ele, agradavelmente. E se sentou ao lado dela.

O Sr. Wilkins era muito gentil, e ela percebeu que o julgara mal em Hampstead, e este era o homem de verdade, amadurecido como fruta pelo sol benéfico de San Salvatore, mas Rose queria ficar sozinha. Ainda assim, estava agradecida por provar que, embora pudesse entediar Frederick, ela não aborrecia todo mundo; se o fizesse, ele não teria sentado para conversar com ela em todas as ocasiões até a hora de entrar. É verdade que ele a entediava, mas isso não era tão terrível quanto se ela o entediasse. Então, de fato, sua vaidade teria sido tristemente perturbada. Pois agora que Rose não conseguia fazer suas orações, estava sendo tomada por todo tipo de fraqueza: vaidade, sensibilidade, irritabilidade, beligerância — demônios estranhos e desconhecidos que se aglomeravam em volta dela e tomavam posse de seu coração arrebatado e vazio. Nunca em sua vida ela fora vaidosa, irritável ou atroz. Será que San Salvatore podia causar efeitos contrários, e o mesmo sol que amadurecia o Sr. Wilkins a tornasse ácida?

Na manhã seguinte, para ter certeza de que ficaria sozinha, ela desceu, enquanto o Sr. Wilkins permanecia agradavelmente com a Sra. Fisher durante o café da manhã, para as rochas na beira da água onde ela e Lotty haviam se sentado no primeiro dia. Frederick já havia recebido sua carta. Hoje, se ele fosse como o Sr. Wilkins, ela poderia receber um telegrama dele.

Ela tentou silenciar a esperança absurda, zombando dela. No entanto — se o Sr. Wilkins havia enviado um telegrama, por que não Frederick? Aparentemente, o feitiço de San Salvatore funcionava até por carta. Lotty não sonhara receber um telegrama e, quando chegou a hora do almoço, lá estava ele. Seria maravilhoso se, quando voltasse na hora do almoço, também encontrasse um...

As mãos de Rose apertaram com força os joelhos. Quão apaixonadamente ela desejava ser importante para outra pessoa — não ser importante em púlpitos, como um ativo em uma organização, mas em particular, apenas para uma pessoa, tão em particular que ninguém mais soubesse ou notasse. Não parecia pedir muito em um mundo tão cheio de pessoas, ter apenas uma

delas, apenas para si, entre todos os milhões de pessoas no mundo. Alguém que precisasse dela, que pensasse nela, que ficasse ansioso para ir até ela — ah, ah, quão terrivelmente ela desejava ser preciosa!

Durante toda a manhã, ficou sentada debaixo do pinheiro à beira-mar. Ninguém se aproximou. As longas horas passaram devagar; pareciam enormes. Mas ela não subiu antes do almoço, daria tempo para o telegrama...

Naquele dia, Miúda, motivada pela insistência de Lotty e também pensando que talvez ela já tivesse passado tempo suficiente sentada, havia se levantado da cadeira e das almofadas e saído com Lotty e alguns sanduíches para as colinas até à noite. O Sr. Wilkins, que desejava acompanhá-las, seguiu o conselho de Lady Caroline e ficou com a Sra. Fisher, a fim de animar sua solidão. E, embora ele tenha deixado de animá-la por volta das onze horas para ir atrás da Sra. Arbuthnot, para também animá-la por um tempo, assim se dividindo imparcialmente entre as duas senhoras solitárias, voltou secando a testa e continuou com a Sra. Fisher, no mesmo lugar em que a deixara, pois dessa vez a Sra. Arbuthnot havia se escondido com sucesso. Também havia um telegrama para ela, que ele notou quando entrou. Uma pena que ele não soubesse onde ela estava.

— Devemos abrir? — perguntou ele à Sra. Fisher.

— Não.

— Pode exigir uma resposta.

— Não aprovo a violação da correspondência de outras pessoas.

— Violação! Minha querida senhora...

O Sr. Wilkins ficou chocado. Que palavra. Violação. Ele tinha a maior estima possível pela Sra. Fisher, mas às vezes a achava um pouco difícil. Ela gostava dele, tinha certeza disso, e muito provavelmente, ele sentia, ela se tornaria sua cliente, mas temia que ela se revelasse uma cliente obstinada e cheia de segredos. Ela sem dúvida era cheia de segredos, pois, embora ele tivesse sido útil e solidário a semana inteira, ela ainda não lhe dera nenhuma pista do que evidentemente a preocupava.

— Pobre velhinha — disse Lotty, quando ele lhe perguntara se ela não poderia talvez esclarecer os problemas da Sra. Fisher. —

Ela não tem amor.

— Amor? — O Sr. Wilkins limitou-se a repetir, genuinamente escandalizado. — Mas, sem dúvida, minha querida... na idade dela...

— Nenhum amor — disse Lotty.

Naquela mesma manhã, ele havia perguntado à esposa, pois agora procurava e respeitava sua opinião, se ela poderia lhe dizer qual era o problema com a Sra. Arbuthnot, pois ela também, apesar de ele ter feito o possível para deixá-la confiante, permanecia insistentemente reservada.

— Ela sente falta do marido — contou Lotty.

— Ah — disse Wilkins, uma nova luz lançada sobre a melancolia tímida e modesta da Sra. Arbuthnot. E acrescentou: — Muito apropriado.

E Lotty falou, sorrindo para ele:

— As mulheres sentem.

E o Sr. Wilkins respondeu, sorrindo para ela:

— Sentem?

E Lotty disse, sorrindo para ele:

— É claro.

E o Sr. Wilkins, muito satisfeito com ela, embora ainda fosse bastante cedo, um momento em que as carícias são escassas, beliscou sua orelha.

Pouco antes de meio-dia e meia, Rose subiu lentamente pela pérgola e entre as camélias que pairavam em ambos os lados dos velhos degraus de pedra. Os filetes de pervincas que caíam sobre eles quando ela chegou haviam desaparecido, e agora havia aqueles arbustos incrivelmente rosados. Rosa, branco, vermelho, listrado — ela os tocou e os cheirou, um após o outro, para não se decepcionar tão rápido. Desde que não visse pessoalmente a mesa no corredor vazia, exceto pelo vaso de flores, ainda podia ter esperança, ainda podia sentir a alegria de imaginar o telegrama à sua espera. Mas não há cheiro nas camélias, como a lembrou o Sr. Wilkins, que estava parado na porta à sua espera e sabia o que era necessário sobre horticultura.

Ela se assustou com a voz dele e olhou para cima.

— Chegou um telegrama para você — disse o Sr. Wilkins.

Ela olhou para ele, boquiaberta.

— Procurei a senhora por toda parte, mas não consegui...

Claro. Ela sabia. Tinha certeza disso o tempo todo. Brilhante e ardente, naquele momento a juventude voltou a cintilar em Rose. Ela subiu os degraus, vermelha como a camélia que acabara de tocar, e estava no corredor abrindo o telegrama antes que o Sr. Wilkins terminasse a frase. Ora, se as coisas pudessem acontecer assim... ora, não era o fim para... ora, ela e Frederick... eles seriam... de novo... finalmente...

— Não são notícias ruins, espero? — disse o Sr. Wilkins, que a seguira, pois, quando ela leu o telegrama, ficou parada olhando para o papel, e seu rosto foi aos poucos ficando pálido. Foi curioso ver como seu rosto foi aos poucos ficando pálido.

Ela se virou e olhou para o Sr. Wilkins como se estivesse tentando se lembrar dele.

— Ah, não. Pelo contrário...

Ela conseguiu sorrir.

— Vou receber uma visita — disse, estendendo o telegrama; e, quando ele o pegou, ela se afastou em direção à sala de jantar, murmurando algo sobre o almoço estar pronto.

O Sr. Wilkins leu o telegrama. Fora enviado naquela manhã de Mezzago e dizia:

Estou a caminho de Roma. Posso fazer uma visita esta tarde?

Thomas Briggs.

Por que um telegrama deixaria aquela senhora interessante pálida? Sua cor depois de lê-lo era tão impressionante que convenceu o Sr. Wilkins de que ela havia recebido um grande golpe.

— Quem é Thomas Briggs? — perguntou ele, seguindo-a para a sala de jantar.

Ela olhou para ele vagamente.

— Quem é...? — repetiu ela, reorganizando os pensamentos.

— Thomas Briggs.

— Ah. Sim. Ele é o proprietário. Esta é a casa dele. Ele é muito gentil. Virá aqui esta tarde.

Thomas Briggs estava indo para lá naquele exato momento. Viajava em uma carruagem pela estrada entre Mezzago e Castagneto, esperando sinceramente que a senhora de olhos

escuros entendesse que tudo o que ele queria era vê-la, e não ver se sua casa ainda estava de pé. Ele sentia que um proprietário educado não se intrometia com um inquilino. Mas... ele pensava muito nela desde aquele dia. Rose Arbuthnot. Um nome tão bonito. E uma criatura tão bela — delicada, branca como leite, maternal no melhor sentido; o melhor sentido era que ela não era sua mãe nem poderia ter sido, mesmo que tentasse, pois os pais eram as únicas pessoas que não podiam ser mais jovens que você. Além disso, ele estava passando tão perto. Parecia um absurdo não ver se ela estava confortável. Ele queria vê-la em sua casa. Desejava ver a casa como o ambiente dela, vê-la sentada em suas cadeiras, bebendo em seus copos, usando todas as suas coisas. Ela havia colocado a grande almofada de brocado carmesim atrás de sua cabecinha morena na sala de estar? Seu cabelo e a brancura de sua pele ficariam adoráveis em contraste com ela. Tinha visto seu retrato na escada? Ele se perguntou se ela havia gostado. Ele lhe explicaria isso. Se ela não pintasse, e ela não dissesse nada que sugerisse isso, talvez não notasse como exatamente o contorno das sobrancelhas e a ligeira curva da bochecha...

Ele ordenou que a carruagem esperasse em Castagneto, atravessou a *piazza* — lotada de crianças e cães, todos o conheciam e surgiram do nada de repente — e subiu depressa o caminho em zigue-zague, pois era um jovem ativo, não muito além dos trinta, puxou a corrente antiga que tocava a campainha e esperou educadamente à porta aberta até que o deixassem entrar.

Ao vê-lo, Francesca ergueu todas as partes dela que se erguiam — sobrancelhas, pálpebras e mãos, e apressou-se em assegurar a ele que tudo estava na mais perfeita ordem e que ela estava cumprindo seu dever.

— Claro, claro — disse Briggs, interrompendo-a. — Ninguém duvida disso.

Então ele pediu que ela levasse seu cartão para a senhora.

— Qual senhora? — perguntou Francesca.

— Qual senhora?

— São quatro — disse Francesca, sentindo uma irregularidade por parte das inquilinas, pois seu patrão parecia surpreso; e sentiu-

se satisfeita, pois a vida era monótona e as irregularidades pelo menos ajudavam um pouco.

— Quatro? — repetiu ele, surpreso. — Bem, leve para as quatro então — disse ele, recuperando-se, pois notou a expressão dela.

O café fora servido no jardim, à sombra do pinheiro-manso. Apenas a Sra. Fisher e o Sr. Wilkins o bebiam, pois a Sra. Arbuthnot, depois de não comer nada e ficar completamente calada durante o almoço, desapareceu imediatamente.

Enquanto Francesca saía para o jardim com o cartão dele, o patrão examinava a imagem da madona na escada, feita por um dos primeiros pintores italianos, de nome desconhecido, escolhido por ele em Orvieto, que era muito parecida com sua inquilina. Realmente, a semelhança era notável. É claro que sua inquilina, naquele dia em Londres, estava de chapéu, mas ele tinha certeza de que o cabelo dela cairia daquele jeito por sua testa. A expressão dos olhos, grave e doce, era exatamente a mesma. Ele se alegrava ao pensar que sempre teria o retrato dela.

Ele ergueu os olhos ao som dos passos, e lá estava ela, descendo as escadas exatamente como ele a imaginara naquele lugar, vestida de branco.

Ela ficou surpresa ao vê-lo tão cedo. Supôs que ele chegaria na hora do chá e, até lá, pretendia se sentar em algum na parte externa, onde pudesse ficar sozinha.

Ele a observou descer as escadas com o interesse mais ávido. Em um momento, ela estaria no nível de seu retrato.

— É realmente extraordinário — disse Briggs.

— Como vai? — perguntou Rose, decidida a dar apenas boas-vindas satisfatórias.

Ela não o recebeu com alegria. Sentia que ele estava aqui, o telegrama amargo em seu coração, no lugar de Frederick, fazendo o que ela desejava que Frederick fizesse, tomando o lugar dele.

— Apenas fique parada um momento...

Ela obedeceu automaticamente.

— Sim, bastante surpreendente. Importa-se de tirar o chapéu?

Rose, surpresa, obedeceu.

— Sim... como eu imaginei... eu só queria ter certeza. Olhe... você reparou...

Ele começou a fazer gestos rápidos e estranhos em direção ao rosto no retrato, medindo-o, olhando do quadro para ela.

A surpresa de Rose tornou-se diversão, e ela não pôde deixar de sorrir.

— Você veio me comparar com o meu original? — perguntou.

— Você vê como é extraordinariamente parecida...

— Eu não sabia que parecia tão solene.

— Não parece. Não agora. Parecia um minuto atrás, muito solene. Ah, sim... como vai? — ele concluiu de repente, notando a mão dela estendida. E ele riu e a apertou, corando, um truque dele, até as raízes dos cabelos.

Francesca voltou.

— A *signora* Fisher — disse ela — ficará feliz em recebê-lo.

— Quem é a *signora* Fisher? — perguntou ele a Rose.

— Uma das quatro que estão compartilhando sua casa.

— Então vocês são quatro?

— Sim. Minha amiga e eu descobrimos que não poderíamos arcar com os custos sozinhas.

— Ah, bem... — começou Briggs, confuso, pois ele preferiria que Rose Arbuthnot, que lindo nome, não tivesse que pagar nada, mas ficasse em San Salvatore o tempo que quisesse como sua hóspede.

— A Sra. Fisher está tomando café no jardim superior — disse Rose. — Vou levá-lo até ela e apresentá-lo.

— Eu não quero ir. Você está de chapéu, então estava saindo para uma caminhada. Não posso acompanhá-la? Eu gostaria imensamente de andar por aí com você.

— Mas a Sra. Fisher está esperando pelo senhor.

— Ela não vai ficar?

— Sim — disse Rose, com o sorriso que tanto o atraiu no primeiro dia. — Acho que ela vai ficar muito bem até o chá.

— Você fala italiano?

— Não — disse Rose. — Por quê?

Com isso, ele se virou para Francesca e disse-lhe muito rápido, pois em italiano ele era simplório, que fosse à *signora* no jardim superior e lhe dissesse que havia encontrado sua velha amiga, a *Signora* Arbuthnot, e sairia para caminhar com ela e a encontraria mais tarde.

— Você me convida para o chá? — perguntou ele a Rose, quando Francesca se foi.

— Claro. A casa é sua.

— Não. É sua.

— Até a outra segunda-feira. — Ela sorriu.

— Venha e me mostre todas as vistas — disse ele ansiosamente; e era evidente, mesmo para a autodepreciativa Rose, que ela não entediava o Sr. Briggs.

18

Eles fizeram uma caminhada muito agradável, sentando-se muitas vezes em cantos quentes e rescendendo a tomilho, e, se alguma coisa poderia ter ajudado Rose a se recuperar da amarga decepção da manhã, seria a companhia e a conversa do Sr. Briggs. Ele de fato a ajudou a se recuperar, e aconteceu com eles o mesmo processo que acontecera com Lotty e o marido: quanto mais o Sr. Briggs achava Rose encantadora, mais encantadora ela se tornava.

Briggs era um homem incapaz de mentir e que nunca perdia tempo se pudesse evitar. Eles ainda não haviam chegado ao fim do promontório onde fica o farol — Briggs pedira que ela lhe mostrasse o farol, porque sabia que o caminho até lá era amplo o suficiente para que duas pessoas andassem lado a lado e bem niveladas — quando ele lhe falou da impressão que ela causara nele em Londres.

Como até as mulheres mais religiosas e sóbrias gostam de saber que causaram uma boa impressão, sobretudo quando não tem nada a ver com caráter ou mérito, Rose ficou satisfeita. E, por estar satisfeita, ela sorriu. E, sorrindo, ficava mais atraente do que nunca. Suas bochechas coraram e seus olhos brilharam. Ela se ouviu dizendo coisas que realmente pareciam bastante interessantes e até divertidas. Se Frederick estivesse ouvindo agora, ela pensou, talvez visse que ela não podia, afinal de contas, ser um tédio tão irremediável; pois ali estava um homem bonito, jovem e sem dúvida inteligente — ele parecia inteligente, e ela esperava que fosse, pois assim o elogio seria ainda melhor — que evidentemente estava muito feliz em passar a tarde conversando com ela.

E de fato o Sr. Briggs parecia muito interessado. Ele queria ouvir tudo sobre qualquer coisa que ela tinha feito desde que chegara lá. Ele perguntou se ela tinha visto aquilo, aquilo e aquilo outro na casa, do que mais gostava, em qual quarto estava, se estava confortável, se Francesca se portava bem, se Domenico cuidava dela e se ela não gostava de se sentar na sala de estar amarela — a que era banhada de sol e tinha vista para Gênova.

Rose sentia vergonha de quão pouco havia reparado na casa e de quantas coisas curiosas e bonitas das quais ele falava ela nem tinha visto. Mergulhada em pensamentos sobre Frederick, ela parecia ter vivido em San Salvatore às cegas, mais da metade do tempo havia se passado e o que havia de bom disso? Ela poderia muito bem ter passado esse tempo sentada em Hampstead Heath, apenas ansiando. Não, não poderia; apesar de todos os seus anseios, ela pelo menos tinha consciência de que estava no coração da beleza; e, de fato, era essa beleza, esse desejo de compartilhá-la, que tinha dado início aos seus anseios.

O Sr. Briggs, no entanto, era vivo demais para que, neste momento, ela pudesse reservar qualquer atenção para Frederick e, em resposta às suas perguntas, ela elogiou os criados, e elogiou a sala de estar amarela sem dizer que estivera nela apenas uma vez e depois fora expulsa de forma desonrosa, e lhe disse que não sabia quase nada sobre arte e curiosidades, mas achava que, se alguém lhe falasse sobre isso, talvez ela ficasse sabendo mais, e contou que passara todos os dias desde sua chegada do lado de fora, porque o exterior era muito maravilhoso e diferente de tudo o que já tinha visto.

Briggs caminhou ao lado dela pelos seus caminhos que, muito felizmente, ainda eram os mesmos que o dela e sentiu todos os brilhos inocentes da vida em família. Ele era órfão e filho único e tinha uma disposição familiar calorosa. Teria adorado uma irmã e mimado uma mãe e começava a pensar em se casar; pois, embora tivesse sido muito feliz com suas várias amantes, cada uma delas, contrariamente à experiência usual, acabara se transformando em uma amiga dedicada. Ele gostava de crianças e achava que talvez agora tivesse chegado à idade de se estabelecer se não quisesse ser velho demais quando seu filho mais velho chegasse aos vinte

anos. San Salvatore ultimamente parecia um pouco abandonado. Ele imaginou o eco disso enquanto andava pela propriedade. Havia se sentido sozinho ali; tão sozinho que este ano preferira perder uma primavera e ir embora. O lugar precisava de uma esposa. Queria aquele toque final de calor e beleza, pois ele nunca pensava em sua esposa, exceto em termos de calor e beleza — ela certamente seria linda e gentil. Era impressionante como já estava apaixonado por essa esposa vaga.

Enquanto caminhavam em direção ao farol, ele desenvolvia uma amizade com a dama de nome doce tão depressa que tinha certeza de que logo estaria contando a ela tudo sobre si, seus feitos passados e suas esperanças futuras; e o pensamento de uma confiança tão rapidamente desenvolvida o fez rir.

— Por que está rindo? — perguntou ela, olhando para ele e sorrindo.

— É como voltar para casa — disse ele.

— Mas, para você, vir aqui é voltar para casa.

— Bem, é como voltar para casa de verdade. Para a... família. Nunca tive uma família. Sou órfão.

— Ah, é mesmo? — disse Rose com a devida empatia. — Espero que não tenha muito tempo. Não... não quero dizer que espero que você não tenha muito tempo. Não... não sei o que quero dizer, exceto que sinto muito.

Ele riu de novo.

— Ah, estou acostumado. Não tenho ninguém. Não tenho irmãos ou irmãs.

— Então você é filho único — observou ela de maneira inteligente.

— Sim. E há algo em você que é exatamente a minha ideia de uma... de uma família.

Ela estava surpresa.

— Tão... aconchegante — disse ele, olhando para ela e procurando uma palavra.

— Você não pensaria assim se visse minha casa em Hampstead — disse ela, uma visão daquela casa austera e endurecida surgiu em sua mente, sem nada macio, exceto o sofá Du Barri, esquecido e negligenciado. Não é de admirar, pensou ela, em um momento de

clareza, que Frederick a evitasse. Não havia nada de aconchegante na família dele.

— Não acredito que qualquer lugar em que você more possa ser minimamente diferente de você — disse ele.

— Você não está querendo dizer que San Salvatore é como eu, está?

— É exatamente o que estou dizendo. Você sem dúvida admite que é um lugar lindo, não é?

Ele disse várias coisas assim. Ela gostou da caminhada. Não conseguia se lembrar de nenhum outro passeio tão agradável desde os dias de namoro.

Ela voltou para o chá, trazendo o Sr. Briggs e, como o Sr. Wilkins notou, parecendo muito diferente do que parecera até então. Temos um problema, temos um problema, pensou o Sr. Wilkins, esfregando mentalmente as mãos profissionais. Ele já se via sendo chamado para um aconselhamento. De um lado, havia Arbuthnot, do outro, Briggs. O problema estava fermentando e, cedo ou tarde, viria à tona. Mas por que o telegrama de Briggs agira sobre a dama como um golpe? Se ela empalidecera devido ao excesso de alegria, então o problema estava mais próximo do que ele supunha. Ela não estava pálida agora; parecia-se mais com seu nome do que ele jamais a vira. Bem, ele era o homem certo para resolver problemas. Ele lamentava, é claro, que as pessoas se metessem neles, mas, uma vez que se metiam, ele era o homem certo.

Revigorado por esses pensamentos, pois sua carreira lhe era muito preciosa, o Sr. Wilkins, tanto por sua posição de participante na posse temporária de San Salvatore quanto como provável ajudante nas dificuldades, começou a prestar as honras ao Sr. Briggs com grande hospitalidade, mostrou a ele as diversas vistas do local, levou-o ao parapeito e mostrou-lhe Mezzago do outro lado da baía.

A Sra. Fisher também foi gentil. Esta era a casa deste jovem. Ele era um homem de posses. Ela gostava de posses e gostava de homens de posses. Também parecia haver um mérito peculiar em ser um homem de posses tão jovem. Herança, é claro; e herança era mais respeitável que aquisição. Indicava que havia pais; e,

numa época em que a maioria das pessoas parecia não tê-los nem querê-los, ela também gostava disso.

Consequentemente, foi uma refeição agradável, todos amigáveis e satisfeitos. Briggs achou a Sra. Fisher uma senhora amável e mostrou que pensava assim; e novamente a mágica funcionou, e ela se tornou uma senhora muito amável. Ela demonstrou bondade para com ele, um tipo de bondade quase brincalhona — na verdade, antes de o chá terminar, ela incluiu, em algumas observações que fez sobre ele, as palavras “Meu querido rapaz”.

Palavras estranhas na boca da Sra. Fisher. Era de se duvidar que já as tivesse usado em sua vida. Rose ficou surpresa. A Sra. Fisher era uma boa pessoa. Quando Rose pararia de se enganar sobre elas? Não suspeitara desse lado da Sra. Fisher e começou a se perguntar se os outros lados dela com os quais estava familiarizada talvez não tivessem sido, afinal, efeito do próprio comportamento beligerante e irritadiço. Provavelmente, sim. Quão horrível ela deve ter sido. Ela se sentiu muito arrependida quando viu, bem diante de seus olhos, a Sra. Fisher florescer em uma verdadeira amabilidade no momento em que chegou alguém que foi gentil com ela, e Rose poderia ter se enfiado num buraco no chão de vergonha quando ouviu a Sra. Fisher rir de verdade e percebeu, em choque, que o som era inteiramente novo. Nem uma vez antes ela ou qualquer outra pessoa ali tinham ouvido a Sra. Fisher rir. Que acusação para todos eles! Pois todos os outros tinham rido vez por outra desde que chegaram, alguns mais, outros menos, e apenas a Sra. Fisher não. Uma vez que ela podia se divertir como se divertia agora, estava claro que não havia se divertido antes. Ninguém se importara se ela estava se divertindo ou não, exceto talvez Lotty. Sim; Lotty se importara e quisera que ela ficasse feliz; mas Lotty parecia causar um efeito ruim na Sra. Fisher, ao passo que Rose nunca estivera perto dela cinco minutos sequer sem querer, querer de verdade, provocá-la ou contrariá-la.

Como ela havia sido horrível! Tinha se comportado de modo imperdoável. Seu arrependimento se mostrou através de uma solicitude tímida e deferente em relação à Sra. Fisher, o que fez o observador Briggs achá-la ainda mais angelical e desejar por um momento ser uma velha senhora, a fim de que Rose Arbuthnot o

tratasse assim. Evidentemente, não havia fim para as coisas que ela podia fazer com doçura, pensou ele. Ele nem se importaria de tomar remédios, remédios realmente ruins, se fosse Rose Arbuthnot quem estivesse curvada sobre ele com a dose.

Ela sentiu os brilhantes olhos azuis de Briggs, mais brilhantes porque ele estava muito queimado de sol, fixos nela e, sorrindo, perguntou o que ele estava pensando.

Mas ele respondeu que não podia lhe contar; e acrescentou:

— Algum dia.

“Problema, problema”, pensou o Sr. Wilkins, esfregando mentalmente as mãos outra vez. “Bem, sou o homem certo para eles.”

— Tenho certeza — disse a Sra. Fisher com bondade — de que você não tem pensamentos que não deveríamos ouvir.

— Tenho certeza — disse Briggs — que lhe contarei todos os meus segredos em uma semana.

— Então você contará a alguém muito confiável — disse a Sra. Fisher com benevolência. Ela gostaria de ter tido um filho exatamente como ele. — E, em troca — continuou —, ouse dizer que lhe contarei o meu.

— Ah, não — disse o Sr. Wilkins, adaptando-se a esse tom de brincadeira. — Devo protestar. Realmente devo. Tenho prioridade, sou um amigo mais antigo. Conheço a Sra. Fisher há dez dias, e você, Briggs, não a conhece nem há um. Afirmo meu direito de ouvir seus segredos primeiro. Isso é — acrescentou, curvando-se galantemente —, se ela tiver algum... o que eu duvido.

— Ah, não tenho! — exclamou a Sra. Fisher, pensando naquelas folhas verdes. Que ela exclamasse já era surpreendente, mas que o fizesse com alegria era um milagre. Rose só conseguia olhar para ela, maravilhada.

— Então vou arrancá-los — disse Briggs com igual alegria.

— Não será necessário muito esforço — disse a Sra. Fisher. — Minha dificuldade é impedi-los de explodir.

Poderia ter sido Lotty falando. O Sr. Wilkins ajustou o monóculo que carregava com ele para ocasiões como esta e examinou a Sra. Fisher com cuidado. Rose observou, incapaz de não sorrir também, já que a Sra. Fisher parecia muito divertida, embora Rose não

soubesse o porquê, e seu sorriso fosse um pouco incerto, pois a Sra. Fisher se divertindo era uma nova visão com seus aspectos surpreendentes, e era preciso se acostumar com isso.

O que a Sra. Fisher estava pensando era o quanto eles ficariam surpresos se ela lhes contasse sua sensação muito estranha e emocionante de vitalidade. Pensariam que era uma velha muito boba, e ela também teria pensado assim dois dias antes; mas estava se familiarizando com a ideia, estava mais *apprivoisée* agora, como costumava dizer o querido Matthew Arnold, e achava que, sem dúvida, seria melhor que a aparência e as sensações de alguém tivessem correlação, mas, supondo que não — e não se podia ter tudo —, não era melhor sentir-se jovem em algum aspecto do que velha em todos? Haveria tempo suficiente para envelhecer em todos os aspectos de novo, tanto por dentro quanto por fora, quando voltasse ao seu sarcófago em Prince of Wales Terrace.

No entanto, é provável que, sem a chegada de Briggs, a Sra. Fisher tivesse fermentado secretamente em sua concha. Os outros apenas a tinham como severa. Teria sido mais do que sua dignidade poderia suportar de repente relaxar — sobretudo com as três jovens. Mas agora havia o estranho Briggs, um estranho que imediatamente a tratou como nenhum jovem a tratara na vida, e foi a chegada de Briggs e sua apreciação real e manifesta — pois era uma avó assim, pensou Briggs, com sede de vida doméstica e seus prazeres, que ele gostaria de ter tido — que libertaram a Sra. Fisher de sua concha; e ali estava ela, como Lotty previra, satisfeita, bem-humorada e benevolente.

Lotty, voltando de seu piquenique meia hora depois e seguindo o som de vozes até o jardim superior, na esperança de ainda encontrar chá, viu imediatamente o que havia acontecido, pois, naquele momento, a Sra. Fisher estava rindo.

“Ela rompeu o casulo”, pensou Lotty; e, veloz como era em todos os seus movimentos, impulsiva e também sem qualquer senso de propriedade para se preocupar e impedi-la, inclinou-se sobre as costas da cadeira da Sra. Fisher e a beijou.

— Meu Deus! — exclamou a Sra. Fisher, a princípio violentamente, porque uma coisa dessas não lhe acontecia desde os primeiros dias do Sr. Fisher, e depois apenas com cautela.

Aquele fora um beijo de verdade e repousou na bochecha da Sra. Fisher por um momento, com uma doçura estranha e suave.

Quando viu de quem era, um rubor profundo se espalhou por seu rosto. A Sra. Wilkins a beijando, e o beijo sendo tão carinhoso... Mesmo que quisesse, não podia, na presença do apreciativo Sr. Briggs, retomar sua severidade e começar uma repreensão; mas ela não queria. Seria possível que a Sra. Wilkins gostasse dela...? Que tivesse gostado dela todo esse tempo, enquanto ela própria a detestava? Um estranho fio de calor se infiltrou pelas defesas congeladas do coração da Sra. Fisher. Alguém jovem a beijando — alguém jovem querendo beijá-la... Muito corada, ela observou a estranha criatura, aparentemente inconsciente de ter feito algo extraordinário, trocando um aperto de mãos com o Sr. Briggs, quando seu marido os apresentou, e iniciando de imediato uma conversa muito amigável com ele, exatamente como se o conhecesse a vida toda. Que criatura estranha; que criatura muito estranha. Era natural, sendo tão estranha, que alguém, talvez, a julgasse mal...

— Tenho certeza de que você quer um pouco de chá — disse Briggs com uma hospitalidade ansiosa em relação a Lotty. Ele a considerava encantadora... sardas, desarrumação de piquenique e tudo mais. Exatamente como a irmã que ele... — Está frio — disse ele, tocando o bule. — Vou pedir a Francesca que faça mais um pouco para você...

Ele parou e corou.

— Ora, estou sendo indelicado — disse ele, rindo e olhando em volta para eles.

— Muito natural, muito natural — assegurou o Sr. Wilkins.

— Eu falo com Francesca — disse Rose, levantando-se.

— Não, não — pediu Briggs. — Não se vá. — Então colocou as mãos ao redor da boca e gritou: — Francesca!

Ela veio correndo. Na experiência dos outros, nenhuma convocação tinha sido respondida por ela com tanta rapidez.

— A voz do patrão — observou o Sr. Wilkins; apropriadamente, considerou.

— Faça chá fresco — ordenou Briggs em italiano. — Rápido... rápido... — E então, lembrando de sua posição, corou novamente e

pediu perdão a todos.

— Muito natural, muito natural — assegurou o Sr. Wilkins.

Briggs então explicou a Lotty o que já havia explicado duas vezes, uma para Rose e outra para os outros dois à mesa: que ele estava a caminho de Roma e pensou em passar em Mezzago e apenas dar uma olhada, para ver se estavam confortáveis, e então seguiria sua jornada no dia seguinte, passando a noite em um hotel em Mezzago.

— Mas que ridículo — disse Lotty. — Claro que você deve ficar aqui. É a sua casa. Há o quarto de Kate Lumley — acrescentou, voltando-se para a Sra. Fisher. — Você se importaria se o Sr. Briggs o usasse por uma noite? Kate Lumley não está aqui, você sabe — disse ela voltando-se para Briggs novamente e rindo.

E a Sra. Fisher, para sua imensa surpresa, riu também. Ela sabia que, em qualquer outro momento, esse comentário lhe pareceria excessivamente impróprio, mas agora só o achava engraçado.

Não, ela garantiu a Briggs, Kate Lumley não ocupava o quarto. Felizmente, porque era uma pessoa extremamente larga e o quarto era muito estreito. Kate Lumley poderia entrar nele, mas só isso. Uma vez lá dentro, ficaria tão apertada que provavelmente nunca conseguiria sair. Estava inteiramente à disposição do Sr. Briggs, e ela esperava que ele não fizesse nada tão absurdo quanto ir para um hotel — ele, o dono de todo aquele lugar.

Rose ouviu esse discurso com os olhos arregalados de espanto. A Sra. Fisher riu muito ao fazê-lo. Lotty riu muito também e no final se curvou e a beijou novamente —beijou-a várias vezes.

— Como vê, meu querido rapaz — disse a Sra. Fisher —, você deve ficar aqui e conceder a todos nós esse grande prazer.

— Um grande prazer mesmo — corroborou o Sr. Wilkins com entusiasmo.

— Um enorme prazer — repetiu a Sra. Fisher, parecendo exatamente uma mãe satisfeita.

— Sim — disse Rose, quando Briggs se voltou para ela, inquisitivo.

— Que gentileza de todos vocês — falou ele, com um sorriso largo no rosto. — Eu adoraria ser um convidado aqui. Que sensação nova! E com essas três... — Ele parou e olhou em volta. — Eu não

deveria ter uma quarta anfitriã? Francesca disse que havia quatro anfitriãs.

— Sim. Há Lady Caroline — disse Lotty.

— Então não é melhor descobrirmos antes se ela concorda em me convidar?

— Ah, mas ela com certeza... — começou Lotty.

— A filha dos Droitwiches, Briggs — disse o Sr. Wilkins —, provavelmente não é imune aos impulsos hospitaleiros.

— A filha dos... — repetiu Briggs; mas ele se interrompeu de súbito, pois ali na porta estava a própria filha dos Droitwiches; ou melhor, vindo na direção dele, saindo do portal escuro para o brilho do pôr do sol, estava o que ele ainda não tinha visto nessa vida, mas apenas sonhado, seu ideal de beleza absoluta.

19

E então quando ela falou... que chance havia para o pobre Briggs? Ele se derreteu.

— Como vai? — Foi tudo o que Miúda disse quando o Sr. Wilkins os apresentou, mas foi suficiente; Briggs se derreteu.

De um jovem alegre, falante, feliz, amigável e transbordando vida, ele se tornou calado, solene e com pequenas rugas nas têmporas. Também se tornou desajeitado, deixando cair a colher de chá enquanto lhe entregava a xícara, se enrolando com os macarons, de modo que um caiu no chão. Não conseguia desviar os olhos um momento sequer daquele rosto encantador; e quando o Sr. Wilkins, explicando por ele, pois estava incapaz de se explicar, informou a Lady Caroline que o Sr. Briggs era o dono de San Salvatore, que estava a caminho de Roma, mas que havia parado em Mezzago etc. etc., e que as outras três senhoras o convidaram para passar a noite no que, para todos os efeitos, era sua própria casa, e não em um hotel, e o Sr. Briggs aguardava apenas a aprovação dela a esse convite, sendo ela a quarta anfitriã — quando o Sr. Wilkins, ponderando suas frases, sendo admiravelmente claro e apreciando o som da própria voz culta, explicou assim a situação a Lady Caroline, Briggs sentou-se e não disse uma palavra.

Uma profunda melancolia invadiu Miúda. Os sintomas do monopolizador incipiente estavam todos lá e eram familiares demais, e ela sabia que, se Briggs ficasse, o descanso dela poderia ser dado por encerrado.

Então pensou em Kate Lumley. Agarrou-se a Kate como a uma boia.

— Seria ótimo — disse ela, sorrindo sem viço para Briggs; ela não poderia decentemente não sorrir, pelo menos um pouco, mas mesmo um pouco mostrava a covinha, e os olhos de Briggs se tornaram mais fixos do que nunca. — Apenas me pergunto se há espaço.

— Há, sim — disse Lotty. — Há o quarto de Kate Lumley.

— Pensei — disse Miúda à Sra. Fisher, e parecia a Briggs que ele nunca ouvira música até aquele momento — que sua amiga fosse chegar imediatamente.

— Ah, não — disse a Sra. Fisher... com uma estranha placidez, Miúda pensou.

— A Srta. Lumley — disse o Sr. Wilkins —, ou devo dizer senhora? — perguntou ele à Sra. Fisher.

— Ninguém nunca se casou com Kate — respondeu a Sra. Fisher, complacente.

— Muito bem. De qualquer modo, a Srta. Lumley não chega hoje, Lady Caroline, e o Sr. Briggs, infelizmente, se assim posso dizer, deve seguir sua jornada amanhã, para que sua permanência não interfira nos possíveis movimentos da Srta. Lumley.

— Então, é claro que aprovo o convite — disse Miúda, com o que era, para Briggs, a cordialidade mais divina.

Ele gaguejou alguma coisa, ficando muito vermelho, e Miúda pensou “Ah”, e virou a cabeça; mas isso apenas fez Briggs notar seu perfil e, se existia algo mais adorável que o rosto de Miúda, era seu perfil.

Bem, era apenas por uma tarde e noite. Ele iria embora, sem dúvida, logo pela manhã. Levava horas para chegar a Roma. Seria horrível se ele esperasse o trem noturno. Ela tinha a sensação de que o principal expresso para Roma passava à noite. Por que aquela mulher Kate Lumley ainda não havia chegado? Tinha se esquecido completamente dela, mas agora lembrava que ela

deveria ter sido convidada duas semanas atrás. O que acontecera com ela? Esse homem, depois que o deixasse entrar, ia visitá-la em Londres, assombraria os lugares aonde ela provavelmente ia. Ele tinha todos os requisitos, seus olhos experientes podiam ver, de um perseguidor apaixonadamente persistente.

“Se havia algum entendimento entre esse jovem e a Sra. Arbuthnot”, pensou o Sr. Wilkins, observando o rosto de Briggs e seu súbito silêncio, “agora haverá problema. Um problema diferente daquele que eu temia, no qual Arbuthnot teria desempenhado um papel importante, na verdade seria uma das partes, mas um problema que talvez necessite de ajuda e conselhos para não se tornar um escândalo. Briggs, impelido por suas paixões e pela beleza dela, desejará a filha dos Droitwiches. Ela, natural e adequadamente, o repelirá. A Sra. Arbuthnot, deixada de lado, ficará chateada e o demonstrará. Arbuthnot, ao chegar, encontrará a esposa em lágrimas misteriosas. Ao perguntar o motivo, receberá em resposta uma reserva fria. Então, é possível esperar mais problemas e, em mim, eles procurarão e encontrarão seu conselheiro. Quando Lotty disse que a Sra. Arbuthnot queria o marido, ela estava errada. O que a Sra. Arbuthnot quer é Briggs e parece que, estranhamente, ela não o terá. Bem, eu sou o homem certo para eles.”

— Onde estão suas coisas, Sr. Briggs? — perguntou a Sra. Fisher, sua voz macia com aquele ar maternal. — Não deve mandar buscá-las? — Agora, o sol quase tocava o mar, e a umidade de abril, que se seguia imediatamente ao pôr do sol, começava a invadir o jardim.

Briggs sobressaltou-se.

— Minhas coisas? — repetiu. — Ah, sim... preciso mandar buscá-las. Estão em Mezzago. Vou mandar Domenico. Minha carruagem está esperando na aldeia. Ele pode ir até lá. Vou falar com ele.

Ele se levantou. Com quem estava falando? Com a Sra. Fisher, ostensivamente, embora seus olhos estivessem fixos em Miúda, que não dizia nada nem olhava para ninguém.

Então, lembrando-se de sua posição, ele gaguejou:

— Sinto muito... continuo me esquecendo... Eu mesmo vou descer para buscá-las.

— Podemos facilmente enviar Domenico — disse Rose; e ao ouvir sua voz suave, ele virou a cabeça.

Ora, ali estava sua amiga, a dama de nome doce — mas como ela havia mudado nesse curto intervalo! Seria a luz poente que a deixava tão incolor, de traços tão indistintos, tão turva, tão fantasmagórica? Um bom fantasma, é claro, e ainda por cima com um belo nome, mas apenas um fantasma.

Ele se virou dela para Miúda outra vez e esqueceu a existência de Rose Arbuthnot. Como era possível que ele se importasse com qualquer outra coisa ou pessoa nesse primeiro momento em que estava cara a cara com seu sonho realizado?

Briggs não supusera nem tivera esperança de que existisse alguém tão linda quanto seu sonho de beleza. Até agora, nunca havia encontrado nada que sequer chegasse perto. Mulheres bonitas, mulheres encantadoras aos montes, que ele conhecera e apreciara adequadamente, mas nunca aquela coisa de fato divina em si. Ele costumava pensar: “Se alguma vez eu vir uma mulher perfeitamente linda, morrerei”; no entanto, tendo agora encontrado o que, segundo suas ideias, era uma mulher perfeitamente linda, ele não morreu, tornou-se quase tão incapaz de cuidar de suas coisas como se tivesse morrido.

Os outros foram obrigados a organizar tudo para ele. Fizeram perguntas para descobrir que sua bagagem estava na chapelaria da estação em Mezzago, e mandaram chamar Domenico e, instigado e solicitado por todos, exceto Miúda, que ficou em silêncio sem olhar para ninguém, Briggs foi induzido a lhe dar as instruções necessárias para chegar à carruagem e trazer suas coisas.

Era triste ver o colapso de Briggs. Todos perceberam, até Rose.

“Eu garanto”, pensou a Sra. Fisher, “que a maneira como um rosto bonito pode transformar um homem encantador em um idiota está além de toda e qualquer paciência.”

Sentindo o ar esfriar e achando dolorosa aquela visão de Briggs enfeitiçado, ela entrou para ordenar que o quarto dele fosse preparado, lamentando agora por ter pressionado o pobre rapaz a ficar. Por um momento, ela se esquecera do rosto estraga-prazeres

de Lady Caroline, muito porque ele não causara absolutamente nenhum efeito no Sr. Wilkins. Pobre rapaz. Um rapaz tão charmoso também, abandonado. Era verdade que ela não podia acusar Lady Caroline de abandoná-lo, pois ela não prestava nenhuma atenção nele, mas isso não ajudava. Exatamente como mariposas idiotas, os homens, inteligentes sob outros aspectos, flutuam em volta da vela acesa que é um impassível rosto bonito. Ela os vira fazendo isso. Com muita frequência. Quase colocou a mão maternal na cabeça de Briggs quando passou por ele. Pobre rapaz.

Miúda, depois de terminar o cigarro, levantou-se e também entrou. Não via razão para ficar sentada ali, apenas para atender o desejo do Sr. Briggs de encará-la. Gostaria de ter ficado mais tempo do lado de fora, de ter ido para seu refúgio atrás dos arbustos de troviscos, olhar o céu do pôr do sol, ver as luzes da aldeia se apagando uma a uma e sentir o cheiro doce da umidade da noite, mas, se ela o fizesse, o Sr. Briggs certamente a seguiria.

A velha tirania que lhe era familiar recomeçara. Suas férias de paz e liberdade foram interrompidas — talvez tivessem acabado, pois quem poderia saber se ele iria mesmo embora amanhã, afinal? Ele poderia sair da casa, expulso por Kate Lumley, mas isso não o impedia de se hospedar na aldeia e aparecer todos os dias. Essa tirania de uma pessoa sobre outra! E as feições dela eram um castigo tão grande que Miúda nem poderia fazer uma careta para ele sem ser mal interpretada.

Miúda, que adorava aquela hora da noite em seu refúgio, sentiu-se indignada com o Sr. Briggs, que a afastava dali, então deu as costas para o jardim e para ele e foi em direção à casa sem olhar para trás nem dizer uma palavra. Mas Briggs, ao perceber a intenção dela, levantou-se, tirou do caminho dela cadeiras que nem estavam em seu caminho, chutou para o lado um banquinho que também não estava no caminho, correu para a porta, que já estava aberta, a fim de mantê-la assim, e a seguiu através dela, caminhando ao seu lado pelo corredor.

O que ela devia fazer com o Sr. Briggs? Bem, era o corredor dele; ela não podia impedi-lo de andar por ali.

— Espero — disse ele, incapaz de tirar os olhos dela enquanto caminhava e, por isso, ia esbarrando em diversas coisas que, de

outro modo, teria evitado: a quina de uma estante de livros, um armário antigo esculpido, a mesa com as flores, sacudindo a água do vaso — que você esteja bastante confortável aqui. Se não estiver eu... eu vou esfolá-los vivos.

A voz dele vibrava. O que ela devia fazer com o Sr. Briggs? Ela podia, é claro, ficar em seu quarto o tempo todo, dizer que estava se sentindo mal, não aparecer para o jantar; mas, novamente, a tirania disso...

— Estou muito confortável, sim — disse Miúda.

— Se eu soubesse que você viria... — começou ele.

— É um lugar maravilhoso e antigo — disse Miúda, esforçando-se ao máximo para parecer imparcial e proibitiva, mas com pouca esperança de sucesso.

A cozinha ficava nesse andar e, passando pela porta, que estava um pouco aberta, eles foram observados pelos criados, cujos pensamentos, compartilhados entre si pelos olhares, incluíam sua apreciação e presciência do inevitável, bem como seu completo entendimento e aprovação.

— Você vai subir? — perguntou Briggs, quando ela parou ao pé da escada.

— Sim.

— Para que sala você vai? A sala de estar ou a pequena sala amarela?

— Para meu próprio quarto.

Então ele não poderia ir com ela; tudo o que ele podia fazer era esperar até que ela saísse novamente.

Ele quis perguntar qual era o quarto dela — era emocionante ouvi-la citar qualquer quarto daquela casa como sendo seu — para que pudesse imaginá-la nele. Ansiava saber se, por um feliz acaso, era o quarto dele, que estaria para sempre preenchido com a beleza dela; mas não se atreveu. Mais tarde ele descobriria isso com outra pessoa — Francesca, ou qualquer outra.

— Então não vou vê-la outra vez até o jantar?

— O jantar é às oito. — Foi a resposta evasiva de Miúda enquanto subia as escadas.

Ele a observou ir.

Ela passou pela madona, o retrato de Rose Arbuthnot, e a figura de olhos escuros que ele julgara tão doce pareceu empalidecer, encolher até insignificância quando ela passou pelo quadro.

Ela fez a curva da escada, e o sol poente, entrando pela janela oeste por um momento e brilhando em seu rosto, a transformou em glória.

Ela desapareceu e o sol também se pôs, e as escadas ficaram escuras e vazias.

Ele ouviu os passos dela até desaparecerem, tentando adivinhar pelo som da porta se fechando em que quarto ela havia entrado, depois vagou sem rumo pelo corredor novamente e se viu de volta ao jardim.

De sua janela, Miúda o viu ali. Viu Lotty e Rose sentadas no parapeito na extremidade, onde ela gostaria de estar, e viu o Sr. Wilkins capturando a atenção de Briggs e, evidentemente, contando a história do oleandro no meio do jardim.

Briggs ouvia com uma paciência que ela achou gentil, haja vista que era o seu oleandro e a história do próprio pai dele. Ela sabia que o Sr. Wilkins contava a história por causa de seus gestos. Domenico havia contado a ela logo após sua chegada e também a contara à Sra. Fisher, que havia contado ao Sr. Wilkins. A Sra. Fisher pensava muito nessa história e falava dela com frequência. Era sobre um cajado de cerejeira. O pai de Briggs enfiara o cajado no chão naquele local e disse ao pai de Domenico, que era o jardineiro: “Aqui teremos um oleandro.” E o pai de Briggs deixou o cajado no chão como um lembrete para o pai de Domenico e, depois — quanto tempo depois ninguém se lembrava —, o cajado começou a brotar, e era um oleandro.

Ali estava o pobre Briggs, escutando tudo isso, ouvindo com paciência a história que devia conhecer desde a infância.

Provavelmente pensava em outra coisa. Ela imaginava que sim. Como era extremamente infeliz a determinação que tomava algumas pessoas e as faziam querer tomar posse de outras pessoas. Se ao menos fosse possível torná-las mais autônomas. Por que o Sr. Briggs não podia ser mais como Lotty, que nunca queria nada de ninguém, que, em vez disso, se bastava e respeitava a integridade de outras pessoas? As pessoas adoravam estar com

Lotty. Com ela, sentiam-se livres e ainda assim eram amigas. O Sr. Briggs também parecia muito agradável. Ela pensou que poderia gostar dele se ele não gostasse tanto dela.

Miúda se sentiu melancólica. Ali estava ela, trancada no quarto, que estava abafado pelo sol da tarde que se derramava nele, em vez de lá fora, no jardim fresco, e tudo por causa do Sr. Briggs.

Uma tirania intolerável, ela pensou, se agitando. Não suportaria isso; ela sairia mesmo assim; desceria correndo enquanto o Sr. Wilkins controlava o Sr. Briggs, contando a ele sobre o oleandro — aquele homem era mesmo um tesouro —, sairia da casa pela porta da frente e se esconderia nas sombras do caminho em zigue-zague. Ninguém a veria lá; ninguém pensaria em procurá-la por lá.

Ela pegou uma manta, pois não pretendia voltar por um longo tempo, talvez nem mesmo para jantar — seria tudo culpa do Sr. Briggs se ela ficasse sem jantar e com fome — e, lançando outro olhar pela janela, para ver se ainda estava em segurança, escapou e foi para as árvores do caminho em zigue-zague, onde sentou-se em um dos bancos colocados em cada curva para ajudar aqueles que ficavam sem fôlego na subida.

Ah, isso foi adorável, pensou Miúda com um suspiro de alívio. Muito fresco. E que cheiro bom! Ela podia ver a água parada do pequeno porto através dos troncos de pinheiros, e as luzes que vinham das casas do outro lado, e ao redor dela o crepúsculo verde era salpicado pelo tom rosado dos gladiólos na grama e pela brancura das margaridas aglomeradas.

Ah, aquilo era adorável. Tão quieto. Nada se mexia — nem uma folha, nem um caule. O único som era um cachorro latindo ao longe, em algum lugar nas colinas, ou quando a porta do pequeno restaurante na *piazza* abaixo se abria e havia uma explosão de vozes, logo silenciadas outra vez pelo balanço da porta.

Ela respirou fundo de prazer. Ah, isso era...

Sua respiração profunda foi interrompida no meio. O que era aquilo?

Ela se inclinou para a frente ouvindo, o corpo tenso.

Passos. No caminho em zigue-zague. Briggs. Ele ia encontrá-la.

Ela deveria correr?

Não... os passos estavam subindo, não descendo. Alguém da aldeia. Talvez Angelo, com provisões.

Ela relaxou outra vez. Mas não eram os passos de Angelo, aquele jovem rápido e flexível; eram lentos e ponderados e faziam paradas.

“Alguém que não está acostumado a colinas”, pensou Miúda.

A ideia de voltar para a casa não lhe ocorreu. Ela não tinha medo de nada na vida, exceto do amor. Bandidos e assassinos não assustavam a filha dos Droitwiches; ela só teria medo deles se deixassem de ser bandidos e assassinos e, em vez disso, tentassem forçá-la a fazer amor.

No momento seguinte, os passos dobraram a esquina de seu caminho e pararam.

“Recuperando o fôlego”, pensou Miúda, sem olhar em volta.

Então, como ele — pelo som dos passos ela calculou que fossem de um homem — não se mexeu, ela virou a cabeça e viu com espanto uma pessoa que vira com frequência em Londres ultimamente, o famoso escritor de memórias de comédia, o Sr. Ferdinand Arundel.

Ela o encarou. Ser seguida não era algo que ainda a surpreendesse, mas que ele tivesse descoberto onde ela estava, isso, sim, a surpreendeu. Sua mãe prometera fielmente não contar a ninguém.

— Você? — disse ela, sentindo-se traída. — Aqui?

Ele foi até ela e tirou o chapéu. Sua testa estava molhada por causa da escalada à qual não estava acostumado. Ele parecia envergonhado e suplicante, como um cachorro culpado, mas devotado.

— Você deve me perdoar — disse ele. — Lady Droitwich me contou onde você estava e, como eu estava passando por perto a caminho de Roma, pensei em descer em Mezzago e apenas ver como você estava.

— Mas... minha mãe não lhe disse que eu estava descansando?

— Sim. Ela disse. E foi por isso que não a incomodei mais cedo. Pensei que você provavelmente dormiria o dia todo e acordaria mais ou menos a essa hora, para se alimentar.

— Mas...

— Eu sei. Não tenho desculpa. Eu não pude evitar.

“É isso que dá”, pensou Miúda, “minha mãe insistir em convidar escritores para almoçar e eu aparentar ser muito mais agradável do que realmente sou.”

Ela fora amável com Ferdinand Arundel; gostava dele — ou melhor, não desgostava dele. Ele parecia um homem simples e jovial e tinha os olhos de um cachorro bonzinho. Além disso, embora fosse evidente que a admirava, ele não era um dos perseguidores de Londres. Lá, tinha sido apenas uma pessoa amável e inofensiva, com uma conversa interessante, que ajudava a tornar os almoços agradáveis. Agora parecia que ele também era um perseguidor. Capaz de segui-la até ali — ousando fazê-lo. Ninguém mais tinha feito isso. Talvez sua mãe tivesse dado o endereço a ele porque o considerava absolutamente inofensivo e achou que ele poderia ser útil e ir ver como era a casa.

Bem, fosse ele o que fosse, não poderia lhe causar o problema que um jovem ativo como o Sr. Briggs poderia. O Sr. Briggs, apaixonado, seria imprudente, ela sentia, não se prenderia a nada, perderia a cabeça em público. Ela imaginava o Sr. Briggs fazendo coisas com escadas de corda e cantando a noite toda sob sua janela — sendo realmente difícil e desconfortável. O Sr. Arundel não tinha disposição para qualquer tipo de imprudência. Ele vivera muito tempo e muito bem. Ela tinha certeza de que ele não sabia cantar e não gostaria. Ele devia ter pelo menos quarenta anos. Quantos bons jantares um homem não teria comido aos quarenta? E se, durante esse tempo, em vez de se exercitar, ele tivesse ficado sentado escrevendo livros, adquiriria naturalmente a imagem que o Sr. Arundel havia de fato adquirido — a imagem de quem era dado mais a conversas do que à aventura.

Miúda, que se tornara melancólica ao ver Briggs, tornou-se filosófica ao ver Arundel. Ali estava ele. Ela não poderia mandá-lo embora até depois do jantar. Ele devia ser alimentado.

Sendo assim, ela tiraria o melhor proveito da situação e o faria de bom grado, que, de qualquer modo, não poderia evitar. Além disso, ele seria um abrigo temporário contra o Sr. Briggs. Pelo menos conhecia Ferdinand Arundel e poderia receber notícias de sua mãe e de seus amigos, e essa conversa ergueria uma barreira

defensiva entre ela e as abordagens do outro durante o jantar. E seria apenas um jantar, e ele não podia comê-la.

Portanto, ela se preparou para ser amigável.

— Eu vou me alimentar — disse ela, ignorando o último comentário dele — às oito, e o senhor também deve subir e ser alimentado. Sente-se, relaxe e me conte como estão todos.

— Posso mesmo jantar com a senhorita? Com esses trajes de viagem? — perguntou ele, limpando a testa antes de se sentar ao lado dela.

Ela era adorável demais para ser verdade, pensou ele. Só olhá-la por uma hora, apenas ouvir sua voz, era recompensa suficiente para sua jornada e seus medos.

— Claro. Suponho que tenha deixado a sua carruagem na vila e vá partir de Mezzago no trem noturno.

— Ou ficar em um hotel em Mezzago e seguir amanhã. Mas me fale de você — disse ele, olhando para o perfil adorável. — Londres tem estado extraordinariamente chata e vazia. Lady Droitwich disse que você estava aqui com pessoas que ela não conhece. Devo esperar que tenham sido gentis com você? Você parece... bem, como se seu descanso tivesse curado tudo o que havia para se curar.

— Eles foram muito gentis — respondeu Miúda. — Encontrei-as em um anúncio.

— Um anúncio?

— Acho que é uma boa maneira de fazer amigos. Sinto um grande carinho por uma delas do que por qualquer outra pessoa em anos.

— Sério? Por quem?

— Vai adivinhar quem quando as vir. Conte-me sobre minha mãe. Quando foi a última vez que a viu? Combinamos de não escrever uma para a outra a menos que houvesse algo especial. Eu queria ter um mês completamente vazio.

— E agora cheguei e o interrompi. Não posso lhe dizer como estou envergonhado... tanto por ter feito isso quanto por não ter sido capaz de evitar.

— Ah, mas estou mesmo muito feliz em vê-lo — disse Miúda rapidamente, pois ele não poderia ter chegado em um dia melhor,

quando ela sabia que, lá em cima, a esperando e vigiando, estava o apaixonado Briggs. — Conte-me sobre minha mãe.

20

Miúda queria tanto saber de sua mãe que Arundel teve que inventar. Ele falaria sobre qualquer coisa que ela desejasse, desde que pudesse ficar um pouco com ela, vê-la e ouvi-la, mas na verdade sabia muito pouco sobre os Droitwiches e seus amigos — além de encontrá-los naqueles grandes eventos em que a literatura também é representada, e de diverti-los em almoços e jantares, ele sabia muito pouco sobre eles. Para eles, sempre fora o Sr. Arundel; ninguém o chamava de Ferdinand; e ele também só sabia das fofocas disponíveis nos jornais vespertinos e contadas pelos frequentadores dos clubes. No entanto, ele era bom em inventar; e assim que chegou ao fim do que sabia em primeira mão, a fim de responder às perguntas dela e mantê-la lá para si, começou a inventar. Era muito fácil ligar algumas das coisas divertidas que ele sempre pensava a outras pessoas e fingir que eram delas. Miúda, que tinha por seus pais aquele tipo de afeição que cresce na ausência, estava com sede de notícias e ficou cada vez mais interessada pelas coisas que ele ia contando.

A princípio, eram notícias comuns. Ele encontrou a mãe dela aqui e a viu lá. Ela parecia muito bem; ela disse isso e aquilo. Mas depois as coisas que Lady Droitwich tinha dito adquiriam uma qualidade incomum: elas se tornaram divertidas.

— Mamãe disse isso? — interrompia Miúda, surpresa.

E então Lady Droitwich começou a fazer coisas divertidas, além de dizê-las.

— Mamãe fez isso? — perguntava Miúda, de olhos arregalados.

Arundel se entusiasmou com o próprio trabalho. Ele atribuiu algumas das mais divertidas ideias que tivera recentemente a Lady Droitwich e também quaisquer coisas divertidas e engraçadas que tivessem sido feitas — ou que poderiam ter sido feitas, pois ele podia imaginar quase qualquer coisa.

Os olhos de Miúda se arregalaram de admiração e de um orgulho afetuosos por sua mãe. Ora, mas que mãe engraçada... e

extravagante. Que senhora mais querida. Ela realmente tinha feito isso? Que adorável da parte dela. E ela realmente dissera... mas como é maravilhoso que ela tenha pensado nisso. Com que cara Lloyd George ficou?

Ela riu muito e teve um grande desejo de abraçar sua mãe. O tempo voou, começou a anoitecer, ficou quase completamente escuro, e o Sr. Arundel ainda a divertia. Faltavam quinze para as oito e de repente ela se lembrou do jantar.

— Ah, Deus do céu! — exclamou ela, pulando.

— Sim. É tarde — disse Arundel.

— Eu vou depressa e mandarei a criada vir encontrar você. Tenho que correr ou nunca ficarei pronta a tempo...

E ela subiu o caminho com a rapidez de uma gazela jovem e esbelta.

Arundel a seguiu. Não queria chegar muito suado, então teve que ir devagar. Felizmente estava perto do topo, e Francesca desceu a pérgola para levá-lo para dentro e, tendo lhe mostrado onde ele poderia se lavar, ela o deixou na sala vazia para descansar junto ao fogo crepitante.

Ele ficou o mais longe possível do fogo, em um dos recessos profundos da janela, olhando para as luzes distantes de Mezzago. A porta da sala estava aberta, e a casa, silenciosa, aquele silêncio que precede o jantar, quando todos os habitantes estão trancados em seus aposentos se vestindo. Em seu quarto, Briggs descartava uma gravata velha após outra; Miúda, no dela, colocava depressa um vestido preto, com uma vaga ideia de que o Sr. Briggs não a veria tão bem de preto; a Sra. Fisher prendia o xale de renda, que todas as noites transformava seu vestido diurno em vestido noturno, com o broche que Ruskin lhe dera como presente de casamento, formado por dois lírios amarrados por uma fita de esmalte azul, escrito em letras douradas *Esto perpetua*; o Sr. Wilkins estava sentado na beira da cama, penteando o cabelo da esposa — tão longe tinha chegado, nessa terceira semana, sua demonstração de afeto —, enquanto ela, por sua vez, sentada em uma cadeira na frente dele, prendia as abotoaduras dele em uma camisa limpa; e Rose, já vestida, estava sentada à janela, pensando no seu dia.

Rose estava bem ciente do que havia acontecido com o Sr. Briggs. Se tivesse qualquer dificuldade de perceber isso, Lotty teria acabado com ela pelos comentários francos que fez quando as duas estavam sentadas juntas na mureta, depois do chá. Lotty ficou encantada que mais amor fosse introduzido em San Salvatore, mesmo que fosse unilateral, e disse que, quando o marido de Rose chegasse, ela imaginava que não haveria outro lugar no mundo tão cheio de felicidade quanto San Salvatore, agora que a Sra. Fisher enfim também havia se derretido — Rose protestou contra essa expressão, e Lotty respondeu que era de Keats.

— Seu marido — dissera Lotty, balançando os pés — deve chegar aqui em breve, talvez amanhã à noite se ele partir depressa, e haverá um final glorioso alguns dias antes de todos voltarmos revigorados para casa e para a vida. Acho que nenhum de nós voltará a ser como antes... e não ficaria nem um pouco surpresa se Caroline acabasse gostando do jovem Briggs. Está no ar. Você tem que gostar das pessoas aqui.

Rose sentou-se à janela, pensando nessas coisas. O otimismo de Lotty... no entanto, ele era justificado pelo Sr. Wilkins; e, veja, também pela Sra. Fisher. Se ao menos também se tornasse realidade sobre Frederick! Para Rose, que entre o almoço e o chá havia parado de pensar em Frederick, agora entre o chá e o jantar, pensava nele mais do que nunca.

Foi divertido e agradável aquele pequeno interlúdio de admiração, mas é claro que não poderia continuar depois que Caroline aparecesse. Rose conhecia seu lugar. Ela via, assim como qualquer outra pessoa, a beleza incomum de Lady Caroline. No entanto, coisas como admiração e apreciação faziam a pessoa se sentir muito empolgada, muito capaz de realmente merecê-las, muito diferente, brilhante. Essas coisas pareciam trazer à tona qualidades inesperadas. Ela tinha certeza de que fora uma mulher completamente divertida entre o almoço e o chá, e bonita também. Tinha certeza de que era bonita; viu isso nos olhos do Sr. Briggs tão claramente quanto em um espelho. Por um breve período, ela pensou, tinha sido como uma mosca trazida de volta ao zumbido alegre pela luz de uma chama em uma sala de inverno. Ela ainda zumbia, ainda formigava, só de lembrar. Que divertido tinha sido ter

um admirador mesmo que por pouco tempo. Não era de espantar que as pessoas gostassem de admiradores. Eles pareciam, de uma forma estranha, trazer uma pessoa à vida.

Embora estivesse tudo acabado, ela ainda brilhava e se sentia mais emocionada, mais otimista — mais como Lotty provavelmente costumava se sentir o tempo todo — do que quando era menina. Vestiu-se com cuidado, embora soubesse que o Sr. Briggs não a veria mais, mas lhe dava prazer ver quão bonita conseguia ficar enquanto ainda era tempo; e quase prendeu uma camélia carmesim no cabelo, perto da orelha. Ela a segurou ali por um minuto, e parecia quase pecaminosamente atraente, da cor exata de sua boca, mas então a retirou com um sorriso e um suspiro e a colocou no lugar apropriado para flores, que é a água. Não devia ser tola, pensou. Lembre-se dos pobres. Logo estaria de volta a eles e, então, como seria ter uma camélia atrás da orelha? Simplesmente fantástico.

Mas em uma questão ela estava decidida: a primeira coisa que faria quando chegasse em casa seria conversar com Frederick. Se ele não viesse a San Salvatore, era isso que ela faria — a primeira coisa. Devia ter feito há muito tempo, mas sempre que tentava era impedida por ser tão terrivelmente apaixonada por ele e por ter muito medo das novas feridas que poderiam se abrir em seu coração frágil e machucado. Mas agora deixaria que ele a machucasse quanto quisesse, tanto quanto pudesse, ela ainda conversaria com ele. Não que ele a tivesse machucado de propósito; ela sabia que nunca fora sua intenção, sabia que muitas vezes ele nem percebia que tinha feito isso. Para uma pessoa que escreve livros, pensou Rose, Frederick parece não ter muita imaginação. De qualquer forma, disse a si mesma, levantando-se da penteadeira, as coisas não podiam continuar assim. Ela ia falar com ele. Essa vida separada, essa solidão congelante, ela já estava farta daquilo. Por que não deveria ser feliz também? Por que diabos — a expressão enérgica combinava com seu humor rebelde — também não deveria amar e ser amada?

Ela olhou para o seu pequeno relógio. Ainda faltavam dez minutos para o jantar. Cansada de ficar no quarto, pensou em ir às

ameias da Sra. Fisher, que estariam vazias a essa hora, e observar a lua nascer do mar.

Ela entrou no salão superior vazio com essa intenção, mas no caminho foi atraída pela luz do fogo que brilhava através da porta aberta da sala de estar.

Parecia tão alegre. O fogo transformara a sala. Um cômodo escuro e feio durante o dia tinha sido transformado, exatamente como ela própria, pelo calor — não, ela não seria boba; pensaria nos pobres; pensar deles sempre a trazia imediatamente de volta à sobriedade.

Ela espiou. A luz da lareira e flores; e do lado de fora das fendas das janelas pendia a cortina azul da noite. Que bonito! Que lugar agradável era San Salvatore. E aquele lilás lindo em cima da mesa — ela deveria ir lá e encostar o rosto nele...

Mas ela nunca chegou ao lilás. Deu um passo em direção a ele e depois parou, pois vira a figura olhando pela janela no canto mais distante, e era Frederick.

Todo o sangue no corpo de Rose correu para seu coração, que pareceu parar de bater.

Ela ficou imóvel. Ele não a ouviu. Não se virou. Ela ficou olhando para ele. O milagre tinha acontecido, e ele viera.

Ela permaneceu ali, prendendo a respiração. Então ele precisava dela, pois viera imediatamente. Então ele também devia estar pensando, ansiando...

Seu coração, que antes parecia ter parado de bater, agora, de tão acelerado, a sufocava. Então Frederick a amava — devia amá-la ou por que teria vindo? Alguma coisa, talvez sua ausência, o fizera se voltar para ela, querê-la... e agora a conversa que ela decidira ter com ele seria bastante... bastante... fácil...

Seus pensamentos não continuavam. Era como se sua mente gaguejasse. Ela não conseguia pensar. Só podia ver e sentir. Não sabia como tinha acontecido. Era um milagre. Deus podia fazer milagres. Deus fizera aquele. Deus poderia... Deus poderia... poderia...

Sua mente gaguejou outra vez e se rompeu.

— Frederick — ela tentou dizer; mas nenhum som saiu ou, se saiu, o crepitar do fogo o encobriu.

Ela devia se aproximar. Começou a deslizar em sua direção — com cuidado, muito cuidado.

Ele não se mexeu. Ele não tinha ouvido.

Ela estava cada vez mais perto, e o fogo estalava e ele não ouviu nada.

Ela parou um momento, incapaz de respirar. Estava com medo. E se ele... e se ele... ah, mas ele veio, ele veio.

Ela continuou a se aproximar, cada vez mais perto dele, e seu coração batia tão alto que ela achou que desse para ele ouvir. E ele não podia sentir... ele não sabia...?

— Frederick — sussurrou ela, quase incapaz de sussurrar, sufocada pelas batidas do coração.

Ele se virou.

— Rose! — exclamou, os olhos fixos e sem expressão.

Mas ela não viu aquele olhar, pois seus braços estavam em volta do pescoço dele, sua bochecha colada na dele, e ela murmurava, os lábios na orelha dele:

— Eu sabia que você viria... no fundo do meu coração, eu sempre, sempre soube que você viria...

21

Frederick não era homem de machucar quem quer que fosse se pudesse evitar; além disso, estava completamente estupefato. Sua esposa não apenas estava ali — justo ali, entre todos os lugares do mundo —, mas se agarrava a ele como não fazia havia anos, murmurando palavras amor e lhe dando as boas-vindas. Pela maneira como o recebia, devia estar esperando por ele. Por mais estranho que fosse, essa era a única coisa evidente naquela situação — isso e a suavidade da bochecha dela contra a sua e seu cheiro doce há muito esquecido.

Frederick estava estupefato. Mas, não sendo homem de machucar o que quer que fosse se pudesse evitar, também passou os braços em volta dela. E, ao fazer isso, também a beijou; e a beijou quase tão ternamente quanto ela o beijava; e então começou a beijá-la com a mesma ternura, até o momento em que a beijava mais ternamente ainda, como se nunca tivesse parado.

Ele estava estupefato, mas ainda podia beijar. Parecia curiosamente natural fazer isso. Ele sentiu como se tivesse trinta anos de novo, em vez de quarenta, e Rose fosse sua Rose de vinte anos, a Rose que ele tanto adorava antes de ela começar a julgar o trabalho dele com aquela sua noção do que era certo, e a balança pesou contra ele, e ela se tornara estranha e rígida, e cada vez mais chocada, e ah, tão lamentável. Ele não conseguia alcançá-la naqueles dias; ela não entenderia. Ela continuava julgando tudo pelo que chamava de olhos de Deus — aos olhos de Deus não podia estar certo, não estava certo. Seu rosto infeliz — o que quer que seus princípios fizessem por ela, não a faziam feliz —, seu rostinho infeliz, retorcido pelo esforço para ser paciente, por fim se tornara mais do que ele suportava encarar, e ele se mantinha longe o máximo que podia. Ela nunca deveria ter sido filha de um reitor da igreja baixa, um demônio bitolado — não estava preparada para se opor à sua criação.

O que havia acontecido, por que ela estava ali, por que era sua Rose de novo, estava além de sua compreensão; nesse meio-tempo, e até o momento em que ele entendesse, ainda podia beijá-la. Na verdade, não conseguia parar de beijá-la; e agora era ele quem começava a murmurar, a dizer palavras de amor em seu ouvido, sob o cabelo que tinha um cheiro tão doce e lhe fazia cócegas exatamente como ele lembrava que fazia.

E quando ele a segurou perto do coração e aqueles braços suaves estavam em volta do seu pescoço, ele teve uma deliciosa sensação de... no início não soube o que era, esse calor delicado e penetrante, e então o reconheceu como segurança. Sim; segurança. Agora não havia necessidade de se envergonhar de sua aparência e fazer piadas sobre isso para se antecipar às outras pessoas e mostrar que não se importava; não havia mais necessidade de se envergonhar por se cansar ao subir colinas, nem de se atormentar com imagens de sua provável aparências para as belas moças — um homem de meia-idade com uma incapacidade absurda de se manter longe delas. Rose não se importava com essas coisas. Com ela, estava seguro. Para ela, era seu amante, como costumava ser; e ela nunca notaria ou se importaria com nenhuma das mudanças ignóbeis que o envelhecimento lhe trouxera e continuaria trazendo.

Portanto Frederick continuou a beijar a esposa, com ternura cada vez maior e um prazer crescente, e o simples fato de tê-la em seus braços fez com que esquecesse todo o resto. Como ele poderia, por exemplo, lembrar ou pensar em Lady Caroline, para mencionar apenas uma das complicações de sua situação, quando aqui estava sua doce esposa, milagrosamente restaurada para ele, com a bochecha contra a dele, sussurrando com as palavras mais amáveis e românticas quanto ela o amava, quanto sentia sua falta? Por um breve instante, pois, mesmo em momentos de amor, havia breves instantes de lucidez, ele reconheceu o imenso poder da mulher ali presente comparado ao da outra, por mais bonita que fosse, que está em outro lugar, mas foi o máximo que conseguiu se lembrar de Miúda; não mais que isso. Ela era como um sonho, que ia embora à luz da manhã.

— Quando você partiu? — murmurou Rose, com a boca na orelha dele. Ela não queria soltá-lo; nem mesmo para falar.

— Ontem de manhã — murmurou Frederick, abraçando-a. Ele também não conseguia soltá-la.

— Ah... no mesmo instante então — murmurou Rose.

Aquilo era enigmático, mas Frederick respondeu:

— Sim, no mesmo instante. — E beijou seu pescoço.

— Minha carta chegou muito rápido a você — murmurou Rose, cujos olhos estavam fechados em seu excesso de felicidade.

— Não foi? — disse Frederick, que sentiu vontade de fechar os olhos.

Então houvera uma carta. Em breve, sem dúvida, a luz lhe seria concedida, mas, enquanto isso, era tão estranho, tão doce, segurar sua Rose junto ao peito outra vez depois de todos aqueles anos, que ele não se importava de tentar adivinhar alguma coisa. Ah, ele fora feliz durante aqueles anos, porque não era da natureza dele ser infeliz; além disso, quantos interesses a vida lhe oferecera, quantos amigos, quanto sucesso, quantas mulheres dispostas a ajudá-lo a apagar do pensamento a esposa mudada, petrificada e lamentável que não queria aceitar seu dinheiro, que ficava horrorizada com seus livros, que se afastava cada vez mais dele e, sempre que ele tentava conversar com ela, lhe perguntava com obstinação paciente

como ele achava que pareciam aos olhos de Deus as coisas que ele escrevia para ganhar a vida.

— Ninguém — dissera ela certa vez — deveria escrever um livro que Deus não gostaria de ler. Esse é o teste, Frederick.

E ele rira histericamente, caíra na gargalhada e saíra correndo de casa, afastando-se daquele rostinho solene — para longe do rostinho patético e solene...

Mas essa Rose era sua juventude novamente, a melhor parte de sua vida, a parte que continha todas as visões e esperanças. Como haviam sonhado juntos, ele e ela, antes de ele enveredar por aquelas memórias; como haviam planejado, rido e amado. Por um tempo, viveram no âmago da poesia. Depois de dias felizes, vinham noites felizes, muito, muito felizes, com ela dormindo junto ao seu coração, e novamente junto ao seu coração quando ele acordava pela manhã, pois eles mal se moviam em seu sono profundo e feliz. Era maravilhoso ter tudo de volta com o toque dela, com a sensação do rosto dela contra o seu — era maravilhoso que ela fosse capaz de lhe devolver sua juventude.

— Querida... querida — murmurou ele, tomado pela lembrança, agora por sua vez agarrando-se a ela.

— Amado marido — suspirou ela, e a alegria daquilo, a pura felicidade....

Briggs, chegando alguns minutos antes de o gongo soar, para o caso de Lady Caroline estar lá, ficou muito surpreso. Ele havia suposto que Rose Arbuthnot era viúva, e ainda o supunha; por isso ficou muito surpreso.

“Caramba”, pensou Briggs, de maneira bem clara e distinta, pois o choque do que viu à janela o assustou tanto que, por um momento, ficou abalado pela própria confusão.

Em voz alta, ele disse, muito corado:

— Ah, me desculpem... — E então ficou hesitante, imaginando se não deveria voltar para o quarto.

Se ele não tivesse dito nada, os dois não teriam notado que ele estava lá, mas, quando pediu desculpas, Rose se virou e olhou para ele como se tentasse se lembrar, e Frederick também olhou para ele sem vê-lo direito.

Eles não pareciam se importar nem estar constrangidos, pensou Briggs. Ele não poderia ser irmão dela; nenhum irmão jamais provocara aquele olhar no rosto de uma mulher. Era muito estranho. Eles não se importavam, mas ele sim. Importava-se por ver sua madona se comportando mal.

— Este é um dos seus amigos? — Frederick conseguiu perguntar a Rose depois de um instante, mas ela não fez nenhuma tentativa de apresentar o jovem parado desajeitadamente na frente deles, apenas continuou a olhá-lo com uma espécie de boa vontade abstrata e radiante.

— É o Sr. Briggs — falou Rose, reconhecendo-o. — Este é meu marido — acrescentou.

E Briggs, apertando a mão dele, teve tempo de pensar em como era surpreendente ter um marido quando se era viúva logo antes de o gongo soar, e então Lady Caroline chegaria em um minuto, e ele não conseguiu mais pensar, tornando-se apenas uma coisa com os olhos fixos na porta.

Imediatamente entraram pela porta, no que lhe pareceu uma procissão interminável, primeiro a Sra. Fisher, muito imponente com seu xale e broche noturnos, que, no instante em que o viu relaxou em sorrisos e benignidade, apenas para endurecer em seguida ao avistar o estranho; depois o Sr. Wilkins, mais limpo e arrumado e mais cuidadosamente vestido e escovado do que qualquer homem na Terra; e então, amarrando alguma coisa às pressas, a Sra. Wilkins; e depois ninguém.

Lady Caroline estava atrasada. Onde estaria? Teria ouvido o gongo? Não deveriam tocá-lo outra vez? E se ela não viesse para o jantar....

Briggs ficou gelado.

— Apresente-me — disse Frederick, tocando o cotovelo de Rose, quando a Sra. Fisher entrou.

— Meu marido — disse Rose, segurando-o pela mão, com o rosto delicado.

“Este deve ser o último dos maridos”, pensou a Sra. Fisher, “a menos que Lady Caroline tenha um escondido na manga.”

Mas ela o recebeu com graciosidade, pois ele sem dúvida se parecia exatamente com um marido, sem semelhança com uma

daquelas pessoas que viajam para o exterior fingindo que são maridos quando não o são, e disse que supunha que ele viera para acompanhar a esposa na viagem de volta, no fim do mês, e observou que agora a casa estaria completamente cheia.

— Então — acrescentou, sorrindo para Briggs —, enfim estamos fazendo valer nosso dinheiro.

Briggs deu um sorriso automático, pois conseguiu perceber que alguém brincava com ele, mas não a ouviu nem a olhou. Não apenas seus olhos estavam fixos na porta, mas todo o seu corpo se concentrava nela.

Quando chegou sua vez de ser apresentado, o Sr. Wilkins foi muito hospitaleiro e chamou Frederick de *sir*.

— Bem, *sir* — disse o Sr. Wilkins com entusiasmo —, aqui estamos, aqui estamos. — E depois de apertar sua mão com um entendimento que não era mútuo, porque Arbuthnot ainda não sabia os problemas que teria, olhou para ele como um homem deveria, diretamente nos olhos, e permitiu que seu olhar lhe dissesse, tão claramente quanto um olhar é capaz, que nele encontraria firmeza, integridade, confiabilidade... na verdade, um amigo se precisasse. O Sr. Wilkins notou que a Sra. Arbuthnot estava muito corada. Ele não a vira corar assim antes. “Bem, eu sou o homem certo para eles”, pensou.

A saudação de Lotty foi efusiva, feita com as duas mãos.

— Eu não disse? — Ela riu para Rose por cima do ombro enquanto Frederick segurava as mãos dela nas suas.

— O que você disse a ela? — perguntou Frederick, para ter o que dizer. A maneira como todos o acolhiam era confusa. Todos evidentemente o esperavam, não apenas Rose.

A moça pálida mas agradável não respondeu à sua pergunta, apenas pareceu extraordinariamente satisfeita em vê-lo. Por que ela deveria estar tão satisfeita em vê-lo?

— Que lugar agradável é este — disse Frederick, confuso e fazendo a primeira observação que lhe ocorreu.

— É um poço de amor — disse sinceramente a jovem pálida; o que o deixou mais confuso ainda.

E sua confusão tornou-se excessiva com as palavras que ouviu em seguida —ditas pela velha senhora:

— Não vamos esperar. Lady Caroline está sempre atrasada.

Só então, ao ouvir o nome dela, ele realmente se lembrou de Lady Caroline, e pensar nela o confundiu em excesso.

Ele entrou na sala de jantar como um homem em um sonho. Tinha ido àquele lugar para ver Lady Caroline e dissera isso a ela. Até dissera em sua loucura — era verdade, mas que loucura — que não pudera evitar. Ela não sabia que ele era casado. Achava que seu nome era Arundel. Todo mundo em Londres achava que seu nome era Arundel. Ele usava o pseudônimo havia tanto tempo que quase pensava em si mesmo dessa forma. No curto espaço de tempo desde que ela o deixara sentado no jardim, onde ele lhe dissera que tinha vindo porque não pudera evitar, ele reencontrara Rose, a abraçara apaixonadamente e fora abraçado e se esquecera de Lady Caroline. Seria uma extraordinária sorte se Lady Caroline se atrasar significasse que estava cansada ou entediada e que não ia jantar. Então ele poderia... não, ele não poderia. Ele ficou mais vermelho que de costume, sendo um homem de hábitos, e vermelho de qualquer modo, ao pensar em tamanha covardia. Não, ele não podia ir embora depois do jantar, pegar o trem e desaparecer para Roma; não, a menos que Rose fosse com ele. Mas, mesmo assim, seria uma fuga. Não, ele não podia.

Quando chegaram à sala de jantar, a Sra. Fisher foi até a cabeceira da mesa — aquela era a casa da Sra. Fisher?, ele se perguntou. Ele não sabia; não sabia de nada — e Rose, que nos primeiros dias em desafio à Sra. Fisher havia tomado a outra cabeceira como sua, pois afinal ninguém podia dizer, só de olhar para uma mesa, que lado era em cima e que lado era embaixo, conduziu Frederick até o assento a seu lado. Se ao menos, pensou ele, pudesse ter ficado sozinho com Rose; apenas mais cinco minutos a sós com Rose, para perguntar a ela...

Mas provavelmente ele não teria perguntado nada a ela, apenas continuaria a beijá-la.

Ele olhou em volta. A jovem pálida dizia ao homem que chamavam de Briggs para se sentar ao lado da Sra. Fisher — então a casa era da jovem pálida e não da Sra. Fisher? Ele não sabia; não sabia de nada — e ela própria se sentou do outro lado de Rose, de modo que estava de frente para ele, Frederick, e ao lado do homem

genial que dissera “Aqui estamos”, quando era muito evidente que de fato estavam ali.

Ao lado de Frederick, e entre ele e Briggs, havia uma cadeira vazia: a de Lady Caroline. Assim como Lady Caroline não sabia da presença de Rose na vida de Frederick, Rose também não estava ciente da presença de Lady Caroline na vida do marido. O que cada uma pensaria? Ele não sabia; não sabia de nada. Sim, ele sabia de algo, e era que sua esposa fizera as pazes com ele — de repente, milagrosa, inexplicável e divinamente. Além disso, não sabia de nada. Ele achava que não conseguiria lidar com aquela situação. Ela o levaria na direção que quisesse. Só lhe restava ficar à deriva.

Em silêncio, Frederick tomou a sopa e sentia que os olhos grandes e expressivos da jovem mulher à sua frente o miravam com uma expressão cada vez mais interrogativa. Eram, ele podia ver, olhos muito inteligentes, atraentes e, apesar da inquisição, cheios de boa vontade. Provavelmente ela achou que ele deveria falar — mas não acharia se soubesse de tudo. Briggs também não falou. Parecia desconfortável. Qual era o problema de Briggs? E Rose também não falou, mas isso era natural. Ela nunca fora de falar muito. Tinha no rosto a expressão mais adorável. Quanto tempo essa expressão duraria depois da entrada de Lady Caroline? Ele não sabia; não sabia de nada.

Mas o homem genial à esquerda da Sra. Fisher falava o suficiente por todo mundo. O sujeito devia ser pastor. Os púlpitos eram o lugar para uma voz como a dele; ele ganharia um bispado em seis meses. Ele explicava a Briggs, que se revirava em sua cadeira — por que Briggs se revirava em sua cadeira? —, que ele devia ter vindo no mesmo trem que Arbuthnot, e quando Briggs, que nada respondera, se contorceu em aparente dissidência, ele se determinou a provar-lhe isso e o fez com sentenças longas e claras.

— Quem é o homem que está falando? — perguntou Frederick a Rose em um sussurro; e a jovem mulher diante dele, cujos ouvidos pareciam ter a rapidez necessária para ouvir criaturas selvagens, respondeu:

— Ele é meu marido.

— Então, de acordo com todas as regras — disse Frederick, agradavelmente, se recompondo —, você não deveria estar sentada

ao lado dele.

— Mas eu quero. Gosto de me sentar ao lado dele. Eu não me sentava antes de vir para cá.

Frederick não conseguiu pensar em nada para responder, então apenas sorriu.

— É este lugar — disse ela, assentindo com a cabeça. — Faz a gente entender. Você não tem ideia de quantas coisas vai entender antes de ir embora daqui.

— Sem dúvida, espero que sim — disse Frederick com verdadeiro fervor.

A sopa foi levada e o peixe foi servido. Briggs, do outro lado da cadeira vazia, parecia mais desconfortável do que nunca. Qual era o problema de Briggs? Ele não gostava de peixe?

Frederick se perguntou o que Briggs faria com seu nervosismo se estivesse na situação dele. Frederick ficava secando o bigode e não conseguia tirar os olhos do prato, mas era o máximo que ele mostrava de como se sentia.

Embora não erguesse o olhar, sentia os olhos da jovem mulher diante de si em cima dele como holofotes, e os olhos de Rose também estavam nele, sabia disso, mas repousavam nele sem questionar, lindamente, como uma bênção. Quanto tempo continuariam fazendo isso depois que Lady Caroline estivesse lá? Ele não sabia; não sabia de nada.

Ele secou o bigode pela vigésima vez sem necessidade e não conseguiu manter a mão firme, e a jovem mulher diante de si viu que a mão dele não estava firme, e os olhos dela o encararam com persistência. Por que seus olhos o encaravam com persistência? Ele não sabia; não sabia de nada.

Então Briggs se levantou. Qual era o problema de Briggs? Ah — sim — claro: ela havia chegado.

Frederick secou o bigode e se levantou também. Agora estava encrencado. Que situação absurda e fantástica. Bem, o que quer que acontecesse, só lhe restava ficar à deriva — e parecer um idiota para Lady Caroline, o mais absoluto e traiçoeiro idiota — um idiota também desprezível, pois ela poderia pensar que ele tinha zombado dela no jardim quando dissera, sem dúvida com a voz trêmula — tolo e idiota —, que viera porque não pudera evitar; enquanto isso, o

que sua Rose pensaria dele — quando Lady Caroline o apresentasse a ela; quando Lady Caroline o apresentasse como um amigo que ela convidara para jantar —, bem, só Deus sabia.

Portanto, quando se levantou, secou o bigode pela última vez antes da catástrofe.

Mas ele estava subestimando Miúda.

Ela se sentou na cadeira que Briggs segurava para ela.

Lotty se inclinou ansiosamente e disse, antes que alguém pudesse dizer uma palavra:

— Veja só, Caroline, com que rapidez o marido de Rose chegou aqui!

Então, aquela jovem experiente e talentosa virou-se para ele sem a menor sombra de surpresa no rosto, estendeu a mão, sorriu como um anjo e disse:

— E eu cheguei atrasada na sua primeira noite.

A filha dos Droitwiches...

22

Aquela era noite de lua cheia. O jardim era um lugar encantado, onde todas as flores pareciam brancas. Os lírios, os troviscos, a flor de laranjeira, os goivos brancos, as cravinas brancas, as rosas brancas — dava para vê-las tão claramente quanto durante o dia; mas as flores coloridas existiam apenas como fragrância.

Depois do jantar, as três mulheres mais jovens sentaram-se na mureta no final do jardim, Rose um pouco afastada das outras, e observaram a enorme lua se movendo lentamente sobre o lugar onde Shelley vivera seus últimos meses, cem anos antes. O mar tremulava iluminado pelo luar. As estrelas piscavam e tremeluziam. As montanhas eram nebulosos contornos azuis com pequenos grupos de luzes brilhando em pequenos conjuntos de casas. No jardim, as plantas estavam imóveis, retas e sem agitação pela mais leve das brisas no ar. Pelas portas de vidro, a sala de jantar, com sua mesa iluminada por velas e flores brilhantes — capuchinhas e cravos-de-defunto naquela noite —, brilhava como uma caverna mágica de cor, e os três homens que fumavam ao redor dela

pareciam figuras estranhamente animadas, vistas do silêncio e da calmaria fria do lado de fora.

A Sra. Fisher fora para a sala de estar e a lareira. Miúda e Lotty, com os rostos voltados para o céu, falavam muito pouco e em sussurros. Rose não disse nada. Também tinha o rosto voltado para cima. Observava o pinheiro-manso, que tinha se tornado algo glorioso, seu contorno contra as estrelas. De vez em quando os olhos de Miúda se demoravam em Rose; os de Lotty também. Pois Rose era adorável. Naquele momento, ela seria adorável em qualquer lugar entre todas as belezas conhecidas. Ninguém poderia colocá-la à sombra, apagar sua luz naquela noite; ela brilhava demais.

Lotty curvou-se para perto da orelha de Miúda e sussurrou.

— É o amor.

Miúda assentiu e disse baixinho:

— Sim.

Ela era obrigada a admitir. Bastava olhar Rose para saber que o amor estava ali.

— Não há nada igual — sussurrou Lotty.

Miúda ficou em silêncio.

— É uma coisa ótima — sussurrou Lotty após uma pausa, durante a qual as duas observaram o rosto de Rose virado para cima — continuar amando. Talvez você possa me falar de qualquer outra coisa no mundo que faça essas maravilhas.

Mas Miúda não podia; e, se pudesse, que noite para começar a discutir. Era uma noite para...

Ela se levantou. Amar de novo. O amor estava por toda parte. Não havia como fugir disso. Ela fora para aquele lugar para fugir dele, e ali estavam todos em seus diferentes estágios. Até a Sra. Fisher parecia ter sido tocada por uma das muitas penas da asa do amor e estivera diferente no jantar — toda preocupada porque o Sr. Briggs não comia, e seu rosto, quando ela se virou para ele, estava todo suave e maternal.

Miúda olhou para o pinheiro imóvel entre as estrelas. A beleza fazia a pessoa amar, e o amor a deixava bela...

Ela puxou a manta mais para perto de si em um gesto defensivo de se manter distante e protegida. Não queria ficar sentimental. Era

difícil ali; a maravilhosa noite invadia todas as fendas e trazia consigo, querendo ou não, sentimentos enormes — sentimentos que não se podiam controlar, grandes coisas sobre morte, tempo e desperdício; coisas gloriosas e devastadoras, magníficas e sombrias, ao mesmo tempo êxtase, terror e um imenso desejo ardente no coração. Ela se sentiu pequena e terrivelmente sozinha. Sentiu-se descoberta e indefesa. Instintivamente, puxou a manta mais para perto. Com aquela coisa de chiffon, tentou se proteger da eternidade.

— Suponho — sussurrou Lotty — que o marido de Rose lhe pareça apenas um homem comum, de boa índole e meia-idade.

Miúda desviou o olhar das estrelas e olhou para Lotty por um momento enquanto recobrava o foco em sua mente.

— Apenas um homem bastante vermelho e bastante redondo — sussurrou Lotty.

Miúda inclinou a cabeça.

— Mas ele não é — sussurrou Lotty. — Rose vê através de tudo isso. São apenas adornos. Ela vê o que não podemos ver, porque o ama.

Sempre o amor.

Miúda se levantou e, enrolando-se com muita força na manta, afastou-se para seu refúgio diurno, sentou-se ali sozinha na mureta e olhou para o outro mar, o mar onde o sol havia se posto, o mar com uma sombra escura que se estendia ao longe, para dentro da França.

Sim, o amor fazia maravilhas, e o Sr. Arundel — ela não conseguia se acostumar imediatamente com seu outro nome — era o Amor de Rose em pessoa; mas o amor também operava maravilhas invertidas, não sempre, como ela bem sabia, que transfigurava as pessoas em santos e anjos. De fato, às vezes, fazia o contrário. Ela tivera isso em sua vida em demasia. Se o amor a tivesse deixado em paz, se ao menos fosse moderado e pouco frequente, ela achava que poderia ter se tornado um ser humano decente, generoso e bondoso. E o que ela era, graças a esse amor sobre o qual Lotty tanto falava? Miúda procurou uma descrição justa. Ela era uma solteirona mimada, azeda, desconfiada e egoísta.

As portas de vidro da sala de jantar se abriram e os três homens saíram para o jardim, a voz do Sr. Wilkins fluindo à frente deles. Parecia ser o único a falar; os outros dois não diziam nada.

Talvez fosse melhor voltar para Lotty e Rose; seria cansativo se o Sr. Briggs a descobrisse e a encurralasse naquele beco sem saída.

Levantou-se com relutância, pois considerava imperdoável o Sr. Briggs forçá-la a se mover assim, forçá-la a sair de qualquer lugar em que desejasse estar; e emergiu dos arbustos de trovisco sentindo-se uma figura magra e severa de ressentimento e desejando parecer tão magra e severa quanto se sentia; então despertaria aversão na alma do Sr. Briggs e ficaria livre dele. Mas ela sabia que não era assim, por mais que tentasse. No jantar, a mão dele tremia quando ia beber, e ele não podia falar com ela sem ficar vermelho e depois pálido, e os olhos da Sra. Fisher procuraram os dela com a súplica de quem pede que seu único filho não se machuque.

Como poderia um ser humano, pensou Miúda, franzindo a testa enquanto saía de seu recanto, como poderia um homem feito à imagem de Deus se comportar assim?; ela tinha certeza de que ele estava destinado a coisas melhores, com sua juventude, sua atratividade e sua inteligência. Ele era inteligente. Durante o jantar, ela o examinara cautelosamente sempre que a Sra. Fisher o obrigava a se virar para falar com ela e tinha certeza de que era inteligente. Também tinha caráter; havia algo nobre em sua cabeça, no formato de sua testa — nobre e gentil. Isso tornava ainda mais deplorável que ele se deixasse apaixonar pela mera aparência e desperdiçasse toda a sua força, qualquer paz de espírito, cercando uma mulher-objeto. Se ele pudesse ver através dela, através de toda a sua pele e outras coisas, ele seria curado, e ela poderia continuar sentada e sozinha, imperturbável, nesta noite maravilhosa.

Logo depois dos arbustos de troviscos, ela encontrou Fredrick, apressado.

— Eu estava determinado a encontrá-lo primeiro — disse ele — antes de ir até Rose. — E ele acrescentou rapidamente: — Quero beijar seus pés.

— Quer? — disse Miúda, sorrindo. — Então devo ir colocar sapatos novos. Estes não são bons o suficiente.

Ela se sentia imensamente bem disposta em relação a Frederick. Ele, pelo menos, não a perseguiria mais. Seus dias de perseguição, tão repentinos e tão breves, haviam terminado. Era um homem bom, agradável. Agora ela definitivamente gostava dele. Era claro que ele tinha se metido em algum tipo de confusão, e ela sentia-se grata a Lotty por impedi-la de dizer algo irremediavelmente complicado no jantar. Mas, qualquer que fosse a confusão em que ele havia se metido, agora tinha saído dela; o rosto dele e o de Rose tinham o mesmo brilho.

— Vou adorar você para sempre — disse Frederick.

Miúda sorriu.

— Vai?

— Eu a adorei antes por causa de sua beleza. Agora a adoro porque você não é apenas tão bonita quanto um sonho, mas tão decente quanto um homem. Quando a jovem impetuosa — continuou Frederick —, a jovem abençoadamente impetuosa, deixou escapar no primeiro instante que eu sou o marido de Rose, você se comportou exatamente como um homem teria se comportado com seu amigo.

— Foi? — falou Miúda, sua covinha encantadora muito evidente.

— É a combinação mais rara e preciosa — disse Frederick — ser mulher e ter a lealdade de um homem.

— É? — Miúda sorriu, um pouco melancólica. Esses eram de fato belos elogios. Se ao menos ela fosse realmente assim...

— E eu quero beijar seus pés.

— Isso não vai evitar problemas? — perguntou ela, estendendo a mão.

Ele pegou e beijou-a rapidamente e então afastou-se, apressado outra vez.

— Deus a abençoe — disse ele enquanto partia.

— Onde está sua bagagem? — Miúda gritou para ele.

— Ah, Deus, sim... — disse Frederick, fazendo uma pausa. — Está na estação.

— Vou mandar buscar.

Ele desapareceu entre os arbustos. Ela entrou em casa para dar a ordem; e foi assim que Domenico, pela segunda vez naquela noite, viu-se retornando a Mezzago, confuso durante o caminho.

Depois de tomar as providências necessárias para a perfeita felicidade dessas duas pessoas, ela lentamente voltou ao jardim, muito absorta em seus pensamentos. O amor parecia trazer felicidade para todos, menos para ela. Certamente invadira todos ali, em suas diferentes formas, exceto ela. O pobre Sr. Briggs fora apanhado por sua variação menos digna. Pobre Sr. Briggs. Ele era um problema, e ela temia que sua partida no dia seguinte não fosse resolvê-lo.

Quando ela alcançou os outros, o Sr. Arundel — ela continuava esquecendo que ele não era o Sr. Arundel — já se afastava com Rose, de braços dados, provavelmente para a privacidade do jardim inferior. Sem dúvida, eles tinham muito a dizer um ao outro; algo dera errado entre eles e de repente fora corrigido. San Salvatore, diria Lotty, San Salvatore realizava seu feitiço de felicidade. Ela quase podia acreditar nesse feitiço. Até ela estava mais feliz ali do que estivera em muitos anos. A única pessoa que ficaria vazia seria o Sr. Briggs.

Pobre Sr. Briggs. Quando ela avistou o grupo, ele parecia muito bom e juvenil para não estar feliz. Parecia não ter cabimento que o dono do lugar, a pessoa a quem eles deviam tudo isso, fosse ser o único a sair dali sem ser abençoado.

Miúda foi tomada pelo remorso. Que dias agradáveis ela passara em sua casa, deitada em seu jardim, apreciando suas flores, amando suas paisagens, usando suas coisas, se sentindo confortável, descansando — se recuperando, de fato. Ela tivera os dias mais descontraídos, pacíficos e reflexivos de sua vida; e tudo realmente graças a ele. Ah, ela sabia que pagava uma quantia ridícula por semana, desproporcional aos benefícios que recebia em troca, mas onde é que havia equilíbrio? E não tinha sido graças a ele que conhecera Lotty? De nenhuma outra forma ela e Lotty teriam se encontrado; elas nunca teriam se conhecido.

O remorso pôs sua mão rápida e quente sobre Miúda. Uma gratidão impulsiva a inundou. Ela foi direto ao Sr. Briggs.

— Eu lhe devo muito — disse ela, dominada pela repentina percepção de tudo o que devia a ele e envergonhada por sua grosseria à tarde e no jantar.

É claro que ele não sabia que ela estava sendo grosseira. É claro que seu interior desagradável fora camuflado, como de costume, pelo arranjo casual de sua aparência; mas ela sabia disso. Ela era grosseira. Tinha sido grosseira com todo mundo por anos. Qualquer olho penetrante, pensou Miúda, qualquer olho realmente penetrante, a veria como ela era — uma solteirona mimada, azeda, desconfiada e egoísta.

— Eu lhe devo muito — disse Miúda com sinceridade, caminhando direto para o Sr. Briggs, humilde por esses pensamentos.

Ele a olhou maravilhado.

— Você me deve. Mas sou eu quem... quem... — ele gaguejou. Vê-la ali em seu jardim... nada no local, nenhuma das flores brancas era mais branca, mais requintada.

— Por favor — disse Miúda, com mais sinceridade ainda —, não poderia clarear sua mente e ficar apenas com a verdade? Você não me deve nada. Como deveria?

— Eu não lhe devo nada? — ecoou Briggs. — Ora, devo a você minha primeira visão de... de...

— Ah, pelo amor de Deus... pelo amor de Deus — disse Miúda, suplicante —, por favor, seja comum. Não seja humilde. Por que deveria ser humilde? É ridículo da sua parte ser humilde. Você vale cinquenta de mim.

“Imprudente”, pensou o Sr. Wilkins, que também ali se encontrava, enquanto Lotty estava sentada na mureta. Ele ficou surpreso, preocupado, chocado por Lady Caroline encorajar Briggs desse jeito. “Muito imprudente”, pensou o Sr. Wilkins, balançando a cabeça.

A condição de Briggs já era tão ruim que a única forma de lidar com ele era o repelindo por completo, considerou o Sr. Wilkins. Meias medidas eram as menos úteis com Briggs, e a gentileza e a conversa familiar só seriam mal compreendidas pelo infeliz jovem. A filha dos Droitwiches não podia, era impossível supor, querer encorajá-lo. Briggs estava muito bem de vida, mas era apenas

Briggs; seu nome era suficiente para provar isso. Provavelmente Lady Caroline não gostava muito do efeito de sua voz e de seu rosto, e como eles faziam palavras comuns parecerem... bem, encorajadoras. Mas essas palavras não eram muito comuns; o Sr. Wilkins temia que ela não tivesse ponderado suficientemente sobre elas. Ela precisava mesmo de um conselheiro — um conselheiro sagaz e objetivo como ele. Lá estava ela, diante de Briggs, quase lhe estendendo a mão. É claro que deviam agradecer a Briggs, pois aproveitavam férias muito agradáveis em sua casa, mas não ser gratos em excesso e não apenas por Lady Caroline. Naquela mesma noite, ele estivera considerando a ideia de se apresentarem a ele em um rodízio de gratidão coletiva no dia seguinte, antes de sua partida; mas não deveria ser feito assim, à luz da lua, no jardim, pela dama pela qual o jovem estava tão manifestamente apaixonado.

O Sr. Wilkins, portanto, desejando ajudar Lady Caroline a sair daquela situação com tato e presteza, disse com muita sinceridade:

— É muito apropriado, Briggs, que lhe agradeçamos. Permita-me acrescentar minhas expressões de dívida, e as de minha esposa, às de Lady Caroline. Deveríamos ter feito um brinde de agradecimento no jantar. Deveria ter acontecido um brinde em sua homenagem. Certamente deveria...

Mas Briggs não prestou atenção nele; simplesmente continuou olhando para Lady Caroline como se ela fosse a primeira mulher que ele via na vida. Wilkins observou que Lady Caroline também não lhe deu atenção; também continuou olhando para Briggs, e com aquele ar estranho de quase apelo. Muito imprudente. Muito.

Lotty, por outro lado, prestou muita atenção no marido e escolheu esse momento em que Lady Caroline precisava de apoio e proteção especiais para se levantar da mureta, passar o braço pelo dele e afastá-lo.

— Quero lhe contar uma coisa, Mellersh — disse Lotty no momento, levantando-se.

— Depois — disse o Sr. Wilkins, tentando dispensá-la.

— Não... agora — insistiu Lotty e o afastou dali.

Ele foi com extrema relutância. Não se podia dar corda a Briggs — nem um centímetro.

— Bem... o que foi? — perguntou ele, impaciente, enquanto ela o conduzia para a casa. Lady Caroline não devia ficar exposta ao aborrecimento daquele jeito.

— Ah, mas ela não está — assegurou Lotty, como se ele tivesse dito aquilo em voz alta, o que ele certamente não fez. — Caroline está perfeitamente bem.

— Não está nada bem. Aquele jovem Briggs está...

— É claro que ele está. O que você esperava? Vamos lá para dentro, para junto da lareira e da Sra. Fisher. Ela está sozinha.

— Não posso deixar Lady Caroline sozinha no jardim — disse o Sr. Wilkins, tentando se afastar.

— Não seja bobo, Mellersh... ela não está sozinha. Além disso, quero lhe contar uma coisa.

— Bem, então me conte.

— Lá dentro.

Com uma relutância que aumentava a cada passo, o Sr. Wilkins era conduzido cada vez para mais longe de Lady Caroline. Ele acreditava em sua esposa e confiava nela, mas nessa ocasião achou que ela estivesse cometendo um erro terrível. A Sra. Fisher estava na sala de estar, junto à lareira, e sem dúvida o Sr. Wilkins, que preferia aposentos e lareiras a jardins e luar depois do anoitecer, achava mais agradável estar lá do que ao ar livre se pudesse ter levado Lady Caroline com ele em segurança. Mas, naquela situação, ele entrou com extrema relutância.

A Sra. Fisher, com as mãos cruzadas no colo, não fazia nada, apenas olhava fixamente para o fogo. O lampião fora convenientemente posicionado para leitura, mas ela não lia. Naquela noite, não parecia valer a pena ler seus grandes amigos mortos. Eles sempre diziam as mesmas coisas — repetidas vezes as mesmas coisas, e nada de novo seria tirado deles nunca mais. Sem dúvida, eram melhores do que qualquer um era agora, mas tinham essa imensa desvantagem de estarem mortos. Nada mais era esperado deles; ao passo que os vivos... o que não se podia esperar deles? Ela ansiava pelos vivos, pelos em desenvolvimento — os cristalizados e acabados a exauriam. Ela pensava que se ao menos tivesse um filho — um filho como o Sr. Briggs, um rapaz

querido assim, seguindo em frente, se desenvolvendo, vivo, afetuoso, cuidando dela e a amando...

A expressão em seu rosto fez o coração da Sra. Wilkins se apertar. “Pobre velhinha”, pensou, toda a solidão da idade brilhando sobre ela, a solidão de ter superado as boas-vindas no mundo, de estar nele apenas para sofrer, a completa solidão da velha mulher sem filhos que não tinha feito amigos. Parecia que as pessoas só podiam ser realmente felizes em pares — qualquer tipo de pares, não necessariamente amantes, mas pares de amigos, mães e filhos, irmãos e irmãs —, e onde será que se encontrava a outra metade do par da Sra. Fisher?

A Sra. Wilkins achou que talvez fosse melhor beijá-la novamente. O beijo naquela tarde tinha sido um grande sucesso; ela sabia disso, sentira no mesmo instante a reação da Sra. Fisher a ele. Então atravessou a sala, se inclinou, beijou-a e disse com alegria:

— Entramos... — O que de fato era evidente.

Dessa vez, a Sra. Fisher ergueu a mão e segurou a bochecha da Sra. Wilkins contra a dela — essa coisa viva, cheia de afeição, de sangue quente e acelerado; e, ao fazer isso, sentiu-se segura com a estranha criatura, certa de que ela, que fazia coisas incomuns com tanta naturalidade, tomaria o gesto como algo muito muito natural, e não a envergonharia ficando surpresa.

A Sra. Wilkins não ficou nem um pouco surpresa; ficou encantada. “Acredito que sou a outra metade do par dela”, a ideia brilhou em sua mente. “Acredito que sou eu, sem dúvida eu, que serei a amiga da Sra. Fisher!”

O rosto dela, ao erguer a cabeça, estava cheio de risadas. Muito extraordinário, os efeitos de San Salvatore. Ela e a Sra. Fisher... mas podia vê-las sendo grandes amigas.

— Onde estão os outros? — perguntou a Sra. Fisher. — Obrigada... querida — acrescentou ela quando a Sra. Wilkins colocou sob seus pés um banquinho obviamente necessário, já que as pernas da Sra. Fisher eram curtas.

“Eu me vejo trazendo banquinhos para os pés da Sra. Fisher ao longo dos anos”, pensou a Sra. Wilkins, com os olhos cheios de alegria.

— As Roses — disse ela, endireitando-se — foram para o jardim inferior... acho que estão namorando.

— As Roses?

— Os Fredericks, então, se você preferir. Estão completamente fundidos e indistinguíveis.

— Por que não diz os Arbuthnot, minha querida? — perguntou o Sr. Wilkins.

— Muito bem, Mellersh, os Arbuthnot. E as Carolines...

O Sr. Wilkins e a Sra. Fisher se assustaram. O Sr. Wilkins, geralmente no total controle de si mesmo, se espantou ainda mais que a Sra. Fisher e, pela primeira vez desde a sua chegada, sentiu raiva da esposa.

— Ora... — começou, indignado.

— Está bem, Mellersh... os Briggs, então.

— Os Briggs! — gritou o Sr. Wilkins, agora com muita raiva; pois a implicação era para ele um insulto ultrajante a toda a família Dester... os Dester mortos, os Dester vivos e os Dester inofensivos porque ainda não haviam nascido. — Ora...

— Sinto muito, Mellersh — disse a Sra. Wilkins, fingindo submissão —, se você não gosta.

— Gostar! Você está fora de si. Ora, eles nunca tinham se visto até hoje.

— Isso é verdade. Mas é por isso que agora podem seguir em frente.

— Seguir em frente! — O Sr. Wilkins só conseguiu repetir as palavras ultrajantes.

— Sinto muito, Mellersh — repetiu a Sra. Wilkins —, se você não gosta, mas...

Seus olhos cinzentos brilhavam, e seu rosto ondulava com a luz e a convicção que tanto surpreenderam Rose na primeira vez que se viram.

— É inútil se aborrecer — disse ela. — Eu não lutaria contra isso se fosse você. Porque...

Ela parou e olhou primeiro para um rosto espantado e solene e depois para o outro, e risadas e luz tremeluziram e dançaram sobre ela.

— Eu os vejo sendo os Briggs — concluiu a Sra. Wilkins.

Naquela última semana, o filadelfo brotou em San Salvatore e todas as acácias floresceram. Ninguém notara quantas acácias havia até que um dia o jardim estava tomado por um novo perfume, e havia as delicadas árvores, as adoráveis sucessoras da glicínia, com flores penduradas em todas as suas folhas tremulantes ao vento. Foi uma grande alegria se deitar debaixo de uma acácia na última semana e olhar através dos galhos para suas folhas frágeis e flores brancas tremulando contra o azul do céu, enquanto o menor movimento do ar soprava seu perfume. De fato, pouco a pouco, todo o jardim se vestiu de cravinas e rosas brancas, de filadelfo e de jasmim e, finalmente, com a fragrância das acácias. Quando, no dia primeiro de maio, todos foram embora, mesmo depois de chegarem ao pé da colina e passarem pelos portões de ferro da vila, ainda podiam sentir o cheiro das acácias.

1842 NIKOLAI GÓGOL

O Capôte

TRADUÇÃO
DE FÁBIO M.
BARRETO



SÉRIE
CONTOS
MUNDIAIS
SOCIEDADE DAS
RELÍQUIAS
LITERÁRIAS

(SRL)

O capote

Nikolai V. Gógol

1842

Na repartição de — é melhor não mencionar a repartição. A coisa mais irritadiça do mundo são os funcionários das repartições, regimentos e tribunais, ou seja, todos os braços do serviço público. Hoje em dia, o indivíduo pensa que qualquer insulto dirigido à sua pessoa é uma ofensa contra a sociedade inteira. Dizem que, há pouco tempo, o chefe de polícia de uma cidadezinha da qual não me recordo apresentou uma queixa em que demonstrava abertamente que as instituições do governo estavam em franca decadência e que seu santo nome estava sendo, definitivamente, vilipendiado. Como prova, ele anexou à queixa o exemplar de um romance no qual um chefe de polícia é mencionado a cada dez páginas, às vezes completamente bêbado. Portanto, no intuito de evitar quaisquer aborrecimentos, será melhor designar a repartição em questão como uma “certa repartição”.

Então, numa certa repartição, havia um certo oficial — um oficial não muito notável, deve-se dizer — de baixa estatura, rosto um tanto marcado por cicatrizes de catapora, ruivo, um pouco míope, meio calvo, com bochechas enrugadas e a tez do tipo conhecido como sanguinosa... Mas o que se podia fazer? A culpa era do clima de São Petesburgo. Quanto à sua patente oficial — para nós, russos, a patente vem primeiro —, ele era o que se chama de conselheiro titular perpétuo; título sobre o qual, bem se sabe, alguns

escritores fazem piadas à vontade, seguindo o admirável hábito de atacar aqueles que não podem se defender.

O sobrenome dele era Bachmachkin. Um nome claramente derivado de bachmak (sapato); mas não se sabe quando, como, ou em qual contexto o sobrenome surgiu. O pai e o avô dele, assim como o cunhado e todos os Bachmachkins, sempre usavam botas, cujas solas eram trocadas duas ou três vezes ao ano. O nome dele era Akaki Akakiévich. O leitor pode considerá-lo peculiar e arcaico; mas saiba que não há nada de arcaico nisso, e que as circunstâncias foram tão definitivas que teria sido impossível nomeá-lo de qualquer outra maneira.

Foi assim que aconteceu. Akaki Akakiévich nasceu, se não me falha a memória, no anoitecer de 23 de março. Sua agora falecida mãe, que era esposa de um oficial do governo e uma mulher muito fina, havia feito todos os arranjos para o batizado. Ela estava deitada na cama diante da porta; à direita, estava o padrinho, Ivan Ivanóvich Erochkin, um homem deveras estimado, que trabalhava como conselheiro-chefe no Senado; e a madrinha, Arina Semionovna Bielobrinchkova, esposa do superintendente e mulher de raras virtudes. Eles submeteram três nomes à escolha da mãe: Mókia, Sóssia ou que a criança devesse ser nomeada em homenagem ao mártir Hozdazat.

— Não — disse a boa senhora —, que nomes estranhos! — Com o intuito de agradá-la, abriram o calendário dos santos em outro ponto; mais três nomes apareceram, Trifili, Dula e Varaiasi. — Soam como um castigo — disse a velha mulher. — Que nomes são esses! Nunca ouvi nada parecido. Eu poderia aceitar Varadat ou Varukh, mas não Trifili e Varaiasi! — Eles buscaram outra página e encontraram Pavsikai e Vaktisi. — Agora vejo — disse a velha —, que tudo isso é obra do destino. Nesse caso, é melhor nomeá-lo em honra a seu pai. O nome do pai dele é Akaki, então que o filho também se chame Akaki. — Dessa maneira, ele se tornou Akaki Akakiévich. Batizaram a criança, que chorou e fez careta, como se anteviesse o destino de ser um conselheiro titular.

Foi assim que tudo aconteceu. Tudo isso foi mencionado de modo ao leitor entender que foi um caso de necessidade e que era absolutamente impossível nomeá-lo de outra maneira.

Quando e como ele entrou na repartição e quem o indicou, ninguém se lembra. Independente das mudanças dos diretores e chefes, Akaki Akakiévich era sempre visto no mesmo lugar, do mesmo jeito, na mesma função — sempre o escriturário copista —, então podia-se presumir que ele já viera ao mundo assim, em uniforme e careca. Ninguém o respeitava na repartição. O porteiro não apenas mantinha-se sentado em seu posto quando ele passava, como nunca sequer olhou em sua direção, do modo como faria caso uma mosca passasse voando pelo saguão da recepção. Os superiores tratavam-no com frieza despótica. Algum assistente insignificante do conselheiro-chefe colocaria um papel sob seu nariz sem mesmo dizer “Copie”, ou “Tem aqui uma tarefa interessante para você”, ou qualquer coisa meramente agradável como era costumeiro entre oficiais bem-educados. E ele pegava a folha, olhando apenas ao papel, sem verificar quem entregava ou se tal pessoa tinha o direito de fazê-lo; simplesmente recebia e começava a copiar.

Os jovens oficiais riam e tiravam sarro dele, até onde a sagacidade da patente permitia; contavam, em sua presença, várias histórias inventadas a seu respeito e sobre sua senhoria, uma idosa de setenta anos; declararam que ela o espancava; perguntavam quando seria o casamento; e salpicavam-lhe pedaços de papel sobre a cabeça, dizendo ser neve. Mas Akaki Akakiévich não proferia nenhuma palavra, como se ali não houvesse mais ninguém. Isso sequer afetava seu desempenho, pois apesar dessas interrupções irritantes, ele nunca errava na redação de um ofício.

Somente quando as brincadeiras se tornavam insuportáveis, como, por exemplo, quando empurravam seu braço e o impediam de executar seu trabalho, ele gritava: “Deixe-me em paz! Por que me importunam?”.

Havia algo estranho nas palavras e na voz com que eram proferidas. Havia ali algo que evocava compaixão; tanto que um jovem, um recém-chegado, seguindo o exemplo dos outros, permitiu-se rir às custas de Akaki Akakiévich, mas parou de súbito, como se tudo dentro dele houvesse passado por uma transformação profunda e lhe apresentado a vida sob uma nova perspectiva. Alguma força invisível repeliu-o dos camaradas que havia conhecido

anteriormente sob a suposição de serem homens decentes e justos. Muito tempo depois, em seus momentos mais alegres, a mente dele recordava-se daquele funcionário diminuto e calvo e suas palavras de tocar o coração, “Deixe-me em paz! Por que me importunam?”. Em meio àquelas palavras tocantes, outras ressoavam — “Sou seu irmão”. E o jovem cobria o rosto com as mãos; e, muitas vezes, ao longo de sua vida, estremeceu ao ver quanta desumanidade existe no homem, quanta grosseria selvagem esconde-se sob o refinamento, a cultura, as palavras elegantes e — meu Deus! — mesmo naqueles que a opinião geral reconhece como pessoas dignas e honradas.

Seria difícil encontrar outro homem que vivesse totalmente dedicado às suas obrigações. Seria insuficiente dizer que Akaki trabalhava com zelo; não, ele trabalhava com amor. Ali, enquanto copiava, encontrava um mundo diferente e agradável. A satisfação estava estampada em sua face. Algumas letras eram suas favoritas, e quando as encontrava, ele sorria, piscava e articulava com os lábios, até parecer que cada letra pudesse ser lida em seu rosto conforme a pena dançava em seus dedos. Se a recompensa fosse proporcional ao empenho, ela seria, talvez para a surpresa dele, suficiente para alçá-lo ao posto de conselheiro de Estado. Contudo, o que tal dedicação lhe granjeou, de acordo com a chacota de seus colegas, não foi uma condecoração na lapela, mas hemorroidas nos fundilhos.

Entretanto, será uma inverdade dizer que ninguém prestava atenção nele. Um diretor, um bom homem cujo desejo era recompensá-lo por seu longo tempo de serviço, ordenou que lhe fosse dado algo mais importante que meras cópias. Então, recebeu a ordem para fazer o relatório de um caso já concluído para outra repartição; a responsabilidade consistia em simplesmente mudar o cabeçalho e alterar umas poucas palavras da primeira para a terceira pessoa. Aquilo causou-lhe tanta preocupação que se pôs a transpirar, esfregou a testa e finalmente disse:

— Não, prefiro que me dê algo para copiar.

Depois disso, deixaram-no copiar para sempre.

Além do copiar, nada parecia existir para ele. Não se importava com roupas. Seu uniforme havia perdido a cor verde e agora era de

um desbotado ferruginoso. O colarinho era baixo e estreito, de modo que seu pescoço, apesar de curto, parecia extremamente longo, como os daqueles gatinhos de gesso que balançam a cabeça. E sempre havia algo grudado no uniforme, fosse uma migalha ou um fiapo. Aliás, ele tinha uma aptidão peculiar: conforme andava pelas ruas, sempre passava por baixo de uma janela quando todo tipo de lixo era jogado para fora; portanto, sempre carregava restos de melancia ou de melão e outros artigos desse tipo em seu chapéu. Nem mesmo uma vez em sua vida ele prestou atenção ao que acontecia diariamente nas ruas. Por outro lado, sabe-se que seus colegas oficiais tinham um olhar muito aguçado e capaz de enxergar o suspensório de alguém se desprendendo na calçada oposta, coisa que lhes trazia um sorriso malicioso aos lábios. Porém, Akaki Akakiévich só enxergava em todas as coisas os traços limpos e claros de sua escrita, e apenas quando um focinho de cavalo surgia acima de seu ombro e baforava em seu pescoço ele percebia que não estava na linha de uma carta, mas no meio da rua.

Ao chegar em casa, ele sentava-se à mesa imediatamente, bebericava a sopa de repolho com rapidez, engolia um pouco de carne com cebolas, nunca sentindo o sabor, e entornava tudo com moscas e o que mais Deus decidisse enviar naquele momento. Quando se sentia de estômago cheio, levantava-se da mesa, pegava um pote de tinta e começava a copiar os papéis que havia trazido para casa. Se não houvesse nenhum serviço novo, copiava para si, por gratificação própria, especialmente se o documento fosse relevante, não por conta do estilo, mas por ser endereçado a alguma pessoa de renome.

Mesmo naquelas horas em que o céu cinzento de São Petersburgo apagava por completo e a multidão de funcionários já havia jantado, cada um como podia, de acordo com o salário recebido ou com seus desejos — quando todos descansavam do riscado dos bicos de pena na repartição, da correria diária para cumprir suas próprias obrigações e mais todo o trabalho que um homem ansioso faz voluntariamente a despeito da necessidade —; quando os funcionários dedicavam o tempo livre às distrações, um deles, mais ousado que o restante, iria ao teatro; outro estaria nas ruas, bisbilhotando as pessoas; outro passaria a noite cortejando

uma garota bonita, a estrela entre o círculo fechado dos oficiais; e ainda outro — e esse é o caso mais frequente — visitaria os camaradas no terceiro ou no quarto andar, nas moradias com dois aposentos, antessala, cozinha e tentativas de dar um toque de estilo ao ambiente, fosse com uma lâmpada ou alguma outra trivialidade que custou vários jantares ou o sacrifício de uma viagem a passeio; resumindo, quando todos os oficiais dispersavam-se pelos alojamentos de seus amigos para jogar whist^[23], enquanto tomavam chá com umas migalhas de pão barato, fumavam cachimbos volumosos, dedicavam-se a compartilhar pitadas de fofoca — algo de que um homem russo nunca, sob nenhuma circunstância, abstém-se — e, quando não havia nada mais a ser dito, repetiam infinitas piadas sobre o comandante a quem enviaram um comunicado informando que os rabos dos cavalos do Monumento Falconet haviam sido cortados. Em suma, quando todos queriam se divertir, Akaki Akakiévich não tomava parte em nenhuma distração. Ninguém poderia nem mesmo dizer tê-lo visto em uma reunião vespertina. Tendo escrito até sentir-se satisfeito, ele deitava-se para dormir, sorrindo ao pensar no dia seguinte — no que Deus lhe enviaria para copiar amanhã.

Assim fluía a vida pacífica do homem, que, com um salário de quatrocentos rublos, sabia se contentar com seu destino; e seguiria vivendo desse modo até uma idade bastante avançada, não fossem os vários percalços na estrada da vida que porventura acometem os conselheiros titulares, e também os dos tribunais ou de outros lugares — até aqueles conselheiros que não dão conselho algum, nem sequer os recebem.

Em São Petesburgo, há um poderoso inimigo para todos que recebem um soldo de quatrocentos rublos por ano ou algo próximo disso. Esse inimigo é nada menos que o frio do norte, embora digam que nos seja muito saudável. Às nove da manhã, na mesma hora em que as ruas estão cheias de homens rumando para inúmeras repartições públicas, ele começa a lançar sopros poderosos e perfurantes contra todos os narizes, sem parcialidade, e os oficiais pobres não têm ideia do que fazer para se proteger. Nesse momento, quando mesmo os que ocupam cargos mais altos ficam com testas e lágrimas congeladas, os pobres conselheiros titulares

normalmente encontram-se bastante desprotegidos. A única alternativa está em percorrer o caminho o mais rápido possível, vestindo seus capotes finos, cruzar cinco ou seis ruas e então aquecer seus pés na sala da recepção e descongelar as habilidades e qualificações para o serviço público, que também congelaram no caminho.

Akaki Akakiévich sentia as costas e os ombros doendo com pungência peculiar havia tempos, independente de tentar atravessar aquela distância na maior velocidade possível. Por fim, começou a ponderar se a culpa não era de seu capote. Examinou-o meticulosamente em casa e descobriu que em dois ou três lugares, especificamente nas costas e nos ombros, estava tão fino quanto gaze. O tecido estava desgastado ao ponto de ser possível ver através dele, e a costura se encontrava em frangalhos. Você precisa saber que o capote de Akaki Akakiévich foi objeto de troça para os funcionários. Eles até rejeitavam chamá-lo pelo respeitoso nome de capote e o chamavam de capa. Na verdade, seu formato era estranho entre os uniformes: o colarinho diminuía a cada ano pois servia de retalho para reparar outras partes. Os reparos não demonstravam grande habilidade por parte do alfaiate, e a peça ficara, de fato, feia e larga. Compreendendo a gravidade da situação, Akaki Akakiévich decidiu ser necessário levar o capote para Petrovich, o alfaiate, que vivia em algum lugar no quarto andar, depois de uma escadaria escura, e que, a despeito de ter apenas um olho e marcas de varíola por todo o rosto, mantinha-se ocupado com certo sucesso no ato de consertar calças e casacos dos oficiais e de outros; quer dizer, quando não estava bêbado nem alimentando algum devaneio em sua cabeça.

Não é necessário dizer muito sobre o alfaiate, mas como é costumeiro definir cada personagem de um romance muito bem, não posso evitar, então este é Petrovich, o alfaiate. Inicialmente, ele era chamado apenas de Grígori e era o serviçal de um cavaleiro. Ele começou a se chamar Petrovich desde que recebeu seus documentos de libertação e passou a beber muito em todas as datas festivas, em princípio nos grandes, depois em todos os festivais da igreja, sem distinção, sempre que uma cruz aparecesse no calendário. Nesse aspecto, ele era fiel aos hábitos ancestrais; e,

quando brigava com a esposa, a chamava de mulherzinha ou alemã. Uma vez que mencionei a esposa, é necessário dizer algumas coisas a respeito dela. Infelizmente, pouco se sabe sobre ela, além do fato de ser esposa de Petrovich e preferir usar gorro em vez de lenço, mas em assunto de beleza ela não podia se gabar — o máximo que se pode dizer é que apenas os soldados da guarda vez ou outra a espiavam sob o chapéu, remexiam um bigode e sussurravam-lhe certas coisas com uma voz sugestiva.

Enquanto subia pela escadaria que levava aos aposentos de Petrovich — escadaria essa completamente encharcada com água de pia e fedendo com destilados que ardiam nos olhos, assim como todas as demais escadarias soturnas nas casas de São Petersburgo —, Akaki Akakiévich ponderou sobre quanto Petrovich cobraria e, mentalmente, decidiu não pagar mais de dois rublos. A porta foi aberta pela esposa, que cozinhava algum tipo de peixe e fazia tanta fumaça que não se podia ver nem as baratas vagando pela cozinha. Akaki Akakiévich passou por ali sem ser notado e, logo, chegou à sala onde contemplou Petrovich sentado numa grande mesa rústica, com as pernas sob o corpo como se fosse um paxá otomano. Os pés estavam descalços, exatamente como os demais alfaiates faziam enquanto trabalhavam; a primeira coisa que chamou sua atenção foi o polegar do homem, com uma unha grossa, deformada e rígida como uma casca de tartaruga. Do pescoço de Petrovich pendia uma meada de seda e ele tinha no colo uns trapos de roupa. Durante três minutos tentou, sem sucesso, enfiar a linha na agulha, então esbravejou contra a escuridão e até mesmo contra a agulha, ruminando em voz baixa:

— O maldito não entra! Você me espetou, patife!

Akaki Akakiévich ficou desconfortável por chegar no momento exato em que Petrovich estava nervoso. Ele gostava de contratar Petrovich quando ele estava um pouco mais aprazível ou, como a esposa dizia, “quando esse diabo caolho se acalma com uísque!” Em tais circunstâncias, Petrovich normalmente aceitava o preço de Akaki com facilidade, ele até agradecia e fazia uma reverência. Depois a mulher vinha até ele, chorando, dizendo que o marido estava bêbado e por isso cobrara uma ninharia, mas bastava o acréscimo de dez copeques ao valor combinado e tudo se resolvia.

Contudo, agora Petrovich parecia sóbrio e, portanto, taciturno, arredio e propenso a fazer exigências com as quais só satanás poderia arcar. Akaki Akakiévich sentiu tudo isso e teria batido em retirada, mas era tarde demais. Petrovich apertou o olho bom e fixou-se nele, e, involuntariamente, Akaki Akakiévich disse:

— Como vai, Petrovich?”

— Desejo-lhe um bom-dia, senhor — disse Petrovich, semicerrando os olhos na direção das mãos de Akaki Akakiévich para ver que tipo de demanda ele havia trazido.

— Ah! Eu... para você, Petrovich, isso aqui... — Deve-se esclarecer que Akaki Akakiévich se expressava principalmente pelo uso de preposições, advérbios e pedaços de frases que não têm o menor sentido. Se o assunto fosse muito difícil, ele tinha o hábito de nunca terminar as sentenças, frequentemente começando as frases com as palavras “Isso, de fato, é muito...” e esquecendo de terminar, pois pensava já ter concluído o raciocínio.

— O que é isso? — perguntou Petrovich, e com seu único olho vistoriou todo o uniforme de Akaki Akakiévich, do colarinho até os punhos da camisa, as costas, as barras e os furos dos botões; todos muito familiares a ele, uma vez que eram resultado de suas habilidades. Alfaiates têm esse costume; é a primeira coisa que fazem quando reencontram suas criações.

— Mas eu, aqui, isso... Petrovich... o capote, o tecido... veja aqui, todos os lados, em lugares diferentes, está bastante... um pouco empoeirado e parece velho, mas é novo, apenas aqui em um lugar é um pouco... nas costas e aqui nos ombros, é um pouco desgastado, sim, aqui nos ombros está um pouco... viu? É isso. Um pequeno conserto...

Petrovich pegou o capote e, antes de mais nada, esparramou-o sobre a mesa e examinou-o por um bom tempo, balançou a cabeça e estendeu a mão até o batente da janela, onde encontrou uma caixa de rapé redonda, adornada com o retrato de algum general, embora o general seja desconhecido, pois o local onde o rosto deveria estar havia sido raspado e um pedacinho de papel fora colado. Tendo pegado uma pitada de rapé, Petrovich segurou o capote em frente ao rosto, inspecionou-o contra a luz e, novamente, sacudiu a cabeça. Então, virou-o, observou-o numa posição

inclinada, e chacoalhou a cabeça uma vez mais. Depois, levantou a tampa da caixa adornada com o general e o pedacinho de papel colado, encheu o nariz com rapé, acalmou-se, fechou a caixa e finalmente disse:

— Não, é impossível remendar. Esta peça está destruída!

O coração de Akaki Akakiévich parou ao ouvir tais palavras.

— Por que não, Petrovich? — ele disse, quase suplicando com a voz de uma criança. — Todo o problema são os ombros desgastados. Você deve ter uns pedaços de...

— Sim, retalhos podem ser encontrados, retalhos são fáceis de achar — disse Petrovich —, mas não há lugar onde possam ser costurados. O capote está completamente podre. Se colocar uma simples agulha nele, veja, ele se desfaz.

— Deixe que se desfaça, então coloque outro retalho imediatamente.

— Mas não há nada que se remendar. Não adianta nada reforçar. O desgaste é profundo demais. Você tem sorte de ser um tecido pesado, pois, se ventasse forte, poderia voar para longe.

— Bem, reforce-o novamente. Como isso, de fato...

— Não — disse Petrovich, decisivo —, não há nada a ser feito. É um trabalho inteiramente inglório. Quando o inverno chegar, seria melhor fazer perneiras com ele, pois meias não serão quentes. Os alemães só inventaram as meias para ganhar mais dinheiro. — Petrovich gostava de provocar os alemães sempre que podia. — Uma coisa é clara: você precisa de um novo capote.

Com a palavra *no*, o mundo escureceu aos olhos de Akaki Akakiévich, e tudo na sala começou a rodopiar. A única coisa que ele via claramente era o general com o papel colado no lugar do rosto na caixa de rapé de Petrovich.

— Um novo? — ele disse, como se em devaneio. — Por quê? Eu não tenho dinheiro para isso.

— Sim, um novo — disse Petrovich com serenidade bárbara.

— Bem, se é necessário um novo, como... ele...

— Quer saber quanto custaria?

— Sim.

— Bem, você precisaria gastar cento e cinquenta, ou mais — disse Petrovich, e apertou os lábios acintosamente. Ele gostava de

criar reações poderosas, gostava de atordoar súbita e irresistivelmente e então olhar de soslaio para ver o rosto atormentado da pessoa afetada.

— Cento e cinquenta rublos por um capote! — guinchou o pobre Akaki Akakiévich, talvez pela primeira vez em sua vida, pois sua voz sempre se distinguira pela suavidade.

— Sim, senhor — disse Petrovich —, por qualquer tipo de capote. Se desejar colarinho de pele de marta ou capuz forrado de seda, pode chegar até mesmo a duzentos.

— Petrovich, por favor — disse Akaki Akakiévich em súplica, sem ouvir, nem tentar ouvir, as palavras de Petrovich e ignorando todos os efeitos dramáticos. — Remende-o de algum jeito, para que eu possa vesti-lo pelo menos por mais um tempo.

— Não, seria desperdício de tempo e dinheiro — disse Petrovich. E Akaki Akakiévich partiu depois daquelas palavras, completamente desacorçoado. Depois de sua saída, Petrovich ficou parado por um bom tempo, de lábios apertados, sem se lançar ao trabalho, feliz consigo mesmo por não ter cedido e, assim, manter o orgulho de seu ofício.

Akaki Akakiévich seguiu pelas ruas como se num sonho.

— Veja se posso com uma coisa dessas! — disse a si mesmo. — Não acho que devia ter sido dessa maneira... — e, depois de uma pausa, concluiu: — Bem, que seja! Se esse é o estado em que me encontro, que seja! Mas não tinha como supor que seria assim... — Outro longo silêncio se seguiu, então ele disse: — Decerto foi bastante inesperado... mas isso não seria... que situação esquisita!

Enquanto falava, em vez de rumar para casa, tomou a rota exatamente oposta sem perceber. No caminho, um limpador de chaminés esbarrou nele, manchando-lhe o ombro, e seu chapéu recebeu uma quantidade considerável de cal do topo de uma casa em construção. Só quando trombou com um guarda, que, tendo descansado a alabarda a seu lado, estava pegando um punhado de rapé do bolso, Akaki se recompôs um pouco; e quando o guarda lhe disse, “Você não enxerga por onde anda? Ou não está satisfeito com a calçada?”, ele se viu obrigado a olhar ao redor e encontrar o caminho de casa.

Só então Akaki começou a organizar as ideias e viu com clareza qual era sua situação, e conversou consigo mesmo, de modo franco e sensível, como faria com um amigo prudente, com quem se pode conversar sobre o que há de mais sincero e íntimo.

— Não — disse Akaki Akakiévich —, é impossível argumentar com Petrovich agora. Ele é assim... A esposa deve ter lhe dado uma surra. Seria melhor voltar a vê-lo no domingo pela manhã. Depois da bebedeira de sábado, ele estará um pouco confuso e sonolento. Vai querer sair para beber e a esposa não lhe dará dinheiro, então, nessa hora, com mais uns copeques na mão... Ele vai estar mais receptivo e aceitará remendar meu capote.

Tendo debatido consigo, Akaki Akakiévich recuperou a coragem e esperou até o primeiro domingo, quando, vendo de longe que a esposa de Petrovich havia saído de casa, foi direto encontrá-lo.

O olho de Petrovich estava, de fato, muito mais fechado depois do sábado. A cabeça dele vacilava e ele estava muito sonolento; mas, independente disso tudo, assim que compreendeu a pergunta, parecia que satanás lhe reavivara a memória.

— Impossível — ele disse. — Por favor, encomende um novo.

Logo a seguir, Akaki Akakiévich entregou-lhe a moeda de dez copeques.

— Obrigado, senhor. Brindarei à sua saúde — disse Petrovich. — Mas, quanto ao capote, deixe para lá; ele não serve para mais nada. Farei-lhe um capote novíssimo e magnífico, então vamos fechar o negócio agora.

Akaki Akakiévich ainda queria consertá-lo, mas Petrovich não dava ouvidos, e disse:

— Vou confeccionar um novo e ficará perfeito. Pode ter certeza de que farei meu melhor. Posso até mesmo fazê-lo com o colarinho abotoado por fechos de prata, como está na moda.

Então, Akaki Akakiévich viu que era impossível seguir adiante sem um novo capote e seu moral despencou. Precisar, de fato, ele precisava, mas de onde viria o dinheiro? Talvez pudesse contar com a gratificação que receberia no próximo feriado, porém esse dinheiro já tinha destino. Ele precisava de calças novas e pagar a dívida de longa data com o sapateiro por ter refeito os canos das velhas botas, e deveria encomendar três camisas e mais duas peças de

roupa as quais seria indecente especificar nestas linhas. Resumindo, todo o dinheiro seria gasto. E mesmo se o diretor fosse generoso o bastante para ordenar que, em vez de quarenta rublos, lhe pagassem quarenta e cinco ou mesmo cinquenta, o excedente não serviria para nada, seria uma gota no oceano da verba necessária para o capote. Akaki sabia que Petrovich era insensato ao ponto de querer quebrá-lo, até o diabo sabia que o valor cobrado era ultrajante; tanto é que a própria esposa do alfaiate não se conteve e gritou:

— Perdeu a noção, homem? Uma hora trabalha por mixaria, e agora quer cobrar os olhos da cara!

E embora ele soubesse que Petrovich confeccionaria um bom capote por oitenta rublos, ainda se via diante do problema de onde tirar oitenta rublos. Possivelmente, conseguiria a metade. Sim, metade era possível, ou até um pouco mais. Mas de onde sairia a outra metade?

É justo, no entanto, que o leitor saiba de onde viria a primeira metade. Para cada rublo que ganhava, Akaki Akakiévich tinha o hábito de guardar uma moeda de um centavo numa caixinha, fechada com cadeado, e com uma fenda na tampa para receber o dinheiro. Ao fim de cada semestre, ele contava a pilha de cobs e trocava por moedas de prata. Fez isso por um bom tempo e, ao longo dos anos, aferiu que o valor passava dos quarenta rublos. Logo, metade estava disponível. Mas onde encontraria a outra metade? Onde conseguiria quarenta rublos adicionais? Akaki Akakiévich pensou, pensou mais um pouco e decidiu que seria necessário reduzir as despesas básicas, pelo menos por um ano, o que envolveria suspender o chá da tarde, não acender velas à noite e, se precisasse copiar algo, iria até os aposentos da senhoria e trabalharia sob a luz dela. Quando fosse à rua, deveria andar do modo mais leve possível, quase na ponta dos dedos, evitando as pedras e entulhos para preservar o salto das botas. Deveria enviar o mínimo possível de roupas à lavadeira; e, para garantir que não desgastasse as roupas, as tiraria imediatamente após entrar em casa e vestiria apenas o pijama de algodão, que estava preservado apesar de muito velho.

Bem, na verdade, foi um pouco difícil para ele aceitar todas essas privações. No entanto, depois de um tempo, acostumou-se a todas elas e tudo seguiu tranquilamente. Acostumou-se até a passar fome ao longo das noites; em contrapartida, alimentava-se espiritualmente com a perspectiva de um novo capote. Daquele momento em diante, sua existência parecia ter se tornado, de certo modo, mais completa. Era como se ele tivesse se casado ou se tornado outro homem; era como se ele não estivesse mais sozinho, pois um amigo agradável agora compartilhava cada passo de sua vida — esse amigo sendo ninguém menos que o capote, com estofado grosso, tecido forte e íntegro. Ele ganhou mais vida, e mesmo sua personalidade ficou mais firme, como a de um homem que havia tomado uma decisão e definido um objetivo para si mesmo. Dúvida, indecisão, em suma, qualquer traço vacilante, desapareceu do seu rosto e do seu comportamento. Havia uma chama nova em seu olhar e, às vezes, ideias ousadas e desafiadoras passavam por sua mente. Por que, por exemplo, não forrar com pele de marta o colarinho? Aquele pensamento quase lhe tirou o fôlego. Uma vez, enquanto copiava uma carta, por pouco não cometeu um erro e gritou “Ui!” bem alto, fazendo em seguida o sinal da cruz. Além disso, uma vez por mês ele se reunia com Petrovich para debater o capote, onde seria melhor comprar o tecido, e a cor, e o preço. Ele sempre voltava para casa satisfeito, embora ansioso, refletindo sobre o momento em que tudo pudesse ser, enfim, comprado e o capote confeccionado.

O projeto evoluiu mais rápido do que o esperado. Pois, superando todas as expectativas, o diretor não concedeu quarenta nem quarenta e cinco rublos para Akaki Akakiévich, mas sim sessenta rublos. Se ele suspeitava que Akaki Akakiévich precisava de um capote, ou se era questão meramente circunstancial, de qualquer maneira, providenciou vinte rublos extras. Esse fato acelerou o processo. Com apenas mais dois ou três meses de fome, Akaki Akakiévich acumulou cerca de oitenta rublos. Seu coração, normalmente tranquilo, começou a disparar. No primeiro dia, foi às compras acompanhado por Petrovich. Compraram um tecido muito bom e por um preço aceitável, o que não surpreende, pois haviam ponderado os detalhes com seis meses de antecedência e

raramente passavam um mês sem visitar as lojas para conferir os preços. O próprio Petrovich declarou não haver melhor tecido disponível. Para o forro, escolheram um corte de algodão, tão bom quanto a seda, mas ainda mais bonito e brilhante. Não compraram pele de marta, pois era realmente muito cara; em vez disso, escolheram a melhor pele de gato disponível na loja e que, se você olhasse de longe, até poderia confundir com marta.

Petrovich levou apenas duas semanas para confeccionar o capote — isso porque havia muito forro para perspontar, caso contrário teria ficado pronto mais cedo. Cobrou doze rublos pelo trabalho, não poderia ser feito por menos, de jeito nenhum. Foi usada linha de seda em costura dupla e Petrovich reforçou cada pequeno ponto com a ajuda de seus próprios dentes, firmando os variados padrões.

Era difícil dizer precisamente em qual dia, mas provavelmente o dia mais glorioso da vida de Akaki Akakiévich foi quando Petrovich levou o capote até sua casa. Ele fez a entrega pela manhã, antes do horário de início do expediente na repartição. O capote nunca chegaria em momento mais propício, pois o frio avançava e ameaçava piorar. Petrovich levou o capote pessoalmente, como fazem os bons alfaiates. Seu rosto trazia uma expressão significativa, como Akaki Akakiévich jamais vira. Ele parecia totalmente consciente de ter feito algo memorável e singrado o vasto desfiladeiro que separa alfaiates que colocam forros e fazem consertos daqueles capazes de criar coisas novas. Desembrulhou o capote do pano onde o trouxera. O pano era limpo, e ele o dobrou cuidadosamente e colocou-o no bolso. Ao desembrulhar o capote, admirou-o com orgulho, segurou-o com as duas mãos e o girou com habilidade sobre os ombros de Akaki Akakiévich. Então, puxou e ajeitou-o com as mãos e o vestiu em Akaki Akakiévich sem abotoá-lo. Akaki Akakiévich, como um homem experiente, queria provar as mangas. Petrovich ajudou-o com elas e as mangas pareciam igualmente satisfatórias. Em resumo, o capote parecia perfeito e dentro dos padrões da moda atual. Petrovich não deixou de mencionar que não fosse pelo fato de viver numa viela, não ter uma placa na porta e conhecer Akaki Akakiévich por tanto tempo não teria cobrado tão barato; mas se tivesse um estabelecimento na

avenida Nevski, teria cobrado setenta e cinco rublos apenas pela confecção. Akaki Akakiévich não ousou argumentar com Petrovich sobre esse assunto, tinha medo das cifras que o alfaiate cogitava. Ele pagou, agradeceu e saiu rumo à repartição com seu novo capote. Petrovich o seguiu, parou na rua e admirou o capote à distância, depois correu por uma viela tortuosa e apareceu do outro lado da rua para, novamente, admirar o capote por outro ângulo, ou melhor, de frente.

Enquanto isso, Akaki Akakiévich passeava entre as nuvens do paraíso. A cada segundo, ele estava ciente da existência de um novo capote sobre seus ombros e, em várias ocasiões, sorriu com satisfação íntima. De fato, haviam duas vantagens: primeiro, que era quente; depois, bonito. Ele não prestou atenção em nada na rua e, sem demora, estava na repartição. Tirou o capote na antessala, analisou-o cuidadosamente e entregou-o ao atendente solicitando um cuidado especial. Não se sabe como todo mundo na repartição soube, de imediato, que Akaki Akakiévich tinha um capote novo e que a capa velha não existia mais. Todos se apressaram até a antessala para inspecionar o item. Parabenizaram-no, disseram-lhe coisas agradáveis, e, em princípio, ele começou a sorrir, depois ficou envergonhado. Quando todos o cercaram e disseram que o capote deveria ser “devidamente batizado” e que Akaki Akakiévich, pelo menos, deveria dar uma festa e convidar a todos, ele ficou completamente perdido, não sabia onde se enfiar, como responder ou escapar dali. Alguns minutos depois, totalmente ruborizado, ele começou a afiançar aos colegas, com grande simplicidade, que a peça não era um capote novo, mas velho.

Num certo momento, um dos oficiais — assistente do supervisor, disposto a mostrar que não estava tão impressionado assim e para manter o moral de seus subalternos, disse:

— Que seja, em vez de Akaki Akakiévich, quem vai dar a festa sou eu; convido a todos para tomar um chá comigo hoje à noite. Por acaso, também é meu aniversário.

Naturalmente, os funcionários ofereceram os parabéns ao assistente do supervisor e aceitaram o convite com prazer. Akaki Akakiévich teria recusado, mas todos declararam que seria falta de educação, que seria um pecado e uma vergonha, e que ele não

poderia recusar de forma alguma. Ademais, a ideia ficou mais interessante quando ele ponderou que teria uma chance de vestir o capote também durante a noite.

Aquele foi um dia triunfante para Akaki Akakiévich. Ele voltou para casa muito feliz, retirou o capote e pendurou-o cuidadosamente na parede, admirando mais uma vez o tecido e o forro. Então, ele pegou o capote velho e desgastado para comparar. Ele olhou e até riu, tamanha era a diferença. E, durante muito tempo depois do jantar, tornou a sorrir ao se lembrar do estado da capa velha. Jantou alegremente e, depois, não escreveu nada, em vez disso, relaxou por um tempo na cama, até que escureceu. Então, sem demora, vestiu-se, colocou o capote e foi para a rua.

Onde o anfitrião morava, infelizmente eu não sei dizer. A memória começa a falhar em algum momento. As casas e ruas de São Petersburgo embaralharam-se em minha cabeça de modo que é difícil obter uma informação decente. Uma coisa é certa, o oficial vivia na melhor parte da cidade, e, portanto, longe da residência de Akaki Akakiévich. Primeiro, Akaki Akakiévich foi obrigado a caminhar por ruas escuras e desertas. No entanto, conforme se aproximava da área da cidade onde morava o oficial, as ruas ficavam mais vivas, mais povoadas, e mais iluminadas. Os pedestres circulavam com mais frequência; as mulheres agora se vestiam com elegância; os homens ostentavam casacos com colarinho de pele de castor; charreteiros mal-ajambrados com trenós de madeira tornavam-se raros, enquanto circulavam cada vez mais condutores com chapéus de veludo vermelho, com transportes laqueados e cobertos com pele de urso, e as rodas das carruagens guinchavam sobre a neve enquanto cortavam as ruas.

Akaki Akakiévich encarou tudo isso como novidade. Fazia anos que não saía à noite. Por pura curiosidade, parou em frente a uma vitrine e observou o quadro de uma mulher bonita descalçando o sapato de modo a expor a perna inteira, enquanto, atrás dela, um homem com um belo bigode e costeletas espiava de outro cômodo, através da fresta na porta. Akaki Akakiévich balançou a cabeça e sorriu, então seguiu em frente. Por que sorriu? Talvez por ter feito contato com algo totalmente desconhecido, algo que todos apreciavam, enfim, um tipo de sentimento que o igualava a muitos

outros funcionários de repartição ao pensar, “Ah, esses franceses! O que se pode dizer? Quando querem uma coisa, querem uma coisa!...” Ou talvez ele não tenha pensado nada disso, afinal, não se pode mergulhar na alma de uma pessoa e descobrir tudo o que ela pensa.

Por fim, Akaki Akakiévich chegou à casa do assistente de supervisor. Ele vivia com muito estilo. A escadaria era iluminada por uma lâmpada, o apartamento ficava no segundo andar. Ao entrar no vestíbulo, Akaki Akakiévich admirou uma fileira inteira de galochas no chão. Entre elas, no centro da sala, havia um samovar apitando e emitindo nuvens de vapor. Todos os tipos de casacos e capotes estavam pendurados nas paredes, alguns com colarinhos de castor ou lapelas de veludo. Além dali, o burburinho da conversa era audível e tornou-se claro e alto quando o servente abriu a porta e saiu com uma bandeja cheia de copos vazios, jarras de creme e cestas de biscoitos. Era evidente que os funcionários já haviam chegado e tomado o primeiro copo de chá.

Tendo pendurado seu capote, Akaki Akakiévich adentrou o aposento. Diante dele, de uma vez, apareceram luzes, funcionários, cachimbos, mesas de carteados e ele foi surpreendido pelo som de conversas fluindo de todos os lados e o barulho de cadeiras se movendo. Ele parou, desajeitado, no meio da sala, ponderando sobre o que fazer. Mas todos o viram. Receberam-no com um grito e apinharam-se na antessala para olhar o capote novamente. Akaki Akakiévich, embora confuso, ficou emocionado e não pôde conter a alegria diante de tantos elogios recebidos pelo capote. Então, claro, os outros deixaram tanto ele quanto o capote e voltaram, de praxe, para as mesas onde estavam se divertindo.

Tudo aquilo, o barulho, as conversas, o mundaréu de gente, era espantoso para Akaki Akakiévich. Ele simplesmente não sabia o que fazer, onde colocar as mãos, os pés, o corpo todo. Finalmente, sentou-se ao lado dos jogadores, olhou para as cartas, observou os rostos de um e de outro e depois de um tempo começou a bocejar, sentindo que estava cansado, pois, era claro, já passava de seu horário habitual de ir para a cama. Ele queria se despedir do anfitrião, mas eles não o deixavam partir, dizendo que não deveria recusar a taça de champanhe em celebração por sua nova

vestimenta. Uma hora depois, foi servida a ceia, que consistia de salada vinagrete, vitela fria, patê, pães e doces de padaria e champanhe. Fizeram Akaki Akakiévich beber dois copos de champanhe, o que fez com que a festa se tornasse mais divertida para ele, porém não conseguia se esquecer que já era meia-noite e precisava voltar para casa. Para evitar que o anfitrião pensasse em alguma desculpa para mantê-lo ali, ele saiu do aposento silenciosamente, foi até a antessala e procurou por seu capote, que, para sua tristeza, encontrava-se caído no chão; limpou-o com as mãos, tirou cada pedacinho de sujeira, colocou-o sobre os ombros e desceu as escadas até a rua.

As ruas ainda estavam todas iluminadas. Algumas lojinhas e aqueles clubes com pátios, que atendem a todo tipo de gente, continuavam abertos. Outros já estavam fechados, mas a luz forte que vazava das frestas na porta indicava que ainda funcionavam, e em cujos quintais, provavelmente, os criados e criadas terminavam de conversar, enquanto os patrões deviam estar desnorteados com sua ausência. Akaki Akakiévich seguia de bom humor. Ele até começou a correr, sem saber por quê, atrás de uma mulher que passou por ele como um relâmpago e cujo corpo inteiro se movia de um jeito irresistível. Mas logo ele voltou a andar calmamente, ponderando por que havia acelerado o passo. Em pouco tempo, tudo que restava à sua frente eram ruas desertas que já não eram agradáveis durante o dia, quanto mais à noite. Agora eram mais solitárias e escuras. As lanternas começaram a ficar mais raras; evidentemente, o óleo não chegava ali com fartura. Vieram casas e cercas de madeira. Nenhuma alma em canto algum; só a neve brilhava nas ruas e velava tristemente os casebres de tetos baixos com as janelas cerradas. Ele se aproximou de um ponto onde a rua desembocava em uma praça vasta, com casas quase invisíveis no lado mais distante, e a praça parecia assustadoramente deserta.

Lá longe, lampejava a luz de uma guarita que parecia postar-se nos limites do mundo. A alegria de Akaki Akakiévich diminuiu drasticamente naquele momento. Ele entrou na praça, não sem aquela sensação involuntária de medo, como se seu coração tivesse um pressentimento cruel. Ele olhou para trás e para todos os lados, era como se o mar o tentasse engolir. “Não, melhor não

olhar”, pensou e prosseguiu de olhos fechados. Quando os abriu para ver se já estava no fim da travessia, parou de súbito, pois deparou-se com uma porção de homens de bigode, mas não foi capaz de distinguir muita coisa. Tudo se turvou perante seus olhos e seu coração disparou.

— O capote é meu! — disse um deles numa voz estrondosa, agarrando-lhe a gola.

Akaki Akakiévich estava prestes a gritar “Socorro!” quando um segundo homem ameaçou-o com o punho, tão grande quanto sua cabeça de funcionário de repartição, e murmurou:

— Nem ouse gritar!

Akaki Akakiévich sentiu quando lhe privaram do capote e lhe deram um chute. Ele caiu de cabeça na neve e não sentiu mais nada. Em poucos minutos, recuperou a consciência e levantou-se, mas não havia ninguém ali. Sentiu o frio do descampado e a ausência do capote. Começou a gritar, mas sua voz não parecia alcançar os limites da praça. Em desespero e sem parar de gritar, ele começou a correr diretamente na direção da guarita, ao lado da qual estava o guarda, encostado em sua alabarda, aparentemente curioso para saber por que diabos um homem corria aos gritos na direção dele. Akaki Akakiévich gritou-lhe, numa voz soluçada, que ele estava dormindo e não fizera seu trabalho, que não vira um homem ser roubado. O guarda respondeu que viu os dois homens parando-o no meio da praça, mas imaginou que fossem seus amigos e que, em vez de vociferar inutilmente, que procurasse a polícia pela manhã para que uma busca fosse feita por quem quer que tivesse roubado o capote.

Akaki Akakiévich correu até sua casa e chegou num estado lastimável, o cabelo, que crescia timidamente nas têmporas e na nuca, estava todo despenteado; e sua roupa, no peito, nos flancos e nas pernas, coberta de neve. A idosa, que era a dona de seus aposentos, ao ouvir as batidas ensandecidas, pulou da cama sem demora e, com apenas um sapato, correu para abrir a porta, pressionando a manga da camisa contra os seios por modéstia. Ao ver Akaki Akakiévich naquela condição, ela deu um passo para trás. Quando ele contou sobre o ocorrido, ela juntou as mãos e disse que ele deveria falar direto com o chefe de polícia, pois o subordinado só

ia prometer e enrolar e não tomar providência alguma. A melhor coisa a se fazer, então, seria ir até o chefe, que era seu conhecido, pois Anna, a antiga cozinheira finlandesa, agora trabalhava como babá na casa dele. Além disso, ela o via passar constantemente pela casa, e ele frequentava a igreja todo domingo, onde rezava e olhava para todos com muita simpatia, então, a julgar pelas aparências, devia ser um bom homem. Após ouvir a opinião dela, Akaki Akakiévich rumou entristecido para seu quarto. Qualquer um que consiga se colocar no lugar de outra pessoa pode imaginar como ele passou a noite.

Bem cedo na manhã seguinte, Akaki Akakiévich foi procurar o chefe do distrito, mas lhe informaram que ele ainda dormia. Retornou às dez horas e, novamente, foi informado que ele dormia. Às onze, disseram, “O superintendente não está”. Na hora do almoço, os assistentes na antessala não o admitiram de modo algum e insistiram em saber do que se tratava. Desse modo, pelo menos uma vez na vida, Akaki Akakiévich sentiu o desejo de ser enérgico e disse que deveria ver o chefe em pessoa, e que não se atrevessem a impedi-lo, pois ele vinha do departamento de justiça e, se prestasse queixa contra eles, eles sofreriam as consequências.

Os assistentes não ousaram responder, e um deles foi imediatamente chamar o chefe, que então escutou a estranha história do roubo do capote. Em vez de direcionar sua atenção aos detalhes principais, ele começou a interrogar Akaki Akakiévich. Por que estava voltando para casa tão tarde? Tinha o hábito de fazer isso, ou estava em algum estabelecimento de pouco prestígio? Akaki Akakiévich ficou totalmente envergonhado e o deixou, sem saber se o assunto estava encaminhado ou não.

Durante todo esse dia, pela primeira vez em sua vida, ele nem passou perto da repartição. No dia seguinte, apareceu muito pálido e trajando a velha capa, que estava ainda mais deplorável. Embora houvesse funcionários ali que jamais teriam perdido a oportunidade de rir da situação de Akaki Akakiévich, a notícia do roubo do capote tocou muitas pessoas. Elas decidiram fazer uma vaquinha ali mesmo, mas já haviam gastado uma boa quantia no retrato do diretor e na compra de um certo livro, por sugestão do chefe da divisão, que era amigo do autor; portanto, a soma foi irrisória.

Um deles, movido por compaixão, resolveu ajudar Akaki Akakiévich pelo menos com bons conselhos e disse para que não fosse à polícia, porque, por mais que um policial decidisse encontrar o capote no intuito de ganhar a aprovação de seus superiores, o capote poderia continuar em posse da polícia se ele não provasse legalmente ser o dono da peça. A melhor coisa, portanto, seria apelar para uma *pessoa proeminente*, pois, tendo as conexões certas, tal pessoa poderia agilizar e muito a solução.

Como não parecia haver mais nada a ser feito, Akaki Akakiévich decidiu acionar a tal pessoa proeminente. Ainda hoje é difícil saber qual é, exatamente, a identidade e a posição dessa pessoa. O que você deve saber é que se tornara proeminente fazia pouco tempo, tendo sido outrora uma pessoa insignificante. Ademais, sua posição sequer era considerada proeminente em comparação a outras pessoas mais influentes. Mas sempre há quem enxergue proeminência naqueles que são insignificantes aos olhos dos outros.

E o homem proeminente em questão lutava para aumentar sua importância com alguns truques. Por exemplo, fazia com que funcionários subalternos o encontrassem na escadaria de entrada quando ele chegava; ninguém podia abordá-lo diretamente e um protocolo estrito devia ser seguido: o registrador colegiado devia fazer um relatório para o secretário da província, e este se reportaria ao conselheiro titular e a mais quantos outros fossem necessários na escalada da hierarquia; todos os assuntos deviam chegar a ele dessa forma. Na Santa Rússia, tudo é contaminado pelo amor à imitação; cada homem imita e copia seu superior. Eles até dizem que um certo conselheiro titular, quando promovido a chefe de um pequeno escritório, imediatamente separou uma sala para si, que chamou de *câmara de audiências*, e designou um par de lacaios de colarinho vermelho para a função de abrir as portas a qualquer um que viesse; muito embora a câmara de audiências se limitasse, na prática, a uma simples escrivaninha.

Os hábitos e práticas do homem proeminente eram grandiosos e imponentes, mas um tanto exagerados. A principal base do sistema dele era o rigor. “Rigor, rigor e mais rigor!”, ele normalmente dizia, e ao martelar a última palavra olhava intensamente para seu interlocutor. Mas não havia necessidade de agir assim com os

subordinados que compunham o quadro do escritório e já estavam devidamente assustados com ele. Ao vê-lo de longe, eles deixavam seus postos e formavam fileiras até que ele passasse pela sala. Uma conversa ordinária com seus subalternos era repleta de severidade e, basicamente, consistia de três frases: “Como ousa?”, “Sabe com quem está falando?” e “Tem ideia de quem está na sua frente?”.

Tirando isso, ele era um homem bondoso, gentil com seus camaradas e pronto a ajudar. Mas a patente de general tirava-o do eixo; ele ficava confuso, perdia o fio da meada e nunca sabia o que fazer. Se pudesse permanecer entre seus pares, ele ainda era um homem decente como deveria e, sob muitos aspectos, inteligente; mas no momento em que se via num grupo de pessoas uma patente abaixo da sua, punha-se em silêncio e sua situação era digna de pena; ele próprio sabia que podia fazer um uso infinitamente melhor do seu tempo. Via-se na expressão dele o desejo de juntar-se às conversas interessantes dos funcionários, mas um pensamento o impedia: “Não seria muito condescendente? Não seria proximidade demais? E como ficava sua dignidade?”. Como resultado, ele sempre se mantinha calado e austero, proferindo poucos sons monossilábicos, e assim conquistou o título de pessoa chata.

Akaki Akakiévich apresentou-se a essa pessoa proeminente no pior momento para si, mas numa hora bem oportuna para ele. O homem proeminente estava na câmara de audiências conversando bem descontraído com um velho amigo da infância, com quem não se encontrava havia muitos anos e que acabara de chegar, quando lhe foi anunciado que uma pessoa chamada Bachmachkin estava ali.

Ele perguntou abruptamente:

— Quem é ele?

— Um funcionário qualquer — foi-lhe informado.

— Ah, ele pode esperar! Agora não é hora para ele aparecer — disse o homem proeminente.

Deve-se notar que o homem proeminente mentiu descaradamente. Ele já havia dito tudo que tinha que dizer ao amigo e a conversa, fazia algum tempo, era intercalada com pausas muito longas durante as quais eles apenas davam tapinhas um na perna

do outro e diziam, “Você é que pensa, Ivan Abramovich!”, “É isso aí, Stepan Varlamovich!”. Mesmo assim, ele ordenou que o funcionário esperasse porque queria mostrar ao amigo, um homem já aposentado e retirado em sua casa de vila, quanto tempo os funcionários tinham que esperar na antessala para falar com ele.

Depois de um longo tempo em silêncio, tendo esgotado as palavras, se entediado com as pausas e fumado um charuto na poltrona reclinável e muito confortável, ele pareceu se lembrar e disse ao secretário, que esperava à porta com pilhas de relatórios:

— Parece que há um funcionário esperando para me ver. Diga a ele que pode entrar.

Ao notar a aparência humilde de Akaki Akakiévich e seu uniforme desgastado, virou-se diretamente a ele e disse:

— O que você quer? — Numa voz curta e grossa, que praticara sozinho em frente ao espelho de sua sala por uma semana inteira antes de ser promovido ao cargo atual.

Akaki Akakiévich, que já era tímido por natureza, ficou ainda mais acabrunhado e empregou tantas palavras quanto a língua lhe permitia para explicar, com um uso excessivo da partícula “que”, que seu capote era novinho e que havia sido roubado do modo mais desumano, e que ele estava ali para, quem sabe, de alguma maneira, por intermédio do interlocutor, entrar em contato com o chefe da polícia e encontrar o capote.

Por alguma razão inexplicável, a conduta parecia familiar à pessoa proeminente.

— Como, meu caro senhor! — ele disse abruptamente. — O senhor não está familiarizado com o protocolo? Especialmente tendo vindo a quem veio? Não sabe como tais assuntos são encaminhados? Primeiro, você deveria ter feito uma petição ao gabinete. Teria passado pelo chefe da repartição, então pelo chefe da divisão, então teria sido entregue ao secretário, e o secretário teria entregado a mim.

— Mas, vossa excelência — disse Akaki Akakiévich, tentando reunir as migalhas restantes de sua presença de espírito ao mesmo tempo em que sabia estar transpirando terrivelmente. — Eu ousei incomodar diretamente vossa excelência porque os secretários... Neles não se pode confiar...

— O quê, o quê, o quê! — disse o homem importante. — De onde veio tamanha petulância? De onde tirou essas ideias? A insolência perante os chefes e superiores impregnou-se na nova geração! — A pessoa proeminente aparentemente não observou que Akaki Akakiévich já estava na casa dos cinquenta; se pudesse ser chamado de jovem, seria em comparação a alguém com setenta anos. — Você sabe com quem está falando? Compreende quem está à sua frente? Sabe? Você sabe, eu pergunto! — Então, ele bateu o pé e levantou a voz em um tom que teria assustado não apenas Akaki Akakiévich, mas qualquer homem.

Os sentidos de Akaki Akakiévich o abandonaram. Ele cambaleou, todos os membros tremeram e, se o porteiro não tivesse corrido para acudi-lo, ele teria desabado no chão. Carregaram-no para fora, petrificado. Mas o homem proeminente, satisfeito pelo efeito ter ultrapassado as expectativas e um tanto intoxicado com a ideia de que suas palavras podiam privar alguém de seus sentidos, olhou de soslaio para seu amigo para ver como a cena o havia afetado e percebeu, satisfeito, que o amigo estava num estado de espírito incerto e até parecia amedrontado.

Akaki Akakiévich era incapaz de se lembrar de como descera as escadas e chegara à rua. Não sentia as mãos nem os pés. Nunca em sua vida havia sido tão desconcertado por um oficial de alta patente, muito menos por um desconhecido. Ele cambaleou com a boca aberta pela nevasca que soprava pelas ruas. A ventania, típica de São Petersburgo, lançava-se contra ele de todas as direções e em cada cruzamento. Num piscar de olhos, rendeu-lhe uma amidalite e ele chegou em casa incapaz de dizer uma só palavra. A garganta estava inchada e ele foi se deitar. Levar uma tremenda decompostura tem lá suas consequências!

No dia seguinte, foi acometido por uma febre violenta. Graças à ajuda generosa do clima de São Petersburgo, a doença avançou mais rapidamente do que se esperava. Quando o médico chegou, ao sentir o pulso fraco do doente, percebeu que não havia nada a ser feito, exceto prescrever cataplasma para que o paciente não ficasse totalmente desamparado. Contudo, diagnosticou que o homem não resistiria mais de trinta e seis horas; virou-se para a senhoria e disse:

— Quanto à senhora, não perca tempo com ele. Encomende um caixão de pinho, pois um de carvalho é caro demais para ele.

Será que Akaki Akakiévich ouviu as palavras fatais? Se ouviu, teriam causado algum efeito devastador nele? Teria lamentado as amarguras da vida? Não sabemos, pois ele continuou febril e delirante. Visões apareciam sem descanso, cada uma mais estranha que a anterior. Agora, ele via Petrovich e encomendava um capote com armadilhas contra ladrões, que sempre pareciam estar escondidos debaixo da cama, e pedia sem parar à senhoria que retirasse um meliante de debaixo das cobertas. E questionava por que a velha capa estava pendurada à sua frente, uma vez que ele tinha um capote novo? Depois, ele imaginava estar diante do homem proeminente, escutando a bronca e dizendo, “Perdoe-me, vossa excelência!”, e então começava a xingar, proferindo as palavras mais horríveis, ao ponto da senhoria fazer o sinal da cruz por nunca na vida ter ouvido nada assim vindo dele, especialmente pelo termo “vossa excelência” acompanhar cada xingamento. Continuou proferindo disparates ininteligíveis, e o que se sabe é que todos esses pensamentos e palavras incoerentes pairavam sobre um único assunto: o capote.

Inevitavelmente, Akaki Akakiévich deu o último suspiro. Nem se deram ao trabalho de isolar o quarto ou resguardar seus pertences, pois, a princípio, não havia herdeiros e, em segundo lugar, havia muito pouco a ser herdado, a saber: um feixe de penas de ganso para escrever, um maço de papéis brancos timbrados, três pares de meias, dois ou três botões que haviam caído das calças e a velha capa já familiar ao leitor. A quem tudo isso foi entregue, só Deus sabe; e confesso que esse assunto talvez não nos diga respeito. Akaki Akakiévich foi levado e enterrado.

São Petersburgo ficou sem Akaki Akakiévich como se ele nunca tivesse vivido lá. Uma criatura desprezível, protegida por ninguém, querida por ninguém, interessante a ninguém, e que nunca atraiu para si a atenção dos estudiosos da natureza humana, que nunca perdem a oportunidade de alfinetar uma mosca e examiná-la sob o microscópio. Uma criatura que suportou humildemente a zombaria dos colegas de repartição e, sem um único feito extraordinário, desceu à sepultura, mas que recebera, no final da vida, um visitante

luminoso na forma de um capote que redimiu por um momento a vida pobre que tivera, e sobre quem, logo depois, uma tragédia intolerável recaiu, assim como recai sobre os poderosos deste mundo.

Poucos dias após sua morte, um vigia da repartição foi enviado até a residência com a ordem para que Akaki Akakiévich se apresentasse imediatamente ao chefe da seção. Mas o mensageiro teve que voltar sozinho e informar que Akaki Akakiévich não poderia ir; e quando perguntado por quê, respondeu, “Bem, porque ele está morto. Foi enterrado há quatro dias.” Foi assim que as pessoas na repartição ficaram sabendo sobre a morte dele. No dia seguinte, um novo funcionário tomou o seu lugar, alguém bem mais alto, com uma caligrafia nem de longe tão ereta, mais inclinada e torta.

Quem poderia imaginar que esse não seria o verdadeiro fim de Akaki Akakiévich e que ele estava destinado a criar grande comoção depois da morte, como se fosse uma compensação por ter levado uma vida tão insignificante? Mas foi o que aconteceu, e nossa pobre história ganha um final fantástico.

Espalhou-se rapidamente por São Petersburgo o rumor de que um homem morto começara a aparecer na Ponte Kalinkin e arredores, de noite, na forma de um oficial procurando por seu capote roubado e que, com a desculpa de imaginar serem todos os capotes o seu, ele puxava dos ombros — independente de patente ou ocupação — os capotes de todos que passavam, quer fossem de algodão ou de pele de gato, castor, raposa, urso, zibelina; em resumo, todo tipo de pelica ou pele que as pessoas usavam para se proteger. Um funcionário da repartição viu o defunto com os próprios olhos e imediatamente reconheceu Akaki Akakiévich. Porém, ficou tão aterrorizado que correu para longe o mais rápido possível, sem observá-lo mais detidamente, apenas tendo visto quando ele o ameaçou com o dedo em riste. De todos os lados vinham reclamações de que as costas de conselheiros titulares e até as de conselheiros do tribunal eram expostas ao perigo do frio por conta da súbita retirada de seus casacos. Por causa disso, alguns até ganharam um resfriado.

A polícia fez planos para capturar o defunto, vivo ou morto e a qualquer custo, e puni-lo da maneira mais severa para servir de

exemplo aos demais. Eles quase foram bem-sucedidos, pois um vigia, de guarda na Alameda Kirinshkin, pegou o defunto no exato local de suas contravenções enquanto tentava arrancar o capote de lã de um musicista aposentado que assobiava sua flauta. Segurando-o pela gola, o vigia chamou dois de seus camaradas para ajudar a prendê-lo, enquanto ele tateou a bota por um instante para pegar a caixa de rapé e refrescar o nariz congelado. Mas o rapé era de um tipo que nem um defunto poderia aturar. O vigia conseguiu fechar a narina direita com o dedo, mas tão logo colocou a outra metade na esquerda, o morto espirrou tão violentamente que emplastrou os olhos dos três homens. Enquanto usavam as mãos para se limpar, o morto desapareceu sem deixar rastro, de modo que eles mesmos não sabiam se haviam conseguido pôr as mãos nele de fato. Dali em diante, os vigias criaram um pavor tão grande dos mortos que ficaram com medo de abordar até mesmo os vivos e apenas gritavam de longe, “Ei, você! Vá embora!”. Depois disso, o funcionário morto começou a aparecer muito além da Ponte Kalinkin, causando pânico nas pessoas mais impressionáveis.

Mas negligenciamos totalmente um certo homem proeminente, que deve ser considerado a causa dos rumos fantásticos tomados por esta história verídica. Em primeiro lugar, justiça seja feita, depois da partida do pobre e aniquilado Akaki Akakiévich, ele sentiu um certo remorso. A compaixão não era um sentimento estranho a ele, pois seu coração guardava muitos desejos bons, a despeito de seu cargo não deixar que ele os expressasse. Assim que o amigo deixou sua câmara de audiências, ele começou a pensar no pobre Akaki Akakiévich; e, daquele dia em diante, o coitado do funcionário incapaz de resistir a uma reprimenda passou a lhe assombrar a mente todos os dias. O pensamento o atormentou tanto que, uma semana depois, ele enviou um funcionário até o homem para descobrir como poderia ajudá-lo. Quando soube da morte febril e repentina de Akaki Akakiévich, ele até ficou surpreso, sofreu com as censuras de sua própria consciência e passou o dia todo perturbado.

Decidido a distrair a mente e afastar a sensação desagradável, naquela noite foi até a casa de um de seus amigos, que encontrou reunido com um grupo bastante volumoso. Para melhorar as coisas,

praticamente todo mundo ali tinha a mesma patente que ele, então ele não se sentiu nem um pouco constrangido. Isso teve um efeito maravilhoso em seu estado mental. Sentiu-se à vontade, teve conversas interessantes e, em resumo, passou uma noite deliciosa. Depois da ceia, tomou algumas taças de champanhe — uma boa receita para alegrar qualquer um, todos sabem. O champanhe deixou-o mais aventureiro e ele decidiu não voltar para casa, mas visitar uma certa senhorita bem conhecida, de origem alemã — Karolina Ivanovna, uma mulher de quem aparentemente era muito próximo.

Deve-se mencionar que esse homem proeminente não era mais tão jovem e era um bom marido e respeitado pai de família. Dois filhos, um deles já alistado, e uma filha bonita de dezesseis anos, com um nariz levemente arqueado mas gracioso, vinham beijar sua mão todas as manhãs e dizer “*Bonjour, papa.*” A esposa, ainda jovem e de boa aparência, primeiro dava-lhe a mão para beijar, depois beijava a mão dele. Contudo, o homem proeminente, embora perfeitamente satisfeito com a vida doméstica, considerava charmoso ter uma amante em outra parte da cidade. Essa amante era não era mais bonita nem mais jovem que a esposa, mas há certos mistérios na vida e não é nosso papel julgá-los.

Então, o homem proeminente desceu as escadas, subiu no trenó e disse ao cocheiro, “Para a casa de Karolina Ivanovna”, e, enrolando-se no luxuoso capote quentinho, encontrou-se num estado de espírito tão aprazível que não poderia haver nada melhor para um russo — isto é, quando não se pensa em nada, mas mesmo assim as ideias vêm à mente por vontade própria, cada uma mais agradável que a anterior, sem necessidade de espantá-las nem mesmo persegui-las. Totalmente satisfeito, lembrou os momentos felizes da noite e as piadas que fizeram o grupinho gargalhar. Repetiu muitas delas em voz baixa e as considerou tão engraçadas quanto na primeira vez; portanto, não é de surpreender que ele tenha gargalhado novamente. No entanto, às vezes ele era interrompido por rajadas de vento tão repentinas que só Deus sabia de onde haviam soprado, cortando-lhe o rosto, atirando muita neve sobre ele e enchendo a aba do capote como se fosse uma vela de navio, ou, de repente, lançando-o em sua cabeça com força

sobrenatural, de modo que ele se via com problemas constantes para se desenrolar.

Subitamente, o homem proeminente sentiu alguém puxá-lo com firmeza pelo colarinho. Virando-se, notou a presença de um homem de baixa estatura, vestido com um uniforme velho e desgastado, e reconheceu, aterrorizado, Akaki Akakiévich. O rosto do funcionário estava pálido como a neve e cadavérico. Mas o terror do homem proeminente transcendeu todos os limites ao perceber que a boca do defunto estava torta e recendia um hálito horroroso de sepultura quando ele a abriu para dizer:

— Ah, achei você! Peguei-o pela gola! Preciso do seu capote. Você não se importou com o meu e me repreendeu. Então, me dê o seu.

O homem importante quase morreu de medo. Por mais valente que parecesse no gabinete e na presença dos subalternos e, embora, perante sua aparência e figura másculas todos dissessem “Uau! Que força de caráter!”, numa crise, ele, assim como muitos outros dotados de uma aparência heroica, vivenciou tamanho terror que, com razão, temeu estar sofrendo de um doloroso ataque de nervos. Ele arremessou o capote velozmente e gritou para o cocheiro, numa voz pouco natural:

— Para casa o mais rápido que puder!

O cocheiro, ao ouvir o tom normalmente utilizado em momentos críticos e que acostumava ser acompanhado por gestos mais contundentes, abaixou a cabeça entre os ombros para se proteger, fez o chicote cantar e voou como uma flecha. Em menos de seis minutos o homem proeminente estava na entrada de sua residência. Pálido, assustado e desencapotado, voltou para casa em vez de visitar Karolina Ivanovna; de alguma maneira ele chegou até seu quarto e passou o resto da noite em pura aflição. Na manhã seguinte, enquanto tomavam chá, a filha dele disse, “Você está muito pálido hoje, *papa*.” Mas o homem permaneceu em silêncio e não disse a ninguém uma só palavra sobre o acontecido, onde esteve e onde pretendia chegar.

Esse episódio causou um impacto muito profundo nele. Passou a ser cada vez menos frequente dizer aos subordinados: “Como ousa? Sabe quem está à sua frente?”, e, se dissesse tais palavras,

só o fazia depois de entender os fatos. Mas o ponto mais notável foi que, daquele dia em diante, cessaram as aparições do oficial morto. É evidente que o capote do homem proeminente serviu com perfeição sobre os ombros do defunto. De qualquer maneira, não houve mais casos de alguém puxando o capote dos ombros das pessoas. Apesar disso, muita gente não se assegurava de que o oficial morto deixara de aparecer nas partes mais distantes da cidade.

Na verdade, um vigia em Kolomna viu, com os próprios olhos, a aparição sair de trás de uma casa. Mas o guarda não era um homem muito forte, de modo que não ousou detê-lo, limitando-se a segui-lo no escuro, por um tempo, até a aparição olhar ao redor, parar e perguntar, “O que você quer?”, enquanto mostrava um punho nunca visto em homens vivos. O guarda disse, “Nada”, e imediatamente se retirou. Esse fantasma, no entanto, era muito mais alto, tinha bigodes imensos e os passos aparentemente o levavam até a Ponte Obukhov, onde desapareceu na noite.

**1887 FRANK
RICHARD STOCKTON**

O Homem- -Abelha de Orn

TRADUÇÃO DE
CLÁUDIA MELLO
BELHASSOF

SÉRIE CONTOS
FANTÁSTICOS
SOCIEDADE DAS
RELÍQUIAS
LITERÁRIAS



(SRL)

O homem-abelha de Orn

Frank Richard Stockton

1887

No antigo país de Orn vivia um velho que era chamado de Homem-Abelha, porque passava todo o seu tempo na companhia de abelhas. Ele morava em uma pequena choça, que não passava de uma imensa colmeia, pois essas criaturinhas haviam construído favos de mel em todos os cantos do único cômodo da casa, nas prateleiras, embaixo da mesinha, em todo o banco rudimentar onde o velho se sentava e até mesmo na cabeceira e nas laterais da sua cama baixa. O dia todo ao zumbido dos insetos deixava denso o ar do cômodo, mas isso não incomodava de jeito nenhum o velho Homem-Abelha, que andava no meio delas, fazia suas refeições e ia dormir sem o menor medo de ser picado. Morava com as abelhas havia tanto tempo, elas tinham se acostumado tanto a ele, e a pele dele era tão resistente e dura que as abelhas não pensavam em picá-lo mais do que pensariam em picar uma árvore ou uma pedra. Um enxame de abelhas tinha feito sua colmeia em um bolso de seu velho gibão de couro; e, quando ele vestia o casaco para fazer uma de suas longas caminhadas na floresta em busca de ninhos de abelhas silvestres, ficava feliz de levar sua colmeia consigo, pois, se não achasse nenhum mel silvestre, enfiava a mão no bolso e tirava um pedaço de favo para se alimentar. As abelhas do bolso trabalhavam de maneira muito diligente, e ele sempre tinha certeza de que teria alguma coisa para comer aonde quer que fosse. Ele se

alimentava principalmente de mel; e, quando precisava de pão ou de carne, levava uns favos de qualidade até um vilarejo não muito distante e fazia um escambo por outros alimentos. Ele era feio, desarrumado, encarquilhado e marrom. Era pobre, e as abelhas pareciam ser suas únicas amigas. Mas, apesar de tudo isso, era feliz e satisfeito; tinha todo o mel que queria, e suas abelhas, que ele considerava a melhor companhia do mundo, eram tão amistosas e sociáveis quanto conseguiam ser e pareciam aumentar em número a cada dia.

Certo dia, um Feiticeiro Principiante parou na choça do Homem-Abelha. Esse jovem, que era estudante de magia, necromancia e artes semelhantes, ficou muito interessado no Homem-Abelha, que havia notado com frequência nas suas perambulações, e o considerava um sujeito admirável de estudo. Ele tivera uma boa quantidade de práticas úteis ao se empenhar em descobrir, pelas diversas regras e leis da feitiçaria, exatamente por que o Homem-Abelha não era uma coisa que não era e por que ele era o que era. Tinha estudado esse assunto durante muito tempo e descoberto uma coisa.

— Você sabe que foi transformado? — perguntou ele, quando o Homem-Abelha saiu da choça.

— O que você quer dizer com isso? — respondeu o outro, muito surpreso.

— Você com certeza já ouviu falar de animais e seres humanos que foram magicamente transformados em diferentes tipos de criaturas, não é?

— É, já ouvi falar nessas coisas — disse o Homem-Abelha —, mas fui transformado a partir do quê?

— Isso é mais do que eu sei — respondeu o Feiticeiro Principiante. — Mas uma coisa é certa: você precisa ser transformado de volta. Se você descobrir a partir do que foi transformado, darei um jeito de corrigi-lo. Nada me agradaria mais do que cuidar de um caso desses.

E, tendo muitas coisas para estudar e investigar, o Feiticeiro Principiante seguiu seu caminho.

Essa informação perturbou muito a mente do Homem-Abelha. Se ele tinha sido transformado a partir de outra coisa, devia voltar a ser

essa outra coisa, o que quer que fosse. Correu atrás do jovem e o alcançou.

— Se sabe, gentil senhor — disse ele —, que fui transformado, certamente é capaz de me dizer o que eu era.

— Não — respondeu o Feiticeiro Principiante —, meus estudos não chegaram a esse ponto. Quando eu for experiente, poderei lhe dizer tudo sobre o assunto. Mas, nesse meio-tempo, seria bom você tentar descobrir sozinho qual era sua forma original, e, quando tiver feito isso, pedirei a alguns mestres sábios da minha arte para restaurá-la. Será bem fácil fazer isso, mas você não pode esperar que eles invistam tempo e trabalho em descobrir o que você era.

E, com essas palavras, ele se afastou apressado e logo se perdeu de vista.

Muito preocupado, o Homem-Abelha voltou para a choça. Nunca tinha ouvido nada que o perturbasse tanto.

— A partir do que será que fui transformado? — pensou ele, sentando-se no banco rudimentar. — Eu poderia ter sido um gigante, um príncipe poderoso ou um ser maravilhoso que os mágicos ou as fadas quisessem punir? Pode ser que eu fosse um cachorro ou um cavalo, ou talvez um dragão feroz ou uma cobra terrível. Espero não ter sido nenhum desses. Mas, o que quer que fosse, todo mundo têm direito à sua forma original, e estou decidido a descobrir a minha. Vou começar cedo amanhã de manhã, e sinto muito por não ter mais bolsos no meu velho gibão para poder carregar mais abelhas e mais mel para a minha jornada.

Ele passou o resto do dia fazendo uma colmeia com ramos e palha e transferiu para lá uma boa quantidade de favos de mel e um enxame de abelhas que tinha acabado de chegar. Levantou-se antes da aurora no dia seguinte e, depois de vestir seu gibão de couro e de ter prendido a nova colmeia às costas, saiu em sua busca. As abelhas que iam acompanhá-lo zumbiam como uma nuvem ao seu redor.

Conforme o Homem-Abelha passava pelo pequeno vilarejo, as pessoas questionavam sua aparência esquisita, com a colmeia nas costas.

— O Homem-Abelha vai sair em uma longa expedição, desta vez — diziam, mas ninguém imaginava o negócio esquisito em que ele

estava metido.

Por volta do meio-dia, ele se sentou sob uma árvore, perto de uma linda campina com flores, e comeu um pouco de mel. Em seguida, desamarrou a colmeia e se esticou no gramado para descansar. Enquanto contemplava as abelhas pairando sobre si, algumas indo para as flores sob o sol e algumas voltando carregadas com o doce pólen, ele disse para si mesmo:

— Elas sabem exatamente o que têm que fazer e o fazem; mas eu sou infeliz! Não sei o que tenho que fazer. E, apesar disso, aconteça o que acontecer, estou determinado a fazê-lo. De um jeito ou de outro, vou descobrir qual era minha forma original e vou retornar a ela.

E agora lhe ocorreu o pensamento de que talvez sua forma original pudesse ser alguma coisa muito desagradável ou até mesmo horrenda.

— Mas não importa — disse ele, determinado. — Voltarei a ser o que quer que eu fosse. Não é certo alguém reter uma forma que não lhe pertence adequadamente. Não tenho dúvida de que conseguirei descobrir minha forma original do mesmo jeito que encontro as árvores em que as abelhas silvestres fazem colmeias. Quando vejo pela primeira vez uma árvore com abelhas, sou atraído para ela, não sei como. Alguma coisa me diz: “É isso que você está procurando”. Do mesmo jeito, acredito que vou encontrar minha forma original. Quando eu a vir, serei atraído para ela. Alguma coisa vai me dizer: “É isso”.

Quando o Homem-Abelha estava descansado, recomeçou a jornada e, em mais ou menos uma hora, entrou em um belo campo. Ao seu redor havia lindos gramados, árvores grandiosas e jardins adoráveis; a pouca distância, ficava o majestoso palácio do Senhor do Campo. Pessoas muito bem-vestidas andavam por ali ou se sentavam à sombra das árvores e pérgolas, cavalos esplendidamente ajaezados esperavam seus cavaleiros e em toda parte havia sinais de opulência e júbilo.

— Acho — disse o Homem-Abelha para si mesmo — que eu devia parar aqui por um tempo. Se por acaso eu fosse originalmente como alguma dessas criaturas felizes, seria muito aprazível.

Ele desamarrou a colmeia, a escondeu atrás de uns arbustos e, tirando o velho gibão, o colocou ao lado. Não seria bom as abelhas ficarem voando ao redor dele se quisesse circular por entre os habitantes daquele belo campo.

Durante dois dias, o Homem-Abelha vagou ao redor do palácio e de seus jardins, evitando ao máximo possível ser notado, mas olhando tudo. Viu homens bonitos e damas adoráveis; os melhores cavalos, cachorros e bois que jamais tinha visto; lindos pássaros em gaiolas e peixes em globos de cristal; e lhe pareceu que as melhores entre todas as coisas vivas estavam reunidas ali.

No fim do segundo dia, o Homem-Abelha disse para si mesmo:

— Existe um ser aqui para o qual me sinto muito atraído, e é o Senhor do Campo. Não consigo ter certeza de que já fui como ele, mas seria muito bom se fosse assim; e parece impossível eu ser atraído para qualquer outro ser no campo quando olho para ele, tão belo, rico e poderoso. Mas devo observá-lo mais de perto e me sentir mais seguro disso antes de pedir para os feiticeiros me transformarem de volta no senhor de um belo campo.

Na manhã seguinte, o Homem-Abelha viu o Senhor do Campo caminhando pelos jardins. Ele passou sorrateiro pelos caminhos sombreados e o seguiu para observá-lo de perto e descobrir se realmente era atraído para esse ser nobre e belo. O Senhor do Campo continuou andando por um tempo, sem notar que o Homem-Abelha estava atrás dele. Mas, ao se virar de repente, viu o velhinho.

— O que você está fazendo aqui, seu mendigo desprezível? — gritou ele e deu-lhe um chute que o lançou para alguns arbustos que cresciam na lateral da trilha.

O Homem-Abelha cambaleou e ficou de pé, depois correu o mais rápido possível até o local onde tinha escondido a colmeia e o velho gibão.

Se tenho certeza de alguma coisa, pensou, é que jamais fui uma pessoa que chutaria um pobre velho. Vou-me embora deste lugar. Minha forma original não era nada do que vejo aqui.

Ele viajou por mais um ou dois dias e chegou a uma grande montanha preta, e perto da base havia uma abertura como a boca de uma caverna.

Essa montanha, tinha ouvido dizer, era repleta de cavernas e passagens no subsolo, que eram moradia de dragões, espíritos malignos e criaturas horrendas de todo tipo.

— Ai, ai! — disse o Homem-Abelha com um suspiro. — Acho que eu devia visitar este lugar. Se quiser fazer isso direito, tenho que analisar a questão por todos os ângulos, e pode ser que eu tenha sido uma dessas criaturas horrendas.

E assim ele foi até a montanha e, enquanto se aproximava da abertura da passagem que levava aos recessos mais profundos, viu, sentado no chão e com as costas apoiadas em uma árvore, um Jovem Lânguido.

— Bom dia — disse esse indivíduo quando viu o Homem-Abelha. — Você vai entrar?

— Vou — respondeu o Homem-Abelha. — É isso que pretendo fazer.

— Então — disse o Jovem Lânguido, levantando-se lentamente —, acho que vou com você. Disseram que, se eu entrasse aí, revigoraria minhas energias, e elas precisam muito disso; mas não me senti preparado para entrar sozinho e achei melhor esperar até alguém aparecer. Estou muito feliz por vê-lo, e vamos entrar juntos.

E assim os dois entraram na caverna. Tinham prosseguido apenas uma curta distância quando encontraram uma criatura muito pequena, fácil de reconhecer como um Diabrete Supremo. Tinha mais ou menos sessenta centímetros de altura e parecia, em termos de cor, um par de botas recém-polidas. Era extremamente cheio de vida e ativo e veio saltitando na direção deles.

— Por que vocês dois vieram aqui? — perguntou ele.

— Vim — disse o Jovem Lânguido — para revigorar minhas energias.

— Veio ao lugar certo — disse o Diabrete Supremo. — Vamos revigorá-lo. E o que esse velho Homem-Abelha deseja?

— Ele foi transformado a partir de alguma coisa e quer descobrir o que é. Ele acha que pode ser uma das coisas daqui.

— Eu não me surpreenderia se assim fosse — comentou o Diabrete Supremo, virando a cabeça para um lado e analisando o Homem-Abelha com um olhar crítico. — Está certo — disse o Diabrete Supremo —, ele pode andar por aí e escolher sua

existência anterior. Temos aqui todos os tipos de criaturas vis: rastejantes, quadrúpedes, sibilantes e rosnadoras. Suponho que ele pense que qualquer coisa será melhor do que um Homem-Abelha.

— Não foi porque quero ser melhor do que sou — disse o Homem-Abelha — que saí nessa busca. Só tenho um desejo sincero de me tornar o que era originalmente.

— Ah! É isso? Mesmo? — disse o outro. — Tem um palerma idiota aqui com cabeça de marisco, que deve ser exatamente como você costumava ser.

— Bobagem — disse o Homem-Abelha. — Você não tem a menor ideia do que é um propósito sincero. Vou andar por aí e ver com meus próprios olhos.

— Vá em frente — disse o Diabrete Supremo —, e eu vou cuidar desse camarada que quer ser revigorado. — E, ao dizer isso, se juntou ao Jovem Lânguido.

— Olhe aqui — disse aquele indivíduo, analisando-o com interesse —, você enegrece e lustra a si mesmo toda manhã?

— Não — disse o outro —, é um verniz à prova d'água. Você quer ser revigorado, não é? Bem, vou lhe dizer um jeito esplêndido de começar. Você viu que o Homem-Abelha deixou de lado sua colmeia e seu casaco com as abelhas dentro. Espere até ele sair de vista, pegue um monte dessas abelhas e esmague-as. Se você as espalhar em um pano grudento e fizer um emplastro, colocando-o na sua lombar, isso vai revigorá-lo mais do que qualquer outra coisa, especialmente se algumas abelhas ainda não estiverem mortas.

— Certo — disse o Jovem Lânguido, olhando para ele com olhos brandos —, mas, se eu tivesse energia suficiente para pegar uma abelha, estaria satisfeito. Que tal você pegar um monte para mim?

— O assunto é outro — disse o Diabrete Supremo. — Agora estamos prestes a visitar a câmara espaçosa do Rei das Bocas-de-Dragão.

— Isso é uma flor — comentou o Jovem Lânguido.

— Você vai ver que ele é uma flor velha e feliz — disse o outro. — Depois que ele o tiver perseguido pelo cômodo e soprado faíscas em você e tiver rosnado e uivado e estalado o rabo e batido as mandíbulas como um par de bigornas, suas energias estarão mais revigoradas do que nunca estiveram na vida.

— Sem dúvida — respondeu o Jovem Lânguido —, mas acho que prefiro começar com alguma coisa mais suave.

— Muito bem — disse o outro —, temos um Demônio do Desfiladeiro aqui. Ele geralmente está dormindo, e, se você quiser, pode entrar no canto mais distante da caverna e eu prendo o rabo dele na parede oposta. E assim ele vai se enfurecer e rugir, mas não vai conseguir chegar até você, já que não vai alcançar do outro lado da caverna; eu já o medi. Será maravilhosamente revigorante se sentar ali e observá-lo.

— Muito provável — disse o Jovem Lânguido —, mas prefiro ficar do lado de fora e deixar você entrar no canto. Desse jeito, o espetáculo será mais interessante para mim.

— Você é assustadoramente difícil de agradar — disse o Diabrete Supremo. — Eu os ofereci a você soltos e os ofereci amarrados a uma parede, e agora a melhor coisa que posso fazer é dar-lhe uma chance com um dos que não conseguem se mexer de jeito nenhum. É o Grifo Lúgubre, e ele foi enfeitiçado. Não consegue mexer nada além da ponta dos bigodes há mil anos. Você pode ir até a caverna dele e analisá-lo como se ele fosse empalhado, depois pode se sentar nas suas costas e pensar como seria se você vivesse mil anos e ele acordasse enquanto você está sentado ali. Seria fácil imaginar tantas coisas terríveis que ele faria com você ao olhar para a boca aberta e as presas medonhas, as garras apavorantes e as asas horríveis, todas cobertas com esporões.

— Acho que isso pode me satisfazer — disse o Jovem Lânguido. — Prefiro mil vezes imaginar os exercícios desses monstros a vê-los acontecendo de verdade.

— Venha, então — disse o Diabrete Supremo e o conduziu até a caverna do Grifo Lúgubre.

O Homem-Abelha seguiu sozinho por uma grande parte da montanha e olhou muitas de suas cavernas e recessos soturnos, encolhendo-se horrorizado ao ver a maioria dos monstros que apareciam. Enquanto vagava por ali, ouviu um rugido apavorante ressoando pelas passagens da montanha, e logo surgiu um enorme dragão batendo as asas, com o corpo preto como a noite e as asas e o rabo em vermelho flamejante. Em suas poderosas garras dianteiras havia um bebezinho.

— Que horrível! — exclamou o Homem-Abelha. — Ele está levando essa criaturinha até sua caverna para devorá-la.

Ele viu o dragão entrar em uma caverna não muito distante e o seguiu, olhando para dentro. O dragão estava agachado no chão com o bebezinho deitado diante de si. Ele não parecia machucado, mas estava assustado e chorando. O monstro olhava para ele com fascínio, como se pretendesse fazer uma refeição saborosa com ele assim que seu apetite aumentasse um pouco.

Isso é péssimo!, pensou o Homem-Abelha. *Alguém precisa fazer alguma coisa.*

E, virando-se, correu o mais rápido possível.

Atravessou disparado várias passagens até chegar ao ponto onde havia deixado sua colmeia. Pegando-a, correu de novo para dentro, carregando a colmeia com as duas mãos diante de si. Quando chegou à caverna do dragão, olhou para dentro e viu o monstro ainda agachado sobre a criança chorosa. Sem hesitar nem por um instante, o Homem-Abelha se apressou para dentro da caverna e jogou a colmeia no focinho do dragão. As abelhas, enfurecidas pelo choque, saíram apressadas em uma multidão raivosa e se lançaram imediatamente sobre a cabeça, a boca, os olhos e o nariz do dragão. O monstro imponente, espantado pelo ataque súbito e quase enlouquecido pelas inúmeras picadas de abelhas, se jogou em direção à parte mais distante da caverna, ainda seguido pelas inimigas implacáveis, contra as quais batia ferozmente as grandes asas e golpeava com as patas. Enquanto o dragão estava atracado com as abelhas, o Homem-Abelha avançou e, pegando a criança, fugiu correndo. Não parou para pegar o gibão, apenas continuou até chegar à entrada das cavernas. Ali, viu o Diabrete Supremo saltando em uma perna só, coçando as costas e os ombros com as mãos, e parou para perguntar o que estava acontecendo e o que tinha acontecido com o Jovem Lânguido.

— Ele não é nem um pouco camarada — disse o Diabrete Supremo. — Ele me decepcionou terrivelmente. Eu o levei até o Grifo Lúgubre e contei que a criatura era enfeitiçada e que ele poderia se sentar nas costas dele e pensar no que faria se estivesse acordado; e, quando ele se aproximou, a pobre criatura miserável abriu os olhos e levantou a cabeça, e você devia ter visto como o

bobão ficou alucinado. Ele disparou para cima de mim e me agarrou pelas orelhas, me chutou e me bateu até eu mal conseguir me mexer.

— As energias dele devem ter se revigorado muito — disse o Homem-Abelha.

— Revigorado! Eu que o diga! — gritou o outro. — Soltei um uivo, e um Tosador Boca-de-Tesoura saiu do seu buraco e foi atrás dele, mas aquele tolo preguiçoso correu tão rápido que não foi alcançado.

O Homem-Abelha se apressou e logo alcançou o Jovem Lânguido.

— Você não precisa correr agora — disse o último —, pois as regras dessa instituição não permitem que as criaturas de dentro saiam por essa abertura nem fiquem perto dela. Se elas fizessem isso, assustariam os visitantes. Elas entram e saem por buracos na parte superior da montanha.

Os dois seguiram seu caminho.

— O que você vai fazer com esse bebê? — perguntou o Jovem Lânguido.

— Vou carregá-lo comigo — disse o Homem-Abelha —, enquanto continuo na minha busca, e talvez eu encontre sua mãe. Se não a encontrar, vou entregá-lo a alguém naquele vilarejo ali adiante. Qualquer coisa seria melhor do que deixá-lo para ser devorado por aquele dragão horrendo.

— Deixe-me carregá-lo. Agora eu me sinto forte o suficiente para carregar um bebê.

— Obrigado — disse o Homem-Abelha —, mas posso levá-lo. Eu gosto de carregar alguma coisa, e agora não tenho nem minha colmeia nem meu gibão.

— Foi muito bom você ter sido obrigado a abandoná-los — disse o Jovem —, pois as abelhas teriam picado o bebê.

— Minhas abelhas nunca picam bebês — disse o outro.

— Elas provavelmente nunca tiveram a chance de fazer isso — observou o companheiro.

Logo entraram no vilarejo e, depois de percorrer uma distância curta, o Jovem exclamou:

— Está vendo aquela mulher ali, sentada na porta de casa? Ela tem belos cabelos e está arrancando todos. Não deviam deixá-la fazer isso.

— Não — comentou o Homem-Abelha. — Seus amigos deviam amarrar suas mãos.

— Talvez ela seja a mãe dessa criança — disse o Jovem — e, se você entregá-la, ela não vai mais pensar em arrancar os cabelos.

— Mas você acha que essa criança é filha dela de verdade? — perguntou o Homem-Abelha.

— Acho que você deve ir até lá e ver — disse o outro.

O Homem-Abelha hesitou por um instante, depois foi em direção à mulher. Ao ouvi-lo se aproximando, ela levantou a cabeça e, quando viu a criança, correu na direção dela, pegou-a nos braços e, gritando de alegria, cobriu-a de beijos. Em seguida, com lágrimas de felicidade, implorou para saber a história do resgate do filho, que ela achava que nunca mais veria, e encheu o Homem-Abelha de agradecimentos e bênçãos. Os amigos e os vizinhos se reuniram ao redor dela e houve um grande regozijo. A mãe insistiu para o Homem-Abelha e o Jovem ficarem com ela para descansar e se alimentar, e eles ficaram felizes de fazer isso, pois estavam cansados e famintos.

Eles ficaram na cabana a noite toda e, na tarde do dia seguinte, o Homem-Abelha disse ao Jovem:

— Pode lhe parecer estranho, mas nunca, em toda a vida, eu me senti tão atraído para um ser vivo como sou atraído para esse bebê. Portanto, acho que fui transformado a partir de um bebê.

— Ótimo! — gritou o Jovem. — Minha opinião é que você encontrou a verdade. E, agora, você gostaria de voltar à sua forma original?

— Gostaria muito! — respondeu o Homem-Abelha. — Tenho a maior vontade de ser o que era originalmente.

O Jovem, que agora tinha perdido todos os traços de languidez, ficou muito interessado no assunto e, na manhã seguinte, partiu para informar ao Feiticeiro Principiante que o Homem-Abelha tinha descoberto sua forma original e gostaria de voltar a ela.

O Feiticeiro Principiante e seus Mestres experientes ficaram muito entusiasmados quando ouviram esse relato e partiram

imediatamente para a cabana da mãe. E ali, por intermédio das artes mágicas, o Homem-Abelha foi transformado de volta em um bebê. A mãe estava tão grata pelo que o Homem-Abelha tinha feito por ela que concordou em cuidar desse bebê e criá-lo como se fosse seu.

— Será uma coisa espetacular para ele — disse o Feiticeiro Principiante —, e estou feliz por ter estudado esse caso. Ele agora terá um novo início de vida e terá uma chance de se tornar alguma coisa melhor do que um velho miserável que mora em uma choça tosca, sem amigos e sem companhia além de abelhas zumbindo.

O Feiticeiro Principiante e seus Mestres então voltaram para suas casas, felizes com o sucesso de seu excelente desempenho, e o Jovem voltou para casa ansioso para começar uma vida de atividade e energia.

Anos e anos depois, quando o Feiticeiro Principiante se tornara Experiente e muito velho, passou pelo país de Orn e notou uma pequena choça ao redor da qual enxames de abelhas voavam. Ele se aproximou e, olhando pela porta, viu um velho usando um gibão de couro, sentado a uma mesa, comendo mel. Por intermédio de sua arte mágica, ele soube que aquele era o bebê no qual o Homem-Abelha tinha sido transformado.

— Pela minha honra! — exclamou o Feiticeiro. — Ele se transformou na mesma coisa de novo!

1892 ARTHUR CONAN DOYLE

A aventura do Carbúnculo Azul

ESPECIAL DE
Natal

TRADUÇÃO DE
CLÁUDIA MELLO
BELHASSOF



(SRL)

A aventura do Carbúnculo Azul

Arthur Conan Doyle

1892

Eu tinha ido visitar meu amigo Sherlock Holmes na segunda manhã depois do Natal, com a intenção de lhe desejar boas festas. Ele estava relaxando no sofá, vestindo um roupão roxo. À sua direita, um porta-cachimbo e, ao alcance das mãos, uma pilha de jornais matinais amassados, claramente recém-lidos. Ao lado do sofá havia uma cadeira de madeira e, na ponta do encosto, estava pendurado um chapéu de feltro duro muito gasto e indecoroso, destruído pelo tempo e rachado em vários pontos. Uma lupa e uma pinça sobre o assento da cadeira sugeriam que o chapéu estava suspenso desse jeito com o objetivo de ser examinado.

— Você está ocupado — falei. — Talvez eu esteja interrompendo.

— De jeito nenhum. Fico feliz de receber um amigo com quem eu possa discutir minhas conclusões. O caso é perfeitamente trivial — ele apontou para o chapéu com o polegar —, mas existem uns pontos em conexão com ele que não são totalmente desprovidos de interesse e até mesmo de instrução.

Eu me sentei na poltrona e aqueci as mãos diante do fogo crepitante, pois uma geada pesada tinha caído, e as janelas estavam cobertas de cristais de gelo.

— Suponho — observei — que, por mais que pareça humilde, há uma história fatal ligada a essa coisa; que é a pista que vai guiá-lo

na solução de um mistério e na punição de um crime.

— Não, não. Não há crime nenhum — disse Sherlock Holmes, rindo. — Apenas um daqueles pequenos incidentes esquisitos que acontecem quando temos quatro milhões de seres humanos se acotovelando no espaço de poucos quilômetros quadrados. Em meio à ação e à reação de um enxame tão denso de humanidade, podemos esperar todas as possíveis combinações de eventos, e surgirão muitos pequenos problemas admiráveis e bizarros que não são, de fato, crimes. Já tivemos uma experiência dessas.

— Sim, tanto é — observei — que, dos últimos seis casos que acrescentei às minhas anotações, três não envolviam nenhum crime previsto pela lei.

— Exatamente. Você está falando da minha tentativa de recuperar os documentos de Irene Adler, do caso singular da srta. Mary Sutherland e da aventura do homem com lábio deformado. Bem, não tenho nenhuma dúvida de que este caso ínfimo cairá na mesma categoria inocente. Você conhece Peterson, o comissário?

— Conheço.

— É a ele que este troféu pertence.

— O chapéu é dele.

— Não, não, ele o encontrou. O proprietário é desconhecido. Peço que olhe para ele não como um chapéu-coco surrado, mas como um problema intelectual. Mas, primeiro, vou contar como veio parar aqui. Ele chegou na manhã do Natal, acompanhado de um belo ganso gordo que, não tenho dúvida, está assando neste momento no fogão de Peterson. Os fatos são os seguintes: por volta das quatro da manhã de Natal, Peterson, que, como você sabe, é um homem muito honesto, estava voltando de uma festinha e indo para casa pela Tottenham Court Road. Sob a luz dos lampiões a gás, ele viu diante de si um homem alto, andando meio cambaleante e carregando um ganso branco jogado sobre o ombro. Quando chegou na esquina da Goodge Street, uma briga começou entre esse desconhecido e um grupinho de brutamontes. Um deles derrubou o chapéu do homem, este levantou a bengala para se defender e, ao balançá-la sobre a cabeça, destruiu a vitrine atrás de si. Peterson tinha corrido para proteger o desconhecido desses agressores; mas o homem, chocado por ter quebrado a vitrine e

vendo uma pessoa de uniforme e com aparência de oficial correndo na sua direção, soltou o ganso, deu no pé e desapareceu no labirinto de ruazinhas que fica atrás da Tottenham Court Road. Os brutamontes também fugiram quando Peterson apareceu, de modo que ele ficou de posse do campo de batalha e também dos espólios da vitória na forma desse chapéu surrado e de um ganso de Natal impecável.

— Que ele obviamente devolveu ao proprietário?

— Meu caro, aí está o problema. É verdade que havia um cartão com “*Para a sra. Henry Baker*” impresso amarrado na perna esquerda da ave e também é verdade que as iniciais “H.B.” são legíveis no forro desse chapéu, mas, assim como existem milhares de Bakers e algumas centenas de Henry Bakers na nossa cidade, não é fácil devolver uma propriedade perdida a um deles.

— O que foi, então, que Peterson fez?

— Trouxe o chapéu e o ganso para mim na manhã de Natal, sabendo que até mesmo o menor dos problemas me interessa. O ganso nós guardamos até hoje de manhã, quando havia sinais de que, apesar da leve geada, seria bom ele ser consumido sem muita delonga. Portanto, a pessoa que o encontrou o levou para casa para cumprir o destino final de um ganso, enquanto continuo guardando o chapéu do cavalheiro desconhecido que perdeu seu jantar de Natal.

— Ele não anunciou?

— Não.

— Então, que pista você pode ter da identidade dele?

— Só as que pudermos deduzir.

— Desse chapéu?

— Exatamente.

— Mas você só pode estar brincando. O que você consegue deduzir desse chapéu de feltro surrado e velho?

— Aqui está minha lupa. Você conhece os meus métodos. O que você consegue reunir sobre a individualidade do homem que usou este item?

Peguei o objeto surrado nas mãos e o girei com certo pesar. Era um chapéu preto muito comum, de formato arredondado, duro e destruído pelo tempo. O forro tinha sido de seda vermelha, mas estava bem desbotado. Não dava para ver o nome do fabricante;

mas, como Holmes tinha observado, as iniciais “H.B.” estavam rabiscadas em um dos lados. O forro era furado para colocar um prendedor de chapéu, mas o elástico não estava ali. Quanto ao resto, ele estava rachado, excessivamente empoeirado e manchado em vários pontos, embora parecesse ter havido uma tentativa de esconder as manchas desbotadas pintando-as com tinta.

— Não consigo ver nada — comentei, devolvendo-o ao meu amigo.

— Pelo contrário, Watson, você consegue ver tudo. No entanto, não consegue raciocinar a partir do que está vendo. Você tem medo de fazer suas inferências.

— Então, por favor, diga-me o que você infere desse chapéu?

Ele o pegou e olhou para o objeto do jeito introspectivo peculiar que lhe era característico.

— Talvez seja menos sugestivo do que já foi — observou —, mas existem algumas inferências muito distintas, e outras que representam pelo menos uma forte probabilidade. Que o homem era altamente intelectual está muito óbvio e também que ele estava razoavelmente bem nos últimos três anos, embora agora esteja passando por dificuldades. Ele era prudente, mas agora é menos do que antes, o que aponta para uma degeneração moral, que, quando considerada em conjunto com o declínio de sua fortuna, parece indicar uma influência nefasta sobre ele, provavelmente a bebida. Isso também pode explicar o fato evidente de que sua esposa deixou de amá-lo.

— Meu caro Holmes!

— No entanto, ele reteve algum grau de autoestima — continuou, desconsiderando minha objeção. — É um homem de meia-idade, vida sedentária, sai pouco, está totalmente fora de forma, e tem o cabelo grisalho que foi cortado nos últimos dias e que ele unta com creme de limão. Esses são os fatos mais evidentes a serem deduzidos a partir desse chapéu. A propósito, também é extremamente improvável que ele tenha gás encanado em casa.

— Você só pode estar brincando, Holmes.

— Não mesmo. Será possível que, mesmo agora, depois que apresentei essas conclusões, você não consiga ver como cheguei a

elas?

— Não tenho a menor dúvida de que sou muito burro, mas devo confessar que não consigo acompanhá-lo. Por exemplo, como foi que você deduziu que esse homem é um intelectual?

Em resposta, Holmes colocou o chapéu na cabeça. Este cobriu-lhe totalmente a testa e escorregou até o osso do nariz.

— É uma questão de capacidade cúbica — respondeu ele. — Um homem com cérebro tão grande deve ter alguma coisa lá dentro.

— E quanto ao declínio da fortuna?

— Este chapéu tem três anos. Este modelo de abas achatadas curvadas na ponta foi lançado naquela época. É um chapéu de altíssima qualidade. Veja a fita de seda e o excelente forro. Se esse homem tinha dinheiro para comprar um chapéu tão caro três anos atrás e não comprou mais nenhum desde então, sua situação certamente piorou muito.

— Bem, isso certamente está bem claro. Mas e a prudência e a degeneração moral?

Sherlock Holmes riu.

— Eis a prudência — disse ele, colocando o dedo sobre o pequeno disco e o aro do prendedor de chapéu. — Esses chapéus nunca são vendidos assim. Se esse homem o encomendou, é sinal de ter certa prudência, já que se deu ao trabalho de tomar essa precaução contra o vento. Mas, como vemos que o elástico está rompido e ele não se preocupou em substituí-lo, está óbvio que ele tem menos prudência agora do que antes, o que é uma prova distinta de um caráter enfraquecido. Por outro lado, ele se empenhou em tentar disfarçar algumas dessas manchas no feltro pintando-as com tinta, o que é um sinal de que ele não perdeu totalmente a autoestima.

— Seu raciocínio certamente é plausível.

— Os outros pontos, que ele é de meia-idade, tem cabelo grisalho e foi cortado recentemente e que ele usa creme de limão, foram obtidos com uma análise minuciosa da parte inferior do forro. A lupa revela uma grande quantidade de pontas de cabelo, cortadas com a tesoura do barbeiro. Todas parecem pegajosas, e há um aroma distinto de creme de limão. Essa poeira, você pode observar,

não é a poeira arenosa e cinza da rua, mas a poeira macia e marrom de dentro de casa, o que deixa claro que ele fica pendurado entre quatro paredes a maior parte do tempo, enquanto as marcas de umidade na parte interna são uma prova positiva de que o usuário transpira muito e, portanto, dificilmente está em sua melhor forma.

— Mas a mulher dele... você disse que ela deixou de amá-lo.

— Este chapéu não é escovado há semanas. Quando eu o vir, meu caro Watson, com um acúmulo de uma semana de poeira no chapéu e quando sua esposa lhe permitir sair nesse estado, também temerei que você tenha tido o infortúnio de perder o afeto dela.

— Mas ele pode ser solteiro.

— Não, ele estava levando o ganso para a esposa como um pedido de reconciliação. Lembre-se do cartão na perna da ave.

— Você tem uma resposta para tudo. Mas como deduziu que o gás da casa dele não é encanado?

— Uma mancha de gordura ou até mesmo duas podem ser um acaso; mas, quando vejo não menos do que cinco, acho que podemos ter pouca dúvida de que o indivíduo deve ter contato frequente com gordura queimada. Deve subir a escada à noite provavelmente com o chapéu em uma das mãos e uma vela pingando na outra. De qualquer maneira, ele jamais teria conseguido essas manchas de gordura usando um bico de gás. Está satisfeito?

— Bem, isso é muito inteligente — falei, rindo —, mas já que, como você disse ainda agora, nenhum crime foi cometido e nenhum dano foi provocado, exceto a perda de um ganso, tudo isso parece um desperdício de energia.

Sherlock Holmes abriu a boca para responder quando a porta se abriu de repente, e Peterson, o comissário, entrou correndo no apartamento com as bochechas vermelhas e o rosto de um homem estupefato de surpresa.

— O ganso, sr. Holmes! O ganso, senhor! — ofegou ele.

— Hein? O que houve com ele? Voltou à vida e saiu voando pela janela da cozinha? — Holmes se virou no sofá para ter uma visão melhor do rosto agitado do homem.

— Veja aqui, senhor! Veja o que a minha esposa encontrou no papo dele! — O homem estendeu a mão e mostrou, no centro da palma, uma pedra azul esplendidamente cintilante, menor do que um feijão, mas com tanta pureza e radiância que brilhava como um ponto elétrico no vazio escuro da mão dele.

Sherlock Holmes se empertigou com um assobio.

— Por Júpiter, Peterson! — disse ele. — Este é um belo achado. Imagino que você saiba o que encontrou.

— Um diamante, senhor? Uma pedra preciosa. Ela corta o vidro como se fosse massa de vidraceiro.

— É mais do que uma pedra preciosa. É *a* pedra preciosa.

— Não pode ser o carbúnculo^[24] azul da Condessa de Morcar! — exclamei.

— Exatamente. Conheço seu tamanho e sua forma, já que li o anúncio a respeito dele no *Times* todos os dias, ultimamente. É uma peça absolutamente única, e seu valor pode ser apenas estimado, mas a recompensa oferecida de mil libras certamente não corresponde nem a um vigésimo do seu preço de mercado.

— Mil libras! Meu Deus do céu! — O comissário afundou em uma cadeira e ficou olhando de um para o outro.

— Essa é a recompensa, e tenho motivos para saber que existem considerações sentimentais por trás dessa pedra que induziriam a Condessa a abrir mão de metade de sua fortuna só para recuperá-la.

— Se me lembro bem, esta joia foi perdida no Hotel Cosmopolitan — observei.

— Exatamente, em 22 de dezembro, apenas cinco dias atrás. John Horner, um encanador, foi acusado de tê-la tirado da caixa de joias da dama. As evidências contra ele eram tão fortes que o caso foi encaminhado ao tribunal superior. Acho que tenho alguns relatos do assunto aqui.

Ele remexeu nos jornais, vendo rapidamente as datas, até que finalmente alisou um deles, dobrou e leu o seguinte parágrafo:

“Roubo de Joias no Hotel Cosmopolitan. John Horner, 26, encanador, no dia 22 deste mês, foi acusado de ter furtado da caixa de joias da Condessa de Morcar a pedra valiosa conhecida como o carbúnculo azul. James Ryder, servente chefe do hotel, apresentou

evidências para provar que tinha levado Horner até o quarto da Condessa de Morcar no dia do roubo para ele soldar a segunda barra da lareira, que estava solta. Ele ficou com Horner por pouco tempo, mas teve que sair porque foi chamado. Ao retornar, descobriu que Horner tinha desaparecido, que a cômoda tinha sido arrombada e que a pequena caixa de joias de marroquim na qual, como foi anunciado depois, a Condessa costumava guardar sua joia, estava vazia sobre a penteadeira. Ryder soou o alarme na mesma hora, e Horner foi preso na mesma noite; mas a pedra não foi encontrada nem com ele nem nos seus aposentos. Catherine Cusack, camareira da Condessa, depôs dizendo ter ouvido o grito de pavor de Ryder ao descobrir o roubo e ter corrido até o quarto, onde se deparou com a cena descrita pela última testemunha. O inspetor Bradstreet, da divisão B, encontrou evidências para prender Horner, que se debateu freneticamente e declarou sua inocência em termos veementes. Como o prisioneiro tinha uma condenação anterior por roubo, o juiz se recusou a tratar sumariamente o delito e levou o caso ao tribunal superior. Horner, que tinha apresentado sinais de intensa emoção durante o processo judicial, desmaiou com a conclusão e foi carregado para fora do tribunal.”

— Hum! Foi esse o cenário no tribunal — disse Holmes pensativo, jogando o jornal para o lado. — O caso que temos que resolver agora é a sequência de eventos que foi de uma caixa de joias furtada em uma ponta até o papo de um ganso na Tottenham Court Road na outra. Sabe, Watson, nossas pequenas deduções subitamente assumiram um aspecto muito mais importante e menos inocente. Aqui está a pedra; ela veio do ganso, e o ganso veio do sr. Henry Baker, o cavalheiro com chapéu surrado e todas as outras características com as quais o entediei. Agora precisamos nos preparar muito seriamente para encontrar esse cavalheiro e apurar que papel ele teve nesse pequeno mistério. Para isso, devemos tentar os meios mais simples primeiro, e eles sem dúvida estão em um anúncio em todos os jornais da noite. Se isso não der certo, terei que recorrer a outros métodos.

— O que você vai dizer?

— Dê-me um lápis e aquele pedaço de papel. Agora, vamos lá: “Encontrados na esquina da Goodge Street: um ganso e um chapéu

de feltro preto. O sr. Henry Baker pode recolhê-los se aparecer às 18h30 de hoje na Baker Street, 221B.” Claro e conciso.

— Muito. Mas será que ele vai ver?

— Bem, ele deve estar de olho nos jornais, já que, para um homem pobre, a perda foi pesada. Ele claramente estava tão apavorado com a quebra da vitrine e a aproximação de Peterson que só pensou em fugir, mas desde então deve ter se arrependido amargamente do impulso que o fez perder a ave. Por outro lado, o surgimento do nome dele vai fazê-lo ver, pois todos que o conhecem vão voltar sua atenção para isso. Aqui está, Peterson, corra até a agência de anúncios e peça para publicarem isso nos jornais da noite.

— Em quais, senhor?

— *Globe, Star, Pall Mall, St. James’s Gazette, Evening News, Standard, Echo* e qualquer outro que você consiga lembrar.

— Muito bem, senhor. E esta pedra?

— Ah, sim, a pedra fica comigo. Obrigado. E, Peterson, compre um ganso no caminho de volta e deixe aqui, pois precisamos ter um para dar a esse cavalheiro no lugar daquele que sua família está devorando agora.

Quando o comissário se foi, Holmes pegou a pedra e a segurou contra a luz.

— É uma coisinha linda — disse ele. — Veja como brilha e cintila. Claro que é o núcleo e o foco de um crime. Toda pedra boa é. São as iscas preferidas do diabo. Nas joias maiores e mais antigas, cada faceta pode representar um feito sangrento. Esta pedra não tem nem vinte anos ainda. Foi encontrada nas margens do Rio Amoy, no sul da China, e é notável por ter todas as características do carbúnculo, exceto que é azul, e não vermelho-rubi. Apesar de sua juventude, já tem uma história sinistra. Aconteceram dois assassinatos, um arremesso de ácido, um suicídio e vários roubos em torno deste carvão cristalizado com peso de dois gramas e meio. Quem poderia pensar que um brinquedinho tão lindo seria o caminho para a forca e a prisão? Vou trancá-lo no meu cofre agora mesmo e telefonar para a Condessa para dizer que estamos com ele.

— Você acha que esse tal de Horner é inocente?

— Não sei dizer.

— Bem, então, você imagina que esse outro, Henry Baker, teve alguma coisa a ver com o caso?

— Acho que é muito mais provável que Henry Baker seja um homem absolutamente inocente, que não tinha a menor ideia de que a ave que estava carregando tinha um valor bem mais alto do que se fosse feita de ouro maciço. No entanto, vou esclarecer isso com um teste muito simples se tivermos uma resposta ao anúncio.

— E você não pode fazer nada até então?

— Nada.

— Nesse caso, vou continuar minha ronda profissional. Mas voltarei à noite, na hora que você mencionou, pois gostaria de ver a solução de um caso tão enrolado.

— Foi um prazer vê-lo. Janto às sete. Acho que teremos frango. A propósito, em vista das recentes ocorrências, talvez eu peça à sra. Hudson para analisar o papo da ave.

Eu me atrasei por conta de um caso, e passava um pouco das seis e meia quando cheguei à Baker Street mais uma vez. Quando me aproximei da casa, vi um homem alto de boina escocesa com um casaco abotoado até o queixo esperando do lado de fora, no claro semicírculo projetado pela claraboia. Assim que cheguei, a porta foi aberta, e fomos conduzidos juntos aos aposentos de Holmes.

— Sr. Henry Baker, presumo — disse ele, levantando-se da poltrona e cumprimentando o visitante com o ar tranquilo de cordialidade que sabia assumir tão prontamente. — Por favor, sente-se nessa cadeira ao lado da lareira, sr. Baker. A noite está fria, e observo que sua circulação é mais adaptada para o verão do que para o inverno. Ah, Watson, você chegou bem na hora certa. Este chapéu é seu, sr. Baker?

— Sim, senhor, sem a menor dúvida.

Era um homem grandalhão, com ombros arredondados, a cabeça enorme e o rosto largo e inteligente, arrematado por uma barba pontuda de um castanho grisalho. Um toque de vermelho no nariz e nas bochechas, com um leve tremor na mão estendida, fizeram-me lembrar das conjecturas de Holmes quanto aos hábitos do homem. A sobrecasaca preta desbotada estava abotoada até em

cima, com o colarinho levantado, e os pulsos magros se destacavam das mangas sem um sinal de punho ou camisa. Ele falava de um jeito lento entrecortado, escolhendo as palavras com cuidado, e dava a impressão geral de ser um homem instruído e culto que fora maltratado pelas mãos do destino.

— Guardamos essas coisas por alguns dias — disse Holmes —, porque esperávamos ver um anúncio com seu endereço. Não consigo entender por que você não anunciou.

Nosso visitante deu uma risadinha meio envergonhada.

— Não tenho tanto dinheiro quanto já tive — comentou. — Eu não tinha dúvida de que a gangue de brutamontes que me assaltou tinha levado o chapéu e a ave. Não quis gastar mais dinheiro em uma tentativa inútil de recuperá-los.

— Naturalmente. A propósito, quanto à ave, fomos obrigados a comê-la.

— Comê-la! — Nosso visitante meio que se levantou da cadeira, de tanta indignação.

— Sim, ela não teria utilidade para ninguém, se não tivéssemos feito isso. Mas acredito que esse outro ganso sobre o aparador, que tem mais ou menos o mesmo peso e está perfeitamente fresco, também vai servir bem ao seu propósito.

— Ah, com certeza, com certeza — respondeu o sr. Baker com um suspiro de alívio.

— Claro que ainda temos as penas, as patas, o papo e outras coisas da sua ave, então, se quiser...

O homem explodiu numa gargalhada sincera.

— Podem ser úteis como relíquias da minha aventura — disse ele —, mas, além disso, não consigo ver que uso os *dissecta membra*^[25] do finado poderiam ter para mim. Não, senhor, acho que, com sua permissão, vou dedicar minha atenção à bela ave que estou vendo sobre o aparador.

Sherlock Holmes me lançou um olhar significativo, encolhendo os ombros levemente.

— Aí está seu chapéu, então, e ali está sua ave — disse ele. — A propósito, você se importa de me dizer onde comprou este ganso? Sou conhecedor de aves e poucas vezes vi um ganso tão bem criado.

— Certamente, senhor — disse Baker, que tinha se levantado e guardado sua nova propriedade embaixo do braço. — Existem algumas pessoas que frequentam o Alpha Inn, perto do museu. Ficamos no museu durante o dia, o senhor entende. Este ano, nosso bom anfitrião, chamado Windigate, instituiu um clube de gansos, no qual, com a doação de alguns centavos por semana, cada um receberia uma ave no Natal. Meus centavos foram pagos em dia, e o resto vocês já sabem. Tenho uma grande dívida para com o senhor, pois uma boina escocesa não combina com a minha idade nem com a minha seriedade. — Com uma pomposidade cômica nos modos, ele fez uma reverência solene para nós dois e se retirou com passos largos.

— Fechamos a história do sr. Henry Baker — disse Holmes depois que ele saiu. — É quase certo que ele não sabe nada do caso. Está com fome, Watson?

— Não muito.

— Então sugiro que transformemos nosso jantar em ceia e sigamos essa pista enquanto ainda está quente.

— Claro.

Era uma noite tenebrosa, então fechamos bem nossos casacões e enrolamos cachecóis no pescoço. Do lado de fora, as estrelas estavam brilhando frias em um céu sem nuvens, e o hálito dos transeuntes soltava fumaça como tiros de pistola. Nossos passos ecoavam ligeiros e ruidosos enquanto seguíamos pela praça dos médicos, Wimpole Street, Harley Street e entrávamos na Wigmore Street, chegando à Oxford Street. Em quinze minutos estávamos em Bloomsbury, no Alpha Inn, um pequeno pub na esquina de uma das ruas que levam a Holborn. Holmes empurrou a porta do bar e pediu dois copos de cerveja ao proprietário de rosto vermelho e avental branco.

— Sua cerveja deve ser excelente, se for tão boa quanto seus gansos — disse ele.

— Meus gansos! — O homem pareceu surpreso.

— Isso. Meia hora atrás eu estava falando com o sr. Henry Baker, membro do seu clube de gansos.

— Ah, sim, entendi. Mas, sabe, senhor, não são *meus* gansos.

— É mesmo? De quem são, então?

— Bem, eu comprei duas dúzias de um vendedor em Covent Garden.

— É mesmo? Conheço alguns deles. Qual foi?

— Breckinridge é o nome dele.

— Ah! Esse eu não conheço. Bem, um brinde à sua boa saúde e à prosperidade do seu bar. Boa noite.

Saímos no ar gelado, e Holmes abotoou o casaco.

— Agora vamos cuidar do sr. Breckinridge — continuou ele. — Lembre-se, Watson, que, embora tenhamos uma coisa tão simples quanto um ganso na ponta dessa cadeia, na outra temos um homem que certamente será condenado a sete anos de trabalho forçado se não conseguirmos provar sua inocência. É possível que a nossa investigação confirme a culpa dele; mas, de qualquer maneira, temos uma linha de investigação que escapou à polícia e que uma sorte incrível colocou nas nossas mãos. Vamos segui-la até o fim amargo. Vamos para o sul em marcha rápida!

Passamos por Holborn, descemos a Endell Street e ziguezagueamos por bairros miseráveis até chegar ao mercado de Covent Garden. Uma das maiores tendas tinha o nome de Breckinridge, e o proprietário, um homem com aparência de cavalo, com o rosto afinado e costeletas bem aparadas, estava ajudando um menino a fechar a tenda.

— Boa noite. Que noite fria — disse Holmes.

O vendedor assentiu e lançou um olhar questionador para o meu companheiro.

— Os gansos foram todos vendidos, pelo que estou vendo — continuou Holmes, apontando para as placas de mármore vazias.

— Posso lhe vender quinhentos amanhã de manhã.

— Não me serve.

— Bem, ainda há alguns naquela tenda iluminada a gás.

— Ah, mas é que você me foi recomendado.

— Por quem?

— O proprietário do Alpha.

— Ah, sim, mandei umas duas dúzias para ele.

— Eram aves excelentes. Onde as comprou?

Para minha surpresa, a pergunta provocou uma explosão de raiva no vendedor.

— Ora, cavalheiro — disse ele, com a cabeça erguida e as mãos na cintura —, onde quer chegar? Vamos deixar isto claro agora mesmo.

— Está muito claro. Eu gostaria de saber quem lhe vendeu os gansos que você forneceu ao Alpha.

— Pois bem, não vou lhe contar. E agora?

— Ah, é um caso sem importância, mas não sei por que você está tão agitado por causa de uma bobagem.

— Agitado! Você também estaria agitado se fosse tão importunado quanto eu. Quando pago um bom dinheiro por um bom produto, esse deveria ser o fim do negócio; mas é um tal de “Onde estão os gansos?” e “Para quem você vendeu os gansos?” e “Quanto você recebeu pelos gansos?”. Daria até para pensar que esses eram os únicos gansos do mundo, pela confusão que fizeram por causa deles.

— Bom, não tenho nenhuma conexão com outras pessoas que andaram fazendo perguntas — disse Holmes de um jeito descuidado. — Se não quiser nos contar, o negócio está desfeito, só isso. Mas estou sempre disposto a comprovar minha opinião sobre aves, e apostei cinco libras que essa ave que comi foi criada no campo.

— Ora, então você perdeu cinco libras, porque ela foi criada na cidade — vociferou o vendedor.

— Não foi mesmo.

— Estou dizendo que foi.

— Não acredito.

— Você acha que sabe mais sobre aves do que eu, que cuido delas desde criança? Estou lhe dizendo: todas as aves que entreguei no Alpha foram criadas na cidade.

— Você nunca vai me convencer disso.

— Quer apostar, então?

— Vai ser fácil tirar seu dinheiro, porque sei que estou certo. Mas vou apostar uma libra com você, só para ensiná-lo a não ser teimoso.

O vendedor deu uma risadinha amarga.

— Traga-me os livros, Bill — disse ele.

O menino pegou um pequeno volume fino e um grande engordurado, colocando os dois juntos sob o lampião pendurado.

— Muito bem, sr. Sabe-Tudo — disse o vendedor —, achei que os gansos tinham acabado, mas, antes de eu terminar, você vai ver que ainda tem um na minha loja. Está vendo este livrinho?

— Sim?

— É a lista das pessoas de quem eu compro. Está vendo? Bem, aqui nesta página estão as pessoas do campo, e os números ao lado dos nomes se referem às páginas em que estão suas contas no grande livro-razão. Agora, vamos lá! Está vendo esta outra página em tinta vermelha? Esta é a lista dos meus fornecedores da cidade. Agora, veja o terceiro nome. Leia em voz alta.

— Sra. Oakshott, Brixton Road, 117, página 249 — leu Holmes.

— Muito bem. Agora abra o livro-razão nessa página.

Holmes abriu na página indicada.

— Aqui está: sra. Oakshott, Brixton Road, 117, fornecedora de aves e ovos.

— Muito bem, qual é a última anotação?

— Vinte e dois de dezembro. Vinte e quatro gansos a sete xelins e seis centavos.

— Muito bem. Aí está. E embaixo?

— Vendidos para o sr. Windigate do Alpha, por doze xelins.

— O que você tem a dizer agora?

Sherlock Holmes pareceu profundamente consternado. Tirou uma libra do bolso e a jogou na placa, virando-se de costas com o ar de um homem cuja derrota é profunda demais para expressar em palavras. Alguns metros depois, ele parou sob um poste de luz e riu do jeito sincero e silencioso que lhe era peculiar.

— Quando você vê um homem com costeletas cortadas daquele jeito e o *Pink'un*^[26] aparecendo no bolso, sempre é possível extrair alguma informação com uma aposta — disse ele. — Ouso dizer que, se eu tivesse colocado cem libras diante dele, aquele homem não teria me dado informações tão completas quanto as que conseguimos ao fazê-lo acreditar que estava levando a melhor numa aposta. Bem, Watson, estamos, imagino eu, nos aproximando do fim da nossa investigação, e a única questão que nos resta decidir é se devemos ir até a casa dessa sra. Oakshott hoje à noite

ou se devemos deixar para amanhã. Está claro, pelo que aquele sujeito grosseiro falou, que existem outras pessoas além de nós que estão ansiosas com este caso, e eu deveria...

Suas observações foram subitamente interrompidas por uma algazarra que vinha da tenda da qual tínhamos acabado de sair. Dando meia-volta, vimos um sujeito miúdo com cara de rato em pé no centro do círculo de luz amarela formado pelo lampião que balançava, enquanto Breckinridge, o vendedor, emoldurado pela porta da tenda, sacudia os punhos violentamente para a figura encolhida.

— Não aguento mais você e seus gansos — gritava ele. — Eu queria que vocês todos fossem para o inferno. Se vier me incomodar de novo com essa conversinha, vou soltar o cachorro em cima de você. Traga a sra. Oakshott e eu respondo a ela, mas o que você tem a ver com isso? Por acaso eu comprei esses gansos de você?

— Não, mas um deles era meu — reclamou o homenzinho.

— Bem, então pergunte por ele à sra. Oakshott.

— Ela me mandou perguntar a você.

— Ora, você pode perguntar até para o Rei da Prússia, se quiser. Já chega. Saia daqui! — Ele avançou furioso, e o homem fugiu para a escuridão.

— Ahá! Isso pode nos poupar da visita à Brixton Road — sussurrou Holmes. — Venha comigo e veremos o que vai acontecer com esse sujeito.

Andando a passos largos pelos grupos espalhados de pessoas que perambulavam pelas tendas iluminadas, meu companheiro rapidamente alcançou o homenzinho e tocou no ombro dele. O sujeito se virou de repente, e eu vi, sob a luz a gás, que todos os vestígios de cor tinham sumido do seu rosto.

— Quem é você? O que você quer? — perguntou ele com a voz trêmula.

— Peço desculpas — disse Holmes com suavidade —, mas não consegui evitar de ouvir sem querer as perguntas que você fez ao vendedor ainda agora. Acredito que eu possa ser útil.

— Você? Quem é você? Como pode saber alguma coisa desse assunto?

— Meu nome é Sherlock Holmes. Meu trabalho é saber o que outras pessoas não sabem.

— Mas você não pode saber nada disso.

— Confie em mim, eu sei tudo do caso. Você está tentando rastrear alguns gansos que foram vendidos pela sra. Oakshott, da Brixton Road, para um vendedor chamado Breckinridge, que os vendeu para o sr. Windigate, do Alpha, que os vendeu para o clube dele, do qual o sr. Henry Baker faz parte.

— Ah, o senhor é exatamente o homem que eu estava querendo encontrar — exclamou o sujeitinho com as mãos estendidas e os dedos trêmulos. — Mal consigo explicar o quanto estou interessado nesse assunto.

Sherlock Holmes chamou uma carruagem que estava passando.

— Nesse caso, é melhor discutirmos em um cômodo aconchegante do que neste mercado varrido pelo vento — disse ele. — Mas, por favor, antes de seguirmos, diga-me o nome da pessoa que estou tendo o prazer de ajudar.

O homem hesitou por um instante.

— Meu nome é John Robinson — respondeu ele com um olhar de esquelha.

— Não, não; o nome verdadeiro — disse Holmes de um jeito doce. — É muito constrangedor fazer negócios com uma pessoa que usa um nome falso.

As bochechas brancas do desconhecido enrubesceram de repente.

— Bem — disse ele —, meu nome verdadeiro é James Ryder.

— Muito bem. Servente-chefe no Hotel Cosmopolitan. Por favor, entre na carruagem, e logo poderei lhe dizer tudo que você gostaria de saber.

O homenzinho ficou parado olhando de um para o outro com olhos meio amedrontados, meio esperançosos, como alguém que não tem certeza se está na iminência de um golpe de sorte ou de uma catástrofe. Em seguida, entrou na carruagem e, em meia hora, estávamos de volta à sala de estar na Baker Street. Nada foi dito durante a viagem, mas a respiração ruidosa e curta do nosso novo companheiro e as mãos que ele apertava e soltava refletiam a tensão nervosa do homem.

— Chegamos! — disse Holmes, animado, enquanto entrávamos na sala. — O fogo vem a calhar, com esse tempo que está fazendo. Você parece estar com frio, sr. Ryder. Por favor, sente-se na poltrona de vime. Vou só calçar meus chinelos antes de resolvermos seu problema. Então! Quer saber o que aconteceu com aqueles gansos?

— Sim, senhor.

— Ou, acredito, *aquele* ganso. Imagino que você estava interessado em uma ave específica: branca, com uma faixa preta no rabo.

Ryder tremeu de emoção.

— Ah — disse ele —, o senhor sabe me dizer para onde ela foi?

— Veio para cá.

— Para cá?

— Sim, e era mesmo uma ave muito extraordinária. Não me admiro de você estar interessado nela. Ela pôs um ovo depois de morrer: o ovinho azul mais brilhante e mais lindo que já se viu. Está aqui no meu museu.

Nosso visitante se levantou cambaleando e agarrou o consolo da lareira com a mão direita. Holmes destrancou o cofre e mostrou o carbúnculo azul, que brilhava como uma estrela, com uma radiância fria, reluzente e multifacetada. Ryder ficou encarando com o rosto contraído, sem saber se deveria reconhecê-lo ou renegá-lo.

— O jogo acabou, Ryder — disse Holmes baixinho. — Segure-se, senão você vai cair na lareira! Watson, ajude-o a voltar para a poltrona. Ele não tem sangue frio suficiente para cometer um crime impunemente. Dê um gole de conhaque ao homem. Muito bem! Agora ele parece um pouco mais humano. Mas que fracote!

Por um instante, ele tinha cambaleado e quase caído, mas o conhaque recuperou um pouco da cor nas suas bochechas, e ele ficou sentado olhando amedrontado para seu delator.

— Tenho quase todas as conexões nas minhas mãos e todas as provas necessárias, então há poucas coisas que você precisa me contar. Mesmo assim, essas poucas coisas precisam ser esclarecidas para fecharmos o caso. Você já tinha ouvido falar, Ryder, dessa pedra azul da Condessa de Morcar?

— Foi Catherine Cusack que me falou dela — respondeu ele com a voz crepitante.

— Entendo. A camareira da dama. Bem, a tentação da riqueza súbita e tão fácil foi demais para você, assim como foi para homens melhores que vieram antes; mas você não foi muito escrupuloso nos meios que usou. Parece-me, Ryder, que você está se tornando um belo vilão. Você sabia que Horner, o encanador, tinha se envolvido em um caso semelhante no passado e que as suspeitas recairiam prontamente sobre ele. O que você fez, então? Você e sua cúmplice Cusack inventaram um trabalhinho no quarto da milady, e você deu um jeito dele ser chamado. Quando ele saiu, você furtou a caixa de joias, deu o alarme e fez com que esse pobre homem fosse preso. Depois...

De repente, Ryder se jogou no tapete e agarrou os joelhos do meu companheiro.

— Pelo amor de Deus, tenha piedade! — gritou ele. — Pense no meu pai! Na minha mãe! Isso vai destruir o coração dos dois. Eu nunca fiz nada errado! Nunca mais vou fazer. Eu juro. Posso jurar sobre a Bíblia. Ah, não leve o caso ao tribunal! Pelo amor de Deus, não faça isso!

— Volte para sua poltrona — disse Holmes de um jeito austero. — É muito fácil se humilhar e se arrastar agora, mas você não pensou nesse pobre Horner preso por um crime do qual não sabia nada.

— Eu fujo, sr. Holmes. Eu saio do país, senhor. E a acusação contra ele será retirada.

— Hum! Vamos conversar sobre isso. Mas agora queremos ouvir o verdadeiro relato do próximo ato. Como foi que a pedra entrou no ganso e como foi que o ganso foi parar no mercado? Conte-nos a verdade, pois aí reside sua única esperança de se salvar.

Ryder passou a língua nos lábios secos.

— Vou contar exatamente como aconteceu, senhor — disse ele. — Quando Horner foi preso, pareceu-me que o melhor para mim seria fugir com a pedra imediatamente, pois eu não sabia em que momento a polícia poderia decidir fazer uma busca em mim e no meu quarto. Não havia nenhum lugar no hotel onde ela estaria em segurança. Eu saí, como se tivesse uma incumbência, e fui para a

casa da minha irmã. Ela é casada com um homem chamado Oakshott e mora na Brixton Road, onde engordava aves para vender. No caminho para lá, todos os homens que eu encontrava me pareciam ser policiais ou detetives; e, apesar de a noite estar fria, o suor estava escorrendo pelo meu rosto antes mesmo de eu chegar à Brixton Road. Minha irmã me perguntou o que estava acontecendo e por que eu estava tão pálido; mas eu lhe disse que estava angustiado por causa do roubo no hotel. Então, fui para o quintal dos fundos e fumei um cachimbo, pensando no que seria melhor fazer.

“Tive um amigo chamado Maudsley, que seguiu pelo mau caminho, e cumpria pena em Pentonville. Certo dia, ele me encontrou e começou a falar sobre as ações de ladrões e como eles conseguiam se livrar do que roubavam. Eu tinha certeza de que ele seria sincero comigo, porque eu sabia umas coisinhas sobre ele; assim, decidi ir a Kilburn, onde ele morava, e me abrir. Ele ia me mostrar como transformar a pedra em dinheiro. Mas como chegar em segurança? Pensei na agonia que senti no caminho do hotel até a casa da minha irmã. A qualquer momento eu poderia ser detido e revistado, e a pedra estaria lá no bolso do meu colete. Eu estava apoiado na parede, olhando para os gansos que cambaleavam ao redor dos meus pés, e de repente uma ideia me veio e me mostrou como eu poderia enganar o melhor detetive que já existiu.

“Minha irmã tinha me dito, algumas semanas antes, que eu poderia escolher um dos gansos como presente de Natal, e eu sabia que ela sempre cumpria sua palavra. Eu pegaria meu ganso agora e carregaria minha pedra dentro dele até Kilburn. Havia um pequeno galpão no quintal, e eu levei uma das aves para trás dele: uma grande e bonita, com uma faixa no rabo. Eu a peguei, abri seu bico e enfiei a pedra goela abaixo até onde meu dedo alcançava. A ave engoliu, e eu senti a pedra passar pela garganta e descer até o papo. Mas a criatura bateu as asas e resistiu, e minha irmã saiu para ver o que estava acontecendo. Quando me virei para falar com ela, o animal se soltou e se misturou aos outros.

“‘O que você estava fazendo com essa ave, Jem?’, indagou ela.

“‘Bem’, falei, ‘você disse que ia me dar uma de Natal, e eu estava tentando descobrir qual era a mais gorda.’

“ ‘Ah’, disse ela, ‘já separamos a sua. Chamamos de ave do Jem. É a branca grande que está ali. São vinte e seis ao todo, ou seja, uma para você, uma para nós e duas dúzias para o mercado.’

“ ‘Obrigado, Maggie’, falei, ‘mas, se você não se importar, prefiro ficar com aquela que eu estava segurando agora mesmo.’

“ ‘A outra tem um quilo e meio a mais do que essa’, disse ela, ‘e nós a engordamos especialmente para você.’

“ ‘Não importa. Fico com a outra, mas vou levá-la agora’, falei.

“ ‘Ah, como quiser’, disse ela, meio bufando de raiva. ‘Qual é a que você quer, então?’

“ ‘Aquela branca com uma faixa no rabo, bem no meio do bando.’

“ ‘Ah, tudo bem. Pode matá-la e levá-la.’

“Bem, eu fiz o que ela mandou, sr. Holmes, e carreguei a ave até Kilburn. Conteí ao meu amigo o que eu tinha feito, pois era fácil lhe contar uma coisa dessas. Ele riu até sufocar, e pegamos uma faca e abrimos o ganso. Meu coração se esfacelou, pois não havia nenhum sinal da pedra, e eu percebi que tinha cometido um erro terrível. Deixei a ave, corri para a casa da minha irmã e me apressei até o quintal dos fundos. Não havia mais nenhuma ave à vista.

“ ‘Onde estão as aves, Maggie?’, gritei.

“ ‘Já foram para o vendedor, Jem.’

“ ‘Qual vendedor?’

“ ‘Breckinridge, em Covent Garden.’

“ ‘Mas havia outra com faixa no rabo?’, perguntei, ‘igual à que eu escolhi?’

“ ‘Havia, sim, Jem; eram duas com faixa no rabo, e eu não saberia distinguir uma da outra.’

“Bem, é claro que entendi tudo e saí correndo o mais rápido que meus pés conseguiram me carregar até esse tal de Breckinridge; mas ele tinha vendido o lote todo e não me disse nem uma palavra sobre o paradeiro das aves. Vocês o ouviram hoje à noite. Bem, ele me respondeu daquele mesmo jeito. Minha irmã acha que estou enlouquecendo. Às vezes também penso isso. E agora... e agora sou um ladrão estigmatizado, sem sequer ter tocado na riqueza pela qual vendi meu caráter. Que Deus me ajude! Que Deus me ajude!”

Ele caiu no choro, com o rosto enterrado nas mãos.

Houve um longo silêncio, interrompido apenas pela respiração pesada do homem e pelo tamborilar ritmado dos dedos de Sherlock Holmes na borda da mesa. Então, meu amigo se levantou e abriu a porta com vigor.

— Saia! — disse ele.

— O quê, senhor? Ah, que Deus o abençoe!

— Nem mais uma palavra. Saia!

E nenhuma outra palavra foi necessária. Houve uma correria, um estardalhaço na escada, a batida de uma porta, e o alarido nítido de passos na rua.

— Afinal, Watson — disse Holmes, estendendo a mão para pegar seu cachimbo de barro —, não sou contratado pela polícia para suprir suas deficiências. Se Horner estivesse em perigo seria outro assunto; mas esse sujeito não vai testemunhar contra ele, e o caso vai ser encerrado. Suponho que eu esteja minimizando um crime, mas também é possível que eu esteja salvando uma alma. Esse sujeito não vai fazer mais nada de errado; está apavorado demais. Se eu mandá-lo para a prisão agora, ele será prisioneiro pelo resto da vida. Além do mais, estamos na época do perdão. O acaso colocou no nosso caminho um problema singular e inusitado, e sua solução é sua própria recompensa. Se fizer a bondade de tocar o sino, doutor, vamos começar uma nova investigação, na qual uma ave também será a atração principal.



Extras

1634-1917

A fada do mar

Marie Jeserich Timme (Villamaria)

1877

O sol do fim do dia se punha em um fulgor de cor sol do fim do dia se punas águas do Atlântico Norte e na costa rochosa da Noruega enquanto um jovem caminhava sozinho à beira de um dos diversos fiordes.

Ele era sozinho no mundo; pai e mãe, irmãos e irmãs, estavam todos mortos, e ele se esforçava para acalmar os desejos de seu coração com as maravilhas de terras estrangeiras.

Vira o sol da meia-noite nos penhascos do Cabo Norte, e seus olhos agora repousavam, muito admirados, no firmamento e no mar, que brilhava com um esplendor desconhecido a outras áreas. Ele se aproximou da beira do mar, e olhou para as ondas, que ali quebravam em uma espuma dourada brilhante. Mas daquela rocha, a poucos metros dali, ele conseguiria apreciar a mudança constante das ondas; por isso, foi até ela e pousou a mão em uma daquelas projeções irregulares para ajudá-lo na subida. Então, viu algo branco e dourado brilhando a seus pés, e, quando se inclinou para a frente para observar mais de perto, viu que era a forma de uma jovem sentada sozinha naquela faixa inabitada. Sobre sua roupa, branca como flores da primavera, até a barra roxa, desciam cabelos dourados como as ondas a seus pés, e suas mãos delicadas permaneciam unidas sobre o joelhos, enquanto ela, sonhadora e imóvel, olhava para o mar.

O jovem mal ousava respirar, pois não queria assustá-la; mas uma pedra se soltou sob sua mão e rolou até o chão. Ela olhou para cima e virou a cabeça, e então o olhar dele encontrou um rosto de inimaginável beleza.

— Quem és? — perguntou ela, levemente surpresa —, e o que procuras aqui nesta margem esquecida?

— Eu desejava ver as belezas da Noruega — ele reuniu coragem para responder —, e notei que elas são maiores do que pensei. Mas quem és tu, ser maravilhoso, que te aventuras a ficar sozinha nesta solidão, sem nada além do mar e das rochas como companhia?

— Sou a fada do mar — respondeu ela, com seriedade. — O brilho dourado do sol da tarde, que adentrou meu castelo, me atraiu até a costa, como já ocorreu muitas vezes antes. Mas tu és o primeiro mortal que vejo aqui nos últimos milhares de anos.

Ele não respondeu, mas olhou com olhos sonhadores para a adorável forma dela. Em sua alma, os contos de fadas da infância ainda tinham brilho — histórias sobre o castelo de cristal dentro do mar e a beleza fascinante da fada do mar; e agora, seria possível que não tivessem sido fantasias, mas a realidade — a realidade doce e tangível?

Por um instante, ele tampou os olhos com a mão e olhou de novo. Não, ela não havia desaparecido. A luz rosada do sol da tarde pousara em suas roupas alvas, e sua bela forma parecia ainda mais adorável naquele brilho. Ela se levantou devagar, aparentemente com a intenção de ir até as ondas, quando uma dor tão ardente chegou à alma do jovem a ponto de ele tirar a mão da ponta da rocha e se aproximar com respeito, mas firmeza, da bela moça.

— Não, não partas — ele implorou, erguendo a mão num pedido sincero —, não partas, visão de minha infância. Mas se não puderes permanecer aqui por mais tempo, então leva-me a teu reino do mar. Não há ninguém na terra que sentiria minha falta; e, agora que sei que tu resides sob essas ondas, talvez eu sinta um desejo insaciável por tua presença, como na época de minha infância, quando permanecia por horas à beira de minha terra nativa na esperança de conseguir ver, de relance, os pináculos de teu castelo.

A fada permaneceu parada, e seus olhos, azuis e insondáveis como o mar no horizonte, observaram o rosto do jovem como se lessem sua alma.

— Tens ideia do que me pedes? — perguntou ela, com sinceridade. — Se eu acatar teu pedido de levar-te comigo, não será por breve divertimento, pois não poderás partir quando o cansaço chegar, tampouco poderás vagar como quiseses. Não. Se fores comigo, terás que permanecer comigo em meu reino e só conseguirás desfazer teu juramento entregando tua vida. É bom que penses bem. Em tuas veias flui o sangue de uma raça desleal, mas nossa natureza é distinta. Punimos a ingratidão e a infidelidade severamente, e nosso coração não conhece piedade por aqueles que despertam nossa ira.

— Testa-me, moça — disse o jovem, com muita determinação. — Peço que me leves contigo, que me deixes servir-te e cercar-te de amor e obediência; e, se me considerares infiel, não me poupes de tua fúria.

— Então, vem — disse a fada do mar —, e não te esqueças de que é tua escolha.

E Antonio, pois este era o nome do jovem, caminhou alegremente ao lado da bela mulher em direção às ondas. Ela soltou a cinta de estrelas do vestido e a entregou ao jovem.

— Veste-a — disse ela —, de modo que aqueles dentro do mar possam reconhecer-te como um dos meus. — E ele fez o que ela ordenou. Em seguida, ela deu a mão a ele e entrou no mar, que se tornou mais calmo a seus pés como um caminho de cristal. Antonio seguiu com alegria; a cinta mágica impediu que ele afundasse, e, quando a margem já estava alguns metros para trás, a planície brilhante se abriu e revelou uma escada de vidro descendente que levava às profundezas do reino do mar. Ele desceria pelos degraus ou eles, erguendo-se, se ofereciam aos pés dele? Ele não sabia ao certo o que era, pois agora que era guiado pela mão da fada e cingido por sua cinta, as leis mundanas não tinham mais poder sobre ele. Só sabia que eles desciam para dentro da água com rapidez impressionante, que as ondas da Corrente do Golfo, que fluem com o calor da primavera perto dessas costas, giravam delicadamente ao redor de sua cabeça e ombros, enquanto ele

respirava entre elas tão livremente como se estivesse acima da superfície. E, ao olhar para cima, viu os degraus de cristal se desfazerem e voltarem a formar as ondas assim que o pé os deixavam, e acima de sua cabeça o mar se revoltava como desejava, com grandes ondas, uma depois da outra, com a atuação gloriosa de cores em constante mudança.

Em pouco tempo, ele estava no fundo do mar; e ali não havia nada escuro nem sombrio, como podemos imaginar, mas em todas as partes, o reflexo do céu da noite iluminava as profundezas transparentes com uma luz dourada.

— Agora, tu estás em meu reino — disse a fada do mar —, não te esqueças de que é o lar que escolheste.

Os olhos dele brilhavam enquanto ele consentia alegremente. “Seu lar!” E nunca desejaria outro; disso, tinha certeza.

Eles caminharam juntos pela areia macia, brilhante e dourada. Não longe dali, as árvores roxas se erguiam com troncos finos, e os galhos amplos se estendiam em todas as direções.

— É meu parque de corais — disse a fada do mar —, ele existe em círculos amplos ao redor do castelo do mar e mantém as ondas fortes longe deste retiro.

Em pouco tempo, estavam diante do portão da cerca viva mágica, e a fada do mar pousou a mão na rocha. De repente, uma corrente elétrica pareceu movimentar toda a fileira de árvores. Milhares de pequenas criaturas preguiçosas despertaram e colocaram a minúscula cabeça para fora das aberturas entre os galhos para receber sua senhora. Enquanto isso, ela seguia com Antonio atravessando o caminho intrincado do bosque de corais, até chegarem à planície brilhante onde ficava o castelo da fada do mar. Suas paredes altas eram coroadas por um telhado cintilante, acima do qual as ondas iam e vinham com a mais suave melodia.

Antonio olhou, feliz e surpreso, para a construção radiante, que excedia em beleza todos os seus sonhos de criança dos quais o castelo fazia parte.

— E eu posso ficar aqui? E nunca serei obrigado a deixar este esplendor? — perguntou ele com um sussurro baixo; mas, antes que a fada pudesse responder, sentiu-se um tremor nas ondas ao redor. Acima do telhado transparente, vindo das sombras do bosque

de corais, surgiram miríades de pequenas estrelas-do-mar de tons violeta e rosados, e brincaram ao redor da cabeça de Antonio e entre os cachos da fada do mar como borboletas em um dia de verão. Em seguida, voltaram a se afastar e se perderam na dança trêmula das ondas.

A moça bonita, ainda segurando a mão de Antonio com cuidado, caminhava agora pelo campo inundado que cercava o castelo com as ondas calmas; e, quando chegou ao portal abobadado, os portões transparentes se abriram sozinhos, e a imperatriz do mar adentrou seu palácio encantado.

Os olhos de Antonio estavam encantados com o esplendor ao redor. Corredores e mais corredores se sucediam, iluminados, e acima de todos eles estendiam-se os arcos altos do telhado de cristal, por meio do qual o céu noturno derramava seu esplendor incessante.

Quentes e suaves como a brisa da primavera, as ondas pequenas subiam mais alto do que aqueles cômodos encantados e se quebravam espirrando levemente nas paredes de cristal — agora, brilhando como uma inundação de vermelho, agora azul, e agora como âmbar líquido; assim, elas espelhavam a mudança das cores nas nuvens passageiras acima.

A fada do mar olhou o rosto feliz de Antonio.

— Achas que será possível esquecer teu lar terreno aqui em meu reino? — perguntou ela, graciosamente.

— Esquecer? — respondeu ele. — Se o lar é o ponto mais belo da terra, então acabei de descobrir o meu agora. Daqui para a frente, todos os outros lugares estão esquecidos para sempre. Mas o que é aquilo ali? — perguntou ele, apontando para todos os pilares verdes e altos cujos topos chegavam praticamente ao telhado de cristal.

— Veja por si mesmo — disse a fada do mar, e ele se posicionou ao lado dela em direção ao último corredor no qual havia colunas graciosas. E agora, ele pairava entre suas colunas finas e deu um grito feliz ao olhar para cima, para o domo transparente, por baixo do qual as copas frondosas ondulavam, enquanto pequenas estrelas-do-mar brilhavam com força enquanto pairavam entre as folhas.

— Palmeiras! — gritou Antonio, sem fôlego, surpreso. — Palmeiras, como as que escutei farfalhando às margens do Ganges! Isso deve ser uma ilusão, um sonho dourado, do qual, mais cedo ou mais tarde, acordarei. Não, não, ali estão os cipós flexíveis enrolados nos caules majestosos, e ali na sombra esconde-se minha flor de lótus, a mais linda de todas as flores incríveis da Índia!

Ele soltou a mão da fada, seguiu em frente e olhou dentro do copo brilhante, cujas folhas tremiam nas ondas.

— Sim, de fato, é o lótus, brilhando em pureza alva como suas irmãs no rio sagrado, em cujo copo a deusa dorme. Mas ah! Como chegou aqui, amada flor? Mas o que pergunto? O rio sagrado de sua casa preferida pegou tua semente caída e a levou até o mar, e ali, em sua onda protetora, tu rolaste sem parar, mais e mais longe, em direção ao sudeste, até chegar à calorosa Corrente do Golfo. Levada em direção ao norte por essa corrente de bênção que a Natureza cuidadosa envia a esses locais cheios de gelo, tu vieste com galhos de palmeira quebrados e cipós a esta terra mágica do norte, onde a mão da bela fada do mar deu a ti um segundo lar — belo o suficiente para fazer com que te esquecesses até das planícies ensolaradas da Índia.

As flores de lótus pensavam da mesma maneira? Seu copo trêmulo não ofereceu resposta, mas Antonio pensou que sim. A partir daquele momento, o reino da fada do mar deveria ser sua casa, e ela própria deveria ser estimada por ele como seu pai e sua mãe costumavam ser nos dias havia muito esquecidos. A felicidade dele parecia completa ao caminhar ao lado dela no amplo caminho aquático de uma maravilha a outra, enquanto os lábios dela, sérios mas lindos, explicavam a ele com eloquência os mistérios das profundezas, problemas na solução dos quais homens curiosos passavam a vida em vão. As estrelas-do-mar felizes os circundavam; ao lado deles, na areia reluzente, raias espinhosas rolavam como bolas prateadas; atrás delas vinham, em uma multidão de múltiplas cores, os peixes grandes e pequenos, com as barbatanas e escamas brilhando à luz do sol como prata e pedras preciosas. Eles passavam destemidas ao redor de Antonio, permitiam que ele os pegasse e os acariciasse, e olhavam para ele com olhos inteligentes quando ele falava com eles usando palavras

humanas. Não compreendiam bem o que ele dizia, mas todos entendiam o padrão de estrelas na cinta, que ainda adornava sua cintura com um círculo radiante e o tornava conhecido como amigo de sua amada senhora.

Sim, era agradável planar pelas ondas, com beleza, paz e harmonia ao redor; mas Antonio sentia ainda mais prazer em vagar com a fada majestosa pelos corredores do castelo de cristal, ser erguido por ondas delicadas ao domo elevado e olhar através de sua abóbada transparente o céu claro que se estendia acima dele.

Mas Antonio passava os momentos mais felizes no corredor de palmeiras, enquanto descansava nos cantos abrigados pela sombra onde as flores de lótus se abriam. A flor curvava seu copo branco a seus olhos sonhadores, e as ondas moviam os estames lilases em sua testa com o mesmo carinho do toque de uma mãe. A água fluía por ele suave e quente, bem acima de onde as palmeiras balançavam seus galhos frondosos, e a fada do mar passava pelos corredores brilhantes, cantando canções e tocando a harpa dourada do modo mais doce e encantador do que qualquer outra coisa que Antonio já tivesse ouvido no mundo. É de surpreender, então, que ele tenha se esquecido de sua casa triste e nada musical? Que nunca pensasse muito nela?

O sol do verão sempre emitia a luz dourada, indestrutível pela escuridão da noite, para dentro do reino da fada do mar; as estrelas do céu de inverno sempre brilhavam através do telhado de vidro do palácio do mar; mas Antonio não havia prestado atenção à fuga do tempo. Os anos passaram por ele de modo agradável, mas monótono; as ondinhas tremiam e cantavam com alegria imutável; e Antonio passava de prazer a prazer, sem lembrança, sem saudade, sentindo apenas a alegria do agora.

A luz do sol de um novo verão estava entrando no ambiente do mar quando Antonio saiu do palácio e passou pelos campos aquáticos brilhantes. A fada tinha sido chamada para tratar de alguma questão em uma parte afastada de seu amplo reino, e Antonio, assim, havia ficado sozinho no castelo. Mas os corredores esplêndidos pareciam para ele menos bonitos sem sua amada rainha, e ele se determinou a procurar a companhia dos peixes felizes lá fora. Eles chegaram nadando para encontrá-lo,

escorregaram por seus dedos, espirraram a água, felizes com suas nadadeiras e caudas, e formaram uma procissão brilhante e ampla enquanto ele caminhava.

Em pouco tempo, os galhos disformes do bosque de corais formaram um arco acima de sua cabeça. Ele pretendia, naquele dia, explorar todos os cantos daquele local adorável, do qual, até aquele momento, tinha visto apenas uma parte. Adentrou cada vez mais o labirinto de árvores, e os peixes o seguiram a cada passo e planaram como estrelas prateadas em meio aos galhos vermelhos.

Antonio olhou para trás; a planície ensolarada e o palácio reluzente tinham desaparecido, escondidos pelo bosque de corais; mas ao lado, à beira da floresta, ele ouviu um ronco incessante, pois o vagalhão do oceano crescia e se intensificava além do círculo mágico.

Ele foi além; tudo se tornou estranho e terrível. Não havia nem sinal das regiões brilhantes e familiares que ele conhecia tão bem. O crepúsculo arroxeadado se espalhava ao redor dele, e mais ao lado, o mar revoltado; mas ali, à frente dele, havia um brilho fraco que foi se tornando mais intenso. Poderia ser o castelo de cristal que ele pensava ter deixado para trás?

Por fim, ele chegou à luz e olhou para a cena a seus pés. Diante dele, havia um espaço aberto, iluminado por feixes de luz do sol, livres, radiantemente dourados, e sob aquela inundação de luz do sol, havia fileiras de adormecidos pálidos e silenciosos, coração com coração e braços dados, já que a ira do mar ou a fúria da fada do mar haviam feito com que eles fossem tirados de sua vida completa e feliz. Eles tinham partido para navegar destemidamente em seus navios pelo mar, talvez até aproveitando a proximidade com o porto, e na expectativa de reuniões felizes, quando de repente foram destroçados por um recife escondido, ou arrastados para o fundo por um redemoinho traiçoeiro.

Antonio caminhou com o coração batendo forte entre os adormecidos. Ali estava um senhor com cabelos compridos e grisalhos, e a mão enrugada delicadamente pousada na cabeça de um menino bonito; ao lado dele havia um homem, cuja esposa jovem, apesar de estar lutando contra a morte, não tinha deixado de se preocupar em segurar seu pequeno; dormiam ali dois jovens

robustos, com as mãos unidas num forte afeto — eram irmãos, como mostrava a semelhança de traços. E ali, e lá, e acolá, para onde Antonio olhasse, havia formas antes bonitas com seu vigor jovem, agora frias e rígidas na morte. E, ainda assim, pareciam estar apenas adormecidos, pois, ainda que fizesse muito tempo que estavam ali, o tempo não os havia prejudicado. Seus traços permaneciam inalterados, exceto por uma paz mais profunda; e, quando os galhos acima deles balançavam ao sabor das ondas, lançando as sombras roxas pelo fundo do solitário mar, reluzia no rosto dos mortos algo como o reflexo da antiga vida.

Antonio se inclinou sobre eles, como se quisesse ler o último pensamento triste de seus lábios pálidos — saber do último desejo não expressado, que ele pudesse levar consigo como um juramento solene e realizá-lo tão logo conseguisse alcançar o mundo superior. Pois o encanto do reino do mar se desfez ao ver aqueles rostos pálidos, e agora ele queria sua casa, por mais triste e nada musical que fosse. Com um suspiro profundo, desviou os olhos da cena triste e avançou em direção à borda mais afastada da caverna de corais, onde os galhos cheios se inclinavam e formavam uma rede baixa, que dividia o local de descanso dos mortos com o mar revolto. Ele se apoiou com os braços cruzados na cerca e olhou para o mar agitado. As ondas enormes se assomavam escuras como nuvens de tempestade, acumulavam a espuma branca na direção do céu e afundavam com um rugido forte outra vez. Era uma cena de horror fascinante, da qual Antonio não conseguia desviar o olhar.

Então, de repente, em direção ao norte em meio às ondas fortes, veio algo estranho, assustador, terrível. Seu longo pescoço serpenteante era de um verde cambiante, e a bocarra era repleta de dentes afiados e destruidores; o corpo gigantesco coleava pela água e se recolhia e voltava a se estender imensuravelmente, de modo que até as ondas sem vida se retraíam, e o coração de Antonio quase parou de bater com a surpresa e o medo. Assim, o monstro das profundezas se erguia em movimentos lentos, mas incessantes, e sua cabeça ameaçadora se erguia acima da água espumante ao lado da cerca de corais, quando Antonio viu a cauda venenosa, pela primeira vez, de relance.

— É a serpente do mar — disse ele, por fim, com a voz falha, assim que recuperou seu poder de falar —, o monstro sobre o qual a fada me contou, que traz morte e destruição quando surge. Os pobres marinheiros na superfície da água, que talvez tenham rido e feito piadas a respeito dessa história, agora verão e sentirão seu poder na última luta aterrorizada pela vida. — E ele uniu as mãos com força enquanto olhava para cima, agonizado e amedrontado.

De repente, uma sombra ampla escureceu as águas, cobrindo com sua asa sombria a cerca roxa e as ondas douradas que fluíam acima de sua cabeça. Antonio buscou a causa desse fenômeno e viu bem acima, no mar que se assomava, uma rocha baixa que nunca tinha notado. Ele não sabia se as ondas pesadas a tinham arrancado da costa e a levado até ali ou se a tempestade a havia forçado para longe do fundo do mar; mas ali estava, escura e imóvel, com as ondas passando por ela, e a serpente do mar enrolando-a em anéis fortes.

Agora ele sabia para que o mar preparava todos os seus horrores. Ali, do sul, veio um barco com velas bem abertas, de estrutura firme e resistente, e guiado por uma mão habilidosa; parecia rir dos terrores das profundezas, pois a rocha mortal e a serpente à espreita estavam escondidas dentro da água; as ondas enormes se acumulavam acima de ambas, e as cobriam com sua espuma.

O capitão da embarcação imponente viu as ondas crescendo, mas conhecia os poderes de seu nobre navio. Com os olhos brilhando, ele permanecia no convés, acalmando os passageiros com palavras felizes e gritando ordens aos marinheiros ágeis. Ele direcionou o navio com confiança pelo caminho familiar, no meio do qual a rocha traiçoeira permanecia esperando sua abordagem.

Antonio observava o avanço do navio. Seus olhos aguçados pelo terror distinguiam todos os mastros, todas as pranchas. Pensou ter visto rostos sorridentes, felizes e calmos inclinando-se pela lateral e acenando de modo simpático para ele em suas profundezas calmas e seguras lá embaixo. Ele retorceu as mãos, desesperado, e gritou a plenos pulmões:

— Vire para a esquerda. Ah! Vire para a esquerda, pois do lado direito se esconde a morte em dobro. — Mas a próxima onda afogou

o grito, e não deu a ele nem mesmo o mais fraco eco.

Agora, agora o fim deve chegar — inevitável e assustador. Antonio tampou os olhos, angustiado e trêmulo. Uma batida repentina, um único grito estridente, que com terrível clareza surgiu mais alto do que o ronco do mar e o sibilar da serpente, passando pelas ondas, e acelerou o coração de Antonio, que batia forte. Ele tirou as mãos do rosto pálido e olhou para cima, em meio ao mar.

As ondas ainda rolavam, a rocha ainda permanecia na escuridão apavorante, a serpente ainda se enrolava em anéis assustadores, mas as pranchas espalhadas da embarcação quebrada foram sendo levadas em círculos pelo redemoinho ensandecido, e aqueles que, um instante antes, tinham sorrido na plenitude da vida e da felicidade agora brigavam com as ondas. Homens fortes entre eles, que não deixavam a vida sem lutar, buscavam as pranchas boiando, erguiam-se mais alto do que as ondas e procuravam os entes queridos ao redor. Mas a serpente do mar passou por cima das ondas de espuma branca, bateu o rabo nas madeiras flutuantes e os mandou, trêmulos, na direção das profundezas famintas.

Felizes eram aqueles que, já afogados pela água, tinham afundado inconscientes até o leito do oceano, para descansar sem serem perturbados. Os sobreviventes eram as vítimas do monstro. Com a cauda enrolada em fúria, os olhos verdes brilhando e as enormes presas à mostra, atacava todos os homens cujo braço poderoso e coração valente não desistiam da luta com as ondas, e, em um instante, seu grito de morte se perdeu na terrível garganta da serpente do mar. Com ira insaciável, ele passou de um a outro até todos terem perecido, até não sobrar nenhum para levar para casa a terrível história. Ninguém conheceria o destino da embarcação e sua carga preciosa.

Antonio tinha caído de joelhos, e seus olhos acompanhavam todos os movimentos da serpente do mar até o trabalho assustador ser finalizado.

Quando tudo terminou, a serpente do mar se balançou terrivelmente satisfeita nas ondas e deixou que elas a levassem de acordo com a própria vontade. Mas a rocha escura continuou em movimento e caiu lentamente rumo ao fundo, fazendo as ondas criarem espuma e se espalharem enquanto se afastavam à

esquerda e à direita, permitindo que ela passasse. Então, Antonio notou que aquilo que, ao longe, ele havia pensado se tratar de uma rocha, era um kraken gigantesco, um daqueles monstros marinhos que costumam permanecer dormentes por anos no fundo do mar, e então sobem à superfície e atraem com determinação mortal homens distraídos pelo caminho. Ele viu os braços grandes e compridos que, segurando os mastros, os havia rachado como se fossem juncos, e lançado as pranchas longe, destruindo mais do que a simples força das ondas teria conseguido. Os membros serpenteantes tateavam as águas, incertos, buscando o leito do mar onde o monstro permaneceria agora por um longo período de repouso.

Antonio involuntariamente se retraiu, apesar de o mar, com seus vagalhões e seus monstros ainda mais temíveis, não conseguir vencer a cerca de corais nem perturbar as águas brilhantes da Corrente do Golfo. Ele observou o kraken chegar ao fundo, acomodar-se em seu leito macio e recolher os braços compridos para dormir. E então, tudo ficou tranquilo como antes.

As ondas fortes se acalmaram, e o mar se tornou calmo e claro; um céu azul-escuro arqueava-se acima, e o sol lançava feixes dourados pelos vagalhões, alcançando as mais intensas profundezas, manchando de luz amarela as ondas que fluíam acima do kraken, que permanecia disposto como um grande monte escuro perto da cerca de corais, e separado dela por uma corrente de água estreita.

Antonio recuou hesitante até a cerca e observou. Nas costas do monstro do mar, balançava-se uma floresta de algas altas, que haviam criado raízes ali durante os longos anos de inação. Em meio aos fios em movimento, pequenos peixes e ouriços-do-mar passavam destemidos, e tartarugas preguiçosas se mantinham abrigadas. Mas no meio, como em um ninho de lodo marrom, havia algo como um cisne de brancura impressionante, com asas abertas e sem vida. Antonio olhava fixamente para esse objeto, quando uma onda brilhante passou pela vegetação e ergueu os membros do cisne morto. A onda seguinte o soltou do local assustador onde estava e o levou para a corrente que fluía em direção ao local dos mortos.

A ave flutuava cada vez mais perto, até bater na rede de corais, e Antonio esticou os braços para pegá-la. Então, viu que não era um cisne, mas uma adorável moça com um traje amplo e esvoaçante, a quem as ondas haviam trazido do navio até as costas do monstro do mar, e que, assim, tinha sido colocada em sua cova. Com o coração pesaroso, ele a pegou no colo, a ergueu para passá-la pela cerca de corais e a levou para onde os mortos estavam em seu local de descanso pacífico. Ali, ele a deitou ao lado do velho, ajoelhou-se ao lado da moça morta e ajeitou os cabelos loiros e compridos, espalhados pelas ondas, ao redor do rosto pálido, mas lindo, e cruzou as mãos claras como se em oração.

A última tarefa foi realizada, e ele agora estaria livre para voltar ao castelo de cristal, para se acomodar na nova alegria e no esplendor, mas ainda assim se ajoelhou ao lado do cadáver da moça, olhando de modo sonhador para o rosto pálido como quem olha para a distante escuridão. Ele sabia que do sono dela não havia como despertar, pois naquelas águas profundas nenhum ser vivo poderia respirar, exceto aquele que vestia, como ele, a cinta da fada do mar; ela estava morta, e deveria se deitar e dormir até o momento da ressurreição. Os olhos permaneceram fechados, e a boca nunca mais conseguiria sorrir, mas Antonio olhou para ela como se estivesse prestes a contar para ele uma história familiar e bonita — talvez a história de sua própria vida. Antonio conhecia o rosto doce, inocente, suave, mas a inundação de medo e horror que havia tomado conta de sua alma por horas havia confundido suas lembranças, e ele só sentia que os olhos e a boca agora tão fechados na morte já tinham sorrido para ele com amor e amizade.

Por fim, ele se levantou, lançou um olhar para as fileiras de adormecidos, deu um passo para trás no bosque de corais e passou pelos caminhos escuros de volta ao castelo da fada do mar.

Sua visão do mar tinha perdido o encanto, o paraíso de seus sonhos infantis estava em ruínas; as ondas ensolaradas, que pouco tempo antes tinham se espalhado ao redor dele com o calor suave das brisas de verão, agora pareciam tão frias que ele estremeceu e sua respiração se tornou difícil e dolorosa.

Mais uma vez, ele repousou no corredor de palmeiras, e os estames das flores de lótus flutuavam delicadamente sobre suas

têmporas, nas quais o sangue agora fluía mais depressa, pois o grito de morte da tripulação afogada ainda ressoava em seus ouvidos, e diante de seus olhos estava a imagem pálida e linda da moça morta.

Onde, ah! Onde ele tinha visto aqueles traços? Olhou para os topos esvoaçantes das palmeiras. Poderia ter sido às margens do rio Ganges que tal boca havia sorrido para ele, no grupo de moças hindus que passavam por ele todas as noites com jarros na cabeça indo buscar água do rio sagrado? Não, não, não tinha sido ali, nem em nenhum outro dos países favorecidos do novo mundo, que ele vira aquele rosto, pois lá, os cabelos das moças tinham um tom mais escuro. Não; nenhuma terra estrangeira havia mostrado a ele aqueles doces traços, e seus pensamentos se voltaram a seu antigo lar, havia muito esquecido.

As palmeiras sob o domo de cristal mudaram enquanto ele olhava para o limoeiro velho e amplo no pomar de seu pai, e a canção das ondas nos corredores mágicos soava em seu ouvido como as notas do pequeno órgão que seu pai tocava à noite quando o dia de trabalho chegava ao fim.

Antonio fechou os olhos. Seria para relembrar com mais facilidade as cenas havia muito esquecidas ou para esconder as lágrimas quentes que faziam seus olhos arder? Para ele era como se deitasse mais uma vez no banco redondo abaixo do limoeiro, com a cabeça no colo macio da mãe, e a mão dela, delicada, em sua testa; acima dele, balançavam-se as folhas do limoeiro, e pelas janelas abertas chegavam as notas delicadas da canção noturna de seu pai. Antonio permaneceu ali escutando em silêncio. Sua mãe tinha um sorriso feliz no amado rosto, e ao lado dela, o antigo professor de Antonio, cujos lábios eram o alvo da atenção dele e de seus companheiros, enquanto ele contava a respeito das terras desconhecidas que tinha visitado na juventude.

Ah, a corrente de lembranças que tomavam o coração de Antonio! — música e fragrância, a mão delicada da mãe, e as descrições maravilhosas do velho; e no meio de tudo, uma criança delicada como uma fada, com um vestido branco delicado e cabelos dourados, que flutuava como um raio de luz entre os caminhos do jardim! Depois de colher flores em quantidade suficiente, ele subiu

devagar, sentou-se aos pés do pai dela e teceu uma grinalda; Antonio mantinha os olhos fechados, não para dormir, mas para escutar sem perturbação. A pequena, acreditando que ele dormia, ergueu-se delicadamente e colocou a grinalda em sua testa. Então, ele pegou as mãos dela e, de modo brincalhão, as segurou; mas ela se inclinou sobre ele até seus cabelos claros tocarem seu rosto e sussurrou:

— Fica em silêncio, Tony; teu pai está contando uma história, e não gosta de ser interrompido. — E então, ela olhou para ele e sorriu.

O enigma foi resolvido, finalmente. Era ela. Era a doce menina a quem o coração travesso havia se entregado num amor terno, e cuja imagem havia partido com ele para as terras distantes até desaparecer diante das visões brilhantes e cambiantes pelas quais ele passava. Mas agora, estava diante dele com sua beleza antiga, e ele a amava como se tivessem se separado no dia anterior — agora, quando ela estava fria e rígida entre os mortos.

Ele se levantou, uniu as mãos, angustiado, e olhou para o teto de cristal, por meio do qual o céu da noite enviava todos os tons claros de um pôr do sol do norte. Mas tudo o que ele amava olhar ali não tinha mais beleza a seus olhos. Por dentro havia melodia, canção e esplendor sobrenatural; por fora, morte, horror e pesar indizível. Ele se ergueu, correu como se perseguido pelos corredores brilhantes e saiu para a planície diante do castelo; mas as águas que trariam perfume, canção e brilho para recebê-lo pareciam agora cheias de uma escuridão mortal, e o som de suas ondas parecia um soluço reprimido.

Ele se virou estremecendo e, pela primeira vez desde que havia chegado ao reino da fada, direcionou os passos para o portão de corais que separavam a Corrente do Golfo dos vagalhões mais escuros do mar. Saiu e andou em silêncio pela areia, que agora parecia ter perdido seu brilho dourado. Logo, chegou ao ponto onde os degraus de vidro terminavam e olhou para cima em meio às águas agitadas.

— Ah, se eu pudesse voltar só uma vez ao ar fresco, à liberdade — suspirou —, à minha casa antiga e abandonada! — E seu desejo foi realizado, pois ele ainda usava a cinta de estrelas que tornava os

elementos obedientes a sua vontade. As ondas se abriram como as pétalas de um lírio e formavam degraus de vidro. Com um grito de alegria, Antonio colocou o pé no mais baixo, e mal sabia se ele próprio se movia ou se a água o erguia de um degrau a outro. Viu as águas azuis ficarem cada vez mais claras, até chegar ao último degrau, com a cabeça acima das ondas, e respirou fundo seu ar nativo.

Com olhos brilhantes e o peito ofegante, Antonio olhou para o oeste, onde a esfera radiante do sol repousava em uma cama de nuvens roxas, enquanto o reflexo passava pelas sombras rosadas e ambarinas sobre todo o céu, e os vagalhões distantes fluíam como um manto escarlate.

Mas as ondas que trouxeram Antonio à costa espirravam um brilho dourado como naquela noite de verão em que ele desceu para a terra de fadas dentro do mar. Ali também estava a rocha vermelha na qual tinha visto a fada, e, com um suspiro, ele voltou os passos naquela direção. Não havia ninguém sentado ali agora? Antonio protegeu os olhos com a mão, pois ainda estava surpreso com a luz incomum. Não era ilusão. Ali, onde a fada já tinha se sentado, estava uma figura curva e velha, e, em vez dos cachos loiros, cabelos grisalhos flutuavam ao redor das têmporas.

— Um ser humano! — Foi o primeiro pensamento extasiado dele ao correr pela costa.

— Boa noite, senhor — gritou, feliz.

O velho ergueu a cabeça calva, e seus olhos tristes pousaram com indiferença no jovem. Mas as últimas horas tinham mudado Antonio. O véu tinha caído de seus olhos e de seu coração, e ele via agora com os olhos aguçados da infância. O cabelo da cabeça do senhor tinha de fato se tornado mais ralo desde a última vez em que observara virar, e o pesar tinha marcado linhas profundas na testa alta; mas era a mesma boca sincera cujas palavras Antonio tinha ouvido com grande disposição, e nos olhos escuros ainda brilhava uma espécie do fogo antigo. Era seu professor idoso, o pai da moça pálida e bela entre os mortos nas profundezas do mar.

— Não me conhece, respeitável senhor? — perguntou Antonio, com a voz falhando, enquanto fazia uma reverência respeitosa.

O velho olhou para ele de novo.

— Não — disse ele lentamente —, eu não te notei entre a tripulação; mas, apesar de ser um desconhecido, fico feliz por estar em segurança. Pensei que fosse o único sobrevivente do naufrágio.

— Olhe para mim mais uma vez, senhor — disse Antonio, tentando firmar a voz que falhava —, e volte algumas páginas na história de sua vida. Pense em um jardimzinho e em um antigo limoeiro cuja copa o abrigava com frequência, enquanto as notas suaves de um órgão na atmosfera de verão.

Os olhos do velho brilharam mais, e seus lábios tremeram.

— Antonio! — disse ele, gaguejando. — Antonio! — E sua cabeça branca se encostou no ombro de seu pupilo preferido, que estava ajoelhado à sua frente com o braço envolvendo de modo filial e delicado aquele homem sem filhos.

— Ah, Antonio! Perdi minha filha hoje, hoje mesmo. Ela não me deixou ir sozinho para o norte, para onde, por impulso, fui levado na velhice, e foi comigo em minha jornada complexa. Hoje, atingimos um rochedo escondido, e a mesma onda que a lançou contra a rocha escura me arrastou, apesar de minha luta, para esta costa deserta, ainda que eu preferisse ficar com minha doce criança no fundo do mar.

O velho cobriu o rosto com as mãos, e Antonio não se arriscou a dizer nenhuma palavra de consolo.

— Se eu ao menos conseguisse encontrar o cadáver dela — disse o pobre velho, por fim —, poderia enterrá-la em casa; mas até mesmo o triste consolo de visitar seu túmulo me é negado.

— Ela encontrou um lugar de repouso melhor do que aquele que o senhor poderia dar a ela — disse Antonio —, ela dorme em uma cama dourada; um bosque de corais cerca o local; a deterioração não tem poder sobre seus belos traços, e nenhum verme pode tocá-la. Permanece entre companheiros nobres, enquanto os raios do sol beijam suas pálpebras brancas como neve, e as águas quentes da Corrente do Golfo fluem delicadamente sobre ela.

— Como sabe de tudo isso, Antonio? — perguntou o velho, surpreso.

E Antonio contou a ele a respeito daquela noite em que conhecera a bela fada do mar naquela mesma rocha, e descera com ela para o reino submarino, para viver esquecido do lar e dos

amigos, até que, despertadas pelo que tinha visto e sentido hoje, as antigas lembranças ganharam novo poder sobre ele e latejavam mais forte do que nunca em sua alma.

— O que fará agora, meu filho? — perguntou o velho.

— Vou para casa com o senhor — respondeu Antonio, depressa.

— Serei um filho dedicado e obediente, se me permitir.

O velho olhou para ele com olhos marejados.

— Então, vamos — disse ele, erguendo-se —, pois quero sair deste lugar de horror. Daqui a algumas horas, chegaremos ao pequeno porto no qual pudemos ancorar ontem à noite, e ali, poderemos embarcar em um navio com destino ao lar.

— Que seja como o senhor quiser, meu pai — respondeu Antonio. — Mas um dever ainda não foi cumprido. Se a fada do mar tivesse me levado por meio de engano ou violência para seu reino, a fuga seria certa; mas fui por vontade própria, me comprometi com a obediência e com a fidelidade sem fim, e me aproveitei de sua gentileza e hospitalidade. Para mim parece covarde e ingrato ir embora secretamente, sem uma palavra de agradecimento ou de despedida, e pensar nisso destruiria minha felicidade em casa. Hoje, ela deve voltar. Vou encontrá-la, contar a ela o que desfez o feitiço de seu reino e implorar para que ela me deixe partir em paz, e com sua bênção. Espere por mim aqui. O ar deste lugar é suave, e os céus noturnos, claros. Antes que a noite clara se transforme em um dia mais claro, voltarei para não mais abandoná-lo.

Ele beijou a mão do velho e seguiu em direção ao mar. Enquanto isso, a fada havia voltado. O portão de corais aberto e os corredores vazios de seu palácio indicavam que Antonio havia partido. A alma dela estava repleta de dor e ira. Ele fazia parte, sim, daquela raça indigna que ela já conhecia e detestava; mas seus olhos e seu coração ainda guardavam aquela imagem divina que ela procurava em vão entre as criaturas frias e tolas do mar, em comparação com a qual a beleza e a harmonia de seu reino mágico pareciam pobres e insatisfatórias. Ela passara a estimá-lo muito. Havia começado a acreditar na fidelidade dele e, mais uma vez, viu que tinha sido enganada. Mas, como dissera a ele, a fraca piedade dos mortais não tinha espaço em seu coração. Ela não reclamava, nenhuma palavra de ira escapava de seus lábios contraídos. Subiria para

punir o desleal, se ele ainda pudesse ser alcançado, conforme suas ameaças.

Ela passou pelo portão de corais até o ponto onde os degraus levavam ao mundo acima da superfície. Fez um gesto e a escada instável se tornou firme sob seus passos. Quando ela apoiou o pé no primeiro degrau, Antonio começou a descer. Eles se encontraram na metade do caminho no meio do mar. Antonio tremia, enquanto ela permanecia diante dele no esplendor total de sua beleza mágica e de sua incrível majestade e poder, e a alma dele se afastou dela e se voltou com grande saudade para seu amado lar.

— Onde vens? — perguntou ela com seriedade, apesar de seus ouvidos atentos ouvirem a história das últimas horas nas batidas mais altas do coração dele. — Onde vens? — Então, ele reuniu a coragem para contar tudo a ela e implorou que o deixasse partir em paz.

— Não te lembras daquela noite de verão na qual insististe em vir comigo, apesar de meus alertas? — perguntou ela com o mesmo tom intenso.

— Sim — disse Antonio.

— E não te lembras de minha ameaça e de tua exigência para que eu te punisse se traíesses tua palavra? — Eu me lembro de tudo — disse Antonio com lábios trêmulos.

— E diante de todo esse medo e do futuro certo, ainda sonhas em me deixar?

— Não posso evitar — gritou ele com intensidade —, o reino do mar perdeu seu encanto desde que vi o abismo de inimizade irreconciliável que o separa de minha raça, uma vez que tirou de mim o que já foi o tesouro mais valioso de meu coração. Não, orgulhosa senhora, deixa-me partir; não serei, a partir de agora, nada além de um convidado lúgubre.

Os olhos dela ficaram escuros e insondáveis como o mar profundo abaixo deles.

— Vai — disse ela lentamente —, mas primeiro, solta tua cinta.

Ele deu um suspiro profundo de esperança e felicidade, tirou a cinta estrelada da cintura e a entregou à fada. Ela a pegou, olhou mais uma vez o rosto dele e desceu os degraus que se desfaziam.

Antonio se virou para ver o mundo superior, mas a escada acima dele tinha desaparecido e o degrau em que seu pé pousava derretia debaixo dele, que se viu flutuando em águas escuras e profundas. Mas as ondas não eram mais suaves e livres como as brisas da primavera acima de sua cabeça e peito. Com a cinta, ele havia aberto mão do poder sobre elas, e agora não passava de um mortal fraco lutando com os elementos. As ondas rugiam ao redor dele e o lançavam de um lado a outro, como uma bola, enquanto ele se esforçava para respirar, em vão. Olhou para cima para medir a distância e lutou com toda a força do desespero contra as ondas. Seus braços jovens e fortes o levavam para cima; mais uma vez, ele ergueu a cabeça acima da água e respirou o ar do paraíso. Seus olhos buscaram a rocha vermelha na qual seu antigo professor ficara, com os braços esticados em direção a seu filho adotivo, cujo esforço desesperado ele não tinha o poder de evitar.

— Estou indo, estou indo, meu pai — gritou ele, com confiança, mas um vagalhão gigante atingiu o jovem e o lançou nas profundezas.

Os tons da noite desapareciam do mar, e o velho ainda permanecia ao lado da rocha, com as mãos unidas e os olhos fixos nas profundezas agora tranquilas. Um objeto escuro veio flutuando do oeste, e as ondas o deixaram na praia quase aos pés do homem. Ele ergueu os olhos escuros e observou a forma imóvel, então se ergueu e caminhou com passos instáveis até lá. Ali estava Antonio, pálido, frio e morto. Ele havia cumprido a promessa; antes de a noite clara se tornar a manhã mais clara, ele havia retornado, mas não como sonhara e desejara. As mãos trêmulas do velho cavaram a cova dele ao pé da rocha vermelha onde Antonio havia visto a fada pela primeira vez. Então, ele seguiu em direção ao lar distante e solitário.

Assim que a noite chegou novamente para visitar terra e água, a fada do mar ergueu-se acima das ondas, dirigiu-se às rochas e sentou-se ao lado daquela sob a qual estava Antonio. Ali, ela permaneceu, silenciosa e imóvel, com as mãos alvas pousadas no colo e os olhos sonhadores observando os vagalhões que se assomavam; mas por suas faces escorriam grandes lágrimas que

brilhavam à luz do sol poente e contavam a dor que latejava em seu magnífico e solitário coração.

Somente quando as matizes da noite deram lugar aos tons rosados da alvorada, a fada do mar voltou ao seu reino no oceano, para à terra não mais retornar.

Desde então, nunca mais foi vista por olhos mortais, e nada mais se ouve ao longo da costa da Noruega sobre a antiga saga da fada do mar.

O local do descanso final de Antonio é ermo, assim como antigo. É conhecido apenas pelo céu norueguês, que o cobre, alegre e ensolarado, e as ondas pequenas às vezes passam sobre ele, brilhando como as lágrimas da fada do mar.

O sequestro do Papai Noel

L. Frank Baum

1904

O Papai Noel mora no Vale Risonho, onde fica o grande castelo errante em que seus brinquedos são fabricados. Seus trabalhadores, selecionados entre rils, nuques, duendes e elfos, vivem com ele, e todo mundo fica tão ocupado quanto é possível de um fim de ano até o outro.

O lugar é chamado de Vale Risonho porque tudo lá é feliz e alegre. O riacho ri para si mesmo quando pula, travesso, entre suas margens verdes; o vento assobia alegremente entre as árvores; os raios de sol dançam leves sobre a grama macia, e as violetas e flores silvestres têm um ar sorridente em seus ninhos verdes. Para rir é preciso ser feliz; para ser feliz é preciso estar contente. E, por todo o Vale Risonho do Papai Noel, o contentamento reinava supremo.

De um lado fica a poderosa Floresta de Burzee. Do outro, há a imensa montanha onde fica a Caverna dos Espíritos.^[27] Entre esses dois lugares está o Vale, sorrindo pacífico.

Você pode pensar que o nosso bom e velho Papai Noel, que dedica seus dias a fazer as crianças felizes, não tem nenhum inimigo em toda a Terra; e, na verdade, por muito tempo, ele não encontrou nada além de amor aonde quer que fosse. Mas os Espíritos que vivem nas cavernas da montanha começaram a odiar o Papai Noel, só porque ele faz as crianças felizes.

São cinco Cavernas de Espíritos. Um caminho largo leva até a primeira delas, que tem forma de abóbada e fica ao pé da montanha, com a entrada esculpida de um jeito muito bonito e bem decorada. Lá é onde mora o Espírito do Egoísmo.

Atrás desta, há outra caverna, habitada pelo Espírito da Inveja. A Caverna do Espírito do Ódio é a próxima, e depois dela fica o lar do Espírito da Maldade — localizado numa caverna escura e assustadora, bem no coração da montanha. Eu não sei o que existe depois de lá. Alguns dizem que há terríveis armadilhas que levam à morte e à destruição, e isso pode muito bem ser verdade.

No entanto, de cada uma das quatro cavernas mencionadas sai um túnel pequeno e estreito que leva até a quinta — um quartinho confortável ocupado pelo Espírito do Arrependimento. E, como o chão de pedra dessas passagens está bem gasto pelo uso, acredito que muitos viajantes perdidos nas Cavernas dos Espíritos tenham escapado pelos túneis para o lar do Espírito do Arrependimento, que dizem ser um camarada bem agradável, que abre uma portinha alegremente para deixar você alcançar o ar fresco e o sol outra vez.

Bem, esses Espíritos das Cavernas, achando que tinham muitos motivos para odiar o Papai Noel, fizeram uma reunião um dia para discutir o assunto.

— Já estou começando a me sentir solitário — disse o Espírito do Egoísmo —, porque o Papai Noel distribui muitos presentes de Natal bonitos para todas as crianças, e elas ficam felizes e generosas, e, por causa desse exemplo, ficam longe da minha Caverna.

— Estou tendo o mesmo problema — ajuntou o Espírito da Inveja. — Os pequenos parecem muito contentes com o Papai Noel, e só consigo persuadir poucos a ficarem invejosos.

— E isso deixa tudo muito difícil para mim! — declarou o Espírito do Ódio —, porque se nenhuma criança passa pelas Cavernas do Egoísmo e da Inveja, não podem chegar à *minha* caverna.

— Ou à minha — acrescentou o Espírito da Maldade.

— Quanto a mim — disse o Espírito do Arrependimento —, é fácil ver que se nenhuma das crianças visita as suas cavernas, não precisam visitar a minha, então estou sendo tão negligenciado quanto vocês.

— E tudo por causa dessa pessoa que chamam de Papai Noel!
— exclamou o Espírito da Inveja. — Ele está simplesmente arruinando o nosso negócio e temos de fazer alguma coisa logo.

Concordaram com isso prontamente, mas o que fazer era outro assunto, e mais difícil decidir. Eles sabiam que o Papai Noel trabalhava o ano todo em seu castelo no Vale Risonho, preparando os presentes que seriam distribuídos na Véspera de Natal, e, a princípio, resolveram atraí-lo para suas cavernas, de modo a poderem levá-lo para as terríveis armadilhas que terminavam em destruição.

Assim, no dia seguinte, enquanto o Papai Noel estava ocupado trabalhando, cercado de seu pequeno grupo de assistentes, o Espírito do Egoísmo foi até ele e disse:

— Esses brinquedos são muito bonitos e alegres. Por que você não fica com eles? É uma pena dá-los àqueles meninos barulhentos e àquelas meninas resmungonas, que os quebram tão rápido.

— Bobagem! — exclamou o velho de barbas brancas, com seus olhos brilhantes reluzindo alegremente, enquanto se virava para o Espírito tentador. — Os meninos e meninas nunca ficam tão barulhentos e resmungões depois de ganharem meus presentes. Se eu puder fazê-los felizes por um dia no ano, estarei bastante contente.

Então o Espírito voltou para os outros, que o esperavam em suas cavernas, e disse:

— Eu falhei, porque o Papai Noel não é egoísta.

No dia seguinte, o Espírito da Inveja visitou o Papai Noel.

— As lojas de brinquedos são cheias de coisas tão bonitas quanto as que você está fazendo — disse ele. — Que vergonha eles interferirem no seu trabalho! Fazem brinquedos usando máquinas, muito mais rápido do que você consegue fazer à mão, e os vendem por dinheiro, enquanto você não ganha nada com o seu trabalho!

Mas o Papai Noel recusou-se a sentir inveja das lojas de brinquedos.

— Eu consigo fornecer aos pequenos apenas uma vez por ano, na Véspera de Natal — ele respondeu —, pois são muitas crianças, e eu sou só um. Como o meu trabalho é por amor e bondade, eu teria vergonha de ganhar algum dinheiro pelos meus presentinhos.

Mas ao longo do ano, as crianças precisam se entreter de algum jeito, então as lojas de brinquedos são capazes de trazer muita felicidade aos meus amiguinhos. Eu gosto das lojas de brinquedos e fico feliz em vê-las prosperar.

Apesar da segunda recusa, o Espírito do Ódio pensou em tentar influenciar o Papai Noel. Assim, no dia seguinte, entrou na oficina atarefada e disse:

— Bom dia, Noel! Tenho más notícias para você!

— Então fuja, como um bom sujeito — respondeu o Papai Noel.

— Más notícias são coisas que devem ser mantidas em segredo e nunca contadas.

— Mas você não pode escapar disso — declarou o Espírito —, pois no mundo há muitos que não acreditam no Papai Noel e estes você está fadado a odiar amargamente, por conta de tamanha ofensa.

— Quanta bobagem! — exclamou o Papai Noel.

— E há outros que ressentem o fato de você fazer as crianças felizes, pessoas que zombam de você e o chamam de velho tolo e tagarela! Você está certo em odiar esse monte de caluniadores e precisa ser vingado por tais palavras más!

— Mas eu não os odeio! — exclamou o Papai Noel, categoricamente. — Essas pessoas não me causam nenhum mal de verdade, apenas deixam a si mesmos e a seus filhos infelizes. Eu preferiria ajudá-los algum dia, em vez de machucá-los.

De fato, os Espíritos não conseguiram tentar o Papai Noel de nenhuma forma. Ao contrário, ele era sagaz o bastante para ver que o objetivo deles ao visitá-lo era fazer maldades e causar problemas, e sua risada alegre desconcertava os maus e lhes mostrava a tolice de tentar fazer isso. Então, abandonaram as palavras doces e decidiram usar a força.

Era bem sabido que não se podia causar mal ao Papai Noel enquanto ele estivesse no Vale Risonho, pois todos os elfos, rils e nuques o protegeriam. Mas na Véspera de Natal, ele guia suas renas pelo mundo afora, levando um trenó cheio de brinquedos e presentes bonitos para as crianças. Aquela seria a ocasião em que seus inimigos teriam a melhor chance de feri-lo. Assim, os Espíritos

fizeram seus planos e esperaram pela chegada da Véspera de Natal.

A lua brilhava grande e branca no céu, e a neve estava fofa e reluzente no chão quando o Papai Noel estalou seu chicote e disparou para longe do Vale Risonho até o imenso mundo além. O amplo trenó estava cheio de sacos enormes de brinquedos, e quando as renas dispararam para a frente, nosso risonho velho Noel gargalhou, assoviou e cantou por todas as alegrias, pois em toda a sua vida feliz, aquele era o dia do ano em que ficava mais feliz — o dia em que amavelmente entregava os tesouros de seu trabalho para as criancinhas.

Seria uma noite cheia para ele, sabia bem. Enquanto assoviava, gritava e batia com o chicote outra vez, repassava em sua mente todas as cidades pequenas e grandes e as fazendas em que era esperado, e teve certeza de que tinha presentes o suficiente para fazer todas as crianças felizes. As renas sabiam exatamente o que era esperado delas, e correram tão velozes que suas patas mal pareciam tocar o chão coberto de neve.

De repente, uma coisa estranha aconteceu: uma corda atravessou a luz da lua e um laço grande — que estava na extremidade — passou por cima dos braços e do corpo do Papai Noel, amarrando-o. Antes que ele pudesse resistir ou gritar, foi arrancado do assento do trenó e bateu a cabeça num monte de neve, enquanto as renas continuaram adiante, com o carregamento de brinquedos, e logo sumiram de vista.

Tal acontecimento surpreendente confundiu o Papai Noel por um momento. Quando recuperou os sentidos, descobriu que os Espíritos malvados o haviam puxado do trenó e o tinham amarrado apertado com muitos rolos de corda grossa. Então levaram dali o Papai Noel sequestrado para a sua montanha, onde jogaram o prisioneiro numa caverna secreta e o acorrentaram a uma parede de pedra para que não pudesse escapar.

— Ha-ha! — Os Espíritos riram, esfregando as mãos com uma alegria cruel. — O que as crianças vão fazer agora? Como vão chorar, gritar e se enfurecer quando descobrirem que não há presentes embaixo de suas árvores de Natal! E quantos castigos elas vão receber de seus pais, e como vão vir em bando para as

nossas Cavernas do Egoísmo, da Inveja, do Ódio e da Maldade! Nós, os Espíritos das Cavernas, fizemos algo muito esperto e poderoso.

Mas acontece que, naquela Véspera de Natal, o Papai Noel tinha levado consigo no trenó, Nuter, o ril; Peter, o nuque; Kilter, o duende e um elfo chamado Wisk — seus quatro assistentes preferidos. Aquelas pessoas pequeninas haviam sido muito úteis em ajudá-lo a distribuir os presentes para as crianças. No momento em que seu mestre foi arrancado do trenó tão de repente, eles estavam enfiados confortavelmente embaixo do assento para o vento não os atingir.

Os minúsculos seres imortais só perceberam que o Papai Noel tinha sido sequestrado depois de um tempo que ele desaparecera. Mas, finalmente, sentiram falta de sua voz alegre, e como seu mestre sempre cantava ou assoviava em suas viagens, o silêncio os avisou de que algo estava errado.

O pequeno Wisk pôs a cabeça para fora de onde estava sob o assento e descobriu que o Papai Noel havia sumido e ninguém controlava o voo das renas.

— Eia! — ele gritou, e os cervos obedientemente desaceleraram e pararam.

Peter, Nuter e Kilter pularam para cima do assento e olharam para a trilha deixada pelo trenó. Mas o Papai Noel havia sido deixado quilômetros e quilômetros para trás.

— O que vamos fazer? — perguntou Wisk ansioso, toda a alegria e diabrura abandonando seu rostinho por causa da grande calamidade.

— Devemos voltar imediatamente e encontrar o nosso mestre — disse Nuter, o ril, que pensava e falava com muita ponderação.

— Não, não! — exclamou Peter, o nuque, que, embora fosse rabugento e mal-humorado, era alguém com quem sempre se podia contar em uma emergência. — Se nos atrasarmos ou voltarmos, não teremos tempo de deixar os brinquedos para as crianças antes de amanhecer, e isso magoaria o Papai Noel mais do que qualquer outra coisa.

— Com certeza foi alguma criatura má que o capturou — acrescentou Kilter pensativamente. — E o objetivo dela deve ser deixar as crianças infelizes. Então nosso primeiro dever é entregar

os presentes com tanto cuidado quanto se o Papai Noel estivesse conosco. Depois podemos procurar o nosso mestre e libertá-lo com facilidade.

Aquilo parecia um conselho tão bom e sensato que os outros logo resolveram segui-lo. Então, Peter, o nuque, dirigiu-se às renas, e os animais fiéis dispararam outra vez, por montanhas e vales, florestas e campos, até chegarem às casas onde as crianças dormiam, sonhando com os presentes bonitos que encontrariam na manhã de Natal.

Os pequenos imortais tinham assumido uma tarefa difícil, pois, embora ajudassem o Papai Noel em muitas de suas viagens, seu mestre sempre os guiava e lhes dizia exatamente o que gostaria que fizessem. Mas agora precisavam distribuir os presentes de acordo com seu próprio julgamento e não entendiam as crianças tão bem quanto o velho Noel. Então não é nenhuma surpresa que tenham cometido alguns erros engraçados.

Mamie Brown, que queria uma boneca, ganhou uma bateria, e uma bateria é inútil para meninas que gostam de bonecas. E Charlie Smith, que adorava correr e brincar do lado de fora, e queria botas de borracha novas para manter seus pés secos, ganhou uma caixa de costura cheia de lã, linha e agulhas, que o deixaram tão irritado que ele, sem pensar, chamou nosso querido Papai Noel de fraude.

Foram tantos os enganos que os Espíritos conseguiram alcançar seu propósito de fazer as crianças infelizes. Mas os amiguinhos do Papai Noel desaparecido trabalharam com lealdade e inteligência para pôr em prática as ideias de seu mestre, e erraram menos do que se poderia esperar naquelas circunstâncias.

E, embora tivessem trabalhado o mais rápido possível, o dia começava a raiar antes de todos os brinquedos e presentes serem entregues, então, pela primeira vez em muitos anos, as renas retornaram ao Vale Risonho em plena luz do dia, com o sol brilhante espreitando por sobre a beira da floresta, deixando claro que estavam bem depois de seu horário de costume.

Depois de colocarem as renas no estábulo, os pequenos começaram a se questionar sobre como poderiam resgatar seu mestre, e perceberam que precisavam descobrir, antes de tudo, o que tinha acontecido com ele e onde ele estava.

Assim, Wisk, o elfo, transportou-se para a cabana da Rainha dos Elfos, que ficava bem no coração da Floresta de Burzee, e lá não demorou muito a ficar sabendo sobre os Espíritos malvados e como tinham capturado o bom Papai Noel para que ele não conseguisse fazer as crianças felizes. A Rainha dos Elfos prometeu ajudar, e então, mais forte por causa da ajuda poderosa, Wisk voou de volta para onde Nuter, Peter e Kilter o esperavam, e os quatro se reuniram para fazer planos de resgatar seu mestre dos inimigos.

É possível que o Papai Noel não estivesse feliz como de costume durante a noite após sua captura, pois, embora tivesse fé no bom senso de seus amiguinhos, não conseguia evitar sentir um pouco de preocupação, e um olhar de ansiedade às vezes tomava seus olhos velhinhos e bondosos quando pensava na decepção que aguardava as criancinhas. E os Espíritos, que tomavam conta dele em turnos, um após o outro, não deixaram de zombar do bom velhinho com palavras maldosas sobre sua condição desamparada.

Quando raiou o Dia de Natal, o Espírito da Maldade vigiava o prisioneiro, e sua língua estava mais afiada do que a de qualquer outro.

— As crianças estão acordando, Noel! — ele exclamou. — Estão acordando e encontrando suas meias vazias! Ho, ho! Como vão brigar e espernear, e bater os pés de raiva! Nossas cavernas ficarão cheias hoje, velho Noel! Nossas cavernas com certeza vão ficar cheias!

Mas o Papai Noel não respondeu nem àquelas nem a outras provocações. Estava muito triste por ter sido capturado, é verdade, mas sua coragem não o abandonou. Percebendo que o prisioneiro não replicava suas chacotas, o Espírito da Maldade foi embora, e mandou o Espírito do Arrependimento para tomar o seu lugar.

Este último não era tão desagradável quanto os outros. Era gentil e culto e sua voz tinha um tom suave e agradável.

— Meus irmãos Espíritos não confiam muito em mim — ele disse, entrando na caverna. — Mas é manhã agora, e o mal está feito. Você só pode visitar as crianças outra vez daqui a um ano.

— Isso é verdade — respondeu o Papai Noel, quase alegre. — A Véspera de Natal passou, e pela primeira vez em séculos eu não visitei minhas crianças.

— Os pequenos ficarão muito decepcionados — murmurou o Espírito do Arrependimento, quase lamentando. — Mas não há nada a fazer agora. A mágoa provavelmente vai deixar as crianças egoístas, invejosas e cheias de ódio, e se vierem até as Cavernas dos Espíritos, terei uma chance de guiar algumas para a minha Caverna do Arrependimento.

— Você mesmo nunca se arrepende?

— Oh, sim — respondeu o Espírito. — Agora mesmo estou me arrependendo de ter ajudado na sua captura. Claro que é muito tarde para remediar o mal que foi feito, mas arrependimento, como você sabe, só pode vir depois de um pensamento ou ação ruim, pois no começo não há nada de que se arrepender.

— Eu entendo as coisas assim: aqueles que evitam o mal nunca visitam a sua caverna.

— Como regra, isso é verdade — respondeu o Espírito. — Ainda assim, você, que não fez mal algum, está prestes a visitar minha caverna, pois, como prova de que eu me arrependo sinceramente de minha participação na sua captura, vou permitir que você escape.

Aquele discurso surpreendeu muito o prisioneiro, até ele pensar que isso era justamente o que deveria esperar do Espírito do Arrependimento. O camarada logo se ocupou em desatar os nós que amarravam o Papai Noel e em destrancar as correntes que o prendiam à parede. Guiou-o, então, por um longo túnel, até chegarem à Caverna do Arrependimento.

— Espero que você me perdoe — disse o Espírito, em tom de súplica. — Eu não sou mau de verdade, sabe, e acredito que faço um grande bem ao mundo.

Com isso, ele abriu a porta dos fundos, que deixou a sala inundar-se de luz do sol, e o Papai Noel inspirou o ar fresco, agradecido.

— Eu não tenho maldade — disse ele ao Espírito, com uma voz gentil. — E tenho certeza de que o mundo seria um lugar sombrio sem você. Por isso, bom dia, e um Feliz Natal!

Com aquelas palavras, ele saiu para saudar a manhã clara, e um momento depois caminhava assoviando baixo para si mesmo, a caminho do Vale Risonho.

Marchando pela neve rumo à montanha encontrava-se um exército imenso, composto pelas criaturas mais estranhas imagináveis. Havia uma infinidade de nuques da floresta, de aparência tão desgastada e torta quanto os galhos retorcidos das árvores de que cuidavam. Atrás deles, havia muitas fileiras de duendes, gnomos e ninfas, e atrás mil elfos lindos flutuavam em um belo conjunto.

Aquele maravilhoso exército era guiado por Wisk, Peter, Nuter e Kilter, que o tinham reunido para resgatar o Papai Noel do cativeiro e punir os Espíritos que tinham ousado roubá-lo de suas amadas crianças.

Embora parecessem alegres e pacíficos, os pequenos imortais estavam armados com poderes que seriam terríveis para aqueles que despertassem sua raiva. Tragédia para os Espíritos da Caverna se aquele poderoso exército de vingança algum dia os encontrasse!

Mas, vejam! Vindo ao encontro de seus amigos leais apareceu a figura grandiosa do Papai Noel, com sua barba branca flutuando contra a brisa e seus olhos vivos brilhando com satisfação por aquela prova do amor e da veneração que havia inspirado nos corações das criaturas mais poderosas existentes.

Enquanto todos se amontoavam ao seu redor e dançavam felizes por ele ter voltado seguro, o bom velhinho lhes agradeceu muito pelo apoio. Já Wisk, Nuter, Peter e Kilter ele abraçou afetuosamente.

— É inútil ir atrás dos Espíritos — disse o Papai Noel ao exército. — Eles têm seu lugar no mundo, e nunca podem ser destruídos. Mas é uma pena, mesmo assim.

Com isso, os elfos, os nuques, duendes e rils acompanharam o Papai Noel de volta ao seu castelo e lá o deixaram para conversar sobre os acontecimentos da noite com seus pequeninos assistentes.

Wisk ficou invisível para voar pelo grande mundo e ver como as crianças estavam enfrentando aquela manhã clara de Natal, e, quando voltou, Peter já havia terminado de contar ao Papai Noel como tinham distribuído os brinquedos.

— Fizemos muito bem — exclamou o elfo em um tom satisfeito. — Pois encontrei pouca infelicidade entre as crianças nesta manhã. Mesmo assim você não deve ser capturado outra vez, querido

mestre, pois pode ser que nós não tenhamos tanta sorte de conseguir executar suas ideias.

Relatou, então, os enganos que tinham cometido, e que não haviam descoberto até aquela viagem de inspeção. O Papai Noel imediatamente mandou Wisk com botas de borracha para Charlie Smith e uma boneca para Mamie Brown, para que até aqueles dois entristecidos ficassem felizes.

Quanto aos Espíritos das Cavernas malvados, eles ficaram cheios de raiva e desgosto quando descobriram que o hábil sequestro do Papai Noel chegara ao fim. Na verdade, ninguém naquele Dia de Natal parecia ter ficado egoísta, nem invejoso, nem cheio de ódio. E, percebendo que o santo das crianças tinha tantos amigos poderosos que era burrice lutar contra ele, os Espíritos nunca mais tentaram interferir na jornada do bom velhinho na Véspera de Natal.

A princesa leve

George MacDonald

1864

I. O quê? Sem filhos?

Era uma vez, tanto tempo atrás que já me esqueci da data, um rei e uma rainha que não tinham filhos.

E o rei disse para si mesmo:

— Todas as rainhas que conheço têm filhos, umas têm três, algumas têm sete e outras têm até doze; e minha rainha não tem nem um. Eu me sinto mal aproveitado. — Assim, decidiu ficar zangado com a esposa por isso. Mas ela aceitou tudo, como boa rainha paciente que era. Só que o rei ficou muito zangado de verdade. Mas a rainha fingiu entender tudo como piada, e uma muito boa.

— Por que você não tem pelo menos uma filha? — indagou ele.

— Nem digo filhos; pode ser esperar demais.

— Com certeza, querido rei, sinto muito — disse a rainha.

— Tem que sentir muito mesmo — retrucou o rei. — Você não vai fazer disso uma virtude, é claro.

Mas ele não era um rei mal-humorado e, em pouco tempo, teria permitido, com todo o seu coração, que a rainha fizesse o que queria. Esse, no entanto, era um assunto de estado.

A rainha sorriu.

— Você precisa ter paciência com uma dama, sabe, querido rei — comentou ela.

Ela realmente era de fato uma rainha muito boa e estava muito infeliz por não poder obedecer imediatamente ao rei.

II. Não vou e pronto?

O rei tentou ter paciência, mas fracassou terrivelmente. Foi mais do que ele merecia, portanto, quando, por fim, a rainha lhe deu uma filha — a princesinha mais adorável que já havia chorado.

Aproximou-se o dia em que a criança precisava ser batizada. O rei escreveu todos os convites à mão. Claro que alguém foi esquecido. Mas em geral não importa se alguém é esquecido, contanto que você saiba quem foi. Infelizmente, o rei se esqueceu sem intenção de esquecer; e assim a sorte caiu sobre a Princesa Makemnoit, o que foi constrangedor. A princesa era irmã do rei; e ele não podia ter se esquecido dela. Mas ela fora tão desagradável com o velho rei, pai dos dois, que ele se esquecera de incluí-la no seu testamento; e, assim, não era nenhum espanto o irmão ter se esquecido dela ao redigir os convites. Mas relacionamentos ruins não ajudam ninguém a se lembrar deles. Por que não? O rei não via a água-furtada em que ela morava, não é?

Ela era uma criatura amarga e vingativa. As rugas de desdém se cruzavam com as de impertinência, e seu rosto estava cheio delas, como um maracujá. Se um rei algum dia teve uma justificativa para se esquecer de alguém, este rei tinha uma desculpa para se esquecer da irmã, até mesmo num batizado. Ela também tinha uma aparência muito esquisita. Sua testa era tão larga quanto o resto do rosto e se projetava sobre ele como um precipício. Quando ela sentia raiva, seus olhos ficavam azuis. Quando odiava alguém, eles brilhavam em amarelo e verde. Não sei como ficavam quando ela amava alguém, pois nunca ouvi falar que tivesse amado alguém além de si mesma; e acho que ela não conseguiria nem isso, se não tivesse se acostumado a quem era. Mas o que tornava muito imprudente o rei ter se esquecido dela era o fato de ela ser extremamente inteligente. Na verdade, ela era uma bruxa, e, quando enfeitiçava alguém, a pessoa logo perdia a paciência, pois ela superava a maldade de todas as fadas malvadas e a inteligência de todas as inteligentes. Ela desprezava todos os costumes sobre

os quais lemos na história, em que fadas e bruxas ofendidas se vingam; portanto, depois de esperar e esperar em vão por um convite, ela finalmente decidiu ir sem ser convidada e deixar a família toda infeliz, como a princesa que era.

E assim ela colocou seu melhor vestido, se dirigiu ao palácio, foi gentilmente recebida pelo monarca feliz, que se esqueceu que tinha se esquecido dela, e assumiu seu lugar na procissão até a capela real. Quando estavam todos reunidos ao redor da fonte, ela conseguiu se aproximar e jogar alguma coisa na água; depois disso, manteve uma atitude muito respeitosa até a água ser salpicada no rosto da criança. Mas, naquele instante, ela girou três vezes no mesmo lugar e murmurou as seguintes palavras, alto o suficiente para quem estivesse ao lado escutar:

“De espírito leve pela minha magia
Corpo leve, e nada mais
Qualquer braço humano a carregaria
Mas vai destruir o coração dos pais!”

Todos acharam que ela havia perdido o juízo e estava repetindo uma rima infantil; mas, apesar disso, um calafrio percorreu todas as pessoas. A bebê, por outro lado, começou a rir e gargalhar; enquanto isso, a ama-seca levou um susto e soltou um grito abafado, pois pensou que tinha sofrido uma paralisia: não conseguia sentir a bebê nos próprios braços. Mas ela a segurou com força e não disse nada. A maldade estava feita.

III. Ela não pode ser nossa

A tia abominável tinha despojado a criança de toda a sua gravidade. Se você me perguntar como isso foi feito, respondo: “Do jeito mais fácil do mundo. Ela só precisou destruir a força da gravidade.” Pois a princesa era filósofa e conhecia todos os detalhes das leis da gravidade tão bem quanto os detalhes do cadarço da sua bota. E, sendo também bruxa, ela conseguia revogar essas leis em um instante; ou, pelo menos, atravancar suas rodas e enferrujar seu senso de orientação, de modo que não funcionassem de jeito

nenhum. Mas temos mais a falar sobre o que se seguiu do que sobre como foi feito.

O primeiro constrangimento que resultou dessa privação infeliz foi que, no instante em que a ama-seca começou a balançar a bebê para cima e para baixo, a princesa voou dos seus braços para o teto. Felizmente, a resistência do ar fez seu percurso ascendente ser interrompido a menos de trinta centímetros do teto. E ali ela ficou, horizontal como quando saiu dos braços da ama-seca, chutando e rindo maravilhada. A ama-seca, apavorada, disparou até o sino e implorou ao lacaio, que respondeu ao toque, para que ele levasse uma escada imediatamente até ela. Com todos os membros tremendo, ela subiu a escada e teve que ir até o degrau mais alto e esticar os braços para conseguir pegar a cauda flutuante das compridas roupas da bebê.

Quando o estranho fato se tornou conhecido, houve uma comoção terrível no palácio. A ocasião da descoberta disso pelo rei naturalmente foi uma repetição da experiência da ama-seca. Impressionado por não sentir nenhum peso quando a criança estava nos seus braços, ele começou a balançá-la para cima, e não para baixo, pois ela ascendeu lentamente ao teto como antes, e lá ficou flutuando em conforto e satisfação perfeitos, como atestava o ruído de sua risadinha. O rei ficou em pé, olhando para cima num assombro mudo, e tremeu tanto que a barba parecia grama sob o vento. Por fim, virando-se para a rainha, que estava tão aterrorizada quanto ele, disse, ofegando, encarando e gaguejando:

— Ela não pode ser nossa, rainha!

Ora, a rainha era muito mais esperta do que o rei e já tinha começado a suspeitar que “esse efeito defeituoso tem sua causa”.

— Tenho certeza de que ela é nossa — respondeu a rainha. — Mas devíamos ter tomado mais cuidado com ela no batizado. Pessoas que não foram convidadas não deveriam estar presentes.

— Ó! — disse o rei, batendo com o dedo indicador na testa. — Já entendi tudo. Descobri. Você não está vendo, rainha? A Princesa Makemnoit a enfeitiçou.

— Foi o que eu acabei de dizer — respondeu a rainha.

— Peço perdão, meu amor; não ouvi. John! Traga a escadinha que uso para subir ao trono.

Pois ele era um rei baixinho com um trono grande, como muitos outros reis.

A escadinha do trono foi levada e colocada sobre a mesa de jantar, e John subiu os degraus até o último. Mas não conseguiu alcançar a princesinha, que estava deitada no ar como uma nuvem de risadas de bebê, explodindo continuamente.

— Pegue a pinça, John — disse Sua Majestade; e, subindo na mesa, entregou a ele.

John agora conseguia alcançar a bebê, e a princesinha foi puxada para baixo com a pinça.

IV. Onde ela está?

Num belo dia de verão, um mês depois dessas primeiras aventuras, durante o qual ela fora observada com muito cuidado, a princesa estava deitada na cama nos aposentos da rainha, dormindo profundamente. Uma das janelas estava aberta, pois era meio-dia, e o dia estava tão sufocante que a menininha não estava enrolada em nada menos etéreo do que o próprio sono. A rainha entrou no aposento e, sem ver que a bebê estava na cama, abriu outra janela. Um vento traquinas de fadas, que estava procurando uma chance de fazer uma travessura, entrou disparado por uma janela e, seguindo até a cama onde a criança estava deitada, pegou-a e, rolando e flutuando com ela como uma chaminé ou uma semente de dente-de-leão, carregou-a para longe pela janela oposta. A rainha desceu, ignorando a perda que ela mesma havia causado.

Quando a ama-seca retornou, supôs que Sua Majestade a tinha carregado e, temendo ser repreendida, demorou a perguntar por ela. Mas, sem ouvir nada, ficou inquieta e foi até o boudoir da rainha, onde encontrou Sua Majestade.

— Por favor, Vossa Majestade, devo levar a bebê? — indagou.

— Onde ela está? — perguntou a rainha.

— Por favor, me perdoe. Eu sei que foi errado.

— O que você quer dizer? — indagou a rainha, parecendo séria.

— Ah! Não me assuste, Vossa Majestade! — exclamou a ama-seca, entrelaçando as mãos.

A rainha viu que alguma coisa estava errada e caiu desmaiada. A ama-seca correu pelo palácio, gritando:

— Meu bebê! Meu bebê!

Todos correram até o quarto da rainha. Mas a rainha não conseguia dar nenhuma ordem. Eles logo descobriram, no entanto, que a princesa havia desaparecido e, num instante, o palácio parecia uma colmeia no jardim; e em um minuto a rainha caiu em si ouvindo um grito alto e palmas. Eles tinham encontrado a princesa profundamente adormecida sob um arbusto de rosas, ao qual o travesso sopro de vento a tinha carregado, terminando a traquinagem ao sacudir o arbusto e provocar uma chuva de pétalas de rosas vermelhas sobre a pequena dorminhoca. Assustada com o barulho que os serviçais faziam, ela acordou e, empolgada com a alegria, espalhou as pétalas de rosas em todas as direções, como uma chuva de pétalas no poente.

Depois disso, ela foi vigiada mais de perto, sem dúvida; mas seria impossível relatar todos os incidentes esquisitos resultantes dessa peculiaridade da jovem princesa. No entanto, nunca houve um bebê numa casa, muito menos num palácio, que mantivesse o lar num bom humor tão constante, pelo menos entre os serviçais. Não era fácil as amas-secas a segurarem, mas ela não provocava dor nos braços nem nos corações delas. E era tão divertido jogar bola com ela! Não havia o menor perigo de deixá-la cair. Elas podiam jogá-la para baixo, arremessá-la para baixo, empurrá-la para baixo, mas não conseguiam fazê-la descer. É verdade que havia a possibilidade de deixá-la voar até o fogo ou a chaminé ou janela afora; mas nenhum desses acidentes acontecera até agora. Se você ouvisse risadinhas ressoando de um ponto desconhecido, podia ter certeza do motivo. Ao entrar na cozinha ou no quarto, era possível encontrar Jane e Thomas, e Robert e Susan, todos juntos, jogando bola com a pequena princesa. Ela mesma era a bola e não deixava de gostar do jogo por isso. Lá ia ela, voando de um para o outro, dando risadas agudas. E os serviçais amavam a bola ainda mais do que o jogo. Mas eles tinham que tomar algum cuidado quando a jogavam, porque, se ela fosse jogada para cima, nunca mais desceria sem ser puxada.

V. O que pode ser feito?

Mas na realeza era diferente. Certo dia, por exemplo, depois do café da manhã, o rei foi para sua sala de contagem e contou seu dinheiro. A operação não lhe dava nenhum prazer.

— E pensar — disse para si mesmo — que todas essas moedas de ouro pesam sete gramas e minha princesa real, viva, de carne e osso, não pesa nada!

E ele odiava as moedas de ouro, pousadas ali com um sorriso largo de satisfação nos rostos amarelos.

A rainha estava no salão, comendo pão e mel. Mas, na segunda mordida, ela caiu no choro e não conseguiu engolir.

O rei ouviu seus soluços. Feliz por ter alguém, mas especialmente sua rainha, com quem discutir, ele jogou as moedas de ouro na caixa de dinheiro, colocou a coroa na cabeça e correu até o salão.

— O que está acontecendo?! — exclamou ele. — Por que você está chorando, rainha?

— Não consigo comer — respondeu a rainha, olhando de um jeito deplorável para o pote de mel.

— Não admira! — retrucou o rei. — Você acabou de comer o café da manhã: dois ovos de peru e três anchovas.

— Ah, não é isso! — soluçou Sua Majestade. — É minha filha, minha filha!

— Ora, o que aconteceu com sua filha? Ela não está na chaminé nem no fundo do poço. Ouça a risada dela.

Mas o rei não conseguiu evitar um suspiro, que tentou transformar numa tosse, dizendo:

— É bom ter o coração leve, tenho certeza, seja ela nossa ou não.

— É ruim ter a cabeça leve — respondeu a rainha, olhando com a alma profética para o futuro longínquo.

— É bom ter a mão leve — disse o rei.

— É ruim ter os dedos leves — respondeu a rainha.

— É bom ter os pés leves — disse o rei.

— É ruim ter... — começou a rainha, mas o rei a interrompeu.

— Na verdade — disse ele, com o tom de alguém que conclui uma discussão na qual teve apenas oponentes imaginários e da

qual, portanto, saiu triunfante —, na verdade, é muito bom ter o corpo leve.

— Mas é muito ruim ter a mente leve — retrucou a rainha, que estava começando a perder a calma.

A última resposta frustrou Sua Majestade, que se virou e retornou para a sala de contagem. Mas ele não estava nem na metade do caminho quando a voz da rainha o alcançou.

— E é ruim ter a orelha leve — gritou ela, determinada a ter a última palavra, agora que seu mau humor tinha sido despertado.

Ora, todos sabiam que o rei odiava todas as observações espirituosas, especialmente os trocadilhos. Além do mais, ele não conseguiu distinguir se a rainha tinha falado orelha leve ou herdeira leve, porque ela costumava trocar as letras quando estava irritada.

Ele se virou de novo e voltou até ela. A rainha ainda parecia irritada, porque sabia que era culpada ou sabia que ELE achava isso, o que dava no mesmo.

— Minha querida rainha — disse ele —, todo tipo de duplicidade é excessivamente repreensível entre pessoas casadas de qualquer posição, ainda mais entre reis e rainhas; e a forma mais repreensível que a duplicidade pode assumir é a dos trocadilhos.

— Pronto! — disse a rainha. — Não fiz uma piada, mas a interrompi no meio do caminho. Sou a mulher mais infeliz do mundo!

Ela parecia tão deplorável que o rei a abraçou; e eles se sentaram para conversar.

— Você consegue aguentar isso? — perguntou o rei.

— Não — respondeu a rainha.

— Bem, o que se pode fazer? — indagou o rei.

— Tenho certeza de que não sei — disse a rainha. — Mas você não pode tentar pedir desculpas?

— À minha irmã mais velha, imagino que seja sua intenção? — perguntou o rei.

— Sim — disse a rainha.

— Bem, eu não me importo — disse o rei.

E assim, na manhã seguinte, ele foi até a casa da princesa e, fazendo um pedido de desculpas muito humilde, implorou que ela desfizesse o feitiço. Mas a princesa declarou, com o rosto sério, que não sabia nada sobre aquilo. Seus olhos, no entanto, brilharam cor-

de-rosa, um sinal de que ela estava feliz. Ela aconselhou o rei e a rainha a terem paciência e a se corrigirem. O rei voltou desconsolado. A rainha tentou consolá-lo.

— Vamos esperar até ela crescer. Ela mesma pode ser capaz de sugerir alguma coisa. Pelo menos ela vai saber como se sente e nos explicar as coisas.

— Mas e se ela se casar? — exclamou o rei, numa súbita consternação com a ideia.

— O que tem? — retrucou a rainha.

— Pense bem! Se ela tiver filhos! Daqui a cem anos o ar pode estar tão cheio de crianças flutuantes quanto de teias de aranha no outono.

— Isso não é da nossa conta — respondeu a rainha. — Além do mais, até lá, elas vão ter aprendido a tomar conta de si mesmas.

Um suspiro foi a única resposta do rei.

Ele poderia ter consultado os médicos da corte; mas tinha medo de eles fazerem experimentos com ela.

VI. Ela ri demais

Enquanto isso, apesar das ocorrências desastradas e das tristezas que ela provocava nos pais, a pequena princesa ria e crescia — não gorda, mas rechonchuda e alta. Ela chegou aos dezessete anos sem ter caído em nenhuma desgraça pior do que uma chaminé; quando a resgataram dali, um filhote de pássaro no ninho conquistou fama e uma cara preta. Por mais que fosse imprudente, ela também não havia cometido nada pior do que rir para tudo e para todos que apareciam no seu caminho. Quando lhe disseram, para testar, que o general Clanrunfort tinha sido esquartejado com seus soldados, ela riu; quando ouviu que o inimigo estava a caminho para sitiá-la a capital do papai, ela riu ainda mais; mas, quando lhe disseram que a cidade certamente seria abandonada à mercê dos soldados do inimigo — bem, ela riu sem parar. Ela nunca conseguia ver o lado sério de nada. Quando a mãe chorava, ela dizia:

— Que expressões estranhas a mamãe faz! E espreme água das bochechas? Mamãe engraçada!

E quando o pai se irritava com ela, a princesa ria e dançava ao redor dele, batendo palmas e gritando:

— Faça de novo, papai. Faça de novo! É MUITO divertido! Querido papai engraçado!

E, se ele tentasse pegá-la, ela escapulia num instante, sem o menor medo, mas pensando que não ser pega fazia parte do jogo. Com um impulso do pé, ela flutuava no ar acima da cabeça dele; ou saía dançando para trás e para a frente e para o lado, como uma grande borboleta. Aconteceu várias vezes, quando o pai e a mãe estavam conversando sobre ela em particular, de eles serem interrompidos por acessos de riso reprimidos em vão sobre a cabeça dos dois; e, ao olharem para cima, indignados, a viram flutuando totalmente sobre eles, olhando para os dois com a melhor vista cômica daquela posição.

Certo dia, um acidente desastrado aconteceu. A princesa tinha saído para o gramado com uma de suas acompanhantes, que a segurava pela mão. Vendo o pai do outro lado do gramado, ela soltou a mão da criada e disparou em direção a ele. Bem, quando ela queria correr sozinha, costumava pegar uma pedra em cada mão, para conseguir descer de novo depois de quicar. As roupas que ela usava não tinham nenhum efeito desse tipo: até mesmo o ouro, quando se transformava numa parte dela, perdia todo o seu peso por um tempo. Mas o que ela segurava com as mãos conservava sua tendência a descer. Nessa ocasião, ela não viu nada para pegar, exceto um sapo enorme que estava atravessando o gramado como se tivesse cem anos para fazer isso. Sem saber o que significava nojo, pois essa era uma de suas peculiaridades, ela agarrou o sapo e seguiu quicando. Tinha quase chegado até o pai, e ele estava estendendo os braços para recebê-la e roubar dos seus lábios o beijo que pairava entre eles como uma borboleta num botão de rosa, quando uma lufada de vento a soprou para o lado, para os braços de um jovem pajem que estava recebendo uma mensagem de Sua Majestade. Bem, não era uma grande peculiaridade na princesa o fato de que, depois que começava, ela sempre demorava e tinha dificuldades para se controlar. Nessa ocasião, não houve tempo. Ela precisava beijar — e beijou o pajem. Ela não se importou muito, pois não havia nenhuma timidez na sua formação; além do

mais, ela sabia que não conseguiria evitar. Assim, ela simplesmente riu, como uma caixa de músicas. O pobre pajem temeu o pior. Pois a princesa, tentando corrigir a infeliz direção do beijo, estendeu as mãos para se afastar do pajem; de modo que, junto com o beijo, ele recebeu, na outra bochecha, uma bofetada com o enorme sapo preto, que ela enfiou no olho dele. O pajem também tentou rir, mas a tentativa resultou numa estranha deformação do seu semblante, mostrando que não havia risco de ele se gabar do beijo. Quanto ao rei, sua dignidade foi muito ferida, e ele não falou com o pajem por um mês inteiro.

Posso comentar aqui que foi muito divertido vê-la correr, se é que seu modo de progressão podia ser chamado de corrida. Pois primeiro ela quicava; depois, com um salto, ela corria alguns passos e quicava de novo. Às vezes ela achava que tinha alcançado o chão antes de realmente alcançar, e seus pés iam para a frente e para trás, correndo no ar, como os de uma galinha de barriga para cima. E então ela ria como o próprio espírito da alegria; só que faltava alguma coisa no seu riso. O que era, eu mesmo não sou capaz de descrever. Acho que era um certo tom, dependendo da possibilidade de tristeza — MORBIDEZ, talvez. Ela nunca sorria.

VII. Experimente a metafísica

Depois de evitar por muito tempo o assunto doloroso, o rei e a rainha decidiram criar um conselho com três pessoas; e mandaram chamar a princesa. Ela entrou, deslizando e esvoaçando e planando de um móvel para outro, e por fim se sentou numa poltrona. Não pretendo determinar se era possível dizer que ela se sentava, já que não recebia nenhum apoio do assento da cadeira.

— Minha querida filha — disse o rei —, a esta altura, você já deve ter percebido que não é exatamente como as outras pessoas.

— Ah, querido papai engraçado! Tenho um nariz e dois olhos e todo o resto. Você também. A mamãe também.

— Minha querida, por favor, fique séria uma vez na vida — disse a rainha.

— Não, obrigada, mamãe; prefiro não.

— Você não gostaria de ser capaz de andar como as outras pessoas? — indagou o rei.

— Claro que não, não mesmo. Vocês só rastejam. Vocês são carruagens lentas!

— Como você se sente, minha filha? — continuou ele, depois de uma pausa embaraçosa.

— Muito bem, obrigada.

— Quero dizer, como é a sensação?

— Nenhuma, que eu saiba.

— Você deve sentir alguma coisa.

— Eu me sinto uma princesa com um papai muito engraçado e uma mamãe rainha muito boazinha e querida!

— Deveras! — começou a rainha, mas a princesa a interrompeu.

— Ah, sim — acrescentou ela —, eu me lembro. Às vezes tenho uma sensação curiosa, como se eu fosse a única pessoa do mundo todo que tem algum juízo.

Ela estava tentando se comportar com dignidade; mas explodiu numa crise de riso, se jogou para trás por cima da cadeira e saiu rolando no chão num êxtase de prazer. O rei a pegou com mais facilidade do que se pega uma coberta de plumas e a recolocou na relação anterior à poltrona. A preposição exata para expressar essa relação eu não sei.

— Não há nada que você deseje? — continuou o rei, que, a esta altura, tinha aprendido que era inútil ficar com raiva dela.

— Ah, querido papai! Sim! — respondeu ela.

— O que é, minha querida?

— Desejo isso há muito tempo! Desde ontem à noite.

— Diga-me o que é.

— Você promete que vai me dar?

O rei estava prestes a dizer sim, mas a rainha, mais sábia, o impediu com um movimento da cabeça.

— Diga-me o que é primeiro — pediu ele.

— Não, não. Prometa primeiro.

— Não ousa. O que é?

— Preste atenção, pois vou cobrar essa promessa. É... é ser amarrada à ponta de uma corda... uma corda muito comprida, e ser lançada como uma pipa. Ah, que divertido! Eu faria chover água de

rosas e lançaria ameixas açucaradas e faria nevar chantilly e... e... e...

Uma crise de riso a atingiu; e ela teria saído voando de novo se o rei não tivesse dado um pulo para pegá-la bem a tempo. Vendo que não ia conseguir nada dela além de conversa, ele tocou o sino e a mandou embora com duas damas de companhia.

— Bem, rainha — disse ele, virando-se para Sua Majestade —, o QUE podemos fazer?

— Só há mais uma coisa a fazer — respondeu ela. — Vamos consultar o colegiado de metafísicos.

— Bravo! — gritou o rei. — Vamos fazer isso.

Na liderança desse colegiado, havia dois filósofos chineses muito sábios, chamados Hum-Drum e Kopy-Keck. O rei mandou chamá-los; e eles logo chegaram. Num discurso longo, ele comunicou aos dois o que eles já sabiam muito bem — quem não? —, ou seja, a condição peculiar de sua filha em relação ao globo em que vivia; e pediu aos dois que se reunissem para descobrir qual seria a causa e a possível cura para a INFIRMIIDADE. O rei destacou a palavra, mas não percebeu seu próprio trocadilho. A rainha riu; mas Hum-Drum e Kopy-Keck ouviram com humildade e se retiraram em silêncio.

A consulta consistia principalmente em propor e apoiar, pela milésima vez, cada uma de suas teorias preferidas. O fato era que a condição da princesa proporcionava um escopo delicioso para a discussão de todas as questões advindas da divisão do pensamento — na verdade, de toda a metafísica do Império Chinês. Mas é apenas justo dizer que eles não negligenciavam totalmente a discussão da questão prática, do que devia ser feito.

Hum-Drum era materialista, e Kopy-Keck era espiritualista. O primeiro era lento e judicioso; o último era rápido e excêntrico; o último geralmente tinha a primeira palavra; o primeiro tinha a última.

— Reafirmo minha afirmativa anterior — começou Kopy-Keck, arriscando. — Não existe nenhum defeito no corpo ou na alma da princesa; eles só são mal encaixados. Escute-me agora, Hum-Drum, e vou lhe dizer um resumo do que penso. Não fale. Não me responda. Não vou ouvi-lo até eu terminar. Naquele momento decisivo, quando as almas buscam suas habitações designadas,

duas almas ávidas se encontraram, se bateram, ricochetearam, perderam o caminho e chegaram ao lugar errado. A alma da princesa era uma dessas, e ela se extraviou muito. Ela não pertence a este mundo por direito, mas a algum outro planeta, provavelmente Mercúrio. O pendor à sua verdadeira esfera destrói toda a influência natural que esta orbe teria sobre a estrutura corpórea dela. A princesa não se importa com nada aqui. Não há nenhuma relação entre este mundo e o dela.

“Assim, ela deve ser ensinada, pela compulsão mais severa, a ter interesse na Terra pela Terra. Ela deve estudar cada departamento de nossa história: a história animal, a história vegetal, a história mineral, a história social, a história moral, a história política, a história científica, a história literária, a história musical, a história artística e, acima de tudo, a história metafísica. Ela deve começar com a dinastia chinesa e terminar com o Japão. Mas, antes de tudo, ela deve estudar geologia, especialmente a história das raças extintas de animais: suas naturezas, seus hábitos, seus amores, seus ódios, suas vinganças. Ela deve...”

— Espere, espe-e-e-ere! — rugiu Hum-Drum. — Certamente é minha vez agora. Minha convicção arraigada e indestrutível é que as causas das anomalias evidentes na condição da princesa são estrita e unicamente físicas. Mas isso só equivale a reconhecer que elas existem. Ouça minha opinião. Por uma razão ou outra, sem nenhuma importância para nossa investigação, o movimento do coração dela foi invertido. A combinação notável da bomba de sucção e de força funciona do jeito errado; quero dizer, no caso da infeliz princesa: ele puxa para dentro quando deveria empurrar e empurra para fora quando deveria puxar. As funções dos átrios e dos ventrículos estão invertidas. O sangue é enviado pelas veias e volta pelas artérias. Consequentemente, ele corre no sentido contrário por todo o organismo corpóreo dela, nos pulmões e tudo. Desse modo, será que é misterioso, se for o caso, considerando a parte específica da gravidade, ela diferir da humanidade normal? Minha proposta de cura é a seguinte:

“Sangrá-la até ela ser reduzida ao último ponto de segurança. Que isso seja feito, se necessário, numa banheira de água quente. Quando ela for reduzida a um estado de perfeita asfixia, aplicar uma

ligadura ao tornozelo esquerdo, apertando até quando o osso aguentar. Aplicar, no mesmo instante, outra de igual tensão no pulso direito. Com placas construídas para esse propósito, colocar o outro pé e a outra mão sob os receptáculos de duas bombas de ar. Exaurir os receptáculos. Juntar meio litro de conhaque francês e esperar o resultado.”

— Que, no momento, chegaria na forma de uma morte implacável — disse Kopy-Keck.

— Se isso acontecer, ela vai morrer fazendo o nosso trabalho — retrucou Hum-Drum.

Mas Suas Majestades tinham carinho demais pela sua prole volátil para sujeitá-la a um dos esquemas de filósofos igualmente inescrupulosos. Na verdade, o conhecimento mais completo das leis da natureza não teria servido, nesse caso, pois era impossível classificá-la. Ela era um quinto corpo imponderável, compartilhando todas as outras propriedades do ponderável.

VIII. Experimente uma gota d'água

Talvez a melhor coisa para a princesa teria sido cair de amores por alguém. Mas como uma princesa sem nenhuma gravidade poderia cair de algum jeito é uma dificuldade — talvez A dificuldade.

Quanto aos sentimentos dela em relação ao assunto, a princesa nem sabia que havia essa colmeia de mel e ferrões na qual cair. Mas agora vou mencionar outro fato curioso sobre ela.

O palácio era construído nas margens do lago mais lindo do mundo; e a princesa amava esse lago mais do que o pai e a mãe. A raiz dessa preferência, sem dúvida, embora a princesa não reconhecesse isso, era que, no instante em que entrou no lago, ela recuperou o direito natural do qual tinha sido privada com tanta maldade — a saber, a gravidade. Não sei se isso se devia ao fato de que a água tinha sido usada como meio de transferência do seu problema. Mas é certo que ela conseguia nadar e mergulhar como o pato que sua velha ama-seca dizia que ela era. Esse alívio do seu infortúnio foi descoberto da seguinte maneira:

Num entardecer de verão, durante a feira rural, ela tinha sido levada até o lago pelo rei e pela rainha na barca real. Estavam

acompanhados de muitos cortesãos numa frota de pequenos barcos. No meio do lago, ela quis ir para a barca do lorde chanceler, pois a filha dele, que era muito sua amiga, estava ali com o pai. Bem, embora o rei raramente se rebaixasse a fazer graça de seu infortúnio, por acaso nessa ocasião ele estava com um humor especialmente bom e, quando as barcas se aproximaram, ele pegou a princesa para jogá-la na barca do chanceler. No entanto, ele perdeu o equilíbrio e, caindo no fundo da barca, soltou a filha; mas não sem antes impor a ela a tendência descendente de seu próprio corpo, mas numa direção um pouco diferente, pois, embora o rei tivesse caído no barco, ela caiu na água. Com uma explosão de riso deleitado, ela desapareceu no lago. Um grito de pavor ascendeu dos barcos. Eles nunca tinham visto a princesa descer. Metade dos homens estava embaixo d'água em um instante; mas todos, um após o outro, subiram à superfície de novo para respirar, quando — *plim, plim, blá e chuá!* — veio o riso da princesa de longe sobre a água. Lá estava ela, nadando como um cisne. Ela não saía nem pelo rei, nem pela rainha, nem pelo chanceler, nem pela filha dele. Estava perfeitamente obstinada.

Mas, ao mesmo tempo, parecia mais tranquila do que nunca. Talvez porque um grande prazer estraga a risada. Em todos os eventos, depois desse, a paixão da vida dela era entrar na água, e ela ficava cada vez mais comportada e mais linda quanto mais fazia isso. O verão e o inverno eram quase iguais; só que ela não podia ficar tanto tempo na água quando eles precisavam quebrar o gelo para ela poder entrar. Todo dia, da manhã até o entardecer no verão, ela podia ser vista — uma faixa branca na água azul — deitada imóvel como a sombra de uma nuvem ou disparando como um golfinho; desaparecendo e surgindo de novo bem longe, onde ninguém esperava vê-la. Ela ficaria no lago à noite também, se conseguisse convencer os pais, pois a sacada da sua janela ficava sobre uma piscina profunda no lago; e, através de uma passagem rasa cheia de junco, ela poderia sair nadando até a ampla massa de água e ninguém seria mais discreta do que ela. Na verdade, quando ela acordava sem querer sob o luar, mal conseguia resistir à tentação. Mas havia a triste dificuldade de conseguir chegar lá. A princesa tinha tanto medo do ar quanto algumas crianças têm da

água. Pois a mais leve lufada de vento a sopraria para longe; e uma lufada podia surgir no momento mais imóvel. E, se ela desse um impulso em direção à água e simplesmente não conseguisse alcançá-la, sua situação seria pavorosamente constrangedora, independente do vento; pois no mínimo ela teria que ficar suspensa, de camisola, até ser vista e puxada por alguém da janela.

— Ah, se eu tivesse minha gravidade! — pensava ela, contemplando a água. — Eu sairia dessa sacada como uma comprida ave marítima branca, caindo de cabeça na adorada umidade. Ah, que delícia!

Essa era a única consideração que a fazia desejar ser como as outras pessoas.

Outro motivo para ela gostar da água era que, ali dentro, ela aproveitava a liberdade. O fato era que ela não podia andar sem um cortejo, que consistia, em parte, de uma tropa de cavalos leves, por medo das liberdades que o vento podia ter com ela. E o rei ficou mais apreensivo conforme os anos passaram, até que, por fim, não permitia que ela saísse sem cerca de vinte cordas de seda amarradas ao máximo de partes do vestido e seguradas por vinte nobres. Claro que andar a cavalo estava fora de cogitação. Mas ela dava adeus a toda essa cerimônia quando entrava na água.

E os efeitos sobre ela eram tão extraordinários, especialmente por restaurá-la por um tempo à gravidade humana ordinária, que Hum-Drum e Kopy-Keck concordaram em recomendar ao rei que a enterrasse viva durante três anos na esperança de que, já que a água lhe fazia tão bem, a terra fizesse um bem ainda maior. Mas o rei tinha um certo preconceito vulgar contra o experimento e não deu seu consentimento. Frustrados com isso, eles concordaram com outra recomendação; o que, vendo que um importava suas opiniões da China e outro do Tibete, era realmente notável. Eles argumentaram que, se a água de origem e aplicação externas eram tão eficazes, a água de uma fonte mais profunda poderia ser a cura perfeita; em resumo, se alguém conseguisse fazer a pobre princesa aflita chorar, ela poderia recuperar a gravidade perdida.

Mas como isso poderia ser feito? Aí estava toda a dificuldade — e os filósofos não eram sábios o suficiente para resolvê-la. Fazer a princesa chorar era tão impossível quanto fazê-la ter peso. Eles

mandaram buscar um mendigo profissional; ordenaram que ele preparasse seu discurso de desgraça mais comovente, levaram-no até o baú de fantasias da corte para ele escolher o que queria vestir e prometeram grandes recompensas se ele tivesse sucesso. Mas foi tudo em vão. Ela ouviu a história do artista mendicante e contemplou sua maquiagem incrível até não conseguir mais se conter e começou as contorções mais indignas para se aliviar, guinchando, berrando muito de tanto rir.

Quando se recuperou um pouco, ela ordenou que seus acompanhantes o levassem embora e não lhe deu uma única moeda de cobre; e o olhar de embaraço mortificado dele provocou a punição dela e a vingança dele, pois a lançou numa histeria violenta, da qual ela teve dificuldades de se recuperar.

Mas o rei estava tão ansioso para testar a sugestão de maneira justa que aproveitou a própria ira um dia e, correndo até o quarto dela, deu-lhe uma surra de chicote. Mesmo assim, nem uma lágrima escorreu. Ela pareceu séria, e a risada soou incomumente como um grito — só isso. O bom e velho tirano, embora colocasse seus melhores óculos para analisar, não descobriu nem uma pequena nuvem no azul sereno dos olhos dela.

IX. Deixe-me entrar de novo

Deve ter sido mais ou menos nessa época que o filho de um rei que morava a mil quilômetros de Lagobel saiu para procurar a filha de uma rainha. Ele viajou muito, mas, assim que encontrava uma princesa, também encontrava uma falha nela. Claro que ele não podia se casar com uma mulher simples, por mais que fosse bonita; e não havia nenhuma princesa digna dele. Não pretendo comentar se o príncipe era tão próximo da perfeição que tinha o direito de exigir a perfeição. Tudo que sei é que era um jovem gentil, bonito, corajoso, generoso, bem-nascido e bem-comportado, como todos os príncipes.

Nas suas perambulações, ele soube de alguns relatos sobre a nossa princesa; mas, como todos diziam que ela era enfeitiçada, nunca sonhou que ela pudesse enfeitiçá-lo. Pois o que um príncipe podia fazer com uma princesa que tinha perdido a gravidade? Quem

poderia dizer o que ela ia perder em seguida? Ela podia perder a visibilidade ou a tangibilidade; ou, em resumo, o poder de provocar impressões sobre o sensório radical; de modo que ele nunca seria capaz de dizer se ela estava viva ou morta. Claro que ele não fez mais pesquisas sobre ela. Certo dia, ele perdeu seu séquito de vista numa grande floresta. Essas florestas eram muito úteis para afastar príncipes de seus cortesãos, como uma peneira que separa o farelo do trigo. E assim os príncipes fogem para seguir seus destinos. Desse modo, eles têm vantagem sobre as princesas, que são obrigadas a se casar antes de terem um pouco de diversão. Eu gostaria que nossas princesas se perdessem numa floresta de vez em quando.

Num anoitecer agradável, depois de vagar por muitos dias, ele descobriu que estava se aproximando das cercanias da floresta, pois as árvores ficaram tão finas que ele conseguia ver o pôr do sol através delas; e ele logo chegou a um tipo de charneca. Em seguida, viu sinais de regiões com seres humanos, mas já estava ficando tarde e não havia ninguém nos campos para orientá-lo.

Depois de viajar por mais uma hora, seu cavalo, já esgotado com o trabalho prolongado e a falta de alimento, caiu e não conseguiu mais se levantar. E assim ele continuou a jornada a pé. Por fim, ele entrou em outra floresta — não uma selvagem, mas uma civilizada, através da qual uma trilha o conduziu até a margem de um lago. Por essa trilha, o príncipe seguiu seu caminho pela crescente escuridão. De repente, fez uma pausa e ouviu. Sons estranhos vinham por sobre a água. Na verdade, era a princesa rindo. Mas havia alguma coisa esquisita na risada, como já dei a entender; o fato é que a gestação de uma risada realmente sincera precisa da incubação da gravidade, e talvez por isso o príncipe tenha interpretado a risada como um grito. Olhando por sobre o lago, ele viu uma coisa branca na água; e, num instante, tinha rasgado a túnica, tirado as sandálias e mergulhado. Ele logo chegou ao objeto branco e descobriu que era uma mulher. Não havia luz suficiente para mostrar que era uma princesa, mas o suficiente para mostrar que era uma dama, pois não é necessário ter muita luz para ver isso.

Bem, não sei dizer como aconteceu — se ela fingiu estar se afogando ou se ele a assustou ou a pegou de um jeito que a deixou

envergonhada —, mas ele certamente a levou até a margem de um jeito humilhante para um nadador, e mais perto de estar afogada do que ela jamais esperou, pois a água tinha entrado na garganta, enquanto ela tentava falar.

No local ao qual ele a levou, a margem ficava a uns trinta ou sessenta centímetros acima da água; e ele a empurrou para fora da água, para colocá-la na margem. Mas, como sua gravidade desapareceu no instante em que saiu da água, ela subiu pelos ares, reclamando e berrando.

— Seu homem mau, mau, MAU, MAU! — gritou ela.

Ninguém jamais conseguira deixá-la com raiva. Quando o príncipe a viu subindo, pensou que tinha sido enfeitiçado e que confundira um grande cisne com uma dama. Mas a princesa agarrou o cone mais alto de um abeto imponente. O cone se soltou, mas ela segurou outro; e, na verdade, conseguiu parar segurando os cones, soltando-os conforme os caules cediam. Enquanto isso, o príncipe ficou na água, encarando e se esquecendo de sair. Mas, quando a princesa desapareceu, ele cambaleou para a margem e foi na direção da árvore. Lá ele a encontrou descendo de um dos galhos em direção ao tronco. Mas, na escuridão da floresta, o príncipe continuou perplexo sem saber que fenômeno era aquele; até que, alcançando o chão e o vendo parado ali, ela o segurou e disse:

— Vou contar ao papai.

— Ah, não, você não vai fazer isso! — retrucou o príncipe.

— Vou, sim — insistiu ela. — Por que você me tirou da água e me jogou para cima? Nunca fiz nenhum mal a você.

— Desculpe. Eu não quis machucá-la.

— Não acredito que você tenha um cérebro; e isso é uma perda pior do que sua gravidade desprezível. Tenho pena de você.

E assim o príncipe percebeu que tinha encontrado a princesa enfeitiçada e já a tinha ofendido. Mas, antes que ele conseguisse pensar no que dizer, ela explodiu com raiva, batendo o pé de um jeito que a teria feito sair voando de novo se ela não estivesse segurando o braço dele.

— Coloque-me de volta.

— Colocá-la de volta onde, belezura? — indagou o príncipe.

Ele já tinha quase se apaixonado por ela, pois a raiva da princesa a deixava mais charmosa do que jamais se vira; e, até onde ele conseguia ver, e certamente não era muito longe, ela não tinha nenhum defeito, exceto, é claro, o fato de não ter nenhuma gravidade. Mas nenhum príncipe jamais julgaria uma princesa pelo peso. Ele não estimaria a beleza do pé dela pela profundidade da impressão que deixaria na lama.

— Colocá-la de volta onde, belezura? — repetiu o príncipe.

— Na água, seu idiota! — respondeu a princesa.

— Venha, então — disse o príncipe.

O estado do vestido dela, aumentando sua dificuldade habitual para andar, a obrigava a se agarrar a ele; e o príncipe não conseguiu se convencer de que não estava num sonho encantador, apesar do fluxo de abuso musical com o qual ela o oprimia. Como o príncipe não estava com pressa, eles foram para outra parte do lago, onde a margem ficava a pelo menos sete metros de altura; e, quando eles chegaram à borda, ele se virou para a princesa e perguntou:

— Como devo colocá-la na água?

— Isso é problema seu — respondeu ela, com a língua afiada. — Você me tirou, agora me coloque de volta.

— Muito bem — disse o príncipe; e, pegando-a nos braços, saltou com ela da rocha. A princesa só teve tempo de dar um gritinho satisfeito de risada antes que a água se fechasse sobre eles. Quando os dois voltaram à tona, ela descobriu que, por um instante ou dois, não conseguia nem rir, pois tinha descido tão rápido que teve dificuldade para recuperar o fôlego. No instante em que eles chegaram à superfície:

— Você gostou de cair? — perguntou o príncipe.

Depois de algum esforço, a princesa ofegou:

— É isso que você chama de CAIR?

— É — respondeu o príncipe —, acho que é um exemplo bem tolerável.

— Parecia que eu estava subindo — respondeu ela.

— Minha sensação certamente também foi de elevação — concordou o príncipe.

A princesa não pareceu entendê-lo, pois repetiu a pergunta dele:

— VOCÊ gostou de cair? — perguntou a princesa.

— Mais que tudo — respondeu ele —, pois caí com a única criatura perfeita que já vi.

— Chega disso: estou cansada dessas coisas — disse a princesa.

Talvez ela compartilhasse a aversão do pai por trocadilhos.

— Você não gostou de cair, então? — perguntou o príncipe.

— Foi a diversão mais encantadora que já tive na vida — respondeu ela. — Eu nunca tinha caído. Queria poder aprender. E pensar que sou a única pessoa no reino do meu pai que não consegue cair!

E, nesse momento, a princesa quase pareceu triste.

— Eu ficaria muito feliz de cair com você sempre que você quisesse — disse o príncipe de um jeito afeiçoado.

— Obrigada. Não sei. Talvez não seja adequado. Mas não me importo. Em todo caso, já que caímos, vamos nadar juntos?

— Com todo o meu coração — respondeu o príncipe.

E lá foram eles, nadando e mergulhando e flutuando, até que por fim ouviram gritos na margem e viram luzes iluminando em todas as direções. Já era bem tarde e não havia nenhuma lua.

— Preciso ir para casa — disse a princesa. — Sinto muito, porque isso é encantador.

— Também acho — retrucou o príncipe. — Mas fico feliz por não ter uma casa para onde ir; pelo menos, não sei exatamente onde ela está.

— Eu queria não ter uma também — concordou a princesa. — Isso é tão idiota! Tive uma ótima ideia — continuou ela — para enganar todos eles. Por que eles não podem me deixar em paz? Eles não confiam em mim no lago nem por uma noite! Está vendo aquela luz verde? É a janela do meu quarto. Bem, se você nadar comigo até lá em silêncio e, quando estivermos sob a sacada, me der um empurrão para cima como fez pouco tempo atrás, devo conseguir agarrar a sacada e entrar pela janela; e assim eles podem me procurar até amanhã de manhã!

— Com mais obediência do que prazer — disse o príncipe, cheio de galanteios; e os dois nadaram com muita delicadeza.

— Você vai estar no lago amanhã à noite? — o príncipe se arriscou a perguntar.

— Com certeza estarei. Acho que não. Talvez. — Essa foi a resposta meio estranha da princesa.

Mas o príncipe era inteligente o suficiente para não a pressionar mais; e simplesmente sussurrou, enquanto dava o empurrão de despedida:

— Não conte a ninguém.

A única resposta da princesa foi um olhar malandro. Ela já estava a um metro acima da cabeça dele. O olhar parecia dizer: *Não tema. É uma diversão boa demais para estragar desse jeito.*

Ela ficava tão perfeitamente parecida com as outras pessoas na água que até o príncipe mal acreditou nos próprios olhos quando a viu ascender lentamente, agarrar a sacada e desaparecer do outro lado da janela. Ele se virou, quase esperando ainda vê-la ao seu lado. Mas estava sozinho na água. Ele então se afastou nadando em silêncio e observou as luzes vagando pela margem durante horas depois que a princesa estava segura nos seus aposentos. Assim que eles desapareceram, ele foi procurar sua túnica e sua espada e, depois de alguns problemas, encontrou seus pertences. Em seguida, contornou o lago até o outro lado. Ali a floresta era mais selvagem, e a margem era mais íngreme, subindo imediatamente em direção às montanhas que cercavam o lago por todos os lados, e lançava cursos d'água prateados da manhã à noite e durante toda a noite. Ele encontrou um espaço de onde conseguia ver a luz verde no quarto da princesa e onde, mesmo à luz do dia, ele não corria o risco de ser visto da margem oposta. Era um tipo de caverna na rocha, onde ele arrumou uma cama de folhas secas e se deitou, cansado demais para que a fome o mantivesse acordado. A noite toda ele sonhou que estava nadando com a princesa.

X. Olhe para a lua

Na manhã seguinte, bem cedo, o príncipe saiu para procurar alguma coisa para comer, que logo achou numa cabana na floresta, onde, nos dias seguintes, encontrou tudo que um príncipe corajoso consideraria necessário. E, tendo o suficiente para mantê-lo vivo no

momento, ele não pensaria em necessidades que ainda não existiam. Sempre que a preocupação se intrometia, esse príncipe a afastava com uma reverência muito principesca. Quando voltou do café da manhã para sua caverna de observação, viu a princesa já boiando no lago, vigiada pelo rei e pela rainha, que ele reconheceu pelas coroas — e uma grande companhia em pequenos barcos adoráveis, com coberturas em todas as cores do arco-íris, e bandeiras e faixas de muitas outras cores. Era um dia muito claro, e logo o príncipe, acalorado, começou a ansiar pela água fria e pela princesa fria. Mas tinha que aguentar até o crepúsculo, pois os barcos tinham provisões a bordo e o grupo animado só começava a desaparecer quando o sol baixava. Um barco atrás do outro se afastou para a margem, seguindo o do rei e da rainha, até que apenas um, aparentemente o da própria princesa, continuou ali. Mas ela ainda não queria ir para casa, e o príncipe achou que a vira ordenar que o barco fosse para a margem sem ela. Em todo caso, o barco se afastou; e agora, de toda a companhia radiante, só restava um ponto branco. E o príncipe começou a cantar. E a canção era assim:

“Bela dama,
Cisne a nadar,
Erga os olhos,
Ofusque o luar
Pelo poder
Desse teu olhar.

Braços brancos,
Remos de neve,
Venha até aqui,
Seja breve.
Venha até aqui,
Suave e leve.

Flutua atrás dela
Sobre o lago,
Uma brancura radiante!
Em seu rastro,
Segue a donzela
Que flutua distante!

Gotas azuis
Prendem-se a ela,
Não podem partir;
Não podem deixá-la,
Frias e sinceras,
Só querem beijá-la.

Me levem também,
Águas tristes,
Que tiveram de deixá-la.
Façam-me feliz,
Pois ao menos tiveram
A sorte de beijá-la.”

Antes de terminar a canção, a princesa estava logo abaixo do local onde ele se sentou, olhando para cima para procurá-lo. Seus ouvidos a tinham conduzido.

— Gostaria de uma queda, princesa? — perguntou o príncipe, olhando para baixo.

— Ah, aí está você. Sim, por favor, príncipe — respondeu a princesa, olhando para cima.

— Como você sabe que sou um príncipe, princesa? — indagou o príncipe.

— Porque você é um jovem muito simpático, príncipe — disse a princesa.

— Suba, então, princesa.

— Venha me buscar, príncipe.

O príncipe tirou seu lenço de pescoço, depois o cinto da espada, a túnica e os amarrou todos juntos, baixando-os até a água. Mas a corda era curta demais. Ele desamarrou o turbante e acrescentou ao resto, que ficou quase com o comprimento suficiente; e a bolsa completou. A princesa conseguiu segurar o nó e chegou ao lado dele num instante. Essa rocha era muito mais alta que a outra, e o borrifo e o mergulho foram incríveis. A princesa estava em êxtase de prazer, e o nado dos dois foi delicioso.

Noite após noite eles se encontravam e nadavam no lago limpo e escuro; a felicidade do príncipe era tamanha que (quer o jeito da princesa de olhar para as coisas o tivesse infectado ou ele estivesse ficando tonto) ele às vezes imaginava que estava nadando no céu, e não no lago. Mas, quando ele falava sobre estar no céu, a princesa ria dele de um jeito terrível.

Quando a lua aparecia, provocava um novo prazer nos dois. Tudo tinha um aspecto estranho e novo sob a sua luz, com uma novidade de outrora, definhada e, apesar disso, imperecível. Quando a lua estava quase cheia, um dos maiores prazeres deles era mergulhar fundo na água e, depois, virando-se, olhar para cima para o grande borrão de luz perto deles, cintilando, tremendo e oscilando, se espalhando e se contraindo, parecendo derreter e se solidificar de novo. Eles então disparavam em direção ao borrão e, uau!, lá estava a lua, bem distante, clara, firme, fria e muito adorável, no fundo de um lago mais profundo e mais azul que o deles, como disse a princesa.

O príncipe logo descobriu que, enquanto estava na água, a princesa era como as outras pessoas. E, além disso, ela não era tão

prepotente nas perguntas nem arrogante nas respostas na água quanto na margem. Ela também não ria tanto; e, quando o fazia, era com mais delicadeza. No geral, parecia mais modesta e mais donzela na água do que fora dela.

Mas, quando o príncipe, que já tinha caído de amores quando caiu no lago, começava a falar com ela sobre o amor, ela sempre virava a cabeça para ele e ria. Depois de um tempo, ela começou a parecer confusa, como se estivesse tentando entender o que ele queria dizer, mas não conseguisse — revelando saber que ele queria dizer alguma coisa. Mas, assim que ela deixava o lago, ficava tão alterada que o príncipe dizia para si mesmo: *Se eu me casar com ela, não vejo alternativa: teremos que nos transformar em sereianos e ir para o mar de imediato.*

XI. Sibilo!

O prazer da princesa no lago tinha virado uma paixão, e ela mal conseguia ficar fora dele por uma hora. Imagine sua consternação, então, quando, ao mergulhar com o príncipe certa noite, ela foi tomada por uma súbita suspeita de que o lago não estava tão profundo quanto costumava ser. O príncipe não conseguiu imaginar o que tinha acontecido. Ela disparou para a superfície e, sem uma palavra, nadou a toda velocidade em direção ao lado mais alto do lago. Ele a seguiu, implorando para saber se ela estava doente ou o que estava acontecendo. Ela não virou a cabeça nem prestou a menor atenção à pergunta dele. Chegando à margem, ela costeou as rochas em uma inspeção minuciosa. Mas não conseguiu chegar a uma conclusão, pois a lua estava muito pequena, por isso ela não conseguia ver muito bem. Ela então se virou e nadou para casa, sem dizer uma palavra para explicar sua conduta ao príncipe, de cuja presença ela não parecia mais estar consciente. Ele voltou para sua caverna, muito perplexo e agoniado.

No dia seguinte, ela fez muitas observações, que, infelizmente, fortaleceram seus medos. Viu que as margens estavam secas demais; e que a grama na orla e as plantas que delimitavam as rochas estavam murchando. Fez marcas ao longo das margens e as examinava, dia após dia, em todas as direções do vento; até que,

por fim, uma ideia terrível se tornou um fato certo: a superfície do lago estava afundando lentamente.

A pobre princesa quase perdeu a pouca cabeça que tinha. Era terrível ver o lago, que ela amava mais do que qualquer coisa viva, morrendo diante de seus olhos. Ele perdia profundidade, desaparecendo lentamente. Os topos das rochas, que nunca tinham sido vistos até agora, começaram a aparecer lá no fundo da água transparente. Em pouco tempo, estavam secando ao sol. Era terrível pensar na lama que em breve estaria ali assando e apodrecendo, cheia de criaturas adoráveis morrendo e criaturas horríveis despertando para a vida, como o desmanche de um mundo. E como o sol ficaria quente sem o lago! Ela não suportava mais nadar nele e começou a se consumir. Sua vida parecia interligada a ele e, conforme o lago afundava, ela se consumia. As pessoas diziam que ela não viveria nem uma hora depois que o lago desaparecesse.

Mas ela não chorou.

Foi feita uma Proclamação para todo o reino, de que quem descobrisse a causa da diminuição do lago, receberia uma recompensa em estilo principesco. Hum-Drum e Kopy-Keck se dedicaram à física e à metafísica, mas foi em vão. Eles nem conseguiram sugerir uma causa.

O fato era que a princesa velha estava por trás dessa traquinagem. Quando soube que a sobrinha encontrava mais prazer na água do que qualquer pessoa, ficou furiosa e amaldiçoou a si mesma por ter presciência.

— Mas — disse ela — em breve vou corrigir tudo. O rei e o povo vão morrer de sede; seus cérebros vão fritar e encolher no crânio antes que eu perca minha vingança.

E deu uma risada violenta, que fez os pelos das costas de seu gato preto se arrepiarem de pavor.

Em seguida, ela foi até um velho baú no quarto e, abrindo-o, pegou o que parecia um pedaço de algas marinhas secas. Jogou isso num tonel de água. Depois, jogou um pouco de pó na água e mexeu com o braço nu, murmurando palavras com som repugnante e um significado ainda mais repugnante. Ela deixou o tonel de lado e tirou do baú um molho enorme de cem chaves enferrujadas que fizeram um alarido nas suas mãos trêmulas. Em seguida, sentou-se

e começou a lubrificar todas elas. Antes de terminar, saiu do tonel, cuja água se movimentava lentamente desde que ela parou de mexer, a cabeça e a metade do corpo de uma enorme cobra cinza. Mas a bruxa não olhou ao redor. A cobra saiu do tonel, oscilando para a frente e para trás com um movimento horizontal lento, até chegar à princesa, quando pousou a cabeça no ombro dela e sibilou no seu ouvido. Ela se assustou, mas com alegria; e, ao ver a cabeça apoiada no seu ombro, se aproximou e a beijou. Em seguida, tirou a cobra toda do tonel e a enrolou no próprio corpo. Era uma daquelas criaturas pavorosas que poucos jamais contemplaram: as Cobras Brancas da Escuridão.

Ela pegou as chaves e desceu até o porão. Ao destrancar a porta, disse para si mesma:

— Vale a pena viver por isso!

Trancando a porta ao sair, ela desceu alguns degraus até o porão e, atravessando-o, destrancou outra porta que dava numa passagem estreita e escura. Também trancou essa porta depois de passar por ela e desceu mais alguns degraus. Se alguém tivesse seguido a princesa-bruxa, teria ouvido ela destrancar exatamente cem portas e descer alguns degraus depois de destrancar cada uma delas. Depois de destrancar a última, ela entrou numa caverna ampla, cujo teto era apoiado por enormes pilares naturais de rochas. E esse teto ficava sob o fundo do lago.

Ela então desenrolou a cobra do corpo e a segurou pelo rabo bem no alto. A criatura repugnante esticou a cabeça em direção ao teto da caverna e tinha exatamente o tamanho certo para alcançá-lo. Em seguida, começou a mover a cabeça para a frente e para trás, com um movimento oscilatório lento, como se procurasse alguma coisa. No mesmo instante, a bruxa começou a andar em círculos na caverna, se aproximando cada vez mais do centro a cada circuito; enquanto isso, a cabeça da cobra seguia no teto o mesmo caminho que a bruxa fazia no chão, pois continuava segurando-a no alto. E a cobra continuava oscilando lentamente. E lá seguiam elas em círculos, diminuindo o circuito, até que, por fim, a cobra se lançou de repente e se agarrou ao teto com a boca.

— Isso mesmo, minha belezura! — gritou a princesa. — Drene toda a água.

Ela a soltou, deixando-a pendurada, e se sentou numa pedra grande com o gato preto, que a seguira o tempo todo, ao seu lado. E começou a tricotar e murmurar palavras horríveis. A cobra se pendurava como uma enorme sanguessuga sugando a pedra; o gato estava de pé com as costas arqueadas e o rabo parecendo um cabo, olhando para a cobra no alto; e a velha ficou sentada, tricotando e murmurando. Sete dias e sete noites eles ficaram assim; até que, de repente, a serpente se soltou do teto, como se estivesse exausta, e murchou até voltar a ser um pedaço de algas marinhas secas. A bruxa se levantou num salto assustado, pegou-a, colocou-a no bolso e olhou para o teto acima. Uma gota de água estava tremendo no ponto onde a cobra tinha sugado. Assim que viu isso, ela se virou e fugiu, seguida pelo gato. Fechando a porta com uma pressa aterradora, ela a trancou e, depois de murmurar algumas palavras terríveis, disparou até a próxima, que também trancou e murmurou; e assim foi com todas as cem portas, até chegar ao seu próprio porão. Ali ela se sentou no chão, pronta para desmaiar, mas ouvindo com um prazer maligno o fluxo de água, que escutava distintamente através de todas as cem portas.

Mas isso não era suficiente. Agora que tinha saboreado a vingança, ela perdera a paciência. Sem outras medidas, o lago demoraria demais para desaparecer. Assim, na noite seguinte, com o último fiapo da velha lua moribunda se erguendo, ela pegou um pouco da água em que tinha revivido a cobra, colocou num frasco e saiu, acompanhada pelo gato. Antes de amanhecer, ela já tinha feito o circuito todo do lago, murmurando palavras terríveis enquanto atravessava cada riacho e jogando ali um pouco da água de seu frasco. Quando terminou o circuito, ela murmurou mais uma vez e lançou um punhado de água em direção à lua. Em seguida, todas as fontes do país deixaram de palpitar e borbulhar, morrendo como a pulsação de um homem moribundo. No dia seguinte, não havia nenhum som de água caindo a ser ouvido nas margens do lago. Os cursos estavam secos; e as montanhas não mostravam nenhum riacho prateado descendo pelas suas encostas escuras. E não apenas as fontes da Mãe Terra tinham deixado de fluir; todos os bebês do país estavam chorando de um jeito pavoroso — só que sem lágrimas.

XII. Onde está o príncipe?

Desde a noite em que a princesa o deixara tão abruptamente, o príncipe não teve mais nenhum encontro com ela. Ele a vira uma ou duas vezes no lago, mas, até onde conseguiu descobrir, ela não ficava mais ali à noite. Ele se sentou e cantou e procurou em vão por sua Nereida; enquanto ela, como uma verdadeira Nereida, estava se consumindo com seu lago, afundando conforme ele afundava, murchando conforme ele secava. Quando ele finalmente descobriu a mudança que estava acontecendo no nível da água, ficou muito alarmado e perplexo. Não sabia dizer se o lago estava morrendo porque a dama o esquecera ou se a dama não aparecia ali porque o lago tinha começado a diminuir. Mas resolveu descobrir pelo menos uma parte.

Ele se disfarçou e, indo até o palácio, pediu para ver o lorde camareiro. Sua aparência fez seu pedido ser atendido de imediato; e o lorde camareiro, sendo um homem de alguma visão, percebeu que havia mais na solicitação do príncipe do que ele dizia. Ele também sentiu que ninguém sabia dizer quando poderia surgir uma solução para as dificuldades atuais. E assim cedeu à súplica do príncipe de se fazer passar por engraxate para a princesa. O príncipe foi sagaz em fazer uma solicitação tão simples, pois aquela princesa não conseguia gastar tantos sapatos quanto as outras.

Ele logo descobriu tudo que podia ser dito sobre a princesa. Ele quase se distraiu; mas, depois de rondar o lago durante dias e mergulhar em todas as profundidades que ainda restavam, tudo que pôde fazer foi lustrar muito bem o par de botas delicadas que nunca foi necessário.

O fato era que a princesa mantinha seu quarto com as cortinas fechadas para esconder o lago moribundo, mas não conseguia escondê-lo da própria mente nem por um instante. Ele assombrava tanto sua imaginação que ela sentia como se o lago fosse sua alma, secando dentro dela, primeiro virando lama, depois loucura e morte. Ela removeu a mudança, com todas as coisas pavorosas que a acompanhavam, até ficar quase perturbada. Quanto ao príncipe, ela o esquecera. Por mais que apreciasse a companhia dele na água, ela não se importava com ele sem o lago. Mas parecia ter se esquecido também do pai e da mãe. O lago continuou escoando.

Pequenos pontos lodosos começaram a aparecer, cintilando constantemente em meio ao brilho incerto da água. Eles cresceram até virarem canteiros amplos de lama, que se ampliavam e se espalhavam, com rochas aqui e ali, e peixes se debatendo e enguias rastejando. As pessoas iam para todo lado para pegá-los e para procurar qualquer coisa que pudesse ter caído dos barcos da realeza.

Por fim, o lago tinha desaparecido quase totalmente, restando apenas algumas piscinas mais profundas.

Aconteceu, certo dia, que um grupo de jovens estava à beira de uma dessas piscinas bem no centro do lago. Era uma bacia rochosa de profundidade considerável. Olhando para dentro, eles viram no fundo alguma coisa que brilhava amarela sob o sol. Um menino entrou e mergulhou até o fundo. Era um prato de ouro coberto de coisas escritas. Eles o levaram até o rei. Num dos lados estavam as seguintes palavras:

“Somente a morte pode salvar.
Junto ao amor, morreu a bravura...
Mesmo sob as águas continua a amar
E esse amor enche a sepultura.”

Bem, isso era enigmático demais para o rei e seus cortesãos. Mas o outro lado do prato explicava um pouco. Dizia o seguinte:

“Se o lago desaparecesse, seria preciso encontrar o buraco através do qual a água escorreu. Mas seria inútil tentar interrompê-lo de um jeito comum. Só havia um jeito eficaz. Apenas o corpo de um homem vivo poderia estancar o fluxo. O homem deveria se oferecer por vontade própria; e o lago deveria tirar a vida dele ao se encher. De outra forma, a oferta não seria válida. Se a nação não pudesse oferecer um herói, era hora de perecer.”

XIII. Aqui estou

Era uma revelação muito desanimadora para o rei — não que ele não estivesse disposto a sacrificar um súdito, mas não tinha

esperança de encontrar um homem disposto a se sacrificar. Mas não havia tempo a perder, pois a princesa estava deitada imóvel na cama e sem se alimentar, exceto com água do lago, que atualmente não era das melhores. Portanto, o rei fez o conteúdo do maravilhoso prato de ouro ser publicado em todo o país.

Mas ninguém se apresentou.

O príncipe, tendo feito uma jornada de vários dias pela floresta para se consultar com um eremita que conhecera a caminho de Lagobel, não soube nada do oráculo até retornar.

Quando conheceu todos os detalhes, ele se sentou e pensou:

— Ela vai morrer se eu não fizer isso, e a vida não seria nada para mim sem ela; então não vou perder nada se fizer isso. E a vida será agradável como sempre para ela, que logo vai se esquecer de mim. E haverá muito mais beleza e felicidade no mundo! Para ter certeza, não devo vê-la. — (Nesse momento, o príncipe suspirou.) — O lago será muito agradável ao luar, com aquela gloriosa criatura se divertindo ali como uma deusa selvagem! Mas é difícil ser afogado por centímetros. Deixe-me ver... será necessário um metro e oitenta para eu me afogar. — (Nesse momento, ele tentou rir, mas não conseguiu.) — Quanto mais demorar, melhor, no entanto — continuou —, pois não posso barganhar para a princesa ficar ao meu lado o tempo todo? Assim poderei vê-la mais uma vez, beijá-la, talvez, quem sabe?, e morrer olhando nos olhos dela. Não será uma morte. Pelo menos, não sentirei assim. E ver o lago se enchendo para a belezura de novo! Está bem! Estou pronto.

Ele beijou a bota da princesa, deixou-a de lado e correu até os aposentos do rei. Mas sentindo, enquanto seguia, que qualquer sentimentalismo seria desagradável, resolveu levar o assunto a cabo com indiferença. E assim ele bateu à porta da sala de contagem do rei, onde era um crime capital incomodá-lo.

Quando ouviu a batida, o rei se levantou num salto e abriu a porta com fúria. Ao ver apenas o engraxate, ele sacou a espada. Esse, sinto informar, era seu jeito habitual de afirmar sua realeza quando achava que sua dignidade estava em perigo. Mas o príncipe não ficou nem um pouco alarmado.

— Por favor, Vossa Majestade, sou seu servo — disse ele.

— Meu servo! Seu crápula mentiroso! O que você quer dizer?

— Quero dizer que serei a rolha de sua grande garrafa.

— O camarada está louco? — vociferou o rei, levantando a ponta da espada.

— Colocarei uma rolha, tampa, como quiser chamar, no seu lago furado, grande monarca — disse o príncipe.

O rei estava com tanta fúria que, antes de conseguir falar, teve tempo para se acalmar e refletir que seria um grande desperdício matar o único homem que estava disposto a ser útil na atual emergência, já que, no fim, o camarada insolente estaria tão morto quanto se tivesse morrido pela mão de Sua Majestade.

— Ah! — disse ele por fim, embainhando a espada com dificuldade, porque era muito comprida. — Eu lhe devo um favor, jovem tolo! Quer uma taça de vinho?

— Não, obrigado — respondeu o príncipe.

— Muito bem — disse o rei. — Quer ver seus pais antes de fazer seu experimento?

— Não, obrigado — disse o príncipe.

— Então vamos procurar o buraco imediatamente — disse Sua Majestade e começou a chamar alguns criados.

— Pare, por favor, Vossa Majestade. Tenho uma condição — interrompeu o príncipe.

— O quê! — exclamou o rei. — Uma condição! E comigo! Como ousa?

— Como quiser — retrucou o príncipe com calma. — Desejo que Vossa Majestade tenha uma ótima manhã.

— Seu desgraçado! Vou colocá-lo num saco e enfiar no buraco.

— Muito bem, Vossa Majestade — respondeu o príncipe, ficando um pouco mais respeitoso, para que a ira do rei não o privasse do prazer de morrer pela princesa. — Mas o que isso vai trazer de bom, Vossa Majestade? Por favor, lembre-se que o oráculo diz que a vítima precisa se oferecer.

— Bem, você se ofereceu — retrucou o rei.

— Sim, com uma condição.

— De novo essa condição! — rugiu o rei, sacando mais uma vez a espada. — Saia daqui! Outra pessoa ficará feliz de tirar essa honra dos seus ombros.

— Vossa Majestade sabe que não será fácil conseguir alguém para assumir meu lugar.

— Bem, e qual é sua condição? — rosnou o rei, sentindo que o príncipe estava certo.

— Só o seguinte: que, como não vou morrer antes de ter me afogado e que a espera será monótona, a princesa, sua filha, fique comigo, me alimente com suas próprias mãos e cuide de mim agora e então para me consolar; pois você deve confessar que É muito difícil. Assim que a água chegar até os meus olhos, ela pode ir embora e ser feliz e se esquecer do seu pobre engraxate.

E nesse momento a voz do príncipe falhou, e ele quase ficou sentimental, apesar de sua resolução.

— Por que não me contou antes qual era a condição? Quanto barulho por nada! — exclamou o rei.

— Você vai me garantir isso? — insistiu o príncipe.

— Claro que sim — respondeu o rei.

— Muito bem. Estou pronto.

— Vá jantar, então, enquanto envio meu pessoal para procurar o lugar.

O rei ordenou que seus guardas saíssem e deu orientações para os oficiais procurarem o buraco no lago imediatamente. E assim o fundo do lago foi marcado em divisões e minuciosamente examinado e, em mais ou menos uma hora, o buraco foi descoberto. Estava no meio de uma pedra, perto do centro do lago, bem na piscina onde o prato de ouro tinha sido encontrado. Era um buraco de três pontas, não muito grande. Havia água ao redor de toda a pedra, mas bem pouca água estava fluindo pelo buraco.

XIV. É muita gentileza sua

O príncipe foi se vestir para a ocasião, pois estava determinado a morrer como um príncipe.

Quando a princesa ouviu dizer que um homem tinha se oferecido para morrer por ela, ficou tão extasiada que saltou da cama, apesar de estar fraca, e dançou alegre pelo quarto. Ela não se preocupou em saber quem era o homem; isso não importava nem um pouco para ela. O buraco queria ser fechado; e, se somente um homem

servia, oras, vamos arrumar um. Em uma ou duas horas, tudo estava pronto. Sua criada a vestiu apressadamente, e ela foi carregada até a lateral do lago. Quando viu o lago, ela soltou um grito agudo e cobriu o rosto com as mãos. Eles a levaram até a pedra onde já tinham posicionado um pequeno barco para ela.

A água não tinha profundidade suficiente para o barco flutuar, mas eles tinham esperança de que isso acontecesse em breve. Eles a colocaram sobre almofadas, encheram o barco com vinhos, frutas e outras coisas gostosas e estenderam uma lona por cima de tudo.

Em poucos minutos, o príncipe apareceu. A princesa o reconheceu de imediato, mas não achou que valia a pena cumprimentá-lo.

— Aqui estou — disse o príncipe. — Podem me colocar lá.

— Disseram-me que era um engraxate — comentou a princesa.

— E sou — disse o príncipe. — Engraxeï suas botas três vezes por dia, porque era tudo que eu podia ter de você. Podem me colocar lá.

Os cortesãos não se ofenderam com sua aspereza, apenas disseram uns aos outros que ele estava usando a insolência como forma de descarregar.

Mas como ele seria colocado lá? O prato de ouro não tinha nenhuma instrução sobre isso. O príncipe olhou para o buraco e só viu um jeito. Colocou as pernas ali, sentando-se na pedra, e, dando um passo à frente, cobriu o canto que continuava aberto com as duas mãos. Nessa posição desconfortável, ele resolveu cumprir seu destino e, virando-se para as pessoas, disse:

— Vocês podem ir.

O rei já tinha ido para casa jantar.

— Vocês podem ir — repetiu a princesa, como um papagaio.

As pessoas obedeceram e foram embora.

Naquele momento, uma ondinha subiu pela pedra e molhou um dos joelhos do príncipe. Mas ele não se importou muito. Começou a cantar, e a canção era assim:

“Como um mundo onde o bem já não resta
Arremessado num fosso na floresta;
Como um mundo sem o resplandecer
De um riacho sempre a correr;
Como um mundo onde não há
Toda a vastidão do mar;
Como um mundo sem água e chuva
De planície chamuscada e turva;
Assim, seria o mundo, coração,
Se meu amor não fosse em tua direção.

Como um mundo sem o burburinho
Das correntes de água pelo caminho;
Ou o borbulhar de uma fonte
Na escuridão da noite;
Ou fúria determinada
Da queda de uma cascata;
Ou os pingos a gotejar
Das copas ao luar;
Ou a voz poderosa do oceano,
Quando as ondas se quebram sobre o plano;
Assim, minha alma, o mundo ia ser,
Se nenhum amor cantasse em você.

Moça, mantenha no mundo o prazer;
Mantenha as águas a correr.
O amor me fez forte para ir,
Desbravar reinos por ti,
Onde a água borbulha também
Através de uma escuridão que nunca vem;
Rogo que ao menos uma vaga lembrança
Não me deixe perder a esperança;
De tua alma solitária encontrar
Como um terreno fértil onde o amor pode brotar.”

— Cante outra vez, príncipe. Assim tudo fica menos entediante
— disse a princesa.

Mas o príncipe estava arrasado demais para cantar de novo, e uma longa pausa se seguiu.

— Isso é muita gentileza sua, príncipe — disse a princesa por fim, de um jeito meio frio, enquanto se deitava no barco com os olhos fechados.

É uma pena eu não poder retribuir o elogio, pensou o príncipe, mas vale a pena morrer por você, no fim das contas.

Mais uma ondinha, e outra, e outra fluíram sobre a pedra e molharam os dois joelhos do príncipe; mas ele não falou nem se mexeu. Duas, três, quatro horas se passaram desse jeito, com a princesa aparentemente dormindo, e o príncipe sendo muito paciente. Mas ele estava muito decepcionado com essa posição, por não ter nada do consolo que esperava.

Por fim, não aguentou mais.

— Princesa! — disse ele.

Mas, nesse instante, a princesa deu um salto, gritando:

— Estou flutuando! Estou flutuando!

E o barquinho bateu na pedra.

— Princesa! — repetiu o príncipe, encorajado por vê-la acordada e olhando ansiosa para a água.

— Sim? — disse ela, sem olhar ao redor.

— Seu pai prometeu que você ia olhar para mim, e você não fez isso nem uma vez.

— Ele fez isso? Então acho que preciso olhar. Mas estou tão sonolenta!

— Durma, então, querida, e não se preocupe comigo — disse o pobre príncipe.

— É mesmo? Você é muito bom — respondeu a princesa. — Acho que vou dormir de novo.

— Mas me dê uma taça de vinho e um biscoito antes — disse o príncipe com muita humildade.

— Com todo o meu coração — disse a princesa e ofegou ao dizer isso.

Ela pegou o vinho e o biscoito, no entanto, e, se inclinando sobre a lateral do barco em direção a ele, foi compelida a olhar para ele.

— Mas, príncipe — disse ela —, você não parece estar bem! Tem certeza de que não se importa?

— Nem um pouco — respondeu ele, se sentindo realmente muito fraco. — Só que vou morrer antes de ser útil para você, a menos que eu coma alguma coisa.

— Aqui — disse ela, oferecendo o vinho a ele.

— Ah! Você tem que me alimentar. Não ousou mexer as minhas mãos. A água ia escorrer diretamente.

— Minha nossa! — disse a princesa e começou a alimentá-lo com pedaços de biscoito e goles de vinho.

Enquanto o alimentava, ele conseguia beijar a ponta dos dedos dela de vez em quando. Ela não parecia se importar, de um jeito ou de outro. Mas o príncipe se sentiu melhor.

— Agora, para o seu próprio bem, princesa — disse ele —, não posso deixá-la dormir. Você precisa ficar sentada e olhar para mim, senão eu não vou conseguir aguentar.

— Está bem, vou fazer tudo que puder para agradá-lo — respondeu ela de um jeito condescendente; e, se sentando, olhou para ele e continuou olhando com uma constância maravilhada, pensando em todas as coisas.

O sol baixou e a lua se ergueu e, de jorro em jorro, a água estava subindo pelo corpo do príncipe. Já estava na cintura dele.

— Por que não podemos nadar um pouco? — disse a princesa. — Parece haver água suficiente aqui.

— Nunca mais vou nadar — disse o príncipe.

— Ah, eu me esqueci — disse a princesa e ficou em silêncio.

E a água subiu e subiu e foi cobrindo o príncipe. E a princesa ficou sentada olhando para ele. Ela o alimentava de vez em quando. A noite se arrastava. A água subia e subia. A lua se erguia cada vez mais alta e brilhava cheia no rosto do príncipe moribundo. A água estava no pescoço dele.

— Pode me beijar, princesa? — indagou ele, fraco.

A indiferença tinha desaparecido, a essa altura.

— Vou, sim — respondeu a princesa e lhe deu um beijo frio, doce e prolongado.

— Agora — disse ele, com um suspiro de satisfação — vou morrer feliz.

E não falou mais. A princesa lhe deu um pouco mais de vinho pela última vez: ele não aguentava mais comer. Em seguida, ela se

sentou de novo e olhou para ele. A água subia e subia. Chegou ao queixo. Chegou ao lábio inferior. Chegou entre os lábios. Ele os fechou bem para a água não entrar. A princesa começou a se sentir estranha. A água chegou ao lábio superior. Ele respirava pelas narinas. A princesa parecia descontrolada. A água cobriu as narinas. Os olhos pareciam assustados e brilhavam estranhos sob o luar. A cabeça caiu para trás; a água se fechou sobre ela, e as bolhas da última respiração borbulharam na água. A princesa soltou um grito agudo e se jogou no lago.

Ela pegou primeiro uma perna, depois a outra, e puxou com força, mas não conseguiu mover nenhuma. Ela parou para respirar, e isso a fez pensar que ELE não estava conseguindo respirar. Ficou desesperada. Ela o segurou e levantou a cabeça dele sobre a água, o que era possível agora porque as mãos não estavam mais no buraco. Mas não adiantou, porque ele não conseguia mais respirar.

O amor e a água trouxeram de volta toda a força da princesa. Ela foi para baixo da água e puxou e puxou com toda a força, até que, por fim, conseguiu tirar uma perna. A outra saiu com facilidade. Como conseguiu colocá-lo no barco, ela não saberia dizer; mas, depois de fazer isso, ela desmaiou. Ao despertar, pegou os remos, manteve-se o mais firme possível e remou e remou, embora nunca tivesse remado. Passando por rochas e partes rasas e lama, ela remou até chegar aos degraus do patamar do palácio. Nesse momento, os criados já estavam na margem, pois tinham ouvido o grito agudo. Ela os fez carregar o príncipe até seu quarto e deitá-lo na cama e acender a lareira e mandar chamar os médicos.

— Mas o lago, Vossa Alteza! — disse o camareiro, que, acordado pelo barulho, entrou no quarto usando uma touca de dormir.

— Vá e se afogue nele! — disse ela.

Essa foi a última grosseria da qual a princesa foi culpada; e devemos assumir que havia uma boa causa para ela se sentir provocada pelo lorde camareiro.

Se fosse o rei, ele não teria agido de um jeito melhor. Mas tanto ele quanto a rainha estavam dormindo profundamente. E o camareiro voltou para sua cama. Por algum motivo, os médicos nunca chegaram. E a princesa e sua velha ama-seca foram

deixadas com o príncipe. Mas a ama-seca era uma mulher inteligente e sabia o que fazer.

Elas tentaram de tudo por muito tempo, sem sucesso. A princesa estava quase perdida entre a esperança e o medo, mas tentou e tentou uma coisa após a outra, e tudo de novo e de novo.

Por fim, quando elas estavam quase desistindo, assim que o sol nasceu, o príncipe abriu os olhos.

XV. Olhe para a chuva!

A princesa caiu num choro apaixonado e se jogou no chão. Ali ela ficou deitada por uma hora, e as lágrimas nunca cessavam. Todo o choro contido da vida dela desabou naquele momento. E uma chuva caiu, como nunca tinha sido vista naquele país. O sol brilhava o tempo todo, e os grandes pingos, que caíam direto na terra, brilhavam do mesmo jeito. O palácio estava no centro de um arco-íris. Era uma chuva de rubis, safiras, esmeraldas e topázios. As cachoeiras desciam das montanhas como ouro derretido; e, se não fosse pelo escoadouro subterrâneo, o lago teria transbordado e inundado o país. Ele ficou cheio de margem a margem.

Mas a princesa não deu importância ao lago. Ela ficou no chão e chorou, e a chuva dentro de casa era ainda mais maravilhosa do que a chuva do lado de fora.

Pois, quando a chuva acalmou um pouco e ela começou a se levantar, descobriu, espantada, que não conseguia. Por fim, depois de muitos esforços, ela conseguiu ficar de pé. Mas cambaleou de novo e caiu direto. Ouvindo-a cair, a velha ama-seca soltou um grito de satisfação e correu até ela, berrando:

— Minha querida criança! Ela encontrou a gravidade!

— Ah, é isso! É mesmo? — disse a princesa, massageando o ombro e o joelho alternadamente. — Que desagradável. Sinto como se pudesse ser esmagada.

— Viva! — gritou o príncipe da cama. — Se você se recuperou, princesa, eu também me recuperei. Como está o lago?

— Completamente cheio — respondeu a ama-seca.

— Então estamos todos felizes.

— Estamos mesmo! — respondeu a princesa, soluçando.

E todo o país se alegrou naquele dia chuvoso. Até os bebês se esqueceram de seus problemas e dançaram e arrulharam de um jeito incrível. E o rei contou histórias, e a rainha as escutou. E ele dividiu o dinheiro da sua caixa, e ela dividiu o mel do seu pote entre todas as crianças. E houve tanto júbilo como nunca se ouvira.

Claro que o príncipe e a princesa ficaram imediatamente noivos. Mas a princesa tinha que aprender a andar antes de eles se casarem de um jeito adequado. E isso não era muito fácil na idade dela, pois a princesa sabia andar tanto quanto um bebê. Ela sempre caía e se machucava.

— Essa é a gravidade que vocês valorizam tanto? — disse ela um dia para o príncipe, quando ele a levantava do chão. — De minha parte, eu estava bem mais confortável sem ela.

— Não, não, não é isso. É isto — respondeu o príncipe enquanto a levantava e a carregava como um bebê, beijando-a o tempo todo. — Isto é gravidade.

— Bem melhor — disse ela. — Isso não me incomoda tanto.

E ela deu o sorriso mais doce e mais adorável para o príncipe. E lhe deu um beijo em resposta a todos os dele; e o príncipe achou que estavam muito bem pagos, pois ele estava fora de si de tanta felicidade. Infelizmente ela reclamou da gravidade mais de uma vez depois disso, apesar de tudo.

Demorou muito tempo para ela se entender com o ato de caminhar. Mas a dor de aprender era contrabalançada por duas coisas, e ambas eram consolo suficiente. A primeira era que o próprio príncipe era seu professor; e a segunda era que ela podia cair no lago sempre que quisesse. Mesmo assim, ela preferia que o príncipe caísse com ela; e o borrico que eles produziam antes não era nada, em comparação ao borrico que produziam agora.

O lago nunca mais diminuiu. Com o tempo, o teto da caverna desabou, e o lago ficou com o dobro da profundidade de antes.

A única vingança da princesa contra a tia foi tratá-la muito mal por causa do pé com gota na primeira vez que a viu. Mas a jovem princesa se arrependeu no dia seguinte, quando ouviu dizer que a água tinha minado a casa da tia, fazendo-a desabar durante a noite, enterrando a tia nas ruínas, de onde ninguém jamais se aventurou a desenterrar o corpo. Está lá até hoje.

E assim o príncipe e a princesa viveram e foram felizes; e tiveram coroas de ouro, roupas de tecido, sapatos de couro e filhos e filhas, sendo que nenhum deles, na mais crítica ocasião, perdeu o menor átomo de sua proporção adequada da gravidade.

A noiva da caveira

Elphinstone Dayrell

1910

Introdução por Andrew Lang

The Disobedient Daughter who Married a Skull (A filha desobediente que se casou com uma caveira) é uma história muito original, embora todas as baladas e contos sobre uma garota bonita que é carregada para a terra dos mortos por seu amado fantasma tenham a mesma ideia fundamental. Então temos a moral tão comum, a *Recompensa pela Cortesia*. Porém, a maquinaria da história nigeriana se envereda para o retorno à terra dos vivos de uma forma bastante fantasiosa.

História

Effiong Edem era morador de Cobham Town. Ele tinha uma filha muito bonita, que se chamava Afiong. Todos os jovens da cidade queriam se casar com ela devido a sua beleza, mas ela recusava todos os pedidos de casamento — apesar das insistentes súplicas de seus pais —, pois era muito vaidosa e dizia que só se casaria com o homem mais bonito da região, que teria que ser jovem e forte, e capaz de amá-la como ela merecia. Quase todos os homens com quem seus pais queriam que ela se casasse, apesar de ricos, eram velhos e feios, por isso a moça continuava a desobedecê-los, deixando-os muito magoados. Uma caveira, que vivia na terra dos

espíritos, soube da beleza da virgem negra e decidiu que queria tê-la. Por isso pegou emprestado de seus amigos diversas partes do corpo deles, só as melhores. De um, ele pegou uma boa cabeça, de outro, um corpo, e de um terceiro, braços fortes; de um quarto amigo, pegou um belo par de pernas. Por fim, ficou completo e se tornou uma espécie masculina totalmente perfeita.

Então, deixou a terra dos espíritos e foi à feira de Cobham, onde viu Afiong e ficou maravilhado. Afiong já tinha ouvido falar em um homem muito bonito que tinha sido visto na feira, mais bonito do que qualquer um dos moradores da região. Ela decidiu ir à feira, e assim que viu Caveira com sua beleza emprestada, apaixonou-se por ele e o convidou para ir a sua casa. Encantado, Caveira aceitou o convite. Chegando lá, Afiong apresentou seus pais a ele, que imediatamente pediu a mão da moça em casamento. A princípio, os pais negaram, já que não desejavam que a filha se casasse com um desconhecido, mas por fim acabaram concordando.

Ele passou dois dias com Afiong na casa dos pais dela, e então disse que queria levar a esposa para sua cidade, que ficava longe dali. A moça concordou prontamente, pois ele era um homem lindo, mas seus pais tentaram convencê-la a não ir. Mas por ser muito teimosa, ela decidiu que iria e eles partiram juntos. Depois de alguns dias, o pai consultou um bruxo — *Ju Ju Man* — que, com sua clarividência, logo descobriu que o marido da moça pertencia ao mundo dos espíritos, e que certamente ela seria morta. Então, todos eles sofreram como se ela já tivesse morrido.

Depois de caminhar durante muitos dias, Afiong e Caveira atravessaram a fronteira entre a terra dos espíritos e a cidade dos seres humanos. Tão logo pisaram na terra dos espíritos, um homem abordou Caveira e exigiu suas pernas de volta. Em seguida, outro apareceu pedindo a cabeça, e o seguinte quis seu corpo, e assim por diante, até que, em poucos minutos, Caveira ficou sem nada, nu com sua feiura natural. Afiong ficou muito assustada, desejando voltar para casa, mas Caveira não permitiu, e ordenou que ela ficasse ali. Quando chegaram à casa de Caveira, encontraram a mãe dele, uma idosa incapaz de realizar as tarefas de casa, que só conseguia se arrastar. Afiong fez o melhor que pôde para ajudá-la, fazia a comida, levava água e lenha para a senhora. A velha criatura

se sentiu muito grata pela atenção e logo passou a gostar muito de Afiong.

Um dia, a senhora disse a Afiong que sentia muita pena dela, mas que todas as pessoas na terra dos espíritos eram canibais, e quando soubessem que havia um ser humano entre eles, chegariam para matá-la e comê-la. Então, a idosa escondeu Afiong, e como a moça havia sido muito boa, prometeu que a mandaria de volta a sua terra o mais rápido possível, desde que ela promettesse que deixaria de ser desobediente. Afiong concordou sem pestanejar. A senhora mandou buscar a aranha, que era uma cabeleireira muito sábia, e fez com que ela arrumasse os cabelos de Afiong num penteado muito moderno. Também deu tornozeleiras à moça, além de outros objetos, em agradecimento por sua gentileza. Depois, preparou um feitiço chamando os ventos para virem e levarem Afiong para casa. Primeiro, veio um tornado forte, com trovão, raio e chuva, mas a mãe de Caveira o mandou embora, pois era inadequado. Em seguida, veio o vento, em forma de brisa leve, então a idosa pediu à brisa que levasse Afiong para a casa da mãe dela, e se despediu da moça. Pouco tempo depois, a brisa colocou Afiong diante da porta de sua casa, e ali a deixou.

Quando os pais viram a filha, ficaram muito felizes, já que há alguns meses eles tinham perdido a esperança de revê-la. O pai estendeu peles macias de animais no chão, desde onde a filha estava até à casa, para que seus pés não se sujassem. Afiong caminhou até lá, e o pai convidou todas as amigas da filha para irem dançar. O banquete e a festa duraram oito dias e oito noites. Quando a comemoração terminou, o pai contou o que havia acontecido ao líder da região. Então, o líder criou uma lei estabelecendo que os pais não deveriam permitir que suas filhas se casassem com desconhecidos de localidades distantes. O pai aconselhou a filha a se casar com um amigo dele, e ela logo aceitou, e os dois viveram juntos por muitos anos e tiveram muitos filhos.

Cinderela italiana

Giambattista Basile

1634

A inveja, às vezes, deixa as profundezas do mar de maldade esperando afogar alguém, mas é ela quem se afoga ou é jogada contra um rochedo, assim como acontece com certas garotas^[28] invejosas, sobre as quais eu contarei uma história.

Era uma vez um Príncipe viúvo. Ele tinha uma única filha que amava tanto que atendia a todos os seus desejos prontamente. A Princesa tinha uma governanta que lhe ensinou a crocheter, tricotar e fazer bordado em ponto russo, e lhe demonstrava uma afeição que nem as palavras podem descrever. Mas a Princesa era muito solitária, como muitas vezes dizia à governanta:

— Oh, quem me dera se você fosse minha mãe, você que tem tanta gentileza e amor por mim...

E ela dizia isso com tanta frequência que, por fim, a governanta, depois de tanto ouvi-la, disse-lhe um dia:

— Se você fizer de acordo com o que eu disser, eu serei sua mãe, e você será tão querida por mim que será a menina dos meus olhos.

Ela estava prestes a dizer mais quando a Princesa, cujo nome era Zezolla, disse:

— Desculpe-me se eu a interrompo. Eu sei que você me quer bem, portanto, silêncio, já chega. Apenas me mostre o caminho. Me diga o que fazer e eu o farei.

— Muito bem —, respondeu a governanta. — Escute bem, e você ganhará pães tão brancos quanto as flores. Você sabe muito bem que seu pai cunharia até mesmo dinheiro falso para te agradar, por isso, lhe imploro que se case comigo e me torne princesa. Então — abençoadas sejam as estrelas! Você será a senhora da minha vida.

Quando Zezolla ouviu isso, cada hora lhe parecia milhares de anos até que tivesse feito tudo o que a governanta dissera. E, assim que o luto pela morte de sua mãe passou, ela começou a implorar ao pai que se casasse com a governanta. A princípio, o Príncipe pensou ser uma piada, mas Zezolla insistiu tanto que ele cedeu às suas súplicas. Então ele se casou com a governanta, e um grande banquete foi feito no casamento.

Agora, enquanto os jovens estavam dançando, e Zezolla estava na janela de sua casa, uma pomba se empoleirou num muro, e disse a ela:

— Quando você precisar de alguma coisa, mande o pedido para a Pomba das Fadas na Ilha de Sardinia, e você será imediatamente atendida.

Por cinco ou seis dias, a nova madrasta sobrecarregou Zezolla com carinho, deixando-a sentar-se no melhor lugar da mesa, dando-lhe os pedaços mais bem-selecionados para comer, e a vestindo nas mais ricas vestimentas. Mas não demorou para que se esquecesse do favor que recebera (ai daquele que tem um mestre mau!), e comesse a trazer suas seis filhas para a casa, das quais ninguém tinha conhecimento. A governanta falava tão bem delas para seu marido que, por fim, as enteadas tinham todos os favores dele, e já não havia lugar para a filha legítima em seu coração. Em resumo, ficou tudo tão mal para a pobre garota, ruim hoje e pior amanhã, que ela acabou sendo levada dos aposentos reais para a cozinha, do dossel para a lareira, das vestimentas esplêndidas de seda e ouro para os panos de prato, do cetro ao cuspe. E não apenas a condição dela mudou, mas até mesmo seu nome pois, ao invés de Zezolla, ela era agora chamada de Cenerentola.

Aconteceu que o Príncipe precisava ir à Sardinia para resolver assuntos de estado e, chamando suas seis enteadas, ele as perguntou, uma a uma, o que elas gostariam que ele lhes trouxesse

em seu retorno. Então uma pediu por vestidos esplêndidos, outra por tiaras, mais uma por ruge para as faces, outra por brinquedos e bugigangas: uma pediu isto e a outra aquilo. Por fim, o Príncipe perguntou à sua própria filha, em tom de deboche:

— E o que você quer, criança?

— Nada, pai —, ela respondeu, — além de que você me elogie para a Pomba das Fadas e peça que ela me mande algo. E se você esquecer o meu pedido, será incapaz de se mexer para frente ou para trás. Então se lembre do que eu te digo, pois algo acontecerá com você por consequência.

O Príncipe viajou e resolveu suas pendências em Sardinia, e procurou por todas as coisas que suas enteadas pediram; mas a pobre Zezolla estava longe de seus pensamentos. E, entrando num navio, ele preparou o velejo para retornar, mas não conseguiu chegar no porto; lá, o navio ficou preso como se segurado por uma lampreia. O capitão, que estava quase em desespero e profundamente cansado, se deitou para dormir, e em seus sonhos viu uma fada que lhe disse:

— Você sabe por que motivo não consegue tirar o navio do porto? É porque o Príncipe quebrou a promessa que fez à sua filha, se lembrando de todos menos dela.

O capitão acordou e contou seu sonho ao Príncipe que, envergonhado e confuso com a quebra de sua promessa, foi à Gruta das Fadas e elogiou sua filha para elas, e as pediu que mandassem algo à Princesa. E eis que da gruta surgiu uma bela donzela, que lhe disse que agradecia à sua filha pelas suas amáveis lembranças, e ordenou-lhe que se sentisse feliz e de bom coração por amor a ela. Então lhe deu um coqueiro, uma enxada, um pequeno balde todo de ouro e um guardanapo de seda, acrescentando que um era para cavar e outro para regar a planta.

O Príncipe, maravilhado pelo presente, deixou a fada e voltou ao seu país. E quando ele já tinha dado às suas enteadas tudo o que elas desejaram, enfim deu à sua filha o presente que a fada havia enviado. Zezolla, com seus sentidos alterados pela alegria, pegou o coqueiro e o plantou num bonito vaso de planta, cavou a terra ao seu redor, o regou e limpou suas folhas com o lenço de seda, dia e

noite. Em alguns dias, o coqueiro havia crescido tão alto quanto uma mulher, e de dentro dele saiu a fada, que disse a Zezolla:

— O que você deseja?

E Zezolla respondeu que às vezes desejava sair de casa sem que suas irmãs soubessem.

A fada respondeu:

— Quando você tiver esse desejo, venha até o vaso do coqueiro e diga:

‘Meu coqueirinho, minha árvore d’ouro
Eu te cavei com uma enxada de ouro
Eu te molhei com um regador dourado
Eu te sequei com um pedaço de seda
Agora dispa-se e me vista com presteza

E quando você quiser se despir, mude as últimas palavras e diga: ‘Me dispa e se vista, meu aliado.’

Quando a hora do banquete chegou e as filhas da madrasta apareceram, muito bem-vestidas com laços e flores, chinelos e sapatos, perfumes e sinos, rosas e ramalhetes, Zezolla correu rapidamente ao vaso do coqueiro, e tão logo ela havia repetido as palavras do jeito que a fada havia lhe ensinado, se viu arrumada como uma rainha, sentada num palafrém e assistida por doze servos, todos nas melhores vestimentas. Então ela foi para o baile, e as irmãs morreram de inveja dessa beleza desconhecida.

Até mesmo o jovem Rei estava lá e, assim que a viu, ficou paralisado com um espanto mágico e ordenou que um servo de confiança descobrisse quem era aquela bela donzela e onde ela vivia. O servo passou a seguir cada um dos passos dela, mas quando Zezolla percebeu o truque, jogou no chão um punhado de pedaços de coroa que pedira ao coqueiro para este fim. Então o servo acendeu sua lanterna e ficou tão ocupado pegando os pedaços de coroa que esqueceu de seguir o palafrém. Zezolla chegou a salvo em casa e trocou de roupa, do jeito que a fada havia instruído, antes que suas irmãs malvadas chegassem e, para aborrecê-la e provocar inveja, contassem sobre todas as belas coisas que tinham visto. Mas o Rei estava muito irritado com o

servo, e o aconselhou a, da próxima vez, não falhar em descobrir quem a bela donzela era e onde ela vivia.

Logo houve outro banquete, e novamente as irmãs compareceram, deixando a pobre Zezolla em casa, cuidando do forno na cozinha. Então ela correu até o coqueiro, repetiu o feitiço e instantaneamente algumas donzelas apareceram; uma com uma luneta, outra com um frasco de água de rosas, uma terceira com uma chapinha, outra com pentes, mais uma com grampos, outra com vestidos e uma última com capas e colares. E elas a enfeitaram tão gloriosamente quanto o sol, e a colocaram numa carruagem conduzida por seis cavalos brancos e servida por lacaios e rapazes em libré. E assim que a Princesa apareceu no salão de baile, os corações das irmãs se encheram de admiração e o Rei ficou estarrecido de amor.

Quando Zezolla foi para casa, o servo a seguiu novamente. Para não ser alcançada, ela jogou uma mão cheia de pérolas e joias no chão, e o bom rapaz, vendo que aquelas coisas não podiam ser desperdiçadas, ficou para apanhá-las. Dessa forma, ela teve tempo de escapar e tirar seu fino vestido, assim como antes.

Enquanto isso, o servo havia retornado ao Rei, que esbravejou quando o viu:

— Pelas almas dos meus ancestrais, se você não descobrir quem ela é, levará uma sova tão grande quanto nunca viu, e tantos pontapés quanto os fios que você tem na sua barba!

Quando o próximo banquete aconteceu, e as irmãs estavam fora de casa, Zezolla foi ao coqueiro e novamente recitou o feitiço. Num instante se viu esplendidamente arrumada e sentada numa carruagem de ouro, com tantos servos ao seu redor que ela parecia ser uma rainha. Mais uma vez as irmãs estavam cheias de inveja; mas desta vez, quando a Princesa deixou o salão, o servo do Rei se manteve perto da carruagem. Zezolla, vendo que o homem estava correndo ao seu lado, pediu:

— Cocheiro, conduza mais rápido!

E num instante a carruagem partiu num ritmo tão chocante que Zezolla perdeu um de seus sapatinhos de cristal, a coisa mais linda que já foi vista. O servo, incapaz de alcançar a carruagem, que voava como um pássaro, pegou um dos sapatinhos e, levando-o

para o Rei, contou-lhe o que acontecera. O Rei, tomando o sapatinho nas mãos, disse:

— Se o porão é tão lindo, imagine como deve ser a casa. Você, que até então era a prisão de um pé, é agora o grilhão de um coração infeliz!

O Rei proclamou que todas as mulheres do país deveriam comparecer a um banquete, para o qual foram feitas as mais esplêndidas tortas e doces, ensopados e guisados, docinhos e balas — o suficiente para alimentar um exército inteiro. E quando todas as mulheres estavam reunidas, nobres e plebeias, ricas e pobres, bonitas e feias, o Rei experimentou o sapatinho em cada uma das convidadas para saber em quem serviria e, portanto, ser capaz de descobrir quem era a donzela a quem procurava, porém o sapatinho não coube em nenhum dos pés presentes. Então ele conferiu se de fato todos estavam lá, e o Príncipe confessou que havia deixado uma filha em casa.

— Mas —, disse ele, — ela está sempre cuidando da lareira, e é de uma falta de graça tão grande que é indigna de se sentar à sua mesa e cear.

Mas o Rei disse:

— Deixe que ela seja a primeira da fila, pois assim o farei.

Todos os convidados partiram, mas no dia seguinte estavam reunidos de novo, e com as irmãs malvadas veio Zezolla. Quando o Rei a viu, teve suas dúvidas, mas nada disse. E depois do banquete veio a prova do sapatinho que, tão logo se aproximou do pé de Zezolla, começou a ser atraído para ele tal qual um ímã para um pedaço de ferro. Vendo isso, o Rei correu e a tomou nos braços, e a colocando no trono real, colocou a coroa em sua cabeça. Então todos fizeram reverências e homenagens à sua nova rainha.

Quando as irmãs malvadas viram isso, ficaram envenenadas pela raiva e, não tendo paciência para olhar o objeto de seu ódio, escapuliram silenciosamente na ponta dos pés e foram para casa e confessaram para a mãe que, apesar de tudo:

Ele, que resiste às estrelas, é um louco.

A amizade dos anões

Marie Jeserich Timme (Villamaria)

1877

Parte um: A Rainha Anã moribunda

Centenas de anos atrás, existia um castelo grandioso e imponente no topo de uma rocha nas montanhas em Turíngia. O dono desse castelo era descendente de uma das famílias mais nobres da região, e havia escolhido aquele lugar, entre tantas propriedades, para ser seu lar e também o lar de sua esposa e do filhinho deles, porque a boa localização e a temperatura amena eram mais adequadas para a frágil saúde da Condessa Matilda.

Eles tinham chegado em casa depois de uma longa viagem, no entardecer que precedeu a noite na qual minha história começa, e a Condessa, cansada devido a todas as cerimônias da recepção, havia acabado de cair num sono tranquilo e restaurador. Havia cortinas vermelhas pesadas e sedosas ao redor do leito da senhora; através delas, as lamparinas lançavam uma luz suave no leito, emprestando a suas faces um toque rosado raramente visto.

Era meia-noite. Todos no castelo dormiam, descansando dos esforços do dia terminado. A porta grande foi aberta sem nenhum barulho, e um homenzinho de barba grisalha e comprida se aproximou do leito onde a Condessa dormia, mirando a luz de uma lamparina em seus traços delicados. Ele media apenas 90 centímetros, e seu corpo não era harmonioso. Mas na cabeça meio grande havia um par de olhos brilhantes e inteligentes e, nos traços

envelhecidos, notava-se uma expressão de benevolência e sinceridade. As roupas do homenzinho eram de cor escura, sem estampas; seu pequeno avental era mantido fechado por uma cinta com fivela prateada; embaixo do braço, ele levava um chapéu invisível, uma touca preta pontuda, enfeitada com sininhos prateados. Com muita delicadeza, ele se aproximou do leito, ergueu a lamparina e tocou o braço da Condessa, que estava deitada de qualquer modo sobre a colcha sedosa. Ela despertou, olhou surpresa para a pessoinha e, por fim, perguntou:

— Quem é você, homenzinho?

O anão fez uma mesura e respondeu educadamente:

— Sou um ser da espécie dos Anões, bela moça, que vivem em grande número na rocha embaixo do castelo. Nossa Rainha está quase morrendo; sua única esperança de recuperação está no toque de uma mão humana. O Rei, por isso, me enviou até aqui quando soube de sua chegada, para implorar à senhora que demonstre sua gentileza para com nossa amada Rainha.

— Ai! — respondeu a Condessa, com tristeza. — Eu mesma me encontro muito adoentada, como poderia ajudar alguém?

— Não será um problema, graciosa senhora, não lhe trará fadiga alguma — respondeu o homenzinho — se confiar em meus cuidados.

A Condessa se virou para despertar o marido e pedir seu conselho, mas o anão implorou com fervor:

— Deixe-o dormir, nobre Condessa. Muito antes de ele despertar, a senhora estará de volta. Nada de ruim lhe acometerá. Sempre respeitamos sua raça; vivemos em paz e amizade com vocês ao longo de muitos séculos, e secretamente fizemos muitas coisas boas a seu favor.

A Condessa tinha atitudes gentis e amáveis; então, apesar da saúde delicada e da fadiga naquele momento, ela concordou em acompanhar o anão. Também temia deixar as pessoas pequenas irritadas devido a uma recusa e, assim, causar mal à família. Rapidamente, ela cobriu o corpo com a capa e se preparou para acompanhar o anão. Caminhando sem emitir som, ele atravessou corredores e salas até chegarem a uma câmara de janelas

abobadadas na torre do lado oeste do castelo, e dali desceram por uma escadaria comprida até o jardim do castelo.

Era uma linda noite de verão. O pequeno guia apagou a lamparina, pois a lua e as estrelas lançavam uma luz clara pelo caminho. Assim eles seguiram em silêncio pela base da rocha do castelo, sob árvores frondosas que despejavam suas flores fragrantes nos cabelos escuros da senhora. Por fim, chegaram a uma rocha que se projetava à estrada, e sua base era coberta de samambaias. O anão as afastou, e a Condessa viu uma passagem estreita que levava para o centro da montanha. Eles entraram. O anão acendeu a lamparina de novo, e sua luz mostrava as paredes de uma caverna abobadada, que, num primeiro momento, era baixa e estreita, mas se tornava mais ampla e mais alta conforme eles avançavam até, por fim, atravessarem um corredor lindamente arqueado. Em pouco tempo, eles chegaram a uma porta e adentraram uma sala com paredes de cristal, que brilhavam como se tivessem o brilho de mil luzes. Entre as pontas de cristal passavam inúmeros lagartinhos, cujos corpos pareciam feitos de esmeralda transparente; na cabeça, levavam pequenas coroas douradas cravejadas de rubis; e quando as pequenas e belas criaturas com diademas reluzentes escorregavam depressa e com leveza em meio às pontas de cristal, as paredes reluziam de modo tão estranho que a Condessa era tomada de surpresa. Mas o teto daquele cômodo parecia uma imagem inconstante de maravilhas vivas. Grandes serpentes brancas e azuis com olhos triangulares, corpos esguios e transparentes como o ar, enrolados em círculos sem fim, um dentro do outro e, conforme se moviam enrolados, uma música suave e uma fragrância deliciosa tomavam a sala de cristal. Ali, naquele reino subterrâneo, o pecado e a inimizade pareciam desconhecidos. Aqueles animaizinhos eram belos e amáveis aos olhos da Condessa; olhavam para ela com semblante sábio, a ponto de ela desejar que um deles se aproximasse o suficiente para que ela o acariciasse. Distraída com essas maravilhas, ela não tinha notado que seu pequeno guia já estava do outro lado da sala e segurava aberta a segunda porta, fazendo um gesto para que ela entrasse. Por fim, ela o viu e o seguiu.

As paredes do segundo quarto brilhavam e eram de prata polida, e delas flores brotavam, flores tão lindas como nunca antes vistas em jardins mundanos. Elas eram entalhadas em pedras preciosas de modo tão habilidoso que enganavam o olho e tentavam quem olhava a se curvar sobre seus copos para sentir a fragrância. O minério de prata brilhante formava o pavimento, e a luz que era emitida de um enorme diamante no centro do teto tremia em um reflexo de mil faces nas paredes prateadas e nas flores-joias.

Naquele cômodo havia muitos anões. Todos usavam roupas simples, como o anão que tinha agido como guia da Condessa; todos eles tinham posturas sérias e olhos brilhantes, menos agora devido à ansiedade e ao pesar. Quando a Condessa entrou, eles fizeram uma reverência, segurando nas mãos as pequenas toucas com sininhos prateados que, por torná-los invisíveis, permitiam que eles fizessem muitos truques com os seres humanos. Agora, eles estavam diante da terceira porta, que era a câmara-quarto da Rainha. No teto daquele cômodo, havia uma águia dourada em posição de voo, asas abertas, segurando no bico quatro correntes de diamantes, nas quais o leito da Rainha se balançava lentamente de um lado a outro. A cama era um enorme rubi, habilidosamente esculpido, e nela repousava, sobre travesseiros de cetim branco, a Rainha moribunda daquele reino encantado.

A inércia da morte reinava no local. Goldemar, o poderoso rei-anão, permanecia ao lado do móvel rubro, retraído em silencioso pesar. Os cabelos e a barba brancos e reluzentes desciam sobre seu manto de um roxo intenso; ele havia retirado a coroa brilhante da cabeça e a colocado aos pés da rainha moribunda. Seus nobres permaneciam em um amplo círculo ao redor do Rei, e pareciam compartilhar seu pesar.

A Condessa foi até o leito. Ali descansava o ser mais adorável que seus olhos já tinham visto; ela era menor do que seus súditos, enquanto o marido, ao contrário, os excedia em estatura; mas sua forma era incrivelmente simétrica, e seus membros fracos pareciam de cera. Ao redor dos olhos fechados e lábios pálidos, o sorriso da juventude e bondade permanecia, e os cabelos maravilhosos se espalhavam ao redor de seu corpo como ouro líquido. A Condessa se curvou silenciosamente sobre a Rainha moribunda, tentando

detectar a respiração, mas em vão. Nem um som perturbava o silêncio solene. Apenas a águia dourada batia as asas fortes, criando uma corrente de ar frio pelo cômodo amplo de modo que as chamas avermelhadas tremelicavam nos vasos de cristal, lançando um reflexo inconstante nas paredes e na coroa de diamantes aos pés da Rainha moribunda.

É tarde demais!, pensou a Condessa, mas fez como seu pequeno guia a orientou, levando uma mão à testa e a outra ao colo da Rainha moribunda, e então esperou o resultado com um silêncio ansioso.

Lenta e tristemente, os momentos foram passando. A Condessa estava prestes a afastar as mãos quando viu os olhos de Goldemar fixos nela, e não teve a coragem de roubar a última esperança do Rei pesaroso; por isso, deixou a mão quente permanecer um pouco mais na forma rígida. De repente, fosse realidade ou apenas sua imaginação, um leve tremor parecia movimentar o pequeno corpo, depois mais uma e outra vez, e lenta, muito lentamente, o coração começou a pulsar de novo.

A Condessa mais uma vez se inclinou sobre a Rainha, ouvindo sua respiração. Leve e doce como o perfume de flores, o ar entrava e saía pelos lábios semiabertos, e a vida mais uma vez tingia o belo rosto com um leve rubor. Não era a luz das velas nem as luzes rubras que causavam o tom avermelhado que agora se espalhava por seu rosto; era a vida, vida de verdade. Por fim, ela abriu os olhos, ergueu-se e olhou ao redor, assustada.

— Ainda estou contigo? — perguntou ela ao marido, cujo olhar pousava nela encantado, enquanto ela estendia a mão pálida e macia. — Como isso aconteceu? Conte-me.

Goldemar apontou a Condessa.

— Ah, minha salvadora! — exclamou ela, virando-se surpresa para a nobre moça. — Como poderei agradecer?

A notícia da recuperação de sua amada Rainha logo se espalhou para o resto dos anões, e eles chegaram depressa, com os rostos sérios iluminados pela alegria serena. Eles se reuniram ao redor do casal real com congratulações carinhosas, despejando agradecimentos à Condessa. Então, um grupo de empregados se aproximou, trazendo vasos com metais preciosos, onde havia frutas

e flores entalhadas em pedras preciosas de valor incalculável, e tão delicadas e lindamente forjadas que cofres de príncipes comuns não as têm para mostrar.

— Por favor, aceite isto — implorou o Rei, com uma coroa que mais uma vez brilhava.

— Por favor, aceite-as — disse a Rainha com os lindos olhos intensos em súplica no rosto da Condessa.

A Condessa balançou a cabeça levemente.

— Deixe-me ter o prazer de servir sem recompensa — disse ela. — Tenho riqueza suficiente. Agora, levem-me de novo para casa.

— Desperdiças nossos presentes — disse a linda Rainha com um tom de decepção —, e nossas leis não permitem que deixemos um benefício sem retribuição. Certamente tens um desejo; conte-nos qual é, e o realizaremos.

A Condessa balançou a cabeça, e de repente pensou em seu filho. O famoso médico com quem se consultou depois da longa viagem da qual acabara de retornar não havia escondido a verdade. O tempo de vida que restava a ela era muito curto e, em pouco tempo, seu amado filho Kuno ficaria sem mãe. Talvez ele um dia precisasse da ajuda dos simpáticos anões.

— De fato, tenho um pedido — disse ela com a voz embargada. — Meu filho em breve se tornará órfão, e se ele precisar de proteção, vocês poderão ajudá-lo?

— A partir deste momento — respondeu o rei Goldemar —, ele está sob nossos cuidados, e nos apressaremos a ajudá-lo assim que ele precisar.

Então, o anão que tinha agido como guia para a Condessa antes a levou de volta pelo jardim do castelo. Logo ela repousou, cansada, mas com um coração pacífico e feliz, mais uma vez em seu leito.

Parte dois: Os amigos na rocha

O terreno ensolarado do monte do castelo se tornou o leito final da Condessa Matilda. Aquele era seu lugar preferido nos dias de saúde e de doença. Ali, ela passava parte de todos os dias com seu Kuno, e com ele observava os campos férteis de Turíngia; e ali ela havia se despedido com tristeza da vida florescendo por todos os lados.

Ela não desejava repousar no túmulo escuro e assustador, mas ali no topo solitário, com flores ao redor e a luz do sol acima de sua cabeça.

Era uma tarde de outono. Não havia mais nenhuma flor no campo nem no jardim, mas ao redor da cova da Condessa havia um frescor e a fragrância típicas da primavera, e o sol, sem o qual ela não passava um dia que fosse, olhava com gentileza para a cova solitária, ainda que por poucos minutos.

O vento balançava as árvores frondosas do jardim do castelo, divertidamente arrastando as folhas amarelas pelos caminhos, quando uma figura pequena com rosto triste e pálido passou pelo amplo caminho de cascalho, subiu na rocha e se lançou sobre a cova. Era Kuno, o único filho da Condessa Matilda.

Como um ano havia mudado tudo! Sua amada mãe havia morrido, seu pai havia partido para cenas distantes de guerra juntamente com muitos nobres cavaleiros, e ele havia ficado sozinho com desconhecidos maus e sem coração! Uma parente distante, a Lady Von Allenstein, havia sido chamada pelo Conde para cuidar da casa dele e para agir como uma mãe ao pequeno Kuno. Era uma mulher tão desalmada quanto ladina, e assim, sem levantar suspeitas, ganhou a confiança do ingênuo Conde que, antes de partir, deu a ela controle total sobre seus vassalos e sobre sua propriedade. Seu filho Eckbert, um rapaz de cerca de 15 anos, tinha a fama de ser bem-criado, por isso na presença de desconhecidos assumia modos gentis; mas tinha uma atitude maliciosa e nociva, e era temido e odiado pelos servos do castelo.

Que Kuno, aquele garoto sonhador que, na opinião de Eckbert, não tinha qualidades nobres, pudesse tornar-se senhor e dono de tantos castelos e propriedades nobres com seus vários dependentes, enquanto que, para Eckbert, nada estava reservado, exceto um castelo pequeno e meio arruinado ao qual nenhum vilarejo era ligado, o envergonhava, e em seu coração ardiam o ódio e a inveja pelo menino órfão. Até ali, Kuno havia aguentado toda a maldade de Eckbert com a gentileza herdada de sua mãe; mas quando correu a notícia de que o Conde tinha sido gravemente ferido, e quando o mensageiro deu como provável a morte de seu

senhor, Eckbert se considerou livre de limites, e atormentou o pequeno Conde com mais despeito do que nunca.

Naquele dia, ele o deixou muito triste. O cavalinho de Kuno, que o carregava desde que o menino era pouco mais do que um bebê e que nunca tinha sentido o chicote ou a espora, tinha sido montado naquele dia pelo cruel Eckbert. Pela primeira vez Kuno ousou fazer um protesto firme, e Eckbert ao ver com aquela incomum coragem como o animal era amado pelo garoto, deu com as esporas nas ancas do cavalo com toda a força, de modo a fazê-lo se erguer repentinamente e então partir com as ancas sangrando pelo portão do castelo. Quando Kuno, depois do retorno de Eckbert, correu até o estábulo para ver como seu preferido havia voltado depois da terrível galopada, o cavalo não virou a cabeça como sempre fazia para recepcioná-lo com um relincho alegre; permaneceu deitado, ofegante, sobre a palha, coberto de espuma e sangue, as patas esticadas, a cabeça mole, e a respiração ruidosa e alta. Kuno se lançou ao lado dele, passou os braços ao redor de seu pescoço, e o chamou dos nomes mais carinhosos. Então, a criatura abriu os olhos, fixou seu último olhar no jovem e, com uma tentativa fraca de relincho que mais pareceu um suspiro de morte, morreu.

As lágrimas de Kuno se secaram. Ele permaneceu sem palavras diante de seu preferido sem vida, e olhou com olhos secos para o garoto. Foi assim que Margaret, a esposa do caseiro, ex-babá de Kuno, o encontrou. Ela havia visto Eckbert montado no cavalo, e ouvido os apelos de Kuno. Quando viu o animal morto e o pesar do menino, sua raiva pela maldade de Eckbert não viu limites. Foi no mesmo instante atrás de Lady Von Allenstein, e disse o que pensava a respeito da atitude vergonhosa de Eckbert com uma veemência que a austera mulher nunca antes tinha visto em uma subalterna.

— Você sabe — disse a mulher, com olhos intensos — o que merece? Um lugar na masmorra entre sapos e rãs. Mas serei misericordiosa. Em uma hora, você e sua família devem deixar o castelo; isso servirá de aviso a outros servos, e deixará o Sr. Kuno mais submisso a mim e a meu filho, já que ele não mais terá você para incentivá-lo a ser teimoso.

Então, eles se foram. Em apenas uma hora, os últimos amigos de verdade do pobre órfão deixaram o castelo, apesar de ele ter se agarrado a Margaret e implorado com um choro convulsivo para que ela não o abandonasse. Ele os observou pelo máximo de tempo possível, e então atravessou o jardim até a cova de sua mãe.

Ali, sonhos de dias idos passaram por sua mente. Ele pensou nas horas felizes que tinha vivido ali na altura solitária com sua amada mãe; quando olhava com ela para os campos férteis, e escutava as histórias que ela contava a respeito das maravilhas das terras desconhecidas, de nosso Paraíso perdido, e do lar paradisíaco que ela logo pretendia alcançar. Então, quando, ao pensar na iminente despedida, ele sentia o coração encolher, sua mãe o abraçava e tentava confortá-lo contando a ele a respeito da simpatia que os bons anões ofereciam a pobres crianças indefesas, e sobre o esplendor e a beleza do reino encantado sob a terra.

E naquele momento? Ele se ajoelhou ao lado da cova, apoiou a cabeça na grama e chorou de soluçar até que, esgotado pelo pesar e pelo choro, adormeceu. O sol se pôs, mas ele não soube; as estrelas se ergueram, e o menino seguiu dormindo, com a cabeça apoiada na cova de sua mãe. Um leve toque e seu ombro o despertou. Ele acordou surpreso. Diante dele, havia um pequeno homem de aparência insignificante com uma lanterna na mão. Era o mesmo anão que já levava a mãe do menino à Rainha moribunda do Rei Goldemar.

— Quem é você? — perguntou o menino com surpresa enquanto esfregava os olhos ensonados.

— Um dos amigos de sua mãe — respondeu o homenzinho, com gentileza. — Não se lembra do que ela dizia a nosso respeito? Pode me acompanhar?

Kuno se levantou na hora, pegou a mão do anão e partiu ao lado dele. Em pouco tempo, eles chegaram ao monte de samambaias que cobria a entrada secreta, e entraram na caverna abobadada. A primeira porta se abriu, e o menino de repente se viu no reino encantado das histórias da mãe. Sim, aquela era a sala de cristal com lagartos de esmeralda e as serpentes azuis como o céu. O lugar brilhava e resplandecia como quando a Condessa atravessava o chão; as serpentes olhavam com gentileza para o menino com

seus olhos de diamante, e os lagartos transparentes menearam as cabeças com coroas em um cumprimento simpático.

— Eu sei como é o outro cômodo — disse Kuno, feliz, para seu pequeno guia. — Não á verdade que flores feitas de pedras preciosas brilham por paredes prateadas, e no terceiro quarto não é onde está a cama de rubi da Rainha, presa no teto dourado, e a águia batendo as asas de ouro?

O anão sorriu.

— Veja você mesmo — disse ele. Então, ele o guiou pelos cômodos. Sim, era tudo como a mãe de Kuno havia descrito; tudo era lindo e, ainda assim, ele conhecia tudo muito bem. Por último, ele foi levado à sala do trono.

As paredes e o teto eram de cristal azul, de modo a parecer o quarto do céu, e no domo alto brilhavam estrelas entalhadas de rubis. Não havia lâmpadas no quarto, mas do lado de dentro, uma luz escondida artificial passava entre as estrelas rubras, e enchia todo o cômodo com um brilho avermelhado. No canto mais distante do cômodo, ficava um trono feito de pérolas grandes e caras, que brilhavam à luz como botões de rosa, e sobre ele ficava, em sua beleza radiante, a Rainha daquele palácio encantado, e seus cabelos dourados esvoaçantes desciam pelos degraus feitos de pérolas do trono. Ao lado dela, ficava o Rei Goldemar com um manto roxo, a nobre cabeça adornada, mais uma vez, com a coroa de diamantes.

Com uma medida, o anão apresentou o menino ao casal real.

A adorável Rainha era muito menor do que Kuno, mas parecia tão digna que o menino se ajoelhou e respeitosamente beijou a mãozinha que ela estendeu a ele.

— Sua nobre mãe era minha amiga — disse ela com uma voz delicada —, e você é querido por nós como se fosse um dos nossos. Todas as noites, se quiser, pode nos procurar e esquecer um pouco dos problemas em sua casa. Olhe ao redor; todos estão prontos para lhe dar amor e alegria.

Enquanto ela falava, levantou a mão pálida e apontou as lindas crianças aos pés do trono e os grupos de anões organizados na sala. Então, as crianças da realeza se aproximaram para recepcioná-lo, e depois delas, os anõezinhos com os rostos sérios e

sábios; eles deram as mãos a ele, e olharam em seu olhar atento com simpatia. E o pobre menino sem amigos, que até aquele momento tinha se sentido sozinho e abandonado, sentiu-se feliz por ter encontrado gentileza e amor tão inesperados, como nunca antes desde a morte de sua mãe. Todos os seus problemas desapareceram da memória naquele reino encantado. As horas voaram e, para o menino, elas não passaram de minutos. Então, o anão que o havia levado pegou sua mão e o levou embora. Kuno sentiu muito por partir, mas seguiu seu pequeno guia.

— Não chore — disse o anão, com delicadeza. — Poderá voltar todas as noites; mas cuidado para não contar a ninguém sobre essas visitas, caso contrário, uma grande calamidade pode ser a consequência.

Quando chegaram ao jardim, as estrelas já tinham desaparecido, e os primeiros raios da alvorada apareciam no leste.

— Vamos depressa — disse o anão, ansioso —, pois os moradores de dentro da terra só podem viver sob a luz das estrelas. Os raios de sol nos matam.

Em pouco tempo, eles chegaram à comprida escadaria aos pés da torre. O portão estava trancado, mas o anão havia levado uma chave de formato estranho e a enfiou na fechadura. Imediatamente a porta trancada com uma barra de ferro se abriu, sem emitir ruído. Assim foi com todas as outras portas tão logo a maravilhosa chave as tocava e, suavemente, os caminhantes passaram pelos cômodos e pelos servos adormecidos. Kuno chegou, sem precisar ver, ao quarto que dividia com Eckbert, e então o anão correu para casa.

Eckbert tinha tentado permanecer acordado para receber Kuno com repreensão e broncas, pois o menino havia desaparecido na hora da ceia e foi procurado, em vão, é claro. Mas ele havia adormecido, apesar do plano.

Kuno ainda estava dormindo tranquilamente quando Eckbert acordou, saiu da cama e o chacoalhou com força.

— Onde você estava ontem? Diga! — ele gritou; mas Kuno, lembrando do alerta do anão, manteve-se em silêncio. Quando Eckbert ergueu o braço para lhe bater, uma mão invisível acertou um golpe tão forte em sua orelha que ele cambaleou meio inconsciente contra a parede. Ele se sentiu desconfortável ao

pensar que havia ali um vingador invisível, e deixou Kuno em paz, mas contou toda a história a sua mãe, distorcendo tudo, com maldade, enquanto contava. Na hora do café da manhã, ela ordenou que o menino contasse onde tinha estado; mas apesar de seu coração bater acelerado de medo, ele trancou os lábios e permaneceu em silêncio.

— Vou vencer sua teimosia — disse ela com raiva —, você dormirá no aposento da torre, e irá mais cedo para a cama.

À noite, ela mesma o levou ao cômodo isolado, a partir do qual a escada comprida levava ao jardim, pois pensou que o medo do quarto vazio e distante forçaria o menino a contar seu segredo. Mas quando ele continuou calado e se deitou na cama sem reclamar, a raiva ficou ainda mais forte no coração da senhora orgulhosa.

Eckbert tem razão, ela pensou. Preciso acabar com a teimosia dele.

Orando a Deus, e desejando ardentemente que seus amiguinhos não se esquecessem dele, Kuno adormeceu. E eles não o esqueceram. Perto da meia-noite, o anãozinho surgiu mais uma vez ao lado dele, despertando-o, e o levou para o palácio encantado.

Os anões o receberam com alegria, o casal real estendeu as mãos a ele, e em meio ao esplendor e ao prazer, as horas voaram. Seus amigos mostraram a ele as salas que ele não tinha visto um dia antes — os quartos de cristal cheios de ornamentos dourados, que toda família possuía, e que brilhavam muito mais do que a maioria dos palácios esplêndidos de reis mundanos. Mostraram a ele coisas incríveis que sabiam fazer — pássaros feitos de pedras preciosas, de cujas gargantas transparentes doces cantos fluíam; frutas e flores, feitas de joias, cuja beleza e perfume eram como os das flores do Éden. A surpresa e o prazer de Kuno não tinham limites; as horas passavam muito depressa, e quando as estrelas começaram a desaparecer, o anão o levou de volta ao cômodo na torre. E todas as noites, à meia-noite, o mesmo anão o levava de volta ao reino encantado. Ali, ele se esquecia de todos os problemas do dia — de todos os truques maldosos de Eckbert, e da injustiça de Lady Von Allenstein. Mas não era apenas para alegrá-lo e diverti-lo que as pessoinhas levavam o menino para visitá-los — elas também se importavam com sua mente e seu coração.

Naquele reino mágico vivia um anão idoso com cabelos e barba compridos e brancos como neve; uma luz supernatural brilhava em seus olhos. Todos os anões, até mesmo o Rei e a Rainha, o tratavam com o máximo respeito, pois ele era o homem mais velho da nação, e também o mais sábio. Ele conseguia ver milhares de anos no passado; sabia tudo do mundo todo — todas as plantas e pedras; sabia sobre sua origem e observara o crescimento delas. Com frequência, quando o Rei e a Rainha estavam sentados no trono, o sábio aparecia na sala e se sentava nos degraus de pérolas; e então, as adoráveis crianças reais, Kuno entre elas, se reuniam ao redor dele e escutavam enquanto ele contava, com olhos brilhantes, sobre as maravilhas da criação e as forças misteriosas da natureza. Palavras de gentileza e sabedoria fluíam de seus lábios, e parecia ao garoto que ele estava sentado na igreja ou aos pés de sua falecida mãe.

Mas horas ainda mais felizes do que aquelas ele passava brincando com as crianças no salão de cristal, deixando os belos lagartos ficarem na palma de sua mão, ou as serpentes azuis como o céu descerem por seu corpo e se enrolarem em seus pés. Certa vez, quando ele estava se preparando para ir para casa depois de uma de suas visitas, o Rei Goldemar segurou a mão que ele tinha estendido para se despedir e falou com ele com uma voz baixa e confiante. Kuno assentiu com um sorriso feliz. Na manhã seguinte, a alegria brilhava em seus olhos calmos e se mostrava em seu bom humor, o que causava um contraste muito estranho com a seriedade silenciosa de seu comportamento usual. A mudança não passou despercebida aos olhos rápidos da Condessa; mas ela tomou o cuidado de não perguntar o motivo, pois acreditava que já sabia o que era.

Mais cedo do que era de costume, Kuno disse “boa noite” e foi para seu quarto, mas não foi para a cama. Fez algumas tarefas, prendeu velas de cera, que tinha conseguido antes com o administrador, nas paredes, e tentou dar ao quarto um toque festivo; em seguida, vestiu as melhores roupas, sentou-se na cama e esperou.

Finalmente, o relógio do castelo marcou meia-noite, e imediatamente uma música baixa tocou à distância; tornou-se cada

vez mais próxima, e logo subiu a escadaria. Poucos segundos depois, a porta se abriu, e os amigos anões de Kuno entraram, marchando de dois em dois, e todos arrumados com roupas de celebração. Seguravam os chapéus invisíveis nas mãos, balançando-os de modo rítmico, de modo que os sinos prateados que os decoravam tocassem em mágica melodia. Em seguida surgiu, acompanhado por Goldemar e a Rainha, um casal de noivos, cuja festa de casamento seria realizada na casa de um humano para a benção e bem-estar de seu ocupante. Kuno deu um passo à frente para conhecer seus convidados, e os recebeu com alegria; então, ao som de uma música maravilhosa, a dança começou. Foi liderada pelo Rei e por sua adorável acompanhante, com as coroas brilhando a cada movimento gracioso; em seguida, veio o casal de noivos com roupas reluzentes. Kuno tinha pegado a mão de uma bela anã, e agora eles se misturavam com descontração à esplêndida multidão. Era só alegria.

De repente, a música parou, os dançarinos pararam e todos os olhos se viraram indignados em direção à abertura no teto onde o rosto de Lady Von Allenstein podia ser visto.

Os olhos de Goldemar brilharam com raiva.

— Apaguem as luzes — ele gritou a um de seu grupo; num instante, o homenzinho subiu na parede, e antes que a mulher tivesse tempo para suspeitar que aquele comando tinha algo a ver com ela, o anão chegou à abertura e soprou na cara dela.

Um grito assustado surgiu; em seguida, o Rei se virou para Kuno e disse:

— Aceite nossos agradecimentos, meu querido, por sua hospitalidade; não é por sua culpa que não podemos ficar mais. Adeus!

Então, as pessoas pequenas se viraram depressa em direção à porta, e logo o menino ficou sozinho.

Gemidos baixos foram ouvidos vindos de cima, juntamente com um barulho de choro abafado.

Kuno também tinha visto o rosto da mulher, e sabia que aqueles gemidos de dor tinham sido dados por ela. Ele sentiu uma compaixão profunda tomar seu coração; esqueceu-se de toda a

infelicidade que aquela mulher havia causado a ele e, pensando apenas em ajudá-la, ele pegou uma vela e correu até ela.

Ela a encontrou agachada no chão, com as mãos pressionando os olhos.

— O que houve, moça graciosa? — perguntou Kuno, com timidez.

— Ah, estou cega! Estou cega! — ela gemeu, sofrida. — O anão soprou em meus olhos e minha visão desapareceu.

Kuno, tomado por piedade, segurou a mão dela e a levou degrau por degrau escadaria abaixo, até o quarto dela.

Depois de chamar uma serva para ajudá-la, ele voltou para dizer boa noite à pobre mulher. O que ele nunca tinha feito nos dias saudáveis dela, ele fazia agora — levou a mão dela aos lábios e a beijou com fervor. A mulher sentiu uma lágrima quente em sua mão; silenciosamente, mas quase em esconder a emoção, ela a afastou. Aquela lágrima queimava como fogo incapaz de extinguir, não apenas em sua mão, mas em sua alma.

Ela teve uma noite longa e insone; aquela calamidade inesperada havia acabado com seu coração duro. Mas apesar de a luz ter sido levada de seus olhos, um novo dia amanhecia dentro dela. O fato de não gostar de Kuno, sua dureza e injustiça em relação ao órfão, tudo passou por sua mente em procissão intensa; e quando pensou na atitude nobre de Kuno, uma corrente de lágrimas penitentes escorreu de seus olhos sem visão.

Eckbert, ao ouvir sobre a tristeza ocorrida com sua mãe, mostrou-se tão sem coração como nunca. Acusava o anão e Kuno de serem os culpados. Mas nem sequer pensava em passar muitas horas entediadas com a pobre mãe cega — achava que era problema de Kuno, pois tinha sido ele a causa de tudo aquilo. Pelo contrário, livre de todas as limitações, Eckbert se divertiu mais do que nunca perturbando e bebendo, e tornou-se ainda mais tirano com tudo que o cercava.

Kuno se comportava com a mulher infeliz como um filho amoroso. Sentava-se com ela e cuidava de suas necessidades como se ela tivesse sido sua mãe amada. Quando o verão chegou, ele a levava todos os dias ao jardim e à rocha onde sua mãe jazia, e tentava diverti-la com conversas infantis.

Lady Von Allenstein costumava se sentir profundamente tocada quando sentia o carinho de Kuno e pensava em sua própria maldade. Certa vez, a emoção a venceu, e ela puxou Kuno para seu lado, dizendo chorosa:

— Você é muito bom comigo, e eu fui muito má com você; pode me perdoar por todas as coisas erradas que fiz? Ah, se eu pudesse recuperar minha visão, aproveitaria todas as oportunidades para compensá-lo por minha injustiça.

Kuno continuava muito amigo da nação dos Anões, e considerava o palácio encantado seu segundo lar. Exatamente um ano tinha se passado desde aquele casamento na câmara-torre, quando Rei Goldemar mais uma vez expressou o desejo de realizar um banquete parecido no mesmo local.

O coração de Kuno bateu forte de alegria com aquelas palavras; talvez — mas ele não alimentaria esperanças presunçosas.

Mais uma vez, o salão foi alegremente decorado; mas ninguém no castelo tinha a menor ideia do que aconteceria no salão isolado. Os convidados pequenos apareceram, e dessa vez, a festa transcorreu sem interrupções.

Mas o amanhecer, o momento da separação, se aproximava, e Goldemar estendeu a mão ao seu protegido para dizer adeus. Kuno a segurou com força e olhou com intensidade no rosto do Rei.

— O que você deseja, Kuno? — perguntou Goldemar.

— Tenho um pedido, e a realização dele me fará feliz — respondeu o garoto.

— Diga — disse o Rei, de modo gracioso —, você será atendido.

Então, Kuno levou o Rei para a cama e afastou as cortinas. Ali, havia uma moça pálida sofrendo muito, seus olhos escuros fixos à sua frente, mas vazios.

— Devolva a visão a ela — Kuno implorou, apontando Lady Von Allenstein.

Os olhos de Goldemar brilharam quando ele olhou para o menino com aprovação; em seguida, ele se inclinou em direção à mulher e disse:

— Volto a acender as luzes! — Ao mesmo tempo, ele soprou os olhos dela, e a visão retornou imediatamente.

Os olhos recém-abertos brilhavam de alegria e gratidão e, chorando, ela se jogou nos braços de Kuno, enquanto o casal real e seus súditos observavam tomados pela emoção.

— Adeus, Kuno — disse Rei Goldemar. — Você encontrou o que era preciso para ser feliz — o coração de uma mãe. Cumprimos nossa promessa. Se voltar a precisar de nossa ajuda, vai nos encontrar depressa.

Com um olhar amoroso, o Rei estendeu a mão, e a Rainha e os outros anões se despediram carinhosamente do menino e voltaram ao seu reino sob a terra. Quando eles estavam atravessando o jardim do castelo em direção à entrada na lateral da rocha, Eckbert voltava da bebedeira.

— Encontrei esses homenzinhos inesperadamente — disse ele, rangendo os dentes, quando notou a procissão de anões. — Agora eles pagarão pela cegueira de minha mãe. Vou cortar a cabeça de todos os idiotas e jogá-las dentro da janela do idiota do Kuno.

Ele caminhou devagar atrás da procissão. Quando chegaram à entrada na rocha, Eckbert esperou até o último passar, e então deu um salto e empunhou a espada. Naquele instante, a porta pesada da rocha, que se fechou tão bem, bateu e quebrou a cabeça de Eckbert em pedacinhos. Sem nada dizer, ele tombou para trás, e o sangue manchou a neve.

A manhã seguinte ofereceu um triste espetáculo à visão recém-restaurada de Lady Von Allenstein. É verdade, Eckbert tinha sido um filho mau, mas ainda assim era filho dela, sangue de seu sangue, e agora um cadáver estava a sua frente. O lugar onde ele tinha sido encontrado com a espada desembainhada fez Kuno suspeitar de quem havia causado sua morte; mas ele manteve silêncio sobre isso e sobre tudo relacionado a seus amigos anões.

Eckbert foi enterrado com grande pompa, mas ninguém chorou na cerimônia, exceto sua mãe e Kuno, que era bom e o perdoou. A partir daquele momento, Lady Von Allenstein direcionou todo o afeto de seu coração transformado a Kuno, que retribuiu seu amor com o máximo de gratidão; e ninguém que não conhecesse a relação entre eles poderia imaginar, ao vê-los juntos, que eles não eram mãe e filho.

O inverno e a primavera eram coisas do passado, e o clima quente do verão havia chegado.

Em uma noite iluminada de verão, a corneta do vigia na torre anunciou uma tropa de cavaleiros, e quando eles se aproximaram com o som de trombetas, o olhar aguçado de Kuno reconheceu nas bandeiras esvoaçantes as cores de seu pai.

Há muito ele tinha se recuperado, mas em vez de voltar a seu castelo, tinha oferecido, mais uma vez, o braço forte e o coração valente a serviço de seu senhor do império. A guerra agora tinha acabado, e o Conde, que há muito era tido como morto, havia voltado, coberto de cicatrizes e com honras, para abraçar seu filho amado.

Lady Von Allenstein ainda vivia no castelo e o governava como antes, mas agora era movida pelo amor, não pelo medo. Quando morreu de velhice, Kuno se ajoelhou ao seu lado; a mão fria dela permaneceu sobre a cabeça dele e os lábios moribundos proferiram palavras de amor e bênçãos a seu filho adotivo.

O caçador de focas e o sereiano

Elizabeth W. Grierson

1910

Era uma vez um homem que morava não muito longe da casa de John o' Groat, que, como todos sabem, fica no extremo norte da Escócia. Ele vivia numa pequena choupana à beira-mar e ganhava a vida caçando focas e vendendo suas peles, que são muito valiosas.

Conseguia um bom dinheiro assim, pois essas criaturas costumavam vir do mar em grande número e deitar-se nas rochas perto da casa dele, aquecendo-se à luz do sol, de modo que não era difícil se esgueirar por trás delas e matá-las.

Algumas dessas focas eram maiores que outras, e as pessoas do campo costumavam chamá-las de Roane e sussurrar que não eram focas, mas sereianos e sereias, que vinham de um país próprio, bem no fundo do mar, e adotavam esse estranho disfarce para poder atravessar a água e subir para respirar o ar da nossa terra.

Mas o caçador só ria das histórias e dizia que compensava muito matar aquelas focas, pois suas peles eram tão grandes que ele ganhava pagamento extra por elas.

Acontece que, um dia, quando exercia sua profissão, ele atingiu uma foca com sua faca de caça e, se o golpe foi ou não certo o bastante, não sei dizer, mas, com um grito alto de dor, a criatura

escorregou da rocha para o mar e desapareceu debaixo d'água, levando a faca consigo.

O caçador de focas, muito irritado com sua falta de jeito e também com a perda da faca, foi para casa jantar num estado de espírito muito abatido. No caminho, encontrou um cavaleiro tão alto, de aparência tão estranha e montado num cavalo tão gigantesco, que parou e olhou para ele, assombrado, imaginando quem era e de que país vinha.

O estranho parou também, perguntou-lhe qual era sua ocupação e, ao ouvir que era caçador de focas, imediatamente encomendou um grande número de peles. O caçador ficou encantado, pois aquela encomenda significava uma enorme quantia para ele. Mas foi tomado pelo desânimo quando o cavaleiro acrescentou que era absolutamente necessário que as peles fossem entregues naquela noite.

— Não consigo fazer isso — disse ele num tom decepcionado —, pois as focas só voltarão às rochas amanhã de manhã.

— Posso levá-lo a um lugar onde há inúmeras focas — respondeu o estranho —, se você montar na garupa do meu cavalo e vier comigo.

O caçador de focas concordou e montou atrás do cavaleiro, que balançou as rédeas, e o grande cavalo galopou num ritmo tal que ele teve muita dificuldade para continuar sentado.

Adiante seguiram, voando como o vento, até chegarem finalmente à beira de um imenso precipício, cuja face descia até o mar. Aqui, o cavaleiro misterioso deteve o cavalo com um puxão.

— Agora, desça — disse ele simplesmente.

O caçador de focas fez o que ele pediu e, quando se viu seguro no chão, espiou com cuidado além da beira do penhasco, para ver se havia alguma foca nas rochas lá embaixo.

Para sua surpresa, não viu rochas, só o mar azul, que chegava até o pé do penhasco.

— Onde estão as focas de que você falou? — perguntou ele ansioso, desejando nunca ter saído numa aventura tão precipitada.

— Logo você verá — respondeu o estranho, que estava cuidando das rédeas do cavalo.

Agora o caçador de focas estava completamente apavorado, pois tinha certeza de que algum mal estava prestes a se abater sobre ele, e, num lugar tão ermo, sabia que seria inútil gritar por socorro.

E parecia que seus medos se revelariam verdadeiros demais; no momento seguinte, a mão do estranho pousou no seu ombro e ele sentiu que era jogado com vigor além do penhasco, e caiu com estardalhaço no mar.

Pensou que sua última hora havia chegado e imaginou como alguém poderia cometer um ato tão injusto contra um homem inocente.

Mas, para seu espanto, descobriu que devia ter passado por alguma transformação, pois, em vez de se afogar na água, conseguia respirar com facilidade, e ele e seu companheiro, que ainda estava bem ao seu lado, pareciam estar afundando tão rapidamente no mar como se voassem pelos ares.

Mais e mais fundo eles foram, ninguém sabe até que ponto, até finalmente chegarem a uma enorme porta em arco, que parecia ser feita de coral rosa, cravejada de conchas de berbigão. Ela se abriu por conta própria e, ao entrar, eles se viram num enorme salão, cujas paredes eram formadas por madrepérola e o piso, por areia do mar, macia, firme e amarela.

O salão estava cheio de ocupantes, mas eram focas, não homens, e, quando o caçador se voltou ao companheiro para perguntar o que tudo aquilo significava, ficou horrorizado ao descobrir que ele também assumira a forma de uma foca. Ficou ainda mais horrorizado quando se avistou num grande espelho pendurado na parede e viu que também não exibia mais a aparência de um homem, mas fora transformado numa bela foca marrom e peluda.

— Ah, ai de mim — disse consigo —, sem que eu tivesse culpa, esse estranho ardiloso lançou-me um feitiço funesto, e nesta forma terrível ficarei pelo resto da minha vida.

No começo, nenhuma das enormes criaturas falou com ele. Qualquer que fosse a razão, pareciam estar muito tristes e se deslocavam brandamente pelo salão, conversando aos murmúrios e

lamentos, ou deitavam-se tristonhas no chão arenoso, enxugando grandes lágrimas dos olhos com as barbatanas macias e felpudas.

Mas logo começaram a notá-lo, a sussurrar umas para as outras, e seu guia se afastou dele e desapareceu por uma porta no final do salão. Quando voltou, trazia uma faca enorme na mão.

— Já a viste? — perguntou ele, oferecendo-a para o infeliz caçador de focas, que, para seu horror, reconheceu a própria faca de caça, com a qual atingira a foca de manhã e que fora levada pelo animal ferido.

Ao vê-la, ele caiu de bruços e implorou por misericórdia, pois chegou na mesma hora à conclusão de que os habitantes da caverna, enfurecidos com o mal causado ao seu camarada, haviam, de algum modo mágico, conseguido capturá-lo e levá-lo à sua morada subterrânea, a fim de se vingar dele, matando-o.

Mas, em vez disso, as focas o rodearam, esfregando os narizes macios no pelo dele para demonstrar compaixão, e imploraram que ele não ficasse consternado, pois nenhum mal lhe aconteceria, e elas o amariam por toda a vida se ao menos fizesse o que lhe pediam.

— Dizei-me o que é — pediu o caçador de focas —, e eu o farei, se estiver ao meu alcance.

— Vem comigo — respondeu seu guia, e abriu caminho até a porta pela qual havia passado quando fora buscar a faca.

O caçador de focas o seguiu. E lá, numa sala menor, encontrou uma grande foca marrom deitada num leito de algas marinhas rosas-pálidas, com uma ferida aberta no lado do corpo.

— Este é o meu pai — disse o guia —, a quem feriste hoje pela manhã, pensando que ele fosse uma das focas comuns que vivem no mar, em vez de um sereiano capaz de falar e entender, assim como vocês, mortais. Eu te trouxe aqui para curar as feridas dele, pois nenhuma outra mão que não a tua pode fazer isso.

— Não tenho habilidade na arte de curar — disse o caçador de focas, admirado com a clemência daquelas estranhas criaturas a quem ele havia inconscientemente injustiçado —, mas vou enfaixar a ferida da melhor maneira possível, e só posso lamentar que tenham sido minhas mãos a causá-la.

Ele foi até o leito e, curvando-se sobre o sereiano ferido, lavou e enfaixou a ferida como pôde; e o toque de suas mãos pareceu funcionar como mágica, pois, assim que terminou, a ferida pareceu se fechar e secar, deixando apenas a cicatriz, e a velha foca se levantou, plenamente recuperada.

Então houve grande alegria em todo o Palácio das Focas. Elas riram, conversaram e se abraçaram à sua maneira estranha, amontoando-se em volta do camarada e esfregando o nariz no dele, como se para mostrar o quanto estavam felizes com sua recuperação.

Mas tudo isso aconteceu enquanto o caçador de focas ficava sozinho num canto, com a mente tomada por pensamentos sombrios, pois, ainda que agora entendesse que não tinham intenção de matá-lo, ele não gostava da ideia de passar o resto da vida na forma de uma foca, a muitas braças de profundidade no oceano.

Naquele momento, porém, para sua grande alegria, o guia se aproximou dele e disse:

— Agora estás livre para voltar para casa, para tua esposa e filhos. Vou levar-te até eles, mas apenas com uma condição.

— E qual é? — perguntou o caçador de focas, ansioso e enlevado com a ideia de voltar em segurança ao mundo superior e à sua família.

— Que faças um juramento solene de nunca mais ferir uma foca.

— Farei isso de bom grado — respondeu ele, pois, embora a promessa significasse abrir mão de seu sustento, ele sentia que, se ao menos recuperasse sua forma correta, sempre poderia se voltar para outra ocupação.

Por isso, fez o juramento exigido com toda a solenidade, erguendo a barbatana enquanto jurava, e todas as outras focas o rodearam como testemunhas. E um suspiro de alívio percorreu os salões quando as palavras foram ditas, pois ele era o caçador de focas mais famoso do norte.

Então, disse adeus aos estranhos companheiros e, acompanhado por seu guia, passou mais uma vez pelas portas de coral, subiu, subiu e subiu pela água verde e sombria, até começar a ficar cada vez mais leve, e por fim emergiram à luz do sol.

Com um salto, chegaram ao topo do penhasco, onde o grande cavalo preto os esperava, mordiscando em silêncio a relva verde.

Quando deixaram a água, seu estranho disfarce sumiu, e agora estavam como antes, um simples caçador de focas e um cavalheiro alto e bem vestido com traje de montaria.

— Monta atrás de mim — disse o último enquanto montava na sela. O caçador de focas fez o que ele pediu, segurando com firmeza o casaco do companheiro, pois se lembrava de ter quase caído na jornada anterior.

Então, tudo aconteceu como acontecera antes. O cavaleiro balançou as rédeas e o cavalo saiu a galope, e não demorou muito para que o caçador de focas se visse de pé diante do portão do seu jardim.

Levantou o braço para acenar, mas, quando o fez, o estranho pegou um enorme saco de ouro e o colocou na sua mão.

— Cumpriste a tua parte da barganha; devemos cumprir a nossa — disse ele. — Os homens jamais dirão que tiramos o trabalho de um homem honesto sem compensá-lo por isso, e aqui está o que sustentará teu conforto até o fim da tua vida.

Ele então desapareceu e, quando o assombrado caçador de focas levou o saco para dentro de sua choupana e despejou o ouro na mesa, descobriu que o estranho dissera a verdade e que ele seria rico pelo resto de seus dias.

Baba Yaga e Vasilissa, a bela

Alexander Afanasyev

1855

Em um certo Czarado^[29], além de três vezes nove reinos, depois de altas cadeias montanhosas, vivia um mercador. Ele fora casado por doze anos, mas nesse tempo lhe foi concedida apenas uma criança, uma filha, que desde o berço foi chamada Vasilissa^[30], a Bela. Quando a garotinha tinha oito anos, sua mãe adoeceu e, após poucos dias, via-se claramente que ela morreria. Então ela chamou sua filhinha para junto de si e, pegando uma bonequinha de madeira de debaixo do cobertor da cama, colocou-a em suas mãos, dizendo:

— Minha pequena Vasilissa, minha querida filha, escute o que eu digo; lembre-se bem de minhas últimas palavras e não falhe em cumprir os meus desejos. Eu estou morrendo e, com a minha bênção, deixo a você essa bonequinha. Ela é muito preciosa, pois não há outra igual no mundo todo. Carregue-a sempre com você, em seu bolso, e nunca a mostre a ninguém. Quando o mal a ameaçar ou a tristeza cair sobre você, vá até um cantinho, pegue a boneca de seu bolso e dê a ela alguma coisa para comer e beber. Ela vai comer e beber um pouquinho, e então você poderá contar-lhe sua aflição e pedir-lhe conselhos. Ela lhe dirá como agir em horas de necessidade.

Assim dizendo, ela beijou a filhinha na testa, abençoou-a e, pouco depois, morreu.

A pequena Vasilissa sofreu muito a perda da mãe, e sua tristeza foi tão profunda que, quando a noite escura veio, ela deitou-se em sua cama e chorou sem conseguir dormir. Passado algum tempo, lembrou-se da bonequinha, então se levantou, retirou-a do bolso de seu vestido e, pegando também um pedaço de pão e um copo de *kvass*^[31], pôs tudo diante dela:

— Aqui está, minha bonequinha, pegue. Coma e beba um pouco, e escute o meu pesar. Minha querida mãe está morta e eu sinto a falta dela.

Então os olhos da bonequinha começaram a brilhar como pirilampus e, de repente, ela ganhou vida. Ela comeu um pedaço do pão e tomou um gole da *kvass* e, quando já havia comido e bebido, disse:

— Não chore, pequena Vasilissa. A dor é pior à noite. Deite-se, feche seus olhos, console-se e vá dormir. A manhã é mais sábia do que a noite.

Então Vasilissa, a Bela, deitou-se, consolou-se e dormiu. No dia seguinte, sua tristeza era menos profunda e, suas lágrimas, menos amargas.

Depois da morte de sua esposa, o mercador manteve o luto por muitos dias, como era apropriado, mas ao final desse tempo, começou a querer casar-se novamente e procurou por uma esposa adequada. Isso não foi difícil de encontrar, pois ele possuía uma boa casa, com um estábulo com cavalos velozes, além de ser um bom homem, que doava bastante aos pobres. De todas as mulheres que ele viu, porém, a que lhe era, em sua opinião, a mais compatível, era uma viúva mais ou menos de mesma idade que a sua, com duas filhas. E ela, ele pensou, além de ser uma boa dona de casa, poderia ser uma gentil madrasta para sua pequena Vasilissa.

Então, o mercador casou-se com a viúva e a trouxe para casa como sua esposa, mas a garotinha logo descobriu que sua madrasta estava bem longe de ser o que seu pai imaginara. Ela era uma mulher fria e cruel, que desejara o mercador por conta de sua fortuna e que não tinha amor nenhum por sua filha.

Vasilissa era a maior beleza de todo o vilarejo, enquanto as filhas da viúva eram tão dispensáveis e medíocres como dois corvos; por causa disso, as três a invejavam e a odiavam. O trio dava a ela

todos os tipos de incumbências e tarefas difíceis de realizar, de modo que a labuta a fizesse magra e desgastada e que seu rosto ficasse queimado do sol e do vento^[32]; elas a tratavam tão cruelmente para que a menina tivesse poucas alegrias na vida. Mas tudo isso a pequena Vasilissa suportou sem reclamar e, enquanto as duas filhas de sua madrasta cresciam sempre mais magras e feias, a despeito do fato de não terem tarefas difíceis a cumprir, de nunca saírem quando estava frio ou chovendo e de sentarem sempre com os braços dobrados como damas de uma Corte, Vasilissa possuía bochechas como sangue e leite e ficava a cada dia mais e mais bela.

A razão disso era a bonequinha, sem cuja ajuda a pequena Vasilissa jamais poderia dar conta de todo o trabalho que lhe era atribuído. A cada noite, quando todos os outros já estavam em sono profundo, Vasilissa levantava da cama, levava a bonequinha até um aposento e, fechando a porta, dava-lhe algo comer e beber, e dizia:

— Aqui está, minha bonequinha, pegue. Coma e beba um pouco, e escute o meu pesar. Vivo na casa de meu pai, mas minha madrasta maldosa deseja me expulsar do mundo branco^[33]. Diga-me! Como devo agir, o que devo fazer?

E então os olhos da bonequinha começavam a brilhar como vagalumes, e ela ganhava vida. Ela comia um pouco da comida, tomava um gole da bebida, e então confortava e dizia a Vasilissa como agir. Enquanto Vasilissa dormia, a bonequinha fazia todo seu trabalho do dia seguinte, para que a Vasilissa só restasse descansar na sombra das árvores e colher flores, já que a bonequinha já havia retirado as ervas daninhas do quintal, regado os pés de repolho, pegado baldes de água fresca do poço e aquecido o fogão na temperatura certa. E, além disso, a bonequinha lhe ensinara a fazer um unguento de uma certa erva que a protegia de queimaduras de sol. Então, toda a alegria da vida de Vasilissa vinha por causa da bonequinha que ela sempre carregava consigo, em seu bolso.

Os anos se passaram, até que Vasilissa cresceu e chegou à idade em que é melhor se casar. Todos os jovens na vila, nobres e vassallos, ricos e pobres, pediam sua mão, enquanto nenhum deles parava para sequer olhar as filhas da madrasta, tão desfavorecidas que eram. Isso aumentou ainda mais a raiva que a madrasta nutria

por Vasilissa; ela respondia a cada jovem galante que batia à sua porta com a mesma frase:

— Nunca a mais nova se casará antes que as mais velhas!

E, a cada vez em que um pretendente saía porta afora, a madrasta acalmava sua raiva e ódio batendo na enteada. Assim, ainda que Vasilissa crescesse cada dia mais amável e graciosa, estava frequentemente infeliz e, se não fosse pela bonequinha em seu bolso, ela já teria tido vontade de deixar o mundo branco.

Chegou um tempo em que se tornou necessário para o mercador deixar a sua casa e viajar para um distante Czarado. Ele se despediu de sua esposa e de suas duas filhas, beijou Vasilissa, deu-lhe suas bênçãos e partiu, incumbindo-as todas de fazerem uma prece todos os dias pelo seu retorno a salvo. Mal ele saiu da vista do vilarejo, porém, e a madrasta vendeu sua casa, encaixotou todos os seus bens e mudou-se com elas para outro domicílio, distante da cidade, em uma vizinhança sombria à beira de uma floresta selvagem. Lá, todos os dias, enquanto suas filhas trabalhavam dentro de casa, a esposa do mercador mandava Vasilissa em uma tarefa ou outra floresta adentro, fosse para achar um galho de um arbusto raro ou para trazer-lhe flores ou frutinhas.

Mas lá nas profundezas da floresta, como a madrasta bem sabia, existia uma clareira verde^[34], e nessa clareira havia uma cabaninha miserável construída sobre pés de galinha, onde vivia uma Baba Yaga^[35], uma velha bruxa. Ela vivia sozinha e ninguém ousava se aproximar da cabana, pois ela comia pessoas como se come galinhas. A esposa do mercador mandava Vasilissa floresta adentro todo dia, esperando que ela encontrasse a velha bruxa e fosse devorada; porém, a garota sempre voltava para casa sã e salva, porque sua bonequinha mostrava-lhe onde os arbustos, as flores e frutinhas cresciam, e não a deixava chegar perto da choupana que ficava sobre pés de galinha. E cada vez a madrasta a odiava mais e mais por não ter sofrido nenhum mal.

Numa noite de outono, a madrasta chamou as três garotas e deu uma tarefa a cada uma. A uma de suas filhas ela incumbiu tecer um pedaço de renda; a outra, mandou tricotar um par de calças; e, para Vasilissa, deu uma bacia de linho para ser fiado. Ela ordenou que cada uma terminasse sua parte, e então apagou todas as

fogueiras da casa, deixando apenas uma única vela acesa no quarto onde as três trabalhavam e foi dormir.

Elas trabalharam por uma, por duas, por três horas, até que uma das irmãs mais velhas pegou uma pinça para ajeitar o pavio da vela e, desajeitadamente (como sua mãe a havia instruído), a apagou, como que por acidente.

— O que faremos agora? — perguntou a outra irmã. — As fogueiras estão todas apagadas, não há qualquer luz em toda a casa, e nós não acabamos as nossas tarefas!

— Nós devemos sair e arranjar fogo — disse a que havia apagado a vela. — A única casa por perto é uma cabana na floresta, onde vive uma Baba Yaga. Uma de nós deve ir e pedir fogo a ela.

— Eu tenho luz suficiente, que vem dos meus alfinetes de aço — disse a irmã que estava fazendo o rendado. — E não vou.

— E eu tenho bastante luz das minhas agulhas prateadas — disse a outra, que tricotava as calças. — E não vou.

— Você, Vasilissa — as duas irmãs disseram —, deve ir e conseguir o fogo, pois não tem nem alfinetes de aço e nem agulhas de prata, e não tem como enxergar para fiar o seu linho!

As duas irmãs se levantaram, empurraram Vasilissa para fora da casa e trancaram a porta, gritando:

— Você não vai entrar enquanto não tiver trazido fogo!

Vasilissa sentou-se nos degraus em frente à porta, tirou a boneca minúscula de dentro de um bolso e de outro ela tirou o jantar que estava preparado para ela; pôs a comida diante da boneca e disse:

— Aqui está, minha bonequinha, pegue. Coma e beba um pouco, e escute o meu pesar. Eu devo ir até a cabana da velha Baba Yaga, lá na floresta escura, para pegar emprestado um pouco de fogo, mas tenho medo de que a bruxa me devore. Diga-me! O que devo fazer?

Então os olhos da bonequinha começaram a brilhar como duas estrelas e ela ganhou vida. Ela comeu um pouco e disse:

— Não tema, pequena Vasilissa. Vá até onde foi mandada. Enquanto eu estiver com você, nenhum mal a velha bruxa lhe causará.

Então, Vasilissa colocou a bonequinha de volta no bolso, fez o sinal da cruz e começou a entrar na floresta escura e selvagem.

Se ela caminhou muito ou pouco é fácil contar, mas a jornada foi difícil^[36]. A floresta era muito escura, e ela não podia deixar de tremer de medo. De repente, ouviu o som dos cascos de um cavalo e um homem passou a galope por ela. Ele estava vestido todo de branco, e o cavalo que montava também era branco como o leite, assim como os arreios que usava; e, assim que ele passou por ela, anoiteceu.

Ela seguiu um pouco mais adiante e mais uma vez ouviu o som dos cascos de um cavalo, e então outro homem passou por ela a galope. Ele estava vestido todo de vermelho, e o cavalo que montava era vermelho como o sangue, assim como os arreios que usava. Assim que ele passou por ela, o sol se ergueu no horizonte.

Durante aquele dia inteiro, Vasilissa caminhou, pois havia se perdido. Ela não conseguia achar qualquer caminho na floresta escura e não tinha comida nenhuma para pôr diante da bonequinha e fazê-la criar vida.

Mas, à noite, ela chegou enfim à clareira verde onde a cabaninha miserável ficava, sobre seus pés de galinha. A parede ao redor da cabana era feita de ossos humanos e no seu teto havia caveiras. Havia um portão no muro, cujas dobradiças eram ossos de pés humanos e, as fechaduras, ossos de mandíbulas humanas, com dentes afiados. Esta visão horrorizou Vasilissa e ela parou, imóvel como uma coluna enterrada no chão.

Enquanto ela permanecia imóvel, um terceiro homem a cavalo veio galopando. Sua face era preta, e ele estava todo vestido de preto; o cavalo que ele montava era da cor do carvão. Ele galopou até ao portão da cabana e desapareceu ali, como se houvesse afundado no chão; e, naquele momento, a noite chegou e a floresta escureceu.

Mas não estava escuro na clareira verde, pois instantaneamente todos os olhos das caveiras no muro se acenderam e brilharam até o local se tornar claro como o dia. Quando viu isso, Vasilissa tremeu tanto de medo que não pôde correr.

Então, de repente, a floresta se encheu de um barulho terrível; as árvores começaram a gemer, os galhos a chiar e as folhas secas

a se agitar, e a Baba Yaga veio voando da floresta. Ela estava cavalcando um grande almofariz de ferro, dirigindo-o com o pilão, e, enquanto se aproximava, varria o caminho atrás dela com uma vassoura de cozinha.

Ela cavalcou até o portão e, parando, disse:

— Casinha, casinha! Mamãe não te pôs assim; vire as costas para a floresta e fique de frente para mim! — E a cabaninha virou-se de frente para ela e ficou parada. Então, farejando em volta, a Baba Yaga gritou: — Fu! Fu! Eu sinto um cheiro russo! Quem está aí?

Vasilissa, num grande temor, aproximou-se da velha e, curvando-se muito baixo, disse:

— É somente Vasilissa, vovó. As filhas de minha madrasta me mandaram à senhora para pegar um pouco de fogo emprestado.

— Bem... — disse a velha bruxa. — Eu as conheço. Mas se lher o fogo, você vai ficar comigo um tempo e fazer alguns trabalhos para pagar por ele. Se não, você será a comida da minha ceia. — Então, ela se voltou ao portão e gritou: — Olá! Vocês, minhas fechaduras sólidas, destranquem-se! Você, meu robusto portão, abra!

Instantaneamente, as fechaduras se destrancaram, o portão abriu sozinho e a Baba Yaga adentrou assoviando. Vasilissa entrou logo atrás dela e, de imediato, o portão fechou de novo e as fechaduras estalaram com força ao fechar.

Quando elas entraram na cabana, a velha bruxa atirou-se em frente ao forno, esticou suas pernas ossudas e disse:

— Ande, pegue e ponha já sobre a mesa tudo o que está nesse forno! Eu estou com fome!

Vasilissa correu, acendeu uma lasca de madeira em uma das caveiras na parede, pegou a comida do forno e pôs diante da bruxa. Havia carne cozida suficiente para alimentar três homens fortes. Ela trouxe ainda, da adega, *kvass*, mel, e vinho tinto; e a Baba Yaga comeu e bebeu de tudo, deixando para a garota apenas um pouco de sopa de repolho, uma crosta de pão e um naco de leitão.

Quando sua fome estava saciada, a velha bruxa, ficando sonolenta, deitou-se sobre o forno e disse:

— Escute-me bem e me obedeça: amanhã, quando eu for embora, limpe o quintal, varra o chão e cozinhe meu jantar. Então,

pegue um quarto da medida de trigo da minha despensa e cate todos os grãos pretos e as ervilhas bravas. Cuide para fazer tudo o que ordenei, senão será a comida da minha ceia.

Dentro em pouco, a Baba Yaga virou-se para a parede e começou a roncar; e Vasilissa soube que ela tinha caído em sono profundo. Ela foi até o canto, pegou a bonequinha do seu bolso, pôs diante dela um pouquinho de pão e sopa de repolhos que tinha guardado e, caindo no choro, disse:

— Aqui está, minha bonequinha, pegue. Coma e beba um pouco, e escute o meu pesar. Estou aqui na casa da velha bruxa e o portão no muro está trancado e eu estou com medo. Ela me deu uma tarefa difícil e, se eu não fizer tudo que ordenou, vai me comer amanhã. Diga-me, o que devo fazer?

Os olhos da bonequinha começaram a brilhar como duas velas. Ela comeu um pouquinho de pão, bebeu um pouquinho da sopa e disse:

— Não tenha medo, Vasilissa, a Bela. Reconforte-se. Ore e vá dormir; a manhã é mais sábia que a noite.

Então, Vasilissa acreditou na bonequinha e reconfortou-se. Ela rezou, deitou-se no chão e dormiu profundamente.

Quando acordou, muito cedo na manhã seguinte, ainda estava escuro. Ela levantou e olhou pela janela e viu que os olhos das caveiras que ficavam em cima do muro estavam esmaecendo. Enquanto ela olhava, o homem todo trajado em branco, cavalcando o cavalo branco como leite, galopou rapidamente ao redor da cabana, pulou o muro e desapareceu; e, quando o fez, o céu ficou bastante claro e os olhos das caveiras tremeluziram e se apagaram. A velha bruxa estava no quintal; neste momento, começou a assoviar, e o grande almofariz de ferro, o pilão e a vassoura de cozinha voaram para fora da cabana até ela. Enquanto ela entrava no almofariz, o homem vestido todo em vermelho, montado em seu cavalo vermelho como sangue, galopou como o vento ao redor da cabana, pulou sobre o muro e sumiu e, naquele momento, o sol nasceu. Então a Baba Yaga gritou:

— Olá! Vocês, minhas fechaduras sólidas, destranquem-se! Você, meu robusto portão, abra!

E as fechaduras destrancaram-se, o portão abriu e ela partiu no almofariz, dirigindo-o com o pilão e varrendo o caminho atrás de si com a vassoura.

Quando Vasilissa viu-se sozinha, examinou a cabana e teve a impressão de que ela tinha uma abundância de tudo. Passou um tempo parada, lembrando de todo o trabalho que fora ordenada a fazer e pensando por onde começar. Mas, quando voltou a si e olhou ao seu redor, esfregou os olhos, pois o quintal já estava cuidadosamente limpo, todo o chão estava bem varrido e a bonequinha estava sentada no armazém, separando os últimos grãos pretos e ervilhas bravas da quarta medida do trigo.

Vasilissa correu e pegou a bonequinha em seus braços.

— Minha querida bonequinha! — ela gritou. — Você me salvou do meu problema! Agora eu tenho só que cozinhar o jantar da Baba Yaga, já que todas as outras tarefas estão feitas!

— Cozinhe, então, com a ajuda dos céus — disse a bonequinha. — E então descanse, e que o cozinhar a faça saudável!

E, assim dizendo, ela rastejou para o bolso de Vasilissa e se tornou novamente apenas uma bonequinha de madeira.

Assim, Vasilissa descansou todo o dia e ficou revigorada; quando estava perto de anoitecer, ela pôs a mesa para a ceia da velha bruxa e sentou-se, olhando pela janela, esperando-a chegar. Depois de um tempo, ouviu o som dos cascos de um cavalo e o homem trajado de preto, montado em um cavalo preto como carvão, galopou acima do portão do muro, desaparecendo como uma grande sombra escura. Instantaneamente, escureceu muito, e os olhos de todas as caveiras começaram a reluzir e brilhar. Subitamente, as árvores passaram a chiar e gemer, as folhas e arbustos a carpir e suspirar, e a Baba Yaga veio pela floresta escura, montada no enorme almofariz de ferro, conduzindo-o com o pilão e varrendo o chão atrás de si com a vassoura de cozinha. Vasilissa deixou-a entrar; e a bruxa, cheirando tudo a sua volta, perguntou:

— Bem, você fez perfeitamente todas as tarefas que ordenei, ou devo comê-la no meu jantar?

— Faça o favor e veja por si mesma, vovó — respondeu Vasilissa.

A Baba Yaga foi a todo lugar, batendo com seu pilão de ferro e examinando tudo cuidadosamente. Mas a bonequinha havia feito o seu trabalho tão bem que, por mais que ela tentasse, não conseguia achar um defeito do qual reclamar. Não havia erva daninha restante no quintal, nem mancha de poeira no chão, ou sequer um grão preto ou ervilha brava misturada ao trigo.

A velha bruxa ficou muito irritada, porém foi obrigada a fingir que estava satisfeita:

— Bom, você fez tudo bem — ela disse e, batendo palmas, gritou. — Olá! Meus fiéis servos! Amigos de meu coração! Apressem-se e moam meu trigo!

Imediatamente, três pares de mãos apareceram, apanharam a medida de trigo e levaram-na embora.

A Baba Yaga sentou-se para jantar e Vasilissa pôs diante dela toda a comida do forno, com *kvass*, mel e vinho tinto. A velha bruxa comeu tudo, até os ossos, até quase o último pedaço, o suficiente para saciar quatro homens fortes e, então, ficando sonolenta, esticou suas pernas ossudas em frente ao forno e disse:

— Amanhã, faça tudo como fez hoje; e, além dessas tarefas, pegue de meu armazém meia medida de sementes de papoula e limpe-as, uma a uma. Alguém misturou terra com elas para me tapear e enfurecer, e eu as quero perfeitamente limpas.

Assim dizendo, ela se virou para a parede e logo começou a roncar.

Quando ela adormeceu, Vasilissa foi a um cantinho, pegou a bonequinha de seu bolso, colocou diante dela uma parte da comida que havia sobrado e pediu por seu conselho. E a bonequinha, quando ganhou vida e comeu um pouquinho de comida e bebericou um golinho de bebida, disse:

— Não se preocupe, bela Vasilissa! Reconforte-se. Faça exatamente como fez noite passada: ore e vá dormir.

Então, Vasilissa reconfortou-se. Ela rezou e foi dormir, e não acordou até a manhã seguinte, quando ouviu a velha bruxa assoviando no quintal. Correu até a janela bem a tempo de vê-la se acomodar no almofariz; e, enquanto ela o fazia, também o homem trajado em vermelho, montando o cavalo como sangue, saltou sobre

o muro e se foi, exatamente quando o sol nasceu na floresta selvagem.

Assim como aconteceu na primeira manhã, aconteceu na segunda. Quando Vasilissa olhou, descobriu que a bonequinha tinha acabado todas as tarefas, exceto a de cozinhar o jantar. O quintal estava varrido e em ordem, o chão estava tão limpo quanto madeira nova, e não existia um grão de terra sequer na meia medida de sementes de papoula. Ela descansou e refrescou-se até a tarde, quando cozinhou o jantar; e, quando a noite chegou ela pôs a mesa e sentou-se para esperar a velha bruxa chegar.

Logo, o homem de preto, no cavalo como o carvão, galopou por cima do portão, e a escuridão caiu e os olhos das caveiras começaram a brilhar como o dia; e então o chão começou a tremer, e as árvores da floresta começaram a gemer e as folhas secas a farfalhar, e a Baba Yaga chegou montada em seu almofariz, dirigindo-o com seu pilão e varrendo o chão atrás de si com a vassoura.

Quando ela entrou, cheirou tudo ao seu redor e andou pela cabana, batendo com o seu pilão; mas, mesmo examinando e vasculhando como pôde, novamente ela não achou motivo para reclamar e ficou com mais raiva que nunca. Bateu palmas e gritou:

— Olá! Meus fiéis servos! Amigos de minha alma! Apressem-se e presem o óleo das sementes de papoula! — E instantaneamente, os três pares de mãos apareceram, pegaram a medida de sementes de papoula e levaram-na embora.

Pouco depois, a velha bruxa sentou-se para jantar e Vasilissa trouxe tudo que havia cozinhado, o suficiente para alimentar cinco homens crescidos; colocou diante dela, trouxe cerveja e mel, e ficou esperando silenciosamente. A Baba Yaga comeu e bebeu tudo, cada pedaço, deixando um pouco menos de um farelo de pão; e disse abruptamente:

— Bem, por que não diz nada, mas fica aí parada como se fosse estúpida?

— Eu nada falei — Vasilissa respondeu — porque não me atrevi. Mas se me permitir, vovó, eu desejo fazer algumas perguntas.

— Bem... — disse a velha bruxa. — Só lembre que cada pergunta não levará a nada bom. Se sabe demais, envelhecerá

muito cedo. O que deseja perguntar?

— Peço que fale dos homens em seus cavalos — disse Vasilissa. — Quando vim para a sua cabana, um cavaleiro passou por mim. Ele estava todo vestido de branco e galopava em um cavalo branco como o leite. Quem era ele?

— Aquele era meu dia branco e brilhante — respondeu a Baba Yaga com raiva. — Ele é um servo meu, mas não pode machucá-la. Pergunte-me mais.

— Depois disso... — prosseguiu Vasilissa. — Um segundo cavaleiro me ultrapassou. Ele estava todo vestido em vermelho e cavalgava um cavalo vermelho como o sangue. Quem era ele?

— Esse era meu servo, o sol, redondo e vermelho; e ele, também, não pode feri-la — respondeu a Baba Yaga, rangendo seus dentes. — Pergunte-me mais.

— Um terceiro cavaleiro — continuou Vasilissa — veio galopando sobre o portão; ele era negro, suas vestes também eram negras e seu cavalo negro como o carvão. Quem era ele?

— Esse era meu servo, a noite negra e escura! — respondeu a velha bruxa, furiosamente. — Mas ele também não pode fazer mal a você. Pergunte-me mais!

Mas Vasilissa, lembrando que a Baba Yaga havia dito que nem toda pergunta leva ao bem, ficou em silêncio.

— Pergunte-me mais! — gritou a velha bruxa. — Por que não me pergunta mais? Pergunte-me dos três pares de mãos que me servem!

Mas Vasilissa viu como a bruxa rosnou para ela e respondeu:

— As três perguntas são o suficiente para mim. Como a senhora disse, vovó, eu não quero, por saber demais, envelhecer muito cedo.

— É bom para você — disse a Baba Yaga — que não tenha perguntado sobre elas, mas só do que viu fora dessa cabana. Se tivesse perguntado deles, meus servos, os pares de mãos levariam você também, como fizeram com o trigo e as sementes de papoula, para se tornar minha comida. Agora é a minha vez de fazer-lhe uma pergunta. Como foi capaz, em tão pouco tempo, de executar perfeitamente todas as tarefas que lhe dei? Diga-me!

Vasilissa estava com tanto medo ao ver como a velha bruxa rangia os dentes que quase lhe contou sobre sua bonequinha, mas caiu em si a tempo de responder:

— A benção de minha falecida mãe me ajuda.

Então a Baba Yaga levantou-se, tomada pela fúria.

— Ponha-se para fora da minha casa já! — ela gritou. — Não quero ninguém que carrega uma bênção cruzando meus domínios! Suma daqui!

Vasilissa correu para o quintal e, lá atrás, ouviu a velha bruxa gritando para as fechaduras e para o portão. As fechaduras se abriram, o portão abriu-se, e ela correu para fora da clareira. A Baba Yaga pegou da muralha uma das caveiras de olhos brilhantes e arremessou-a em Vasilissa.

— Tome! — uivou. — É o fogo para as filhas da sua madrasta! Pegue! Foi para isso que elas a mandaram aqui; que elas fiquem felizes!

Vasilissa pôs a caveira na ponta de uma vara e lançou-se pela floresta, correndo tão rápido quanto podia, achando seu caminho graças a luz que saía dos olhos da caveira, que se se apagou quando a manhã chegou.

Quer tenha ela corrido um caminho longo ou curto, ou tenha sido o caminho fácil ou difícil, por volta da noite do dia seguinte, quando os olhos da caveira começaram a cintilar, ela saiu da floresta escura e selvagem e chegou à casa de sua madrasta.

Quando chegou perto do portão, pensou:

Com certeza, a esta altura, elas já devem ter achado algum fogo.

— E jogou a caveira na cerca-viva, mas a caveira falou com ela:

— Não me jogue fora, bela Vasilissa; leve-me para sua madrasta.

Então, olhando para a casa e não vendo nenhuma centelha de luz vinda de nenhuma das janelas, ela pegou a caveira novamente e a levou com ela.

Desde que Vasilissa partira, a madrasta e suas duas filhas não tiveram nem fogo e nem luz na casa. Quando elas batiam pedras ou aço, a estopa não acendia; e o fogo que traziam dos vizinhos apagava-se imediatamente ao cruzar os limites do seu terreno, de modo que elas não puderam iluminar a casa, aquecer-se, ou

cozinhar algo para comer. Portanto agora, pela primeira vez em sua vida, Vasilissa sentiu-se bem-vinda. Elas lhe abriram a porta, e a esposa do mercador, sua madrastra, rejubilou-se ao descobrir que o fogo da caveira não se apagou tão logo fora trazido:

— Talvez o fogo da bruxa resista — disse e levou a caveira para dentro do melhor quarto. Colocou-a sobre um castiçal e chamou suas duas filhas para admirá-la.

Contudo, os olhos da caveira de repente começaram a brilhar e lampear como carvões vermelhos e, para onde quer que as três se virassem ou corressem, os olhos as perseguiam, crescendo, ficando mais largos e mais brilhantes, até queimarem como duas fornalhas, quentes e mais quentes. Assim, a esposa do mercador e suas duas filhas perversas pegaram fogo e se reduziram a pó. Só Vasilissa, a Bela, fora poupada.

Pela manhã, Vasilissa cavou um buraco profundo no chão e enterrou a caveira. Então, trancou a casa e partiu para a vila, onde foi viver com uma mulher idosa que era pobre e não tinha filhos. Assim ela permaneceu por muitos dias, esperando pelo retorno de seu pai do longínquo Czarado.

Mas, sentido-se solitária, o tempo logo começou a arrastar-se mais e mais. Um dia, disse à velha senhora:

— É tedioso para mim, vovó, sentar-me ociosa toda hora. Minhas mãos querem trabalho para fazer. Vá, pois, e compre para mim algum linho, o melhor e mais fino que possa ser encontrado, e pelo menos eu poderei fiá-lo.

A velha apressou-se e comprou um pouco de linho do melhor tipo e Vasilissa sentou-se para trabalhar. Tão bem ela fiou que a linha saiu uniforme e fina como um fio de cabelo, e logo já havia o suficiente para começar a tecer. Porém, a linha era tão fina que nenhuma armação sobre a qual tecer pôde ser achada, nem nenhum tecelão concordou em construir uma.

Desse modo, Vasilissa foi até seu armário, pegou a bonequinha de seu bolso, colocou diante dela comida e bebida e pediu por sua ajuda. Depois que ela comeu e bebericou um pouquinho, a bonequinha ganhou vida e disse:

— Traga para mim uma armação velha, uma cesta velha e alguns cabelos da crina de um cavalo, e vou arranjar tudo para

você.

Vasilissa se apressou para trazer tudo o que a bonequinha pediu e, quando a noite chegou, rezou e foi dormir. Na manhã seguinte, achou uma armação pronta, feita perfeitamente para tecer suas linhas finas.

Ela teceu por um mês; teceu por dois meses; por todo o inverno, Vasilissa teceu sua linha fina até que toda a peça de tecido ficasse completa, de uma textura tão fina que poderia ser passada, como um fio, pelo buraco de uma agulha. Quando a primavera chegou, ela branqueou o tecido, que ficou tão branco que nem à neve se poderia comparar. Então, disse à velha senhora:

— Pegue esta peça de tecido e leve ao mercado, vovó, e a venda; o dinheiro que conseguir deve bastar para pagar por minha comida e alojamento aqui.

Quando a velha senhora examinou a peça, porém, disse:

— Eu jamais venderia tal tecido no mercado; ninguém deve usar isto exceto o próprio Czar, e amanhã levarei ao Palácio.

No dia seguinte, como havia dito, a senhora foi ao esplêndido Palácio do Czar e decidiu ficar andando de um lado para outro, em frente às janelas. Os servos vieram perguntar-lhe o que desejava, mas ela nada respondeu, e continuou andando de um lado para o outro. Eventualmente, o Czar abriu sua janela e perguntou:

— O que quer, senhora, já que veio até aqui?

— Ó, Majestade, Czar... — respondeu a velha senhora. — Eu tenho comigo uma maravilhosa peça de tecido de linho tão espantosamente tecida que não mostrarei a ninguém além de vós!

O Czar ordenou que a trouxessem diante de si e, quando viu o linho, foi acometido de grande espanto por sua beleza e delicadeza.

— Quanto deseja por isso, velha senhora? — perguntou.

— Não há dinheiro que possa comprá-lo, paizinho Czar^[37] — ela respondeu. — Mas eu o trouxe como um presente para vós.

O Czar não pôde agradecê-la o suficiente. Ele pegou o tecido e mandou-a para casa com muitos presentes valiosos.

Costureiras foram chamadas para fazer camisas daquele tecido para ele; mas, quando o tecido foi cortado, era tão fino que não havia ninguém que fosse proficiente e habilidoso o suficiente para costurá-lo. A melhor costureira em todo o Czarado foi convocada,

todavia não se atreveu a assumir a responsabilidade. Então, finalmente o Czar mandou chamar pela velha senhora e disse:

— Se a senhora sabe como fiar tal tipo de linha e tecer tal tecido, deve também saber como costurar dele camisas para mim.

A velha senhora respondeu:

— Ó Majestade, Czar, não fui eu quem teceu a peça: este foi o trabalho de minha filha adotiva.

— Então pegue o tecido — disse o Czar — e ordene-a que o faça para mim.

A velha pegou a peça, trouxe-a para casa e contou a Vasilissa a ordem do Czar:

— Bem, eu sabia bem que este trabalho teria de ser feito por minhas próprias mãos — disse Vasilissa e, trancando-se em seu quarto, começou a fazer as camisas. Tão bem e tão rápido ela fez o trabalho que logo uma dúzia de camisas estava pronta. Então, a senhora carregou-as para o Czar, enquanto Vasilissa lavou seu rosto, arrumou seus cabelos, colocou seu melhor vestido e sentou-se à janela para ver o que aconteceria. Em pouco tempo, um servo vestido com a farda do Palácio veio até a casa e, entrando, disse:

— O Czar, nosso senhor, deseja ele mesmo ver a hábil costureira que fez essas camisas e recompensá-la com suas próprias mãos.

Vasilissa levantou-se e foi imediatamente ao Palácio; logo que o Czar a viu, apaixonou-se por ela com toda sua alma. Ele a tomou por sua alva mão e a fez sentar-se ao seu lado.

— Bela donzela... — ele disse. — Nunca vou me separar de vós; e vós deverás ser minha esposa.

Assim, o Czar e Vasilissa, a Bela, se casaram. O pai dela retornou do longínquo Czarado; e ele e a velha senhora viviam sempre com Vasilissa em seu Palácio esplêndido, com toda alegria e contentamento. E quanto à pequena bonequinha de madeira, ela a carregou consigo em seu bolso por toda a vida.

A lenda de Yara

Affonso Arinos

1917

Lenda amazônica, versão de Manaus

Jaguarari, o filho do tuxaua^[38] dos manaós^[39], era belo como as frescas manhãs de sol nas águas do Grande Rio. Tinha a força e a destreza do puma aurinegro que domina a mata selvagem, mas muito o excedia na audácia em perseguir a caça e afrontar o inimigo.

Quando ele navegava na sua igara — deslizando sobre as águas silenciosas, que a proa, como a asa de um pássaro, apenas frisava —, as garças, ariscas por vê-lo, não fugiam da beira do rio, e os jacamins, lisonjeiros, vinham saudá-lo roçando os peitos no chão.

Nas grandes festas com que as tabas dos manaós, reunidas ao rufar do trocano, celebravam a admissão dos mancebos à fila dos guerreiros, nenhum moço igualou Jaguarari na altivez do porte, nem na agudez da vista, nem na firmeza do braço.

Arremessada do rijo arco, sua flecha certa cortava o caminho do caititu ou o pulo do gato-maracajá, e a uamiri da sua zarabatana abatia no voo o gavião carnicheiro.

Os velhos o queriam, as moças o amavam, os guerreiros o admiravam e nos seus cantos o nome de Jaguarari soava como o daquele que um dia, decerto bem longe ainda, iria gozar o supremo bem nas Montanhas Azues, a sonhada mansão dos bravos.

Quando ao florescer da frondosa mamaurana, a sua igara passava junto do barranco do rio, embaixo da verde ramagem debruçada sobre a corrente, as brisas folionas sacudiam os galhos e derramavam os negros cabelos do filho do tuxaua uma chuva de flores.

Nas tardes purpúreas, quantas vezes a sua canoa, ruborescida pelo poente e tauxiada de sombras esguias de árvores marginais, não subia em demanda da ponta do Tarumã, onde se quedava, solitário e saliente, até o meio da noite!

— Que pescaria é esta, filho, que se prolonga com as sombras, à hora em que só Anhangá se deleita em correr as terras e as águas? Não ouvistes alguma vez a sua voz temerosa trazida pelo vento gemedor? Meu filho, meu filhinho! Anhangá espalha pelo capim rasteiro e pelas folhas dos arbustos as sementes das dores que matam!

Assim falava a pobre mãe tapuya quando via o filho entrar na habitação paterna à horas mortas, vindo dos lados do rio, e ficar insone, noite adentro, com as pernas pendentes da rede selvagem, os cotovelos fincados nos joelhos e os olhos fundos e tristes a olharem, a olharem pungentemente para fora, para o rio, para a noite, para o seio negro da escuridão!

Às enternecidas palavras de sua mãe, Jaguarari respondia apenas com um olhar, o olhar daqueles olhos tristes e fundos, onde se sentiria a crispação de vertigem das profundezas.

— Filho, não foi de muito tempo: faz pouco ainda e alegria esvoaçava a flor de teus olhos como as marrequinhas à superfície da lagoa. Por que fugiu? Por que foi ela trazer tão longe de ti e de mim o seu ninho?

— Mãe! — murmurava ele apenas, fazendo um vago gesto.

E o seu corpo, que tinha o frescor e a seiva do talo da palmeira, murchava, murchava sempre; o cupim roaz picava-lhe o coração.

Ele acompanha ainda o tuxaua nas expedições de caça e o seu braço não treme ao rugido do canguçu. Mas, ao cair da tarde, evita os jovens guerreiros que armam laços para prenderem as aves silvestres e foge dos grupos que vagueiam pelas coroas do rio atirando redes de pesca.

Sozinho, salta na leve igara e voa até a ponta do Tarumã, onde os companheiros o veem de longe, com os olhos fitos no espelho das águas, solitário e tristonho como o meditativo maguari.

Um dia, cheia de apreensões funestas, sua mãe exclamou:

— Filho, os juruparis perversos envenenaram o ar que respiras. Acauã vem agora cantar à nossa porta. Teu pai quer fazer, longe daqui, nova taba pra nossa gente. Só assim a ave da alegria voltará a esvoaçar em teus olhos...

Depois de profundo silêncio, Jaguarari suspirou:

— Mãe, eu a vi! Eu a vi, mãe, boiando em flor como os nenúfares nas águas do igarapé. É linda como a Lua nas noites mais claras. Eu a vi! Mãe! Seus cabelos têm a cor das flores do pau d'arco e o brilho do sol; suas faces tiraram o rosado das penas do colhereiro e das flores da sapucaia. Os passarinhos que mais cantam não cantam como ela. Mãe, ela é formosa como nenhum homem das tabas do Grande Rio jamais viu nem verá. Ela cantava e, à sua voz, a própria cachoeira do Tarumã cessou de roncar e parou, decerto por ouvi-la. Ela olhou para mim, ó mãe, e estendeu-me os braços. Depois, repartiram-se as águas e ela desceu para sua casa, que foi esquecida lá no fundo pelo céu, num tempo muito distante, quando o céu se estendia como embaixo de nós a campina matizada de flores, antes de subir e arquear sobre as nossa cabeças a sua concha estrelada. Mãe, eu quero vê-la mais: eu quero ouvir ainda o seu canto.

A tapuya, horrorizada, clamou:

— Foge, foge daquele lugar maldito! Nunca mais a tua igara demande a ponta do Tarumã. Foge, meu filho! Tu viste a Yara! O seu canto é a agonia! Foge, Jaguarari! É a Yara! De dentro de seus olhos verdes, te espia a Morte!

E, em soluços, a velha tapuya atirou-se por terra.

No dia seguinte, à hora em que os torcazes, em pares, voam alto, fendendo os ares em demandas do pouso da noite, a igara de Jaguarari deslizava célere nas águas do Rio Negro.

Os mancebos manaós que o viram passar disseram:

— Lá vai Jaguarari pescar tucunaré.

Mas, súbito, de um grupo de mulheres que levavam ânforas de barro à beira do rio, partiu um grito:

— Corre, gente! Corre, vem ver!

Acudiram os moços e pararam atônitos, olhando a barra do horizonte incendiado pelo ocaso. A canoa do filho do tuxaua, inundada de luz, fendia as águas com Jaguarari de pé, abertos os braços, como uma grande ave selvagem prestes a desferir o voo. A igara parecia marchar em direção ao sol, a fim de precipitar-se no seu disco abrasado. E, ao lado do jovem guerreiro, enlaçando-o como a beijá-lo, surgia, num halo de luz argêntea que se destacava no rubor do poente, um corpo alvo, de formas harmoniosas, coroadado de longas madeixas de fios de ouro a esvoaçarem.

— A Yara! A Yara! — conclamaram, em grito uníssono, os guerreiros e as moças dos manaós, correndo para o meio da taba.

E foi a derradeira vez que viram o filho do tuxaua navegar nas águas escuras do rio.



1. A graça é que Summit significa o ponto mais alto. [N. da T.]
2. A lanterna mágica era um dispositivo que, usando a luz de uma vela ou candeeiro, projetava imagens pintadas em vidro numa parede. Era popular em espetáculos no século XIX. [N. da T.]
3. O pleonasma é proposital, tentativa do personagem-narrador de demonstrar riqueza vocabular, encadeando redundâncias para enfatizar o que diz. [N. da T.]
4. É o Xogunato Tokugawa, que governou o Japão de 1603 a 1868 sem destituir o imperador. [N. T.]
5. “Rei preguiçoso” em francês, termo usado originalmente em referência aos reis merovíngios que passaram a desempenhar funções mais cerimoniais do que governamentais, enquanto o *maire du palais*, o administrador do palácio, governava de fato; aqui, o autor refere-se ao imperador japonês e ao xogum, respectivamente. [N. T.]
6. Segundo a tradição japonesa, no quinto ano do imperador Kôrei (286 a.C.), a terra se abriu na província de Omi, perto de Quioto, criando o lago Biwa, de 96 km de comprimento por cerca de 29 de largura, na forma de um *biwa*, ou alaúde de quatro cordas, de onde vem seu nome. Ao mesmo tempo, para compensar a depressão da terra, mas a uma distância de mais de 480 km do lago, surgiu Fuji-Yama, cuja última erupção foi no ano de 1707. O último grande terremoto em Yedo aconteceu há cerca de 15 anos. Diz-se que 20 mil almas pereceram nele, e os mortos foram levados às carroçadas para serem enterrados; muitas pessoas, tentando fugir das casas que desmoronavam e sucumbiam às chamas, caíram em grandes fendas que se abriram de repente na terra e se fecharam com a mesma rapidez sobre as vítimas, esmagando-as até a morte. Por muitos dias, os fortes abalos continuaram e o povo acampou fora, não se atrevendo a voltar às poucas casas que haviam sido poupadas nem a reconstruir as que estavam em ruínas. [N. A.]
7. A palavra *rônin* significa, literalmente, “homem-onda”, aquele que é jogado de um lado para o outro, como uma onda do mar. É usada para distinguir pessoas de sangue nobre, com o direito de portar armas, que, tendo-se separado de seus senhores feudais por decisão própria, por destituição ou pelo destino, vagam pelo país como uma espécie de cavaleiros errantes de reputação um tanto desconceituada, sem meios de vida aparentes, em alguns casos oferecendo-se para servir a novos senhores, em outros sustentando-se por meio da pilhagem, ou que, caindo um grau na escala social, põem-se a trabalhar como simples guardas. Às vezes acontece de, por motivos políticos, um homem tornar-se rônin para que seu senhor não seja implicado em algum derramamento de sangue em que está prestes a se envolver. Às vezes, também, os homens se tornam rônins e deixam sua terra natal por um tempo, até algum embaraço no qual tenham se enredado passar; depois, retomam o antigo serviço. Hoje em dia, é comum que os homens se tornem rônins por algum tempo e se dediquem a servir estrangeiros nos portos abertos, mesmo em funções humildes, na esperança de aprender algo da língua e da tradição dos ocidentais. Conheço casos de homens de posição considerável que adotaram esse procedimento em sua busca por instrução. [N. A.]
8. O título completo do Taikun era *Sei-i-tai-Shogun*, “Comandante-em-Chefe Repressor dos Bárbaros”. O título *Tai Kun*, Grande Príncipe, foi emprestado com o objetivo de transmitir a ideia de soberania aos estrangeiros na época da celebração dos tratados. Os emissários

enviados pelo micado de Quioto para comunicar ao xógum a vontade do seu soberano eram recebidos com honras imperiais, e o dever de entretê-los era confiado a nobres de boa posição. O título *Sei-i-tai-Shogun* foi usado pela primeira vez por Minamoto no Yoritomo, no sétimo mês do ano 1192 d.C. [N. A.]

9. Conselheiro, literalmente “ancião”. Os conselheiros dos daimios dividiam-se em duas classes: o *Karô*, ou “ancião”, cargo hereditário exercido por cadetes da família do Príncipe, e o *Yônin*, ou “homem de negócios”, escolhido por seus méritos. Tais “conselheiros” desempenharam importantes papéis na história japonesa. [N. A.]

10. *Samurai*, homem pertencente à classe *Buke* ou militar, com o direito de portar armas. [N. A.]

11. É comum que um japonês, quando decidido a praticar algum ato de violência, cujo fim, a seu ver, justifique os meios, leve consigo um documento, como o traduzido acima, expondo seus motivos, para restabelecer sua reputação após a morte. [N. A.]

12. A adaga com a qual Asano Takumi no Kumi estripou a si mesmo e com a qual Oishi Kuranosuke cortou a cabeça de Kozuke no Suke. [N. A.]

13. Um purista em assuntos japoneses pode se opor ao uso da palavra haraquiri em vez da expressão mais elegante seppuku. Considero a forma mais vulgar como mais conhecida e, portanto, mais conveniente. [N. A.]

14. Cidade localizada no estado indiano de Bengala Ocidental. É a sede do distrito de Darjeeling, nos montes Shivalik na cadeia inferior do Himalaia, conhecida internacionalmente por seu chá.

15. Purdah ou pardaa é a prática de impedir as mulheres de serem vistas pelos homens que não sejam seus parentes diretos.

16. O termo é apresentado aqui como o feminino de sultão. Sultão é um título muçulmano usado por diversos líderes ao longo da história que, originalmente, significava força, domínio, autoridade ou poder.

17. Termo utilizado pelas culturas hindu e muçulmana que significa literalmente “das mulheres” ou “pertencente às mulheres”. Dá nome a uma parte da casa reservada exclusivamente às mulheres da família. A parte da casa reservada aos homens e às visitas é a mardana.

18. Kupa Manduka, em sânscrito. É uma expressão comum da região para quando alguém quer dizer que outra pessoa tem uma visão muito tacanha de uma situação.

19. Koh-i-Noor é um famoso diamante, pertencente à Coroa Britânica, que ornamenta a coroa da Rainha-mãe do Reino Unido desde 1937. A rainha Vitória o ganhou de presente depois de anexar a Índia ao império em 1850. Seu nome significa “Montanha da Luz”.

20. Trono de Pavão é um famoso trono, feito de ouro, engastado com joias e pedras preciosas, onde se sentavam os líderes do império Mughal. Foi encomendado por Shah Jahan (o mesmo que construiu o Taj Mahal) no século XVII, mas foi tomado como prêmio pelo rei persa Nader Shah e está perdido desde então.

21. Tradição na França durante o século XIX, o *corbeille* era uma cesta com presentes dada pelo noivo à noiva na assinatura da certidão de casamento. [N.T.]

22. O conto foi publicado em 1844, período anterior à unificação da Itália. Nessa época, Pádua pertencia ao Reino Lombardo-Vêneto, enquanto Nápoles, cidade de origem do protagonista Giovanni, pertencia ao Reino das Duas Sicílias — daí sua menção como a região mais meridional da Itália. [N.R.]

23. Whist é um jogo de cartas que foi muito popular nos séculos XVIII e XIX. [N. da R.]

24. Segundo o Dicionário Houaiss on-line, antigo nome da granada almandina, lapidada em cabuchão. [N.T.]

25. Latim para “fragmentos dispersos” e é usado para se referir a fragmentos sobreviventes objetos literários ou culturais.

26. Apelido do jornal *The Sporting Times*, jornal semanal britânico dedicado aos esportes e especialmente à corrida de cavalos. Publicado entre 1865 e 1932. Ganhou o apelido por ser impresso em papel cor-de-rosa (em inglês, pink). [N.T.]

27. No original “*Daemon*”, uma divindade, espírito ou entidade. Os daemons não são necessariamente bons ou maus, de acordo com a mitologia, e representam diversos aspectos da psicologia humana, manifestações naturais ou motivos narrativos. [N. E.]

28. É impossível deixar de notar que os contos antigos contenham frases misóginas e que a inveja, ciúmes e competitividade sejam descritas, quase sempre, como características femininas.

29. Território controlado por um Czar (ou Tzar), nome dado aos governantes russos até a Revolução de 1917. [N.T.]

30. O nome Vasilissa (também escrito Vasilisa) é a forma feminina de Basil, derivado de basileus, que significa “rei”. Vasilissa, pois, significa “rainha”, e é um nome comum nos contos-de-fada russos. Basil também é o nome em inglês do manjerição, conhecido como O Rei das ervas. [N.T.]

31. Bebida fermentada levemente alcoólica, típica da Rússia e da Ucrânia, feita a partir de pão de centeio ou frutinhas. [N.T.]

32. Pode parecer estranho que o sol e o vento sejam colocados na mesma sentença como causas de queimadura, mas temos de lembrar que na Rússia, os ventos gélidos podem sim causar queimaduras por exposição prolongada, fenômeno chamado de “windburns”. [N.T.]

33. O “mundo branco” é uma expressão datada que designa a Europa, durante muito tempo usada na Rússia como referência ao mundo como um todo. Uma expressão atual seria “minha madrasta maldosa deseja livrar-se de mim.” [N.T.]

34. Literalmente ‘gramado’, ‘relva’; mas há um uso arcaico que significa “clareira”. [N.T.]

35. Baba Yaga é uma figura sobrenatural e folclórica, presente em diversos contos eslavos, representada como uma (às vezes com outras irmãs, por isso o uso de “uma” Baba Yaga)

bruxa velha e feroz, que vive em uma casa construída sobre pés de galinha. A palavra “baba” ainda é usada como sinônimo de “avó” ou “velha” em línguas como búlgaro e romeno; no russo, “babushka” (avó) deriva dela. [N.T.]

36. Frase comum em contos de fada russos, significa que falar (ou contar) é fácil, mas a jornada foi bem difícil, uma forma de fazer o ouvinte/leitor acrescentar com a própria imaginação as tribulações da personagem. [N.T.]

37. Existem registros na linguagem russa de um sentimento de relação íntima e paternal entre o Czar e seus súditos; ele era chamado em diversos textos de “o Czar pai”, “o pai soberano”, etc; a língua russa é ainda cheia de diminutivos, e uma destas formas pode ser traduzida como “paizinho Czar”. [N.T.]

38. Indivíduo influente.

39. Os manaós foram uma tribo indígena que habitava a região do Rio Negro no período anterior à chegada dos europeus no Brasil. Seu nome significa Mãe dos Deuses, e deu origem ao nome atual do município de Manaus, capital do estado do Amazonas.